

A SOMBRA DA SEREIA

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA
LÄCKBERG





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





A SOMBRA DA SEREIA

Sjöjungfrun (The Drowning)
2008

Título original: Sjöjungfrun

Título português: A Sombra da Sereia

Autor: Camilla Läckberg

Tradução do inglês: Ricardo Gonçalves

Edição: Maria da Piedade Ferreira

Capa: Rui Garrid

Revisão: Sofia Graça Moura

ISBN: 9789722052566

Publicações Dom Quixote

Editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide — Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2008, Camilla Läckberg

© Publicações Dom Quixote, 2009

Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia

Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Para Martin

SABIA QUE, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, AQUILO VIRIA NOVAMENTE À LUZ DO DIA. ERA IMPOSSÍVEL ESCONDER ALGO ASSIM. CADA PALAVRA APROXIMARA-O DAQUELE ACONTECIMENTO INOMINÁVEL E REVOLTANTE. DAQUILO QUE ANDAVA A TENTAR REPRIMIR HÁ TANTOS ANOS.

AGORA, A FUGA DEIXARA DE SER UMA OPÇÃO. SENTIU O AR DA MANHÃ A ENCHER-LHE OS PULMÕES ENQUANTO CAMINHAVA O MAIS DEPRESSA QUE PODIA. O CORAÇÃO MARTELAVA-LHE O PEITO. NÃO QUERIA IR LÁ, MAS TINHA DE FAZÊ-LO. POR ISSO TINHA OPTADO POR DEIXAR QUE FOSSE O DESTINO A DECIDIR. SE ESTIVESSE LÁ ALGUÉM, TERIA DE FALAR. SENÃO CONTINUARIA O SEU CAMINHO PARA O TRABALHO COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO.

MAS A PORTA ABRIU-SE QUANDO BATEU. ENTROU E SEMICERROU OS OLHOS PERANTE A LUZ MORTIÇA.

A PESSOA QUE ESTAVA À SUA FRENTE NÃO ERA QUEM ESPERAVA ENCONTRAR. ERA OUTRA.

O LONGO CABELO DA MULHER ABANAVA RITMICAMENTE DE UM LADO PARA O OUTRO QUANDO A SEGUIU ATÉ À SALA CONTÍGUA. COMEÇOU A FALAR, A FAZER PERGUNTAS. OS PENSAMENTOS NÃO PARAVAM DE GIRAR-LHE NA CABEÇA. NADA ERA O QUE PARECIA SER. AQUILO ESTAVA TUDO ERRADO. NO ENTANTO, PARECIA ESTAR CERTO.

DE REPENTE CALOU-SE. ALGO O ATINGIRA NO PLEXO SOLAR COM UMA FORÇA QUE LHE INTERROMPERA AS PALAVRAS A MEIO DA FRASE. OLHOU PARA BAIXO E VIU O SANGUE COMEÇAR A ESCORRER À MEDIDA QUE A FACA ERA RETIRADA DA FERIDA. ENTÃO, SENTIU UMA NOVA FACADA, MAIS DOR, E A LÂMINA AFIADA A TORCER-SE DENTRO DO CORPO.

PERCEBEU QUE ERA O FIM. TUDO TERMINARIA ALI, APESAR DE AINDA TER DEIXADO MUITO PARA FAZER, VER E EXPERIMENTAR. AO MESMO TEMPO, HAVIA UMA ESPÉCIE DE JUSTIÇA NO QUE ESTAVA A ACONTECER. NÃO MERECELA A BOA VIDA QUE TIVERA, NEM TODO O AMOR QUE LHE FORA DADO. NÃO DE DO QUE TINHA FEITO.

DE DE A DOR LHE TER ENTORPECIDO OS SENTIDOS E DE A FACA TER DEIXADO DE MOVER-SE, VEIO A ÁGUA. O BALANÇO RITMADO DE UM BARCO. E, QUANDO FOI ENVOLVIDO PELO MAR FRIO, TODAS AS OUTRAS SENSações CESSARAM.

A ÚLTIMA COISA QUE RECORDOU FOI O CABELO DELA. LONGO E NEGRO.



— MAS JÁ SE PASSARAM TRÊS MESES! Como é possível não o encontrarem?

Patrik Hedström olhou para a mulher à sua frente. Parecia mais exausta de cada vez que a via. Aparecia na delegacia de Tanumshede uma vez por semana. Todas as quartas-feiras. Desde o desaparecimento do marido, no início de novembro.

— Sabe que estamos fazendo todo o possível, Cia.

A mulher assentiu sem dizer uma palavra. As mãos, que apertava no colo, tremiam-lhe. Então, Cia olhou para Patrik, os olhos marejados de lágrimas. Não era a primeira vez que Patrik via aquilo acontecer.

— Ele não vai voltar, pois não?

Agora, a voz também tremia, como as mãos, e Patrik teve de resistir ao impulso de contornar a secretária para ir dar à mulher frágil um abraço reconfortante. Porém, contra todos os seus instintos protetores, Patrik permaneceu frio e profissional, refletindo na resposta. Por fim, respirou fundo e disse:

— Não, julgo que não.

A mulher não fez mais perguntas, mas Patrik percebeu que as suas palavras apenas tinham reforçado o que Cia Kjellner já sabia. O marido nunca ia voltar para casa. No dia 3 de novembro, Magnus levantou-se às seis e meia da manhã, tomou um duche, vestiu-se, despediu-se primeiro dos dois filhos e depois da mulher, quando estes saíam para começar o dia. Pouco depois das oito da manhã, Magnus foi visto a sair de casa a caminho da Tanum Windows, a empresa onde trabalhava. Depois disso, ninguém sabia onde Magnus tinha ido. Não chegara a aparecer em casa do colega que lhe ia dar boleia para o escritório. Algures entra a sua própria casa, situada no bairro perto do campo desportivo, e a casa do colega, junto do campo de minigolfe de Fjällbacka, Magnus Kjellner tinha desaparecido.

A polícia examinara todos os aspetos da sua vida. Tinha lançado um alerta geral e falado com mais de cinquenta pessoas, incluindo colegas de trabalho, familiares e amigos. Os agentes procuraram dívidas que o pudessem ter obrigado a fugir, assim como eventuais amantes secretas. Investigaram a possibilidade de Magnus poder ter desviado dinheiro da empresa — qualquer coisa que pudesse explicar por que um homem respeitável de quarenta anos, casado e com dois filhos

adolescentes, sai repentinamente de casa e desaparece. Mas a polícia não tinha encontrado um único motivo. Nada indicava que tivesse viajado para o estrangeiro e não tinha sido levantado um cêntimo da conta conjunta do casal. Magnus Kjellner tinha simplesmente desaparecido sem deixar rastro.

Depois de ter acompanhado Cia à saída, Patrik bateu cautelosamente à porta de Paula Morales.

— Entre! — disse imediatamente Paula. Patrik entrou e fechou a porta atrás de si.

— Era outra vez a mulher dele?

— Sim — respondeu Patrik com um suspiro, sentando-se na cadeira reservada às visitas. Apoiou os pés na secretária da colega mas, depois de um olhar feroz de Paula, voltou rapidamente a pousá-los no chão.

— Achas que está morto?

— Receio bem que sim — disse Patrik, manifestando pela primeira vez a suspeita que sentira desde que Magnus tinha desaparecido. — Verificamos tudo e o tipo não tinha nenhum dos motivos habituais para desaparecer. Parece que um dia saiu simplesmente de casa e depois... esfumou-se.

— Mas não foi encontrado nenhum cadáver.

— Não, não há nenhum cadáver — disse Patrik. — E onde é que havemos de procurar? Não podemos dragar o mar todo, nem revistar todos os bosques em volta de Fjällbacka. Só nos resta ficar para aqui a rodar os polegares e esperar que alguém o encontre. Morto ou vivo. Porque eu não faço a mais pequena ideia do que mais podemos fazer. E não sei o que dizer a Cia quando ela aparece aqui todas as semanas, à espera que tenhamos feito algum progresso no caso.

— Isso é apenas a maneira dela de lidar com a situação. Assim, Cia sente que está a fazer alguma coisa, em vez de ficar simplesmente em casa à espera de notícias. Eu ia dar em doida, se me tivesse acontecido a mim — Paula olhou de relance para a fotografia que tinha ao lado do computador.

— Sim, eu compreendo — disse Patrik. — Mas isso não torna as coisas mais fáceis.

— Não, claro que não.

Durante breves instantes, o silêncio desceu sobre o gabinete exíguo. Por fim, Patrik levantou-se.

— Vamos ter simplesmente de esperar que ele apareça. De uma forma ou de outra.

— Tens razão — disse Paula. Mas parecia tão deprimida como ele.



— QUE GORDA!

— Olha quem fala! — Anna apontou para a barriga de Erica enquanto fitava a irmã ao espelho.

Erica Falck virou-se para ficar de perfil, tal como Anna, e teve de concordar. Caramba, estava enorme. Parecia uma barriga gigante com uma pequena Erica presa a ela, apenas para disfarçar. E era exatamente assim que se sentia. Em comparação, o seu corpo tinha sido um milagre de flexibilidade quando estivera grávida de Maja. Mas, agora, Erica carregava dois bebês.

— Sabes que não tenho a mais pequena inveja de ti — disse Anna com a honestidade brutal de uma irmã mais nova.

— Muito obrigada — retorquiou Erica, abalroando-a com a barriga. Anna imitou-a e ambas quase perderam o equilíbrio. Por um momento, as irmãs esbracejaram no ar, esforçando-se para permanecer de pé, mas depois desataram a rir de tal maneira que tiveram de sentar-se no chão.

— Que absurdo! — disse Erica, limpando as lágrimas dos olhos. — Ninguém devia ficar assim. Sinto-me um cruzamento entre o Barbapapail e aquele homem no filme dos Monty Python² que explode depois de comer um bombom de hortelã-pimenta.

— Bem, fico-te eternamente grata por estares grávida de gémeos. Graças a ti, e em comparação, sinto-me uma ninfa elegante.

— Obrigadinha — respondeu Erica, fazendo um movimento para levantar-se. Mas os seus esforços não surtiram qualquer efeito.

— Espera, eu ajudo-te — disse Anna, mas também ela perdeu a batalha com a gravidade e acabou outra vez sentada no chão. Ambas tiveram o mesmo pensamento quando se entreolharam. E então gritaram em uníssono: — Dan!

— Que se passa? — perguntou Dan do térreo.

— Não conseguimos levantar! — disse Anna.

— O quê?

Ouviram-no a subir as escadas em direção ao quarto onde estavam sentadas no chão.

— Que diabos vocês estão fazendo? — inquiriu divertido Dan ao ver a noiva, Anna, e a irmã sentadas em frente ao espelho de corpo inteiro.

— Não conseguimos levantar — disse Erica com toda a dignidade que conseguiu convocar e estendendo-lhe a mão.

— Esperem, vou buscar a empilhadeira — disse Dan, fingindo dirigir-se de novo ao térreo.

— Para com isso — retorquiou Erica enquanto Anna se ria tanto que teve de

se deitar.

— Okay, vou tentar — Dan pegou na mão de Erica e começou a puxá-la para cima. — Upaaa! — gemeu.

— Podes fazer o favor de excluir os efeitos sonoros — disse Erica enquanto se punha lentamente de pé.

— Caramba, estás enorme — exclamou Dan, e Erica deu-lhe um soco no braço.

— Já disseste isso pelo menos uma centena de vezes e não és o único. Por que não paras de olhar assim para mim e te concentras antes na tua própria pança?

— Pronto, está bem — Dan estava agora a erguer Anna e depois deu-lhe um grande beijo na boca.

— Se vão pôr-se com essas coisas, deviam ir para um quarto — disse Erica, espetando Dan de lado com o dedo.

— Este é o nosso quarto — retorquiu Dan, voltando a beijar Anna.

— Tudo bem. Então, vamos concentrar-nos no motivo de eu estar aqui — disse Erica, dirigindo-se ao guarda-fatos da irmã.

— Não sei porque achas que posso ajudar-te — disse Anna, aproximando-se de Erica a bambolear-se como uma pata. — Não me parece que haja para aí nada que te sirva.

— Então o que é que achas que devo fazer? — Erica procurava por entre as roupas dos cabides. — O lançamento do livro de Christian é hoje à noite e a única coisa que me serve é a tenda de Maja.

— Okay, vamos tentar encontrar uma solução. As calças que tens vestidas ficam-te bem e acho que tenho uma camisa que talvez te sirva. Além disso, está-me demasiado larga.

Anna alcançou uma túnica bordada lilás pendurada no guarda-fatos. Erica despiu a camiseta e enfiou a túnica pela cabeça com ajuda de Anna. Fazê-la assentar na barriga foi como rechear uma linguiça, mas acabou por conseguir. Depois, Erica virou-se para o espelho e olhou-se com expressão crítica.

— Estás fantástica — disse Anna, ao que Erica resmungou em resposta. Perante a sua figura, «fantástica» soava excessivamente otimista, mas pelo menos estava decente e parecia ter feito um esforço para se arranjar.

— Isto serve — disse. Tentou despir a túnica sozinha, mas teve de desistir e deixar que Anna a ajudasse.

— Onde é a festa? — perguntou Anna enquanto alisava a túnica e voltava a pô-la no cabide.

— No Stora Hotellet.

— A editora foi simpática em fazer uma festa de lançamento para um autor estreante — disse Anna, dirigindo-se para as escadas.

— Estão bastante entusiasmados com o livro. E já houve uma quantidade de encomendas, o que é fantástico para um primeiro romance, por isso fazem-no com todo o gosto. E, pelo que me disse a editora, parece que a imprensa também está a dar grande apoio ao lançamento.

— Mas o que é que tu achas do livro? Calculo que tenhas gostado, senão não o tinhas recomendado à tua editora. Mas é assim tão bom?

— É... — Erica ponderou o que dizer sobre o livro enquanto descia cautelosamente as escadas atrás da irmã. — É mágico. Obscuro e bonito, inquietante e poderoso e... bem, mágico é a melhor palavra que me ocorre para descrevê-lo.

— Christian deve estar nas nuvens.

— Sim, acho que está mesmo — a resposta de Erica soou um pouco hesitante. Entrou na cozinha. Como conhecia bem os cantos à casa, dirigiu-se logo à máquina de café. — Ao mesmo tempo, Christian parece... — Erica parou de falar para não perder a conta às colheres de café que ia pondo no filtro. — Estava em êxtase quando o livro foi aceite para publicação, mas tenho a sensação de que o processo de escrita mexeu bastante com ele. Não sei ao certo, porque não o conheço assim tão bem. Não sei bem porque é que me pediu conselhos, mas fiquei muito contente por poder ajudar. E eu tenho realmente muita experiência na edição de manuscritos, apesar de não escrever romances. De início correu tudo bem e Christian parecia aberto a todas as minhas sugestões. Mas, no final, ficava às vezes um pouco retraído quando eu queria discutir determinadas questões. Na verdade, não consigo explicar. Mas ele é um pouco excêntrico. Talvez seja apenas isso.

— Então acho que encontrou a profissão certa — disse solenemente Anna. Erica virou-se para encará-la.

— Quer dizer que, além de gorda, agora também sou excêntrica?

— E distraída, não te esqueças — Anna acenou com a cabeça na direção da máquina de café que

Erica tinha acabado de ligar. — Funciona melhor se puseres água.

A máquina emitiu um sopro de concordância e Erica desligou-a, lançando um olhar severo à irmã.

Tratou de todas as tarefas domésticas habituais movendo-se como um autômato. Pôs a loiça na máquina de lavar, depois de passar os pratos e os talheres por água. Retirou os restos de comida do ralo com a mão e esfregou o lava-loiça com a esponja, na qual deitara detergente. Depois molhou o pano da loiça, torceu-o e limpou a mesa da cozinha para remover todas as migalhas e manchas pegajosas.

— Posso ir a casa de Sandra, mãe? — perguntou Elin quando entrou na cozinha. O olhar desafiador no rosto da rapariga de quinze anos mostrava que já estava preparada para receber uma resposta negativa.

— Sabes que não podes fazer isso. Os avós vêm cá hoje à noite.

— Mas eles vêm cá tantas vezes. Porque é que tenho sempre de cá estar? — Elin falou mais alto e a voz assumiu aquele tom choroso que Cia não suportava.

— Eles vêm cá para estar contigo e com Ludvig. Sabes bem que iam ficar decepcionados se não estivessem em casa.

— Mas é uma seca tão grande! A avó desata sempre a chorar e depois o avô diz-lhe para parar... Quero ir a casa de Sandra. Os meus amigos vão estar lá todos.

— Agora estás a exagerar — disse Cia, passando o pano da loiça por água e colocando-o sobre a torneira. — Duvido de que estejam «todos» lá. Podes ir a casa de Sandra noutra noite, quando os avós não nos vierem visitar.

— Se fosse o pai, deixava-me ir.

Foi como se os pulmões de Cia se tivessem contraído. Não conseguia fazer aquilo. Não conseguia lidar com a raiva e a rebeldia naquele momento. Magnus teria sabido como lidar com Elin. Teria conseguido resolver a situação. Mas ela não conseguia. Não sozinha, pelo menos.

— O pai já não está aqui.

— Então onde é que está? — gritou Elin, e as lágrimas começaram a fluir. — Para onde é que ele foi? O mais certo é ter-se fartado de ti e das tuas lamentações. És uma... uma... cabra!

Um silêncio absoluto desceu sobre a mente de Cia. Era como se todos os sons tivessem desaparecido e tudo em seu redor se tivesse transformado numa névoa cinzenta.

— O teu pai morreu — a voz de Cia parecia vir de outro sítio qualquer, como se fosse um estranho a falar.

Elin fitou-a.

— Morreu — repetiu Cia. Sentia-se estranhamente calma, como se estivesse a pairar sobre si própria e sobre a filha, observando pacificamente a cena.

— Estás a mentir — disse Elin a arfar, como se tivesse corrido vários quilómetros.

— Não estou a mentir. É o que a polícia pensa. E eu sei que é verdade — quando Cia se ouviu a dizer aquelas palavras, apercebeu-se de como eram verdadeiras. Recusara-se a acreditar, agarrando-se a uma tênue esperança. Mas a verdade é que Magnus estava morto.

— Como é que sabes isso? Como é que a polícia sabe?

— O teu pai não nos ia deixar assim sem mais nem menos.

Elin abanou a cabeça, como que para evitar que aquela ideia se inculcasse na sua mente. Mas Cia viu que a filha também sabia. Magnus nunca as teria deixado assim.

Deu alguns passos na cozinha e pôs os braços em torno da filha. Elin ficou hirta, mas depois relaxou e deixou-se abraçar como se fosse uma criança pequena.

Cia acariciou o cabelo de Elin quando a rapariga começou a soluçar convulsivamente.

— Pronto — sussurrou Cia, sentindo a própria força a crescer enquanto a filha se rendia ao sofrimento. — Podes ir a casa de Sandra esta noite. Eu explico aos avós o que se passa.

Christian Thydell viu-se no espelho. Às vezes não sabia realmente que postura adotar perante a sua aparência. Tinha quarenta anos. De alguma forma, o tempo tinha passado a correr e Christian dava por si a olhar para um homem que, além de adulto, tinha já alguns cabelos grisalhos nas têmporas.

— Estás com um ar muito distinto.

Christian deu um pulo quando Sanna apareceu por detrás dele e lhe pôs os braços em torno da cintura.

— Assustaste-me. Não devias aparecer assim de repente — Christian livrou-se do abraço de Sanna e, antes de se virar, captou um vislumbre da expressão decepcionada da mulher no espelho.

— Desculpa — disse Sanna, sentando-se na cama.

— Também estás muito bonita — retorquiu Christian, sentindo-se ainda mais culpado quando viu como o elogio tinha feito com que os olhos de Sanna se iluminassem. Mas também se sentiu irritado. Detestava quando Sanna agia como um cachorrinho que abanava a cauda à mais pequena atenção do dono. A mulher era dez anos mais nova, mas às vezes parecia haver pelo menos vinte anos entre eles.

— Podes ajudar-me a pôr a gravata? — aproximou-se de Sanna, que se levantou e fez o nó com perícia. Ficou perfeito à primeira tentativa e a mulher deu um passo atrás para inspecionar o trabalho.

— Vais ser um sucesso, hoje à noite.

— Hum... — disse Christian, sobretudo porque não sabia o que Sanna esperava que respondesse.

— Mamã! Nils bateu-me! — Melker entrou no quarto a correr, como se uma matilha de lobos estivesse no seu encalço. Em busca de refúgio, o rapaz pôs os dedos pegajosos em torno da primeira coisa ao seu alcance: as pernas de Christian.

— Que chatice! — exclamou, afastando bruscamente o filho de cinco anos. Mas já era tarde de mais. Ambas as pernas das calças tinham agora manchas brilhantes de ketchup em torno dos joelhos. Christian esforçou-se por manter a calma — algo que parecia cada vez mais difícil nos últimos tempos.

— Não consegues manter os miúdos na linha? — disse irritadamente, desabotoando com gestos bruscos as calças do fato e preparando-se para vestir outras.

— Julgo que consigo limpá-las — disse Sanna, ao mesmo tempo que estendia a mão para agarrar

Melker, que estava a caminho da cama com os seus dedos pegajosos.

— E como é que achas que consegues fazer isso se tenho de estar lá daqui a uma hora? Não tenho outro remédio senão mudar de calças.

— Mas eu acho que consigo... — Sanna parecia à beira das lágrimas.

— Toma mas é conta das crianças.

Sanna estremecia a cada palavra, como se Christian lhe tivesse batido. Sem replicar, pegou em

Melker pelo braço e conduziu-o para fora do quarto.

Depois de Sanna ter saído, Christian sentou-se pesadamente na cama. Olhou de relance para o espelho. Um homem de lábios contraídos. Envergando o paletó do terno, camisa, gravata e cueca. Curvado, como se todos os problemas do mundo lhe pesassem sobre os ombros. Tentou endireitar-se e pôr o peito para fora. Ficou logo com melhor aspecto.

Aquela era a sua noite. E ninguém lhe podia tirar isso.

— Alguma novidade? — perguntou Gösta Flygare, erguendo a cafeteira na direção de Patrik, que acabara de entrar na pequena cozinha da delegacia. Patrik assentiu, indicando que queria café e sentou-se numa cadeira junto da mesa. O cão, Ernst, ao aperceber-se de que estavam a fazer uma pausa, entrou pachorrentamente na cozinha e deitou-se debaixo da mesa, na esperança de que caísse algo comestível no chão que pudesse lamber.

— Toma — Gösta pôs uma xícara de café à frente de Patrik e, em seguida, sentou-se à sua frente. — Estás um bocado pálido — disse ele, estudando o colega mais novo.

Patrik encolheu os ombros.

— Só estou um bocado cansado. Maja não anda a dormir bem, por isso fica irritadiça. E Erica está completamente exausta. O que é perfeitamente compreensível. Portanto, as coisas não têm sido lá muito fáceis na frente doméstica.

— E ainda vão piorar — disse Gösta. Patrik deu uma gargalhada.

— Ena, isso é encorajador. Mas acho que tens razão, se calhar vão mesmo.

— Então, não descobriste nada de novo sobre Magnus Kjellner? — Gösta passou discretamente um biscoito a Ernst por debaixo da mesa e o cão bateu a cauda de felicidade contra os pés de Patrik.

— Não, nada de nada — respondeu Patrik, bebendo um gole de café. — Reparei que Cia esteve cá outra vez.

— Sim, é uma espécie de ritual obsessivo, mas julgo que não é de admirar. Como é que uma mulher havia de agir depois de o marido ter desaparecido subitamente?

— Talvez devêssemos falar com mais algumas pessoas — disse Gösta, dando outro biscoito à socapa a Ernst.

— Quem é que tens em mente? — Patrik apercebeu-se do tom irritado da pergunta. — Falamos com a família e com os amigos dele. Batemos às portas todas do bairro, afixamos avisos e pedimos informações à população através do jornal local. Que mais podemos fazer?

— Isso nem parece teu, desistir tão facilmente.

— Bem, se tiveres sugestões, gostava de ouvi-las — Patrik lamentou imediatamente o tom de voz brusco, apesar de Gösta não parecer ter ficado ofendido. — Parece terrível esperar que o homem apareça morto — acrescentou de modo mais sereno. — Mas estou convencido de que só então descobriremos o que lhe aconteceu. Aposto contigo que ele não desapareceu voluntariamente e, se tivéssemos um cadáver, pelo menos haveria alguma coisa por onde pegar.

— Acho que tens razão, é horrível pensar que o cadáver vai dar à costa algures ou que será encontrado na floresta. Mas tenho o mesmo pressentimento que tu. E deve ser pavoroso...

— Não saber, queres tu dizer? — perguntou Patrik, mudando os pés de lugar, pois estavam a ficar quentes sob o peso do cão.

— Bem, imagina não saberes onde está a pessoa que amas. É a mesma coisa para os pais quando uma criança desaparece. Há um site americano dedicado a crianças que desapareceram. Página atrás de página com fotos de crianças desaparecidas. Enfim, uma desgraça.

— Uma coisa dessas ia dar cabo de mim — disse Patrik. Imaginou aquele turbilhão maravilhoso que era a filha. A ideia de lhe ser tirada era insuportável.

— De que raio é que estão a falar? Parece que estão num velório — a voz alegre de Annika quebrou o clima sombrio quando a secretária se juntou a Gösta e a Patrik à mesa. O elemento mais jovem da delegacia, Martin Molin, não demorou a aparecer atrás dela, atraído por todas aquelas vozes vindas da cozinha e pelo cheiro do café. Martin estava agora a trabalhar em part-time, uma vez que estava em licença de paternidade, e aproveitava todas as oportunidades possíveis para conviver com os colegas e participar em conversas de adultos.

— Estávamos a falar de Magnus Kjellner — disse Patrik num tom que deixava claro que a conversa tinha terminado. Para certificar-se de que os colegas tinham percebido, mudou de assunto.

— Como é que estão a correr as coisas com a menina?

— Oh, ontem recebemos fotos novas — disse Annika, tirando algumas fotografias do bolso da túnica.

— Vejam como está crescida — a secretária pôs as fotografias sobre a mesa e Patrik e Gösta viram-nas à vez. Martin já tivera direito a uma visualização prévia quando chegara à delegacia nessa manhã.

— Ah, é muito bonita — disse Patrik. Annika concordou com um

assentimento.

— Está com dez meses.

— Quando é que vão buscá-la? — perguntou Gösta com interesse genuíno. Estava plenamente consciente de ter contribuído para convencer Annika e Lennart a considerarem seriamente a adoção. Por isso, de certo modo tinha a sensação de que a menina que aparecia nas fotografias também era sua.

— Bem, dizem-nos sempre coisas diferentes — disse Annika. Juntou as fotografias e voltou a enfiá-las cuidadosamente no bolso. — Mas julgo que será daqui a uns dois meses.

— Deve parecer uma longa espera — Patrik levantou-se e pôs a xícara na máquina de lavar loiça.

— Sim, é verdade. Mas, ao mesmo tempo... Pelo menos o processo foi iniciado. E sabemos que ela vai ser nossa.

— Sim, de certeza que vai — disse Gösta. Impulsivamente, pôs a mão sobre a mão de Annika, mas retirou-a logo a seguir. — Bem, vou mas é trabalhar. Não tenho tempo para ficar aqui sentado a conversar — murmurou com constrangimento e levantando-se em seguida.

Divertidos, os três colegas observaram Gösta a sair preguiçosamente da cozinha.

— Christian! — a diretora editorial, tresandando a perfume, aproximou-se para lhe dar um grande abraço.

Christian prendeu a respiração para não ter de inalar o cheiro enjoativo. Gaby von Rosen não era conhecida pela subtilidade. Tudo nela era sempre excessivo: demasiado cabelo, demasiada maquilhagem, demasiado perfume e, além de tudo isso, uma maneira de vestir que, de forma simpática, poderia descrever-se como surpreendente. Em honra da ocasião, Gaby usava um conjunto rosa-choque com uma rosa verde de pano na lapela e equilibrava-se perigosamente nuns sapatos com salto de agulha. Mas, apesar da sua aparência algo ridícula, como chefe da nova editora sueca que andava nas bocas de toda a gente, Gaby era uma força a ter em conta. Tinha mais de trinta anos de experiência na área e um intelecto tão agudo como a língua era afiada. Aqueles que a subestimavam como adversária nunca cometiam o mesmo erro duas vezes.

— Isto vai ser tão divertido! — exclamou Gaby, que tinha os braços esticados e as mãos nos ombros de Christian, enquanto lhe lançava um largo sorriso.

Christian, que continuava a inalar à força a nuvem de perfume, apenas conseguiu assentir.

— Lars-Erik e Ulla-Lena, aqui do hotel, têm sido simplesmente fantásticos, prosseguiu Gaby. — São tão atenciosos! E o bufete parece maravilhoso. É mesmo o local ideal para lançar o teu brilhante livro. E então, qual é a sensação?

Christian conseguiu finalmente livrar-se das mãos de Gaby e deu um passo atrás.

— Bem, tenho de admitir que é um tanto irreal. Ando a trabalhar neste livro há tanto tempo e agora... bem, cá está ele — Christian olhou para as pilhas de livros sobre a mesa junto à saída. Conseguia ler o próprio nome na lombada de cada exemplar, assim como o título: A Sereia. Sentiu o estômago a revolver-se. Aquilo estava mesmo a acontecer.

— Ora bem, a nossa ideia é a seguinte — disse Gaby, agarrando-lhe o punho da camisa e puxando-o para junto dela. Sem oferecer resistência, Christian seguiu-a. — Vamos começar com uma reunião com os jornalistas que cá estão, para que possam falar contigo tranquilamente. Estamos muito satisfeitos com a resposta dos média. Estão cá os jornalistas do Göteborgs-Posten, Göteborgs Tidningen, Bohuslänningen e do Strömstads Tidning. Não apareceu ninguém dos jornais nacionais, mas não faz mal, tendo em conta a excelente crítica que saiu hoje no Svenska Dagbladet.

— Uma crítica? — perguntou Christian enquanto era escoltado para um estrado pequeno ao lado do palco onde ia falar com os jornalistas.

— Conto-te mais logo — disse Gaby, sentando-o à força numa cadeira junto da parede.

Christian tentou recuperar o controlo da situação, mas sentia que tinha sido sugado para dentro de uma máquina de secar roupa, sem possibilidade de fuga. Ver Gaby a dirigir-se à saída, deixando-o para trás, apenas reforçou aquela sensação. Na sala, os assistentes apressavam-se de um lado para o outro, preparando as mesas. Ninguém lhe ligava nenhuma. Permitiu-se fechar os olhos por um momento. Pensou no seu livro, A Sereia, e em todas as horas que passara sentado ao computador. Centenas, milhares de horas. Pensou nela, na Sereia.

— Christian Thydell?

Uma voz despertou-o do seu devaneio e Christian olhou para cima. O homem de pé diante dele estendia-lhe a mão e parecia estar à espera de que Christian reagisse. Então, este levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Birger Jansson, do Strömstads Tidning — o homem pousou um saco grande com uma máquina fotográfica no chão.

— Ah, sim, bem-vindo. Sente-se, por favor — disse Christian, sem saber bem como agir. Olhou em redor à procura de Gaby, mas captou apenas um vislumbre do seu traje rosa-choque, que adejava perto da entrada.

— Estão a apostar forte na publicidade ao seu livro — disse Jansson, olhando em redor.

— Pois, parece que sim — retorquiu Christian. Depois instalou-se o silêncio e ambos se contorceram nas cadeiras.

— Vamos começar? Ou esperamos pelos outros?

Christian lançou um olhar vazio ao jornalista. Como é que havia de saber? Nunca tinha feito aquilo. Mas Jansson parecia estar mais do que habituado, pois colocou um gravador sobre a mesa e ligou-o.

— Então — disse o jornalista, fitando Christian com olhar penetrante. — Este é o seu primeiro romance, não é?

Christian perguntou a si próprio se o jornalista esperava mais do que uma simples confirmação.

— Sim, é o primeiro — respondeu, aclarando a garganta.

— Eu gostei muito — disse Jansson num tom áspero que não casava bem com o elogio.

— Obrigado — retorquiu Christian.

— O que é que pretendeu transmitir ao escrever este livro? — Jansson inspecionou o gravador para se certificar de que estava a funcionar corretamente.

— O que é que pretendi transmitir? Bem, não sei ao certo. É um romance, uma história que estava guardada na minha mente e que precisava de sair.

— É uma história muitíssimo intensa. Uma história negra — arriscaria mesmo — disse Jansson, estudando Christian como se estivesse a tentar espreitar para os recessos mais profundos da sua alma. — É assim que vê a sociedade?

— Não sei se era a minha visão de sociedade que estava a tentar comunicar através do livro — afirmou Christian, procurando freneticamente algo inteligente para dizer. Nunca tinha pensado assim na sua obra. A história tinha feito parte dele durante tanto tempo que, por fim, vira-se obrigado a passá-la para o papel. Mas será que isso tinha alguma coisa que ver com o que queria dizer acerca da sociedade? A ideia nunca lhe tinha ocorrido.

Por fim, Gaby foi em seu socorro, aparecendo com os outros jornalistas a reboque, e Jansson desligou o gravador quando todos se cumprimentaram e se sentaram em torno da mesa. O processo demorou vários minutos e Christian aproveitou a oportunidade para pôr os pensamentos em ordem.

Então, a editora fez um gesto para chamar a atenção de todos.

— Bem-vindos a este encontro em honra da nova superestrela do firmamento literário, Christian Thydell. Todos nós na editora estamos incrivelmente orgulhosos de apresentar o seu primeiro romance, *A Sereia*. E achamos que isto marca o início de uma longa e frutuosa carreira literária. Christian ainda não leu nenhuma das críticas, portanto, é com grande satisfação que posso dizer-te, Christian, que hoje apareceram comentários fantásticos no *Svenska Dagbladet*, no *Nyheter Dagens* e no *Arbetarbladet*, só para citar alguns. Deixem-me ler-vos algumas passagens.

Gaby pôs os óculos de leitura e pegou num pequeno maço de folhas que estava à sua frente, sobre a mesa. Contra o fundo branco sobressaíam frases

destacadas com um marcador cor-de-rosa.

— «Um desempenho linguisticamente virtuoso que retrata o sofrimento das pessoas comuns sem perder de vista uma perspectiva mais ampla», segundo o Svenska Dagbladet — explicou Gaby, acenando com a cabeça a Christian e passando logo à próxima crítica. — «É agradável e doloroso ler o livro de Christian Thydell, já que a sua prosa seca revela as falsas promessas de segurança e democracia da sociedade. As suas palavras cortam como uma faca o músculo, a carne e a consciência, o que me fez continuar a ler com urgência febril, procurando, como um faquir, mais dor torturante mas ao mesmo tempo maravilhosamente catártica.» — Isto é do Nyheter Dagens — disse Gaby, tirando os óculos ao mesmo tempo que entregava a Christian o maço de folhas com as críticas.

Incrédulo e atordoado, Christian pegou nas folhas. Ouvira as palavras e sentira-se bem ao ser envolvido pelos elogios, mas sinceramente não percebia do que estavam os críticos a falar. Tudo o que tinha feito era escrever sobre ela, contar a sua história. Deixara sair as palavras e tudo o que havia para dizer sobre ela numa torrente que, às vezes, o tinha deixado completamente exausto. Não tencionara pronunciar-se sobre a sociedade. Apenas quisera dizer algo sobre ela.

Mas reprimiu os protestos. Ninguém compreenderia, por isso talvez fosse melhor deixar as coisas assim. Nunca seria capaz de explicar.

— Fantástico — disse Christian, consciente de como as palavras lhe tinham saído vazias dos lábios. Depois vieram mais perguntas. Mais elogios e comentários sobre o livro. E Christian percebeu que não conseguia dar uma resposta sensata a uma única pergunta. Como poderia descrever algo que lhe enchera os mais pequenos recantos da vida? Algo que não era simplesmente uma história — era também uma questão de sobrevivência. De dor. Christian fez o melhor que pôde, tentando falar com clareza e de forma refletida. Aparentemente, tinha-o conseguido, porque, de vez em quando, Gaby assentia em aprovação.

Quando a conferência de imprensa tinha finalmente terminado, Christian só queria ir para casa. Sentia-se completamente extenuado. Mas foi forçado a permanecer na belíssima sala de jantar do Stora Hotellet. Respirou fundo e preparou-se para receber os convidados que começavam a chegar. Sorria, mas o sorriso custava-lhe mais do que alguém poderia imaginar.

— Achas que consegues manter-te sóbria esta noite? — disse Erik Lind bruscamente e em voz baixa à mulher, para que as outras pessoas que estavam na fila à espera de entrar não o ouvissem.

— E tu? Achas que consegues manter as mãozinhas quietas esta noite? — respondeu Louise, sem se preocupar em sussurrar.

— Não sei do que estás a falar — disse Erik. — E fala mais baixo, por favor.

Louise olhou para o marido com frieza. Era um homem elegante — isso era inegável. E, há muito tempo, aquilo cativara-a. Conheceram-se na universidade e muitas raparigas tinham olhado para ela com inveja por ter caçado Erik Lind. Porém, desde então, Erik tinha desbaratado persistentemente todo o amor, respeito e confiança que Louise sentira por ele, fodendo sem parar. Não com ela, claro. Mas não parecia ter quaisquer problemas em encontrar amantes fora do leito conjugal.

— Olá! Também vieram? Que bom! — Cecilia Jansdotter aproximou-se deles e deu-lhes o obrigatório beijo na face. Era a cabeleireira de Louise, e Cecilia e Erik também eram amantes há cerca de um ano. Claro que ambos pensavam que Louise não sabia.

— Olá, Cecilia — disse Louise com um sorriso. Era uma rapariga encantadora e, se Louise guardasse rancor em relação a todas as mulheres que tinham dormido com o marido, não teria conseguido continuar a viver em Fjällbacka. Além disso, há anos que tinha deixado de se importar. Afinal, tinha as filhas. E uma invenção maravilhosa: aquelas embalagens de vinho com uma torneirinha. Para que é que precisava de Erik?

— É tão emocionante termos outro escritor, aqui em Fjällbacka! Primeiro Erica Falck e agora

Christian. — Cecilia quase dava pulos de satisfação. — Leram o livro dele?

— Eu só leio revistas de economia — respondeu Erik.

Louise revirou os olhos. Era mesmo típico de Erik, flertar afirmando que nunca lia livros.

— Espero que consigamos levar um exemplar para casa — disse Cecilia, aconchegando-se no seu casaco. Esperava que a fila andasse um pouco mais depressa para que pudessem sair do frio.

— Pois é, Louise é a grande leitora da família. Mas, bem vistas as coisas, não há muito mais para fazer quando não temos de trabalhar? Não é, querida?

Louise encolheu os ombros, ignorando a observação mal-intencionada. De nada adiantaria ressaltar que fora Erik quem insistira para que ela ficasse em casa enquanto as filhas eram pequenas. Nem que mourejava de manhã à noite para se certificar de que tudo corria sobre rodas na casa bem organizada que o marido dava por adquirida.

A conversa continuou à medida que avançavam lentamente. Conseguiram finalmente entrar no átrio do hotel e penduraram os casacos antes de descerem as escadas para o salão de jantar.

Com os olhos de Erik cravados nas costas, Louise foi direita ao bar.

— Tenta não fazer muitos esforços — disse Patrik a Erica, dando-lhe um beijo antes de a mulher sair de casa, precedida pela barriga enorme.

Maja choramingou um pouco quando viu a mãe desaparecer, mas a agitação

parou assim que Patrik a sentou em frente à TV a assistir a Bolibompa. A série infantil com o dragão verde que Maja adorava estava a começar. Nos últimos meses, Maja tinha andado muito mais irritadiça e difícil, e os acessos de raiva que se seguiam sempre que lhe era dito «não» eram suficientes para fazer inveja a qualquer diva. Em parte, Patrik compreendia a reação da filha. Decerto que Maja também sentia o ambiente de alegre expectativa, assim como a apreensão que reinava em casa face à chegada dos dois irmãos. Caramba! Gémeos. Apesar de o saberem desde a primeira ecografia, feita quando Erica ia na décima oitava semana de gravidez, Patrik ainda não tinha verdadeiramente conseguido interiorizar a notícia. Às vezes, perguntava a si próprio como iriam conseguir. Já tinha sido tão difícil com um bebê! Como conciliar a amamentação e o sono, fora tudo o resto que um bebê exigia? Além disso, tinham de comprar um carro novo, um carro que fosse suficientemente espaçoso para as três crianças e os respetivos carrinhos. E essa era apenas uma das muitas questões a considerar.

Patrik sentou-se no sofá ao lado de Maja e olhou o vazio. Andava tão cansado nos últimos tempos. Era como se a sua energia estivesse permanentemente a ponto de esgotar-se e havia manhãs em que mal conseguia levantar-se da cama. Mas talvez isso não fosse assim tão estranho. Além de tudo o que estava a acontecer lá em casa, com Erica tão desgastada e Maja transformada num pequeno monstro desafiador, Patrik estava a passar um mau bocado na delegacia. Desde que conhecera Erica, ele e os colegas tinham lidado com várias investigações de assassinato difíceis, e a natureza sombria da sua profissão, assim como a constante batalha com o chefe, Bertil Mellberg, estavam a começar a deixar marcas.

E agora tinham em mãos o desaparecimento de Magnus Kjellner. Patrik não sabia se era experiência ou instinto, mas estava convencido de que tinha acontecido algo ao homem. Era impossível saber se fora vítima de um acidente ou de um crime, mas Patrik apostava o distintivo em como Kjellner já não estava vivo. Encontrar-se todas as quartas-feiras com a mulher dele, que parecia cada vez mais triste e consumida, estava a começar a cansá-lo. A polícia tinha feito absolutamente tudo o que podia, mas Patrik não conseguia tirar a imagem do rosto de Cia Kjellner da mente.

— Papá! — Maja despertou-o dos seus devaneios, utilizando poderes vocais que só agora começava a aperceber-se de possuir. Estava a apontar o dedo para a televisão e Patrik viu logo o que tinha causado aquela crise. Devia estar mais absorto do que pensava, porque Bolibompa tinha terminado e estava a passar no ecrã um programa para adultos no qual Maja não estava minimamente interessada.

— O papai vai resolver isto — disse Patrik, erguendo as mãos. — Que tal a Pippi Meia-Longa? Como Pippi era atualmente a grande favorita de Maja, Patrik sabia qual seria a resposta da filha.

Foi buscar o DVD e, quando Pippi e os Piratas começou, sentou-se novamente ao lado de Maja, pondo o braço nos ombros dela. Como um pequeno animal satisfeito, Maja aninhou-se junto ao pai. Cinco minutos mais tarde, Patrik tinha dormido.

Christian transpirava abundantemente. Gaby tinha acabado de dizer-lhe que estava quase na altura de subir ao palco. A sala de jantar não estava propriamente cheia, mas havia cerca de sessenta pessoas com expressões expectantes sentadas às mesas, com pratos de comida e copos de cerveja ou vinho à frente. Christian não tinha conseguido comer o que quer que fosse, mas estava a beber vinho tinto. Ia agora no terceiro copo, mesmo sabendo que não devia beber muito. Não seria nada bom começar a arrastar as palavras ao microfone quando fosse entrevistado. Porém, sem o vinho, Christian sabia que não seria capaz de dizer nada de jeito.

Estava a inspecionar o salão quando sentiu uma mão no braço.

— Olá. Está tudo bem? Pareces um bocado tenso — disse Erica, olhando-o com preocupação.

— Acho que estou nervoso — admitiu Christian, aliviado por poder haver alguém a quem confessá-lo.

— Compreendo-te perfeitamente — disse Erica. — Fiz a minha primeira aparição pública num evento para autores estreantes, em Estocolmo, e tiveram praticamente de despegar-me do chão com um raspador. E não consigo recordar-me de nada do que disse quando estive no palco.

— Tenho a sensação de que também vão ter de raspar-me do chão — retorquiu Christian, levando a mão ao pescoço. Por um instante, pensou nas cartas e então foi dominado pelo pânico. Os joelhos dobraram-se e, se Erica não o tivesse apoiado a tempo, ter-se-ia estatelado no chão.

— Cuidado! — disse Erica. — Parece-me que já bebeste uns copos a mais. O melhor é não beberes mais nada antes de subires ao palco — Erica tirou cuidadosamente o copo de vinho tinto da mão de Christian e pousou-o na mesa mais próxima. — Prometo-te que vai correr tudo bem. Gaby vai começar por apresentar-te a ti e ao teu romance. E depois eu faço-te algumas perguntas... aquelas de que já falamos. Confia em mim, o único problema vai ser içar este corpanzil para o palco.

Erica riu-se e Christian imitou-a. O riso não viera do coração e o tom fora um pouco estridente, mas a piada resultara. Christian relaxou um pouco e sentiu-se a respirar novamente. Afastou a lembrança das cartas para longe. Não ia deixar que aquilo o afetasse nessa noite. Tinha dado voz à Sereia através do seu livro, portanto, o assunto estava arrumado.

— Olá, meu amor — Sanna foi ter com eles, os olhos a brilhar quando olhou em torno do salão. Christian sabia que aquele era um grande momento para a mulher. Talvez até mais importante do que para ele.

— Estás linda! — disse Christian, e Sanna deleitou-se com o elogio. Estava realmente muito bonita. Christian sabia que tinha sido uma sorte conhecê-la. Sanna aturava-lhe muita coisa, mais do que a maioria das pessoas estaria disposta a suportar. A mulher não tinha culpa por não conseguir preencher aquele vazio que sentia. Provavelmente, ninguém o conseguiria. Christian pôs-lhe o braço em torno da cintura e beijou-lhe o cabelo.

— Que belo casal! — Gaby acercou-se deles, martelando o soalho com os saltos altos. — Alguém te mandou flores, Christian.

O escritor fitou o buquê que Gaby segurava. Era bonito mas simples, composto apenas por lírios brancos.

Com os dedos a tremer descontroladamente, Christian pegou no envelope branco preso ao buquê. Tremia tanto que o abriu a custo, mal tendo consciência dos olhares surpresos que as duas mulheres junto dele lhe dirigiam

O cartão também era muito simples. Branco, de papel espesso e com uma mensagem escrita a tinta preta, na mesma caligrafia elegante utilizada nas cartas. Christian leu as palavras com espanto. E, então, tudo ficou escuro diante de seus olhos.

ERA A PESSOA MAIS BONITA QUE ALGUMA VEZ VIRA. CHEIRAVA MUITO BEM E TINHA OS LONGOS CABELOS APANHADOS NA NUCA COM UMA FITA BRANCA. BRILHAVAM COM TAL INTENSIDADE QUE QUASE SENTIU A NECESSIDADE DE SEMICERRAR OS OLHOS. DEU UM PASSO HESITANTE NA DIREÇÃO DELA, SEM SABER SE LHE SERIA PERMITIDO PARTICIPAR EM TODA AQUELA BELEZA. A MULHER ESTENDEU OS BRAÇOS PARA LHE MOSTRAR QUE ASSIM ERA E, COM PASSOS RÁPIDOS, ELE FOI AO ENCONTRO DO SEU ABRAÇO. PARA LONGE DA ESCURIDÃO, PARA LONGE DO MAL. EM VEZ DISSO, VIU-SE ENVOLTO EM BRANCURA, EM LUZ E NUM AROMA FLORAL, E SENTIU O CABELO MACIO E SEDOSO DELA A TOCAR-LHE NA FACE.

— AGORA TU ÉS A MINHA MÃE? — PERGUNTOU POR FIM, DANDO RELUTANTEMENTE UM PASSO ATRÁS. ELA ASSENTIU. — A SÉRIO? — ESTAVA À ESPERA QUE APARECESSE ALGUÉM QUE, COM ALGUMA OBSERVAÇÃO BRUSCA, FIZESSE TUDO EM PEDAÇOS, DIZENDO-LHE QUE ESTIVERA APENAS A SONHAR. E QUE AQUELA CRIATURA MARAVILHOSA NUNCA PODERIA SER A MÃE DE ALGUÉM COMO ELE.

MAS NÃO SE OUVIU NENHUMA VOZ. A MULHER VOLTOU A ASSENTIR E ELE NÃO CONSEGUIU CONTER-SE. LANÇOU-SE NOVAMENTE NOS SEUS BRAÇOS E SENTIU QUE NUNCA, NUNCA MAIS QUERIA APARTAR-SE DELA. ALGURES DENTRO DA SUA CABEÇA HAVIA OUTRAS IMAGENS, OUTROS AROMAS E SONS QUE QUERIAM VIR À TONA, MAS FORAM ABAFADOS PELO PERFUME FLORAL E PELO RESTOLHAR DO VESTIDO DELA. AFASTOU AQUELAS IMAGENS PARA LONGE. OBRIGOU-AS A DESAPARECER E SUBSTITUIU-AS POR TUDO AQUILO, QUE ERA NOVO E SURPREENDENTE. QUE ERA INACREDITÁVEL.

ERGUEU OS OLHOS PARA A NOVA MÃE E O CORAÇÃO BATEU DUAS VEZES MAIS DEPRESSA DE ALEGRIA.

QUANDO ELA LHE PEGOU NA MÃO E O LEVOU PARA LONGE DALI, SEGUIU-A SEM HESITAR.



— SOUBE QUE AS COISAS DERAM PARA O TORTO ONTEM À

NOITE. Que terá passado pela cabeça de Christian para se embebedar num evento daqueles? — Kenneth Bengtsson estava a chegar tarde ao escritório depois de uma manhã complicada em casa. Atirou o casaco para cima do sofá, mas um olhar de desaprovação de Erik fez com que voltasse a pegar-lhe e o pendurasse num cabide no vestíbulo.

— Tens razão. Foi realmente um final lamentável — respondeu Erik. — Mas como Louise parecia determinada a apanhar uma bebedeira daquelas, pelo menos fui poupado a esse espetáculo.

— As coisas estão assim tão más? — perguntou Kenneth, olhando para Erik. Era raro confidenciar-lhe algo pessoal. Erik fora sempre assim. Tanto quando eram crianças e brincavam juntos como agora. Erik tratava Kenneth como se mal o tolerasse, como se estivesse a fazer-lhe um favor ao dar-se com ele. Se Kenneth não tivesse realmente algo a oferecer a Erik, a amizade entre ambos teria acabado há muito tempo. Foi exatamente o que aconteceu enquanto Erik esteve a estudar na universidade e a trabalhar em Gotemburgo. Kenneth ficou em Fjällbacka a lançar a sua pequena empresa de contabilidade. Uma empresa que, ao longo dos anos, se tinha tornado um negócio de grande sucesso.

Porque, na verdade, Kenneth era bastante talentoso. Estava consciente de não ser particularmente bonito ou atraente e também não tinha ilusões quanto à sua inteligência mediana. Mas possuía uma capacidade notável de fazer maravilhas com os números. Conseguia fazer malabarismos com as quantias num relatório de lucros e perdas ou num balanço como se fosse o David Beckham do mundo da contabilidade. Isto, juntamente com a sua capacidade de persuadir o fisco a ver o seu lado das coisas, tinha feito com que, repentinamente e pela primeira vez na vida, Kenneth se tornasse uma pessoa de grande valor para Erik. Foi a escolha natural quando Erik precisou de um sócio ao entrar no mercado da construção civil, que se tinha recentemente tornado um negócio extremamente lucrativo na costa ocidental da Suécia. Erik tinha, evidentemente, deixado muito claro que Kenneth precisava de saber qual era o seu lugar. Detinha apenas um terço da empresa e não metade — apesar de o merecer, tendo em conta o seu imprescindível contributo. Mas isso não importava. Kenneth não estava interessado em acumular riqueza ou poder. Estava satisfeito por poder trabalhar naquilo para que nascera, assim como por ser sócio de Erik.

— Não sei mesmo o que fazer em relação a Louise — disse Erik, levantando-se por detrás da secretária. — Se não fossem as meninas... — acrescentou, abanando a cabeça enquanto vestia o casaco.

Kenneth assentiu, compreensivo. Sabia muito bem qual era a situação. E não tinha nada que ver com as filhas de Erik. O que impedia Erik de divorciar-se de Louise era o facto de que a mulher teria então direito a metade do dinheiro e dos

outros bens do casal.

— Vou sair para almoçar e não venho tão depressa. Hoje vai ser um almoço demorado.

— Está bem — disse Kenneth. — Um almoço demorado. Certíssimo.

— Christian está em casa? — perguntou Erica do alpendre da casa dos Thydell.

Sanna pareceu hesitar por alguns segundos antes de afastar-se para a deixar entrar.

— Está lá em cima, na sala de trabalho dele. Está sentado à frente do computador, a olhar fixamente para o ecrã.

— Posso ir falar com ele? Sanna assentiu.

— Claro. Nada do que eu diga parece ajudar. Talvez tenha mais sorte.

Havia um tom amargo na voz de Sanna. Erica estudou a mulher de Christian por um momento. Parecia cansada. Mas havia mais qualquer coisa que Erica não conseguiu descortinar.

— Vou ver o que posso fazer — lentamente, Erica subiu as escadas, apoiando a barriga enorme com uma mão. Nos últimos dias, até mesmo uma tarefa tão simples lhe consumia toda a energia.

— Olá! — Erica bateu suavemente na porta aberta e Christian virou-se. Estava sentado na sua cadeira, mas o ecrã do computador estava negro. — Que grande susto nos pregaste ontem — disse Erica, afundando-se numa poltrona que havia a um canto.

— Acho que tenho andado a trabalhar de mais. É só isso — retorquiu Christian. Mas havia sombras escuras sob os seus olhos e as mãos tremiam-lhe. — Além disso, ando preocupado com o desaparecimento de Magnus.

— Tens a certeza de que não há outro motivo? — a voz soou mais ríspida do que Erica pretendia. — Encontrei isto ontem — acrescentou, enfiando a mão no bolso do casaco e extraíndo a nota que acompanhava o buquê de lírios brancos. — Deves tê-la deixado cair.

Christian fitou o cartão.

— Deita isso fora.

— Que significa esta mensagem? — Erica olhou com preocupação para aquele homem que tinha começado a considerar um amigo. Christian não respondeu.

Erica repetiu a pergunta, mas um pouco mais suavemente:

— Christian, que significa isto? Ontem à noite a tua reação foi muito forte. Por isso não tentes convencer-me de que andas apenas com excesso de trabalho.

Christian manteve-se calado. De repente, o silêncio foi quebrado pela voz de Sanna, vinda da entrada da sala:

— Fala das cartas a Erica — disse.

Sanna ficou onde estava, à espera que o marido reagisse. Seguiram-se mais alguns momentos de silêncio antes de Christian suspirar, abrir a gaveta do fundo da secretária e tirar de lá um pequeno maço de cartas.

— Há algum tempo que ando a receber estas cartas.

Erica pegou nas cartas e folheou-as cautelosamente. Folhas brancas escritas a tinta preta. E não havia dúvida de que a caligrafia era a mesma do cartão que tinha trazido a Christian. Algumas das palavras também eram familiares. As frases eram diferentes, mas o tema era o mesmo. Começou a ler em voz alta a carta que estava no topo:

— «Ela caminha a teu lado, acompanha-te. Não tens direito à tua vida. A tua vida pertence-lhe.»

Erica ergueu os olhos, espantada.

— Que quer isto dizer? Tens alguma ideia?

— Não — a resposta de Christian foi rápida e firme. — Não, não faço a mais pequena ideia. Não conheço ninguém que quisesse prejudicar-me. Pelo menos, acho que não. E também não faço ideia de quem «ela» seja. Devia ter deitado isso fora — disse ele, estendendo a mão para as cartas. Mas Erica não queria de todo que Christian se desfizesse delas.

— Devias contar isto à polícia. Christian abanou a cabeça.

— Não, provavelmente é apenas alguém a divertir-se à minha custa.

— Não me parece que isto seja uma piada. E dá para ver que tu também não achas graça nenhuma.

— Foi exatamente o que eu disse — interrompeu Sanna. — Acho que é bastante assustador, tanto mais que temos filhos. E se há alguma pessoa mentalmente perturbada que... — Sanna olhou para Christian, e Erica percebeu que não era a primeira vez que tinham aquela conversa. Mas Christian voltou a abanar teimosamente a cabeça.

— Não quero dar muita importância ao caso.

— Quando é que isto começou?

— Quando começaste a escrever o livro — respondeu Sanna, recebendo um olhar irritado do marido.

— Sim, deve ter sido mais ou menos isso — admitiu Christian. — Há um ano e meio.

— Haverá alguma ligação? Puseste alguma pessoa ou acontecimento reais no teu livro? Alguém que possa ter-se sentido ameaçado por teres escrito acerca dele ou dela? — Erica manteve os olhos firmemente fixos em Christian, que parecia extremamente desconfortável. Era óbvio que não tinha vontade de falar sobre aquele assunto.

— Não, é uma obra de ficção — respondeu, fazendo uma careta. —

Ninguém pode ser capaz de reconhecer-se na minha história. Tu já leste o manuscrito. Parece-te autobiográfico?

— Acho que não conseguiria dizê-lo — afirmou Erica com um encolher de ombros. — Mas sei por experiência própria que os escritores entrelaçam fragmentos das próprias vidas nos seus manuscritos, conscientemente ou não.

— Bem, eu não! — exclamou Christian, empurrando a cadeira para trás e levantando-se.

Apercebendo-se de que estava na hora de sair, Erica tentou levantar-se da poltrona. Mas o corpo pesado resistiu aos seus esforços e apenas conseguiu produzir alguns resmungos. A expressão severa de Christian suavizou-se e o escritor estendeu a mão para a ajudar.

— Deve ser só um maluco qualquer que soube que eu estava a escrever um livro e começou a ter ideias estranhas sobre isso. Nada mais — disse Christian, parecendo mais calmo.

Erica duvidava de que Christian lhe estivesse a contar toda a verdade, mas a sua opinião baseava-se mais numa intuição do que em qualquer indício concreto. Enquanto caminhava em direção ao carro, esperava que Christian não tivesse notado que havia agora apenas cinco cartas na gaveta da sua secretária, em vez de seis. Não sabia o que a levava a dar um passo tão arriscado, mas se Christian não ia contar-lhe a verdade, restava-lhe descobrir por sua conta. O tom das cartas era claramente ameaçador e Erica estava preocupada. O amigo podia correr perigo.

— Tiveste de cancelar alguma marcação? — Erik mordiscou o mamilo de Cecilia, que soltou um gemido e estirou-se na cama. Seu salão de cabeleireiro ficava no térreo do edifício.

— Gostavas disso, não? De ouvir-me dizer que tive de cancelar clientes para poder incluir-te na minha agenda. O que é que te leva a pensar que és tão importante?

— O que é que poderia ser mais importante do que isto? — Erik passou a língua sobre o peito de Cecilia, que o puxou para cima dela, incapaz de esperar mais.

Depois de terem feito amor, deitou-se ao lado dele, a cabeça apoiada no seu braço. Alguns pelos ásperos fizeram-lhe cócegas no rosto.

— Foi um pouco estranho, encontrar Louise ontem. E encontrar-te a ti.

— Hum — respondeu Erik, sonolento. Não lhe apetecia minimamente falar sobre a mulher ou debater o seu casamento com a amante.

— Tu sabes que eu gosto de Louise — disse Cecilia, brincando com os pelos do peito de Erik. — E se ela soubesse...

— Mas não sabe — disse bruscamente Erik, apoiando-se nos cotovelos. — E nunca vai descobrir. Cecilia ergueu os olhos para o amante, que sabia por

experiência própria qual seria o rumo da conversa.

— Mais cedo ou mais tarde, ela vai ter de saber.

Erik suspirou para si mesmo. Porque tinham sempre de falar sobre o passado e o futuro? Levantou-se da cama e começou a vestir-se.

— Tens de te ir já embora? — perguntou Cecilia. A expressão magoada no rosto ainda o irritou mais.

— Tenho montes de trabalho — respondeu secamente Erik, abotoando a camisa. Sentia o cheiro a sexo nas narinas, mas tomaria um duche no escritório. Tinha sempre por lá uma muda de roupa, para ocasiões como aquela.

— Então é assim que vai ser? — Cecilia ainda estava deitada na cama e Erik não pôde deixar de olhar para o seu corpo nu. Os seios apontavam para cima e os grandes mamilos escuros estavam duros por causa da temperatura fresca do quarto. Erik fez um cálculo rápido. Na verdade não precisava de apressar-se para voltar ao escritório e não se importaria nada de dar mais uma. Seria necessário um pouco de persuasão, por assim dizer, mas a excitação que começava a crescer dentro do seu corpo dizia-lhe que o esforço valeria a pena. Sentou-se na beira da cama e suavizou a voz e a expressão enquanto lhe acariciava a face.

— Cecilia — disse, passando àquele discurso que tão facilmente lhe rolava dos lábios, como já acontecera tantas vezes. Quando a amante pressionou o corpo contra o dele, Erik sentiu os seios através da camisa. Estendeu a mão e começou a desapertar os botões.

Depois de um almoço tardio no restaurante Källaren, Patrik estacionou o carro à frente do edifício baixo e branco que nunca ganharia nenhum prêmio de arquitetura e entrou na área de recepção da delegacia de Tanumshede.

— Tens uma visita — disse Annika, espreitando por cima dos óculos de leitura.

— Quem é?

— Não sei, mas é uma brasa. Talvez um pouco rechonchuda, mas acho que vais gostar dela.

— Que raio estás para aí a dizer? — perguntou Patrik, perplexo. Interrogava-se porque é que Annika estaria a tentar fazer de casamenteira para colegas com casamentos felizes.

— Mais vale veres com os teus próprios olhos. Ela está à espera no teu gabinete — disse Annika, lançando-lhe uma piscadela. Patrik dirigiu-se ao gabinete e estacou à entrada.

— Olá, amor — disse. — Que estás aqui a fazer?

Erica estava sentada na cadeira reservada às visitas, em frente à secretária, folheando distraidamente um exemplar da revista Polícia.

— Bem, que grande almoço! — disse Erica, ignorando a pergunta. — Isto é

que é um dia movimentado na delegacia? — Patrik limitou-se a suspirar. Sabia que Erica adorava provocá-lo.

— Então, o que estás aqui a fazer? — insistiu Patrik, sentando-se à secretária. Inclinou-se para estudar a mulher mais de perto. Tomou novamente consciência de como era bonita. Recordou a primeira vez que Erica aparecera na delegacia, por causa do assassinato da amiga, Alexandra Wijkner*, e pareceu-lhe que se tinha tornado ainda mais encantadora desde então. Era algo de que às vezes se esquecia, enredado como estava nas rotinas diárias. Os dias sucediam-se uns atrás dos outros e, além do trabalho, Patrik tinha de ir deixar Maja na creche e depois buscá-la, fazia as compras no supermercado e, à noite, exausto, sentava-se no sofá a ver televisão. Mas, de vez em quando, era atingido pelo facto de o seu amor por Erica ser tão fora do comum. E agora que a tinha mesmo ali, sentada à sua frente com o sol de inverno a brilhar através da janela e a iluminar-lhe o cabelo louro, e com aqueles dois bebês na barriga, o amor que sentiu por ela foi tão forte que era suficiente para durar uma vida inteira.

De repente, Patrik percebeu que não tinha ouvido a resposta de Erica, por isso pediu-lhe para a repetir.

— Estava só a dizer que fui a casa de Christian hoje de manhã e que tive uma conversa com ele.

— Como é que ele está?

— Pareceu-me bem, apenas um pouco abalado. Mas... — Erica mordeu o lábio.

— Mas o quê? Pensava que ele tinha simplesmente bebido de mais, além de estar nervoso.

— Hum. Bem, julgo que há mais qualquer coisa — Erica retirou um saco de plástico da mala e entregou-o a Patrik. — Este cartão estava preso a um buquê que lhe enviaram ontem à noite. E a carta é uma das seis que recebeu desde há um ano e meio, mais ou menos.

Patrik olhou demoradamente para Erica e abriu o saco.

— Acho que era melhor lê-los sem os tirar do saco. Christian e eu já lhes mexemos, mas não precisamos de acrescentar mais algumas impressões digitais.

Patrik olhou novamente para a mulher e depois fez o que Erica lhe pediu e leu o texto do cartão e da carta através do plástico.

— Que achas que isso significa? — perguntou Erica, chegando-se para a frente para se sentar na borda da cadeira. Mas, depois de quase a ter virado, teve rapidamente de redistribuir o peso, voltando a chegar-se para trás.

— Bem, parecem ameaças, embora não sejam muito específicas.

— Pois, também foi o que eu pensei. E Christian está completamente de acordo, apesar de estar constantemente a tentar minimizar o assunto. Recusa-se a

mostrar as cartas à polícia.

— Então como é que... — Patrik ergueu o saco de plástico.

— Ah, que disparate o meu, devo tê-los trazido por engano — Erica inclinou a cabeça e fez um ar inocente, mas o marido não se deixava enganar tão facilmente.

— Quer dizer que roubaste isto a Christian?

— Não sei se empregaria a palavra «roubar». Apenas os pedi emprestados durante algum tempo.

— E o que queres exatamente que eu faça com estas coisas... emprestadas? — perguntou Patrik, embora soubesse perfeitamente qual ia ser a resposta de Erica.

— É óbvio que alguém anda a ameaçar Christian e que ele está assustado. Apercebi-me disso quando o vi esta manhã. Está a levar estas ameaças muito a sério e não percebo porque é que não quer contar à polícia. Mas talvez pudesses examinar discretamente o cartão e a carta para ver se consegues descobrir alguma coisa com interesse... — Erica estava a utilizar o seu tom de voz mais suplicante e Patrik já sabia que ia acabar por ceder. Patrik estava cansado de saber que, quando Erica metia uma coisa na cabeça, era impossível dissuadi-la.

— Pronto, está bem — disse Patrik, erguendo as mãos. — Rendo-me. Vou ver se conseguimos descobrir alguma coisa. Mas isto não vai estar no topo da minha lista de prioridades.

Erica sorriu.

— Obrigada, meu amor.

— Agora vai para casa e descansa um pouco — disse Patrik, não resistindo a inclinar-se para a frente para a beijar.

Depois de Erica ter saído, Patrik deu por si a brincar distraidamente com o saco de plástico contendo as mensagens ameaçadoras. O cérebro parecia lento e embotado mas, apesar disso, algo começava a mover-se lá dentro. Christian e Magnus eram amigos. Haveria alguma... Patrik afastou imediatamente a ideia, mas esta estava sempre a voltar, por isso olhou para a fotografia afixada na parede à sua frente. Haveria alguma ligação?

Bertil Mellberg empurrava o carrinho com Leo lá dentro, feliz e contente como de costume e sorrindo de vez em quando para mostrar os dois dentes de baixo que tinham nascido recentemente. Ernst fora deixado na delegacia. Normalmente, o cão caminhava ao lado do carrinho de bebê, certificando-se de que nada ameaçava aquela que rapidamente se estava a tornar a pessoa mais importante do seu mundo. Para Mellberg, Leo já era o centro do universo.

Mellberg nunca imaginara ser possível nutrir sentimentos tão fortes por alguém. Desde que estivera presente no momento do nascimento do bebê e que tinha depois sido o primeiro a pegar na criança que Leo lhe conquistara o coração. Claro que também sentia grande afeição pela avó de Leo, mas o pequenote estava no topo

da lista das pessoas que considerava mais importantes.

Relutantemente, o superintendente manobrou o carrinho de volta para a delegacia. Paula deveria ter ficado a tomar conta de Leo durante o almoço, enquanto Johanna, a companheira, fazia alguns recados. Mas teve de sair por causa de uma situação de violência doméstica, para auxiliar uma mulher cujo ex-marido lhe estava a dar «uma tarefa do caraças» e Mellberg tinha-se apressado a oferecer-se para levar o bebê a passear. Agora estava na altura de o ir entregar. Mellberg tinha muitos ciúmes de Paula, que em breve ia entrar em licença de maternidade. O superintendente não se teria importado de fazer menos horas na delegacia para poder passar mais tempo com Leo. Na verdade, talvez não fosse má ideia. Como bom chefe que era, talvez devesse permitir que os subordinados tivessem mais poder de decisão. Além disso, Leo precisava de um modelo masculino forte desde o início. Com duas mães e nenhum pai em perspetiva, deviam pensar no que seria melhor para a criança e fazer com que lhe fosse dada a oportunidade de aprender com um homem sólido, real. Como ele próprio, por exemplo.

Mellberg serviu-se da anca para abrir a pesada porta de entrada e empurrou o carrinho para dentro da delegacia. O rosto de Annika iluminou-se quando os viu e Mellberg inchou de orgulho.

— Com que então foram os dois dar um passeio — disse a secretária, levantando-se para ajudar

Mellberg com o carrinho.

— Sim, as raparigas precisavam de uma ajuda — explicou Mellberg, enquanto começava a despir cuidadosamente a roupa de passeio do bebê. Annika assistia, divertida. Aparentemente, a era dos milagres ainda não tinha acabado.

— Vamos lá, miúdo, vamos ver se a tua mãe está por aqui — tagarelou Mellberg ao mesmo tempo que tirava Leo do carrinho.

— Não, Paula ainda não voltou — disse Annika, voltando a sentar-se à secretária.

— Oh, que pena. Parece que vais ter de ficar mais algum tempo com o teu avozinho — disse Mellberg com satisfação enquanto se dirigia à cozinha, carregando Leo nos braços. Quando fora viver com Rita, há uns meses, Paula e Johanna tinham sugerido passarem a chamar-lhe avô Bertil. Por isso, Mellberg aproveitava agora todas as oportunidades para utilizar o nome que lhe tinha dado tanta alegria. Avô Bertil.

Era o aniversário de Ludvig, e Cia estava a tentar fingir que se tratava de uma ocasião perfeitamente normal. O filho fazia treze anos. Tantos quantos tinham passado desde que o dera à luz na maternidade e que se rira com gosto ao constatar as absurdas parecenças entre pai e filho. Mas agora as parecenças faziam com que lhe fosse profundamente doloroso o simples facto de olhar para Ludvig. Para os

olhos castanhos com matizes de verde e para o cabelo louro que o sol, logo no início do verão, clareava até tornar quase branco. Ludvig também tinha um físico muito semelhante ao de Magnus, assim como maneirismos parecidos com os do pai. Eram os dois altos e magros e, quando o filho a abraçava, os braços recordavam-lhe os do marido. Até as mãos de ambos eram semelhantes.

Com dedos trémulos, Cia escreveu o nome de Ludvig com pasta de açúcar na cobertura do bolo. Era outra coisa que tinham em comum. Magnus era capaz de comer um bolo inteiro sozinho e era tão injusto que nunca engordasse um grama que fosse! A Cia bastava olhar para um pãozinho de canela para engordar meio quilo. Mas agora estava tão elegante como sempre sonhara. Tinha perdido vários quilos sem fazer nada para isso desde que Magnus desaparecera. Cada vez que tentava comer alguma coisa, era como se a comida lhe inchasse na boca. E tinha um nó no estômago desde que acordava de manhã até ir para a cama à noite, caindo num sono inquieto; um nó que deixava pouco espaço à comida. No entanto, Cia ligava cada vez menos à aparência. Na verdade, já mal se via ao espelho. Que importava isso, agora que Magnus tinha partido?

Às vezes, desejava que o marido tivesse morrido diante dos seus olhos. Que tivesse sido fulminado por um ataque cardíaco ou atropelado por um carro. O que quer que fosse, desde que soubesse o que lhe tinha acontecido, permitindo-lhe assim fazer um funeral, tratar das partilhas e de todos os outros assuntos práticos que era preciso resolver quando alguém morria. Talvez assim pudesse começar a viver o luto, que se esbateria gradualmente, deixando apenas a mágoa da perda misturada com saudosas recordações.

Mas a verdade é que não tinha nada. Sentia-se a viver num enorme vazio. Magnus tinha partido e não havia nada para onde Cia pudesse canalizar o sofrimento — nada que lhe permitisse seguir com a vida para a frente. Sentia-se incapaz de voltar ao trabalho, mas não sabia quanto tempo poderia ficar em casa de baixa.

Olhou para o bolo de aniversário. As palavras que escrevera com pasta de açúcar estavam uma desgraça. Era impossível ler o que quer que fosse naqueles remoinhos irregulares sobre a cobertura de maçapão e aquela visão quase sugou toda a energia que lhe restava. Deixou-se escorregar para o chão com as costas encostadas ao frigorífico e sentiu a tristeza a avolumar-se dentro dela, gritando para ser libertada.

— Não chores, mãe — Cia sentiu uma mão no ombro. Era a mão de Magnus. Não, era a mão de Ludvig. Cia abanou a cabeça. Sentia a realidade a abandoná-la e teve vontade de deixá-la ir, para poder perder-se na escuridão que sabia estar à sua espera. Uma escuridão bonita e morna que a envolveria para sempre se a ela se entregasse. Mas, por entre as lágrimas, Cia viu aqueles olhos castanhos, aqueles cabelos louros, e soube que não podia desistir.

— O bolo — soluçou, tentando levantar-se. Ludvig ajudou-a a erguer-se e tirou-lhe o tubo da mão.

— Eu corrijo as letras, mãe. Porque não vais deitar-te um bocado enquanto eu trato do bolo?

Ludvig acariciou a face da mãe. Tinha treze anos, mas já não era uma criança. Agora, Ludvig era o pai. Era Magnus — o rochedo dela. Cia estava consciente de que não devia permitir-lhe assumir esse papel; Ludvig ainda era muito novo. Mas não tinha energia para fazer mais nada a não ser trocar de papel com o filho.

Limpou os olhos à manga da camisa enquanto Ludvig pegava numa faca e raspava cuidadosamente a pasta de açúcar irregular do bolo de aniversário. A última coisa que Cia viu antes de sair da cozinha foi o filho, concentradíssimo, a dar forma à primeira letra do seu nome. O «L» de Ludvig.

**Ver A Princesa de Gelo, Camilla Läckberg. (N. do T.)*

— ÉS O MEU MENINO LINDO, SABIAS? — DISSE A MÃE ENQUANTO LHE PENTEAVA CUIDADOSAMENTE O CABELO.

LIMITOU-SE A ASSENTIR. SIM, SABIA. ERA O MENINO LINDO DA MÃE. ELA DISSERA-O VEZES SEM CONTA DESDE QUE FORA AUTORIZADO A IR PARA CASA COM AQUELE CASAL E NUNCA SE CANSAVA DE OUVI-LO. ÀS VEZES LEMBRAVA-SE DO PASSADO. PENSAVA NA ESCURIDÃO, NA SOLIDÃO. MAS BASTAVA-LHE UM SIMPLES OLHAR PARA A BELA APARIÇÃO, QUE AGORA ERA A SUA MÃE, PARA TUDO O RESTO DESAPARECER, ESFUMAR-SE E DESVANECER-SE. COMO SE NUNCA TIVESSE EXISTIDO.

TINHA ACABADO DE SAIR DA BANHEIRA E A MÃE ENVOLVEU-O NO ROUPÃO VERDE COM FLORES

AMARELAS.

— SERÁ QUE O MEU PEQUENINO QUER UM SORVETE?

— ESTÁS A MIMÁ-LO DE MAIS — DISSE O PAI DA ENTRADA.

ACONCHEGOU-SE NO ROUPÃO ESPESSO E PÔS O CAPUZ PARA SE ESCONDER DO TOM RÍSPIDO DAS PALAVRAS QUE RICOCHETEAVAM NOS AZULEJOS DO BANHEIRO, DA ESCURIDÃO QUE VINHA NOVAMENTE À SUPERFÍCIE.

— SÓ ESTOU A DIZER QUE NÃO ESTÁS A FAZER-LHE NENHUM FAVOR AO MIMÁ-LO DESSA MANEIRA.

— ESTÁS A QUERER DIZER QUE EU NÃO SEI CRIAR O NOSSO FILHO? — OS OLHOS DA MÃE TORNARAM-SE ESCUROS, ABISMAIS. COMO SE QUISESSE DESTRUIR O PAI SÓ DE OLHAR PARA ELE. E, COMO DE COSTUME, AQUELA RAIVA PARECIA TER FEITO COM QUE A IRA DO PAI SE ESFUMASSE. ERA COMO SE TIVESSE ENCOLHIDO E MURCHADO, TORNANDO-SE UM PAI PEQUENINO E CINZENTO.

— TU LÁ SABES O QUE É MELHOR PARA ELE — MURMUROU, SAINDO DO BANHEIRO DE OLHOS NO CHÃO. OUVIRAM DE O SOM DOS SEUS PASSOS A DESVANECEREM-SE E A PORTA DA ENTRADA A FECHAR-SE SEM RUÍDO. O PAI TINHA SAÍDO OUTRA VEZ PARA DAR UM PASSEIO.

— NÃO VAMOS LIGAR-LHE NENHUMA — SUSSURROU-LHE A MÃE AO OUVIDO ENTERRADO NO ESPESSO ROUPÃO VERDE. — PORQUE TU E EU ADORAMO-NOS. SÓ TU E EU.

COMO UM PEQUENO ANIMAL, CHEGOU-SE MAIS À MÃE E DEIXOU QUE ELA O RECONFORTASSE.



— NÃO! Não quero! — berrou Maja, esgotando praticamente o escasso vocabulário quando Patrik tentou desesperadamente deixá-la com Ewa, a educadora de infância, na sexta-feira de manhã. Maja agarrou-se às calças do pai a uivar, até que, por fim, Patrik conseguiu soltar-lhe os dedos um a um. Sentiu uma pontada de dor no coração quando a filha foi levada, ainda com os braços estendidos na sua direção. Aquele choroso «Papá!» ficou a ecoar-lhe na cabeça quando regressou ao carro e Patrik deixara-se ficar lá sentado durante algum tempo, a fitar o para-brisas e com a chave na mão. A situação arrastava-se há dois meses e era sem dúvida o modo de Maja reagir à gravidez de Erica.

E Patrik tinha de suportar sozinho aquela luta todas as manhãs. Mas, afinal, fora ele quem se tinha oferecido para ajudar. Era simplesmente demasiado difícil para Erica vestir e despir Maja. E agachar-se para ajudar a filha a apertar os atacadores era impensável. Por isso não havia realmente outra opção. Mas, desde que começava, bem antes de chegarem à creche, aquela luta diária começava a desgastar os nervos de Patrik. Assim que chegava a hora de se vestir de manhã, Maja recusava-se a colaborar. Patrik tinha vergonha de admitir que às vezes ficava tão frustrado que a agarrava com alguma brusquidão, fazendo-a gritar a plenos pulmões. Depois, Patrik sentia-se o pior pai do mundo.

Cansado, esfregou os olhos, respirou fundo e rodou a chave na ignição. Mas, em vez de seguir para Tanumshede, dirigiu-se impulsivamente para a zona residencial que ficava para lá de Kullen. Estacionou à frente da casa que pertencia à família Kjellner e, sentindo-se um pouco inseguro, avançou até a entrada. Devia tê-los avisado da sua chegada, mas era tarde de mais, uma vez que já ali estava. Ergueu a mão e bateu rapidamente com os nós dos dedos na porta de madeira pintada de branco. Uma coroa de Natal ainda estava pendurada na porta; pelos vistos, ninguém se tinha lembrado de a tirar.

Não ouviu qualquer ruído vindo do interior, por isso, Patrik bateu novamente. Talvez não estivesse ninguém em casa. Mas depois ouviu passos e Cia abriu a porta. Todo o corpo da mulher se retesou ao vê-lo e Patrik apressou-se a abanar a cabeça.

— Não, não é por isso que aqui estou — explicou, e ambos sabiam o que queria dizer. Os ombros de

Cia descaíram e a mulher afastou-se para lhe dar passagem.

Patrik descalçou-se e pendurou o blusão num dos poucos cabides que não

estava ocupado com os casacos e blusões dos filhos dos Kjellner.

— Resolvi simplesmente aparecer para conversarmos um pouco — disse Patrik, repentinamente sem saber ao certo como expor o que mal passava de especulações vagas.

Cia assentiu e avançou para a cozinha, que ficava à direita do vestíbulo. Patrik seguiu-a. Já ali estivera algumas vezes. Depois do desaparecimento de Magnus, tinham-se sentado à mesa da cozinha e visto e revisto todos os pormenores. Patrik fizera perguntas a Cia sobre assuntos que deveriam ter continuado a ser privados mas que tinham deixado de o ser no momento em que Magnus Kjellner cruzara a porta de entrada para nunca mais voltar.

A casa parecia igual. Agradável e vulgar, um pouco desarrumada, com vestígios da desarrumação das crianças por todo o lado. Porém, da última vez que Patrik e Cia tinham estado ali sentados, ainda havia um sentimento de esperança. Agora, a resignação tinha caído sobre toda a casa. E também sobre Cia.

— Ainda há um bocado de bolo. Ontem foi o aniversário de Ludvig — disse apaticamente Cia. Levantou-se para tirar o que restava do bolo do frigorífico. Patrik tentou protestar, mas Cia já estava a pôr pratos e garfos em cima da mesa. Teria de almoçar bolo, pensou.

— Que idade tem Ludvig? — perguntou Patrik enquanto cortava uma fatia tão fina quanto possível para não parecer mal-educado.

— Treze — respondeu Cia, esboçando um sorriso enquanto também se servia de uma pequena fatia de bolo. Patrik desejava poder fazê-la comer mais, tendo em conta o que tinha emagrecido nos últimos meses.

— É uma idade bestial. Ou talvez não — retorquiu Patrik, sentindo a tensão na própria voz. O chantilly do bolo parecia inchar na boca.

— É tão parecido com o pai — disse Cia. O garfo retiniu contra o prato. Pousou-o e olhou para Patrik. — O que queria me dizer?

Patrik aclarou a garganta.

— De repente isto é absurdo, mas sei que quer que façamos todo o possível, por isso vai ter de perdoar-me se...

— É melhor ir direto ao assunto — interrompeu Cia.

— Tudo bem. É que me ocorreu uma coisa. Magnus era amigo de Christian Thydell, não era? Como se conheceram?

Cia olhou para Patrik com surpresa, mas não lhe respondeu com outra pergunta. Em vez disso, fez uma pausa e refletiu no que ouvira.

— Na verdade, não sei. Julgo que se conheceram logo depois de Christian se ter mudado para cá com Sanna. Ela nasceu em Fjällbacka, como sabes. Deve ter sido há uns sete anos. Sim, é isso, porque Sanna ficou grávida de Melker pouco tempo depois e o miúdo tem agora cinco anos. Lembro-me de termos pensado que

foi tudo muito rápido.

— Conheceram-se por ser amiga de Sanna?

— Não, ela é dez anos mais nova do que eu, por isso não éramos bem amigas. Para ser franca, não me recordo ao certo como é que Magnus e Christian se conheceram. Só me lembro de que Magnus sugeriu que devíamos convidar Christian e Sanna para jantar e que depois nos encontrávamos frequentemente. Sanna e eu não tínhamos muito em comum, mas ela é boa pessoa e tanto Elin como Ludvig gostam de brincar com os filhos deles. E eu gosto muito mais de Christian do que dos outros amigos de Magnus.

— E quem são esses amigos?

— Os amigos de infância: Erik Lind e Kenneth Bengtsson. Convivi com eles e com as mulheres deles, mas apenas porque Magnus insistia comigo. Na minha opinião, parecem ser pessoas muito diferentes.

— Então e Magnus e Christian? Eram amigos íntimos? Cia sorriu.

— Não me parece que Christian tenha amigos íntimos. É uma pessoa bastante sombria e não é fácil conhecê-lo. Mas era completamente diferente quando estava com Magnus. O meu marido tinha esse efeito nas pessoas. Todos gostavam dele. Fazia com que as pessoas ficassem descontraídas — Cia engoliu em seco e Patrik percebeu que tinha empregado o passado para referir-se ao marido.

— Mas porque é que está a fazer-me perguntas sobre Christian? Não me diga que lhe aconteceu alguma coisa? — acrescentou Cia em tom preocupado.

— Não, não. Nada de grave.

— Soube o que aconteceu no lançamento do livro dele. Fui convidada, mas não tive vontade de ir sem Magnus. Espero que Christian não tenha ficado ofendido por eu não ter aparecido.

— De certeza que não ficou — disse Patrik. — Mas parece que alguém lhe anda a enviar cartas ameaçadoras há mais de um ano. Pode parecer rebuscado, mas queria perguntar-lhe se Magnus recebeu alguma coisa do gênero. Christian e Magnus conheciam-se, por isso pode haver alguma ligação.

— Cartas ameaçadoras? — disse Cia. — Não acha que eu lhe teria contado uma coisa dessas? Porque iria reter alguma informação que vos pudesse ajudar a descobrir o que aconteceu a Magnus? — a voz de Cia subiu para um tom estridente.

— Tenho a certeza de que me teria contado se soubesse de alguma coisa — apressou-se a dizer

Patrik. — Mas talvez Magnus não lhe tenha dito nada para não a preocupar.

— Sendo assim, como é que eu lhe poderia dizer alguma coisa a esse propósito?

— Pela minha experiência, as mulheres conseguem sentir certas coisas mesmo que os maridos não falem especificamente sobre o que os anda a incomodar.

Quer dizer, a minha consegue.

Cia voltou a sorrir.

— Nisso tem razão. E é verdade. Eu saberia se Magnus tivesse algum problema. Mas não, Magnus andava despreocupado como sempre. Era a pessoa mais estável e confiante do mundo, e estava quase sempre alegre e otimista. Às vezes aquilo enervava-me e tenho de admitir que cheguei a tentar provocar-lhe uma reação negativa quando estava irritada e chateada. Mas nunca consegui. Magnus era mesmo assim. Se alguma coisa o andasse a incomodar, ter-me-ia contado. Se, por algum motivo, decidisse não o fazer, mesmo assim eu teria percebido que havia alguma coisa que não estava bem. Ele sabia tudo sobre mim e eu sabia tudo sobre ele. Não tínhamos segredos um para o outro — Cia falara com grande confiança e Patrik podia ver que estava convencida do que dissera. Mas continuava a ter dúvidas. Era impossível saber tudo de outra pessoa. Mesmo sobre alguém que se amava e com quem se tinha decidido partilhar a vida.

Olhou para Cia.

— Peço desculpa se estou a pedir muito, mas importa-se que dê uma vista de olhos pela casa? Só para ter uma ideia mais clara do tipo de pessoa que era Magnus — mesmo que tivessem estado a falar de Magnus como se já estivesse morto, Patrik lamentou a maneira como tinha formulado aquela última observação. Mas Cia não teceu qualquer comentário. Em vez disso, fez um gesto em direção à porta e disse:

— À vontade. A sério. Procure onde quiser e pergunte-me tudo o que lhe passar pela cabeça, o que interessa é que o encontrem... — com um movimento quase agressivo, Cia limpou uma lágrima com as costas da mão.

Patrik sentiu que a mulher de Magnus precisava de ficar sozinha por um momento, por isso aproveitou a oportunidade para se levantar e sair da cozinha. Começou a sua busca pela sala de estar. Era muito semelhante à de milhares de outros lares suecos. Um grande sofá azul-escuro da IKEA. Estantes Billy4 com iluminação embutida. Um televisor de ecrã plano numa base de madeira clara do mesmo tom da mesa de café. Bibelôs e lembranças de viagens, fotografias das crianças na parede.

Patrik aproximou-se de uma grande fotografia de casamento, emoldurada e pendurada sobre o sofá. Não era um retrato formal, tradicional. Magnus, vestindo um fraque, estava deitado de lado na relva e tinha a cabeça apoiada na mão. Cia estava por detrás dele, de vestido de noiva pregueado. Tinha um grande sorriso no rosto e um pé solidamente apoiado em Magnus.

— Os nossos pais iam tendo um ataque quando viram as fotos do casamento — comentou Cia, e

Patrik virou-se para olhar para ela.

— É realmente um pouco... diferente — olhou de novo para a fotografia. Tinha-se cruzado com Magnus algumas vezes desde que se mudara para Fjällbacka, mas nunca tinha trocado mais do que os habituais cumprimentos com ele. Agora, enquanto estava ali a olhar para a expressão aberta e feliz do homem, Patrik soube imediatamente que teria gostado dele.

— Posso ir lá acima? — perguntou Patrik. Da entrada da sala, Cia assentiu.

As paredes da escada também estavam cobertas de fotografias e Patrik fez uma pausa para estudá-las. Testemunhavam uma vida preenchida, centrada na família e nas alegrias do dia a dia. E era óbvio que Magnus Kjellner tinha sentido um orgulho tremendo dos filhos. Uma fotografia em particular provocou um nó no estômago de Patrik. Fora tirada em férias e mostrava um Magnus sorridente entre Elin e Ludvig e com os braços em torno de ambos. Uma felicidade tal iluminava-lhe o rosto que Patrik não suportou olhar para a fotografia por mais tempo. Virou-se e continuou a subir as escadas.

Os dois primeiros quartos pertenciam aos filhos. O de Ludvig estava surpreendentemente limpo, sem roupas atiradas para o chão. A cama estava feita e o suporte para canetas e tudo o resto que havia em cima da secretária estava meticulosamente ordenado. O rapaz era claramente um grande fã de desporto. Afixada por cima da cama, no lugar de honra, via-se uma camisola da seleção sueca de futebol, autografada por Zlatan. Também havia muitas fotografias do IFK Göteborg.

— Ludvig e Magnus costumavam ir aos jogos sempre que podiam.

Patrik teve um sobressalto. A voz de Cia tinha-o apanhado novamente de surpresa. Parecia ser capaz de deslocar-se sem fazer qualquer ruído, porque Patrik não a tinha ouvido subir as escadas.

— Que rapaz tão arrumado!

— Sim, tal e qual o pai. Magnus encarregava-se da maior parte das limpezas e arrumações aqui em casa. Eu sou a desarrumada da família. Se entrar no quarto ao lado vai perceber qual dos nossos filhos sai a mim.

Patrik abriu a porta do quarto de Elin, apesar do aviso em letras garrafais: «BATER ANTES DE ENTRAR!»

— Caramba! — exclamou Patrik, dando um passo atrás.

— Sim, essa é a palavra certa — suspirou Cia, cruzando os braços, de modo a impedir-se de tentar pôr ordem no caos. Porque o quarto de Elin era indescritivelmente desarrumado. E cor-de-rosa.

— Pensava que Elin ia deixar a fase rosa mais cedo ou mais tarde mas, em vez disso, a paixão parece ter-se intensificado. Agora, os tons variam entre um rosa pálido de princesa e um néon chocante.

Patrik piscou os olhos. Era assim que o quarto de Maja ia ser dentro de

alguns anos? E se os gémeos fossem meninas? Acabaria afogado em cor-de-rosa.

— Já desisti. Só lhe peço que mantenha a porta fechada para não ter de olhar para o caos. Faço uma «inspeção olfativa» de vez em quando, para certificar-me de que o quarto não começa a cheirar como se houvesse aqui cadáveres — Cia ficou obviamente desorientada com aquela escolha de palavras, mas prosseguiu: — Magnus não aguentava ver o estado em que o quarto estava, mas convenci-o a deixá-la fazer as coisas à maneira dela. Eu também era assim em criança, por isso sei que não adianta de todo chateá-la por causa disto, só dá azo a mais discussões. No meu caso, tornei-me mais arrumada quando fui viver para o meu próprio apartamento e acho que com Elin vai ser a mesma coisa — Cia fechou a porta e apontou para o quarto ao fundo do corredor.

— Aquele é o nosso quarto. Não mexi em nenhuma das coisas de Magnus.

A primeira coisa em que Patrik reparou foi que o casal tinha a mesma roupa de cama que ele e Erica. Um tecido xadrez azul e branco comprado na IKEA. De algum modo, aquilo o deixou muito desconfortável, vulnerável.

— Magnus dorme do lado da janela.

Patrik dirigiu-se ao lado da cama onde Magnus dormia. Teria preferido fazer o seu trabalho em paz e sossego. Em vez disso, sentia-se como se estivesse a bisbilhotar coisas que não eram da sua conta. E a sensação piorava à medida que Cia se ia demorando no quarto, olhando para ele. Patrik não fazia ideia do que estava a procurar. Sentia simplesmente que precisava de ficar a conhecer melhor Magnus Kjellner, de vê-lo como uma pessoa real, de carne e osso, e não apenas numa fotografia na parede da delegacia. Patrik continuava a sentir os olhos de Cia cravados nas suas costas e, por fim, virou-se para encará-la.

— Espero que não me leve a mal, mas importava-se de sair enquanto eu dou uma vista de olhos? — Patrik esperava que Cia compreendesse.

— Não, não, claro que não — respondeu Cia, sorrindo em jeito de desculpa. — Sei que deve ser difícil fazer o seu trabalho comigo para aqui espedada a olhar para si. Vou lá para baixo tratar de umas coisas para que possa ficar à vontade.

— Obrigado — disse Patrik. Assim que Cia saiu, sentou-se na beira da cama e começou pela mesa de cabeceira. Uns óculos, uma pilha de papéis que acabou por revelar-se uma cópia do manuscrito de A Sereia, um copo de água vazio e uma embalagem de paracetamol. Nada mais. Patrik abriu a gaveta e estudou cuidadosamente o conteúdo. Não havia nada verdadeiramente interessante. Um exemplar brochado do romance policial Aurora Boreal, de Åsa Larsson, uma pequena caixa contendo tampões para os ouvidos e um pacote de rebuçados para a tosse.

Patrik levantou-se e dirigiu-se ao guarda-fatos que cobria uma parede inteira do quarto. Riu-se quando abriu as portas e viu imediatamente um exemplo claro do

que Cia tinha dito da sua atitude em relação à arrumação diferir da do marido. A metade do guarda-fatos do lado da janela era um milagre de organização. Estava tudo meticulosamente dobrado e disposto em cestos de arame: meias, curcas, gravatas e cintos. Por cima estavam camisas perfeitamente engomadas, assim como blazers, polos e camisetas. Camisetas em cabides — Patrik ficou perplexo. O máximo que fazia era enfiar as suas numa gaveta e depois amaldiçoar o fato de ficarem completamente amassadas quando as vestia.

Por isso, a metade do guarda-fatos de Cia estava mais em conformidade com o seu próprio método. Estava tudo misturado às três pancadas, como se alguém tivesse simplesmente aberto a porta, atirado um monte de roupa lá para dentro e voltado a fechá-la rapidamente.

Patrik fechou as portas de correr e virou-se para olhar para a cama. Uma cama em que, como era óbvio, apenas tinha sido utilizada de um lado era algo muito doloroso e triste. Perguntou a si próprio se alguém se teria alguma vez habituado a dormir numa cama de casal que estava meio vazia. A ideia de dormir sozinho, sem Erica, parecia-lhe insuportável.

Quando Patrik regressou à cozinha, Cia estava a arrumar os pratos que tinham utilizado. Lançou-lhe um olhar de curiosidade e Patrik disse num tom de voz amigável:

— Obrigado por me ter deixado dar uma vista de olhos. Não sei se isto vai fazer alguma diferença, mas pelo menos agora sinto que sei algo mais de Magnus, sobre quem ele era... é.

— Faz toda a diferença. Para mim, pelo menos.

Patrik despediu-se e saiu. Fez uma pausa no alpendre para observar a coroa de Natal com flores murchas pendurada na porta de entrada. Após um momento de hesitação, retirou-a. Tendo em conta que era uma pessoa tão arrumada, quase de certeza que Magnus não teria gostado de ver que a velha coroa ainda ali estava.

Os filhos berravam a plenos pulmões. O barulho ricocheteava nas paredes da cozinha e Christian pensou que a cabeça ia explodir-lhe. Não dormia bem há várias noites seguidas. Os pensamentos não paravam de rodopiar-lhe no cérebro, dando voltas e mais voltas, como se precisasse de analisar cada ideia antes de poder passar para a seguinte.

Até já tinha pensado em retirar-se para a cabana de pesca para sentar-se e escrever. Mas o silêncio da noite e a escuridão lá fora teriam dado rédea solta aos seus fantasmas, e Christian não tinha forças para afogá-los com as frases que construía. Por isso ficou onde estava, a fitar o teto enquanto o desespero descia sobre ele vindo de todas as direções.

— Parem imediatamente com isso! — Sanna apartou os filhos, que lutavam por uma embalagem de chocolate em pó O'Boy que, sabe-se lá como, tinha ficado

ao seu alcance. Depois virou-se para Christian, que estava sentado à mesa a olhar o vazio, com a sanduíche intacta no prato e o café em que não tinha tocado à sua frente.

— Não era má ideia se me desses uma ajudinha!

— Não dormi nada bem — respondeu Christian, bebendo um pouco de café frio. Levantou-se e despejou o resto no lavatório antes de servir-se de café quente e lhe adicionar um pouco de leite.

— Sei muito bem que tens muitas preocupações e tu sabes que te apoiei sempre quando estavas a trabalhar no livro. Mas há limites, até para mim — Sanna tirou uma colher da mão de Nils no preciso momento em que o filho estava prestes a servir-se dela para bater na testa do irmão mais velho. Lançou-a ruidosamente para o lavatório. Depois respirou fundo, como que a ganhar coragem antes de deitar cá para fora tudo o que tinha andado a acumular. Christian desejou poder carregar num botão de pausa para a deter antes que começasse a falar. Não aguentava mais.

— Nunca disse uma palavra que fosse sempre que ias diretamente do trabalho para a cabana de pesca e ficavas lá sentado a escrever a noite inteira. Ia buscar os miúdos à creche, fazia o jantar, certificava-me de que eram alimentados, dava um jeito à casa, fazia-os escovarem os dentes, lia-lhes uma história e depois ia deitá-los. Fiz tudo isto sem reclamar, enquanto tu te dedicavas à merda do teu processo criativo!

As últimas palavras de Sanna estavam impregnadas de um sarcasmo que Christian nunca lhe tinha ouvido. Fechou os olhos e tentou abstrair-se das críticas. Mas Sanna prosseguiu, implacável:

— Fico muito contente que tudo esteja a correr tão bem. Que tenhas conseguido que o livro fosse publicado e que te tenhas tornado uma nova estrela no horizonte literário. Acho fantástico e não tenho inveja nenhuma de ti. Mas então e eu? Onde é que eu fico no meio disto tudo? Ninguém me elogia, ninguém olha para mim e diz: «Caramba, Sanna, tu és incrível. Christian tem sorte por te ter ao seu lado.» E nem sequer tu me dizes isso. Para ti é um dado adquirido que eu ande para aqui a mourejar o dia inteiro, a cuidar dos miúdos e da casa enquanto fazes o que «tens de fazer» — Sanna esboçou duas aspas no ar. — E é verdade. Eu trato realmente de tudo. E carrego o fardo de bom grado. Sabes bem como adoro cuidar dos nossos filhos, mas isso não torna o fardo mais leve. Eu, pelo menos, gostava de receber algumas palavras de agradecimento da tua parte! Será que é pedir muito?

— Sanna, acho que é melhor os miúdos não ouvirem... — começou a dizer Christian, mas apercebeu-se imediatamente de que não o devia ter feito.

— Pois. Arranjas sempre uma desculpa para não falares comigo e para não me levares a sério! Ou é porque estás muito cansado ou porque não tens tempo porque precisas de trabalhar no livro, ou porque não queres discutir as coisas à

frente deles, ou, ou, ou...

Os rapazes não davam um pio e observavam os pais com olhar assustado. Christian sentiu que o cansaço dava lugar à raiva. Detestava aquela atitude dela e já tinham discutido sobre isso muitas vezes. Sanna nunca hesitava em arrastar os filhos para os conflitos conjugais. Christian sabia que a mulher estava a tentar converter os rapazes em seus aliados na guerra cada vez mais feroz que travavam. Mas o que é que podia fazer? Sabia que todos os problemas entre eles se deviam ao facto de não a amar, de nunca a ter amado. E ao facto de Sanna saber disso, embora se recusasse a admiti-lo para si mesma. Mas Christian escolhera-a precisamente por isso — por Sanna ser alguém que nunca poderia amar. Não da mesma maneira que...

Bateu com o punho no tampo da mesa. Sanna e os rapazes deram um salto, surpreendidos. A mão doía-lhe da pancada, mas isso fora exatamente o que ele tinha pretendido. A dor afugentava tudo o que não podia permitir-se pensar e sentiu que começava a recuperar o controlo.

— Não vamos discutir isso agora! — disse bruscamente. Apesar de evitar olhar Sanna nos olhos, conseguiu sentir o olhar da mulher cravado nas suas costas enquanto se dirigiu para o vestíbulo, vestiu o casaco, calçou os sapatos e saiu de casa. A última coisa que ouviu antes que a porta se fechasse foi a voz de Sanna a dizer aos filhos que o pai deles era um idiota.

A monotonia de tudo aquilo era a pior parte. Tentar preencher as horas enquanto as meninas estavam na escola com algo que parecesse ao menos ter um pinga de sentido. Não é que Louise não tivesse nada que fazer. Garantir que a vida de Erik corria sobre rodas não deixava espaço para a preguiça. As camisas do marido tinham de estar sempre lavadas, engomadas e devidamente penduradas; os jantares para os sócios tinham de ser planeados e tinham de ser um sucesso, e a casa tinha de estar sempre a brilhar. É claro que havia uma pessoa que fazia as limpezas uma vez por semana — e que era paga por fora —, mas havia sempre muita coisa que Louise tinha de resolver sozinha. Milhões de assuntos menores que deviam ser resolvidos na perfeição, sem que Erik notasse que alguém tivera de esforçar-se para fazer com que tudo funcionasse sem falhas. Mas o problema é que era tudo tão maçador. Louise adorava estar em casa quando as filhas eram pequenas. Adorava cuidar das meninas. E não se incomodava nada de mudar-lhes as fraldas, embora Erik nunca tivesse dedicado um minuto que fosse a tais tarefas. Mas Louise não se tinha incomodado, porque assim sentia-se necessária. Tinha um propósito. Estivera no centro do mundo das filhas, era quem se levantava de manhã antes delas, para fazer o sol brilhar.

Mas esses dias tinham passado à história. As filhas estavam na escola. Passavam os tempos livres com os amigos e ocupadas em atividades extracurriculares. Atualmente, encaravam-na sobretudo como alguém que estava

permanentemente à sua disposição. Erik também a via dessa forma. E, para sua tristeza, Louise começava a aperceber-se de que todos eles se estavam a tornar insuportáveis. Erik compensava a falta de envolvimento na vida das filhas comprando-lhes tudo o que queriam e o desprezo que sentia pela mulher estava a começar a passar para as raparigas.

Louise passou a mão pela bancada da cozinha. Mármore importado de Itália. Tinha sido o próprio Erik a escolhê-lo durante uma das suas viagens de negócios. Louise não morria de amores por aquela bancada. Era demasiado fria e dura. Se tivesse podido escolher, teria optado por um tampo de madeira, talvez em carvalho escuro. Abriu uma das portas lisas e reluzentes do armário, que também tinha um aspeto frio. Era muito moderno, mas faltava-lhe vida. Para combinar com a tal bancada de carvalho escuro, Louise teria optado por um armário branco rústico, pintado à mão e no qual se notassem as pinceladas, o que daria algum relevo à superfície.

Fechou a mão em torno de um dos grandes copos de vinho. Um presente de casamento dos pais de Erik. Copos de vidro soprado à mão, claro. Na boda, Louise tinha sido submetida a uma palestra interminável pela mãe de Erik sobre a pequena mas exclusiva fábrica de vidro artesanal na Dinamarca, onde os copos, caríssimos, tinham sido especialmente encomendados.

Algo estalou dentro dela e a mão abriu-se como que por vontade própria. O copo quebrou-se em mil pedaços ao atingir o chão de seixos negros. O chão da cozinha também viera de Itália, claro. Era uma das muitas coisas que Erik tinha em comum com os pais: tudo o que fosse sueco nunca era suficientemente bom. Quanto mais longe a proveniência de algo, melhor. Desde que não viesse de Taiwan. Louise deu uma risada de desdém, pegou noutro copo e calcou os cacos no chão com os chinelos. Depois foi direita à embalagem de vinho sobre a bancada. Erik estava sempre a ridicularizar aquelas embalagens. Para o marido, o único vinho aceitável vinha em garrafas e custava centenas de coroas. Nunca sonharia em manchar as papilas gustativas com vinho cujas embalagens custavam duzentas coroas⁶. Às vezes, por maldade pura, Louise enchia-lhe o copo com o seu vinho, em vez das requintadas variedades francesas ou sul-africanas, que eram sempre acompanhadas por prolixos discursos sobre as suas características particulares. Por estranho que parecesse, o vinho barato dela parecia possuir exatamente as mesmas qualidades, uma vez que Erik nunca notava a diferença.

Aquelas pequenas vinganças tornavam a vida de Louise suportável — eram a única maneira de conseguir ignorar o facto de Erik estar constantemente a tentar virar as filhas contra ela, de a tratar como merda e de andar a foder a porra de uma cabeleireira.

Louise pôs o copo sob a torneira da embalagem de vinho e encheu-o até a

borda. E depois ergueu o copo num brinde para o próprio reflexo, visível na porta de aço inoxidável do frigorífico.

Erica não conseguia parar de pensar nas cartas. Deambulou pela casa durante algum tempo, até que uma dor nos rins a obrigou a sentar-se à mesa da cozinha. Pegou um bloco de notas e numa esferográfica que estavam em cima da mesa e começou apressadamente a anotar tudo o que conseguia recordar das cartas que vira em casa de Christian. Tinha boa memória para textos, de modo que tinha quase a certeza de conseguir recriar o que as cartas diziam.

Leu várias vezes o que tinha escrito e, a cada leitura, as frases curtas pareciam soar cada vez mais ameaçadoras. Quem teria motivos para sentir tanta raiva de Christian? Erica abanou a cabeça. Era impossível dizer ao certo se fora uma mulher ou um homem a escrevê-las. Mas havia qualquer coisa no tom e no modo de expressar as opiniões que a fez pensar que estava a ler o ódio de uma mulher, não de um homem.

Hesitante, estendeu a mão para o telefone, mas afastou-a imediatamente. Talvez fosse uma ideia disparatada. Mas, depois de reler as palavras que anotara no bloco, pegou no telefone e marcou um número de celular que sabia de cor.

— Fala Gaby — disse a diretora editorial, atendendo ao primeiro toque.

— Olá. Sou eu, Erica.

— Erica! — a voz estridente de Gaby subiu mais uma oitava, o que levou Erica a afastar o telefone do ouvido. — Como estás, minha querida? Os bebês ainda não nasceram? Sabes que normalmente os gémeos chegam antes do tempo, não sabes? — parecia que Gaby estava a correr.

— Não, ainda não nasceram — disse Erica, tentando conter a irritação. Não percebia porque é que toda a gente estava sempre a dizer-lhe que os gémeos costumavam nascer antes do tempo. Se fosse esse o caso, não tardaria a sabê-lo. — Estou a ligar-te por causa de Christian.

— Oh, como é que ele está? — perguntou Gaby. — Tentei telefonar-lhe várias vezes, mas a mulherzinha dele disse-me que não estava em casa, embora eu não tenha acreditado nem um bocadinho nisso. Foi mesmo horrível vê-lo a perder os sentidos. Amanhã tem a primeira sessão de autógrafos e devíamos avisar as pessoas quanto antes se tivermos de cancelá-la, o que seria extremamente desagradável.

— Fui vê-lo hoje de manhã e tenho a certeza de que vai conseguir estar presente, não te preocupes — retorquiu Erica, preparando-se para abordar o motivo do telefonema. Respirou tão fundo quanto os seus pulmões altamente contraídos lhe permitiam e disse: — Tenho de falar contigo sobre um assunto...

— Claro, força!

— Alguma vez recebeste alguma coisa na editora que possa ser motivo de preocupação para

Christian?

— Como assim?

— Bem, pensei que pudesses ter recebido alguma carta ou e-mail sobre Christian ou dirigidos a ele. Alguma mensagem ameaçadora?

— Uma mensagem ameaçadora?

Erica estava a começar a sentir-se como uma aluna a fazer queixa de um colega de turma, mas era tarde de mais para voltar atrás.

— Sim. É que há um ano e meio que Christian anda a receber cartas ameaçadoras, praticamente desde que começou a escrever o livro. E eu vi bem como anda perturbado, mesmo que se recuse a admiti-lo. Pensei que talvez também tivessem enviado alguma coisa para a editora.

— Até me custa a acreditar no que me estás a dizer, mas não, não vimos nada desse gênero. As cartas vêm assinadas? Christian sabe de quem são? — Gaby tropeçava nas palavras e o som dos saltos altos a bater no passeio cessara. A editora devia ter parado no meio da rua.

— As cartas são todas anônimas e julgo que Christian não faz a mais pequena ideia de quem as enviou. Mas tu sabes como ele é. Não sei se diria a alguém mesmo que soubesse. Se não fosse Sanna, nunca teria sabido de nada. Ou se Christian não tivesse desmaiado na quarta-feira, porque o cartão que acompanhava as flores que lhe enviaram parece ter sido escrito pelo autor das cartas.

— Isso é uma perfeita loucura! Será que está relacionado com o livro?

— Fiz a mesma pergunta a Christian. Mas ele respondeu-me com muita firmeza que ninguém seria capaz de reconhecer-se no que está escrito em A Sereia.

— Bem, é mesmo horrível. Se descobrires mais alguma coisa diz-me, está bem?

— Sim, vou tentar saber mais — respondeu Erica. — E, por favor, não digas a Christian que te contei o que quer que seja sobre este assunto.

— Claro que não. Isto fica entre nós. Vou estar atenta à correspondência dirigida a Christian. De certeza que vamos começar a receber umas coisas, agora que o livro já está à venda.

— Ah, é verdade, as críticas têm sido excelentes! — disse Erica para mudar de assunto.

— Sim, é simplesmente maravilhoso! — exclamou Gaby com tal entusiasmo que Erica teve novamente de afastar o telefone do ouvido. — Já ouvi o nome dele ser sugerido para o Agustpriset⁷. Já para não falar dos dez mil livros de capa dura que estão a caminho das livrarias neste preciso momento.

— Isso é incrível — disse Erica com o coração a saltar-lhe de orgulho no peito. Mais do que ninguém, sabia quanto custara a Christian concluir o manuscrito e estava tremendamente satisfeita por os esforços do amigo parecerem prestes a dar

frutos.

— Podes crer — chilreou Gaby. — Oha, minha querida, agora tenho de desligar, tenho de fazer uma chamada.

Algo na última observação de Gaby fez com que Erica se sentisse desconfortável. Devia ter refletido melhor sobre a situação antes de telefonar à editora. Não se devia ter deixado perturbar tanto com aquilo. Como para confirmar as suas dúvidas, um dos gémeos deu-lhe um pontapé nas costelas.

Era uma sensação tão estranha ser feliz. Anna tinha vindo gradualmente a aceitá-la e estava até a começar a habituar-se. Há muito tempo que não se sentia assim. Se é que isso alguma vez acontecera

— Dá-me a minha escova! — Belinda apareceu a correr atrás de Lisen, a filha mais nova de Dan, que se escondeu atrás de Anna aos gritos. Tinha uma escova da irmã mais velha na mão.

— Eu não te deixei usá-la! Devolve!

— Anna... — implorou Lisen, mas Anna fez com que a rapariga saísse do seu refúgio e a encarasse, pondo-lhe suavemente a mão no ombro. — Se levaste a escova de Belinda sem lha pedir, vais ter de devolvê-la.

— Estás a ver? Eu já te tinha dito! — atirou Belinda. Anna lançou-lhe um olhar de advertência.

— E tu, Belinda, tens mesmo de andar a perseguir a tua irmã pela casa toda? Belinda encolheu os ombros.

— A culpa é dela, ela é que anda a roubar as minhas coisas.

— Espera até o mano chegar — disse Lisen. — Vai dar-te cabo de tudo!

— Vou mudar-me daqui não tarda nada, por isso são as tuas coisas que ele vai destruir! — retorquiou Belinda, deitando-lhe a língua de fora.

— Então, Belinda, tens dezoito anos, não tens cinco — disse Anna, não conseguindo conter o riso. — E porque é que têm tanta certeza de que vai ser um menino?

— Porque a mamãe diz que, se alguém tem um traseiro tão grande como o teu, de certeza que vai ser um menino.

— Chiu! — disse Belinda, olhando para a irmã, que não conseguia perceber o que dissera de mal. — Desculpa — acrescentou.

— Não faz mal — retorquiou Anna com um sorriso, embora se tenha sentido um pouco ofendida. Com que então, a ex-mulher de Dan achava que ela tinha um grande traseiro. Mas nem mesmo aquela observação — e Anna tinha de admitir que, bem vistas as coisas, tinha algum fundo de verdade — poderia esbater o seu bom humor. Tinha ido ao inferno e voltado; não era exagero. E os filhos também. Apesar de tudo o que tinham passado, Emma e Adrian eram agora duas crianças muito confiantes e felizes. As vezes, Anna mal podia acreditar que aquilo fosse verdade.

— VAI TE PORTAR BEM QUANDO OS NOSSOS CONVIDADOS CHEGAREM, NÃO VAIS? — PERGUNTOU A MÃE, LANÇANDO-LHE UM OLHAR SOLENE.

ELE ASSENTIU. NUNCA SONHARIA PORTAR-SE MAL E ENVERGONHAR A MÃE. SÓ QUERIA AGRADAR-LHE PARA QUE O CONTINUASSE A AMAR.

A CAMPAINHA TOCOU E A MÃE LEVANTOU-SE ABRUPTAMENTE.

— CHEGARAM! — OUVIU A EXPECTATIVA NA VOZ DELA, UM TOM QUE O INQUIETAVA. ÀS VEZES, A MÃE TRANSFORMAVA-SE NOUTRA PESSOA QUANDO ELE OUVIA O BARULHINHO DA CAMPAINHA A VIBRAR ENTRE AS PAREDES DO QUARTO DELA. MAS TALVEZ ISSO NÃO ACONTECESSE DESSA VEZ.

— POSSO GUARDAR O SEU CASACO? — OUVIU O PAI A PERGUNTAR DO VESTÍBULO NO TÉRREO, POR ENTRE O MURMÚRIO DOS CONVIDADOS.

— VAI ANDANDO. DAQUI A POUCO JÁ VOU LÁ TER — A MÃE FEZ UM GESTO NA SUA DIREÇÃO E ELE RESPIROU O CHEIRO DO SEU PERFUME. A MÃE SENTOU-SE FRENTE AO TOUCADOR PARA COMPOR O CABELO E DAR OS ÚLTIMOS RETOQUES NA MAQUILHAGEM, AO MESMO TEMPO QUE CONTEMPLAVA A SUA IMAGEM AO ESPELHO. FICOU ONDE ESTAVA, OLHANDO-A COM FASCINAÇÃO. UM SULCO DESPONTOU-LHE ENTRE AS SOBRANCELHAS QUANDO OS OLHOS DE AMBOS SE ENCONTRARAM NO ESPELHO.

— NÃO TE MANDEI IR LÁ PARA BAIXO? — DISSE RISPIDAMENTE. SENTIU A ESCURIDÃO A APODERAR-SE DELE POR UM MOMENTO.

ENVERGONHADO, BAIXOU A CABEÇA E DIRIGIU-SE PARA O MURMÚRIO DE VOZES NO VESTÍBULO. IA PORTAR-SE BEM. A MÃE NÃO TERIA MOTIVOS PARA ENVERGONHAR-SE DELE.



O AR FRIO ARRANHAVA-LHE A GARGANTA. Adorava aquela sensação. Toda a gente achava que era louco por se pôr a correr em pleno inverno, mas preferia fazer os seus quilômetros com aquele tempo gelado do que correr no meio do calor opressivo do verão. E, aos fins de semana, fazia questão de fazer o percurso duas vezes.

Kenneth lançou um rápido olhar ao relógio de pulso. Registava tudo o que precisava de saber para tirar o máximo partido da corrida. Media a pulsação, contava as passadas e até mantinha o registro da última sessão.

Agora, o objetivo era correr na Maratona de Estocolmo. Já tinha participado duas vezes na competição, assim como na Maratona de Copenhagen. Há vinte anos que corria e, se lhe fosse permitido escolher, preferiria morrer em plena corrida, daí a vinte ou trinta anos. Porque o que sentia quando corria, quando os pés voavam sobre a terra — batendo ritmicamente a uma passada constante, parecendo fundir-se com a batida do coração, no final —, era inigualável. Mesmo a fadiga, a sensação de dormência nas pernas quando o ácido láctico se acumulava, era algo que aprendera a apreciar cada vez mais ao longo dos anos. Sentia-se vivo quando corria. Não conseguia descrevê-lo de outra forma.

À medida que se aproximava de casa, começou a abrandar o ritmo. Quando chegou à entrada, correu no mesmo sítio por alguns momentos e depois segurou-se ao corrimão para estirar os músculos das coxas. A respiração formava uma nuvem branca de cristais de gelo e Kenneth sentia-se forte e limpo, depois de correr quase vinte quilômetros a um ritmo relativamente rápido.

— És tu, Kenneth? — disse a voz de Lisbet do quarto de visitas quando a porta da frente se fechou atrás dele.

— Sim, sou eu, meu amor. Vou só tomar um duche rápido e depois já vou ter contigo.

Kenneth abriu a torneira até a água ficar bem quente e depois pôs-se sob o jato do chuveiro, penetrante como agulhas. Aquela talvez fosse a melhor sensação de todas. Sabia tão bem que era com grande custo que desligava a água. Tiritou quando saiu do chuveiro. Comparada com a cabina de duche, a casa de banho parecia um iglu.

— Podes trazer-me o jornal?

— Claro, meu amor.

Jeans, camiseta e camisa. Estava pronto. Enfiou os pés descalços nos Crocs que comprara no verão e foi até a caixa de correio. Quando pegou no jornal, reparou que havia um envelope branco no fundo. Devia ter-lhe escapado no dia anterior. O estômago revolveu-se ao ver o seu nome escrito a preto. Não, outra não!

Mal regressou a casa, rasgou o envelope e extraiu o cartão que continha. Parado no vestíbulo, Kenneth leu o cartão. A mensagem era breve e estranha.

Voltou o cartão para ver se havia alguma coisa no verso. Mas não havia. A mensagem resumia-se a uma única frase enigmática:

«Em que é que andas a meter-te, Kenneth?»

Rapidamente, voltou a enfiar a nota no envelope.

— Estava só a ver uma coisa. Vou a caminho.

Kenneth dirigiu-se à porta com o jornal na mão. O cartão branco escrito em caligrafia elegante parecia queimar-lhe a pele através do bolso de trás das calças.

Aquilo era como uma droga. Sanna tinha-se tornado dependente do enorme prazer que lhe dava consultar o e-mail do marido, revistar-lhe os bolsos e verificar sub-repticiamente a fatura do celular. Sempre que não encontrava nada, sentia todo o corpo a relaxar. Mas isso não durava muito tempo. A ansiedade não tardava a apoderar-se novamente dela e o corpo ficava outra vez tenso. Depois, todos os argumentos lógicos que faziam com que se contivesse cessavam. Então, Sanna sentava-se de novo em frente ao computador. Introduzia o endereço de e-mail e a palavra-chave de Christian, que tinha sido fácil de descobrir. O marido utilizava sempre a mesma. A data de nascimento, para nunca se esquecer.

Na verdade, não havia qualquer motivo para aquele mal-estar que lhe dilacerava constantemente o coração e lhe arrepanhava as entranhas até o ponto de só lhe apetecer gritar. Christian nunca tinha feito nada que a fizesse desconfiar dele. Há anos que vigiava a correspondência do marido, mas nunca tinha encontrado o mais pequeno vestígio de algo suspeito. Christian era um livro aberto. Porém... Às vezes tinha a sensação de que o marido estava noutro lugar completamente diferente, um lugar ao qual o acesso lhe era negado. E porque lhe contara tão pouco sobre o seu passado? Dissera-lhe que os pais tinham morrido há muito tempo e nunca tinha tido ocasião de conhecer nenhum dos outros parentes do marido, embora fosse quase certo que existisse algum. Christian também não parecia ter quaisquer amigos de infância e nunca era contactado por nenhum velho conhecido. Era quase como se não tivesse existido até se ter mudado para Fjällbacka. Sanna nem sequer tinha visto o apartamento dele em Gotemburgo, quando se conheceram. Christian tinha lá ido sozinho com a carrinha de mudanças para recolher os seus parcos pertences.

Sanna correu os olhos pelas mensagens na caixa de entrada de Christian. Um par de e-mails da editora, vários jornais a pedirem entrevistas, algumas informações municipais, que recebia por causa do seu trabalho na biblioteca. Nada mais.

A sensação de alívio foi tão gloriosa como sempre quando encerrava a conta de e-mail de Christian. Antes de desligar o computador, Sanna fez uma pesquisa de rotina ao histórico de navegação, mas não havia nada de anormal. Christian tinha consultado os sites dos jornais Expressen⁸ e Aftonbladet, assim como a página da editora. Também dera uma vista de olhos a uma loja online, em busca de uma nova cadeira de criança para o carro.

Mas ainda havia a questão das cartas. Christian insistira que não sabia quem lhe enviara as mensagens enigmáticas. No entanto, havia algo no seu tom de voz que contradizia aquela afirmação. Sanna não conseguia perceber ao certo o que era, mas aquilo estava a dar com ela em doida. Que lhe estaria Christian a esconder? Quem enviara as cartas? Teria sido uma mulher que fora sua amante? Ou uma amante

atual?

Sanna abria e fechava os punhos, forçando-se a respirar calmamente. A sensação temporária de alívio já tinha desaparecido, pelo que, em vão, tentou convencer-se de que tudo estava perfeitamente normal. Segurança. Era só o que desejava. Só queria saber que Christian a amava.

Mas, no fundo, Sanna sabia que Christian nunca lhe pertencera. Que estivera sempre à procura de outra coisa, de outra pessoa, durante todos aqueles anos passados em comum. Sabia que o marido nunca a tinha amado. Que nunca a amara de verdade. E que um dia encontraria a pessoa com quem queria estar, aquela que verdadeiramente amava, e então ficaria completamente sozinha.

Sentada na cadeira, Sanna abraçou o próprio corpo por um momento. Depois levantou-se. A fatura do celular de Christian tinha chegado no dia anterior. Bastar-lhe-ia um minuto para inspecioná-la.

Erica andava sem rumo pela casa. Aquela espera interminável estava a enlouquecê-la. Tinha acabado de escrever o último livro, mas não tinha forças para começar um novo projeto. E não conseguia fazer muito em casa sem que as costas e as articulações protestassem. Passava o tempo a ler ou a ver televisão. Ou então fazia o que estava a fazer nesse momento — vagueava pela casa por pura frustração. Pelo menos era sábado e Patrik estava em casa. Tinha saído com Maja para um passeio curto, de modo a que a filha pudesse apanhar um pouco de ar fresco. Erica contava os minutos para o seu regresso.

Quando a campainha tocou, Erica sobressaltou-se. Antes que conseguisse responder, a porta foi aberta e Anna entrou para o vestíbulo.

— Também estás quase a ficar louca? — perguntou, tirando o lenço e despiando o casaco.

— Como é que adivinhaste? — disse Erica, sentindo-se imediatamente muito mais alegre. As irmãs foram para a cozinha e Anna pousou um saco fumegante sobre o balcão.

— Pãezinhos acabados de sair do forno. Feitos por Belinda.

— A sério? — perguntou Erica, tentando imaginar a enteada mais velha de Anna de avental e a amassar com as unhas pintadas de preto.

— Está apaixonada — disse Anna, como se aquilo explicasse tudo. E, na verdade, explicava.

— Bem, não lembro de isso alguma vez ter tido esse efeito em mim — disse Erica, colocando os pães num prato.

— Parece que ele lhe disse ontem que gosta de raparigas do tipo doméstico — Anna ergueu uma sobrancelha e lançou um olhar cúmplice à irmã.

— A sério?

Anna deu uma gargalhada e pegou num pão.

— Pronto, tem calma, também não precisas de ir a casa dele dar-lhe uma tarefa. Já conheci o rapaz e, acredita no que te digo, daqui a uma semana, Belinda vai estar tão farta dele que vai voltar para aqueles falhados vestidos de preto com quem se dá, aqueles miúdos que tocam em bandas de rock obscuras e se estão marimbando se ela é ou não do tipo doméstico.

— Esperemos que sim. Bem, estes pães não são nada maus — Erica fechou os olhos enquanto mastigava. No seu estado atual, pãezinhos acabados de sair do forno eram o mais parecido com um orgasmo que podia experimentar.

— Bem, a única vantagem que temos é podermos encher-nos com os pãezinhos que nos apeteça — disse Anna, dando uma dentada no seu segundo pão.

— Claro, mas vamos ter de pagar por isto mais tarde — respondeu Erica, embora não conseguisse evitar seguir o exemplo da irmã, pegando noutro pão. Belinda parecia ter realmente um talento natural para a panificação.

— Com gémeos, não tardas a perder todo esse peso e mais algum! — disse Anna, dando nova gargalhada.

— É o mais certo — Erica deu por si a pensar noutra coisa e a irmã pareceu adivinhar o que era.

— Não te preocupes. Vai correr tudo bem. Além disso, desta vez não estás sozinha. Tens a mim para companhia. Podemos pôr duas poltronas lado a lado à frente do televisor e ver a Oprah enquanto tomamos conta dos bebês o dia inteiro.

— E podemos revezar-nos para pedir comida feita para o jantar quando os nossos maridos voltarem para casa.

— Claro. Vais ver. Vai ser o máximo — Anna lambeu os dedos e recostou-se com um gemido. — Ai, acho que comi de mais — disse, apoiando os pés inchados na cadeira ao seu lado e cruzando as mãos sobre a barriga. — Já falaste com Christian?

— Sim. Estive em casa dele na quinta-feira. Erica fez como Anna e também apoiou os pés numa cadeira. Só restava um pãozinho no prato e estava praticamente a gritar a Erica para que o comesse. Depois de uma breve batalha, estendeu a mão e pegou nele.

— Então, o que aconteceu?

Erica hesitou por um momento, mas não estava habituada a ter segredos para a irmã, pelo que acabou por contar-lhe tudo sobre as cartas e o tom ameaçador com que tinham sido escritas.

— Ena, isso é horrível — disse Anna, abanando a cabeça. — Acho estranho que Christian tenha começado a recebê-las antes de o livro ter sido publicado. Teria parecido mais lógico se as cartas tivessem começado a chegar depois de ele ter atraído a atenção dos média. Quer dizer, parecem ter sido enviadas por alguém que não tem os parafusos todos.

— Concorde. Realmente parece. Christian recusa-se a levá-las a sério. Pelo menos foi o que me disse. Mas eu percebi que Sanna estava perturbada.

— Acredito — disse Anna, lambendo o dedo indicador para poder pescar os grãos de açúcar que ficaram no prato.

— Hoje é a primeira sessão de autógrafos de Christian — disse Erica, incapaz de esconder o orgulho. Em muitos aspetos, sentia que tinha contribuído para o sucesso de Christian e, através do amigo, estava a reviver a própria estreia como autora. Aquela primeira sessão de autógrafos. Que grande acontecimento. Um acontecimento daqueles.

— Isso é ótimo. Onde é que vai ser?

— Primeiro na livraria Böcker och Blad, em Torp, e depois na Bokia, em Uddevalla.

— Espero que apareça alguém. Seria deprimente se ele tivesse de ficar para ali sozinho — comentou

Anna.

Erica fez uma careta ao pensar novamente na sua primeira sessão de autógrafos, numa livraria em Estocolmo. Esteve lá uma hora inteira, tentando parecer despreocupada enquanto todos os clientes passavam por ela como se não existisse.

— O livro tem tido muita publicidade, por isso tenho a certeza de que vai aparecer gente... nem que seja por mera curiosidade — retorquiou Erica, na esperança de estar certa.

— Bem, é uma sorte os jornais não terem sabido dessas cartas ameaçadoras — disse Anna.

— Podes crer — respondeu Erica, mudando logo de assunto. Mas a sensação desconfortável que sentia no peito recusava-se a deixá-la.

IAM DE FÉRIAS E ELE MAL PODIA ESPERAR. NÃO SABIA AO CERTO O QUE AQUILO IMPLICAVA, MAS A PALAVRA SOAVA TÃO PROMISSORA. FÉRIAS. E IAM NA CARAVANA QUE ESTAVA ESTACIONADA À PORTA DE CASA.

NUNCA LHE TINHAM DADO AUTORIZAÇÃO PARA BRINCAR DENTRO DELA. TINHA TENTADO ESPREITAR PELAS JANELAS ALGUMAS VEZES, PARA VER O QUE ESTAVA POR DETRÁS DAS CORTINAS CASTANHAS. MAS NUNCA CONSEGUIRA VER NADA E A CARAVANA ESTAVA SEMPRE TRANCADA. AGORA, A PORTA ESTAVA

ABERTA, DE MODO A «AREJÁ-LA COMO DEVE SER», COMO A MÃE TINHA DITO, E UM MONTE DE ALMOFADAS TINHA SIDO ENFIADO NA MÁQUINA DE LAVAR PARA LHES TIRAR O CHEIRO DO INVERNO.

ERA TUDO TÃO IRREAL, COMO UMA AVENTURA DE CONTO DE FADAS. PERGUNTOU A SI PRÓPRIO SE O

DEIXARIAM IR NA CARAVANA DURANTE O PERCURSO, COMO SE VIAJASSE NUMA PEQUENA CASA SOBRE RODAS, DIRIGINDO-SE PARA ALGO NOVO E DESCONHECIDO. MAS NÃO SE ATREVIA A PERGUNTAR. A MÃE ANDAVA MAL-HUMORADA NOS ÚLTIMOS DIAS. AQUELE TOM RÍSPIDO E FERÓZ TRANSPARECIA CLARAMENTE NA SUA VOZ E O PAI FAZIA CAMINHADAS CADA VEZ COM MAIS FREQUÊNCIA, SEMPRE QUE NÃO SE ESCONDIA POR DETRÁS DO SEU JORNAL.

ÀS VEZES REPARAVA QUE A MÃE O FITAVA DE MODO ESTRANHO. HAVIA QUALQUER COISA DIFERENTE NO SEU OLHAR E ISSO ASSUSTAVA-O, A PONTO DE O TRANSPORTAR DE VOLTA À ESCURIDÃO QUE TINHA DEIXADO PARA TRÁS.

— VAIS FICAR PARA AÍ ESPECADO OU VAIS AJUDAR-ME? — A MÃE TINHA AS MÃOS NOS QUADROS.

TEVE UM SOBRESSALTO QUANDO OUVIU NOVAMENTE AQUELE TOM ÁSPERO E DE CORREU NA SUA DIREÇÃO.

— TOMA, METE-OS NA MÁQUINA DE LAVAR — DISSE A MÃE, ATIRANDO-LHE ALGUNS COBERTORES MALCHEIROSOS COM TANTA FORÇA QUE ELE QUASE PERDEU O EQUILÍBRIO.

— SIM, MÃE — DISSE, CORRENDO PARA DENTRO DE CASA.

SE AO MENOS SOUBESSE ONDE É QUE TINHA ERRADO. OBEDECIA SEMPRE À MÃE. NUNCA LHE RESPONDIA, PORTAVA-SE COMO DEVIA SER E NUNCA SUJAVA A ROUPA. NO ENTANTO, ERA COMO SE, ÀS VEZES, A

MÃE NÃO SUPORTASSE OLHAR PARA ELE.

TINHA PERGUNTADO AO PAI. ENCHERA-SE DE CORAGEM NUMA DAS POUCAS OCASIÕES EM QUE ESTAVAM SOZINHOS E PERGUNTOLHE PORQUE É QUE A MÃE JÁ NÃO GOSTAVA DELE. POR UM MOMENTO, O PAI PUSERA DE LADO O JORNAL PARA RESPONDER SECAMENTE QUE ELE ESTAVA A SER TOLO E QUE NUNCA MAIS QUERIA OUVIR NADA DO GÊNERO. A MÃE IA FICAR MUITO TRISTE SE ALGUMA VEZ OUVISSE AQUILO. DEVIA ESTAR GRATO POR TER UMA MÃE COMO ELA.

NÃO FEZ MAIS PERGUNTAS. TUDO MENOS ENTRISTECER A MÃE. SÓ QUERIA QUE ELA FOSSE FELIZ, QUE LHE ACARICIASSE O CABELO COMO ERA COSTUME E QUE LHE DISSESSE QUE ELE ERA O SEU MENINO LINDO.

NADA MAIS.

PÔS OS COBERTORES NA FRENTE DA MAQUINA DE LAVAR E AFASTOU TODOS OS PENSAMENTOS NEGROS E SOMBRIOS.

IRIAM SAIR DE FERIAS. NO TRAILER.



CHRISTIAN TAMBORILAVA com a caneta no tampo da pequena mesa à sua frente. Ao lado havia uma grande pilha de exemplares de A Sereia. Não se cansava de olhar para o livro. Parecia tão irreal que o seu nome aparecesse na capa. Na capa de um livro de verdade.

Ainda não havia grande procura e Christian não achava que alguma vez viesse a haver. Só autores como Liza Marklund e Jan Guillou⁹ é que atraíam grandes multidões. Christian estava perfeitamente feliz com os cinco exemplares que tinha assinado até o momento.

Porém, tinha de admitir que se sentia um pouco perdido, ali sentado. As pessoas passavam apressadamente por ele, lançando-lhe olhares curiosos, mas não paravam. Christian não sabia ao certo se devia dizer «olá» quando as sentia a olhar para ele ou apenas fingir que estava ocupado com outra coisa.

Gunnel, a proprietária da livraria, veio em seu auxílio. Aproximou-se e apontou para a pilha de livros.

— Importa-se de autografar alguns? É muito bom ter exemplares autografados para vender mais tarde.

— Claro. Quantos quer? — perguntou Christian, satisfeito por ter algo que fazer.

— Hum... Talvez uns dez — respondeu Gunnel, ajeitando a pilha, que ficara um pouco torta.

— É para já.

— Fizemos muita publicidade à sessão de autógrafos — disse Gunnel.

— Não duvido — disse-lhe Christian com um sorriso. Percebia que Gunnel temia que ele pensasse que a fraca afluência pudesse ser atribuída a falta de publicidade ao evento por parte da livraria. — Não sou propriamente um autor de peso, portanto, as minhas expectativas não eram muito altas.

— Pelo menos vendemos alguns exemplares — disse gentilmente Gunnel, voltando para a caixa. Christian pegou num livro, desenroscou a tampa da caneta e começou a assiná-lo. Pelo canto do olho, reparou que alguém estava parado à frente da mesa. Quando olhou para cima, deparou-se com um enorme microfone amarelo quase encostado ao rosto.

— Estamos na livraria onde Christian Thydell está a autografar o seu primeiro romance, A Sereia. Christian é notícia de primeira página nos jornais de hoje. Diga-me, está muito preocupado com as ameaças que lhe foram dirigidas? A polícia já está a investigar a situação?

O jornalista ainda não se tinha apresentado; porém, a julgar pelo rótulo no microfone, era da estação de rádio local. Olhava para Christian com uma expressão de urgência no rosto.

A mente de Christian ficou em branco.

— Notícia de primeira página? — perguntou.

— Sim, na capa do GT10. Ainda não viu? — o jornalista não esperou que Christian respondesse, limitando-se a repetir a pergunta que formulara inicialmente: — Está preocupado com as ameaças? Conta com proteção especial por parte da polícia?

O jornalista olhou em redor da livraria mas, em seguida, virou-se para Christian, que empunhava a caneta por cima do livro que estivera prestes a assinar.

— Não sei como é que... — balbuciou.

— Mas é verdade, não é? Recebeu ameaças enquanto estava a escrever o livro e desmaiou na quarta-feira, quando lhe foi entregue outra carta na noite do lançamento, não foi?

— Bem, sim, quer dizer... — respondeu Christian, sentindo-se a ficar com falta de ar.

— Sabe quem lhe enviou as ameaças? A polícia sabe? — o microfone estava novamente apenas a cerca de um centímetro da boca de Christian, que teve de conter-se para não o empurrar para longe. Não queria responder àquelas perguntas. Não fazia ideia de como a imprensa tinha descoberto aquilo tudo. Pensou na carta que tinha no bolso do casaco. A carta que tinha recebido no dia anterior e que

consequira retirar da pilha de correspondência antes de Sanna a descobrir.

Em pânico, procurou uma maneira de escapar. O olhar cruzou-se com o de Gunnel, que pareceu perceber imediatamente que algo não estava bem. A mulher aproximou-se deles e perguntou:

— Que se passa?

— Estou a fazer uma entrevista — respondeu o jornalista.

— Já perguntou a Christian se ele quer ser entrevistado? — Gunnel olhou para o escritor, que abanou a cabeça. — Christian não está interessado — Gunnel fitou o jornalista, que entretanto baixara o microfone. — Além disso, está ocupado. Está a autografar livros para a nossa livraria. Por isso vou pedir-lhe para o deixar em paz.

— Sim, mas... — começou a dizer o repórter. Mas depois calou-se, premiu um dos botões do equipamento de gravação e disse: — Não conseguimos entrevistar Christian Thydell porque...

— Desapareça! — atirou Gunnel, e Christian não pôde deixar de sorrir.

— Obrigado — disse o escritor depois de o jornalista ter saído.

— Que foi aquilo? Parecia muito determinado.

A sensação de alívio por o jornalista se ter ido embora esfumou-se e Christian engoliu em seco antes de dizer:

— O tipo disse que o meu nome vem na capa do GT. Recebi algumas cartas ameaçadoras e, ao que parece, a imprensa já está a par de tudo.

— Valha-me Deus! — Gunnel parecia ter ficado incomodada e depois preocupada. — Quer que vá comprar o GT para poder ver o que escreveram sobre si?

— Não se importa? — perguntou Christian com o coração a martelar-lhe o peito.

— Claro. Volto já — Gunnel deu-lhe uma palmadinha reconfortante no ombro e saiu.

Christian ficou imóvel por um momento, olhando o vazio. Depois pegou na caneta e começou a autografar os livros, como Gunnel lhe pedira. Passado algum tempo, percebeu que precisava de ir à casa de banho. Como os clientes continuavam a não se dirigirem à sua mesa, achou que uma breve ausência não seria notada.

Passou apressadamente pela sala de descanso dos funcionários, nas traseiras da livraria. Poucos minutos depois, estava de regresso ao seu posto. Sentou-se à mesa. Gunnel ainda não tinha voltado com o jornal e Christian preparou-se para o que estava para vir.

Pegou novamente na caneta, mas então olhou com surpresa para os livros que tinha de autografar. Tinha-os deixado assim? Alguma coisa mudara, não estavam dispostos da mesma forma quando tinha corrido para a casa de banho, por isso

pensou que, entretanto, talvez alguém tivesse tido a oportunidade de roubar um exemplar. No entanto, a pilha não parecia mais pequena, pelo que decidiu que estava a imaginar coisas. Pegou no exemplar no topo da pilha e abriu-o, preparando-se para escrever uma mensagem para o leitor.

A página já não estava em branco. E a caligrafia era demasiado familiar. Ela tinha ali estado. Gunnel aproximava-se com o jornal e Christian viu uma grande fotografia de si mesmo na primeira página. Sabia o que o artigo dizia. O passado estava prestes a alcançá-lo. Ela nunca ia desistir.

— Santo Deus! Fazes ideia de quanto gastaste da última vez que estiveste em Gotemburgo? — Erik tinha o extrato do cartão de crédito na mão e olhava fixamente para os números.

— Devo ter gasto umas dez mil coroas¹¹ — disse Louise, continuando calmamente a pintar as unhas.

— Dez mil! Como é possível gastar dez mil coroas numa ida às compras? — Erik abanou o extrato no ar e depois atirou-o para cima da mesa da cozinha à sua frente.

— Se tivesse comprado a mala que queria teria gasto umas trinta mil — disse Louise, estudando com satisfação o cor-de-rosa das unhas.

— Estás completamente louca! — Erik voltou a pegar o extrato e fitou-o, como se o simples poder do pensamento conseguisse alterar a quantia em dívida.

— Estás a sugerir que não temos posses suficientes? — perguntou a mulher, olhando-o com um sorriso malicioso nos lábios.

— A questão não é termos posses ou não. É o fato de eu trabalhar o dia inteiro para ganhar dinheiro que tu depois esbanjas em... compras bobas.

— Ah, okay. Quer dizer que eu não faço nada aqui em casa durante o dia — disse Louise, levantando-se ao mesmo tempo que abanava as mãos para fazer com que o verniz secasse mais depressa. — Limito-me a ficar para aqui sentada a comer doces e a ver telenovelas o dia todo. E tu é que tens criado as meninas sozinho, sem qualquer ajuda da minha parte, não é? Mudaste as fraldas, dás de comer, dás banho, levá-las aonde é preciso e mantiveste sempre a casa limpa e arrumada estes anos todos. É isso que estás a dizer? — Louise saiu repentinamente da cozinha sem sequer se dignar a olhar para o marido.

Já tinham tido aquela discussão centenas de vezes. E sem dúvida que a teriam muitas mais, se nada de drástico acontecesse. Eram como dois bailarinos bem ensaiados que sabiam todos os passos e os executavam com uma elegância perfeita.

— Esta foi uma das descobertas que fiz em Gotemburgo. É bonito, não é? — Louise tinha regressado e segurava num casaco de peles que tinha tirado de um cabide do vestíbulo. — Estava em saldo. Custou apenas quatro mil coroas — acrescentou. Ergueu o casaco, voltou a pendurá-lo onde estava e subiu as escadas.

Provavelmente, nenhum dos dois ia ganhar aquele assalto. Eram adversários iguais e todas as discussões que tinham tido ao longo dos anos terminaram em empate. Por irônico que pareça, talvez fosse preferível um deles ser mais fraco do que o outro. Assim, aquele casamento infeliz já teria terminado há muito.

— Vou mandar cancelar o teu cartão de crédito! — gritou Erik do vão das escadas. As filhas estavam em casa de uma amiga, pelo que não havia necessidade de falar baixo.

— Enquanto continuares a gastar dinheiro com as tuas amantes, não vais fazer absolutamente nada com o meu cartão. Ou julgas que és o único a controlar os movimentos dos cartões de crédito?

Erik praguejou. Sabia que devia ter alterado a morada para onde era enviada a correspondência, para passar a receber os extratos no escritório. Não podia negar que era um homem generoso quando se tratava de alguém que tivesse a alegria e a honra de dormir com ele. Praguejou novamente e calçou os sapatos, consciente de que Louise ganhara aquele assalto. E a mulher também o sabia.

— Vou sair para comprar o jornal — gritou, batendo com a porta atrás de si.

A gravilha voou em todas as direções quando se afastou a acelerar no BMW e a pulsação só começou a normalizar quando se estava a aproximar do centro da cidade. Devia ter sido mais inteligente e exigido um acordo pré-nupcial. Assim, Louise não passaria agora de uma má recordação. Mas naquele tempo eram estudantes com pouco dinheiro e, quando Erik trouxera o assunto à baila, há alguns anos, Louise tinha-se limitado a rir-se na cara dele. Agora, recusava-se a deixá-la ir-se embora com metade de tudo o que tinha acumulado, com o que se tinha esforçado para construir, trabalhando como um escravo. Nunca! Deu um soco no volante, mas acalmou-se quando virou para o parque de estacionamento do supermercado Konsum.

Era Louise quem se encarregava de ir ao supermercado, por isso, Erik passou rapidamente pelas prateleiras repletas de alimentos. Enquanto se dirigia ao expositor de jornais, que ficava perto das caixas, estacou abruptamente. Os títulos a negro, em letras garrafais, clamavam: Christian Thydell ameaçado de morte! E, por baixo, em letras mais pequenas: Nova estrela literária desmaia durante festa de lançamento do livro depois de receber carta ameaçadora.

Erik teve de obrigar os pés a moverem-se. Era como se estivesse a tentar atravessar águas profundas. Pegou num exemplar do GT e, com os dedos trémulos, folheou o jornal até encontrar a página certa. Quando acabou de ler o artigo, precipitou-se para a saída. Não tinha pago o jornal e, algures ao longe, ouviu os gritos do funcionário. Mas continuou a correr. Tinha de chegar a casa.

— Como é que os jornais descobriram isto?

Patrik e Maja tinham saído para comprar mantimentos. Patrik lançou um

exemplar do GT para cima da mesa à sua frente e continuou a guardar comida no frigorífico. Maja tinha trepado para uma cadeira da cozinha e estava entusiasmadíssima a ajudá-lo a esvaziar os sacos de compras.

— Bem... — foi tudo o que Erica conseguiu dizer.

Patrik deteve-se em plena tarefa de encher o frigorífico. Conhecia Erica suficientemente bem para decifrar o que aquelas reticências significavam.

— Que foi que fizeste, Erica? — Patrik tinha uma embalagem de margarina na mão e olhava-a nos olhos.

— Acho que devem ter sabido por minha causa.

— Como é que isso aconteceu? Com quem falaste?

Agora, até mesmo Maja estava consciente da tensão na cozinha. Sentou-se na cadeira, olhando fixamente para a mãe. Erica engoliu em seco e depois respondeu-lhe:

— Com Gaby.

— Gaby! — Patrik quase se engasgou. — Tu contaste a Gaby? Mais valia teres telefonado diretamente para a redação do GT.

— Nunca pensei que...

— Pois, acredito que não tenhas pensado. Que diz Christian de tudo isto? — perguntou Patrik, apontando para as manchetes em letras garrafais.

— Não sei — respondeu Erica. Sentiu as entranhas a revolverem-se só de pensar na reação de

Christian.

— Como polícia, tenho de dizer-te que isto foi o pior que podia ter acontecido. Este tipo de atenção não só serve de incitamento à pessoa que enviou as mensagens como incentiva outras a escreverem mais cartas ameaçadoras.

— Não grites comigo. Sei que fiz mal — Erica estava à beira das lágrimas. Chorava com facilidade, mesmo em circunstâncias normais, e as hormonas descontroladas por causa da gravidez não melhoravam a situação. — Não medi as consequências. Liguei a Gaby para descobrir se também tinham recebido cartas ameaçadoras na editora e percebi logo que tinha sido uma estupidez contar-lhe o que quer que fosse. Mas já era tarde demais.

Patrik passou um lenço de papel a Erica e depois abraçou-a, acariciando-lhe o cabelo e sussurrando-lhe ao ouvido:

— Não fiques triste, querida. Desculpa ter gritado contigo. Sei que não querias que isto acontecesse. Pronto... — Patrik embalou-a nos braços até Erica serenar.

— Nunca pensei que ela fosse...

— Eu sei, eu sei. Mas Gaby não é como tu. E tens de perceber que nem toda a gente pensa da mesma maneira — Patrik deu um passo atrás, mantendo-lhe as

mãos nos ombros, e olhou para ela.

Erica limpou os olhos ao lenço que Patrik lhe tinha dado.

— Que hei de fazer agora?

— Tens de falar com Christian. Pedir-lhe desculpa e explicar o que aconteceu.

— Mas eu não posso...

— Não discutas. É a única solução.

— Tens razão — disse Erica. — Mas olha que estou com um bocado de receio. E vou ter uma conversa muito séria com Gaby.

— Acima de tudo, tens de parar para pensar da próxima vez, antes de dizeres alguma coisa, e ter em conta com quem estás a falar. A principal prioridade de Gaby é a editora, tudo o resto está em segundo plano. É tão simples como isso.

— Sim, sim, eu sei. Não batas mais no ceguinho — disse Erica, olhando para o marido com irritação.

— Bem, não vamos pensar mais nisso por agora — disse Patrik, recomeçando a guardar as compras.

— Já conseguiste examinar as cartas mais pormenorizadamente?

— Não, ainda não tive qualquer hipótese — respondeu Patrik.

— Mas vais fazer isso agora, não vais? — insistiu Erica.

Patrik assentiu, começando a cortar os legumes para o jantar.

— Sim, claro que vou. Mas era mais fácil se Christian colaborasse. Assim podia também dar uma olhadela às outras cartas.

— Então fala com ele sobre isso. Talvez consigas persuadi-lo.

— Mas assim ele ia perceber que foste tu que me contaste das cartas.

— E eu já fiz com que pesegassem o nome dele num dos maiores jornais da Suécia, por isso é melhor teres cuidado, porque o mais certo é que Christian me esteja com um ódio de morte.

— Também não vale a pena exagerar.

— Se eu estivesse no lugar dele nunca mais falaria comigo.

— Para de ser tão dramática e pessimista — disse Patrik, erguendo Maja para a bancada para que pudesse ficar ali sentada a ver o que o pai estava a fazer. Maja adorava vê-lo a cozinhar e queria sempre «ajudar». — Vai a casa dele amanhã e explica-lhe o que aconteceu. Diz-lhe que nunca foi tua intenção que o assunto fosse revelado desta forma. Depois eu converso com ele e tento convencê-lo a colaborar conosco — Patrik deu a Maja uma rodela de pepino, que a menina começou imediatamente a roer com os seus poucos mas afiados dentes.

— Amanhã? Está bem? — disse Erica, suspirando.

— Sim, amanhã — disse Patrik, curvando-se para dar-lhe um beijo nos lábios.

Ludvig deu por si a lançar constantemente olhadelas para a linha lateral do campo de futebol. Aquilo não era o mesmo sem o pai.

Magnus tinha assistido a todas as sessões de treinos, independentemente do tempo que fizesse. Adoravam futebol. Fora o motivo pelo qual a amizade durara, apesar da determinação de Ludvig em libertar-se dos pais. Porque tinham realmente sido amigos, ele e o pai. Claro que brigavam de vez em quando, como todos os pais e filhos. Mas, apesar disso, tinham permanecido amigos.

Ludvig fechou os olhos e imaginou o pai. De jeans e camisa de lã com a palavra «Fjällbacka» escrita no peito, que usava frequentemente para mal dos pecados da mulher. As mãos enfiadas nos bolsos e os olhos fixos na bola. E em Ludvig. Mas Magnus nunca gritava com o filho — como os outros pais que apareciam nos treinos e nos jogos de futebol e que passavam o tempo a berrar de fora do campo: «Tens de recompor-te, Oscar!» Ou: «Porra, Danne, mexe-te!» Nunca ouvira nada disso do pai. Magnus apenas lhe dizia: «Boa, Ludvig!», «Grande passe!», «Mostra-lhes o que vales, Ludde!»

Pelo canto do olho, Ludvig viu que a bola estava prestes a ser-lhe passada e chutou-a automaticamente para a frente. Já não sentia qualquer alegria a jogar futebol. Mas continuava a dar o seu melhor, a correr com todas as suas forças e a esforçar-se para ganhar, apesar do frio do inverno. Podia facilmente ter atirado a toalha ao chão e desistido. Podia ter abandonado os treinos, mandando-os para o inferno, juntamente com a equipa. Ninguém o teria culpado, todos teriam compreendido. Exceto o pai. Desistir nunca fora uma opção para Magnus.

Por isso, ali estava Ludvig. Um elemento da equipe como os restantes. Mas faltava-lhe toda a alegria e o banco junto da linha lateral estava vazio. O pai já não estava entre eles. Ludvig sabia-o agora. O pai já não estava entre eles.

NÃO FORA AUTORIZADO A VIAJAR DENTRO DO TRAILER. E ESSE FOI APENAS O PRIMEIRO DE MUITOS DESAPONTAMENTOS DURANTE O A QUE CHAMAVAM FÉRIAS. NADA CORRERA COMO ESPERARA. O SILÊNCIO, QUEBRADO APENAS POR PALAVRAS DURAS, PARECIA AINDA MAIS OPRESSIVO QUANDO NÃO TINHA UMA CASA INTEIRA POR ONDE MOVER-SE LIVREMENTE. AS FÉRIAS PARECIAM APENAS DAR MAIS ESPAÇO A BRIGAS, ÀS EXPLOSÕES DA MÃE. E O PAI PARECIA AINDA MAIS PEQUENO E MAIS CINZENTO DO QUE ERA COSTUME.

ERA A PRIMEIRA VEZ QUE OS ACOMPANHAVA, MAS SABIA QUE TODOS OS ANOS A MÃE E O PAI LEVAVAM A CARAVANA PARA AQUELE LUGAR COM UM NOME CURIOSO. FJÄLLBACKA. O NOME SIGNIFICAVA «MONTANHA» EM SUECO, MAS ALI NÃO HAVIA MONTANHAS E APENAS VIU ALGUMAS COLINAS. O TERRENO ERA COMPLETAMENTE PLANO NA ZONA DO PARQUE DE CAMPISMO ONDE ESTACIONARAM A CARAVANA, COMPRIMIDOS ENTRE DEZENAS DE OUTROS CAMPISTAS. NÃO TINHA A CERTEZA DE GOSTAR DAQUILO. MAS O PAI EXPLICARA-LHE QUE A FAMÍLIA DA MÃE ERA DAQUELA ZONA, POR ISSO É QUE GOSTAVA DE PASSAR ALI AS FÉRIAS.

MAS ISSO TAMBÉM ERA ESTRANHO, PORQUE NÃO HAVIA POR LÁ NENHUNS PARENTES. DURANTE UMA DAS DISCUSSÕES NO ESPAÇO APERTADO DA CARAVANA, PERCEBEU FINALMENTE QUE ALGUÉM A QUEM CHAMAVAM BRUXA VELHA VIVIA ALI, E QUE ERA ELA A «FAMÍLIA» A QUE A MÃE SE REFERIA. QUE NOME ENGRAÇADO. BRUXA VELHA. MAS A MÃE NÃO PARECIA GOSTAR MUITO DELA, PORQUE A VOZ TORNAVA-SE AINDA MAIS ÁSPERA QUANDO FALAVA DA MULHER. ALÉM DISSO, NUNCA A CHEGARAM A VER. ENTÃO, PORQUE TERIAM DE IR PARA AQUELE LUGAR?

MAS O QUE MAIS DETESTAVA EM FJÄLLBACKA, E EM ESTAR DE FÉRIAS, ERA TER DE IR NADAR. NUNCA TINHA NADADO NO MAR. DE INÍCIO NÃO SABIA O QUE PENSAR. MAS A MÃE REPREENDEU-O. DISSE-LHE QUE SE RECUSAVA A TER UM FILHO MEDRICAS E MANDOU-O PARAR DE CHORAMINGAR. ENTÃO, RESPIROU FUNDO E ENTROU, VACILANTE, NA ÁGUA GELADA, MESMO QUE O FRIO E A SENSACÃO ESTRANHA DO SAL NAS PERNAS O FIZESSEM ARFAR EM BUSCA DE AR. QUANDO A ÁGUA LHE CHEGOU À CINTURA, PAROU. ESTAVA DEMASIADO FRIA, NÃO CONSEGUIA RESPIRAR. E SENTIA ALGO A

MOVER-SE EM TORNO DOS PÉS, ROÇANDO-LHE AS BARRIGAS DAS PERNAS, ALGO QUE RASTEJAVA E TENTAVA TREPAPOR ELE ACIMA. RINDO-SE, A MÃE APROXIMOU-SE LENTAMENTE DELE A PARTIR DA MARGEM E DE PEGOU-LHE NA MÃO PARA O CONDUZIR A UMA ZONA MAIS FUNDA. DE REPENTE SENTIU-SE FELIZ. A MÃE ESTAVA A PEGAR-LHE NA MÃO E O SEU RISO RESSOAVA PELA SUPERFÍCIE DA ÁGUA E TAMBÉM EM TORNO DELE. OS PÉS PARECIAM AGORA MOVER-SE SOZINHOS, COMO SE TIVESSEM DEIXADO O FUNDO DE AREIA E ESTIVESSEM A FLUTUAR. POR FIM JÁ NÃO SENTIA NADA SÓLIDO SOB OS PÉS, MAS ISSO NÃO IMPORTAVA, PORQUE A MÃE ESTAVA A SEGURÁ-LO, A LEVÁ-LO PELA MÃO. E O AMAVA.

ENTÃO A MÃE SOLTOU-O. SENTIU A PALMA DA MÃO DELA A DESLIZAR NA SUA E DE OS DEDOS ROÇANDO OS SEUS, ATÉ QUE, ALÉM DOS PÉS, TAMBÉM AS MÃOS SE AGITAVAM NO VAZIO. SENTIU NOVAMENTE O FRIO APERTAR SEU PEITO E O NÍVEL DO MAR PARECIA ESTAR A SUBIR. CHEGOU-LHE AOS OMBROS, AO PESCOÇO, E TEVE DE ERGUER O QUEIXO PARA EVITAR QUE A ÁGUA LHE CHEGASSE À BOCA, MAS ESTAVA A SUBIR MUITO DEPRESSA E NÃO CONSEGUIU DETÊ-LA. TINHA A BOCA CHEIA DE SAL E O FRIO CORREU-LHE PELA GARGANTA ABAIXO, E A ÁGUA CONTINUAVA A SUBIR. COBRIU-LHE O ROSTO E OS OLHOS, COMO UMA TAMPA A FECHAR-SE SOBRE A CABEÇA, ATÉ QUE TODOS OS SONS DESAPARECERAM E A ÚNICA COISA QUE OUVIA ERA O RUGIDO DAQUILO QUE RASTEJAVA E LHE TREPAVA PELO CORPO.

AGITOU OS BRAÇOS EM REDOR, BATENDO NA ÁGUA PARA TENTAR ATINGIR O QUE QUER QUE FOSSE QUE QUERIA PUXÁ-LO PARA BAIXO. MAS NÃO ESTAVA À ALTURA DAQUELA PAREDE MACIÇA DE ÁGUA E, QUANDO FINALMENTE SENTIU A PELE DE ALGUÉM CONTRA A SUA PELE, UMA MÃO NO BRAÇO, O PRIMEIRO INSTINTO FOI DEFENDER-SE. ENTÃO FOI PUXADO PARA CIMA E O TOPO DA CABEÇA VEIO À TONA. A PRIMEIRA INSPIRAÇÃO FOI BRUTAL E DOLOROSA E DE RESPIROU AVIDAMENTE EM BUSCA DE AR. A MÃE SEGURAVA-LHE FIRMEMENTE O BRAÇO, MAS ISSO NÃO IMPORTAVA. PORQUE A ÁGUA JÁ NÃO ESTAVA A TENTAR APANHÁ-LO.

OLHOUPARA A MÃE, AGRADECIDO POR TÊ-LO RESGATADO, POR NÃO DEIXÁ-LO DESAPARECER. MAS O QUE VIU NOS OLHOS DELA FOI DESPREZO. NÃO SABIA AO CERTO ONDE ERRARA, MAS DECEPCIONARA-A NOVAMENTE. SE AO MENOS SOUBESSE POR QUÊ...

AS MARCAS NEGRAS E AZULADAS NO BRAÇO DEMORARAM VÁRIOS DIAS A DESAPARECER.



— TINHAS MESMO DE ME OBRIGAR A VIR AQUI HOJE? — era raro Kenneth deixar transparecer a irritação que sentia. Acreditava que as pessoas deviam manter sempre a calma e a compostura. Mas Lisbet tinha ficado tão triste quando lhe disse que Erik telefonara e que tinha de ir até o escritório por uma ou duas horas, apesar de ser domingo. Lisbet não se queixara, o que, de certo modo, apenas tinha piorado as coisas. Sabia que lhes restavam poucas horas juntos. Como eram importantes, como eram preciosas. Contudo, Lisbet não protestara. Em vez disso, Kenneth viu como a mulher se encheu de coragem para sorrir e dizer-lhe:

— Claro que tens de ir. Eu fico bem.

Kenneth quase desejava que Lisbet tivesse ficado furiosa e gritasse com ele. Que lhe dissesse que já estava na altura de rever as prioridades. Mas Lisbet não era pessoa para fazer uma coisa dessas. Kenneth não conseguia recordar-se de uma única ocasião, nos seus vinte anos de casamento, em que Lisbet lhe tivesse levantado a voz. Nem a ele nem a ninguém. Aceitava todos os reveses e tristezas com serenidade e ainda o reconfortava quando se ia abaixo. Sempre que Kenneth não tinha forças para seguir em frente, Lisbet convocava coragem suficiente para os dois.

Agora tinha-a deixado em casa porque tinha de ir trabalhar. Ia desperdiçar algumas horas preciosas que poderiam ter passado juntos e odiava-se a si próprio por ir logo a correr sempre que Erik estalava os dedos. Não conseguia perceber porquê. Aquele padrão tinha sido estabelecido há tanto tempo que fazia agora praticamente parte da sua personalidade. E era sempre Lisbet quem tinha de sofrer por causa disso.

Erik não se deu ao trabalho de responder à pergunta. Limitou-se a continuar a olhar para o ecrã do computador, como se estivesse noutro mundo.

— Era mesmo preciso vir aqui hoje? — repetiu. — A um domingo? Isto não podia esperar até amanhã? — Erik virou-se lentamente para Kenneth.

— Tenho o maior respeito pela tua situação pessoal — acabou por responder Erik. — Mas se não tratarmos de todos os preparativos antes do concurso da semana que vem, mais vale fecharmos as portas. Todos temos de fazer sacrifícios.

Kenneth perguntou a si próprio que sacrifícios é que Erik alguma vez tinha feito. E a situação não era tão urgente como a pintava. Podiam facilmente ter reunido a documentação na segunda-feira. A afirmação de que a empresa podia ir à falência se o negócio corresse mal era puro exagero. O mais provável é que Erik precisasse

apenas de um pretexto para sair de casa. Mas porque é que se sentia obrigado a arrastar Kenneth com ele? A resposta era óbvia: porque podia fazê-lo.

Em seguida, cada um voltou às respetivas tarefas e ambos trabalharam em silêncio durante algum tempo. O escritório consistia numa única sala grande, pelo que não havia possibilidade de fechar uma porta para se ter um pouco de privacidade. Kenneth lançou um olhar furtivo a Erik. Havia qualquer coisa diferente nele. Era difícil de identificar mas, de alguma forma, Erik parecia menos distinto, mais abatido. O cabelo não estava tão perfeitamente penteado como de costume e a camisa estava um pouco vincada. Não, não era o mesmo Erik de sempre. Kenneth ponderou perguntar-lhe se estava tudo bem em casa, mas conteve-se. Em vez disso, perguntou tão calmamente quanto pôde:

— Viste ontem as notícias sobre Christian? Erik teve um sobressalto.

— Sim.

— É terrível. Ser ameaçado assim por um maluco qualquer — disse Kenneth num tom de voz casual, quase descontraído. Mas o coração batia-lhe aceleradamente.

— Hum — Erik mantinha os olhos no ecrã do computador. Mas não tocava no teclado nem no rato.

— Ele fez algum comentário sobre isto contigo? — era como tirar a crosta de uma ferida. Não queria tocar no assunto e era óbvio que Erik também não queria debatê-lo. No entanto, Kenneth não conseguia parar. — Então, Christian disse-te alguma coisa?

— Não, nunca me falou de ameaças nenhuma — respondeu Erik, começando a ordenar os documentos em cima da secretária. — Mas tem andado bastante preocupado com o livro, por isso não nos temos visto muito nos últimos tempos. E suponho que a maioria das pessoas preferiria manter uma coisa destas em segredo.

— Não achas que ele devia contar à polícia?

— Como sabes que não contou? — Erik continuava a folhear inconsequentemente as pilhas de documentos.

— Sim, lá isso é verdade... — Kenneth deixou-se ficar em silêncio por um momento. — Mas que pode a polícia fazer se as cartas são anónimas? Quer dizer, qualquer maluco as pode ter escrito.

— Como é que eu hei de saber? — disse Erik, praguejando ao cortar-se numa folha. — Merda! — exclamou, chupando o dedo ferido.

— Achas que as ameaças são sérias? Erik suspirou.

— Por que especular sobre tudo isto? Já te disse, não faço a mais pequena ideia — respondeu, levantando ligeiramente a voz e estremecendo ao proferir as últimas palavras. Kenneth olhou para o sócio com surpresa. Erik não estava

realmente em si. Será que aquilo tinha alguma coisa que ver com a empresa?

Kenneth nunca confiara em Erik. Teria feito alguma estupidez? Descartou de imediato a ideia. Estava demasiado familiarizado com as contas; teria notado se Erik decidisse fazer algum disparate com as finanças da empresa. O mais certo era aquilo estar relacionado com Louise. Era um mistério como tinham conseguido aqueles dois manter-se casados durante tanto tempo. Todos, exceto Erik e Louise, podiam ver que o casal faria um grande favor a si mesmo em separar-se, indo cada um para seu lado. Mas não cabia a Kenneth dizer. Já tinha preocupações suficientes com a sua própria vida.

— Perguntei por perguntar — disse Kenneth.

Abriu o ficheiro de Excel com o último relatório mensal. Mas os seus pensamentos estavam noutro lugar completamente diferente.

O vestido ainda tinha o cheiro dela. Christian apertou-o contra o nariz, inalando os vestígios microscópicos do seu perfume que estavam incorporados no tecido. Sempre que adormecia com aquele cheiro nas narinas, conseguia imaginá-la com muita clareza. O cabelo preto, que chegava até a cintura e que ela normalmente usava numa trança ou apanhado num coque, na nuca. Poderia parecer antiquado ou mesmo próprio de uma solteirona, mas não nela.

Movia-se como uma bailarina, apesar de ter abandonado a carreira há muito tempo. Afirmava que não tinha sido suficientemente ambiciosa. Não por falta de talento, mas por não ter a determinação necessária para pôr sempre a dança em primeiro lugar, para sacrificar o tempo e o amor, o riso e os amigos. Amara demasiado a vida.

Portanto, parou de dançar. Mas quando se conheceram, e mesmo até o fim, mantinha no corpo o ritmo ágil de uma bailarina. Christian podia ficar sentado a olhar para ela durante horas. A vê-la a andar pela casa a limpar e a cantarolar enquanto os pés se moviam tão graciosamente que toda ela parecia flutuar.

Pressionou novamente o vestido contra o rosto. Como era refrescante o contacto do tecido contra a pele febrilmente quente, arrepanhando-lhe a barba por fazer na face. Usara o vestido pela última vez naquele Solstício de verão. O azul do vestido refletia a cor dos olhos dela e a trança preta que lhe pendia pelas costas brilhava tão intensamente como o tecido refulgente.

Fora uma tarde fabulosa. Um dos poucos solstícios em que o Sol brilhara, glorioso. Tinham estado sentados no quintal comendo arenque e batatas novas cozidas. Prepararam a refeição juntos. O bebê estava deitado no carrinho, com o mosquiteiro firmemente preso para que nenhum inseto pudesse entrar. A criança estava bem protegida.

O nome do bebê passou-lhe pela mente e Christian sobressaltou-se, como se tivesse espetado a mão em algo afiado. Forçou-se a pensar nos copos de cerveja

gelada e nos amigos que tinham erguido esses mesmos copos num brinde, em honra do verão, do amor e do casal. Pensou nos morangos que ela trouxe numa grande taça. Recordava-se de como ela se sentara na mesa da cozinha a prepará-los, e de a ter provocado por causa da trapalhada que tinha feito, e porque, de vez em quando, um morango ia parar-lhe à boca e não à taça. A taça que mais tarde seria apresentada aos convidados, com morangos com chantilly cobertos com uma pitada de açúcar, como a avó lhe ensinara. Ela respondera à provocação com uma gargalhada e depois puxara-o para si e beijara-o com o sabor dos frutos maduros nos lábios.

Sentado com o vestido nas mãos, Christian começou a chorar. Não conseguiu evitá-lo. Pequenas manchas escuras apareceram no tecido, as suas lágrimas, que rapidamente limpou à manga da camisa, não querendo sujar o vestido, recusando-se a arruinar o pouco que lhe restava.

Christian voltou cuidadosamente a colocar o vestido na mala. Era tudo o que restava deles. A única coisa que conseguiu manter. Fechou a mala e empurrou-a de volta para o canto. Não queria que Sanna a encontrasse. O estômago revolveu-se só de pensar na mulher a abri-la, a olhar lá para dentro e a tocar no vestido. Sabia que aquilo era errado, mas tinha escolhido Sanna por uma única razão: o facto de ter um aspeto completamente diferente. Sanna não tinha lábios com sabor a morango e não se movia como uma bailarina.

Mas acabara por não ser suficiente. Mesmo assim, o passado tinha-o apanhado. Tão maleficamente como a tinha apanhado a ela, quando usava aquele vestido azul. E, agora, Christian não via qualquer saída.

— Podes tomar conta de Leo um pouquinho? — perguntou Paula, olhando para a mãe, Rita. Mas depois lançou um olhar ainda mais esperançoso a Mellberg. Logo após o nascimento do filho, Paula e Johanna tinham-se apercebido de que o novo namorado de Rita era a ama perfeita. Mellberg era completamente incapaz de dizer não.

— Bem, nós íamos mesmo agora... — começou a dizer Rita, mas Mellberg deu um salto e exclamou ansiosamente:

— Não há problema nenhum. Temos todo o gosto em tomar conta do pequenote. Podem ir à vossa vida à vontade.

Rita suspirou de resignação, mas não pôde resistir a lançar um olhar de agradecimento àquele homem — um diamante em bruto, no mínimo — com quem escolhera viver. Sabia que muitas pessoas o viam como um bruto, um homem desleixado e impertinente. Mas, desde o início que Rita tinha visto nele outras qualidades, que ela, como mulher, conseguiria certamente incentivar.

E tinha razão. Bertil Mellberg tratava-a como uma rainha. Bastava a Rita vê-lo a olhar para o neto para compreender os recursos que aquele homem escondia. O

seu amor pelo bebê estava para lá da compreensão. O único problema era que Rita tinha rapidamente passado a ocupar o segundo lugar, embora isso não a incomodasse. Tanto mais que tinha começado a fazer progressos com Bertil na pista de dança. O companheiro nunca seria um rei da Salsa, mas Rita já não precisava de usar sapatos com pontas de aço.

— Se não se importar de tomar conta dele sozinho por um bocadinho, talvez a mãe pudesse vir connosco. Tínhamos pensado ir a Torp comprar umas coisas para o quarto de Leo.

— Dá aqui — disse Bertil com entusiasmo, apontando para o bebê deitado nos braços de Paula. — Nós aguentamo-nos durante umas horas. Um biberão ou dois se Leo tiver fome e depois um tempo de qualidade com o avô Bertil. Que mais poderia querer o menino?

Paula pôs o filho nos braços de Mellberg. Que par tão estranho! Mas não podia negar que havia uma ligação especial entre eles. Mesmo que, a seus olhos, Bertil Mellberg fosse o pior chefe que conseguia imaginar, revelara-se o melhor avô do mundo.

— De certeza que não há problema? — perguntou Rita, sentindo-se um pouco desconfortável. Mesmo que muitas vezes Bertil ajudasse a tomar conta de Leo, a sua experiência com bebês era, no mínimo, limitada. O filho de Mellberg, Simon, já era adolescente quando fez a sua aparição na vida do superintendente.

— Claro que não há problema — respondeu Bertil, parecendo ofendido. — Comer, dormir, cagar. Não pode ser muito difícil, pois não? Tenho andado a fazer exatamente as mesmas coisas há quase sessenta anos — Mellberg empurrou praticamente as mulheres para fora do apartamento e fechou a porta atrás delas. Agora teriam um pouco de paz e sossego, ele e Leo.

Duas horas mais tarde, o superintendente estava completamente encharcado em suor. Leo berrava a plenos pulmões e o cheiro a fraldas sujas tinha-se instalado na sala como uma névoa. O avô Bertil tentava desesperadamente convencer o bebê a dormir, o que apenas fazia com que Leo chorasse cada vez mais alto. O cabelo de Mellberg, que costumava estar perfeitamente penteado no topo da cabeça, tombaralhe sobre a orelha direita, e o superintendente sentia o suor a espalhar-se sob os braços em manchas do tamanho de pratos.

Estava à beira do pânico e lançou um olhar de relance ao celular em cima da mesa de café. E se lhes telefonasse? O mais certo era estarem ainda em Torp e, se saíssem de lá nesse momento, demorariam uns bons quarenta e cinco minutos a chegar a casa. Além disso, se lhes telefonasse a pedir ajuda, podiam não voltar a atrever-se a deixá-lo sozinho com Leo. Não, ia ter de encontrar uma maneira de desenrascar-se sozinho. Durante a sua vida já tinha lidado com tipos do pior. Disparara a arma em serviço e enfrentara toxicodependentes enlouquecidos

empunhando facas. Portanto, devia ser capaz de lidar com aquela situação. Afinal, Leo não era maior do que um pão de forma, mesmo que tivesse uma voz tão alta como a de um adulto.

— Okay, vamos lá, meu rapaz, primeiro temos de analisar a situação — disse Mellberg, pousando o bebê furioso. — Vamos ver. Parece que fizeste porcaria na fralda. E deves estar com fome. Por outras palavras, temos uma crise em ambas as extremidades. Resta saber a qual delas vamos dar prioridade

— Mellberg falava em voz alta, de modo a abafar os gritos. — Ora bem, a comida vem sempre em primeiro lugar... pelo menos para mim. Portanto, vamos lá preparar-te um grande biberão.

Ergueu Leo e levou-o para a cozinha. Tinha recebido instruções pormenorizadas sobre a preparação do biberão no micro-ondas, pelo que o fez rapidamente. Testou cuidadosamente a temperatura, bebendo um pouco de leite pelo biberão.

— Hum, não sabe lá muito bem, meu rapaz. Mas vais ter de esperar pelas coisas boas até seres um pouco mais velho.

Leo gritou ainda mais alto ao ver o biberão, por isso, Bertil sentou-se à mesa da cozinha e aninhou o bebê no braço esquerdo. Quando a tetina tocou nos lábios de Leo, o bebê começou a sugar com avidez o conteúdo do biberão. Acabou com a garrafa inteira num flash e Mellberg sentiu o pequeno corpo a relaxar. Mas Leo não demorou a recommear a contorcer-se e o cheiro era agora tão forte que Mellberg não aguentou mais. O único problema era que a mudança das fraldas não era uma tarefa que tivesse desempenhado com muito sucesso até o momento.

— Ora bem, já satisfizemos uma das extremidades. Vamos agora cuidar da outra — disse Mellberg num tom de voz enérgico que não correspondia minimamente aos verdadeiros sentimentos em relação à tarefa que tinha em mãos.

Carregou o bebê a choramingar até a casa de banho. Tinha ajudado as raparigas a afixar uma mesa de mudar fraldas à parede e encontrou tudo o que precisava para a Operação Fralda Suja.

Pousou Leo em cima da mesa e despiu-lhe as calças, tentando respirar pela boca, o que não ajudou muito, tal era a intensidade do cheiro. Retirou a fita autocolante da fralda e quase desmaiou quando aquela pasta se materializou com toda a sua fétida glória diante dos olhos.

— Santo Deus! — murmurou. Olhou em redor, completamente desesperado, e avistou uma embalagem de toalhetes. Quando estendeu a mão para a alcançar, soltando as pernas do bebê, Leo aproveitou a oportunidade para enterrar os pés na fralda suja.

— Não, não, não faças isso — disse Mellberg, agarrando um punhado de toalhetes para limpar o rabo e os pés do bebê. Mas tudo o que conseguiu fazer foi

espalhar o cocó em redor até se aperceber de que tinha de eliminar a causa do problema. Ergueu Leo pelas pernas e abanou-o para despegar a fralda, que depois deixou cair no caixote do lixo que havia no chão, incapaz de desfazer a careta que lhe aparecera no rosto.

Tendo utilizado metade do pacote de toalhetes, Mellberg viu por fim uma luz ao fundo do túnel. A maior parte daquela porcaria tinha sido limpa e Leo acalmara-se. Mellberg limpou cuidadosamente os últimos vestígios e retirou uma fralda nova da prateleira que havia sobre a mesa.

— Ora muito bem. Está quase — disse o superintendente com agrado enquanto Leo dava pontapés no ar, parecendo satisfeito por poder expor o traseiro nu. — Como será que isto se põe — Mellberg virou e revirou a fralda, decidindo por fim que os desenhos de pequenos animais deviam ficar na parte de trás, como o rótulo numa peça de roupa. A fralda não parecia assentar muito bem e a fita não colava corretamente. Como era possível ser tão difícil mudar adequadamente uma fralda? Era uma sorte ser uma pessoa tão eficiente, que encarava cada problema como um desafio.

Ergueu Leo, levou-o de volta para a cozinha e segurou-o contra o ombro enquanto vasculhava a gaveta por baixo da bancada. Aí, encontrou o que procurava. Um rolo de fita adesiva. Entrou na sala de estar, pousou Leo no sofá e, depois de envolver várias vezes a fralda com a fita, sentou-se a admirar a sua obra.

— Agora sim. As miúdas estavam com medo de que eu não fosse capaz de tomar conta de ti. Que me dizes, Leo, não achas que já ganhaste direito a uma soneca?

Bertil ergueu o bebê, que estava agora bem preso com fita adesiva e pô-lo ao colo enquanto ele próprio se instalava numa posição confortável no sofá. Leo resmungou um pouco antes de aninhar a cara no pescoço do superintendente.

Quando as mulheres da sua vida chegaram a casa, meia hora mais tarde, estavam os dois a dormir profundamente.

— Christian está em casa? — Erica teria preferido sem sombra de dúvida virar-se e desatar a correr quando Sanna abriu a porta. Mas Patrik tinha razão. Não havia escolha.

— Sim, mas está no sótão. Vou chamá-lo — Sanna virou-se em direção às escadas. — Christian! Tens uma visita! — gritou, voltando depois a olhar para Erica. — Entre. Ele já desce.

— Obrigada — Erica sentia-se pouco à vontade, ali no vestíbulo, ao lado de Sanna, mas não demorou a ouvir passos nas escadas. Quando Christian apareceu, Erica viu como o amigo parecia acabado e sentiu-se ainda mais culpada.

— Olá — disse Christian, parecendo algo intrigado ao vê-la ali tão cedo, mas aproximou-se de Erica para lhe dar um abraço.

— Tenho de falar contigo — disse Erica, sentindo novamente vontade de virar costas e sair porta fora.

— Ai tens? Está bem, entra — disse Christian, apontando para a sala de estar. Erica despiu o casaco, descalçou-se e seguiu atrás dele.

— Queres tomar alguma coisa?

— Não, obrigada — Erica abanou a cabeça. Tudo o que queria era resolver aquilo o mais depressa possível.

— Como correu a sessão de autógrafos? — perguntou, sentando-se numa extremidade do sofá da sala e afundando-se nas almofadas.

— Bem — respondeu Christian num tom de voz que não convidava a mais perguntas. — Leste o jornal de ontem? — perguntou, mudando de assunto. O rosto do amigo adquirira uma palidez acinzentada que a luz invernal que entrava pela janela revelava.

— Sim, e é sobre isso que queria falar contigo — Erica fez uma pausa, ganhando coragem para continuar. Um dos gémeos deu-lhe um pontapé nas costelas e Erica arfou.

— São os bebês a dar pontapés?

— Podes crer — Erica respirou fundo e prosseguiu: — Foi por minha causa que a história foi parar aos jornais.

— Como assim? — Christian endireitou-se no sofá.

— Não fui eu quem lhes passou a informação — apressou-se a explicar Erica. — Mas tive a infeliz ideia de mencionar o caso à pessoa errada — acrescentou, não se atrevendo a enfrentar os olhos de Christian. Em vez disso, olhou para as mãos.

— Fala de Gaby? — perguntou Christian, exausto. — Mas não notou de que ela ia...

Erica interrompeu-o.

— Patrik disse exatamente a mesma coisa. E ambos têm razão. Devia ter percebido que Gaby não era de confiança, que ia ver o caso como uma oportunidade de conseguir um pouco de publicidade. Sinto-me uma idiota chapada. Não devia ter sido tão ingênua.

— Bem, agora não há muito a fazer — concluiu Christian.

A atitude resignada do amigo fez Erica sentir-se ainda pior. Quase desejou que Christian gritasse com ela. Teria sido preferível a olhar para a expressão cansada e desapontada no rosto do amigo.

— Peço imensa desculpa, Christian. Lamento muito que isto tenha acontecido.

— Bem, ao menos espero que ela tenha razão.

— Quem?

— Gaby. Pode ser que se vendam mesmo mais livros por causa disto.

— Não percebo como é que alguém pode ser tão cínico. Atirar-te assim aos lobos só para que o negócio corra melhor.

— Gaby não chegou onde chegou por ser amiga de toda a gente.

— É verdade, mas as coisas não deviam funcionar assim — Erica estava cheia de remorsos por causa do que tinha feito, mesmo que tivesse agido de boa-fé. Não conseguia de todo compreender como é que alguém que tivesse um pinga de consciência podia ter agido como Gaby agira. E tudo só para conseguir mais alguns lucros.

— Tenho a certeza de que isto vai acabar por cair no esquecimento — disse Christian, embora não parecesse convencido.

— Os jornalistas já te chatearam hoje? — Erica mudou de posição, tentando ficar mais confortável. Fosse como fosse que se sentasse, sentia sempre um ou outro órgão a ser apertado.

— Ontem, depois da primeira chamada, desliguei o celular. Não tenciono dar-lhes mais lenha para a fogueira.

— Então e as... — Erica hesitou. — Já recebeste mais alguma ameaça? Sei que não tens nenhum motivo para confiar em mim depois de tudo isto, mas podes crer que aprendi a lição.

Christian parecia apagado. Olhou pela janela, como que a decidir o que dizer. Quando respondeu, a voz soou fraca e exausta:

— Não quero pensar muito nisso. O assunto tem sido absurdamente exagerado.

Ouviu-se um baque no andar de cima e uma criança começou a chorar desalmadamente em tom estridente. Christian não fez qualquer movimento para se levantar, mas Erica ouviu Sanna a correr escadas acima.

— Os teus filhos estão a reagir bem a isto tudo? — perguntou Erica, apontando para o quarto por cima deles.

— Nem por isso. O meu filho mais velho não gosta de concorrência. Acho que é uma boa maneira de descrever o problema — Christian sorriu.

— A maioria das pessoas tem tendência a concentrar-se demasiado no primeiro filho logo após o nascimento — retorquiu Erica.

— Deve ser isso — retorquiu Christian. O sorriso esfumara-se. Tinha um olhar estranho no rosto e Erica não conseguiu decifrar o que poderia significar. No andar de cima, os dois rapazes estavam agora a chorar e as reprimendas irritadas de Sanna juntavam-se ao coro.

— Tens de falar com a polícia — disse Erica. — Compreendes que mencionei o assunto a Patrik e não me arrependo disso. Ele acha que deves mesmo levar isto muito a sério e o primeiro passo é contar à polícia. Podias começar por ir

falar com ele... oficiosamente, digamos — Erica ouvia-se a suplicar, mas as cartas tinham-na perturbado bastante e tinha a sensação de que Christian se sentia da mesma maneira.

— Não quero falar mais nisso — afirmou Christian, levantando-se. — Sei que não querias que as coisas corressem como correram quando falaste com Gaby. Mas tens de respeitar a minha decisão de não querer dar muita importância ao caso.

Os gritos vindos do andar de cima tinham subido vários decibéis e Christian dirigiu-se para as escadas.

— Desculpa, Erica, mas tenho de ir e ajudar Sanna antes que os miúdos se matem um ao outro. Desculpa não te acompanhar à porta — disse Christian, subindo depois as escadas a correr sem se despedir. Erica teve a nítida sensação de que o amigo ficara satisfeito pela oportunidade de poder escapar.

SERÁ QUE NUNCA IAM VOLTAR PARA CASA? A CARAVANA PARECIA CADA VEZ MAIS PEQUENA A CADA DIA QUE PASSAVA E JÁ TINHA EXPLORADO CADA CANTO DO PARQUE DE CAMPISMO. QUANDO ESTIVESSEM OUTRA VEZ EM CASA, TALVEZ OS PAIS COMEÇASSEM OUTRA VEZ A GOSTAR DELE. ALI, ERA COMO SE NÃO EXISTISSE.

O PAI ESTAVA SENTADO A FAZER PALAVRAS CRUZADAS E A MÃE ESTAVA DOENTE. PELO MENOS FOI A EXPLICAÇÃO QUE RECEBEU QUANDO TENTOU ENTRAR PARA VÊ-LA. PASSAVA OS DIAS DENTRO DA EXÍGUA ÁREA DE DORMIR DA CARAVANA. E NÃO VOLTARA A IR NADAR COM ELE. EMBORA NÃO CONSEGUISSE ESQUECER O TERROR NEM A SENSÇÃO DE HAVER ALGO A ZIGUEZAGUEAR JUNTO DOS PÉS, TERIA PREFERIDO ISSO A ESTAR CONSTANTEMENTE A SER BANIDO DA CARAVANA.

— A MÃE ESTÁ DOENTE. VAI BRINCAR LÁ PARA FORA.

E ELE AFASTAVA-SE, PREENCHENDO OS DIAS SOZINHO. A PRINCÍPIO, AS OUTRAS CRIANÇAS DO PARQUE TENTARAM BRINCAR COM ELE, MAS NÃO ESTAVA INTERESSADO. SE NÃO LHE ERA PERMITIDO ESTAR COM A MÃE, ENTÃO NÃO QUERIA ESTAR COM MAIS NINGUÉM.

COMO A MÃE NÃO MELHORAVA, COMEÇOU A FICAR CADA VEZ MAIS PREOCUPADO. ÀS VEZES OUVIA-A A VOMITAR. E ESTAVA TÃO PÁLIDA... E SE TIVESSE ALGUMA DOENÇA GRAVE? E SE TAMBÉM ACABASSE POR MORRER E O ABANDONASSE? COMO TINHA ACONTECIDO COM A MAMÃE.

A IDEIA FÊ-LO RASTEJAR PARA UM CANTO E ESCONDER-SE. FECHOU OS OLHOS COM FORÇA, APERTANDO MUITO AS PÁLPEBRAS PARA IMPEDIR A ESCURIDÃO DE APODERAR-SE DELE. RECUSAVA-SE A PENSAR NISSO. A SUA LINDA MÃE NÃO PODIA MORRER. NÃO, ISSO NÃO PODIA ACONTECER.

ENCONTRARA UM LUGAR ESPECIAL PARA SI. NO CIMO DA ENCOSTA, COM VISTA PARA O PARQUE DE CAMPISMO E PARA O MAR. SE ESTICASSE O PESCOÇO PODIA VER O TELHADO DA CARAVANA DOS PAIS. ERA ONDE PASSAVA AGORA OS DIAS, NUM SÍTIO ONDE O DEIXAVAM EM PAZ. ALI, CONSEGUIA QUE AS HORAS PASSASSEM A VOAR.

O PAI TAMBÉM QUERIA VOLTAR PARA CASA. OUVIRA-O DIZÊ-LO.

MAS A MÃE RECUSAVA-SE. «NÃO VOU DAR ESSA SATISFAÇÃO À BRUXA VELHA», DISSERA A MÃE DO BELICHE DA CARAVANA ONDE ESTAVA DEITADA, MAIS PÁLIDA E MAGRA DO QUE ERA HABITUAL. QUERIA QUE A BRUXA VELHA SOUBESSE QUE IAM PASSAR ALI TODO O VERÃO, COMO DE COSTUME, EMBORA NÃO A TIVESSEM VISITADO UMA ÚNICA VEZ. NÃO, NÃO IAM PARA CASA. A MÃE PREFERIA MORRER DO QUE IR-SE EMBORA MAIS CEDO.

E ACABOU-SE A CONVERSA. QUANDO A MÃE DECIDIA ALGUMA COISA, ERA ASSIM QUE TINHA DE SER. IA TODOS OS DIAS PARA O SEU LUGAR ESPECIAL E FICAVA POR LÁ, COM OS BRAÇOS EM VOLTA DOS JOELHOS, ENQUANTO TODO O TIPO DE PENSAMENTOS E FANTASIAS LHE CORRIAM À RÉDEA SOLTA PELA MENTE.

SE AO MENOS PUDESSE REGRESSAR A CASA TUDO VOLTARIA A SER COMO DANTES. TINHA A CERTEZA DISSO.



— NÃO TE AFASTES DE MAIS, ROCKY! — gritou Göte Persson. Mas o cão não o estava a ouvir, como era costume. Göte só conseguiu captar um vislumbre da cauda do golden retriever antes de Rocky virar à esquerda e desaparecer atrás de uma rocha. Göte tentou estugar o passo, mas a perna direita tornava o esforço impossível. Desde o AVC que a perna tinha dificuldade em acompanhar o resto do corpo mas, apesar disso, Göte considerava-se um homem de sorte. Os médicos tinham-lhe dado muito pouca esperança de alguma vez conseguir voltar a andar sozinho, porque todo o lado direito do corpo fora afetado. Mas não contavam com um homem teimoso como ele. Graças à tenacidade que Deus lhe dera e ao fisioterapeuta, que o levava ao limite como se Göte estivesse a treinar para os Jogos Olímpicos, ganhava maior mobilidade a cada semana que passava. Ocasionalmente sofrera reveses e tinha de admitir que às vezes estivera perto de desistir. Mas continuara a lutar, fazendo progressos contínuos que o aproximavam cada vez mais do objetivo.

Por essa altura, fazia já caminhadas diárias de uma hora com Rocky. Caminhava lentamente e coxeava claramente, mas continuava a caminhar. Saíam de casa independentemente do tempo e cada metro que avançava era uma vitória.

O cão voltou a aparecer. Agora estava no areal, farejando o solo perto da praia de Sälvik e olhando de vez em quando para assegurar-se de que o dono não se tinha perdido. Göte aproveitou a oportunidade para fazer uma pausa e recuperar o

fôlego. Pela centésima vez, levou a mão ao bolso para tocar no celular que tinha trazido. Sim, ainda lá estava. Só para ter a certeza, tirou-o do bolso e certificou-se de que estava ligado e de que não tinha desligado acidentalmente o toque. Não queria perder uma única chamada, mas ninguém lhe tentara telefonar. Impaciente, Göte voltou a enfiar o celular no bolso.

Sabia que era ridículo olhar para o celular de cinco em cinco minutos. Tinham prometido ligar- lhe assim que fossem a caminho do hospital. O primeiro neto. A filha, Ina, estava com duas semanas de atraso face à data prevista para o parto e Göte não conseguia compreender como é que ela e o marido estavam tão calmos. Notara sem sombra de dúvida um laivo de irritação na voz da filha, quando lhe telefonara pela décima vez naquele dia a perguntar se já havia alguma novidade. Mas Göte parecia estar muito mais preocupado do que a filha e o genro. Passara a maior parte das últimas noites em claro, a olhar alternadamente para o relógio e para o celular. Aquelas coisas costumavam acontecer a meio da noite. E se estivesse a dormir profundamente quando lhe ligassem?

Göte bocejou. As vigílias noturnas começavam a deixar marcas. Tinham sido tantas as emoções que se agitaram dentro dele quando Ina e Jesper anunciaram que esperavam um filho. Tinham-lhe contado dois dias depois de ter tido o AVC e ser levado de ambulância para o hospital de Uddevalla. Na verdade, tinham pensado esperar mais algum tempo para contar-lhe, já que a gravidez de Ina não ia muito adiantada e que eles próprios tinham acabado de descobrir. Mas ninguém pensava que Göte sobrevivesse. Não sequer tinham a certeza de que conseguisse ouvi-los, ali deitado na cama do hospital, ligado a todo o tipo de tubos e de máquinas.

Mas Göte ouviu-os, ouvira cada palavra. E a notícia tinha dado à sua teimosia natural algo a que agarrar-se. Um motivo para viver. Ia ser avô. A única filha que tinha, a luz da sua vida, ia ter um bebê. Como poderia perder um acontecimento tão importante? Sabia que Britt-Marie estava à sua espera e não se teria importado de se desapegar da vida para poder voltar a vê-la. Sentira a falta da mulher todos os dias, a cada minuto, desde que morrera e os deixara sozinhos, a ele e a Ina. Mas agora a sua presença era necessária, como disse a Britt-Marie, explicando-lhe que ainda não podia juntar-se a ela porque a filha precisava dele neste mundo.

Britt-Marie compreendera. Como Göte sabia que compreenderia. Recobrou a consciência, acordara daquele sono que tinha sido tão diferente e, em muitos aspetos, tão cativante. Levantara-se da cama e cada passo que tinha dado desde então fora dado para o bem do pequeno neto ou neta. Göte tinha muito para dar e contava utilizar cada minuto extra de vida que lhe fora concedido para mimar a criança. Ina e Jesper que protestassem à vontade. Era uma prerrogativa de avô.

O celular tocou estridentemente no bolso, fazendo-o saltar e afastando-o

repentinamente daqueles pensamentos. Ansioso, sacou o aparelho, por pouco não o deixando cair no chão. Olhou para o visor. Os ombros descaíram de desapontamento quando viu o nome de um amigo chegado no visor. Não se atreveu a atender. Não queria que a filha ouvisse o sinal de ocupado, se telefonasse.

Deixara de ver Rocky, pelo que voltou a guardar o celular no bolso e coxeou em direção ao local onde vira o animal pela última vez. Pelo canto do olho, captou algo brilhante e virou a cabeça para olhar para a água.

— Rocky — gritou alarmado. O cão tinha-se afastado até a placa de gelo. Estava a cerca de vinte metros da margem e tinha a cabeça baixa. Quando ouviu os gritos de Göte, o animal começou a ladrar descontroladamente e a arranhar o gelo com a pata. Göte conteve a respiração. Se o inverno tivesse sido muito rigoroso não estaria tão preocupado. Muitas vezes, normalmente logo depois do Ano Novo, ele e Britt-Marie punham sanduíches e uma garrafa térmica de café numa mochila e caminhavam sobre o gelo até uma das ilhas próximas. Mas nesse ano, a água do mar tinha alternadamente congelado e descongelado, e Göte sabia que, nessas condições, o gelo era traiçoeiro.

— Rocky! — gritou novamente. — Anda cá! — ordenou, tentando soar tão firme quanto pôde, mas o cão ignorou-o.

Göte tinha uma única ideia na cabeça. Não podia perder Rocky. O cão morreria se caísse do gelo e mergulhasse na água gelada, e Göte simplesmente não podia suportar que isso acontecesse. Eram companheiros há dez anos e tinha imaginado tantas vezes o futuro neto a brincar com o cão que lhe era impensável perdê-lo.

Caminhou ao longo da margem e depois testou o gelo com o pé. Milhares de rachas apareceram instantaneamente na superfície, mas o gelo manteve-se firme. Aparentemente, era suficientemente grosso para suportar o seu peso, por isso dirigiu-se para Rocky, que continuava a ladrar e a arranhar o gelo.

— Anda cá, Rocky! — incitou-o Göte, mas o cão ficou onde estava, recusando mover-se.

O gelo parecia mais sólido ali do que junto da margem, mas Göte decidiu minimizar o risco e deitar-se de barriga para baixo. Com esforço, estendeu-se no gelo e esticou o braço, tentando ignorar o frio que o trespassava apesar das muitas camadas de roupa quente que vestia.

Era difícil avançar deitado de barriga para baixo. Os pés escorregavam constantemente quando tentava conseguir algum apoio e Göte desejou ser um pouco menos vaidoso e ter calçado sapatos com grampos de neve. Era o que cada reformado sueco sensato fazia quando o solo estava escorregadio.

Olhou em redor e descobriu dois galhos que talvez pudesse utilizar. Conseguiu arrastar-se até onde estavam e começou a servir-se deles como bastões

improvisados. Agora era mais fácil e, centímetro a centímetro, encaminhou-se até o sítio onde estava o cão. De vez em quando tentava chamar Rocky, mas o animal estava tão interessado no que quer que fosse que tinha encontrado que se recusava a desviar os olhos por um segundo que fosse.

Quando Göte estava quase a alcançar Rocky, ouviu o gelo começar a rachar e a protestar sob o seu peso. Permitiu-se pensar como seria irônico passar meses a fio a recuperar a mobilidade só para depois cair num buraco no gelo em Sälvik e afogar-se. Mas o gelo continuava a aguentar-se e Göte estava tão perto que podia esticar a mão e tocar na pele de Rocky.

— Okay, Rocky, não devias estar aqui — disse suavemente, deslizando um pouco mais para a frente na tentativa de agarrar a coleira do cão. Não fazia ideia de como iria arrastar-se a si mesmo e a um cão intratável de volta até a margem. Mas, de alguma forma, acabaria por conseguir.

— Então, que há aqui que seja assim tão interessante? — Göte agarrou Rocky pela coleira. E depois olhou para baixo. Nesse preciso momento, o celular começou a tocar no bolso.

Como de costume, era difícil trabalhar a uma segunda-feira de manhã. Patrik estava sentado à secretária com os pés apoiados na borda. Fitava uma fotografia de Magnus Kjellner, como que a tentar fazer com que o homem revelasse onde estava. Ou melhor, onde estavam os seus restos mortais.

Patrik também estava preocupado com Christian. Abriu a gaveta da direita da secretária e extraiu o pequeno saco de plástico que continha a carta e o cartão. Teria gostado de os enviar para o laboratório, para que fossem analisados em busca de impressões digitais. Mas havia muito pouco por onde pegar e ainda não acontecera nada em concreto. Nem mesmo Erica, que ao contrário de Patrik tinha lido todas as cartas, podia afirmar com toda a certeza que alguém tencionava fazer mal a Christian. Mas o instinto dizia-lhe que o amigo estava em perigo. E Patrik era da mesma opinião. Ambos sentiam que as palavras eram algo maléficas. Patrik não conseguiu evitar sorrir para si mesmo. Que raio de palavra que tinha escolhido. Maléficas. Não era um termo muito científico. Mas as cartas pareciam transmitir a intenção de fazer mal, portanto, era a melhor forma que encontrava para descrevê-las. E aquela sensação deixou-o muito desconfortável.

Comentou o assunto com Erica quando a mulher regressou da visita a Christian. Também queria ir lá para ter uma conversa com o escritor, mas Erica dissuadira-o. Achava que Christian não seria muito receptivo à ideia e pediu a Patrik que esperasse até que os jornais se tivessem acalmado um pouco. Patrik concordou. Mas agora, sentado no gabinete a olhar para a caligrafia elegante, perguntava a si próprio se teria tomado a decisão acertada.

Teve um sobressalto quando o telefone tocou.

— Patrik Hedström — disse. Voltou a guardar o saco de plástico na gaveta da secretária, fechando-a em seguida. De repente, Patrik ficou paralisado. — Desculpe? Como disse? — escutou tensamente e, assim que desligou o telefone, entrou em ação. Fez várias chamadas rápidas antes de precipitar-se para o corredor e bater à porta de Mellberg. Entrou sem esperar por uma resposta, acordando o dono e o seu cão.

— Mas que raio... — Mellberg endireitou-se com esforço na cadeira de escritório onde se tinha desmoronado e fitou Patrik.

— Nunca lhe ensinaram que se deve bater à porta antes de entrar? — o superintendente ajeitou o arranjo capilar. — Então? Não vê que estou ocupado? Que se passa?

— Acho que encontramos Magnus Kjellner. Mellberg endireitou-se ainda mais.

— A sério? Então, onde é que ele está? Numa ilha das Caraíbas?

— Não exatamente. Está debaixo do gelo. Perto de Sälvik.

— Debaixo do gelo?

Ernst podia sentir a tensão no ar e esticou as orelhas.

— Um velhote que andava por lá a passear o cão acaba de telefonar a dizer que encontrou um cadáver. Claro que não podemos ter a certeza de ser Magnus Kjellner, uma vez que o cadáver ainda não foi identificado. Mas parece-me altamente provável.

— Então de que raio estamos à espera? — disse Mellberg, levantando-se de imediato. Pegou no casaco e passou apressadamente por Patrik. — Não percebo porque é que o pessoal desta delegacia é tão lerdo. Tanto tempo para deitar cá para fora uma coisa tão simples! Vamos embora! Você conduz!

Mellberg correu na direção da garagem enquanto Patrik foi rapidamente ao gabinete buscar o blusão. Suspirou. Teria preferido não levar o chefe, mas ao mesmo tempo sabia que Mellberg não gostaria de perder a oportunidade de estar no centro da ação. Quer dizer, desde que não tivesse de fazer nada que implicasse algum esforço.

— Okay, vamos lá! — Mellberg já estava sentado no lugar do passageiro. Patrik sentou-se ao volante e rodou a chave na ignição.

— É a sua primeira vez na TV? — chilreou a mulher que lhe estava a fazer a maquilhagem.

Christian encontrou o olhar dela no espelho e assentiu. Tinha a boca seca e as mãos suadas. Há duas semanas aceitara o convite para aparecer no programa Manhã, na TV4, uma decisão de que agora se arrependia amargamente. Durante a longa viagem de comboio para Estocolmo, na noite anterior, teve de lutar contra o impulso de dar meia-volta e ir para casa.

Gaby ficou muito feliz quando o produtor da TV4 telefonou. Disse ter ouvido rumores de que estava prestes a ser descoberta uma nova estrela no firmamento dos escritores e que queriam ser os primeiros a marcar uma entrevista televisiva com Christian Thydell. Gaby tinha explicado a Christian que não havia melhor oportunidade de marketing e que se venderiam toneladas de livros apenas com uma breve aparição.

E o escritor deixou-se seduzir pela ideia. Pedira uma folga no seu emprego na biblioteca e Gaby tinha-lhe comprado o bilhete de comboio e reservado um hotel em Estocolmo. De início sentira-se muito entusiasmado por poder ir à televisão promover *A Sereia*. Mas as capas dos jornais do fim de semana tinham arruinado tudo. Como podia ter permitido que Gaby o convencesse a fazer aquilo? Vivera como um recluso durante muitos anos e convenceu-se de que já era tempo de voltar a sair para a luz do dia. Mesmo depois de as cartas terem começado a chegar, Christian continuou a viver na ilusão de que tudo tinha terminado, de que estava seguro.

As manchetes dos jornais tinham esfumado essa ilusão. Alguém ia reparar, alguém se lembraria. Tudo seria novamente tornado público. Christian estremeceu e a maquiadora olhou para ele.

— Não me diga que tem frio, com o calor que aqui está. Estará a ficar constipado?

Christian assentiu e sorriu. Era a maneira mais fácil de responder, assim não teria de entrar em explicações.

A maquilhagem no rosto parecia espessa e pouco natural. A mulher até lhe tinha aplicado creme cor de pele nas orelhas e nas mãos porque, segundo disse, a pele natural parecia pálida e ligeiramente esverdeada na TV se não tivesse maquilhagem. Christian não se importava. Era como pôr uma máscara por detrás da qual se podia esconder.

— Muito bem. Está feito. A assistente do estúdio vem cá buscá-lo daqui a nada — a maquiadora inspecionou o seu trabalho enquanto Christian se via ao espelho. A máscara retribuiu-lhe o olhar.

Alguns minutos mais tarde, Christian foi escoltado até uma sala verde mesmo ao lado da porta que conduzia ao estúdio de televisão. Tinha sido preparado um impressionante bufete de pequeno-almoço, mas Christian apenas bebeu um pequeno copo de sumo de laranja. A adrenalina foi-lhe subindo pelo corpo e a mão tremeu um pouco quando ergueu o copo.

— Está na hora — disse a assistente do estúdio. — Venha comigo — a mulher fez-lhe sinal para que a seguisse. Christian pousou o copo, ainda meio cheio de sumo. Com andar vacilante, avançou atrás dela na direção do estúdio, que ficava no piso inferior.

— Pode sentar-se aqui — sussurrou a mulher, conduzindo-o ao seu lugar. Christian sentou-se e teve um sobressalto quando sentiu uma mão no ombro.

— Desculpe. Só preciso de ligar o seu microfone — sussurrou um homem de auscultadores. Christian assentiu. A boca estava agora ainda mais seca, se é que isso era possível, e bebeu de um trago o copo de água que lhe tinham posto à frente.

— Olá, Christian, muito prazer. Li o seu livro e tenho de dizer-lhe que o achei incrível — Kristin Kaspersen estendeu a mão e, após um momento de hesitação, Christian cumprimentou-a cortesmente. Tinha a mão tão suada que a mulher deve ter sentido que estava a apertar uma esponja molhada. Em seguida, Anders Kraft, o outro apresentador do talk-show, aproximou-se e também se sentou. Cumprimentou Christian e apresentou-se.

Havia um exemplar do livro em cima da mesa. Por detrás deles, o meteorologista fazia o seu relatório, por isso tiveram de continuar a conversa em sussurros.

— Não está nervoso, pois não? — perguntou Kristin com um sorriso. — Não vale a pena. Basta manter-se concentrado em nós e vai correr tudo bem.

— Christian assentiu em silêncio. Tinham voltado a encher o copo de água e o escritor bebeu mais um golo.

— Entramos no ar daqui a vinte segundos — disse Anders Kraft, lançando-lhe uma piscadela. Christian sentiu-se mais calmo com a confiança exalada pelo homem e a mulher sentados à sua frente. Fez tudo o que podia para não pensar nas câmaras que os cercavam e que estavam prestes a transmitir o programa ao vivo para um vasto segmento da população sueca.

Kristin começou a falar, olhando para um ponto por detrás dele e Christian percebeu que o programa tinha começado. O coração martelava-lhe o peito, sentia um zumbido nos ouvidos e teve de esforçar-se para ouvir o que Kristin estava a dizer. Após uma breve introdução, a apresentadora fez-lhe a primeira pergunta.

— Christian, o seu primeiro romance, *A Sereia*, anda nas bocas dos críticos. E tem havido um interesse acima do comum por parte dos leitores. Qual é a sensação?

A voz tremeu um pouco quando começou a falar, mas Kristin manteve os olhos firmemente fixos nos dele e Christian concentrou-se em olhar para ela, em vez de olhar para a câmara, que vislumbrava pelo canto do olho. Depois de tropeçar em algumas palavras, ouviu a própria voz a ficar mais forte.

— Tem sido incrível. Sempre sonhei ser escritor, por isso, ver esse sonho realizado e ter uma recepção destas vai muito para além da minha imaginação.

— A editora está a investir em força na publicidade ao seu livro. Temos visto anúncios nas montras de todas as livrarias e fala-se numa primeira edição muito maior do que é habitual. As secções de livros de todos os jornais parecem

estar a competir entre si para compará-lo com alguns dos grandes nomes da literatura. Não tem sido um pouco esmagador para si? — Anders Kraft lançou-lhe um olhar amigável.

Christian começava a sentir-se mais confiante e o coração voltara ao seu ritmo normal.

— É muito gratificante que a minha editora acredite em mim e que esteja a apostar tanto na promoção do livro. Mas é realmente um pouco estranho ser comparado com outros autores. Todos temos o nosso estilo de escrita único — agora, Christian pisava terra firme. Começou a relaxar e, depois de mais algumas perguntas, sentia que podia ficar ali sentado a conversar o dia inteiro.

Kristin Kaspersen pegou em algo que estava em cima da mesa e ergueu-o para a câmara. Quando viu o que era, Christian começou novamente a transpirar. Era a edição de sábado do GT com o seu nome escrito em letras garrafais. As palavras «AMEAÇAS DE MORTE» gritavam-lhe. Já não havia água no copo, mas Christian levou-o várias vezes aos lábios para tentar umedecer a boca seca.

— Está a tornar-se um fenómeno bastante comum na Suécia as celebridades serem alvo de ameaças. Mas isto começou antes de o seu nome se tornar conhecido do público em geral. Quem acha que lhe tem enviado estas cartas ameaçadoras?

De início, Christian proferiu apenas uma espécie de grasnido, mas depois conseguiu dizer:

— Isso foi retirado do contexto e assumiu depois proporções exageradíssimas. Há sempre pessoas invejosas ou que têm problemas psicológicos e... bem, não tenho realmente mais nada a dizer sobre isso. — Christian estava tenso dos pés à cabeça e, por baixo da mesa, limpou as mãos às calças.

— Muito obrigado por ter vindo conversar connosco sobre A Sereia, o seu romance aclamado pela crítica — Anders Kraft ergueu o livro para a câmara e sorriu. O alívio inundou Christian quando se apercebeu de que a entrevista tinha terminado.

— Correu muito bem — disse Kristin Kaspersen, recolhendo os seus papéis.

— Pois correu — concordou Anders Kraft, levantando-se. — Peço desculpa, mas agora tenho de ir apresentar o concurso.

O homem dos auscultadores livrou Christian do fio do microfone para que o escritor pudesse levantar-se. Agradeceu a Kristin e seguiu a assistente para fora do estúdio. As mãos ainda lhe tremiam. Subiram as escadas, passaram pela zona do bufete e saíram para o ar gelado. Christian sentia-se atarantado e confuso, não tendo a certeza de estar pronto para encontrar-se com Gaby na editora, como tinham combinado.

Enquanto o táxi o conduzia para o centro da cidade, olhou pela janela. E percebeu que tinha perdido completamente o controlo.

— Ora bem, como é que vamos fazer isto? — Patrik olhava através do gelo.

Como de costume, Torbjörn Ruud não parecia minimamente preocupado. Mantinha sempre uma atitude calma, independentemente da dificuldade da tarefa que tinha em mãos. Como chefe dos técnicos forenses da delegacia de Uddevalla, estava habituado a resolver todo o tipo de problemas.

— Temos de fazer um furo no gelo e içá-lo com uma corda.

— O gelo não irá ceder sob o vosso peso?

— Com o equipamento adequado, não deve haver qualquer problema. A meu ver, o maior risco é que, ao fazermos o furo, o corpo se solte e seja arrastado pela corrente sob o gelo.

— Como é que vai impedir que isso aconteça? — perguntou Patrik.

— Vamos começar por fazer um pequeno furo e agarrar firmemente o cadáver enquanto o gelo não cede mais.

— Já alguma vez fizeram uma coisa destas? — Patrik ainda não estava completamente convencido.

— Hum... — Torbjörn hesitou, parecendo refletir sobre a questão. — Não, acho que nunca apanhamos um cadáver preso no gelo. Provavelmente lembrava-me se isso já tivesse acontecido.

— Certo — disse Patrik, voltando a olhar para o local onde se supunha que o cadáver estivesse assente. — Força, faça o que for preciso. Tenho de ir falar com a testemunha — Patrik reparara que Mellberg estava embrenhadíssimo a conversar com o homem que encontrara o cadáver. Nunca era boa ideia permitir que Bertil passasse muito tempo com quem quer que fosse, quanto mais com uma testemunha.

— Olá. Chamo-me Patrik Hedström — disse quando se juntou a Mellberg e ao homem com quem o superintendente estava a falar.

— Göte Persson — respondeu o homem, dando-lhe um aperto de mão. Ao mesmo tempo, tentava refrear um golden retriever agitadoíssimo.

— O Rocky quer ir outra vez para lá. Tive muita dificuldade para conseguir trazê-lo outra vez até terra firme — explicou Göte, dando um forte puxão na trela do cão para mostrar-lhe quem é que mandava.

— Foi o seu cão que o encontrou? Göte assentiu.

— Sim, Rocky foi para o gelo e recusava-se a voltar. Ficou para ali a ladrar. Eu estava com medo de que ele caísse por um buraco, por isso fui atrás dele. E então vi... — o homem empalideceu ao recordar a imagem do rosto morto sob a superfície gelada. Depois sacudiu os ombros e a cor começou a voltar-lhe ao rosto. — Ainda vão precisar de mim por muito mais tempo? A minha filha está a caminho da maternidade. É o meu primeiro neto.

Patrik sorriu.

— Sendo assim, compreendo que queira ir-se embora. Espere só mais uns

minutos e já o deixamos ir para que não perca nada.

Göte pareceu ter ficado satisfeito com a resposta e Patrik fez-lhe mais algumas perguntas. Mas logo se tornou evidente que o homem não tinha mais nada a contribuir para o caso. Tivera pura e simplesmente o azar de estar no lugar errado à hora errada, ou talvez fosse o lugar certo à hora certa, dependendo do ponto de vista de cada um. Depois de anotar o seu contacto, Patrik deixou Göte, o futuro avô, sair de cena. Coxeando um pouco, mas com muita pressa, o idoso dirigiu-se para o parque de estacionamento.

Patrik voltou ao ponto da costa que ficava mais próximo do sítio onde o cadáver fora encontrado. Um técnico estava agora metodicamente a descer uma espécie de gancho através de um pequeno furo que tinha sido feito no gelo e a tentar prendê-lo ao corpo. Por uma questão de segurança, o polícia estava deitado de barriga para baixo com uma corda em volta da cintura. Tanto a corda como o cabo preso ao gancho chegavam até a margem. Torbjörn não queria expor a sua equipe ao mais pequeno risco.

— Como eu disse, quando o tivermos bem preso, fazemos um grande buraco no gelo e depois puxamo-lo cá para fora — Patrik deu um salto quando ouviu a voz de Torbjörn à sua esquerda. Tinha estado tão concentrado no que estava a acontecer no gelo que não o ouvira a aproximar-se.

— Então, vão trazê-lo para terra?

— Não, porque assim corríamos o risco de perder alguma prova que esteja nas roupas. Vamos tentar pô-lo num saco para cadáveres ali mesmo, sobre o gelo, antes de o trazermos para aqui.

— Será que ainda resta alguma prova depois de o corpo ter ficado este tempo todo na água? — perguntou Patrik com ceticismo.

— A maior parte das provas já deve ter sido destruída, mas nunca se sabe. Pode haver alguma coisa nos bolsos ou nas costuras da roupa. É melhor não arriscarmos.

— Sim, isso é verdade — Patrik não achava muito provável que encontrassem fosse o que fosse. Já vira cadáveres a serem retirados do mar e, se tivessem lá estado algum tempo, nunca restava muita coisa.

Pôs a mão em pala sobre os olhos. O Sol tinha subido um pouco mais no céu e o reflexo ofuscante no gelo fez-lhe vir lágrimas aos olhos. Semicerrou-os e viu que o gancho devia agora estar firmemente preso ao cadáver, porque estava a ser cortado um buraco maior no gelo. Lentamente, muito lentamente, o corpo foi retirado da água. Estava muito longe para Patrik conseguir descortinar quaisquer pormenores e não deixou de ficar grato por isso.

Outro técnico forense rastejou cautelosamente pelo gelo e, quando o cadáver estava completamente fora da água, dois pares de mãos enfiaram-no cuidadosamente

num saco preto, que foi depois escrupulosamente fechado. Um aceno de cabeça para os homens que estavam em terra e o cabo foi esticado. Centímetro a centímetro, o saco foi arrastado para terra. Patrik recuou instintivamente quando o saco se aproximou mas depois censurou-se por ser tão covarde. Pediu aos técnicos para o abrir e obrigou-se a olhar para o homem que tinha estado sepultado sob o gelo. As suas suspeitas foram confirmadas. Estava quase certo de que tinham encontrado Magnus Kjellner.

Patrik sentiu-se completamente vazio por dentro enquanto observava os técnicos a selar o saco com o cadáver e, em seguida, a erguê-lo e a transportá-lo para o relvado por cima da praia que servia de área de estacionamento. Dez minutos mais tarde, o corpo estava a caminho do Instituto de Patologia Forense de Gotemburgo para ser autopsiado. Por um lado, isso significava que seriam capazes de fornecer algumas respostas e seguir algumas pistas. Poderiam solucionar o caso. Por outro, logo que a identidade do corpo fosse confirmada, teria de informar a família. E isso não era algo que despertasse nele o mais pequeno entusiasmo.

AS FÉRIAS TINHAM ACABADO, FINALMENTE. O PAI ARRUMARA TODOS OS PERTENCES DA FAMÍLIA E COLOCARA-OS NO CARRO E NA CARAVANA. A MÃE ESTAVA DEITADA NA CAMA, COMO DE COSTUME. ESTAVA AINDA MAIS DELGADA, AINDA MAIS PÁLIDA. DIZIA QUE TUDO O QUE QUERIA ERA IR PARA CASA.

POR FIM, O PAI DISSE-LHE PORQUE É QUE A MÃE PARECIA ESTAR TÃO MAL DE SAÚDE. AFINAL, NÃO ESTAVA REALMENTE DOENTE. TINHA UM BEBÉ NA BARRIGA. UM IRMÃOZINHO OU IRMÃZINHA. NÃO COMPREENDEU PORQUE É QUE ISSO A FAZIA SENTIR-SE TÃO MAL. MAS O PAI DISSE-LHE QUE ERA ASSIM QUE AS COISAS SE PASSAVAM.

DE INÍCIO FICOU FELIZ. UM IRMÃO OU UMA IRMÃ COM QUEM BRINCAR. MAS DE OUVIU OS PAIS A CONVERSAREM E ENTÃO COMPREENDEU. AGORA SABIA PORQUE É QUE JÁ NÃO ERA O MENINO LINDO DA SUA MÃE, PORQUE É QUE ELA JÁ NÃO LHE ACARICIAVA O CABELO E PORQUE OLHAVA PARA ELE DAQUELA MANEIRA. PERCEBEU QUEM TINHA LEVADO A MÃE PARA LONGE DELE.

NO DIA ANTERIOR VOLTOU À CARAVANA, MOVENDO-SE COMO UM GUERREIRO ÍNDIO. APROXIMOU-SE FURTIVAMENTE EM BICOS DE PÉS, SEM FAZER O MAIS PEQUENO RUÍDO, DE MOCASSINS E COM UMA PENA PRESA AO CABELO. ERA AGORA NUVEM FURIOSA E O PAI E A MÃE ERAM OS CARAS-PÁLIDAS. PODIA VÊ-LOS A MOVEREM-SE NO INTERIOR DA CARAVANA, POR DETRÁS DAS CORTINAS. A MÃE NÃO ESTAVA NA CAMA. ESTAVA DE PÉ, A CONVERSAR, E NUVEM FURIOSA FICOU FELIZ, PORQUE TALVEZ JÁ ESTIVESSE A SENTIR-SE MELHOR, TALVEZ O BEBÉ JÁ NÃO ESTIVESSE A PÔ-LA DOENTE. E A MÃE PARECIA FELIZ. CANSADA, MAS FELIZ. NUVEM FURIOSA APROXIMOU-SE SILENCIOSAMENTE UM POUCO MAIS, QUERENDO OUVIR MELHOR A VOZ DA CARA-PÁLIDA FELIZ. DANDO UM PASSO DE CADA VEZ, APROXIMOU-SE ATÉ FICAR MESMO DEBAIXO DA JANELA ABERTA. COM AS COSTAS PRESSIONADAS CONTRA A CARAVANA, CERROU OS OLHOS E OUVIU.

MAS ABRIU OS OLHOS QUANDO COMEÇARAM A FALAR DELE. ENTÃO, TODA A ESCURIDÃO LHE CAIU BRUTALMENTE EM CIMA. ESTAVA OUTRA VEZ COM ELA, SENTIA O CHEIRO HORROROSO NAS NARINAS, OUVIA O SILÊNCIO A ECOAR-LHE NA CABEÇA.

A VOZ DA MÃE PERFUROU O SILÊNCIO, PERFUROU A ESCURIDÃO. JOVEM COMO ERA, COMPREENDEU EXATAMENTE O QUE A MÃE ESTAVA

A DIZER. LAMENTAVA TER-SE TORNADO SUA MÃE, AGORA QUE IAM TER UM FILHO SÓ DELES. SE AO MENOS O TIVESSE SABIDO ANTES, NUNCA O TERIA LEVADO PARA CASA. E O PAI, NO SEU TOM DE VOZ CANSADO E CINZENTO, DISSE: «MAS O RAPAZ JÁ CÁ ESTÁ, POR ISSO TEMOS DE CONCILIAR AS COISAS.» NUVEM FURIOSA NÃO SE MOVEU DO SÍTIO ONDE ESTAVA E, NESSE MOMENTO, O SEU ÓDIO NASCEU. NÃO CONSEGUIA EXPRESSAR AQUELE SENTIMENTO POR PALAVRAS, MAS SABIA QUE ERA UMA SENSÇÃO AO MESMO TEMPO MARAVILHOSA E TERRIVELMENTE DOLOROSA.

ASSIM, ENQUANTO O PAI GUARDAVA NO CARRO O FOGÃO DE CAMPISMO, AS ROUPAS, AS LATAS DE CONSERVA E TODAS AS OUTRAS COISAS, GUARDOU O SEU ODIO. ENCHIA TODO O BANCO TRASEIRO ONDE ESTAVA SENTADO. MAS NAO ODIAVA A MÃE. COMO PODERIA? ELE A AMAVA.

ODIAVA AQUELE QUE A TINHA AFASTADO DELE.



ERICA TINHA IDO DE CARRO À BIBLIOTECA DE FJÄLLBACKA. Sabia que Christian não estava lá. O amigo tinha-se saído bem no programa Manhã, pelo menos até o final. Quando começaram a fazer-lhe perguntas sobre as ameaças, o nervosismo tornou-se óbvio. Na verdade, foi tão doloroso vê-lo a corar e a começar a suar que Erica tinha desligado o televisor antes de a entrevista ter terminado.

E agora ali estava, fingindo examinar os títulos dos livros nas prateleiras enquanto pensava na melhor forma de abordar o verdadeiro propósito da sua visita: conversar com May, a colega de Christian. Porque quanto mais Erica pensava nas cartas, mais convencida estava de que o autor das ameaças a Christian não podia ser um estranho. Não, as cartas eram demasiado pessoais, o culpado tinha de ser procurado entre as pessoas que faziam parte da vida do amigo, agora ou no passado.

O problema era que Christian sempre fora extremamente relutante em falar sobre si mesmo. Nessa manhã, Erica decidira anotar tudo o que já tinha ouvido dele e do seu passado. Acabou sentada à frente de uma folha em branco, de esferográfica na mão. Apercebeu-se de que não sabia realmente nada de Christian. Apesar de terem passado muito tempo juntos a editar o manuscrito, e mesmo que, na sua opinião, se tivessem tornado bons amigos, Christian nunca lhe tinha contado nada sobre a sua vida privada. Nunca mencionou onde nasceu, como se chamavam os

pais ou o que faziam. Não lhe dissera que escola tinha frequentado nem se tinha praticado algum desporto quando era jovem. Nunca falava de amigos que tinha tido nem referia se ainda estava em contacto com algum deles. Erica não sabia nada dele.

E foi isso que fez soar o sinal de alarme. Porque, em conversa, as pessoas acabam sempre por revelar pormenores de si mesmas, informações que mostram como eram ou o que as fez tornarem-se o que são. O facto de Christian ser tão reservado no que dizia fez com que Erica tivesse ainda mais a certeza de que estava a esconder algo. A questão era saber se tinha sido igualmente bem-sucedido em manter-se em guarda face a todas as outras pessoas. Talvez uma colega que trabalhava com Christian todos os dias pudesse ter descoberto alguma coisa.

Erica olhou de relance para May, que estava a escrever algo ao computador. Por sorte, eram as duas únicas pessoas na biblioteca; assim podiam conversar sem serem perturbadas. Por fim, Erica descobriu uma tática possível. Não podia pura e simplesmente chegar ao pé de May e fazer-lhe perguntas sobre Christian, tinha de enveredar por uma abordagem mais rebuscada.

Erica levou a mão às costas, respirou fundo e deixou-se cair numa das cadeiras em frente ao balcão onde May estava sentada.

— Deve custar-lhe muito. Ouvi dizer que vai ter gémeos — disse May, lançando a Erica um compreensivo olhar maternal.

— É verdade. Tenho dois aqui dentro — Erica acariciou a barriga, tentando fazer crer que precisava mesmo de descansar um pouco. Não foi preciso representar muito. Sempre que se sentava, toda a zona lombar relaxava de gratidão.

— Deixe-se estar aí sentada e descanse um bocado.

— Obrigada, é isso mesmo que vou fazer — retorquiu Erica com um sorriso. Passado um momento, acrescentou: — Viu Christian na televisão, hoje de manhã?

— Não, infelizmente não consegui. Estava aqui a trabalhar. Mas programei o DVD para gravar o programa. Pelo menos acho que o programei. Nunca me entendo muito bem com estas máquinas modernas. Ele saiu-se bem?

— Sim, muito bem. É excelente que o livro esteja a receber tanta atenção.

— Pois é. Estou muito orgulhosa dele — disse May, cujo rosto se iluminou. — Não fazia ideia de que Christian era escritor até ter ouvido dizer que o livro dele ia ser publicado. E que livro! Os comentários têm sido fantásticos.

— É realmente incrível, não é? — Erica ficou em silêncio por um momento. — Toda a gente que o conhece deve estar muito contente por ele. Espero que os ex-colegas também estejam. Onde é que foi mesmo que ele trabalhou antes de vir para Fjällbacka? — Erica tentou fazer crer que sabia, mas que simplesmente não conseguia lembrar-se.

— Hum... — ao contrário de Erica, May parecia estar realmente a escrutinar a memória. — Sabe uma coisa, agora que penso nisso, nunca soube onde Christian

trabalhava antes de vir para cá. Que estranho. Mas ele já estava aqui na biblioteca quando fui contratada e nunca conversamos do que fez antes.

— Então não sabe de onde ele é, ou onde morava antes de se mudar para Fjällbacka? — Erica percebeu que parecia demasiado interessada, de modo que se esforçou por manter um tom mais neutro. — Calhou pensar nisso hoje, quando estava a ver a entrevista. Sempre me pareceu que Christian fala com sotaque de Småland¹², mas esta manhã pareceu-me notar um dialeto diferente na voz dele, embora não tenha conseguido reconhecê-lo — não era uma mentira muito boa, mas teria de servir.

May pareceu aceitar a explicação de Erica.

— Bem, Christian não é de Småland, disso tenho a certeza. Mas, na verdade, também não faço ideia de onde seja. Claro que falamos uns com os outros, aqui no trabalho, e Christian é uma pessoa tão agradável e prestável — May parecia estar a pensar como verbalizar o próximo pensamento. — No entanto, parece estar sempre a pôr uma barreira entre ele e os outros. Como se estivesse a dizer:

«Podem chegar até aqui, mas não se aproximem mais.» Talvez esteja a ser disparatada, mas nunca lhe perguntei nada sobre assuntos pessoais porque, de algum modo, Christian deixou claro que essas perguntas não seriam bem-vindas.

— Percebo o que quer dizer — retorquiu Erica. — Portanto, Christian nunca mencionou nada de passagem? — May refletiu. — Não, não me recordo de... Espere...

— Sim? — disse repentinamente Erica, silenciosamente amaldiçoando a sua própria impaciência.

— Foi só uma coisa sem importância. Mas tenho a sensação de que... uma vez estávamos falando de Trollhättan, porque eu tinha ido visitar minha irmã que mora lá, e Christian parecia conhecer a cidade. Então, ficou um pouco atrapalhado e começou a falar de outra coisa. Lembro-me perfeitamente de ter reparado a reação dele. De ter mudado de assunto de forma tão abrupta.

— Ficou com a sensação de que Christian pode ter morado lá?

— Acho que sim. Embora, como disse, não possa ter certeza.

Não era muito. Mas pelo menos podia começar por ali. Por Trollhättan.

— Entra, Christian! — Gaby foi ter com ele à porta e o escritor entrou cautelosamente na paisagem branca que era a sede da editora. Apesar de Gaby preferir cores fortes e ter um estilo pessoal extravagante, o gabinete estava mobilado de forma espartana e era dominado por tons pastel pálidos. Mas talvez isso fosse intencional, porque fornecia o cenário ideal para ela brilhar.

— Queres um café? — Gaby apontou para um cabide e para uma prateleira para chapéus. Christian pendurou o casaco.

— Sim, obrigado — respondeu, seguindo o martelar dos saltos altos de Gaby

pelo longo corredor. A cozinha estava decorada com cores tão pálidas como o resto da editora, mas as xícaras que Gaby tirou do armário eram rosa-choque e não parecia haver outras por onde escolher.

— Latte, cappuccino, espresso? — Gaby apontou para uma máquina de café gigante que dominava a bancada. Christian refletiu.

— Pode ser um latte, por favor.

— Está a sair! — Gaby pegou na xícara de Christian e começou a apertar botões. Quando a máquina de café parou de chiar e de soprar, Gaby fez sinal a Christian para que a seguisse.

— Vamos para o meu gabinete. Há demasiadas pessoas a cirandar por aqui — Gaby fez um aceno de cabeça para uma mulher na casa dos trinta que tinha entrado na cozinha. A julgar pela sua expressão alarmada, Christian pensou que Gaby devia manter os funcionários com rédea curta.

— Senta-te — o gabinete de Gaby ficava ao lado da cozinha. Era arrumado e agradável, embora impessoal. Não havia fotografias da família nem bibelôs. Nada que fornecesse qualquer pista a respeito de quem realmente era Gaby, e Christian suspeitava de que isso era exatamente o que ela pretendia.

— Estiveste fantástico hoje de manhã! — Gaby sentou-se à secretária, sorrindo-lhe.

Christian assentiu, perfeitamente consciente de que a editora tinha reparado no seu nervosismo. Perguntou a si próprio se Gaby teria algum problema de consciência sobre o modo como o tinha jogado à mídia, deixando-o indefeso perante o que estava para vir.

— Tens muito carisma — Gaby revelou uma dentadura deslumbrantemente branca quando lhe sorriu. Os dentes eram demasiado brancos, de uma tonalidade pouco natural. Christian agarrou com força a xícara de café cor-de-rosa com as mãos suadas.

— Vamos tentar que entres em mais uns quantos programas de TV — tagarelou Gaby. — Na Carin, às nove e meia da noite, na Malou, no Canal 4, talvez nalgum concurso. Acho que tu...

— Não quero aparecer em mais nenhum programa de televisão. Gaby fitou-o.

— Desculpa? Devo ter ouvido mal. Acabaste de dizer que não queres voltar a aparecer na TV?

— Exatamente. Viste o que aconteceu esta manhã. Não vou voltar a sujeitar-me àquilo.

— Mas a televisão vende livros — as narinas de Gaby dilataram-se. — A pequena entrevista desta manhã vai mesmo dar novo impulso às vendas do teu livro — tamborilava impacientemente com as unhas compridas no tampo da secretária.

— Não duvido, mas isso não importa. Não vou voltar a fazer uma coisa daquelas — e Christian estava a falar a sério. Não queria voltar a ser o centro das atenções. Não podia. Aquela pequena entrevista já era demais; suficiente para provocar uma reação. Talvez ainda conseguisse manter o destino ao largo se pudesse acabar com aquilo. Mas tinha de fazê-lo agora.

— Devo dizer-te que não estás a ser muito colaborante. Não posso vender o teu livro ou fazer com que os leitores reparem nele se não me ajudares. E isso significa tomar parte nas ações promocionais — o tom de voz de Gaby era frio como o gelo.

Christian sentiu um zumbido na cabeça. Olhou fixamente para as unhas cor-de-rosa de Gaby, que se destacavam contra o tampo claro da secretária, e tentou parar o rugido que subia de intensidade. Começou a coçar a palma da mão esquerda. Sentia um formigueiro sob a pele. Como um eczema que piorava quanto mais se lhe mexia.

— Não vou voltar a fazer uma coisa daquelas — repetiu, não se atrevendo a olhar Gaby nos olhos. O ligeiro nervosismo que sentira antes de ir para aquela reunião tinha-se agora transformado em pânico. A editora não podia obrigá-lo. Ou podia? Que dizia exatamente o contrato que assinara? Estava tão entusiasmado por o livro ter sido aceite para publicação que nem sequer o tinha lido.

A voz de Gaby abafou o rugido:

— Esperemos que apareças, Christian. Eu espero que tu apareças — a irritação da editora alimentava o formigueiro e a comichão que sentia dentro dele. Coçou a palma da mão ainda com mais força, até que sentiu uma picada. Quando olhou para baixo, viu os sulcos sangrentos deixados pelas unhas. Ergueu os olhos.

— Agora tenho de ir para casa.

Gaby observou-o, fazendo um esgar.

— Olha, Christian, tu estás bem? — o sulco na testa aprofundou-se ao ver o sangue na palma da mão do escritor. — Christian... — Gaby parecia não saber o que dizer e Christian não aguentava mais. Os pensamentos zumbiam cada vez mais alto, dizendo coisas que não queria ouvir. Todos os pontos de interrogação, todas as ligações, tudo se misturava, até restar apenas a percepção da comichão que sentia sob a pele.

Levantou-se de um salto e correu para fora do gabinete.

Patrik olhava fixamente para o telefone. Ia demorar algum tempo até obterem um relatório completo sobre o cadáver que tinha sido encontrado sob o gelo, mas contava receber muito em breve a confirmação de que se tratava realmente de Magnus Kjellner. Sem dúvida de que já havia rumores a circular por Fjällbacka e não queria que Cia soubesse por mais ninguém além da polícia.

Mas, até o momento, o telefone tinha permanecido em silêncio.

— Já disseram alguma coisa? — Annika enfiou a cabeça pela ombreira da porta, lançando-lhe um olhar inquiridor.

Patrik abanou a cabeça.

— Nada. Mas estou a contar que Pedersen ligue a qualquer momento.

— Esperemos que sim — disse Annika. No preciso instante em que a secretária se virou para regressar à recepção, o telefone tocou. Patrik pegou no auscultador.

— Hedström — disse. Patrik escutou, fazendo sinal a Annika para esperar. Era Tord Pedersen, do Instituto de Patologia Forense de Gotemburgo. — Sim... Certo... Eu compreendo... Obrigado — Patrik desligou o telefone e expirou de modo audível. — Pedersen confirmou que o cadáver é de Magnus Kjellner. Não consegue determinar a hora da morte antes da autópsia, mas pode afirmar com toda a certeza que Kjellner foi vítima de uma agressão violenta. O corpo apresenta vários ferimentos resultantes de facadas.

— Pobre Cia.

Patrik assentiu. Sentiu um aperto no coração ao pensar na tarefa que tinha pela frente. No entanto, queria ser ele mesmo a informar a viúva. Devia-lhe isso por todas as vezes que Cia fora à delegacia, cada vez com um olhar mais triste, cada vez mais abatida, mas nunca deixando de manter a esperança. Agora já não havia esperança e a única coisa que lhe podia oferecer era a certeza de que o marido estava morto.

— É melhor ir falar com Cia agora mesmo — disse Patrik, levantando-se. — Antes que alguém lhe conte.

— Vais sozinho?

— Não, levo a Paula comigo.

Patrik foi ao gabinete da colega e bateu na porta aberta.

— É ele? — como de costume, Paula foi direta ao assunto.

— Sim, vou falar com a mulher. Podes vir comigo?

— Sim, claro — respondeu Paula, pegando no blusão e seguindo Patrik, que já se encaminhava para a saída da delegacia. Na recepção, foram parados por Mellberg.

— Já souberam alguma coisa? — quis saber o superintendente.

— Sim. Pedersen confirmou que a vítima é Magnus Kjellner — Patrik virou-se e dirigiu-se ao carro- patrulha estacionado em frente à delegacia, mas Mellberg ainda não tinha terminado.

— Quer dizer que Kjellner se afogou, não foi? Eu sabia que ele se tinha suicidado. Deve ter sido por causa de problemas com mulheres ou então perdeu uma pipa de massa a jogar póquer na Internet. Mas eu estava mesmo à espera disto.

— Não parece ter sido suicídio — Patrik sopesou as palavras com cautela.

Sabia por experiência própria que Mellberg fazia o que queria com as informações que obtinha e que isso podia facilmente levar a resultados desastrosos.

— Raios! Quer dizer que foi assassinato?

— Bem, por enquanto ainda não sabemos muita coisa — a voz de Patrik tinha adquirido um tom cauteloso. — A única coisa que Pedersen me conseguiu dizer foi que Magnus Kjellner sofreu ferimentos graves.

— Raios! — repetiu Mellberg. — Isso significa que a investigação vai atrair montes de atenção. Temos de apressar-nos. Temos de ver tudo o que já foi feito, ou que não foi feito, à lupa. Realmente não tenho estado muito envolvido no caso, mas agora temos de concentrar todos os recursos da delegacia para o solucionar.

Patrik e Paula trocaram olhares. Como de costume, Mellberg era alheio à falta de confiança dos subordinados nas suas capacidades de liderança, prosseguindo entusiasticamente:

— Temos de fazer uma reunião para rever todo o material que temos em mãos. Espero que todos estejam presentes às três horas, cheios de vontade de trabalhar. Já perdemos demasiado tempo. Valha-me Deus, será que são mesmo precisos três meses para encontrar um homem? É a vergonha das vergonhas — Mellberg lançou um olhar severo a Patrik, que lutou para controlar o impulso infantil de dar ao chefe um valente pontapé na canela.

— Às três — disse Patrik. — Entendido. Mas agora, se não se importar, temos de ir andando. Eu e

Paula vamos a casa da mulher de Kjellner.

— Vão, vão — disse Mellberg com impaciência, despachando-os com um aceno. Parecia estar já perdido em pensamentos, a decidir a forma de delegar as tarefas do que acabara de revelar-se ser uma investigação de assassinato.

Erik passara toda a vida a controlar tudo. Era ele quem decidia. Era o caçador. Agora, alguém o estava a caçar a ele, uma pessoa desconhecida que Erik não conseguia ver. E isso assustava-o mais do que qualquer outra coisa. Tudo teria sido mais fácil se soubesse quem andava atrás dele. Mas, sinceramente, não sabia.

Tinha dedicado muito tempo a ponderar a situação e tinha até feito um inventário da sua vida. Anotara mentalmente todas as mulheres que conhecera, os contatos profissionais, os amigos e os inimigos. Não podia negar que tinha deixado um rastro de amargura e de raiva. Mas também de ódio? Disso já não tinha tanta certeza. As cartas que recebera destilavam ódio, assim como um desejo ardente de fazer mal. Não havia qualquer dúvida.

Pela primeira vez, Erik sentiu-se sozinho no mundo. Pela primeira vez apercebeu-se de como era fina a camada de verniz que o protegia e apercebeu-se do pouco que, na hora da verdade, significavam todo o sucesso e as palmadinhas nas costas. Chegara a pensar contar a Louise. Ou a Kenneth. Mas parecia nunca

encontrar um momento em que a mulher não estivesse a olhar para ele com desprezo. E Kenneth era sempre tão submisso. Nenhum deles parecia terreno fértil para confidenciar as suas preocupações. Ou para partilhar o mal-estar que sentia desde a chegada das primeiras cartas.

Não havia ninguém a quem pudesse recorrer. Apercebeu-se de que era o único culpado do seu isolamento, mas conhecia-se demasiado bem para saber que não teria agido de forma diferente mesmo que o pudesse ter feito. O sabor do sucesso era demasiado doce. A sensação de superioridade e o gosto de ser idolatrado eram demasiado intoxicantes. Não se arrependia de nada, mas continuava a desejar desabafar com alguém.

Como não havia ninguém, decidiu procurar a segunda melhor forma de escape. O sexo. Nada o fazia sentir-se tão invencível, permitindo-lhe ao mesmo tempo abandonar o controlo de um modo que, noutro contexto, lhe era estranho. E não importava quem fosse a sua parceira sexual. Tinham sido tantas ao longo dos anos que já nem conseguia relacionar os nomes com as caras. Recordava-se de uma mulher de seios perfeitos mas, por mais voltas que desse à cabeça, não conseguia lembrar-se da cara que lhes correspondia. Outra mulher tinha um sabor delicioso, fazendo-o desejar lambê-la, inspirar o cheiro dela. Mas como é que se chamava? Não fazia ideia.

De momento, a sua amante era Cecilia, mas Erik achava que também não se ia recordar de nada de especial sobre ela. Cecilia era meramente conveniente. Em todos os sentidos. Completamente aceitável na cama, mas nada que fizesse os anjos cantarem. Um corpo com formas suficientemente agradáveis para lhe provocar uma ereção, embora não fosse o corpo de Cecilia que imaginava quando estava em casa, na cama, de olhos fechados e a masturbar-se. Ela estava ali, estava disponível e disposta. Essa era a sua atração e Erik sabia que não tardaria a cansar-se de Cecilia.

Mas, por enquanto, aquilo era suficientemente bom. Impaciente, tocou à campainha, esperando não ter de perder muito tempo com conversa fiada antes de poder penetrá-la e sentir toda a tensão a libertar-se.

Assim que Cecilia abriu a porta, Erik viu que as suas esperanças seriam frustradas. Tinha-lhe enviado um SMS a perguntar se podia ir a casa dela e recebera um «sim» como resposta, mas agora achava que teria sido preferível telefonar-lhe, para assim se poder aperceber do estado de espírito da amante. Porque Cecilia tinha um ar determinado. Não estava zangada nem irritada. Não era isso. Estava simplesmente determinada e calma — o que era muito mais preocupante do que se estivesse furiosa.

— Entra, Erik — disse Cecilia, dando um passo para o lado para deixá-lo entrar

Erik. Nunca era bom sinal quando alguém dizia o seu nome daquela maneira.

Significava que

Cecilia queria enfatizar o que ia dizer. Que queria atrair toda a sua atenção. Erik ainda pensou rodar nos calcanhares, explicando que afinal tinha de ir-se embora — tudo para poder livrar-se do que quer que fosse que a amante metera na cabeça.

Mas a porta estava aberta de par em par e Cecilia, resoluta, já ia a caminho da cozinha. Não tinha escolha. Relutante, Erik fechou a porta, pendurou o casaco e foi ter com ela.

— Ainda bem que vieste. Estava a pensar telefonar-te — disse a amante.

Erik encostou-se à bancada de braços cruzados. À espera. Aquilo ia começar, a mesma dança de sempre. O momento em que a mulher começava a tentar liderar, a tomar conta da situação, em que apresentava as suas reivindicações e exigia promessas que ele nunca poderia cumprir. Às vezes, esses momentos davam-lhe uma sensação de satisfação. Gostava de destruir as esperanças patéticas das mulheres de forma lenta e meticulosa. Mas não nesse dia. Nesse dia queria sentir pele nua e aromas doces, precisava de subir até o topo e de experimentar aquela sensação esgotante de libertação. Precisava disso para manter ao largo quem quer que o andasse a tentar caçar. Porque é que aquela mulher estúpida foi logo escolher aquele dia para ele lhe dar cabo dos sonhos?

Erik olhava irritadamente para Cecilia, que lhe retribuía o olhar com muita serenidade. Aquilo era uma novidade. Estava habituado a ver nas mulheres olhares nervosos e faces coradas de expectativa face ao salto que estavam prestes a dar. E também euforia, porque tinham encontrado a sua «coragem interior» para exigir aquilo a que julgavam ter direito. Mas Cecilia limitou-se a ficar diante dele, olhando-o com firmeza.

A mulher abriu a boca para falar no preciso momento em que o celular de Erik começou a vibrar no bolso das calças. Erik abriu a mensagem e leu-a. Uma única frase. Uma frase que quase fez com que os joelhos se dobrassem. Ao mesmo tempo, de muito longe, ouviu a voz de Cecilia. A amante estava a falar com ele, a dizer-lhe algo. Era impossível absorver as suas palavras. Mas Erik fez um esforço para a ouvir, obrigou o cérebro a dar significado às sílabas que Cecilia proferia.

— Estou grávida, Erik.

Não trocaram uma única palavra durante a viagem para Fjällbacka. Antes de saírem, Paula perguntou a Patrik se queria que fosse ela a dar a notícia, mas o colega limitou-se a abanar a cabeça. Tinham ido buscar Lena Appelgren, a pastora, que estava sentada no banco de trás. Lena também tinha permanecido em silêncio depois de ouvir o que precisava de saber sobre a situação.

Quando viraram para o acesso para carros junto da casa dos Kjellner, Patrik lamentou ter levado um veículo da polícia em vez do seu próprio Volvo. Só havia uma forma de Cia interpretar o facto de um carro-patrulha estar a aproximar-se da

sua casa.

Patrik tocou à campainha e, menos de cinco segundos depois, Cia abriu a porta. Pela expressão da mulher de Magnus, Patrik percebeu que Cia tinha visto o carro e já tirara as suas conclusões.

— Encontraram-no, não foi? — perguntou, aconchegando-se mais no camisolão ao sentir o vento frio invernal que soprava à entrada.

— Sim — respondeu Patrik. — Encontramos.

Por um momento, Cia manteve a compostura, mas então as pernas pareciam ter cedido sob o seu peso e a mulher de Magnus caiu no chão. Patrik e Paula levantaram-na. Apoiando-se nos dois agentes, a viúva dirigiu-se à cozinha, onde se sentou.

— Quer que chamemos alguém? — Patrik sentou-se junto de Cia e pegou-lhe na mão.

Cia parecia estar a refletir sobre a pergunta. Tinha os olhos vidrados e Patrik calculou que devia estar a ter grande dificuldade em ordenar as ideias.

— Quer que vamos buscar os pais de Magnus para lhe fazerem companhia? — perguntou gentilmente

Patrik.

— Os meus sogros já sabem? — perguntou com voz trémula.

— Não — respondeu Patrik. — Mas dois agentes já foram dar-lhes a notícia, por isso posso telefonar a perguntar se querem vir até aqui.

Mas não foi necessário, porque, pouco tempo depois, um segundo carro-patrolha estacionou ao lado do carro de Patrik. O agente percebeu que Gösta e Martin já tinham informado os pais de Magnus, que estavam a sair do carro. Entraram em casa sem parar para tocar à campainha. Paula foi até o vestíbulo para falar em sussurros com os colegas. Pela janela da cozinha, Patrik viu Gösta e Martin a saírem para o frio e a afastarem-se no carro-patrolha.

Paula voltou para a cozinha, acompanhada por Margareta e Kjellner Torsten.

— Achei que não valia a pena estarem aqui quatro agentes, por isso disse-lhes para voltarem para a delegacia — explicou Paula. — Espero que tenha feito bem — acrescentou. Patrik assentiu.

Margareta foi logo ter com a nora, abraçando-a. Cia começou instantaneamente a chorar e depois foi como se uma barragem tivesse rebentado, e as lágrimas começaram a correr sem parar, acompanhadas por soluços penosos e dilacerantes. Torsten estava pálido e parecia irritado. A pastora aproximou-se dele e apresentou-se.

— Porque não se senta, eu vou fazer café para todos — disse Lena. Conheciam-se apenas de nome e a pastora estava ciente de que, de momento, a sua função era ficar em segundo plano, intervindo apenas em caso de necessidade. As

peessoas reagiam de forma diferente à notícia de uma morte e, às vezes, tudo o que Lena tinha de fazer era oferecer uma bebida quente e reconfortante. Começou a remexer os armários, não tardando a encontrar tudo o que precisava para fazer café.

— Pronto, Cia — disse Margareta, acariciando as costas da nora. Por cima da cabeça de Cia, a sogra encontrou o olhar de Patrik, que teve de fazer um grande esforço para não desviar o olhar da tristeza profunda que viu nos olhos de uma mãe que acabara de saber que tinha perdido um filho. Apesar disso, Margareta era suficientemente forte para consolar a nora. Algumas mulheres possuíam uma força tal que nada conseguia quebrá-las. Dobrá-las, talvez. Mas não quebrá-las.

— Lamento muito — Patrik voltou-se para o pai de Magnus, que estava sentado à mesa da cozinha a olhar o vazio. Torsten não respondeu. — Aqui está um cafezinho para si — Lena pousou a xícara à frente de Torsten e depois pôs-lhe a mão no ombro por um momento. O pai de Magnus não reagiu imediatamente, mas depois perguntou com voz fraca:

— Açúcar?

— Eu vou buscar — Lena voltou a remexer os armários até encontrar uma embalagem com pacotes de açúcar.

— Não compreendo... — disse Torsten, fechando os olhos. Depois voltou a abri-los. — Não compreendo. Quem é que havia de querer fazer mal a Magnus? Quem é que queria prejudicar o nosso filho? — Torsten olhou para a mulher, mas Margareta não ouviu. Ainda tinha os braços em torno de Cia e uma mancha úmida estava a aumentar na sua camisola cinzenta.

— Nós não sabemos, Torsten — disse Patrik. O agente assentiu com gratidão à pastora, que lhe entregou uma xícara de café antes de sentar-se à mesa com eles.

— Então, o que é que sabemos ao certo? — a raiva e a tristeza pareciam colar as palavras à garganta de Torsten. Margareta lançou-lhe um olhar de advertência. Como se dissesse: «Não agora. Este não é nem o momento nem o lugar adequado.»

Torsten curvou-se perante o olhar severo da mulher e esticou o braço para um pacote de açúcar, pondo um pouco na xícara e mexendo o café com uma colher.

O silêncio caiu sobre a cozinha. Os soluços de Cia tinham acalmado, mas Margareta continuava a abraçá-la, pondo momentaneamente a própria tristeza de lado. Cia ergueu a cabeça. Tinha as faces molhadas de lágrimas e mal se ouviu quando disse:

— As crianças. Ainda não sabem. Estão na escola. Têm de voltar para casa.

Patrik assentiu. Levantou-se e, depois, ele e Paula saíram de casa e foram para o carro.

TAPAVA OS OUVIDOS. NÃO CONSEGUIA COMPREENDER COMO É QUE ALGO TÃO PEQUENO PODIA CAUSAR TANTA CONFUSÃO, COMO É QUE ALGO TÃO FEIO PODIA ATRAIR TANTA ATENÇÃO.

TUDO MUDOU DE DAQUELAS SEMANAS DE FÉRIAS NO CAMPING. A MÃE ENGORDARA CADA VEZ MAIS, ATÉ QUE DESAPARECEU DURANTE UMA SEMANA E DE VOLTOU PARA CASA COM A IRMÃ MENOR. ELE QUIS SABER O QUE SE PASSAVA, MAS NINGUÉM SE DEU AO TRABALHO DE RESPONDER ÀS SUAS PERGUNTAS.

JÁ NINGUÉM LHE PRESTAVA A MAIS PEQUENA ATENÇÃO. O PAI ERA O MESMO DE SEMPRE E A MÃE SÓ TINHA OLHOS PARA O PEQUENO FARDO ENRUGADO. ANDAVA SEMPRE DE UM LADO PARA O OUTRO COM A IRMÃ AO COLO. A BEBÉ NUNCA PARAVA DE CHORAR. A MÃE ESTAVA CONSTANTEMENTE A DAR-LHE DE MAMAR, A MUDAR-LHE A FRALDA, A MIMÁ-LA E A ARRULHAR PARA ELA. QUANTO A ELE, NÃO ERA MAIS DO QUE UM EMPECILHO. DAS POUCAS VEZES QUE A MÃE LHE LIGAVA ERA PARA O REPREENDER. NÃO GOSTAVA QUANDO ISSO ACONTECIA, MAS QUALQUER COISA ERA MELHOR DO QUE SER COMPLETAMENTE IGNORADO, COMO SE MAIS NÃO FOSSE DO QUE AR.

O QUE MAIS A IRRITAVA ERA QUE COMESSE DE MAIS. A MÃE ERA MUITO PICUINHAS EM RELAÇÃO À COMIDA. «TENS DE TER CUIDADO COM O TEU PESO», DIZIA SEMPRE QUE O PAI PEDIA MAIS MOLHO.

MAS AGORA REPETIA SEMPRE. NÃO UMA, MAS DUAS OU TRÊS VEZES. DA PRIMEIRA VEZ, A MÃE TENTOU DETÊ-LO. MAS ELE LIMITOU-SE A FITÁ-LA AO MESMO TEMPO QUE, LENTA E DELIBERADAMENTE, SE SERVIA DE MAIS MOLHO OU ENCHIA O PRATO DE PURÉ. A MÃE ACABOU POR DESISTIR E AGORA LANÇAVA-LHE APENAS OLHARES IRRITADOS. E AS PORÇÕES FORAM AUMENTANDO. UMA PARTE DELE APRECIAVA A AVERSÃO QUE VIA NOS OLHOS DA MÃE QUANDO ABRIA MUITO A BOCA E A ENCHIA DE COMIDA. PELO MENOS ELA ESTAVA A OLHAR PARA ELE. MAS JÁ NINGUÉM LHE CHAMAVA «O MEU MENINO LINDO». JÁ NÃO ERA BONITO. ERA FEIO. TANTO POR DENTRO COMO POR FORA. MAS PELO MENOS A MÃE NÃO O IGNORAVA.

DE DE PÔR A BEBÉ NO BERÇO, A MÃE COSTUMAVA IR DORMIR UMA SESTA. ENTÃO, APROVEITAVA PARA IR OBSERVAR A IRMÃZINHA E PARA LHE TOCAR. DE OUTRO MODO NÃO LHE ERA PERMITIDO FAZÊ-LO. NÃO QUANDO A MÃE ESTAVA A VER. «NÃO MEXAS NELA, PODES TER

AS MÃOS SUJAS.» MAS, QUANDO A MÃE ESTAVA A DORMIR, PODIA OLHAR PARA A BEBÉ. E TOCAR-LHE.

INCLINOU A CABEÇA PARA UM LADO E ESTUDOU-A. O ROSTO DA BEBÉ FAZIA LEMBRAR O DE UMA VELHA. LIGEIRAMENTE GRETADO E AVERMELHADO. ENQUANTO DORMIA, A IRMÃ APERTAVA OS PUNHOS PEQUENOS E MEXIA-SE UM POUCO. AFASTAVA A MANTA COM OS PÉS. ELE NÃO VOLTAVA A TAPÁ-LA. PORQUE HAVERIA DE FAZÊ-LO? ELA TINHA-LHE TIRADO TUDO.

ALICE. O PRÓPRIO NOME DA CRIANÇA LHE PARECIA DETESTÁVEL. ODIAVA ALICE.



— QUERO QUE DÊ AS MINHAS JOIAS ÀS FILHAS DE LAILA.

— Lisbet, meu amor, será que isto não pode esperar? — Kenneth pegou-lhe na mão, que estava pousada sobre as cobertas. Apertou-a suavemente, sentindo como eram frágeis os ossos da mulher. Como os ossos de um pássaro.

— Não, Kenneth, não pode esperar. Não descanso enquanto não souber que está tudo tratado. Não fico em paz sabendo que te deixei isto num caos — Lisbet sorriu.

— Mas... — Kenneth aclarou a garganta e tentou mais uma vez. — É tão... — a voz quebrou novamente e sentiu os olhos marejarem-se de lágrimas. Limpou-os rapidamente. Tinha de manter o controlo, tinha de ser forte. Mas as lágrimas caíram sobre a capa às flores do edredão, uma das primeiras coisas que tinham comprado. Mas agora estava desbotada, por ter sido lavada tantas vezes. Kenneth voltava sempre a pô-la na cama, porque sabia como Lisbet gostava dela.

— Não precisas de fingir à minha frente — disse a mulher, acariciando-lhe a cabeça.

— Estás outra vez a esfregar-me a careca — disse Kenneth, tentando sorrir. Lisbet piscou-lhe o olho.

— Sempre achei que sobrestimam essa história de se ter cabelo na cabeça, como sabes. Uma bela cabeça brilhante é muito mais atraente.

Kenneth deu uma gargalhada. Lisbet sempre fora capaz de fazê-lo rir. Quem ia fazê-lo agora? Quem ia fazer-lhe festas na cabeça e dizer-lhe que era uma sorte que Deus lhe tivesse posto uma pista de aterragem no meio da cabeça para ela a poder acariciar? Kenneth sabia que não era o homem mais atraente do mundo. Mas, aos olhos de Lisbet, sempre o fora. Ainda ficava maravilhado por ter uma mulher tão

bonita. Mesmo agora, depois de o cancro a ter despojado de tudo o que lhe podia tirar e de a ter devorado por dentro. Tinha ficado tristíssima por ter perdido o cabelo e Kenneth tentara dizer a mesma piada em relação a ela. Que Deus também tinha feito uma pista de aterragem para as carícias dele. Mas o sorriso de Lisbet não lhe chegara aos olhos.

O cabelo fora sempre o seu orgulho e a sua alegria. Louro e encaracolado. Kenneth observou os olhos de Lisbet a encherem-se de lágrimas quando se viu ao espelho e, lentamente, passou as mãos sobre os tufos esparsos que restavam depois do tratamento. Continuava a achá-la bonita, mas sabia que aquilo a entristecia. Portanto, a primeira coisa que fez quando pôde ir a Gotemburgo foi comprar-lhe um lenço Hermès. Lisbet sempre quisera ter um lenço assim, mas protestava sempre quando Kenneth lhe queria comprar um. «Não faz sentido dar tanto dinheiro por um pedacinho de tecido», afirmava quando o marido insistia.

Apesar disso, quando foi a Gotemburgo comprou-lhe um lenço. O mais caro da loja. Com esforço, Lisbet levantara-se e abrira o embrulho, tirando o lenço e levando-o até o espelho. Com os olhos fixos no próprio rosto, envolvera a cabeça com o quadrado de seda brilhante com um padrão amarelo e dourado. O lenço tinha conseguido ocultar a perda de cabelo e esbater o frio que sentia na cabeça. E trouxera de volta o brilho aos olhos de Lisbet, que o tratamento agressivo levava, juntamente com o cabelo.

Lisbet não dissera uma palavra que fosse, aproximou-se apenas de Kenneth, que estava sentado na cama dela, inclinou-se e beijou-o no topo da cabeça. E depois voltara a enfiar-se na cama. Desde então, usava sempre aquele lenço enrolado em volta da cabeça.

— Quero que Annette fique com aquele fio grosso de ouro. E dá as pérolas a Josefina. Elas que dividam o resto como entenderem. Esperemos que não briguem uma com a outra por causa disso — Lisbet riu-se, convencida de que as filhas da irmã seriam capazes de chegar a acordo sobre a partilha das joias que lhes deixava.

Kenneth sobressaltou-se. Tinha estado perdido nas suas próprias memórias e as palavras da mulher despertaram-no bruscamente. Compreendia a necessidade que Lisbet tinha de tomar providências para deixar tudo tratado antes de morrer. Ao mesmo tempo, não suportava ser recordado do inevitável, que já não estava muito longe, de acordo com quem entendia daquelas coisas. Teria dado tudo para não estar ali sentado, a pegar na mão frágil da sua adorada Lisbet enquanto a ouvia a repartir os bens que tinha neste mundo.

— E não quero que passes o resto da vida sozinho. Sai de vez em quando, para poderes ver se há alguém disponível. Mas afasta-te dessas páginas de encontros na Internet, porque acho que...

— Pronto, já chega — disse Kenneth, acariciando-lhe o rosto. — Achas

mesmo que mais alguma mulher vai conseguir comparar-se a ti? Mais vale nem tentar.

— Não quero que fiques sozinho — disse solenemente Lisbet, apertando-lhe a mão com quanta força tinha. — Estás a ouvir? Tens de levar a tua vida para a frente — gotas de suor perlaram-lhe a testa e Kenneth limpou-as suavemente com o lenço que estava em cima da mesa de cabeceira.

— Agora estás aqui comigo. É a única coisa que importa.

Ficaram em silêncio durante algum tempo, olhando-se nos olhos e contemplando a vida que tinham passado juntos. A grande paixão inicial, que nunca tinha realmente desaparecido, mas que a rotina diária conseguia às vezes esbater. Todas as gargalhadas, toda a amizade, toda a cumplicidade. Todas as noites em que tinham estado deitados ao lado um do outro, tão juntos, com Lisbet a repousar a face no peito dele. Todos os anos que tinham passado à espera dos filhos que nunca vieram, as esperanças arrastadas para longe por torrentes vermelhas, até terem por fim começado a aceitar a situação com serenidade. As vidas repletas de amigos, de interesses partilhados e de amor um pelo outro.

O celular de Kenneth estava a tocar no vestíbulo. Kenneth não se levantou, embora tivesse largado a mão da mulher. O celular não parava de tocar e, por fim, Lisbet fez-lhe sinal com a cabeça.

— É melhor atenderes. Parece que alguém quer mesmo muito falar contigo.

Kenneth levantou-se relutantemente, dirigiu-se ao vestíbulo e pegou no celular que estava sobre a mesa. «Erik» — lia-se no visor. Sentiu a irritação a apoderar-se dele. Até num momento daqueles Erik se intrometia.

— Estou? — disse Kenneth, sem fazer nenhum esforço para esconder o que sentia. Mas a disposição mudou quando ouviu o que Erik tinha para dizer. Fez algumas breves perguntas e terminou a conversa, regressando ao quarto de Lisbet. Respirou fundo quando fixou o olhar no rosto da mulher, completamente devastado pela doença mas que a seus olhos era tão bonito, emoldurado por um halo amarelo e dourado.

— Parece que encontraram Magnus. Está morto.

Erica tentara ligar a Patrik várias vezes, mas não obteve resposta. O marido devia estar muito ocupado na delegacia.

Estava em casa, sentada frente ao computador a pesquisar na Internet. Embora tentasse teimosamente concentrar-se na tarefa, não podia negar que era difícil com dois pares de pezinhos a dar-lhe pontapés dentro da barriga. Era difícil controlar os pensamentos. Assim como as preocupações. Erica recordou os primeiros tempos com Maja, que não tinham tido nada que ver com as visões de felicidade materna que imaginara. Um período que, recordava, tinha sido como um buraco negro. E agora ia ter tudo em dose dupla. Dois para alimentar, dois bebês a

acordar a meio da noite, dois seres a exigirem toda a sua atenção, constantemente. Talvez estivesse a ser egoísta, talvez fosse por isso que lhe era tão difícil pôr a sua própria existência, toda a sua vida, nas mãos de outra pessoa. Nas mãos dos filhos. Erica encolheu-se perante tal ideia e sentiu-se imediatamente culpada. Por que raio se sentia tão ansiosa por causa de um assunto tão incrível como ter mais dois filhos, dois presentes de uma só vez? Mas andava realmente preocupada. Tanto que se sentia dilacerada por dentro. No entanto, desta vez sabia qual seria o resultado. Maja era uma alegria tão grande que Erica não lamentava por um segundo o período difícil por que tinha passado. Apesar disso, as recordações daqueles meses continuavam a atormentá-la.

De repente sentiu um pontapé tão forte que ficou sem fôlego. Um dos bebês, ou talvez ambos, parecia ter grande talento para o futebol. A dor trouxe-a de volta ao presente. Estava plenamente consciente de que se entregava a especulações sobre Christian e sobre as cartas porque era uma forma de manter outros pensamentos e preocupações à distância. No entanto, não via nada de mal nisso.

Abriu o Google e introduziu o nome do amigo: «Christian Thydell». Obteve várias páginas de resultados. Todos estavam relacionados com o livro, nenhum mencionava nada sobre o seu passado. Erica tentou acrescentar «Trollhättan». Não obteve qualquer resultado. Mas, se Christian tivesse lá vivido, teria certamente deixado algum rastro. E ela devia ser capaz de descobrir mais sobre ele. Mordeu o polegar enquanto pensava. Será que estava a explorar uma pista falsa? Na verdade, não havia nada nas cartas a indicar que tivessem sido escritas por alguém que Christian tinha conhecido antes de se ter mudado para Fjällbacka.

Estava sempre a regressar à mesma pergunta: porque é que Christian fazia tanta questão em manter secreto o seu passado? Era como se tivesse apagado a vida anterior à chegada a Fjällbacka. Ou seria apenas com ela que não queria falar disso? Aquela ideia magoou-a, mas não conseguia afastá-la da cabeça. Claro que também não tinha sido propriamente um livro aberto com a colega de trabalho, mas isso era uma questão completamente diferente. Erica sentia que ela e Christian se tinham tornado amigos quando trabalharam no manuscrito, esgrimindo pensamentos e ideias, discutindo o tom e as nuances da escrita. Mas, afinal, talvez não fosse bem assim.

Erica percebeu que devia falar com mais amigos de Christian antes de dar largas à imaginação. Mas com quem? Tinha apenas uma vaga ideia de quem pertencia ao seu círculo de amigos. Magnus Kjellner foi a primeira pessoa que lhe veio à mente mas, a menos que ocorresse um milagre, não era uma opção viável. Christian e Sanna também pareciam dar-se com Erik Lind, o dono da empresa de construção, e com o sócio dele, Kenneth Bengtsson. Erica não fazia ideia da proximidade da sua relação com ambos ou com qual dos dois conversar a fim de obter o máximo de informações possível. Além disso, como é que Christian reagiria

se descobrisse que andava a interrogar todaa gente que ele conhecia?

Erica decidiu ignorar tais escrúpulos, que a sua curiosidade de longe superava. Além disso, fazia- o no interesse de Christian. Se o amigo se recusava a descobrir quem lhe estava a enviar as cartas ameaçadoras, então, teria de fazer isso por ele.

De repente, Erica soube com quem ia falar primeiro.

Ludvig olhou novamente para o relógio. Estava quase na hora do intervalo. Matemática era de longe a pior disciplina e o tempo ia-se arrastando, como de costume. Mais cinco minutos. Nesse dia, a turma tinha o intervalo à mesma hora do que o 7.º A, ou seja, ao mesmo tempo que Sussie. O cacifo dela ficava na fila ao lado do seu e, se tivesse sorte, chegariam lá ao mesmo tempo para guardar os livros depois da aula. Ludvig estava apaixonado por Sussie há mais de seis meses. Ninguém sabia disso, exceto o seu melhor amigo, Tom. E Tom sabia que sofreria uma morte lenta e dolorosa se alguma vez se atrevesse a contar a mais alguém.

A campainha tocou e Ludvig pegou com gratidão no livro de matemática e precipitou-se para fora da sala. Ia olhando em redor enquanto caminhava em direção ao cacifo, mas Sussie não estava à vista. Talvez a aula dela ainda não tivesse terminado.

Em breve ia ganhar coragem para falar com ela. Era o que tinha decidido. Só não tinha a certeza de como começar ou o que havia de dizer-lhe. Tentara fazer com que Tom se aproximasse de uma das amigas de Sussie, para a poder abordar mais facilmente. Mas Tom tinha-se recusado; portanto, Ludvig viu-se obrigado a congeminar outro plano.

A zona em torno do cacifo estava deserta. Abriu o cadeado, enfiou os livros no cacifo e voltou a trancá-lo. Talvez Sussie não tivesse ido à escola nesse dia. Não a tinha visto antes, por isso talvez estivesse doente ou tivesse simplesmente faltado às aulas. O pensamento fê-lo sentir-se tão deprimido que ponderou fazer gazeta à última aula. Deu um salto quando alguém lhe bateu no ombro.

— Desculpa, Ludvig. Não queria assustar-te.

A diretora estava pálida e tensa e, numa fração de segundo, Ludvig percebeu porque é que a mulher queria falar com ele. Os pensamentos em relação a Sussie e a tudo o resto, que escassos momentos antes lhe tinham parecido tão importantes, dissiparam-se de imediato, para serem substituídos por uma dor tão forte que Ludvig pensou que nunca iria desaparecer.

— Gostava que viesses comigo ao meu gabinete. Elin está lá à nossa espera.

Ludvig assentiu. Não havia necessidade de perguntar o que se estava a passar, uma vez que já sabia. A dor parecia irradiar das pontas dos dedos e não conseguia sentir os pés quando seguiu a diretora. Estava a movê-los para a frente, como sabia que tinha de fazer, mas estavam completamente dormentes.

No corredor, a meio caminho do gabinete da diretora, Ludvig viu Sussie. A rapariga fitou-o, olhando-o bem nos olhos. Mas era como se tivesse sido há uma eternidade que esse encontro pudesse ter tido algum significado para ele e Ludvig ignorou Sussie. Nada existia além da dor. Tudo o resto era um enorme vazio.

Elin desatou a chorar quando o viu. Devia estar ali sentada há algum tempo, a tentar combater as lágrimas. Quando Ludvig entrou no gabinete correu para os seus braços. Ludvig abraçou-a com muita força, acariciando-lhe as costas enquanto a irmã chorava.

Os agentes, que já tinha visto algumas vezes, esperavam um pouco afastados, dando aos irmãos um momento para se confortarem um ao outro. Ludvig ainda não tinha dito uma única palavra.

— Onde o encontraram? — perguntou por fim, embora não estivesse consciente de ter formulado a pergunta. Nem sequer tinha a certeza de querer ouvir a resposta.

— Em Sälvik — respondeu o agente que Ludvig julgava chamar-se Patrik. A colega recuou alguns passos. Parecia não saber o que dizer. Ludvig compreendia como a mulher se sentia. Também não sabia o que dizer. Ou o que fazer.

— Estávamos a pensar levar-vos para casa agora — Patrik acenou com a cabeça a Paula para que comesse a andar. Elin e Ludvig seguiram-na. À entrada, Elin parou e virou-se para Patrik.

—O meu pai afogou-se?

Ludvig também estacou, mas percebeu que o agente não tencionava dizer mais nada por enquanto.

— Vamos para casa, Elin. Mais tarde havemos de descobrir tudo o que aconteceu — disse Ludvig em voz baixa, pegando na mão da irmã. De início, ela resistiu. Não queria sair. Queria saber o que tinha acontecido. Mas depois virou-se novamente para seguir Paula.

— Ora bem. Vamos lá olhar para isto... — Mellberg fez uma pausa dramática. Apontou para o quadro de cortiça onde Patrik tinha cuidadosamente afixado todo o material referente ao desaparecimento de Magnus Kjellner que tinham recolhido. — Reuni aqui o que sabemos até agora, que não é grande coisa, por sinal. Três meses depois do desaparecimento de Magnus Kjellner foi tudo o que conseguiram descobrir? Têm sorte por estarmos aqui na parvônia... em Gotemburgo era outra história, sabíamos o que era trabalhar sob pressão. Conseguíamos solucionar um caso como este numa semana!

Patrik e Annika trocaram olhares. Como chefe da polícia de Tanumshede, Mellberg estava constantemente a recordar aos colegas o tempo que passara a trabalhar em Gotemburgo. Apesar de parecer já ter desistido de qualquer esperança de voltar a ser transferido para a cidade, uma hipótese em que Mellberg fora o único

a acreditar.

— Fizemos tudo o que podíamos — retorquiu Patrik com cansaço. Estava ciente de como era inútil tentar rebater as acusações de Mellberg. — Além disso, só hoje é que o caso passou a ser uma investigação de assassinato. Temos estado a tratá-lo como um caso de desaparecimento.

— Está bem, está bem. Importas-te de fazer um apanhado do que aconteceu ao certo? Onde foi encontrado o cadáver, quem o encontrou... Ah, o que foi que Pedersen te disse até agora? Vou ligar- lhe mais tarde, claro, porque ainda não tive tempo. Portanto, de momento vamos ter de contentar-nos com as informações de que o Hedström disponha.

Patrik informou o grupo dos acontecimentos do dia.

— Magnus estava realmente preso no gelo? — Martin Molin estremeceu quando olhou para Patrik.

— Vamos ter fotografias do local do crime mais tarde. Mas sim, é verdade, o cadáver estava congelado. Se o cão não tivesse ido até o gelo, teríamos levado muito tempo a encontrar Magnus Kjellner. Se é que alguma vez o íamos encontrar. Assim que o gelo derretesse, o corpo soltava-se e depois era levado pela corrente. Poderia ter ido parar a qualquer lugar — Patrik abanou a cabeça.

— Queres dizer que isso significa que não seremos capazes de descobrir onde ou quando foi atirado à água? — Gösta tinha um olhar sombrio no rosto enquanto acariciava distraidamente Ernst, que estava encostado à sua perna.

— O gelo só solidificou em dezembro. Vamos ter de esperar pelo relatório de Pedersen para saber há quanto tempo é que ele acha que Magnus está morto, mas o meu palpite é que morreu logo depois de ter desaparecido — Patrik ergueu um dedo em sinal de advertência. — Mas, como eu disse, não temos factos que apoiem esta teoria, de modo que não podemos realmente utilizá-la como base para a nossa investigação.

— Mas parece-me uma suposição razoável — disse Gösta.

— Falaste em facadas. O que sabemos sobre isso? — Os olhos castanhos de Paula estreitaram-se enquanto batia impacientemente com a esferográfica no bloquinho na mesa.

— Também não consegui descobrir muito sobre isso. Sabem como é Pedersen, não gosta de revelar nada até ter feito um exame completo. A única coisa que me disse foi que Kjellner tinha sido agredido e que daí resultaram vários cortes profundos.

— O que parece indicar que foi agredido com uma faca — acrescentou Gösta.

— Provavelmente, sim.

— Quando é que Pedersen vai dar dar-nos mais informações? — Mellberg

estava agora sentado à cabeceira da mesa e estalou os dedos para chamar Ernst. O cão afastou-se instantaneamente de Gösta, trotando para ir pousar a cabeça no joelho do dono.

— Pedersen disse que ia autopsiá-lo mais para o final da semana. Portanto, com sorte, devemos ter mais informações no fim de semana. Caso contrário, só no início da semana que vem — Patrik suspirou. Às vezes, os constrangimentos daquela profissão davam-lhe cabo da paciência. Queria respostas agora, não dali a uma semana.

— Muito bem. O que sabem sobre o desaparecimento da vítima? — Mellberg ergueu teatralmente a xícara de café vazia para Annika, que fingiu não reparar. A seguir repetiu o gesto na direção de Martin, com melhores resultados. Martin ainda não tinha alcançado o estatuto necessário para poder ignorar o chefe. Mellberg inclinou-se para trás com satisfação quando o colega mais novo se levantou e se dirigiu para a cozinha.

— Sabemos que Kjellner saiu de casa pouco depois das oito da manhã. Cia já tinha saído às sete e meia para ir de carro para o emprego em Grebbestad. Trabalha em part-time numa imobiliária. Os filhos tiveram de sair por volta das sete para apanhar o autocarro para a escola — Patrik fez uma pausa para beber um gole de café depois de Martin ter voltado a encher todas as xícaras. Paula aproveitou a oportunidade para fazer uma pergunta:

— Como sabes que Magnus Kjellner saiu de casa pouco depois das oito?

— Um vizinho viu-o a sair a essa hora.

— E Magnus foi-se embora de carro?

— Não, Cia tinha levado o único carro da família e, de acordo com ela, Magnus costumava ir a pé.

— Mas não fez o caminho todo para Tanum a pé, pois não? — perguntou Martin.

— Não, foi de carro para o trabalho com um colega, Ulf Rosander, que vive junto do campo de minigolfe. Magnus só ia a pé até lá. Mas, naquela manhã, telefonou a Rosander a dizer que estava atrasado. E nunca apareceu.

— Sabemos se isso é verdade? — perguntou Mellberg. — Investigamos bem esse tal Rosander? Afinal de contas, temos apenas a palavra dele de que Magnus nunca apareceu.

— Gösta falou com Rosander e não há nada que indique que esteja a mentir, nem pelo que disse nem pela sua reação — respondeu Patrik.

— Talvez não o tenham pressionado o suficiente — retorquiu Mellberg, escrevendo algo no bloco- notas. Ergueu os olhos e fixou o olhar em Patrik. — Vamos trazê-lo e apertá-lo mais um pouco.

— Isso não é um bocado drástico? As pessoas podem começar a ter receio

de falar com a polícia, se souberem que andamos a trazer testemunhas para a delegacia — objetou Paula. — E se o senhor e Patrik fossem a casa dele em Fjällbacka? Mas, como sei que está extremamente ocupado de momento, se quiser eu posso ir lá com Patrik — Paula lançou uma discreta piscadela de olho a Patrik.

— Hum, isso é verdade. Tenho mesmo muito que fazer. Boa ideia, Paula. Vai com Patrik e falem outra vez com... Rosell.

— Rosander — corrigiu Patrik.

— Sim, foi o que eu disse — Mellberg olhou irritadamente para Patrik. — Seja como for, quero que tu e Paula falem com ele. Acho que poderia ser produtivo — o superintendente acenou com a mão, impaciente. — Então e que mais? Que mais sabemos?

— Batemos a todas as portas da rua por onde Magnus seguia para ir até casa de Rosander. Ninguém viu nada, mas isso não significa necessariamente que nada tenha acontecido. De manhã, as pessoas estão sempre ocupadas com as suas próprias rotinas — disse Patrik.

— Parece que Magnus desapareceu pura e simplesmente numa nuvem de fumo mal saiu de casa. Quer dizer, até ser encontrado no gelo — Martin tinha uma expressão resignada no rosto quando olhou para Patrik, que fez um esforço para parecer mais otimista do que realmente se sentia.

— Ninguém desaparece assim sem mais nem menos. Há pistas do que aconteceu, algures. Só temos de encontrá-las. — Patrik apercebeu-se dos chavões que lhe saíam da boca, mas não tinha mais nada para oferecer.

— E quanto à vida pessoal dele? Será que cavamos suficientemente fundo? Que tiramos todos os esqueletos do armário? — Mellberg riu-se da sua própria piada, mas ninguém fez coro com ele.

— Os melhores amigos de Magnus e de Cia são Erik Lind, Kenneth Bengtsson e Christian Thydell. E as respetivas mulheres. Conversamos com todos eles e também com os familiares de Magnus. Mas a única coisa que soubemos foi que Magnus era um pai dedicado e um bom amigo. Sem bisbilhotices, sem segredos, sem rumores.

— Tretas! — resfolegou Mellberg. — Toda a gente tem algo a esconder. É apenas uma questão de desenterrar as coisas. É óbvio que não se esforçaram o suficiente.

— Claro que... — começou a dizer Patrik. Mas depois calou-se ao aperceber-se de que, para variar, talvez Mellberg tivesse razão. Talvez não tivessem escavado suficientemente fundo, talvez não tivessem feito as perguntas certas. — Claro que vamos falar novamente com a família e com os amigos de Magnus — prosseguiu. De repente, imaginou Christian Thydell e a carta que guardava na gaveta de cima da secretária. Mas, por enquanto, não queria dizer nada sobre isso, até ter

algo mais concreto por onde pegar. De momento, era apenas um pressentimento.

— Ora muito bem. Vamos lá voltar a fazer isto. E desta vez vamos fazer as coisas como deve ser! — Mellberg levantou-se tão depressa que Ernst, que estava a descansar a cabeça no joelho do dono, quase caiu. O chefe da polícia estava a meio caminho da porta quando se virou e lançou aos subordinados sentados em torno da mesa um olhar severo. — E vamos ver se aceleramos um bocado o ritmo, está bem?

ooo

A escuridão tinha caído do lado de fora das janelas do comboio. Levantara-se tão cedo nessa manhã que tinha a sensação de já ser de noite, mesmo que o relógio indicasse que ainda era final da tarde. No bolso, o celular zumbia teimosamente uma e outra vez, mas Christian ignorou-o. Fosse quem fosse que estivesse a ligar-lhe, era certamente alguém que queria alguma coisa dele. Alguém que o tentava apanhar e que queria exigir-lhe algo.

Christian olhou pela janela. Tinham acabado de passar por Herrljunga. Deixara o carro em Uddevalla. Daí, demoraria cerca de quarenta e cinco minutos a chegar a casa, em Fjällbacka. Encostou a testa à vidraça e fechou os olhos. Sentiu o vidro frio contra a pele. A escuridão do lado de fora parecia estar a tentar entrar à força na carruagem, parecia querer envolvê-lo. Christian arfou em busca de ar, abriu os olhos e pôs a cabeça para trás. A testa e a ponta do nariz tinham deixado uma marca visível na vidraça. Ergueu a mão e esfregou-a. Não queria olhar para aquilo, não queria ver qualquer vestígio de si mesmo.

Quando o comboio chegou a Uddevalla, estava tão cansado que quase não conseguia ver. Tentara dormir durante a última hora da viagem, mas as imagens estavam constantemente a tremeluzir-lhe na mente, mantendo-o acordado. Parou no McDonald's na estrada para Torp e comprou um café duplo, que engoliu rapidamente, sedento de cafeína.

O celular estava outra vez a zumbir, mas não lhe apeteceu tirá-lo do bolso, muito menos falar com quem quer que fosse que o estava a tentar contactar com tanta persistência. O mais certo era ser Sanna. Ia ficar zangada com ele quando chegasse finalmente a casa, mas não queria saber.

Sentia um formigueiro no corpo, por isso mudou de posição no banco. Os faróis do carro que seguia atrás dele brilhavam no retrovisor e Christian ficou temporariamente cego quando desviou o olhar para a estrada à frente. Havia algo naqueles faróis — a distância mantida de forma constante e o brilho — que o fez olhar novamente pelo retrovisor. Era o mesmo carro que seguia atrás dele desde que parara em Torp. Ou não seria? Esfregou os olhos. Já não tinha a certeza de nada.

Os faróis acompanharam-no quando saiu da autoestrada, virando depois da placa que indicava Fjällbacka. Christian semicerrou os olhos, tentando perceber qual era a marca do carro que o estava a seguir. Mas estava muito escuro e os faróis

eram muito brilhantes. Tinha as mãos suadas quando apertou o volante com mais força. Com tanta força que as mãos começaram a doer-lhe, pelo que o largou por breves instantes para esticar os dedos.

Visualizou-a na sua mente. Usava o vestido azul e tinha a criança nos braços. O cheiro a morangos, o sabor dos seus lábios. A sensação do tecido do vestido contra a sua pele. Os longos cabelos castanhos.

Algo saltou para a frente do carro. Christian travou a fundo e, por alguns segundos, os pneus perderam o contacto com a estrada. O carro deslizou para a valeta. Sentiu que tinha perdido o controlo do veículo e não fez nada para o evitar. Mas, a poucos centímetros da beira, o carro deteve-se. O traseiro branco de um veado distinguia-se claramente à luz dos faróis e Christian ficou a observar o animal assustado a saltitar pelos campos.

O motor ainda estava a trabalhar, mas o zumbido dentro da cabeça abafava o ruído. Pelo retrovisor, Christian reparou que o carro que vinha atrás dele também tinha parado e decidiu que era melhor seguir viagem. Para longe dos faróis que brilhavam no retrovisor.

Ouviu a porta de um carro a abrir-se e alguém saiu do outro veículo. Quem vinha na sua direção? Estava tão escuro lá fora que não conseguia perceber se era um homem ou uma mulher que se aproximava. Mais alguns passos e a figura escura alcançaria o seu carro.

As mãos que continuavam a segurar o volante com força começaram a tremer. Christian desviou os olhos do retrovisor e cravou-os no campo e no limiar da floresta, que se distinguia vagamente a alguns metros dali. Olhou e esperou. A porta do lado direito foi aberta.

— Você está bem? Está tudo bem? Por pouco não acertou no veado.

Christian virou a cabeça na direção da voz. Um homem de cabelo branco na casa dos sessenta estava ali parado, a olhar para ele.

— Eu estou bem — murmurou Christian. — Só fiquei um bocado abalado.

— Sim, e não é para menos. É perigosíssimo quando um animal se põe assim à frente do carro. De certeza que está tudo bem, apesar do susto?

— Tudo ótimo. Bem, estou a caminho de casa e vou seguir viagem. Vou para Fjällbacka.

— Ah, muito bem. Eu vou para Hamburgsund. Conduza com cuidado.

O homem fechou a porta e Christian sentiu o pulso a começar a desacelerar. Eram apenas fantasmas, memórias do passado. Nada que pudesse fazer-lhe mal.

Uma vozinha dentro da sua cabeça tentava falar sobre as cartas. Não eram invenções da sua imaginação. Mas Christian fez-se de surdo, recusando-se a ouvir a voz. Se começasse a pensar muito naquilo, ela tomaria novamente o controlo. E isso era algo que não podia permitir. Tinha-se esforçado tanto para esquecer. Ela não ia

apoderar-se dele outra vez.

Começou a conduzir, dirigindo-se para Fjällbacka. No bolso do casaco, o celular tocava.

ALICE CONTINUAVA A CHORAR, TANTO DE NOITE COMO DE DIA. OUVIU A MÃE E O PAI A FALAREM SOBRE ISSO. DISSERAM QUE A BEBÉ TINHA UMA COISA CHAMADA CÓLICAS. INDEPENDENTEMENTE DO QUE ISSO SIGNIFICASSE, ERA INSUPORTÁVEL OUVIR A BARULHEIRA QUE A CRIANÇA FAZIA. AQUELE RUÍDO ESTAVA A INVADIR TODA A SUA VIDA, A TIRAR-LHE TUDO O QUE TINHA.

POR QUE A MÃE NÃO A ODIAVA QUANDO ALICE CHORAVA DAQUELA MANEIRA? POR QUE A PEGAVA, CANTAVA PARA ELA E A EMBALAVA ATÉ ELA ADORMECER? POR QUE OLHAVA PARA ELA COM UMA EXPRESSÃO TÃO SUAVE, COMO SE SENTISSE PENA DELA?

NÃO HAVIA RAZÃO PARA TER PENA DE ALICE. A CRIANÇA FAZIA AQUILO DE PROPÓSITO. TINHA A CERTEZA DISSO. ÀS VEZES, QUANDO SE DEBRUÇAVA SOBRE O BERÇO E A EXAMINAVA ALI DEITADA, ALICE PARECIA UM PEQUENO E HORROROSO ESCARAVELHO E RETRIBUÍA-LHE O OLHAR. OLHAVA PARA ELE E PARECIA DIZER-LHE QUE NÃO QUERIA QUE A MÃE O AMASSE. POR ISSO É QUE GRITAVA E EXIGIA TUDO DELA. PARA QUE NÃO SOBASSE NADA PARA ELE.

DE VEZ EM QUANDO, NOTAVA QUE O PAI SENTIA O MESMO. QUE TAMBÉM SABIA QUE ALICE ESTAVA FAZENDO AQUILO DE PROPÓSITO, PARA QUE ELE TAMBÉM NÃO RECEBESSE NADA DA MÃE. NO ENTANTO, O PAI NÃO REAGIA. POR QUE NÃO FAZIA NADA? ERA GRANDE, ERA UM ADULTO. DEVIA SER CAPAZ DE FAZER PARAR ALICE.

QUASE TAMBÉM NÃO ERA PERMITIDO AO PAI TOCAR NA BEBÉ. OCASIONALMENTE, TENTAVA PEGAR NELA, DAR-LHE PALMADINHAS NO TRASEIRO E ACARICIAR-LHE AS COSTAS PARA A ACALMAR. MAS A MÃE DIZIA-LHE SEMPRE QUE ESTAVA A FAZER AS COISAS MAL, QUE DEVIA DEIXAR QUE FOSSE ELA A TRATAR DE ALICE. E ENTÃO O PAI AFASTAVA-SE.

MAS, UM DIA, DECIDIU TOMAR CONTA DELA. ALICE ESTAVA A CHORAR MAIS ALTO DO QUE NUNCA HÁ TRÊS NOITES SEGUIDAS.

TINHA ESTADO ACORDADO NO QUARTO, PRESSIONANDO A ALMOFADA CONTRA A CABEÇA PARA ISOLAR O RUÍDO. E, SOB A ALMOFADA, O ÓDIO CRESCERA. COMEÇOU A ESPALHAR-SE, ESTENDENDO-SE TÃO PESADAMENTE SOBRE ELE QUE O DEIXOU QUASE SEM RESPIRAÇÃO. TEVE DE ERGUER A ALMOFADA E AFASTÁ-LA PARA CONSEGUIR RESPIRAR. A MÃE ESTAVA EXAUSTA DE TER

PASSADO TRÊS NOITES SEM DORMIR. POR ISSO ABRIRA UMA EXCEÇÃO, ENTREGARA A BEBÉ AO PAI E FORA DEITAR-SE. E O PAI TINHA DECIDIDO DAR BANHO A ALICE, PERGUNTANDO-LHE SE ELE QUERIA ASSISTIR.

TESTOU CUIDADOSAMENTE A TEMPERATURA DA ÁGUA ANTES DE ENCHER A BANHEIRA. OLHOU PARA ALICE QUE, PARA VARIAR, ESTAVA CALADA E TINHA A MESMA EXPRESSÃO DA MÃE.

O PAI NUNCA LHE PARECERA TÃO IMPORTANTE. NORMALMENTE ERA UMA FIGURA INVISÍVEL QUE SE PERDIA NO BRILHO RESPLANDECENTE DA MÃE, ALGUÉM QUE TAMBÉM FORA EXCLUÍDO DA RELAÇÃO QUE A MÃE E ALICE PARTILHAVAM. MAS AGORA TINHA-SE TORNADO REPENTINAMENTE IMPORTANTE. SORRIU PARA ALICE, QUE RETRIBUIU O SORRISO.

BAIXOU CAUTELOSAMENTE O PEQUENO CORPO NU ATÉ À ÁGUA. POUSOU ALICE NUMA CADEIRA DE BANHO PARA BEBÉS FORRADA COM TECIDO TURCO, QUASE COMO UMA PEQUENA REDE, PARA QUE A CRIANÇA FICASSE PARCIALMENTE SENTADA. CARINHOSAMENTE, LAVOU-LHE OS BRAÇOS, AS PERNAS, A BARRIGUINHA RECHONCHUDA. ALICE ABANAVA AS MÃOS E DAVA PONTAPÉS NO AR. NÃO ESTAVA A CHORAR. TINHA FINALMENTE PARADO DE CHORAR. MAS ISSO NÃO IMPORTAVA. VENCERA. ATÉ O PAI TINHA DEIXADO O SEU REFÚGIO POR DETRÁS DO JORNAL PARA LHE SORRIR.

PERMANECEU EM SILÊNCIO NA SOLEIRA DA PORTA. NÃO CONSEGUIA TIRAR OS OLHOS DAS MÃOS DO PAI A MEXER NAQUELE PEQUENO CORPO. O PAI, QUE TINHA SIDO O SEU MAIOR ALIADO DE DE A MÃE TER DEIXADO DE OLHAR PARA ELE. A CAMPAINHA TOCOU E ELE TEVE UM SOBRESSALTO. O PAI OLHOU ALTERNADAMENTE PARA ALICE E PARA A PORTA DO BANHEIRO, SEM SABER O QUE FAZER. POR FIM, DISSE:

— PODES FICAR UM BOCADINHO A TOMAR CONTA DA TUA IRMÃ? SÓ TENHO DE IR VER QUEM É. VOLTO JÁ.

HESITOU UM SEGUNDO. ENTÃO, DEU POR SI A ASSENTIR. O PAI, QUE ESTAVA AJOELHADO AO LADO DA BANHEIRA, LEVANTOU-SE E DISSE-LHE PARA SE APROXIMAR. OS PÉS MOVERAM-SE AUTOMATICAMENTE, FAZENDO-O PERCORRER A CURTA DISTÂNCIA ATÉ À BANHEIRA. ALICE OLHOU PARA ELE. PELO CANTO DO OLHO, VIU O PAI A SAIR DO BANHEIRO.

AGORA ESTAVAM SOZINHOS, ELE E ALICE.



ERICA OLHOU COM DESCRENÇA PARA PATRIK.

— No gelo?

— Sim, o pobre homem que o encontrou deve ter tido um choque dos grandes — Patrik tinha feito um breve resumo dos acontecimentos do dia a Erica.

— Aposto que teve! — Erica caiu pesadamente no sofá e Maja tentou imediatamente trepar-lhe para o colo, o que não era uma tarefa fácil.

— Olá! Olá! — berrou Maja, pressionando a boca contra a barriga da mãe. Desde que lhe tinha explicado que os bebês conseguiam ouvi-la que Maja aproveitava todas as oportunidades para comunicar com eles. Como o seu vocabulário era, no mínimo, limitado, as conversas não eram muito variadas.

— Devem estar a dormir, por isso não vamos acordá-los — disse Erica, levando o dedo aos lábios. Maja imitou o gesto e depois encostou a orelha na barriga da mãe para tentar perceber se os bebês estavam realmente dormindo.

— Parece ter sido um dia terrível — disse Erica em voz baixa.

— É verdade — disse Patrik, tentando afastar da memória as expressões que vira no rosto de Cia e dos filhos. Sobretudo a expressão de Ludvig. O rapaz era muito parecido com Magnus e Patrik ia lembrar-se daquele olhar por muito tempo. — Pelo menos agora já sabem. Às vezes penso que a incerteza é pior — acrescentou, sentando-se ao lado de Erica para que Maja ficasse no meio deles. Felicíssima, a filha subiu-lhe para o colo, onde havia um pouco mais de espaço, e enterrou-lhe a cabeça no peito. Patrik acariciou-lhe o cabelo louro.

— Acho que tens razão. Ao mesmo tempo é difícil ver a esperança a desaparecer — Erica hesitou e depois perguntou: — A polícia faz alguma ideia do que aconteceu?

Patrik abanou a cabeça.

— Não, por enquanto não sabemos nada. Absolutamente nada.

— Então e as cartas que Christian recebeu? — perguntou, debatendo-se interiormente. Será que devia falar-lhe da viagem à biblioteca que tinha feito nessa manhã e contar-lhe o que tinha estado a pensar sobre o passado de Christian? Decidiu não falar nisso até descobrir um pouco mais.

— Ainda não tive tempo para pensar nas cartas. Mas vamos falar novamente com a família e com os amigos de Magnus, por isso eu abordo o assunto quando falar com Christian.

— Hoje de manhã, no talk-show na televisão, fizeram-lhes perguntas sobre as cartas — disse Erica, estremeando quando pensou no papel que desempenhara,

motivando as perguntas de que Christian tinha sido alvo no programa de televisão em direto.

— O que é que ele disse?

— Desvalorizou tudo, apesar de o terem pressionado bastante.

— Isso não me surpreende — Patrik beijou a filha no topo da cabeça. — Então, que achas, Maja? Vamos fazer o jantar para a mamãe e para os bebês? — Patrik levantou-se, segurando Maja nos braços. A menina concordou ansiosamente — Que fazemos? Salsichas de cocó de cebolada?

Maja riu-se tanto que começou a soluçar. Era muito esperta para a idade e tinha recentemente descoberto os prazeres do humor baseado em cocó e chichi.

— Hum... — disse Patrik. Não, acho que vamos antes fazer douradinhos com puré de batata. Okay? Vamos guardar as salsichas de cocó para outro dia.

A filha refletiu sobre aquilo por um momento e depois concordou magnanimamente. Fariam douradinhos.

Sanna andava de um lado para o outro. Os rapazes estavam sentados na sala em frente ao televisor, a ver Bolibompa. Mas Sanna não conseguia estar quieta. Continuou a deambular pela casa, com o celular na mão. De vez em quando marcava o número do marido.

Não obteve resposta. Christian não atendera o celular o dia todo e Sanna vira desfilar-lhe pela mente todo o tipo de acidentes. Sobretudo depois da notícia da descoberta de Magnus, que chocara toda a gente em Fjällbacka. Consultara o e-mail de Christian pelo menos dez vezes durante o dia. Era como se algo estivesse a crescer dentro dela, algo que ia ficando cada vez mais forte e que começava a exigir ser negado ou confirmado. No fundo do seu ser, Sanna quase desejava poder encontrar qualquer coisa de que culpar o marido. Pelo menos assim saberia o que se passava e teria algum escape para a ansiedade e o medo que a corroíam por dentro.

Na verdade, Sanna sabia que não estava a agir corretamente. Com a necessidade que tinha de o controlar e as constantes perguntas sobre quem ele tinha visto e no que tinha estado a pensar, estava a afastá-lo cada vez mais. Sanna sabia-o de um ponto de vista racional, mas o seu lado emocional era tão avassalador... Sentia que não podia confiar nele, que o marido estava a esconder-lhe alguma coisa, que achava que ela não era suficiente boa. Que não a amava.

Aquela ideia era-lhe tão dolorosa que se sentou no chão da cozinha e pôs os braços em torno dos joelhos. O frigorífico zumbia-lhe por detrás das costas, mas Sanna quase não reparava no ruído. Só sentia o vazio que tinha dentro dela.

Onde estava Christian? Porque não telefonava? Porque é que não o conseguia contactar? Resolutamente, marcou novamente o número do marido. O celular de Christian tocava e tocava, mas continuava a não haver resposta. Levantou-se e foi ler a carta que estava em cima da mesa da cozinha. Tinha chegado nesse dia

e Sanna abri-la imediatamente. A mensagem era tão enigmática como sempre.

Sabes que não podes escapar. Estou dentro do teu coração e é por isso que, vás para onde fores neste mundo, nunca te podes esconder.

A caligrafia negra era muito familiar. Com dedos trémulos, Sanna pegou na carta e segurou-a junto do nariz. Cheirava a papel e a tinta. Não havia nenhum perfume ou qualquer outra coisa que pudesse sugerir a identidade do remetente.

Embora Christian insistisse desconhecer quem tinha escrito as cartas, Sanna não acreditava nele. Era tão simples como isso. A fúria cresceu dentro dela e atirou a carta para cima da mesa, virou-se e precipitou-se para o andar de cima. Um dos filhos chamou-a da sala de estar, mas ela ignorou-o. Tinha de saber, tinha de descobrir a resposta. Era como se alguém se tivesse apoderado do seu corpo, como se já não se controlasse a si própria.

Começou pelo quarto, abrindo as gavetas da escrivaninha de Christian e vasculhando o conteúdo. Tirou tudo, examinando cuidadosamente cada objeto. Depois passou a mão pelo interior das gavetas vazias. Nada. Absolutamente nada além de camisas, meias e boxers.

Parou no meio do quarto e olhou em redor. Então e os guarda-fatos? Sanna aproximou-se dos grandes móveis que cobriam uma parede inteira e vasculhou-os metodicamente. Tudo o que pertencia a Christian acabou no chão. Camisas, calças, cintos e sapatos. Não encontrou nenhum objeto pessoal, nada que lhe dissesse mais sobre o marido ou a ajudasse a penetrar o muro que Christian tinha construído em torno de si mesmo.

Foi esvaziando o guarda-fatos cada vez mais depressa. Por fim, apenas tinham ficado no interior os seus próprios vestidos e outras roupas. Sentou-se na cama e passou a mão sobre a colcha que a avó tinha feito. Tinha tantas coisas que revelavam o que era e de onde tinha vindo. A colcha, a penteadeira que tinha pertencido à outra avó, o colar que a mãe lhe dera. Para não falar de todas as cartas de amigos e familiares que guardava em caixas no guarda-fatos. Havia também anuários escolares empilhados ordenadamente numa prateleira, assim como o chapéu de formatura, muito bem guardado numa caixa de chapéus ao lado do ramo de noiva seco. Todas as coisas que narravam a sua história pessoal, a sua vida.

De repente, percebeu que o marido não possuía nenhuma dessas coisas. Talvez não fosse tão sentimental como ela. Nem dado a colecionar memórias. Mas tinha de haver alguma coisa. Ninguém passava pela vida sem conservar algumas recordações, por poucas que fossem.

Golpeou a colcha com os punhos. O suspense fazia com que o coração lhe batesse mais depressa. Quem era Christian, afinal? Ocorreu-lhe uma ideia e imobilizou-se de repente. Havia um sítio onde ainda não tinha procurado. O sótão.

Erik rodou o copo na mão, estudando a cor vermelha intensa do vinho, que se

tornava mais clara junto da borda. Era sinal de que se tratava de um vinho jovem, como aprendera numa das incontáveis provas de vinhos em que participara.

Toda a sua vida estava à beira do colapso e Erik não conseguia compreender como é que isso tinha acontecido. Sentia que estava a ser levado por uma corrente tão forte que não havia nada que pudesse fazer para lhe resistir.

Magnus estava morto. Um choque fundira-se com o outro e só agora conseguia realmente interiorizar a mensagem que Louise lhe enviara para o celular. Primeiro, a mulher contara-lhe que tinha ouvido dizer que o cadáver de Magnus tinha sido encontrado e, quase ao mesmo tempo, Cecilia tinha anunciado que estava grávida. Dois acontecimentos que o abalaram no mais fundo do seu ser e de que tomara conhecimento no espaço de trinta segundos.

— Ao menos podias responder-me, não? — disse Louise com voz ríspida.

— O quê? — respondeu Erik, dando-se conta de que a mulher lhe tinha dito alguma coisa. Algo que obviamente não ouvira de todo. — Que foi que disseste?

— Perguntei-te onde estavas quando te enviei a mensagem sobre Magnus. Primeiro telefonei para o escritório, mas tu não estavas. Depois tentei ligar-te várias vezes para o celular, mas fui sempre parar ao gravador — Louise arrastava as palavras, devia ter começado a beber durante a tarde.

Sentiu um gosto desagradável na boca, que se misturou com o vinho e lhe deu um travo amargo de aço. Achava repugnante que Louise tivesse perdido completamente o controlo da sua vida. Porque é que não se recompunha de uma vez por todas e deixava de olhar para ele com aquela expressão de mártir? E porque é que continuava a encher-se daquele vinho saído de uma caixa de cartão com uma torneira?

— Estive a tratar de umas coisas.

— A tratar de umas coisas? — Louise bebeu mais um golo de vinho. — Tá bem, tá. Estou mesmo a ver de que coisas é que andaste a tratar.

— Para — disse Erik com cansaço. — Hoje não. Hoje não estou mesmo para isto.

— Porque não hoje? — Louise parecia ansiosa por uma discussão. As filhas tinham ido para a cama há algum tempo, por isso estavam ali sozinhos. Erik e Louise.

— Um dos nossos melhores amigos foi encontrado morto esta manhã. Será que não podemos ter um pouco de paz e sossego esta noite?

Louise não respondeu. Erik viu que a mulher ficara envergonhada. Por um momento, imaginou-a como a rapariga que conheceu na faculdade: doce, inteligente, perspicaz. Mas a imagem desapareceu rapidamente e, em seu lugar, via agora pele frouxa e dentes manchados de roxo pelo vinho. Erik sentiu novamente aquele gosto amargo na boca.

E Cecilia. Que ia fazer com ela? Tanto quanto sabia, era a primeira vez que uma das suas amantes engravidava. Se calhar tinha tido sorte. Mas agora a sorte esgotara-se. Cecilia disse que queria ficar com a criança. Disse-o friamente, ali na cozinha. Sem argumentar, sem nenhuma discussão. Disse porque achou que precisava e também para lhe oferecer a oportunidade de participar. Ou não.

De repente, Cecilia parecia tão adulta. Nada restara dos sorrisinhos e da atitude ingênua de antes. Erik ficara para ali, de frente para ela, e apercebeu-se pela sua expressão de que, pela primeira vez, a amante estava a vê-lo como ele realmente era. Isso fizera-o contorcer-se de desconforto. Não queria ver-se através dos olhos de Louise. Não queria de maneira nenhuma.

As pessoas tinham-no admirado a vida inteira e ele sempre considerara os elogios como um dado adquirido. Algumas pessoas temiam-no, o que tinha sido igualmente gratificante. Mas Cecilia, com uma mão protetora pousada na barriga, tinha-o olhado com desprezo. A aventura terminara. Cecilia apresentara-lhe as opções em aberto. Podia manter-se em silêncio sobre a identidade do pai da criança em troca de uma quantia avultada. O dinheiro seria depositado mensalmente na sua conta bancária desde o nascimento do bebê até que a criança fizesse dezoito anos. Ou então Cecilia contaria a Louise e faria tudo o que pudesse para o despojar de toda a honra e respeito.

Enquanto olhava para a mulher, Erik perguntou a si próprio se tinha feito a escolha certa. Não amava Louise. Traía-a e magoava-a constantemente, e sabia que Louise seria mais feliz sem ele. Mas seria difícil abrir mão daquilo a que estava habituado. A vida de solteiro não tinha qualquer interesse, com montanhas de roupa e pilhas de pratos sujos à espera de serem lavados. Ou refeições congeladas Findus comidas em frente ao televisor, além de apenas ver as filhas ao fim de semana. Louise tinha ganho porque a vida com ela era mais conveniente e porque a mulher tinha direito a metade dos bens dele. Era a solução mais simples. Mas ia pagar bem cara aquela conveniência durante os próximos dezoito anos.

Christian ficou sentado no carro, a curta distância de casa, durante quase uma hora. Consequia ver

Sanna a mover-se no interior. Pela sua linguagem corporal, percebia que a mulher estava perturbada.

Não tinha forças para lidar com a raiva dela, com o choro e as acusações. Se não fosse por causa dos rapazes... Ligou o motor e dirigiu-se à entrada para evitar completar aquele pensamento. Sempre que sentia o amor pelos filhos a inchar-lhe no peito, o medo apoderava-se dele. Tentara não se aproximar demasiado deles. Tentara manter o perigo e o mal ao largo. Mas as cartas tinham-no feito perceber que o mal já ali estava. E que o amor pelos filhos era profundo e irrevogável.

Tinha de protegê-los, custasse o que custasse. Não poderia voltar a falhar. Se

isso acontecesse, toda a sua vida e tudo aquilo em que acreditava mudariam para sempre. Encostou a cabeça ao volante, sentiu o plástico a tocar-lhe na testa e ficou à espera de ouvir a porta da frente a abrir-se a qualquer momento. Mas, aparentemente, Sanna não tinha ouvido o carro, e Christian teve mais alguns segundos para se recompor.

Pensou que podia criar um sentimento de segurança isolando a parte do coração que pertencia aos filhos. Mas estava errado. Não havia escapatória possível. E não conseguia deixar de amá-los. Por isso foi forçado a lutar, a enfrentar o mal olhos nos olhos. A confrontar o que há tanto tempo tinha guardado dentro do seu ser. Mas agora o livro tinha sido aberto. Pela primeira vez, pensou que não devia ter escrito aquele romance. Tudo teria sido diferente se o livro não existisse. Ao mesmo tempo, sabia que não tinha agido de livre vontade. Fora forçado a escrevê-lo; tinha sido forçado a escrever sobre ela.

A porta da frente abriu-se. Christian ergueu a cara do volante. Sanna estava à porta, a tiritar na sua camisola de lã. A luz do vestíbulo fazia-a parecer uma madonna, embora vestisse uma camisola cheia de borbotos e calçasse chinelos. Sanna estava segura. Christian soube-o quando olhou para a mulher. Porque não sentia nada por ela. Nunca sentira e nunca sentiria. Não precisava de protegê-la.

Mas continuava a ter de dar-lhe explicações. Tinha as pernas pesadas e dormentes quando saiu do carro. Carregou no controlo remoto para trancar as portas e caminhou em direção à luz. Sanna deu um passo atrás no vestíbulo, fitando o marido. Tinha o rosto muito pálido.

— Tenho estado a tentar falar contigo. Liguei-te vezes sem conta. Desde a hora do almoço, e tu não te deste ao trabalho de atender. Diz-me que te roubaram o celular ou que o deixaste cair e partiu-se. Dá-me algum motivo razoável para explicar porque é que nunca consegui contactar-te.

Christian encolheu os ombros. Não havia qualquer explicação que pudesse dar-lhe.

— Não sei — respondeu enquanto despiu o casaco. Também sentia os braços dormentes.

— Não sabes? — Sanna proferia as palavras pausadamente e, apesar de Christian já ter fechado a porta da frente, continuava a abraçar o próprio corpo, como se estivesse a congelar.

— Estava cansado — disse Christian, plenamente consciente de a resposta saber a pouco. — A entrevista foi muito dura e depois tive de encontrar-me com Gaby e... estava cansado. — Não tinha forças para lhe contar o que tinha acontecido na reunião com a editora. A única coisa que realmente queria era ir lá para cima e enfiar-se debaixo das cobertas para poder dormir e esquecer tudo. — Os miúdos já foram para a cama? — perguntou, passando por Sanna. Deu-lhe acidentalmente um

empurrão e a mulher vacilou, embora não tivesse caído. Como ela não respondeu, repetiu: — Os miúdos já foram para a cama?

— Sim.

Christian subiu as escadas e dirigiu-se ao quarto dos filhos. Pareciam anjinhos, ali deitados nas suas camas. Tinham as faces coradas e as pestanas eram como pequeninos leques negros. Sentou-se na beira da cama de Nils e acariciou-lhe o cabelo louro enquanto ouvia Melker a fungar durante o sono. Então, levantou-se e ajeitou as cobertas em torno dos dois filhos antes de voltar lá para baixo. Sanna ainda estava de pé no vestíbulo, exatamente no mesmo sítio. Pela postura da mulher, Christian começou a suspeitar que não ia ouvir as queixas e as acusações habituais. Sabia que Sanna o vigiava de todas as maneiras possíveis, que lhe lia os e-mails e telefonava para a biblioteca com todo o tipo de desculpas só para se certificar de que Christian lá estava. Sabia tudo isso e aceitava a situação. Mas agora havia alguma coisa mais.

Se pudesse escolher, teria virado as costas e voltado a subir as escadas para concretizar o desejo de ir deitar-se. Mas sabia que era inútil. Sanna tinha algo a dizer-lhe e diria, estivesse ele ali, no vestíbulo, ou deitado na cama.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou. E, de repente, todo o seu corpo gelou. Será que Sanna tinha feito aquilo? Christian sabia bem do que a mulher era capaz.

— Hoje chegou outra carta — disse Sanna, que finalmente decidira mover-se. Foi até a cozinha e

Christian calculou que devia segui-la.

— Uma carta? — Christian suspirou de alívio. Então era só isso?

— O mesmo de sempre — retorquiu Sanna, atirando o envelope para cima da mesa à frente dele. — Quem é que está constantemente a mandar estas cartas? E não me digas que não sabes. Não acredito nem um bocadinho nisso — a voz de Sanna subiu de tom, tornando-se estridente. — Quem é ela, Christian? Foste encontrar-te com ela hoje? Foi por isso que não consegui contactar-te? Porque é que ela te envia estas cartas? — As perguntas e as acusações jorravam da boca de Sanna. Cansado, Christian afundou-se numa cadeira perto da janela. Pegou na carta sem olhar para ela, sem a ler.

— Não faço a mais pequena ideia, Sanna. — Sentiu um desejo enorme de contar-lhe. Mas não podia.

— É mentira! — a mulher começou a soluçar. A cabeça descaiu-lhe, limpou o nariz à manga da camisola e depois ergueu os olhos. — Sei que estás a mentir. Há alguma mulher, ou pelo menos houve uma. Hoje vasculhei a casa como uma maluca, à procura de qualquer coisa que pudesse dar-me uma pista, por pequena que fosse, sobre o homem com quem estou casada. E sabes que mais? Não havia nada. Nada!

Não faço a mais pequena ideia de quem tu és!

Agora, estava a gritar com ele e Christian deixou-se envolver pela raiva da mulher. Porque ela tinha razão. Deixara tudo para trás — quem era e quem tinha sido. Deixara-os a todos para trás. Mas devia ter compreendido que ela se recusaria a ser esquecida, que se recusaria permanecer no passado. Devia ter percebido.

— Diz alguma coisa, raios!

Christian teve um sobressalto. Sanna estava inclinada para a frente, pulverizando-o de saliva enquanto gritava com ele. Lentamente, Christian ergueu o braço para limpar a cara. Então, Sanna aproximou ainda mais o rosto do dele e baixou a voz, que era agora quase um sussurro.

— Mas eu continuei a procurar. Toda a gente tem alguma coisa que não quer revelar. Por isso, o que eu quero saber é... — Sanna fez uma pausa e, alarmado, Christian sentiu um formigueiro na pele. A mulher tinha um olhar de satisfação no rosto, uma expressão que era nova e assustadora. Christian não queria ouvir mais nada, não queria continuar com aquele jogo, mas sabia que ela não ia parar enquanto não alcançasse o seu objetivo.

Estendeu a mão para algo que estava pousado numa das cadeiras do outro lado da mesa da cozinha. Os olhos brilhavam-lhe e havia neles todas as emoções que tinha guardado durante todos os anos que tinham passado juntos.

— O que eu quero saber é a quem pertence isto? — perguntou Sanna, segurando uma coisa azul. Christian viu imediatamente o que era. Teve de lutar contra o instinto de lho arrancar das mãos.

Sanna não tinha o direito de tocar naquele vestido! Christian queria dizer-lho, gritar-lhe aquelas palavras e fazê-la entender que tinha passado as marcas. Mas tinha a boca seca e não conseguia dizer uma única palavra. Estendeu a mão para o tecido azul, cuja suavidade em contacto com a face tão bem conhecia e cujo toque era tão macio quando pegava nele. Sanna deu um passo atrás, mantendo o vestido fora do alcance de Christian.

— A quem pertence isto? — Sanna falava ainda mais baixo, de modo quase inaudível. Abriu o vestido e segurou-o à sua frente, como se estivesse numa loja e quisesse ver se a cor lhe ficava bem.

Christian não olhou para a mulher; tinha os olhos fixos no vestido. Não podia suportar vê-lo ser conspurcado pelas mãos de outra pessoa. Ao mesmo tempo, o cérebro estava a trabalhar de uma maneira surpreendentemente fria e metódica. Os dois mundos, que tão cuidadosamente mantivera separados, estavam prestes a colidir e ele não podia revelar a verdade. Nunca poderia proferi-la em voz alta. No entanto, a melhor mentira era sempre aquela que encerrava fragmentos da verdade.

De repente sentiu-se completamente calmo. Daria a Sanna o que ela queria. Dar-lhe-ia um pequeno pedaço do seu passado. Então, Christian começou a falar e,

passado algum tempo, Sanna sentou-se para ouvir a sua história, embora ele lhe contasse apenas uma parte dela.

A respiração de Lisbet era irregular. Há meses que não dormia na cama de casal, no andar de cima. A doença acabara por fazer com que lhe fosse impossível subir até o quarto; por isso, Kenneth preparara-lhe o pequeno quarto de hóspedes no térreo. Tornara-o o mais confortável possível mas, independentemente do que fizesse, continuava a ser o quarto de hóspedes. E, agora, o hóspede era o cancro. Ocupava o quarto com o seu cheiro, a sua tenacidade e o seu prenúncio de morte.

O cancro deixá-los-ia em breve; porém, enquanto ouvia a respiração entrecortada de Lisbet, Kenneth desejava que o hóspede permanecesse. Porque não sairia sozinho, levaria consigo a pessoa que mais amava.

O lenço amarelo estava sobre a mesa de cabeceira. Kenneth virou-se de lado, apoiou a cabeça na mão e estudou a mulher à luz fraca vinda dos postes de iluminação do lado de fora da janela. Estendeu a mão e acariciou delicadamente a penugem que lhe cobria a cabeça. Lisbet mexeu-se, inquieta, e Kenneth retirou rapidamente a mão, receoso de despertá-la do sono de que tanto necessitava, embora raramente dormisse mais do que poucas horas de cada vez.

Já não conseguia dormir ao lado dela — não como dantes. Adoravam dormir juntos e no início tentaram, aproximando-se um do outro sob as cobertas. Kenneth pusera o braço em torno dela como sempre fizera desde a primeira noite que tinham dormido juntos. Mas a doença também lhes tinha roubado essa alegria. Doía-lhe quando lhe tocavam e Lisbet afastava-se de cada vez que Kenneth se aninhava junto dela. Por isso tinha colocado uma cama ao lado da dela. A ideia de não partilhar o mesmo quarto com ela era-lhe insuportável. Nunca lhe ocorrera dormir sozinho no andar de cima, na cama de casal.

Dormia mal na cama de campanha. Doíam-lhe as costas todas as manhãs e as articulações estavam sempre rígidas. Pensou comprar uma cama como devia ser para colocar ao lado da dela, mas sabia que seria inútil. Mesmo que não gostasse de pensar nisso, sabia que não tardaria a deixar de haver necessidade de uma cama extra. Em breve estaria a dormir sozinho no andar de cima.

Kenneth piscou os olhos para afastar as lágrimas enquanto observava a respiração de Lisbet, superficial e tensa. Os olhos moviam-se sob as pálpebras, como se a mulher estivesse a sonhar. Kenneth interrogou-se sobre o que Lisbet veria nos seus sonhos. Seria outra vez uma pessoa saudável? Estaria a correr com o lenço amarelo em torno dos longos cabelos?

Kenneth virou-se. Tinha de tentar dormir um pouco, afinal de contas tinha um emprego. Tinha passado ali demasiadas noites, a dar voltas e mais voltas na cama de campanha e a observá-la, com medo de perder um único minuto. A fadiga tinha-se apoderado dele e parecia não querer ir-se embora.

Kenneth percebeu que tinha de urinar, por isso mais valia levantar-se. Não seria capaz de dormir enquanto não aliviasse a bexiga. Com esforço, virou-se novamente para o outro lado, para poder sentar-se na cama. As costas estalaram, assim como a cama de campanha. Kenneth sentou-se na beira por um momento para estirar os músculos, que estavam completamente comprimidos. Sentiu o chão frio sob os pés quando se levantou e caminhou até o corredor. A casa de banho ficava mesmo ao lado do quarto, à esquerda, e Kenneth piscou os olhos perante o brilho quando ligou a luz. Levantou a tampa da sanita, puxando para baixo as calças de pijama, e fechou os olhos quando sentiu a pressão a diminuir.

De repente sentiu uma corrente de ar nas pernas. Abriu os olhos e olhou para cima. A porta da casa de banho estava aberta e era como se um vento gélido tivesse invadido a casa. Lançou uma olhadela sobre o ombro, mas não tinha acabado de urinar e não queria falhar a sanita. Quando acabou, sacudiu as últimas gotas, puxou as calças do pijama e encaminhou-se para a entrada. Provavelmente era apenas imaginação, pois já não sentia frio. No entanto, algo lhe disse para ter cuidado.

O corredor estava mergulhado na penumbra. Do sítio onde se encontrava apenas vislumbrava o brilho da luz da casa de banho e o resto da casa estava às escuras. Lisbet costumava pendurar estrelas do Advento¹³ nas janelas, em novembro, e ali ficavam até março, porque a mulher adorava o modo como brilhavam. Mas nesse ano não tinha tido forças para o fazer e Kenneth também não tivera tempo para as pendurar.

Em bicos de pés, avançou até a entrada. Não tinha imaginado. A temperatura estava definitivamente mais baixa ali, como se a porta da frente tivesse ficado aberta. Aproximou-se e girou a maçaneta. A porta não estava trancada. Não era estranho, já que às vezes se esquecia de a trancar, mesmo à noite.

Por uma questão de segurança certificou-se de que a porta ficava bem trancada. Estava prestes a voltar para a cama, mas de repente sentiu um arrepio. Sentiu que havia algo que não estava bem. Olhou para a porta que dava para a cozinha, iluminada apenas pela luz tênue que vinha do poste de iluminação da rua. Semicerrou os olhos e avançou mais um passo. Havia uma coisa branca a reluzir em cima da mesa da cozinha, algo que não estava lá quando levantara a mesa antes de ir para a cama. Avançou mais alguns passos. Ondas de medo percorriam-lhe o corpo.

No meio da mesa viu uma carta. Outra carta. E, ao lado do envelope, alguém tinha colocado cuidadosamente uma faca de cozinha. A lâmina brilhava sob a luz do poste de iluminação. Kenneth olhou em redor, mas percebeu que, quem quer que fosse o intruso, ou a intrusa, já se tinha ido embora. Deixando para trás uma carta e uma faca.

Kenneth só gostava de conseguir compreender a mensagem.

ALICE SORRIU-LHE. UM GRANDE SORRISO, SEM DENTES, APENAS GENGIVAS. MAS NÃO SE DEIXOU ENGANAR. SABIA O QUE ELA QUERIA. QUERIA MAIS E MAIS, ATÉ ELE NÃO TER MAIS NADA.

DE REPENTE, AS NARINAS CAPTARAM O CHEIRO. AQUELE CHEIRO ADOCICADO, REPUGNANTE. JÁ O TINHA SENTIDO ANTES E AGORA ESTAVA AINDA MAIS PRESENTE. DEVIA EMANAR DELA. OLHOU PARA BAIXO, PARA O CORPO MACIO E BRILHANTE. TUDO NELA O ENOJAVA. A BARRIGA RECHONCHUDA, O ENTALHE ENTRE AS PERNAS, O CABELO PRETO E MAL DISTRIBUÍDO SOBRE A SUA CABEÇA.

PÔS-LHE A MÃO NA CABEÇA. SENTIU UM PULSAR SOB A PELE. PRÓXIMO E FRÁGIL. A MÃO PRESSIONOU A CABEÇA COM MAIS FORÇA E ALICE DESLIZOU MAIS PARA BAIXO. AINDA ASSIM, A BEBÉ CONTINUAVA A RIR-SE PARA ELE. A ÁGUA ENVOLVEU AS PERNAS DE ALICE, SALPICANDO-O QUANDO OS CALCANHARES BATERAM NO FUNDO DA BANHEIRA.

CONSEGUIA OUVIR A VOZ DO PAI, MUITO, MUITO LONGE, À ENTRADA. SUBIA E DESCIA, E PARECIA QUE O PAI SE IA DEMORAR POR ALI MAIS ALGUNS MINUTOS. AINDA SENTIA O PULSAR SOB A PALMA DA MÃO E ALICE COMEÇOU A CHORAMINGAR. O SORRISO DA BEBÉ APARECIA E DESAPARECIA, COMO SE ALICE NÃO TIVESSE A CERTEZA SE ESTAVA FELIZ OU TRISTE. TALVEZ CONSEGUISSE SENTIR ATRAVÉS DA SUA MÃO QUANTO A ODIAVA, QUANTO DETESTAVA CADA SEGUNDO QUE TINHA DE PASSAR NA PRESENÇA DELA.

IA SER MUITO MELHOR SEM ELA E SEM TODA AQUELA CHORADEIRA. NÃO TERIA DE VER A ALEGRIA NO ROSTO DA MÃE QUANDO OLHAVA PARA A BEBÉ, OU A AUSÊNCIA DE ALEGRIA QUANDO SE VIRAVA PARA OLHAR PARA ELE. ERA TÃO ÓBVIO. SEMPRE QUE A MÃE DESVIAVA O OLHAR DE ALICE PARA ELE ERA COMO SE UMA LUZ SE APAGASSE. A LUZ EXTINGUIA-SE.

APUROU O OUVIDO PARA OUVIR O PAI. ALICE PARECIA TER DECIDIDO NÃO DESATAR A CHORAR, POR ENQUANTO, E ELE RETRIBUIU-LHE O SORRISO. DE PÔS-LHE CUIDADOSAMENTE O BRAÇO SOB A CABEÇA, PARA APOIAR, COMO TINHA VISTO A MÃE FAZER. COM A OUTRA MÃO DESPRENDEU O ASSENTO QUE A MANTINHA NUMA POSIÇÃO RECLINADA. NÃO FOI FÁCIL. A BEBÉ ERA ESCORREGADIA E CONTORCIA- SE SEM PARAR.

POR FIM, RETIROU O ASSENTO DE BANHO E AFASTOU-O CAUTELOSAMENTE. AGORA, TODO O PESO DE ALICE REPOUSAVA NO SEU BRAÇO ESQUERDO. O CHEIRO ADOCICADO E SUFOCANTE INTENSIFICAVA-SE. ENJOADO, VIROU A CABEÇA. SENTIU OS OLHOS DA CRIANÇA CRAVADOS NA SUA FACE E A PELE MOLHADA E ESCORREGADIA DE ALICE CONTRA O BRAÇO. DESPREZAVA ALICE POR LHE TER TRAZIDO AQUELE CHEIRO DE VOLTA, POR FORÇÁ-LO A RECORDAR.

LENTAMENTE, PUXOU O BRAÇO E OLHOU PARA ELA. A CABEÇA DE ALICE CAIU PARA TRÁS E, ANTES DE ATINGIR A ÁGUA, A CRIANÇA TOMOU FÔLEGO PARA GRITAR. MAS ERA TARDE DE MAIS E O PEQUENO ROSTO DESAPARECEU SOB A SUPERFÍCIE. OS OLHOS DELA FITAVAM-NO ATRAVÉS DA ÁGUA ONDULANTE. ALICE AGITAVA OS BRAÇOS E AS PERNAS, MAS NÃO CONSEGUIA ERGUER-SE. ERA DEMASIADO PEQUENA, DEMASIADO FRACA. NEM SEQUER TEVE DE MANTER A CABEÇA DELA DEBAIXO DE ÁGUA. A CABEÇA POUSOU NO FUNDO E A ÚNICA COISA QUE ALICE CONSEGUIA FAZER ERA MOVÊ-LA DE UM LADO PARA O OUTRO.

AGACHOU-SE, APOIOU O QUEIXO NA BORDA DA BANHEIRA E OBSERVOU-A A DEBATER-SE. NÃO DEVIA TER TENTADO TIRAR-LHE A SUA LINDA MÃE. MERECEIA MORRER. A CULPA NÃO ERA DELE.

PASSADO ALGUM TEMPO, OS BRAÇOS E AS PERNAS PARARAM LENTAMENTE DE MOVER-SE E AFUNDARAM-SE. SENTIU UMA CALMA ENORME A ESPALHAR-SE SOBRE ELE. O CHEIRO TINHA DESAPARECIDO E JÁ CONSEGUIA RESPIRAR OUTRA VEZ. TUDO PODIA VOLTAR A SER COMO ERA. COM A CABEÇA INCLINADA, DESCANSANDO CONTRA O ESMALTE FRIO, OLHOU PARA ALICE, QUE AGORA ESTAVA MUITO QUIETA.



— ENTREM, ENTREM — disse Ulf Rosander com ar ensonado, embora estivesse completamente vestido. Fez sinal a Patrik e a Paula para entrarem.

— Obrigada por nos receber assim tão de repente — disse Paula.

— Não há problema nenhum. Só tive de telefonar para o emprego a dizer que ia chegar um pouco atrasado. Tendo em conta as circunstâncias, compreenderam perfeitamente. Todos perdemos um colega — Ulf dirigiu-se para a sala de estar e os

agentes seguiram-no.

Parecia que uma bomba tinha explodido na sala. Havia brinquedos e variadíssimos objetos espalhados por todo o lado. Ulf afastou uma pilha de roupa de criança para poderem sentar-se no sofá.

— Isto está sempre um caos de manhã, antes de as meninas irem para a creche — desculpou-se.

— Que idades têm? — perguntou Paula quando Patrik se recostou no sofá, deixando-a assumir a liderança. Como polícia, nunca subestimava o valor da conversa de circunstância.

— Uma tem três e a outra cinco — respondeu Rosander, cujo rosto se iluminou. — Duas meninas. São a minha segunda ninhada. Também tenho dois filhos de um casamento anterior, um com catorze e outro com dezasseis. Mas, de momento, estão com a mãe, senão a casa estaria muito mais desarrumada.

— Como se dão os seus filhos uns com os outros, tendo em conta as diferenças de idade? — perguntou Patrik.

— Muito melhor do que seria de esperar, por acaso. Os rapazes comportam-se como os adolescentes que são; por isso, as coisas nem sempre correm bem. Mas as minhas filhas adoram-nos e eles também gostam das irmãs mais novas, que lhes chamam «irmãos alce».

Patrik riu-se, mas Paula fez um ar intrigado.

— É de um livro infantil — explicou. — Daqui a uns aninhos já vais perceber — depois, Patrik fez um ar sério quando disse a Rosander: — Bem, como já deve saber, encontramos Magnus.

O sorriso no rosto de Rosander desapareceu imediatamente. Passou a mão pelo cabelo, que já estava bastante despenteado.

— Sabem como foi que ele morreu? Será que se afundou no mar?

Era uma forma antiquada de fazer referência a um naufrágio, mas uma expressão comum para as pessoas que viviam numa comunidade tão perto do mar.

Patrik abanou a cabeça.

— Ainda não sabemos. Mas agora é mais importante descobrir o que aconteceu na manhã em que ele desapareceu.

— Compreendo. Mas não sei realmente como possa ajudar — Rosander abriu os braços. — A única coisa que sei é que Magnus me telefonou a dizer que estava atrasado.

— Isso era habitual? — perguntou Paula.

— Magnus atrasar-se? — Rosander franziu a testa. — Bem, agora que fala nisso, julgo que nunca tinha acontecido antes.

— Há quanto tempo iam para o trabalho juntos? — Patrik retirou discretamente uma pequena joaninha de plástico sobre a qual se tinha sentado.

— Desde que comecei a trabalhar na Tanum Windows, há cinco anos. Antes disso, Magnus ia sempre de autocarro, mas começamos a conversar no trabalho e eu disse-lhe que podia dar-lhe boleia. Em troca, ele ajudava a pagar a gasolina.

— E, durante esses cinco anos, Magnus alguma vez telefonou a dizer que estava atrasado? — Paula repetiu a pergunta.

— Não, nunca. Eu devia ter pensado nisso antes.

— Como lhe pareceu a voz dele quando telefonou? — perguntou Patrik. — Calma? Irritada? Disse por que razão estava atrasado?

— Não, não disse. Não tenho a certeza absoluta, porque já foi há algum tempo, mas acho que não parecia o mesmo Magnus de sempre.

— Que quer dizer com isso? — Patrik inclinou-se para frente.

— Talvez perturbado seja uma palavra muito forte, mas tenho a impressão de que havia alguma coisa que não estava bem. Pensei que talvez tivesse discutido com Cia ou com os filhos.

— Magnus disse alguma coisa que lhe desse essa ideia? — perguntou Paula, trocando um olhar com Patrik.

— Não, na verdade, não. A conversa não durou mais de cinco segundos. Magnus telefonou, disse que estava atrasado e que eu devia ir andando caso se demorasse muito. Disse que iria lá ter sozinho. A seguir desligou. Esperei algum tempo e depois fui-me embora. Foi tudo. Deve ter sido o tom de voz dele que me fez pensar que tinha havido algum problema em casa.

— Sabe se Magnus e Cia tinham problemas conjugais?

— Nunca ouvi Magnus dizer nada de mal sobre Cia. Pelo contrário. Pareciam dar-se muito bem. Claro que é impossível saber ao certo o que se passa em casa das outras pessoas, mas sempre achei que Magnus tinha um casamento feliz. Embora não conversássemos muito sobre esse tipo de coisas. Falávamos mais sobre o tempo e o futebol.

— Diria que eram amigos? — perguntou Patrik. Rosander hesitou antes de responder.

— Não, não diria isso. Íamos juntos para o trabalho e conversávamos de vez em quando à hora do almoço, mas nunca íamos a casa um do outro nem saíamos juntos, nem nada dessas coisas. Na verdade não sei por que, gostávamos da companhia um do outro. Mas cada um tem seu círculo de amigos e é difícil mudar essas coisas.

— Quer dizer que, se alguma coisa o estivesse a incomodar, ou se alguém o tivesse chateado, Magnus não lho teria contado? — perguntou Paula.

— Não, acho que não me teria contado. Por outro lado, eu estava com ele cinco dias por semana, por isso teria notado se estivesse preocupado com alguma coisa. Mas Magnus era o mesmo de sempre. Alegre, calmo e confiante. Ou seja,

uma excelente pessoa — Rosander olhou para as mãos. — Peço desculpa por não poder ajudar-vos mais.

— Já nos ajudou muito — Patrik levantou-se e Paula seguiu-lhe o exemplo. Apertaram a mão a Rosander e agradeceram-lhe o tempo que lhes tinha disponibilizado. Durante a viagem de regresso reviram o que tinham ouvido.

— Então, que achas? — perguntou Paula, olhando para o perfil de Patrik, que seguia ao seu lado no lugar do morto.

— Então, olha para a estrada! — Patrik agarrou-se à pega da porta quando a colega evitou por pouco a colisão com um camião na curva estreita pouco antes de Mörhult.

— Ena, foi por pouco — disse Paula, agora completamente atenta ao para-brisas e à estrada.

— Mulheres ao volante — murmurou Patrik.

Paula sabia que Patrik estava a gozar com ela e ignorou o comentário. Além disso, já tinha andado de carro enquanto Patrik conduzia e pensou que era um milagre que o colega ainda tivesse carta.

— Julgo que Ulf Rosander não tem nada que ver com o crime — disse Patrik, em resposta à pergunta da colega.

Paula concordou.

— Acho que tens razão. Mellberg falhou completamente este tiro.

— Então vamos ter de convencê-lo disso.

— Apesar disso, acho que foi bom termos ido lá. Aquela informação deve ter escapado a Gösta. Tem de haver um motivo para Magnus se ter atrasado pela primeira vez em cinco anos. Rosander teve a sensação de que Magnus estava perturbado, ou que pelo menos não parecia a mesma pessoa quando telefonou. Não creio que tenha sido coincidência ter desaparecido nessa mesma manhã.

— Tens razão. Só não sei como é que vamos descobrir o que o tinha perturbado. Já fiz a mesma pergunta a Cia, se tinha acontecido alguma coisa estranha naquela manhã, e ela disse que não. É verdade que Cia foi para o trabalho antes de Magnus sair de casa, mas o que é que pode ter acontecido no curto período de tempo em que esteve sozinho em casa?

— Já alguém verificou os registos telefônicos? — perguntou Paula, tendo o cuidado de manter os olhos focados na estrada.

— Várias vezes. Ninguém lhe telefonou para casa naquela manhã. Ninguém lhe ligou para o celular. O único telefonema foi o que Magnus fez a Rosander. Depois disso, nada.

— Achas que alguém foi a casa dele?

— Não me parece — Patrik abanou a cabeça. — Os vizinhos conseguem ver perfeitamente a casa. Estavam a tomar o pequeno-almoço quando Magnus saiu.

Claro que é possível não terem visto alguém a tocar à campainha, mas estavam bastante convencidos de que isso não aconteceu.

— Então e o e-mail de Magnus? Patrik voltou a abanar a cabeça.

— Cia deixou-nos dar uma vista de olhos ao computador dele, mas não havia e-mails que despertassem qualquer interesse.

Seguiram em silêncio durante algum tempo, ambos perdidos nos seus pensamentos. Que teria acontecido para Magnus Kjellner desaparecer um dia sem deixar rastro e o seu cadáver ser encontrado três meses depois, enterrado no gelo? Que teria realmente acontecido naquela manhã?

Absurdamente, Erica tinha decidido ir a pé. Na sua mente, a distância entre a sua casa em Sälvik e o destino parecera curta. Não mais do que a distância do lançamento de uma pedra. Mas agora parecia que aquele lançamento de pedra ia bater o recorde mundial.

Pôs a mão nas costas enquanto fazia uma pausa para recuperar o fôlego. Olhou na direção do escritório da Ocean View Development, que ainda ficava muito longe. Mas teria de andar o mesmo se voltasse para trás; portanto, das duas uma, ou ficava ali sentada num monte de neve ou continuava até o destino.

Exausta, Erica entrou no escritório dez minutos mais tarde. Não tinha telefonado avisando que ia aparecer, pensando que assim poderia beneficiar do efeito de surpresa. Certificara-se de que o carro de Erik não estava estacionado à frente do escritório. Era com Kenneth que queria falar. Sem serem interrompidos, de preferência.

— Olá? — ninguém parecia ter ouvido a porta a fechar-se por detrás dela, por isso avançou mais. Parecia uma casa normal que fora convertida em espaço de escritório. Uma grande parte do térreo era agora um open space e as paredes estavam cobertas de prateleiras contendo dossiês. Havia também grandes cartazes com as estruturas que a empresa tinha construído e duas secretárias ao fundo da sala. Kenneth estava sentado a uma delas. Não parecia ter-se apercebido da presença de Erica, porque continuava a olhar em frente, sem se mover.

— Olá? — tentou novamente. Kenneth teve um sobressalto.

— Ah, olá! Peço desculpa, não a ouvi entrar — Kenneth levantou-se e aproximou-se dela. — Erica Falck, não é?

— Exatamente — apertaram as mãos e Erica sorriu. Kenneth reparou que Erica olhava ansiosamente para uma das cadeiras reservadas às visitas e fez sinal para que se sentasse.

— Por favor, sente-se. Deve ser difícil carregar todo esse peso extra. Parece que não falta muito para nascer.

Erica recostou-se com gratidão na cadeira, sentindo a pressão nas costas a aliviar.

— Ainda falta um bocadinho. Mas vou ter gémeos — explicou, parecendo um pouco surpreendida com as próprias palavras.

— Nesse caso, de certeza que vai ter muito que fazer — disse amavelmente Kenneth, sentando-se ao lado dela. — Está à procura de uma casa nova?

Erica ficou surpreendida com o rosto de Kenneth quando o viu de perto, à luz do candeeiro que havia ao lado da secretária. Parecia cansado e emaciado. «Desesperado», era essa a palavra que Erica buscava. De repente lembrou-se de ouvir dizer que a mulher estava gravemente doente. Resistiu ao impulso de pôr a mão sobre a dele, suspeitando que Kenneth poderia não apreciar esse gesto de compaixão. Mas não pôde deixar de dizer alguma coisa. A tristeza e a fadiga de Kenneth eram tão óbvias, estavam tão profundamente gravadas nas linhas do seu rosto...

— Como tem passado a sua mulher? — perguntou, esperando que Kenneth não ficasse ofendido com a pergunta.

— Mal. Lisbet está mesmo muito mal.

Nenhum dos dois falou por um momento. Então, Kenneth endireitou-se na cadeira e tentou esboçar um sorriso, embora não conseguisse esconder a dor que sentia.

— Então, estão a pensar em comprar uma casa nova? A vossa é excelente. Mas é com Erik que têm de falar. Eu trato das finanças e da contabilidade da empresa, e não sou grande conversador. Mas acho que Erik vai cá estar depois do almoço; por isso, se voltar cá da parte da tarde...

— Não, eu não vim cá por causa da compra de uma casa.

— Não? Então porque foi?

Erica hesitou. Por que raio era tão curiosa que não conseguia deixar de andar a meter o nariz na vida de toda a gente? Como ia explicar aquilo a Kenneth?

— Suponho que já saiba de Magnus Kjellner? Que o corpo foi encontrado? — começou a dizer Erica. O rosto de Kenneth ensombrou-se ainda mais quando assentiu.

— E, pelo que sei, eram bastante amigos, não é verdade?

— Porque é que me está a perguntar isso? — disse Kenneth, cuja expressão se tornara repentinamente cautelosa.

— Eu só... — Erica procurou uma boa explicação, mas não encontrou nenhuma. Teria de contentar-se com uma mentira. — Leu o que veio nos jornais a propósito das cartas ameaçadoras que Christian Thydell recebeu?

Kenneth assentiu, mantendo a circunspeção. Algo lhe brilhou nos olhos, mas foi tão rápido que

Erica não teve a certeza de ter realmente visto alguma coisa.

— Christian é meu amigo, e eu quero ajudá-lo — prosseguiu Erica. — Julgo

que há uma ligação entre as ameaças que tem recebido e o que aconteceu a Magnus.

— Que tipo de ligação? — perguntou Kenneth, inclinando-se para a frente.

— Por enquanto não posso entrar em pormenores — respondeu evasivamente. — Mas era uma boa ajuda se me pudesse falar um pouco de Magnus. Teria algum inimigo? Há alguém que o possa ter querido prejudicar?

— Não, isso não me parece nada provável — Kenneth recostou-se novamente na cadeira. Toda a sua postura indicava que não tinha a mais pequena vontade de continuar com aquela conversa.

— Há quanto tempo se conhecem? — Erica tentava desviar a conversa para um terreno mais neutro. Às vezes era melhor optar por uma abordagem indireta.

E funcionou. Kenneth pareceu descontrair-se.

— Bem, desde sempre. Somos da mesma idade; portanto, andamos na mesma classe na primária e também frequentamos juntos o ensino secundário. Nós os três sempre fomos amigos.

— Os três? Ou seja, você, Magnus e Erik Lind?

— Exatamente. Se tivéssemos nos conhecido já adultos não creio que nos tornássemos amigos, mas Fjällbacka é tão pequena, praticamente crescemos juntos, por isso fomos mantendo contacto. Quando Erik vivia em Gotemburgo praticamente não o víamos, mas desde que se mudou para cá temos-nos encontrado muito. Nós e as nossas famílias. É uma questão de hábito, suponho.

— Diria que são amigos íntimos?

Kenneth parou para pensar, olhando pela janela e fitando o gelo antes de responder.

— Não, não diria isso. Erik e eu trabalhamos juntos, claro, por isso estamos permanentemente em contacto um com o outro. Mas não somos amigos íntimos. Acho que Erik não tem nenhum amigo chegado. E Magnus e eu éramos tão diferentes... Não tenho nada de mal a dizer de Magnus. Aliás, acho que ninguém tem. Sempre nos demos bem, mas nunca fomos propriamente íntimos. Nesse sentido, era Magnus e o recém-chegado ao grupo, Christian, que passavam mais tempo juntos.

— Como é que Christian entrou em cena?

— Na verdade, não sei. Foi Magnus quem decidiu incluí-lo a ele e a Sanna, logo depois de

Christian se ter mudado para cá. Depois disso, ele passou a fazer parte do grupo.

— Sabe alguma coisa sobre o passado de Christian?

— Não — respondeu Kenneth. Depois ficou em silêncio por um momento. — Agora que fala nisso... Realmente não sei nada sobre o que ele fez antes de se mudar para Fjällbacka. Nunca conversamos sobre isso — Kenneth parecia

surpreendido com o que tinha dito.

— Como é que você e Erik se davam com Christian?

— Não é fácil conhecê-lo e às vezes é um bocado sombrio. Mas é bom tipo e, quando bebe uns copos, descontraí-se e costumamos passar um bom bocado.

— Acha que ele tem andado tenso nos últimos tempos? Preocupado com alguma coisa?

— Está a falar de Christian? — de novo aquele lampejo nos olhos de Kenneth, mas tão fugaz como o anterior.

— Sim. Christian anda a receber as tais cartas ameaçadoras quase há um ano e meio.

— Há tanto tempo? Não sabia.

— Quer dizer que você e Erik não notaram nada? Kenneth abanou a cabeça.

— Como eu disse, Christian é bastante... complicado, digamos assim. É difícil saber o que está a acontecer dentro da cabeça dele. Por exemplo, eu não fazia ideia de que ele estava a escrever um livro até estar prestes a ser publicado.

— Já o leu? É bastante assustador — disse Erica. Kenneth abanou a cabeça.

— Não sou grande leitor. Mas ouvi dizer que as críticas têm sido excelentes.

— Sim, incrivelmente boas — respondeu Erica. — Mas ele não lhe falou, a si ou a Erik, das cartas?

— Não, nunca as mencionou. Mas, como eu disse, temo-nos encontrado principalmente em eventos sociais. Jantares, celebrações, no Ano Novo e no Solstício de verão. Coisas assim. Magnus era provavelmente a única pessoa a quem Christian poderia ter contado.

— E Magnus também não lhe disse nada?

— Não, não disse — Kenneth levantou-se. — Peço desculpa, mas agora tenho mesmo de trabalhar. De certeza que não estão interessados numa casa nova? — sorriu e fez um gesto na direção dos cartazes publicitários na parede.

— A nossa casa é muito confortável, mas obrigada à mesma. E as vossas casas são realmente atraentes — Erica fez um esforço para se levantar, mas com o desajeitado resultado do costume. Kenneth estendeu a mão e ajudou-a a erguer-se.

— Obrigada — Erica enrolou o lenço em torno do pescoço. — Tenho mesmo muita pena — disse. — Quer dizer, da sua mulher. Espero que... — não sabia que mais dizer e Kenneth limitou-se a abanar a cabeça.

Erica estremeceu quando voltou para o frio da rua.

Christian estava com bastante dificuldade de concentração. Normalmente gostava do trabalho na biblioteca, mas nesse dia não conseguia fixar o pensamento fosse no que fosse.

Toda a gente que entrava queria dizer alguma coisa sobre A Sereia. Alguns já tinham lido o livro, outros estavam a planear lê-lo e também havia quem o tivesse

visto no talk-show na televisão. Christian era sempre cortês, agradecendo às pessoas os seus comentários favoráveis e fazendo um breve resumo do romance a quem lho pedia. Mas, na realidade, só lhe apetecia gritar.

Não conseguia parar de pensar na desgraça que tinha acontecido a Magnus. O formigueiro nas mãos recomeçara e estava a espalhar-se. Para os braços, até o tronco, descendo-lhe para as pernas. De vez em quando sentia o ardor e o prurido em todo o corpo. Não conseguia ficar quieto na cadeira. Por isso estava constantemente a levantar-se para ir até as estantes, deslocando livros que tinham ido parar ao lugar errado e endireitando as lombadas para que formassem fileiras agradáveis e alinhadas.

De repente parou. Ficou para ali, com uma mão levantada, pousada sobre alguns livros, e não conseguia baixá-la. Foi então que surgiram os pensamentos, aqueles que eram cada vez mais frequentes. Que estava ali a fazer? Porque estava ali, naquele sítio em particular, naquele momento em particular? Abanou a cabeça para afastar os pensamentos para longe, mas estes apenas se instalaram mais fundo na sua mente.

Viu alguém a caminhar do lado de fora, passando junto da porta da biblioteca. Apenas captou um vislumbre da pessoa, tendo sentido um movimento, mais do que visto alguma coisa. Mas a sensação que imediatamente se apoderou dele era igual à que o acometera quando conduzira até casa na noite anterior. A sensação de algo hostil, mas ao mesmo tempo familiar.

Christian precipitou-se para a entrada e espreitou na direção em que a pessoa seguia. Não estava lá ninguém. Não ouviu passos nem qualquer outro ruído. Não se avistava ninguém. Estaria a imaginar coisas? Pressionou as têmporas com os dedos. Fechou os olhos e imaginou Sanna, visualizando novamente a expressão no rosto da mulher quando lhe contara meias-verdades e mentiras parciais. A boca muito aberta de Sanna, a compaixão misturada com o horror.

Sanna não lhe faria mais perguntas. Pelo menos por enquanto. E o vestido azul tinha voltado para o sótão, onde pertencia. Ao revelar um pouco da verdade, Christian comprara umas tréguas temporárias. Mas, mais cedo ou mais tarde, a mulher ia começar a questionar o que lhe tinha sido dito, à procura de respostas e da parte da história que não lhe quisera contar. Essa parte tinha de ficar enterrada. Não havia outra opção.

Ainda tinha os olhos fechados quando ouviu alguém a aclarar a garganta. Christian abriu os olhos.

— Desculpe, chamo-me Lars Olsson. Sou jornalista. Será que podemos conversar um pouco. Tentei contactá-lo por telefone, mas ninguém atendeu.

— Eu desliguei o celular — Christian tirou as mãos das têmporas. — O que quer?

— Ontem, um homem foi encontrado congelado. Magnus Kjellner. Estava desaparecido desde novembro. Julgo saber que eram amigos.

— Porque me está a perguntar essas coisas? — Christian recuou, retirando-se para detrás do balcão da biblioteca.

— Não lhe parece uma estranha coincidência? Andar a receber ameaças há tanto tempo e um dos seus melhores amigos ser encontrado morto? Também soubemos que é provável que Magnus Kjellner tenha sido assassinado.

— Assassinado? — perguntou Christian, escondendo as mãos sob o balcão. Estavam a tremer.

— Sim, havia ferimentos no corpo que indicam ter sido vítima de agressão. Sabe se Magnus Kjellner também foi ameaçado? Ou quem lhe terá enviado as cartas? — O jornalista estava a empregar um tom de voz agressivo, não deixando nenhuma dúvida de que esperava que Christian respondesse.

— Não sei nada disso. Nada de nada.

— Mas parece que alguém anda obcecado consigo, por isso não é exagero presumir que as pessoas próximas de si também podem tornar-se um alvo. Já alguém da sua família foi ameaçado?

Christian apenas conseguiu sacudir a cabeça em silêncio. Começaram a aglomerar-se imagens na sua mente, que rapidamente afastou para longe. Não podia permitir-lhes que tomassem o controlo.

— As ameaças começaram a chegar antes da cobertura mediática por ocasião da publicação do livro, o que parece indicar que se trata de um assunto pessoal. Tem algum comentário a este propósito?

Christian voltou a abanar a cabeça, ainda mais vigorosamente. Cerrava os dentes com tanta força que o rosto parecia uma máscara rígida. Queria fugir de todas aquelas perguntas, parar de pensar nela e no facto de, passados tantos anos, o ter finalmente conseguido apanhar. Recusava-se a deixá-la entrar outra vez. Ao mesmo tempo, sabia que era tarde de mais. Ela já ali estava; não podia escapar-lhe. Talvez nunca tivesse conseguido fugir.

— Quer dizer que não faz ideia de quem possa estar por detrás das cartas ameaçadoras? Ou se há alguma ligação com o assassinato de Magnus Kjellner?

— Pensei que tinha dito ter informações indiciando que Magnus foi assassinado, e não que isso seja um facto consumado.

— Certo. Mas é uma suposição — respondeu o repórter. — E tem de concordar que, numa cidade pequena como Fjällbacka, é uma coincidência muito estranha que uma pessoa receba ameaças e que um dos seus amigos apareça morto. Uma coincidência que levanta muitas questões.

Christian sentiu a raiva a crescer. Que direito tinham eles de se meterem na sua vida, de exigirem respostas, de pedirem que lhes dissesse algo que não sabia?

— Não tenho mais nenhum comentário sobre esse assunto.

— Quer colabore quer não, sabe que vamos escrever sobre isto, não sabe? Portanto, acho que tem todo o interesse em dar-nos a sua opinião sobre o assunto.

— Não vou dizer mais do que aquilo que já disse — respondeu Christian, mas o jornalista não parecia disposto a desistir.

Então, Christian levantou-se. Atravessou a biblioteca, foi para a casa de banho e trancou a porta. Teve um sobressalto quando viu o seu rosto ao espelho. Era como se um estranho estivesse a olhar para ele. Não se reconhecia.

Fechou os olhos e inclinou-se para a frente, pondo as mãos no lavatório. A respiração era rápida e superficial. Tentou, pelo simples poder do pensamento, fazer com que o pulso desacelerasse e recuperar o controlo. Mas a vida estava prestes a ser-lhe tirada. Christian sabia-o. Há muito tempo ela tinha levado tudo e agora estava ali para voltar a fazê-lo.

Imagens dançaram-lhe no interior das pálpebras. E também ouviu as vozes. Dela e deles. Sem conseguir conter-se, inclinou a cabeça para trás. E então, com toda a força, lançou-se para a frente. Ouvia o som do espelho a partir-se, sentiu o sangue na testa. Mas não lhe doeu. Porque, nos segundos em que o vidro lhe perfurou a pele, as vozes calaram-se. Um silêncio abençoado.

ooo

Ainda era meio-dia e Louise estava maravilhosamente bêbada. Exatamente no ponto certo. Descontraída, entorpecida, mas sem perder a noção da realidade.

Voltou a encher o copo. A casa estava vazia. As filhas estavam na escola e Erik no escritório. Ou noutro lugar, talvez com a sua puta.

Erik estava a agir de modo estranho nos últimos dias. Mais silencioso e mais suave. E o temor tinha-se misturado com a esperança. Era assim que se sentia sempre que pensava que Erik podia mesmo deixá-la. Era como se fosse duas pessoas. Uma delas sentia alívio por poder escapar da prisão em que aquele casamento se tornara e onde apenas havia traição e mentiras. A outra pessoa ficava em pânico por poder ser abandonada. Claro que receberia grande parte do dinheiro de Erik, mas que faria com ele quando estivesse sozinha?

Atualmente, não havia muita companhia na sua vida, mas sempre era melhor do que nada. Tinha um corpo quente ao lado dela na cama, à noite, e alguém sentado à mesa da cozinha, a ler o jornal ao pequeno-almoço. Louise tinha alguém. Se Erik a deixasse, ficaria completamente só. As filhas estavam a crescer, eram como hóspedes temporários em casa, sempre prestes a ir ter com os amigos ou para a escola. Já tinham começado a adotar o comportamento taciturno das adolescentes, mal lhe respondendo quando falava com elas. Quando estavam em casa, via quase sempre as portas fechadas dos seus quartos e o único sinal de vida era a batida constante da música que ouviam.

Mais um copo de vinho tinha desaparecido e Louise serviu-se de outro. Onde estava Erik naquele momento? Estaria no escritório ou estava com ela? Estaria a rebolar sobre o corpo nu de Cecilia, a penetrá-la, a acariciar-lhe os seios? Ali em casa nunca fazia nada disso. Há dois anos que não lhe tocava. De início, Louise tentou deslizar a mão sob as cobertas para lhe tocar. Mas depois de ser rejeitada algumas vezes, quando Erik se virava para o outro lado e lhe virava ostensivamente as costas, ou simplesmente lhe afastava a mão, tinha desistido.

Viu-se refletida no aço inoxidável brilhante do frigorífico. Como era costume, contemplou o reflexo, erguendo a mão para tocar no rosto. Não tinha assim tão mau aspeto, pois não? Dantes era bastante atraente. E tinha-se mantido elegante, tendo cuidado com o que comia, desprezando as mulheres da sua idade que se permitiam comer bolos e doces e se deixavam engordar. Depois tentavam disfarçar com vestidos largos às flores comprados na Lindex. Ela, por outro lado, ainda conseguia vestir jeans apertados e parecer elegante. Ergueu o queixo, que já começara a ceder um pouco. Levantou-o novamente. Isso, assim é que era.

Louise baixou o queixo, notando como a pele flácida fazia uma pequena dobra. Teve de resistir ao impulso de tirar uma das facas do suporte à sua frente e cortar aquela repugnante aba de pele. De repente, tinha ficado enojada com o próprio reflexo. Não era de admirar que Erik já não quisesse tocar-lhe. Não era de admirar que preferisse ter pele firme sob os dedos, que quisesse tocar em algo que não se estava lentamente a deteriorar e a apodrecer por dentro.

Ergueu o copo de vinho e atirou o conteúdo ao frigorífico, apagando o seu reflexo e substituindo-o pelo líquido vermelho brilhante que escorria pela superfície lisa. O telefone estava na bancada à sua frente e Louise marcou o número do escritório. Tinha de descobrir onde ele estava.

— Olá, Kenneth. Erik está por aí?

O coração martelava-lhe o peito quando desligou, embora já devesse estar habituada à situação. Pobre Kenneth. Quantas vezes, ao longo dos anos, não teria sido forçado a encobrir Erik? A inventar à pressa uma mentira qualquer acerca do paradeiro do sócio e sobre o que este estava a fazer, assegurando-lhe de que em breve estaria de volta ao escritório.

Louise encheu o copo sem se preocupar em limpar o vinho que tinha atirado ao frigorífico e dirigiu-se resolutamente à sala de trabalho de Erik. Não devia lá entrar. Erik afirmava que, se mais alguém a usasse, isso perturbaria o modo como tinha organizado as coisas, pelo que a tinha proibido de pôr lá os pés. E era precisamente por isso que estava agora a caminho da sala.

Às apalpadelas, pousou o copo de vinho em cima da mesa e começou a abrir as gavetas. Em todos os anos cheios de dúvidas que passara com Erik, nunca tinha vasculhado as coisas dele. Tinha preferido não saber. As suspeitas eram preferíveis

ao conhecimento, apesar de, no caso dela, haver muito pouca diferença. De alguma forma, Louise sempre soubera com quem o marido se andava a encontrar. Duas secretárias, quando viviam em Gotemburgo, uma educadora da creche, a mãe de uma colega das filhas. Louise percebia-o por causa das expressões evasivas e um pouco culpadas que as mulheres faziam quando a viam. Reconhecia o perfume, notava um toque fugaz que não era apropriado.

Agora, pela primeira vez, abria as gavetas da secretária de Erik e vasculhava os seus papéis, não se importando que o marido percebesse que o tinha feito. Porque estava a ficar convencida de que o silêncio opressivo dos últimos dias só podia significar uma coisa. Erik estava a pensar deixá-la. Deitá-la fora como lixo, como um objeto usado — apesar de ter dado à luz as suas filhas, mantido a casa limpa e preparado todos aqueles malditos jantares para os seus malditos contatos de negócios, que eram invariavelmente tão chatos que sentia a cabeça prestes a explodir quando era obrigada a conversar com eles. Se Erik pensava que ela se limitaria a desviar-se para o lado como um animal ferido e que não daria luta, estava muito enganado. Além disso, Louise tinha conhecimento de acordos comerciais que Erik firmara ao longo dos anos e que não passariam num exame mais pormenorizado. Ia custar-lhe caro se cometesse o erro de subestimá-la.

A última gaveta estava trancada. Louise tentou abri-la, puxando-a cada vez com mais força, mas a gaveta recusava-se a ceder. Sabia que tinha de abri-la. Por algum motivo Erik a tinha trancado; havia alguma coisa no interior que o marido não queria que ela visse. Olhou para a superfície da secretária, que era um móvel moderno — ou seja, mais fácil de arrombar do que uma secretária mais antiga e mais sólida. Os olhos foram atraídos para um abre-cartas. Aquilo servia. Puxou a gaveta até a fechadura a impedir de avançar mais. Depois introduziu o abre-cartas na abertura e utilizou-a como alavanca. A princípio parecia que a gaveta ia recusar-se a ceder, mas depois Louise tentou com um pouco mais de força e as suas esperanças aumentaram quando a madeira começou a rachar. A fechadura acabou por ceder, tão repentinamente que ela quase caiu para trás. No último instante, segurou-se à borda da mesa e conseguiu manter-se de pé.

Com curiosidade crescente, olhou para dentro da gaveta. Um objeto branco repousava no fundo. Louise estendeu a mão, tentando focar os olhos, porque a visão estava um pouco nebulosa. Envelopes brancos. A gaveta não continha mais nada além de cartas em envelopes brancos. Recordava-se de o carteiro as ter trazido, mas tinha-lhes prestado pouca atenção na altura. Estavam todas endereçadas a Erik, portanto, Louise limitara-se a juntá-las ao maço de correspondência que o marido abria todos os dias quando chegava a casa vindo do trabalho. Porque as teria metido numa gaveta trancada?

Louise tirou as cartas e sentou-se no chão, espalhando-as à sua frente. Eram

cinco, todas com o nome e a morada de Erik no envelope, escritos a preto numa caligrafia elegante.

Por um momento, Louise pensou voltar a guardá-las na gaveta e continuar a viver na ignorância. Mas tinha partido a fechadura da secretária e, logo que Erik chegasse a casa, saberia que tinha ali estado. Por isso, mais valia dar uma vista de olhos.

Estendeu o braço para o copo de vinho, ávida por sentir o álcool a correr-lhe pela garganta e a ir instalar-se no estômago, acalmando o ponto onde doía. Três goles. Depois pousou o copo no chão ao seu lado e abriu a primeira carta.

Depois de ter lido todas as cartas, colocou-as umas sobre as outras. Não compreendera nada. Apenas que era claro que alguém queria fazer mal a Erik. Algo maléfico estava a ameaçar a sua vida, a sua família, e Erik não lhe dissera nada. Aquilo encheu-a de uma fúria maior do que qualquer raiva que alguma vez sentira. Não a considerara uma igual, não o suficiente para lhe contar uma coisa tão importante como aquela. Mas agora Erik ia ter de lhe dar respostas. Não podia continuar a tratá-la com tamanha falta de respeito.

Louise decidiu ir de carro para o centro da cidade, até o escritório dele. Pôs as cartas ao seu lado, no lugar do passageiro. Demorou algum tempo a introduzir a chave na ignição, mas depois de respirar fundo duas vezes, conseguiu. Sabia que não devia conduzir naquele estado mas, como tantas vezes antes, afastou quaisquer escrúpulos e fez marcha-atrás até a rua.

PENSOU QUE ELA PARECIA MUITO DOCE, ALI DEITADA TÃO QUIETA, JÁ SEM CHORAR, SEM EXIGIR, SEM LHE TIRAR NADA. ESTENDEU A MÃO PARA LHE TOCAR NA TESTA. O MOVIMENTO VOLTOU A AGITAR A ÁGUA E OS TRAÇOS DO ROSTO DA BEBÉ FORAM ESBATIDOS PELA ONDULAÇÃO À SUPERFÍCIE.

PARECIA QUE O PAI ESTAVA A DESPEDIR-SE DE QUEM QUER QUE ESTIVESSE À PORTA. OUVIA OS PASSOS A APROXIMAR-SE. O PAI COMPREENDERIA. TAMBÉM TINHA SIDO EXCLUÍDO. TAMBÉM TINHA SIDO ROUBADO POR ELA.

PASSOU OS DEDOS PELA ÁGUA, FAZENDO PADRÕES E ONDAS. AS MÃOS E OS PÉS DE ALICE REPOUSAVAM NO FUNDO DA BANHEIRA. APENAS OS JOELHOS E UMA PEQUENA PARTE DA TESTA DESPONTAVAM À SUPERFÍCIE.

OUVIA AGORA O PAI À PORTA DO BANHEIRO. NÃO OLHOU PARA CIMA. DE REPENTE PARECIA NÃO CONSEGUIR TIRAR OS OLHOS DE ALICE. GOSTAVA DELA ASSIM. PELA PRIMEIRA VEZ, GOSTAVA DELA. PRESSIONOU AINDA MAIS O ROSTO CONTRA A BORDA DA BANHEIRA. À ESCUTA E À ESPERA QUE O PAI SE APERCEBESSE DE QUE SE TINHAM LIVRADO DELA. TINHAM OUTRA VEZ A MÃE SÓ PARA ELES. O PAI FICARIA FELIZ; TINHA A CERTEZA DISSO.

ENTÃO SENTIU ALGUÉM A AFASTÁ-LO À FORÇA DA BANHEIRA. SURPREENDIDO, ERGUEU OS OLHOS. O ROSTO DO PAI ESTAVA CONTORCIDO PELOS SENTIMENTOS QUE O ASSALTAVAM. NÃO SABIA COMO INTERPRETÁ-LOS. MAS O PAI NÃO PARECIA FELIZ.

— O QUE FOI QUE FIZESTE? — O PAI RUGIU E TIROU ALICE DA BANHEIRA. DESESPERADO, SEGUROU O CORPO FLÁCIDO NOS BRAÇOS E DE POUSOU-O SUAVEMENTE SOBRE O TAPETE. — QUE FIZESTE? — DISSE OUTRA VEZ O PAI SEM OLHAR PARA ELE.

— ELA TIROU-NOS A MÃE — SENTIU AS PALAVRAS A FICAREM PRESAS NA GARGANTA, INCAPAZES DE SAIR.

NÃO PERCEBIA NADA. PENSAVA QUE O PAI IA FICAR SATISFEITO.

O PAI NÃO DISSE UMA ÚNICA PALAVRA. LIMITOU-SE A OLHÁ-LO DE RELANCE COM A DESCRENÇA ESTAMPADA NO ROSTO. DE INCLINOU-SE E PRESSIONOU LEVEMENTE OS DEDOS CONTRA O PEITO DA BEBÉ. SEGUROU-LHE O NARIZ, SOPROU-LHE SUAVEMENTE PARA A BOCA E DE PRESSIONOU-LHE NOVAMENTE O PEITO.

— POR QUE ESTÁ A FAZER ISSO, PAI? — OUVIU-SE A SI PRÓPRIO A CHORAMINGAR. A MÃE NÃO GOSTAVA QUE CHORAMINGASSE. PUXOU OS JOELHOS CONTRA O PEITO, ENVOLVENDO-OS COM OS BRAÇOS AO MESMO TEMPO QUE SE ENCOSTAVA À BANHEIRA. NÃO ERA ASSIM QUE AS COISAS SE DEVIAM PASSAR. PORQUE ESTAVA O PAI A LANÇAR-LHE AQUELES OLHARES ESTRANHOS? NÃO ESTAVA APENAS ZANGADO COM ELE; O PAI TAMBÉM PARECIA ASSUSTADO COM ELE.

CONTINUOU A SOPRAR PARA A BOCA DE ALICE. AS MÃOS E OS PÉS DA CRIANÇA JAZIAM IMÓVEIS NO TAPETE, TÃO QUIETOS COMO NO FUNDO DA BANHEIRA. DE VEZ EM QUANDO AGITAVAM-SE UM POUCO QUANDO O PAI PRESSIONAVA OS DEDOS NO PEITO, MAS ERA O PAI QUE FAZIA COM QUE SE MEXESSEM, NÃO ERA A CRIANÇA.

DA QUARTA VEZ QUE O PAI PAROU DE SOPRAR, UMA DAS MÃOS DE ALICE ESTREMECEU. A SEGUIR VEIO A TOSSE E DE A CHORADEIRA. AQUELA GRITARIA ESTRIDENTE E EXIGENTE QUE ERA TÃO FAMILIAR. JÁ NÃO GOSTAVA DELA OUTRA VEZ.

OUVIRAM-SE OS PASSOS DA MÃE DESCENDO AS ESCADAS. O PAI PEGOU ALICE, APERTANDO-A TANTO QUE FICOU COM A PARTE DA FRENTE DA CAMISA ENCHARCADA. A BEBÊ BERRAVA TÃO ALTO QUE O BANHEIRO PARECIA VIBRAR E DESEJOU QUE ELA PARASSE, QUE FICASSE TÃO CALADA E DOCE COMO ANTES DE O PAI FAZER AQUILO.

ENQUANTO A MÃE SE APROXIMAVA, O PAI AGACHOU-SE À SUA FRENTE. TINHA OS OLHOS MUITO ABERTOS E ASSUSTADOS QUANDO SE INCLINOU PARA ELE E SUSSURROU:

— NUNCA VAMOS FALAR DO QUE ACONTECEU AQUI. E SE VOLTAR A FAZER ISSO, TE MANDO EMBORA TÃO DEPRESSA QUE NEM VAIS OUVIR A PORTA FECHAR. NUNCA MAIS TOCAS NELA. ENTENDESTE?

— O QUE ESTÁ HAVENDO AQUI? — DISSE A MÃE NA PORTA. — NÃO POSSO DORMIR UMA SESTA PARA DESCANSAR UM POUCO QUE FICA LOGO TUDO HISTÉRICO AQUI EM BAIXO! O QUE É QUE ELA TEM? ELE FEZ ALGUMA COISA? — PERGUNTOU, VIRANDO-SE PARA OLHAR PARA O GAROTO SENTADO NO CHÃO.

POR ALGUNS SEGUNDOS, OS GRITOS DE ALICE FORAM A ÚNICA RESPOSTA. ENTÃO, O PAI LEVANTOU-SE, AINDA COM ELA NOS BRAÇOS, E DISSE:

— NÃO, SÓ NÃO CONSEGUI ENROLÁ-LA DEPRESSA NA TOALHA QUANDO A TIREI DA BANHEIRA. ESTÁ IRRITADA COM ISSO.

— TEM CERTEZA QUE ELE NÃO FEZ NADA? — VOLTOU A DIZER,

FITANDO-O, MAS ELE LIMITOU-SE A BAIXAR A CABEÇA E FINGIU ESTAR OCUPADO PUXANDO A FRANJA DO TAPETE.

— NÃO, ESTAVA ME AJUDANDO. TEM MUITO JEITO COM A NENÉM — PELO CANTO DO OLHO, O PAI LANÇOU-LHE UM OLHAR DE ADVERTÊNCIA.

A MÃE PARECEU SATISFEITA COM A RESPOSTA. IMPACIENTE, ESTENDEU A MÃO PARA ALICE E, DE UM MOMENTO DE HESITAÇÃO, O PAI A ENTREGOU. QUANDO SAIU DO QUARTO PARA ACALMAR A CRIANÇA, OLHARAM UM PARA O OUTRO. NENHUM DOS DOIS DISSE UMA PALAVRA. MAS VIU NOS OLHOS DO PAI QUE ELE TINHA FALANDO SÉRIO. NUNCA MAIS TOCARIAM NO ASSUNTO.



— KENNETH? — a voz de Lisbet fraquejou quando tentou chamar o marido.

Nenhuma resposta. Estaria a imaginar coisas? Não, tinha a certeza de ter ouvido a porta abrir-se e voltar a fechar-se.

— Olá?!

Continuava a não haver resposta. Lisbet tentou sentar-se, mas tinha vindo a perder as forças tão depressa nos últimos dias que não conseguiu. Poupava a pouca energia que lhe restava para as horas em que Kenneth estava em casa. Tudo com o propósito de o convencer de que estava melhor do que na realidade estava, para que o marido a deixasse ficar em casa durante mais algum tempo. Para poder escapar ao cheiro do hospital e à sensação dos lençóis engomados contra a pele. Lisbet conhecia tão bem Kenneth. Levá-la-ia imediatamente para o hospital se soubesse como estava mal. Fá-lo-ia, porque ainda se estava a agarrar desesperadamente a uma última esperança.

Mas o corpo de Lisbet dizia-lhe que o fim estava próximo. Tinha utilizado todas as reservas, mas a doença conquistara-a. Saíra vitoriosa. Tudo o que queria agora era morrer em casa, com o seu cobertor sobre o corpo e a sua almofada debaixo da cabeça. Durante a noite, com Kenneth a dormir ao seu lado. Lisbet ficava muitas vezes acordada, à escuta, a tentar memorizar o som de cada respiração de Kenneth. Sabia como o marido dormia desconfortavelmente na cama de campanha, mas não tinha coragem de dizer-lhe que fosse dormir para o andar de cima. Talvez estivesse a ser egoísta, mas amava-o de mais para ficar longe dele naquelas últimas horas que lhe restavam.

— Kenneth? — chamou novamente. Tinha acabado de convencer-se de que tudo não passara da sua imaginação quando ouviu o rangido familiar da tábua solta no corredor. Protestava sempre que alguém a pisava.

— Olá?! — Lisbet estava a começar a ficar assustada. Olhou em redor em busca do telefone, que Kenneth normalmente se lembrava de deixar ao seu alcance. Porém, nos últimos tempos, estava tão cansado logo de manhã que às vezes esquecia-se. Como nesse dia.

— Está aí alguém? — Lisbet agarrou-se à borda da cama e tentou novamente sentar-se. Sentia-se como a personagem principal de uma das suas histórias preferidas, A Metamorfose, de Franz Kafka, em que Gregor Samsa se transforma em escaravelho e não consegue virar-se quando cai de costas. E assim fica, indefeso.

Nesse momento, Lisbet ouviu passos no corredor. Quem quer que fosse movia-se com cautela, mas estava cada vez mais perto. Lisbet sentiu o pânico a apoderar-se dela. Quem se recusaria a responder quando chamava? Certamente que Kenneth não tentaria brincar com ela daquela forma. Nunca lhe tinha pregado quaisquer partidas nem feito grandes surpresas e não lhe parecia que fosse começar agora.

Os passos estavam muito próximos. Lisbet olhou para a velha porta de madeira que ela própria tinha lixado e pintado num tempo que agora lhe parecia uma eternidade. A porta não se moveu e Lisbet pensou novamente que o cérebro devia estar a brincar com ela, que o cancro também já o tinha alcançado, não conseguindo pensar com clareza nem distinguir a realidade da fantasia.

Mas então, muito lentamente, a porta começou a abrir-se. Alguém estava de pé do outro lado, empurrando-a. Lisbet gritou por socorro, gritou tão alto quanto podia, tentando romper o silêncio aterrador. Quando a porta se abriu completamente, Lisbet parou. E a pessoa começou a falar. A voz soava-lhe familiar e estranha ao mesmo tempo, pelo que semicerrou os olhos para ver melhor. O cabelo comprido e preto que viu fez com que Lisbet tocasse instintivamente na própria cabeça para garantir que tinha o lenço amarelo posto.

— Quem é você? — perguntou Lisbet, mas a pessoa levantou um dedo. E Lisbet calou-se.

A voz disse mais qualquer coisa. Agora vinha da beira da cama, falando perto do rosto de Lisbet, dizendo coisas que a fizeram querer tapar os ouvidos com as mãos. Lisbet abanava a cabeça, não queria ouvir, mas a voz continuou. Era cativante e implacável. Contou-lhe uma história e havia algo no tom e no movimento da narrativa, para trás e para a frente, que a fez compreender que a história era verdadeira. E aquela verdade era mais do que aquilo que Lisbet conseguia suportar.

Paralisada, continuou a ouvir. Quanto mais ouvia, mais fraco era o domínio sobre a frágil linha que a tinha mantido viva. Lisbet vivia por empréstimo, graças a

uma enorme força de vontade, confiando no amor e na fé que depositava no amor. Agora que tudo isso lhe fora tirado, deixou-se ir. A última coisa que ouviu foi a voz. E então o coração explodiu.



— QUANDO ACHAS QUE PODEMOS VOLTAR A FALAR COM CIA?

— Patrik olhou para a colega.

— Receio que não possamos esperar — respondeu Paula. — Tenho a certeza de que ela compreende que temos de prosseguir a investigação.

— Acho que tens razão — disse Patrik, embora não parecesse convencido. Era sempre um equilíbrio difícil: cumprir a sua missão, o que podia implicar a intromissão na dor alheia, ou mostrar compaixão, colocando assim o trabalho em segundo lugar. Ao mesmo tempo, as visitas regulares de Cia à delegacia, todas as quartas-feiras, tinham-lhe mostrado o que a mulher de Magnus considerava prioritário.

— O que temos de fazer? O que foi que ainda não fizemos? E será que há alguma coisa que tenhamos de voltar a fazer? Deixamos escapar alguma coisa?

— Bem, antes de mais, Magnus passou toda a vida em Fjällbacka; por isso, se tinha algum segredo, agora ou no passado, devemos ser capazes de encontrá-lo aqui, o que torna as coisas mais fáceis. A rede de bisbilhotice local costuma ser altamente eficiente e ainda não descobriu uma única coisa sobre ele. Nada que nos possa dar um motivo para alguém lhe querer fazer mal, muito menos para chegar ao ponto de matá-lo.

— Magnus parece ter sido um verdadeiro homem de família. Casamento estável, filhos bem-comportados, um círculo de amigos normal. Mas, apesar de tudo, alguém o atacou com uma faca. Terá sido um ato de loucura? Alguma pessoa mentalmente perturbada que se passou e depois escolheu uma vítima aleatoriamente? — Paula apresentou esta teoria sem grande confiança.

— Não podemos descartar essa possibilidade, mas não me parece. O facto mais importante a contrariar essa premissa é o telefonema de Magnus a Rosander a dizer-lhe que estava atrasado. Além disso, Rosander disse que Magnus parecia diferente. Não, alguma coisa aconteceu naquela manhã.

— Por outras palavras, temos de nos concentrar nas pessoas que Magnus conhecia.

— É mais fácil de dizer do que de fazer — retorquiu Patrik. — Fjällbacka tem cerca de mil habitantes. E praticamente toda a gente se conhece.

— Podes crer. Agora é que estou a começar a perceber isso — disse Paula, sorrindo. Era uma recém- chegada a Tanumshede e ainda estava a tentar acostumar-se ao choque de perder o anonimato de uma cidade grande.

— Mas, em princípio, tens razão. Por isso sugiro que comecemos no centro e nos vamos progressivamente afastando. Vamos conversar com Cia assim que pudermos. E com os filhos, se ela deixar. Depois passamos para os amigos mais próximos de Magnus: Erik Lind, Kenneth Bengtsson e, sobretudo, Christian Thydell. Há qualquer coisa naquelas cartas ameaçadoras...

Patrik abriu a gaveta de cima da secretária e extraiu o saco de plástico que continha a carta e o cartão. Contou à colega como Erica os tinha obtido. Paula ouviu com surpresa. Em silêncio, leu as palavras hostis.

— Isto é coisa séria — disse quando terminou a leitura. — Devemos enviá-los para o laboratório para serem analisados.

— Eu sei — disse Patrik. — Mas não vamos tirar conclusões precipitadas. Embora tenha a sensação de que tudo isto possa estar relacionado de alguma forma.

— Concordo — disse Paula, levantando-se. — Não me parece que seja coincidência. — Fez uma pausa antes de deixar o gabinete de Patrik. — Vamos falar com Christian hoje?

— Não, gostava que passássemos o resto do dia a reunir todas as informações que conseguirmos encontrar sobre os três: Christian, Erik e Kenneth. Depois vamos rever todo o material juntos amanhã de manhã, para ver se há alguma coisa que possamos utilizar. Também acho que devíamos ler todas as notas que tiramos dos depoimentos prestados logo após o desaparecimento de Magnus. Assim talvez possamos apanhar alguma coisa que não bata certo com o que as pessoas disseram desta vez.

— Vou falar com Annika. Tenho a certeza de que pode dar-nos uma ajuda com o material mais antigo.

— Ótimo. Vou telefonar a Cia para saber se ela está em condições de falar connosco.

Com uma expressão meditativa no rosto, Patrik ficou sentado no gabinete e fitou o telefone durante muito tempo depois de Paula ter saído.

— Parem de ligar para cá! — Sanna atirou com o auscultador para o descanso. O telefone tinha tocado sem parar durante todo o dia. Eram jornalistas que queriam falar com Christian. Nunca diziam exatamente o que queriam, mas não era difícil de adivinhar. O facto de Magnus ter sido encontrado morto logo após as cartas ameaçadoras terem sido reveladas tinha levado os jornalistas a relacionar os dois acontecimentos. Mas isso era um absurdo. Uma coisa não tinha nada que ver com a outra. Também corriam rumores de que Magnus tinha sido assassinado, mas até ouvi-lo de fontes mais credíveis do que os bisbilhoteiros da cidade, Sanna

recusava-se a acreditar. Mesmo que uma coisa tão impensável fosse realmente verdade, porque haveria uma ligação com as cartas que Christian tinha recebido? Numa tentativa de tranquilizá-la, Christian dissera que as cartas tinham provavelmente sido enviadas por uma pessoa mentalmente perturbada que decidira meter-se com ele por algum motivo. Uma pessoa que, quase de certeza, era inofensiva.

Sanna tinha querido perguntar-lhe porque é que, se fosse esse o caso, Christian tinha reagido daquela forma no lançamento do livro. Não acreditaria na sua própria teoria? Mas todas as suas perguntas desapareceram assim que o marido lhe contara de onde tinha vindo o vestido azul. À luz dessa revelação, tudo o resto empalidecera. Era horrível e Sanna sentiu um aperto no coração quando ouviu a explicação de Christian. Ao mesmo tempo, foi reconfortante conhecer a verdadeira história, pois esclarecia muitas questões. E desculpava muita coisa.

As suas preocupações pareciam-lhe insignificantes quando pensava em Cia e no que a mulher de Magnus estava a passar. Christian ia ter saudades de Magnus. E ela também, apesar de o seu relacionamento ter por vezes sido um pouco tenso, o que, no fundo, era natural. Erik, Kenneth e Magnus tinham crescido juntos e partilhavam um passado. Sanna conhecia os três de vista mas, como era muito mais nova, nunca se dera com eles até Christian ter entrado em cena. Claro que sabia que as mulheres deles pensavam que era muito nova e talvez um pouco ingênua. Mas tinham-na sempre acolhido de braços abertos e, ao longo dos anos, aquele grupo de amigos tinha-se tornado uma constante nas suas vidas. Reuniam-se nas datas festivas e também jantavam juntos de vez em quando, ao fim de semana.

Das duas outras mulheres, Sanna gostava mais de Lisbet. Era uma pessoa calma, divertida e sempre a tratara como igual. Além disso, Nils e Melker adoravam-na. Parecia tão injusto que Lisbet e Kenneth não tivessem filhos. Sanna sentia-se profundamente culpada por não conseguir ir visitar Lisbet. Tinha tentado, no Natal. Tinha aparecido em casa dela com uma poinsétia¹⁵ e uma caixa de bombons. Mas, assim que viu Lisbet deitada na cama, parecendo mais morta do que viva, só quis dar meia-volta e desatar a correr para bem longe dali. Lisbet reparou na sua reação. A expressão de Lisbet, como Sanna observou, era uma mistura de compreensão e de desapontamento. Sanna não aguentava voltar a ver aquele olhar decepcionado, não aguentava encontrar-se com a morte em figura de gente e fingir que era a amiga que estava ali deitada na cama.

— Já estás em casa? — Sanna olhou com surpresa para Christian, que entrou e pendurou silenciosamente o casaco. — Estás doente? Hoje trabalhavas até as cinco, não era?

— Não estou a sentir-me muito bem — murmurou.

— E não pareces muito bem — disse Sanna com ar preocupado enquanto

estudava o rosto de

Christian. — Que aconteceu à tua testa?

Christian desvalorizou a pergunta com um gesto.

— Não foi nada.

— Estiveste a coçar-te?

— Esquece isso, está bem? Não estou com pachorra para interrogatórios —

Christian respirou fundo e disse num tom mais calmo: — Hoje foi lá um jornalista fazer perguntas sobre Magnus e as cartas. Estou completamente farto disto tudo.

— Também têm telefonado para cá. Andam loucos. Que lhe disseste?

— O mínimo possível. De qualquer maneira, amanhã deve sair alguma coisa no jornal. Eles escrevem o que lhes apetece.

— Pelo menos Gaby vai ficar feliz — disse Sanna sarcasticamente. — É verdade, como correu o teu encontro com ela?

— Bem — respondeu secamente Christian. Mas algo no seu tom de voz disse a Sanna que o marido não estava a ser completamente sincero.

— A sério? Percebo perfeitamente que possas estar zangado por causa da maneira como ela te atirou aos lobos...

— Já disse que correu bem! — respondeu irritadamente Christian. — Tens sempre de dissecar tudo o que eu digo?

A raiva voltou a crescer dentro dele e Sanna ficou parada a fitá-lo. Furioso, Christian aproximou-se da mulher e continuou a gritar.

— Por amor de Deus, não podes deixar-me em paz! Não percebes? Para de meter o nariz numa coisa que não é do raio da tua conta!

Sanna olhou para o marido, que era normal conhecer perfeitamente depois de todos os anos que tinham passado juntos. Mas a pessoa que a fitava era agora um estranho. E, pela primeira vez, Sanna teve medo dele.

ooo

Anna semicerrou os olhos quando descreveu a curva logo depois do Clube de Vela e se dirigiu para Sälvik. A pessoa que viu à distância assemelhava-se incrivelmente à irmã, a julgar pela cor do cabelo e pela roupa. E o corpo lembrava bem a Barba-mamãe da série televisiva. Anna abrandou e parou enquanto descia a janela do carro.

— Olá, vou a caminho da tua casa. Uma caroninha não caía mal, pois não?

— Podes crer. Obrigada — disse Erica, abrindo a porta do lado do passageiro e afundando-se no assento. — Sobrestimei bastante a minha capacidade de andar a pé. Estou feita num oito e completamente encharcada em suor.

— Então, onde estiveste? — Anna engrenou a primeira e conduziu até a casa onde tinha sido criada, mas que agora pertencia a Erica e a Patrik. A casa que quase tinha sido vendida contra a vontade das irmãs. Mas Anna afastou rapidamente todos

os pensamentos do ex-marido, Lucas, e do passado. Esses dias tinham acabado. Para sempre.

— Fui falar com Kenneth. Da Ocean View Development, estás a ver?

— Porquê? Não vais vender a casa, pois não?

— Não, não — Erica apressou-se a tranquilizá-la. — Só queria falar com ele sobre Christian. E sobre

Magnus.

Anna estacionou o carro em frente da bela casa antiga.

— Mas porquê? — perguntou, lamentando quase instantaneamente tê-lo feito. A natureza inquisitiva da irmã mais velha tinha-a ocasionalmente colocado em situações que Anna preferia desconhecer.

— Cheguei à conclusão de que não sei quase nada sobre Christian. Nunca me disse absolutamente nada do passado dele — respondeu Erica, saindo do carro com um gemido. — E acho que é tudo um bocado estranho. Magnus terá sido assassinado e Christian foi ameaçado. Tendo em conta que os dois eram amigos, não acredito realmente que seja mera coincidência.

— Sim, mas Magnus recebeu alguma carta ameaçadora? — Anna seguiu Erica até o vestíbulo e pendurou o casaco.

— Que eu saiba, não. Tenho a certeza de que Patrik saberia se isso tivesse acontecido.

— E achas que ele te teria contado se uma coisa dessas viesse à tona durante a investigação?

Erica sorriu.

— Por meu querido marido ser tão bom para guardar segredos, queres dizer?

— Nisso tens razão. — Sentada à mesa da cozinha, Anna deu uma gargalhada. Patrik nunca aguentava muito tempo, sobretudo quando Erica se empenhava em extorquir-lhe uma informação.

— Além disso, percebi que ele ficou surpreendido com a carta e o bilhete que enviaram a Christian quando lhos mostrei. Se tivesse descoberto que Magnus tinha recebido algo semelhante, teria reagido de maneira diferente.

— Hum, deves ter razão. Então, descobriste alguma coisa através de Kenneth?

— Nem por isso. Mas tenho a sensação de que ele achou que as minhas perguntas eram muito incômodas. Parece haver aqui alguma questão sensível, mas não consigo perceber o que possa ser.

— Christian e Kenneth conhecem-se bem?

— Não tenho a certeza. Não consigo ver o que é que Christian possa ter em comum com Kenneth ou

Erik. Magnus parece-me um amigo mais provável para ele.

— Também sempre pensei que Christian e Sanna são um casal muito estranho.

Erica fez uma pausa em busca da reação adequada. Não queria que a irmã pensasse que estava a dizer mal de alguém.

— É que Sanna parece-me muito nova — acabou por dizer. — E também acho que é incrivelmente ciumenta. De certa forma, até percebo porquê. Christian é um homem bonito e a relação deles não parece ser muito igualitária — Tinha feito um bule de chá, que pôs na mesa, juntamente com um pouco de leite e um frasco de mel.

— O que queres dizer com igualitária? — perguntou Anna.

— Não passei muito tempo com eles, mas tenho a sensação de que Sanna adora Christian, ao passo que ele parece tratá-la com uma certa indiferença.

— Isso é um bocado injusto — disse Anna, bebericando um pouco de chá, que ainda estava muito quente. Pousou a xícara para o deixar arrefecer um pouco.

— Pois é. E talvez eu esteja a fazer um julgamento precipitado com base no pouco que vi, mas há alguma coisa na relação deles que faz com que pareçam mais pai e filha do que dois adultos.

— Bom, pelo menos o livro está a vender bem.

— Sim, e o sucesso é bem merecido — disse Erica. — Christian é um dos escritores mais talentosos que já vi e estou muito feliz por os leitores gostarem do seu trabalho.

— As notícias nos jornais também têm ajudado muito. Nunca se deve subestimar a curiosidade e o interesse que as pessoas têm por estas coisas.

— É verdade, mas desde que descubram o livro, é indiferente a maneira como lá cheguem — disse Erica, servindo-se de mais uma colherada de mel. Tinha tentado desabituar-se de beber o chá tão doce a ponto de o mel lhe ficar preso aos dentes, mas nunca conseguia.

— Como é que isso tem corrido? — Anna apontou para a barriga de Erica, incapaz de esconder a preocupação. Não estivera muito presente para ajudar Erica no período difícil após o nascimento de Maja, uma vez que tinha os seus próprios problemas. Mas agora estava realmente preocupada com a irmã. Não queria voltar a ver Erica a afundar-se numa névoa de depressão.

— Estaria a mentir se dissesse que não estou ansiosa — respondeu hesitantemente Erica. — Mas desta vez sinto-me mais preparada mentalmente. Sei o que esperar e como os primeiros meses podem ser difíceis. Ao mesmo tempo, é realmente impossível imaginar como vão ser as coisas com dois bebês ao mesmo tempo. Por mais preparada que me sinta, até pode ser dez vezes pior.

Ainda se lembrava de como se sentira depois de Maja ter nascido. Não se recordava de quaisquer pormenores ou momentos específicos da sua vida diária

durante esse período. Apenas via escuridão quando tentava recordar-se. Mas a sensação ainda era muito forte e Erica entrou em pânico perante a simples possibilidade de cair mais uma vez no desespero infinito e na total anulação do eu por que tinha passado.

Anna sentiu o que Erica estava a pensar. Estendeu a mão e pô-la sobre a da irmã.

— Desta vez vai ser diferente. Claro que vai dar mais trabalho do que com Maja, não imagino o contrário. Mas eu vou estar cá para te apoiar, Patrik vai estar cá para te apoiar e nós os dois vamos ajudar-te se começares a querer cair outra vez naquele poço sem fundo. Prometo. Olha para mim, Erica — Anna obrigou a irmã a erguer a cabeça e a olhá-la nos olhos. Quando conseguiu captar a atenção de Erica, Anna reiterou calmamente: — Não vamos deixar que passes outra vez por aquilo.

Erica piscou os olhos para afastar algumas lágrimas e apertou a mão da irmã. Tanta coisa tinha mudado entre elas ao longo dos últimos anos. Já não era como uma mãe substituta para Anna. Já quase não era sequer uma irmã mais velha. Eram apenas irmãs, pura e simplesmente. E amigas.

— Tenho uma embalagem de chocolate Fudge Brownie da Ben & Jerry's no congelador. Que tal ir buscá-la?

— E esperaste até agora para me dizeres isso? — exclamou Anna, fingindo-se ofendida. — Vai buscar o gelado antes que deixe de ser tua irmã!

Erik suspirou quando viu o carro de Louise derrapar na área de estacionamento à frente do escritório. A mulher quase nunca lá ia, por isso o facto de estar ali agora não augurava nada de bom.

Louise também tinha tentado contactá-lo por telefone, há pouco. Kenneth contou quando Erik voltou depois de uma rápida ida às compras. Pela primeira vez pudera dizer ao colega a verdade sobre onde tinha estado.

Perguntou a si próprio porque estaria Louise tão determinada em encontrá-lo. Teria descoberto o caso dele com Cecilia? Não, saber que Erik andava a dormir com outra mulher não era motivação suficiente para fazê-la entrar no carro e conduzir pela neve lamacenta. De repente, Erik ficou petrificado. Teria descoberto que Cecilia estava grávida? Cecilia teria quebrado o acordo, apesar de ter sido ela a ter a ideia? Será que a vontade de prejudicá-lo e o desejo de vingança se tinham revelado mais importantes do que o desejo de receber um pagamento mensal para a sustentar a ela e à criança?

Erik viu Louise a sair do carro. Estava paralisado pela ideia de que Cecilia o pudesse ter denunciado. Nunca se devia subestimar uma mulher. Quanto mais pensava nisso, mais provável lhe parecia que Cecilia tivesse sacrificado o dinheiro pela satisfação de lhe dar cabo da vida.

Louise entrou. Parecia perturbada. Quando se aproximou, Erik sentiu o

cheiro do vinho a envolvê-la como um miasma espesso.

— Estás louca? Vieste a conduzir alcoolizada até aqui? — rosnou. Pelo canto do olho viu que Kenneth fingia estar muito interessado no ecrã do computador. Mas nem sequer valia a pena fazê-lo, porque Kenneth não podia deixar de ouvir o que estava a ser dito.

— Quero lá saber — respondeu ela, arrastando as palavras. — Conduzo melhor bêbada do que tu sóbrio — Louise oscilou um pouco e Erik olhou para o relógio. Eram três da tarde e a mulher já estava embriagada.

— Que vieste aqui fazer? — Erik queria acabar com aquilo o mais depressa possível. Se Louise ia dar-lhe cabo da vida, mais valia que o fizesse de uma vez por todas. Sempre fora um homem de ação, nunca vacilando perante as situações desagradáveis.

Mas Louise não fez acusações acerca dele e de Cecilia, nem disse que sabia da criança; não disse para Erik ir para o inferno nem que ia ficar com tudo o que ele tinha. Em vez disso, enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um objeto branco. Cinco envelopes brancos. Erik reconheceu-os imediatamente.

— Estiveste no meu escritório? Andaste a vasculhar a minha secretária?

— Não é óbvio? Tu nunca me contas nada. Nem sequer que anda alguém a enviar-te cartas ameaçadoras. Achas que eu sou parva? Achas que não sei que são as mesmas cartas de que os jornais têm andado a falar? Iguais às que Christian tem recebido. Ainda por cima, agora Magnus está morto — a raiva de Louise transbordou. — Porque é que nunca mas mostraste? Um tarado qualquer anda a enviar ameaças para a nossa casa e tu não achas que eu tenho o direito de saber? Ainda por cima estando sozinha em casa o dia todo, completamente desprotegida?

Erik lançou um olhar de relance a Kenneth, irritado por o colega conseguir ouvir Louise a gritar com ele. Porém, quando viu a expressão de Kenneth, ficou petrificado. O colega já não estava a olhar para o ecrã do computador. Estava a olhar para os cinco envelopes brancos que Louise tinha atirado para cima da secretária. E estava pálido. Por um momento olhou para Erik, voltando depois a cara para o outro lado. Mas era tarde de mais. Erik tinha percebido.

— Também recebeste cartas como estas?

Louise ficou surpreendida com a pergunta de Erik. Virou-se para olhar para Kenneth, que parecia não ter ouvido, porque continuava a estudar um complicado gráfico de Excel que discriminava receitas e despesas. Mas Erik não estava disposto a desistir.

— Fiz-te uma pergunta, Kenneth! — disse Erik com a sua voz de comando. A mesma que sempre utilizara ao longo dos anos desde que se conheciam. E Kenneth reagiu do mesmo modo que reagia quando eram miúdos. Continuava a ser o obediente, o que se submetia à autoridade e à necessidade de controlo de Erik.

Girou lentamente a cadeira até ficar de frente para Erik e Louise. Cruzou as mãos no colo e disse em voz baixa:

— Recebi quatro. Três pelo correio e uma que foi deixada na mesa da cozinha.

Louise empalideceu. Havia mais combustível para alimentar a raiva que sentia por Erik. Olhou para o marido.

— Mas afinal o que é isto? Primeiro Christian e agora tu e Kenneth? O que foi que vocês os três fizeram? Então e Magnus? Também recebeu cartas como estas?

— Louise olhou irritadamente para o marido, depois para Kenneth, e depois novamente para Erik.

Nenhum dos dois falou por um momento. Em seguida, Kenneth olhou para o colega e encolheu os ombros.

Erik abanou a cabeça.

— Que eu saiba, não. Magnus nunca mencionou cartas nenhuma, mas isso não significa nada. Tu sabes de alguma coisa? — Erik dirigiu a pergunta a Kenneth, que também abanou a cabeça.

— Não. Se Magnus alguma vez tivesse contado a alguém, essa pessoa teria sido Christian.

— Quando recebeste a primeira? — a mente de Erik começou a processar o novo dado. Dando-lhe voltas e mais voltas, na tentativa de encontrar uma solução e, em seguida, assumir o controlo.

— Não me lembro. Mas foi de certeza antes do Natal. Algures em dezembro.

Erik pegou nas cartas pousadas na secretária. Louise apagara-se, toda a raiva se tinha desvanecido. Ainda estava de pé à frente do marido, a observá-lo a ordenar as cartas pela data em que tinham sido enviadas. Pôs a mais antiga no fundo e depois pegou novamente nela para examinar o carimbo dos correios.

— Quinze de dezembro.

— Então foi praticamente na mesma altura em que recebi a minha primeira — disse Kenneth com os olhos cravados no chão.

— Ainda tens as cartas? Podes verificar as datas nas que foram entregues pelo correio? — perguntou

Erik no seu tom mais eficiente e profissional.

Kenneth assentiu e respirou fundo.

— Quando a quarta carta foi entregue estava pousada ao lado de uma das nossas facas de cozinha.

— Tens a certeza de que não foste tu que lá puseste a faca? — perguntou Louise, que já não arrastava as palavras. O medo tinha-a posto sóbria, dissipando o nevoeiro que lhe envolvia o cérebro.

— Não, tenho a certeza de que arrumei tudo e não havia nada em cima da

mesa quando fui deitar-me.

— A porta da frente estava trancada? — Erik ainda soava frio e formal.

— Não, não estava. Nem sempre me lembro de trancá-la à noite.

— Bem, todas as cartas que eu recebi vieram pelo correio — disse Erik, folheando os envelopes. Depois lembrou-se por acaso de algo que tinha lido nos artigos sobre Christian. — Christian foi o primeiro a receber cartas ameaçadoras. Começaram a chegar há um ano e meio. Nós os dois não recebemos nenhuma até há três meses. Então e se tudo isto tiver que ver com ele? E se for ele o verdadeiro alvo de quem está a enviar as cartas e nós estivermos apenas envolvidos nesta confusão por o conhecermos? — a voz de Erik assumiu um tom indignado. — Raios o partam se sabe alguma coisa sobre isto e não nos diz nada. Se me expõe a mim e à minha família a algum lunático sem nos avisar.

— Mas ele não sabe que também temos recebido cartas — objetou Kenneth, e Erik teve de admitir que ele tinha razão.

— Não, mas podes crer que agora vai saber — Erik recolheu os envelopes, juntou-os num maço e bateu com ele no tampo da secretária.

— Estás a pensar ir falar com ele? — Kenneth parecia ansioso e Erik suspirou. Às vezes, não suportava o medo que o colega tinha de qualquer género de conflito. Sempre fora assim. Kenneth ia sempre com a corrente, nunca dizia que não, sempre que sim. O que, na verdade, tinha funcionado a seu favor, uma vez que só podia haver uma pessoa à frente da empresa. Até agora, Erik tinha sido essa pessoa e era assim que as coisas iam continuar.

— Claro que vou falar com ele. E a polícia também. Devia ter feito isso há muito tempo, mas só quando li no jornal acerca das cartas enviadas a Christian é que comecei a levar isto a sério.

— Já não era sem tempo — murmurou Louise. Erik olhou para a mulher.

— Não quero perturbar Lisbet — Kenneth ergueu o queixo e tinha um brilho de desafio nos olhos.

— Alguém entrou em tua casa, deixou uma carta na mesa da cozinha e pôs uma faca ao lado. Se fosse a ti estava mais preocupado com isso do que com Lisbet poder ficar chateada. A tua mulher passa a maior parte do dia sozinha em casa. E se alguém entra enquanto tu não estás lá?

Erik viu que Kenneth já tinha tido o mesmo pensamento. Ao mesmo tempo que se irritava com a falta de iniciativa do amigo, tentava ignorar o facto de também não ter participado as ameaças à polícia. Por outro lado, nenhuma das cartas tinha sido posta diretamente dentro da sua casa.

— Muito bem, vamos tratar disto agora mesmo. Tu vais buscar as cartas que recebeste e podemos levá-las todas à polícia. Para ver se começam a resolver este assunto de uma vez por todas.

Kenneth levantou-se.

— Vou lá a casa. Não me demoro.

— Ótimo. Faz isso — disse Erik.

Depois de Kenneth sair e a porta se ter fechado por detrás dele, Erik virou-se para Louise e contemplou-a durante alguns segundos.

— Temos muito que conversar.

Louise olhou para o marido por um momento. Então, ergueu a mão e deu-lhe uma bofetada na cara.

— JÁ DISSE QUE NÃO HÁ NADA DE ERRADO COM ELA! — A VOZ DA MÃE TRANSBORDAVA RAIVA. ESTAVA À BEIRA DAS LÁGRIMAS. ELE AFASTOU-SE SEM NINGUÉM DAR POR ISSO E FOI SE ESCONDER ATRÁS DO SOFÁ, A ALGUMA DISTÂNCIA. MESMO ASSIM, CONSEGUIA OUVIR O QUE DIZIAM. TUDO O QUE TIVESSE QUE VER COM ALICE ERA IMPORTANTE.

AGORA GOSTAVA MAIS DELA. ALICE NUNCA MAIS LHE LANÇARA AQUELE OLHAR QUE SIGNIFICAVA QUE QUERIA LHE TIRAR ALGO. FICAVA QUASE SEMPRE IMÓVEL E FAZIA MUITO POUCO RUÍDO E ELE PENSAVA QUE ISSO ERA MARAVILHOSO.

— ELA TEM OITO MESES E NÃO FEZ UMA ÚNICA TENTATIVA DE ENGATINHAR NEM DE SE MEXER. TEM DE SER VISTA POR UM MÉDICO — O PAI FALAVA EM VOZ BAIXA. A VOZ QUE USAVA QUANDO QUERIA CONVENCER A MÃE A FAZER ALGO QUE ELA NÃO QUERIA FAZER. PÔS-LHE AS MÃOS NOS OMBROS PARA QUE FOSSE OBRIGADA A OUVIR O QUE ELE DIZIA.

— HÁ ALGUMA COISA ERRADA COM ALICE. QUANTO MAIS CEDO PROCURARMOS AJUDA, MELHOR. NÃO A AJUDAS SE FECHAR OS OLHOS E FINGIR QUE ESTÁ TUDO BEM.

A MÃE SACUDIU A CABEÇA. O CABELO PRETO BRILHANTE BALANÇAVA NAS COSTAS E ELE DESEJOU PODER APROXIMAR-SE E TOCÁ-LA. MAS SABIA QUE A MÃE NÃO GOSTARIA DISSO, QUE SE DESVIARIA LOGO QUE A TOCASSE.

CONTINUAVA A SACUDIR A CABEÇA. AS LÁGRIMAS CORRIAM PELO ROSTO E ELE PERCEBEU QUE, APESAR DE TUDO, A MÃE COMEÇAVA A CEDER. O PAI LANÇOU-LHE UM OLHAR DE RELANCE POR CIMA DO OMBRO. SORRIU AO PAI DE TRÁS DO SOFÁ, NÃO COMPREENDENDO O SIGNIFICADO DAQUELE OLHAR. MAS, APARENTEMENTE, NÃO DEVIA TER SORRIDO, PORQUE O PAI FRANZIU A TESTA E PARECIA ZANGADO, COMO SE QUISESSE QUE SUA REAÇÃO FOSSE DIFERENTE.

TAMBÉM NÃO COMPREENDIA POR QUE OS PAIS ESTAVAM TÃO PREOCUPADOS E TRISTES. ALICE ERA AGORA TÃO CALMA E SE PORTAVA TÃO BEM... A MÃE NÃO PRECISAVA ESTAR SEMPRE COM ELA NO COLO. E A NENÉM FICAVA PACIFICAMENTE ONDE QUER QUE A PUSESSEM. MAS OS PAIS NÃO ESTAVAM SATISFEITOS. E, MESMO QUE

AGORA HOUVESSE ESPAÇO PARA ELE, TRATAVAM-NO COMO SE FOSSE INVISÍVEL. NÃO SE IMPORTAVA MUITO QUE O PAI O FIZESSE; NÃO ERA O PAI QUE IMPORTAVA. MAS A MÃE TAMBÉM NÃO O VIA E, QUANDO ISSO ACONTECIA, FAZIA-O COM UMA EXPRESSÃO DE NOJO E REPUGNÂNCIA.

ELE NÃO CONSEGUIA SE CONTER. NÃO RESISTIA A ERGUER O GARFO UMA E OUTRA VEZ, ENCHENDO A BOCA DE COMIDA. MASTIGAVA E ENGOLIA, PONDO MAIS COMIDA NO GARFO E SENTINDO O CORPO SE ENCHER. O MEDO ERA GRANDE DEMAIS, O MEDO DE QUE A MÃE NUNCA MAIS O VISSE. JÁ NÃO ERA O MENINO LINDO DA MAMÃE. MAS ESTAVA ALI E OCUPAVA ESPAÇO.



REINAVA O SILÊNCIO QUANDO KENNETH CHEGOU A CASA. Lisbet devia estar a dormir. Pensou ir diretamente ter com ela, mas não queria acordá-la se a mulher tivesse acabado de adormecer. Seria melhor ir vê-la mesmo antes de voltar a sair. Lisbet precisava de todo o repouso que conseguisse ter.

Kenneth parou no vestíbulo por um momento. Aquele era o silêncio com que em breve teria de conviver. Claro que já tinha estado sozinho em casa no passado. Lisbet estivera muito envolvida no seu trabalho de professora e muitas vezes fazia horas extraordinárias à noite. Mas era um silêncio diferente o que encontrava quando chegava a casa antes dela. Era um silêncio cheio de promessas, cheio de expectativa. Kenneth estava sempre à espera do momento em que a porta se abria, Lisbet entrava e dizia: «Olá meu amor, já cheguei.»

Não ouviria novamente aquelas palavras. Lisbet ia sair de casa, mas para nunca mais voltar.

De repente, a dor apoderou-se dele. Tinha-se esforçado tanto para manter a tristeza ao largo, não querendo entregar-se a ela antes do tempo. Mas agora não conseguia parar. Encostou a testa à parede e sentiu as lágrimas a chegar. E deixou-as vir, chorou em silêncio, as lágrimas caindo-lhe aos pés. Pela primeira vez permitiu-se sentir como seria a vida quando Lisbet tivesse partido. Em muitos aspetos, a mulher já tinha partido. O seu amor era tão grande como sempre, mas era diferente. Porque a Lisbet que jazia na cama do quarto de hóspedes era apenas uma sombra da mulher que amava. Lisbet já não existia e Kenneth sentia terrivelmente a sua falta.

Ficou ali muito tempo, com a testa encostada à parede. Depois, os soluços diminuíram, as lágrimas começaram a cair com mais lentidão. Quando pararam completamente, Kenneth respirou fundo, levantou a cabeça e limpou as faces

molhadas com a mão. Era suficiente. Era tudo o que podia permitir-se por enquanto.

Entrou no escritório. As cartas estavam na gaveta de cima da secretária. O seu primeiro instinto fora deitá-las fora, ignorá-las. Mas algo o detivera. E quando a quarta mensagem chegara, na noite anterior, entregue dentro da sua própria casa, ficou contente por ter guardado as outras. Porque agora compreendia que tinha de levá-las a sério. Alguém queria fazer-lhe mal.

Sabia que devia ter entregado imediatamente as cartas à polícia e não se ter preocupado tanto em perturbar Lisbet enquanto a mulher esperava a morte. Devia tê-la protegido, encarando o assunto seriamente. Foi uma sorte tê-lo percebido a tempo, que Erik o tivesse feito perceber a tempo. Se alguma coisa tivesse acontecido a Lisbet por causa da sua habitual inação, nunca se teria perdoado.

Com dedos trémulos, pegou nas cartas, avançou silenciosamente pelo corredor em direção à cozinha e meteu-as todas dentro de um saco de plástico. Pensou que seria melhor sair imediatamente, de modo a não despertar Lisbet. Mas não podia ir-se embora sem ir vê-la. Precisava de certificar-se de que estava tudo bem, de ver o rosto da mulher e comprovar que estava a dormir pacificamente.

Cautelosamente, abriu a porta do quarto de hóspedes. A porta abriu-se sem qualquer ruído e, gradualmente, Lisbet entrou no seu campo de visão. Estava a dormir. Tinha os olhos fechados e Kenneth absorveu cada característica, cada pormenor do seu rosto. Estava magra e tinha a pele ressequida, mas ainda era bela.

Avançou em silêncio pelo quarto, incapaz de resistir à tentação de lhe tocar. Mas, de repente, sentiu que alguma coisa não estava bem. Lisbet parecia estar como sempre estava quando dormia mas, nesse preciso momento, Kenneth percebeu o que estava diferente. O silêncio era total. Não se ouvia um único som. Nem sequer a respiração.

Kenneth precipitou-se na direção da cama. Encostou dois dedos ao pescoço de Lisbet e depois pôs os dedos no pulso esquerdo da mulher, tateando. Voltou a encostá-los ao pescoço, desejando de todo o coração encontrar a pulsação que lhe dava vida. Mas foi em vão. Não sentiu nada. O quarto estava outra vez em silêncio e o corpo da mulher também. Lisbet tinha-o deixado.

Ouviu um gemido profundo, como o de um animal. Gutural e pleno de desespero. E percebeu que o som provinha dele. Sentou-se na beira da cama e ergueu cuidadosamente o corpo da mulher, como se Lisbet ainda pudesse sentir dor.

A cabeça da mulher repousava pesadamente no seu colo. Acariciou-lhe a face e sentiu que as lágrimas regressavam. A dor dominou-o com tal força que apagou tudo o que sentira antes; Kenneth foi consumido pela tristeza. Era uma tristeza física que se espalhava por todo o corpo, torcendo cada nervo. A dor fê-lo gritar muito alto. O som dos gritos ecoou pelo pequeno quarto, ricocheteando na colcha às flores e no pálido papel de parede, e atingindo-o depois em cheio.

Lisbet tinha as mãos cruzadas sobre o peito e Kenneth afastou-as suavemente. Queria pegar-lhe na mão uma última vez. Sentiu a pele áspera da mulher contra a sua pele. Aquela pele que tinha perdido a suavidade após os tratamentos, mas cujo contacto ainda lhe era tão familiar.

Levou a mão de Lisbet aos lábios, beijando-a enquanto as lágrimas caíam sobre as mãos de ambos, fundindo-as numa só. Kenneth fechou os olhos e sentiu na boca o sal das suas lágrimas misturado com o cheiro dela. Gostaria de ficar ali sentado para sempre, sem nunca a largar. Mas sabia que era impossível. Lisbet já não era sua, já não estava ali, e Kenneth tinha de deixá-la ir. Pelo menos já não sofria; a dor tinha acabado. O cancro vencera, mas também tinha perdido, porque fora obrigado a morrer com ela.

Baixou a mão dela, pousando-a delicadamente ao lado do corpo. A mão direita dela ainda estava sobre o peito e Kenneth pegou-lhe para a colocar do outro lado do corpo.

Mas sobressaltou-se quando se apercebeu de algo na mão dela, uma coisa branca. O coração começou a bater descontroladamente. Quis cruzar-lhe novamente as mãos e esconder o que tinha visto, mas não podia. Com dedos trémulos, abriu a mão direita de Lisbet. O objeto branco caiu sobre a colcha. Era um pequeno papel dobrado ao meio, ocultando assim o que tinha escrito. Mas Kenneth sabia o que era. Conseguia sentir a presença do mal no quarto.

Pegou na pequena folha. Hesitou por um momento e então leu o que dizia.

Anna tinha acabado de sair quando a campainha tocou. A princípio, Erica pensou que a irmã se devia ter esquecido de alguma coisa, mas Anna nunca se preocupava com coisas tão triviais como esperar por autorização para entrar em casa. Normalmente, limitava-se a abrir a porta e entrava.

Erica pousou as xícaras que começara a limpar e foi abrir a porta.

— Gaby? Tu por aqui? — Erica afastou-se para permitir que a editora entrasse. Gaby alegrava a monotonia invernal envergando um casaco azul-turquesa brilhante e enormes brincos de ouro refulgentes.

— Tive uma reunião em Gotemburgo e resolvi aparecer para conversarmos um bocadinho.

Aparecer? Fjällbacka ficava a uma hora e meia de carro de Gotemburgo e Gaby nem sequer tinha telefonado para se certificar de que Erica estava em casa. O que poderia ser tão urgente?

— Queria falar contigo sobre Christian — disse Gaby, respondendo à pergunta silenciosa de Erica quando entrou. — Tens café?

— Ah, claro.

Como de costume, lidar com Gaby era como ser atropelado por um comboio. Não se dera ao trabalho de descalçar as botas, limpando-as superficialmente ao

tapete antes de martelar o soalho com os saltos altos. Erica lançou um olhar nervoso às pranchas de madeira polidas, esperando que as botas não deixassem muitas marcas. Mas seria inútil dizer qualquer coisa a Gaby. Erica não se lembrava de alguma vez a ter visto em meias e perguntou-se se chegaria a tirar as botas quando ia para a cama.

— A tua casa é muito... aconchegante — disse Gaby com um sorriso rasgado. Mas Erica percebeu que a editora estava francamente horrorizada com a visão de todos os brinquedos, roupas de Maja, papéis de Patrik e tudo o resto que estava espalhado pela casa. Gaby já tinha lá estado mas, nessas ocasiões, Erica soubera de antemão da sua chegada e arrumara e limpara tudo antes.

A editora sacudi algumas migalhas de uma cadeira antes de sentar-se à mesa da cozinha. Erica pegou rapidamente num pano da loiça e passou-o pela mesa, que não tinha tido tempo de levantar depois do pequeno-almoço e da visita de Anna.

— A minha irmã veio cá há bocado — explicou Erica, retirando a embalagem de gelado vazia da mesa.

— Espero que saibas que essa história de que se dever comer por dois quando se está grávida é um mito — disse Gaby, olhando para a enorme barriga de Erica.

— Hum — disse Erica, controlando-se para não dar uma resposta desagradável. Gaby não era conhecida por ser particularmente delicada. A sua figura esbelta era o resultado de uma dieta disciplinada e de exercício regular com um personal trainer no health club de Sturebadet, três vezes por semana. E o corpo de Gaby também não mostrava sinais de gestações anteriores. A carreira fora sempre a sua prioridade.

Por pura maldade, Erica colocou um prato de bolos sobre a mesa e empurrou-o na direção de Gaby.

— Não queres um bolinho? — Erica viu como Gaby ficou dividida entre a vontade de ser educada e um desejo desesperado de dizer «Não, obrigada». Por fim, chegou a um compromisso.

— Vou só comer metade de um, se não te importares — Gaby partiu cuidadosamente um pedaço. Pela expressão no seu rosto, parecia estar prestes a enfiar uma barata na boca.

— Disseste que querias falar comigo sobre Christian, não foi? — perguntou Erica, morta de curiosidade.

— Sim. Não consigo perceber o que está a passar-se com ele — Gaby parecia aliviada por o dilema dos bolos ter sido ultrapassado e bebeu um pouco de café para ajudar a engolir o pedaço que comera. — Diz que se recusa a continuar a promover o livro, mas ele não pode fazer isso, não é uma atitude profissional!

— Christian parece realmente estar a ter muita dificuldade em lidar com a

atenção mediática — aventou Erica, sentindo-se mais uma vez culpada por ter contribuído para a situação.

Gaby fez um gesto com os dedos bem cuidados.

— Eu sei. E compreendo, a sério. Mas qualquer dia as pessoas esquecem-se e este rebuliço todo deu um grande impulso às vendas. As pessoas estão curiosas sobre ele e o romance. Quer dizer, ele vai acabar por beneficiar com isto. E tem de perceber que investimos uma quantidade de tempo e de dinheiro para o lançar, a ele e ao livro. Como tal, esperamos alguma colaboração em troca.

— Claro, claro — murmurou Erica, embora não tivesse a certeza da sua própria posição relativamente àquela questão. Por um lado, compreendia a atitude de Christian. Devia ser horrível ver a vida pessoal exposta nos média daquela maneira. Mas Christian estava a começar a carreira de escritor e a atenção que estava a receber da imprensa ia ajudá-lo por muitos anos.

— Porque não falas diretamente com ele sobre isso? — perguntou Erica com cautela. — Não devias antes ter esta conversa com Christian?

— Tivemos uma reunião ontem — respondeu laconicamente Gaby. — E pode dizer-se que não correu lá muito bem — a editora apertou os lábios como que para enfatizar o que tinha acabado de dizer. Erica percebeu que devia ter sido um verdadeiro desastre.

— Oh, é uma pena. Mas acho que ele tem andado muito estressado, por isso talvez devêssemos dar-lhe um desconto...

— Eu compreendo, mas tenho um negócio para gerir e um contrato com ele. Mesmo que não especifique pormenorizadamente as obrigações quanto ao relacionamento com a imprensa, o contributo para as ações de marketing, e assim por diante, depreende-se que esperamos certas coisas dele. Alguns autores podem dar-se ao luxo de comportar-se como eremitas e não participar em eventos que consideram indignos deles. Mas esses são escritores que já ganharam nome e têm muitos leitores. Christian ainda não chegou lá, nem pouco mais ou menos. Pode ser que alguma vez alcance essa posição, mas a carreira de um autor não se constrói de um dia para o outro e, com o começo auspicioso que teve com A Sereia, há certos sacrifícios que deve a si próprio e à editora — Gaby fez uma pausa, lançando a Erica um olhar severo. — Esperava que pudesses explicar isso.

— Eu? — Erica não sabia o que dizer. Não estava minimamente convencida de que fosse a pessoa certa para convencer Christian a atirar-se outra vez aos lobos. Sobretudo porque tinha sido ela própria a atraí-los para a porta dele da primeira vez.

— Não sei se isso seria muito boa... — Erica procurou uma forma diplomática de recusar a tarefa, mas Gaby cortou-lhe o pio.

— Ótimo. Então está decidido. Vais ter com ele e explicas-lhe o que esperamos dele.

— Mas o que... — Erica olhou para Gaby, perguntando-se o que teria dito que poderia ter sido interpretado como uma resposta afirmativa. Mas Gaby já estava de pé. Alisou a saia, pegou na mala e pô-la ao ombro.

— Obrigada pelo café e pela conversa. Fico muito contente por termos uma relação de trabalho excelente — Gaby inclinou-se e beijou Erica em ambas as faces e encaminhou-se para a porta com os saltos a matraquear no soalho. — Não precisas de te levatares. Eu sei o caminho — disse ela por cima do ombro. — Adeus.

— Adeus — respondeu Erica com um aceno. Não tinha sido atropelada por um comboio, era mais como se tivesse sido completamente esmagada.

Patrik e Gösta saltaram para o carro e puseram-se a caminho cinco minutos depois de receberem a chamada. De início, Kenneth Bengtsson não conseguiu proferir mais do que algumas palavras, mas Patrik acabou por entender o que estava a tentar dizer. A mulher tinha sido assassinada.

— Que diabo está a acontecer aqui? — Gösta sacudiu a cabeça, apertando com força o apoio da janela do passageiro. Fazia sempre isso quando Patrik dirigia. — Tens mesmo de fazer as curvas tão depressa? Estou praticamente colado ao parabrisas.

— Desculpa — Patrik abrandou um pouco, mas não demorou muito para que o pé estivesse novamente a pressionar o acelerador. — O que está a acontecer, perguntas tu? Isso também eu gostava de saber — disse com uma careta quando lançou um olhar de relance ao espelho retrovisor para ter a certeza de que Paula e Martin seguiam logo atrás.

— O que foi que ele disse? A mulher também foi esfaqueada? — perguntou Gösta.

— Não consegui sacar-lhe muita coisa. Parecia estar em estado de choque. Apenas disse que chegou a casa e encontrou a mulher morta.

— Pelo que ouvi dizer, não tinha muito tempo de vida — afirmou Gösta. Detestava tudo o que tivesse que ver com doenças e morte. Tinha passado a maior parte da vida à espera de lhe ser diagnosticada alguma doença incurável. Tudo o que queria era participar em tantos jogos de golfe quantos lhe fosse possível antes que isso acontecesse. Mas, naquele momento, Patrik parecia ter mais problemas de saúde do que ele.

— E tu também não pareces estar muito bem, por sinal.

— Cala-te, não sabes do que estás a falar — disse Patrik, irritado. — Não fazes ideia do que é ter um trabalho a tempo inteiro e uma criança em casa ao mesmo tempo. Não se tem tempo para nada, nunca se consegue dormir o suficiente — Patrik arrependeu-se destas palavras assim que lhe saíram da boca. Sabia que a maior tristeza da vida de Gösta era a morte do filho logo após o nascimento.

— Desculpa ter dito aquilo. Foi uma estupidez — afirmou. Gösta assentiu.

— Tudo bem.

Nenhum dos dois falou por algum tempo, ouvindo apenas o ruído dos pneus enquanto seguiam pela autoestrada na direção de Fjällbacka.

— Ainda bem que Annika vai adotar a menina — disse por fim Gösta, agora com uma expressão mais suave.

— Pois é, o pior é a espera — retorquiu Patrik, satisfeito por poder falar de outro assunto.

— É estranho demorar tanto tempo. Não fazia ideia. Quer dizer, a criança já lá está; por isso, qual é o problema? — Gösta estava quase tão frustrado com o processo como Annika e o marido, Lennart.

— Burocracia — disse Patrik. — Mas acho que devemos estar gratos por investigarem toda a gente como deve ser e não entregarem as crianças a qualquer pessoa.

— Nisso tens razão.

— Okay, chegamos — Patrik virou para o acesso para carros em frente à casa dos Bengtsson e estacionou. Um segundo depois apareceu outro carro-patrulha, com Paula ao volante. Quando ela desligou o motor, o único som que se ouvia era o era o sussurrar do vento no bosque próximo.

Kenneth Bengtsson abriu a porta. Estava pálido e parecia confuso.

— Patrik Hedström — disse Patrik, apertando a mão a Kenneth. — Onde está a sua mulher? — perguntou, fazendo um gesto para assinalar aos colegas que esperassem no exterior. Iam criar problemas aos técnicos forenses se todos se pusessem a calcorrear a casa. Kenneth abriu mais a porta e apontou para o corredor.

— Ali. Eu... Acha que eu posso ficar aqui? — Kenneth olhava para Patrik, mas tinha uma expressão vazia.

— Fique aqui com os meus colegas, eu vou lá — respondeu Patrik, olhando de relance para Gösta para indicar-lhe que se encarregasse do marido da vítima. O talento de Gösta como agente da polícia deixava muito a desejar, mas tinha muito jeito para lidar com pessoas e Patrik sabia que Kenneth ficaria em boas mãos. Os paramédicos deviam estar a chegar a qualquer momento. Patrik telefonara antes de sair da delegacia, pelo que a ambulância não devia tardar.

Patrik entrou cautelosamente e descalçou-se. Seguiu na direção que Kenneth tinha indicado, presumindo que se referira à porta ao fundo do corredor. Estava fechada e Patrik deteve-se quando estava prestes a tocar na maçaneta. Podia haver impressões digitais. Servindo-se do cotovelo, empurrou a lingueta para baixo e abriu a porta, inclinando-se contra ela.

Lisbet estava deitada na cama com os olhos fechados e os braços ao lado do corpo. Parecia estar a dormir. Patrik avançou mais uns passos, procurando lesões no corpo. Não havia sangue nem ferimentos. Mas o corpo apresentava sinais claros da

doença. Os ossos eram visíveis sob a pele esticada, seca, e a cabeça quase sem cabelo despontava sob o lenço que usava. Sentiu um aperto no coração ao pensar como devia ter sofrido, como Kenneth devia ter sofrido ao ser forçado a ver a mulher naquele estado. Mas não havia indícios de mais nada, apenas de ter morrido durante o sono. Patrik saiu cuidadosamente do quarto.

Quando voltou para o frio da rua, Gösta estava a falar com Kenneth numa voz suave, enquanto

Paula e Martin ajudavam o condutor da ambulância a fazer marcha-atrás no acesso para carros.

— Fui vê-la — disse Patrik a Kenneth em voz baixa, pondo a mão no ombro do homem. — E não vejo nenhum sinal de ter sido assassinada, como nos disse ao telefone. Julgo saber que a sua mulher estava gravemente doente. É verdade?

Kenneth assentiu em silêncio.

— Não é mais provável que tenha simplesmente morrido durante o sono?

— Não, ela foi assassinada — respondeu Kenneth com veemência.

Patrik e Gösta trocaram olhares. Não era insólito que alguém em estado de choque reagisse de modo estranho e dissesse coisas estranhas.

— Porque acha que foi assassinada? Como eu disse, acabo de ver a sua mulher e não há lesões óbvias no corpo, nada que indique qualquer coisa... fora do comum.

— Ela foi assassinada! — insistiu Kenneth, e Patrik começou a aperceber-se de que não havia mais nada que pudessem fazer ali. Ia pedir aos paramédicos que cuidassem do pobre homem.

— Veja isto! — Kenneth tirou algo do bolso e entregou-o a Patrik, que pegou nele sem pensar. Era um pequeno papel branco, dobrado ao meio. Patrik lançou a Kenneth um olhar inquisidor e depois abriu o papel. Estava escrito a negro numa caligrafia fluida e dizia: A verdade sobre ti matou-a.

Patrik reconheceu imediatamente a caligrafia.

— Onde encontrou isto?

— Na mão de Lisbet. Caiu-lhe da mão — balbuciou Kenneth.

— E não foi Lisbet quem escreveu isso? — Patrik já sabia a resposta, mas sentia que tinha de fazer a pergunta para afastar qualquer dúvida. A caligrafia era a mesma. E as poucas palavras transmitiam a mesma sensação maléfica da carta que Erica tinha tirado a Christian.

Como era esperado, Kenneth abanou a cabeça.

— Não — respondeu, segurando na mão algo mais de que Patrik ainda não se tinha apercebido. — Foi escrito pela mesma pessoa que enviou estas.

Dentro do saco de plástico estavam vários envelopes brancos. O endereço fora escrito a negro numa caligrafia elegante. A mesma que figurava no papel que

Patrik segurava.

— Quando é que recebeu isto? — perguntou, sentindo o coração a martelar-lhe o peito.

— Nós íamos entregá-las à polícia — disse Kenneth baixinho, entregando o saco de plástico a Patrik.

— Nós? Nós, quem?

— Erik e eu. Ele recebeu cartas semelhantes.

— Erik Lind? Também recebeu cartas? — perguntou Patrik, querendo certificar-se de que ouvira corretamente.

Kenneth assentiu.

— Porque não informaram a polícia? — Patrik tentou não deixar transparecer a frustração que sentia. O homem que estava à sua frente tinha acabado de perder a mulher, de modo que aquele não era o momento adequado para censuras.

— Eu... nós... Só hoje é que Erik e eu nos demos conta de que ambos recebemos cartas dessas. E só soubemos que Christian recebia ameaças quando lemos no jornal, neste fim de semana. Não posso falar por Erik, mas eu não queria perturbar... — a voz de Kenneth sumiu-se.

Patrik olhou novamente para as cartas dentro do saco de plástico. — Só três é que estão endereçadas e têm o carimbo dos correios. Uma tem apenas o seu nome no envelope. Como é que esta carta chegou a si?

— Alguém entrou cá em casa a noite passada e deixou-a sobre a mesa da cozinha — Kenneth hesitou, mas Patrik não disse nada, pressentindo que o homem tinha mais para dizer. — E havia uma faca pousada ao lado da carta. Uma das nossas facas de cozinha. Julgo que é uma mensagem que pode ser interpretada de várias maneiras diferentes — Kenneth começou a chorar enquanto prosseguia. — Pensei que era a mim que alguém queria fazer mal. Mas porquê Lisbet? Porquê matar Lisbet? — Kenneth limpou uma lágrima com as costas da mão, aparentemente envergonhado por estar a chorar à frente de Patrik e dos outros agentes.

— Não sabemos se a sua mulher foi assassinada — disse suavemente Patrik. — Mas alguém esteve realmente dentro da sua casa. Tem alguma ideia de quem possa ter sido? Ou de quem lhe terá enviado estas cartas? — Patrik manteve os olhos fixos em Kenneth, tentando detetar alguma mudança na sua expressão. Tanto quanto podia dizer, Kenneth estava a dizer a verdade quando respondeu:

— Tenho pensado muito nisso desde que a primeira carta apareceu. Foi pouco antes do Natal. Mas não me ocorre ninguém que quisesse prejudicar-me. Ninguém mesmo. Nunca fiz inimigos. Sou demasiado... insignificante.

— Então e Erik? Há quanto tempo recebe estas cartas?

— Mais ou menos ao mesmo tempo do que eu. Tem-nas no escritório. Eu vim a casa buscar as minhas e depois íamos contar à polícia... — a voz sumiu-se

novamente e Patrik percebeu que os pensamentos de Kenneth estavam no quarto onde encontrara a mulher morta.

— O que acha que significa esta mensagem? — perguntou cautelosamente Patrik. — A que «verdade sobre ti» se estará a referir o remetente?

— Não sei — respondeu Kenneth em voz baixa. — Não faço a mais pequena ideia — acrescentou, respirando fundo. — O que lhe vão fazer agora? — Vai ser levada para Gotemburgo para um exame mais pormenorizado.

— Um exame mais pormenorizado? Uma autópsia, quer você dizer, não é? — Kenneth fez uma careta.

— Sim. Uma autópsia. Infelizmente é necessário para podermos descobrir o que realmente aconteceu aqui.

Kenneth assentiu. Tinha os olhos vidrados e os lábios ligeiramente azulados. Apercebendo-se de

que estavam ao frio há muito tempo e da roupa fina que Kenneth usava, Patrick acrescentou: — Está frio aqui, é melhor ir para dentro — Patrik deteve-se por um momento. — Quer que o leve ao escritório? Quer dizer, ao seu escritório? Assim podemos ter uma conversa com Erik. Se não lhe apetecer, não há problema nenhum, vou só eu. É verdade, quer que telefonemos a alguém?

— Não. Gostava de ir consigo — disse Kenneth, num tom quase desafiador. — Quero saber quem fez isto.

— Muito bem. — Patrik pegou-lhe levemente no braço para conduzi-lo até o carro. Abriu a porta do lugar do passageiro para que Kenneth pudesse entrar. Depois foi ter com Martin e Paula para lhes dar algumas instruções. Entrou em casa de Kenneth para ir buscar-lhe um casaco antes de fazer um gesto a Gösta para que o acompanhasse. A equipe de técnicos forenses estava a caminho e Patrik esperava voltar antes que tivessem terminado o seu trabalho. Caso contrário teria de falar com eles mais tarde. Nesse momento, a conversa com Erik era tão urgente que não podia esperar.

Quando faziam marcha-atrás no acesso para carros, Kenneth lançou um longo olhar à casa. Os lábios moviam-se, como se estivesse a articular uma despedida silenciosa.

Nada tinha realmente mudado, o vazio era o mesmo. A única diferença era que agora havia um corpo para enterrar e que a última luz de esperança tinha desaparecido. Afinal, as suas premonições tinham-se revelado acertadas. Meu Deus, como desejava ter-se enganado!

Como ia viver sem Magnus? Como seria a sua vida sem ele? Parecia tão irreal que o marido, o pai dos seus filhos, fosse agora repousar numa campa do cemitério. Magnus, sempre tão cheio de vida, sempre a querer divertir-se e a fazer questão de que todas as pessoas à sua volta também se divertissem. Claro que às

vezes irritava-se com ele por causa da sua atitude despreocupada e das brincadeiras constantes. Era uma dor de cabeça sempre que queria falar sobre algum assunto sério com Magnus. Porque o marido gracejava e provocava-a até Cia não conseguir deixar de rir-se, mesmo que não quisesse. Ao mesmo tempo, nunca desejara que o marido mudasse fosse o que fosse na sua personalidade.

O que não daria por apenas mais uma hora com Magnus! Meia hora, um minuto que fosse! A sua vida em comum não tinha acabado. Na verdade, tinha apenas começado. Só tinham tido a oportunidade de fazer metade da viagem que tinham imaginado para ambos. O emocionante primeiro encontro quando tinham dezanove anos... Aqueles primeiros anos de grande paixão. Magnus a pedi-la em casamento e, depois, a cerimônia na igreja de Fjällbacka. Os filhos. As noites preenchidas com o choro das crianças enquanto Cia e Magnus se revezavam para dormir. Todas as horas de brincadeira e de gargalhadas com Elin e Ludvig. As noites em que tinham feito amor ou apenas adormecido de mãos dadas. E os últimos anos, em que os filhos iam crescendo e ambos tinham conseguido voltar a conhecer-se um ao outro.

Mas havia muito mais que tinham querido fazer; o caminho à sua frente parecera longo e repleto de agradáveis expectativas. Magnus estava ansioso por provocar os primeiros namorados dos filhos, que iam aparecer lá em casa para serem apresentados, desajeitados, tímidos e balbuciantes. Estavam a planear dar uma ajuda a Elin e a Ludvig quando se mudassem para os seus primeiros apartamentos, ajudando-os a transportar os móveis, a pintar as paredes e a fazer bainhas nas cortinas. Como o pai, Magnus faria um discurso por ocasião do casamento de cada um dos filhos. Falaria durante demasiado tempo, tornar-se-ia demasiado sentimental e contaria demasiados pormenores sobre a infância dos filhos. Cia e Magnus tinham até imaginado o primeiro neto, mesmo que faltassem anos para que nascesse. Mas estava lá, no futuro, como uma promessa, a brilhar como uma joia. E seriam os melhores avós do mundo. Sempre prontos para ajudar e mimar os netos. Para lhes dar bolo ao jantar e comprar-lhes demasiados brinquedos. Para lhes oferecer o seu tempo, todo o tempo que possuíam.

Agora, tudo isso se esfumara. Os sonhos para o futuro nunca seriam realizados. De repente, Cia sentiu uma mão no ombro. Ouviu a voz dele, mas era tão insuportavelmente parecida com a de Magnus que Cia a bloqueou, recusou-se a ouvir. Passado algum tempo, a voz calou-se e a mão foi retirada do ombro. À sua frente, Cia viu que a estrada tinha desaparecido, como se nunca tivesse existido.

No último troço da viagem para casa de Christian, Erica sentiu-se a caminhar para o Calvário. Tinha telefonado para a biblioteca para falar com ele, mas foi-lhe dito que Christian tinha ido para casa. Por isso, Erica comprimiu-se por detrás do volante e pôs-se a caminho. Ainda não tinha a certeza se era boa ideia fazer o que

Gaby lhe tinha pedido. Ao mesmo tempo, não via como poderia sair daquela situação. Gaby nunca aceitava um não como resposta.

— O que quer? — perguntou Sanna quando abriu a porta. Parecia ainda mais triste do que era habitual.

— Preciso de falar com Christian — disse Erica, esperando não ser convidada a explicar porquê.

— Christian não está em casa.

— Quando chega? — perguntou pacientemente Erica, sentindo-se quase grata pela oportunidade de adiar o encontro.

— Está a escrever. Na cabana de pesca. Se quiser pode lá ir, mas vai incomodá-lo por sua conta e risco.

— Tudo bem. Eu arrisco — Erica hesitou. — É importante — acrescentou. Sanna encolheu os ombros.

— Faça como achar melhor. Sabe onde fica?

Erica assentiu. Já tinha visitado Christian no seu refúgio umas quantas vezes.

Cinco minutos mais tarde, estacionou o carro junto da fila de cabanas de pesca. Christian estava a trabalhar numa que fora herdada da família de Sanna. O avô materno tinha-a comprado por uma ninharia e agora era uma das poucas que ainda pertenciam a alguém que vivia em Fjällbacka durante todo o ano.

Christian devia ter ouvido o carro, porque abriu a porta antes mesmo de Erica bater. Erica reparou que o amigo tinha um corte na testa, mas decidiu que não era o momento certo para fazer perguntas.

— Que estás aqui a fazer? — inquiriu Christian com a mesma falta de entusiasmo que Sanna tinha mostrado.

Erica começava a sentir-se como se tivesse peste negra.

— Sou só eu e mais duas pessoas — gracejou. Mas Christian não parecia divertido.

— Estou a trabalhar — disse, sem fazer qualquer gesto para a convidar a entrar.

— Só venho chatear-te um bocadinho.

— Tu, mais do que ninguém, devias saber o que é estar a meio de um processo criativo — disse

Christian.

Aquilo estava a correr muito pior do que Erica esperara.

— Gaby esteve em minha casa há pouco. Contou-me o vosso encontro.

Os ombros cederam e o escritor suspirou.

— Ela veio até cá só para te contar isso?

— Teve uma reunião em Gotemburgo. Está muito chateada. E pensou que eu pudesse... Quer dizer... Olha, não podíamos ir conversar lá para dentro em vez de

ficarmos aqui especados à porta?

Sem dizer uma palavra, Christian acabou por afastar-se e deixou-a entrar. O teto era tão baixo que ele teve de inclinar a cabeça, mas Erica, que era meia cabeça mais baixa, conseguiu manter-se direita. Christian virou-lhe as costas e abriu caminho para a sala com vista para o mar. O computador estava ligado e a mesa de abas rebatíveis frente à janela estava pejada de páginas do manuscrito, o que indicava que Christian tinha estado realmente a trabalhar.

— Então, o que foi que ela disse? — Christian sentou-se, traçou as pernas compridas e cruzou os braços. Todo o seu corpo irradiava antipatia.

— Como eu disse, Gaby está muito chateada. Talvez «preocupada» seja a palavra mais adequada. Diz que te recusas a dar mais entrevistas e a participar em ações promocionais ao teu livro.

— Exatamente — disse Christian, parecendo ainda mais desafiador. — Posso perguntar porquê?

— Tenho a certeza de que sabes porquê — retorquiu com irritação. Erica teve um sobressalto. Christian notou a reação da amiga e parecia lamentar o tom de voz que utilizara. — Tu sabes porquê — repetiu com voz apagada.

— Não posso... Pura e simplesmente não posso, depois de tudo o que os média disseram.

— Tens receio de atrair mais atenções? É isso? Já recebeste mais ameaças? Sabes quem as está a enviar? — as perguntas jorravam-lhe da boca.

Christian abanou vigorosamente a cabeça.

— Não faço ideia — respondeu, erguendo novamente a voz. — Não faço a mais pequena ideia! Só quero um pouco de paz e sossego para poder trabalhar sem ser incomodado e não ter de... — Christian voltou-se para o outro lado.

Erica observou-o em silêncio. Na verdade, ele não se encaixava naquele ambiente. Já tinha pensado nisso antes, quando se tinha encontrado com ele ali, na cabana de pesca, e a sensação era agora ainda mais forte. Christian parecia tão deslocado no meio de todos aqueles utensílios de pesca e de todas aquelas redes que decoravam as paredes. A pequena cabana parecia uma casa de bonecas na qual Christian tinha enfiado a custo as pernas e os braços compridos e ficado preso, vendo-se depois incapaz de sair. Em certo sentido, parecia ser isso que tinha acontecido. Erica olhou de relance para o manuscrito sobre a mesa. Era impossível ver sobre que era o texto, mas calculou que havia ali cerca de cem páginas.

— Isso é um novo livro? — Erica não tencionava deixar cair o assunto que parecia perturbá-lo tanto, mas estava disposta a dar-lhe alguma margem de manobra para que pudesse acalmar-se.

— Sim — respondeu, parecendo relaxar um pouco.

— É uma sequela? A continuação de A Sereia? Christian sorriu.

— A Sereia não tem nenhuma sequela — respondeu-lhe, voltando a olhar para o mar. E depois acrescentou, hesitante: — Não compreendo como é que alguém se atreve...

— Desculpa? — Erica não percebia porque é que Christian estava a sorrir. — Que queres dizer com isso de alguém se atrever?

— A mergulhar.

Erica virou-se para ver o que Christian estava a ver e, de repente, compreendeu o que o amigo quis dizer.

— Fala da torre de mergulho? Em Badholmen?

— Sim — Christian fitava-a, sem pestanejar.

— Eu nunca me atrevi. Mas, por outro lado, tenho de admitir que tenho medo da água, o que é um pouco embaraçoso, tendo em conta que cresci aqui.

— Eu também nunca me atrevi — disse Christian com uma voz que soava distante, quase sonhadora. Erica esperou ansiosamente que o amigo dissesse mais alguma coisa. Havia algo no ar, uma tensão que parecia prestes a rebentar. Erica não ousou mover-se, mal se atrevia a respirar. Passado algum tempo, Christian prosseguiu. Mas já não parecia consciente da presença de Erica. — Ela atreveu-se.

— Quem? — perguntou Erica num sussurro. A princípio julgou que não ia obter uma resposta. O silêncio instalou-se entre eles. Depois, Christian disse numa voz tão baixa que as palavras quase não se ouviam:

— A Sereia.

— A sereia do livro? — Erica não percebia. Que estava Christian a tentar dizer? E onde estava ele? Não ali, certamente. Não no momento presente, não com ela. Estava noutro lugar e Erica desejava ardentemente saber onde.

No instante seguinte, aquela espécie de transe tinha passado. Christian respirou fundo e virou-se para a encarar. Estava de volta.

— Quero concentrar-me no meu novo manuscrito. Não andar de um lado para o outro a dar entrevistas e a escrever «feliz aniversário» nos livros que me pedem para assinar.

— Isso também faz parte do trabalho, Christian — salientou calmamente Erica. Não podia deixar de sentir-se um pouco irritada com a arrogância do amigo.

— Queres dizer que não tenho voto na matéria? — Christian falava com calma, mas ainda havia alguma tensão subjacente na voz.

— Se não estavas preparado para assumir essa parte do trabalho, devias tê-lo dito logo de início. A editora, o mercado e os leitores... que raio, Christian, os leitores são o mais importante de tudo... esperam que lhes dediquemos algum do nosso tempo. Se um autor não quer fazer isso, tem de torná-lo claro desde o princípio. Não podes mudar as regras a meio do jogo.

Christian olhou para o chão e Erica viu que o amigo estava a escutá-la

atentamente, a ponderar o que lhe estava a dizer. Quando ergueu a cabeça tinha lágrimas nos olhos.

— Eu não posso, Erica. Não posso explicar-te, mas... — Christian abanou a cabeça e tentou novamente. — Não posso. Podem me jogar no ostracismo, na lista negra, não quero saber. Vou continuar a escrever, porque é isso que tenho que fazer. Mas não posso entrar no jogo deles — Christian começou a coçar vigorosamente os braços como se tivesse formigas sob a pele.

Erica olhou-o com preocupação. Era como um cordel esticado que podia partir-se a qualquer momento. Mas percebeu que não podia fazer nada. Christian não queria falar com ela. Se queria resolver o mistério das cartas, teria de procurar as respostas sozinha, sem a ajuda dele.

Christian fitou-a por um momento e depois, abruptamente, puxou a cadeira para perto da mesa onde estava o computador. — Agora tenho de voltar ao trabalho — tinha o rosto desprovido de expressão. Fechado.

Erica levantou-se. Desejou poder espreitar-lhe para dentro da cabeça e arrancar-lhe os segredos que sabia que tinham de estar lá. Tinha a certeza de que eram a chave de tudo. Mas Christian voltou a atenção para o ecrã do computador, concentrando-se intensamente nas palavras que tinha escrito, como se fossem a última coisa que alguma vez leria.

Erica saiu sem dizer mais nada. Nem sequer adeus.

Patrik estava sentado no gabinete a tentar combater o enorme cansaço que sentia. Tinha de concentrar-se e de estar alerta, já que a investigação chegara a uma fase crítica. Paula enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— Que se passa? — perguntou, constatando a palidez doentia de Patrik e as gotas de suor na testa. Estava preocupada com o colega. Era impossível não reparar que andava esgotado nos últimos tempos.

Patrik respirou fundo e forçou os pensamentos a focarem-se no desenvolvimento mais recente.

— O cadáver de Lisbet Bengtsson foi levado para Gotemburgo para ser autopsiado. Não falei com Pedersen mas, tendo em conta que só daqui a alguns dias é que vamos ter os resultados da autópsia de Magnus Kjellner, não estou a contar com nada a respeito de Lisbet antes do princípio da próxima semana, no mínimo.

— Então, que te parece, Lisbet foi assassinada? Patrik hesitou.

— Em relação a Magnus, tenho a certeza de que foi assassinato. Os ferimentos que sofreu não podem ter sido autoinfligidos, apenas o resultado de uma agressão. Quanto a Lisbet... Não sei mesmo o que dizer. Pelo que pude ver, não tinha lesões externas e estava gravemente doente, por isso pode simplesmente ter morrido da doença. O problema é o bilhete. Alguém esteve no quarto dela e pôs-lhe aquele papel na mão. Mas se isso foi feito antes de morrer, quando estava a morrer

ou depois da sua morte, é impossível dizer. Vamos ter de esperar por Pedersen para termos mais informações.

— E as cartas? Que disseram Erik e Kenneth? Têm alguma teoria sobre quem poderá tê-las enviado? Ou porquê?

— Não. Ambos dizem que não fazem a mais pequena ideia. E, neste momento, não vejo nenhum motivo para não acreditar neles. Mas parece pouco credível que três pessoas tenham sido selecionadas aleatoriamente para receber as cartas. Tanto mais que os três conhecem-se e dão-se uns com os outros. Deve haver algum denominador comum. Algo que nos tenha escapado.

— Nesse caso, porque é que Magnus não recebeu nenhuma carta? — perguntou Paula.

— Não sei. Magnus pode ter recebido algumas e não ter falado delas a ninguém.

— Já perguntaste a Cia?

— Sim, perguntei-lhe logo que eu soube das cartas ameaçadoras que tinham sido enviadas a Christian. Cia afirmou que o marido não tinha recebido nada. Se tivesse, Cia teria sabido e tinha-nos informado imediatamente. Mas é difícil ter a certeza absoluta. Magnus pode ter guardado silêncio para a proteger.

— Parece que isto está a assumir outras proporções. Entrar em casa de alguém a meio da noite é muito mais grave do que enviar uma carta pelo correio.

— Exatamente — disse Patrik. — Gostava de dar proteção policial a Kenneth, mas não temos pessoal suficiente para isso.

— Pois não — concordou Paula. — Mas, caso se prove que a mulher foi realmente assassinada, então...

— Se assim for, teremos de repensar todo o caso — respondeu Patrik com cansaço.

— É verdade, já enviaste as cartas para o laboratório para serem analisadas?

— Sim, enviei-as logo. E incluí a carta que Erica tirou a Christian.

— Que Erica lhe roubou, queres tu dizer — retorquiu Paula, tentando esconder o sorriso. Provocava impiedosamente Patrik quando o colega tentava defender as ações da mulher.

— Sim, sim, que Erica roubou — Patrik corou. — Mas acho que não devemos ter muitas esperanças. As cartas já foram manuseadas por tanta gente. Além disso, é difícil localizar papel branco comum e tinta preta. Podem ser comprados em qualquer lugar da Suécia.

— É verdade — disse Paula. — E também há o risco de estarmos a lidar com alguém que é muito cuidadoso a apagar o seu rastro.

— É uma possibilidade, mas pode ser que tenhamos um golpe de sorte.

— Até agora isso não aconteceu — murmurou Paula.

— Lá isso é verdade... — Patrik afundou-se na cadeira e ambos ficaram a pensar no caso em silêncio.

— Amanhã recomeçamos a trabalhar. Vamos encontrar-nos às sete para rever todo o material e depois prosseguimos com o que tivermos.

— Amanhã recomeçamos — repetiu Paula, regressando depois ao seu gabinete. Precisavam mesmo de fazer algum progresso na investigação e Patrik parecia precisar de uma boa noite de repouso. Paula resolveu ficar de olho nele. O colega não parecia nada bem.

O trabalho avançava lentamente. As palavras juntavam-se na mente de Christian, não formavam frases. O cursor no ecrã era irritante, sempre a piscar-lhe. Aquele livro estava a revelar-se muito mais difícil de escrever, continha muito pouco de si mesmo. Por outro lado, A Sereia continha demasiado. Christian estava surpreendido por ninguém ter reparado nisso. Tinham lido o livro como uma história, uma fantasia sombria. O seu maior receio provara-se infundado. Durante todo o tempo em que realizara o trabalho difícil mas necessário no romance, debatera-se com o receio do que poderia acontecer quando levantasse a pedra. O que sairia lá de baixo quando a luz do dia incidisse nela?

Mas nada acontecera. As pessoas eram tão ingênuas, estavam tão habituadas a ser alimentadas com narrativas ficcionais que não conseguiam reconhecer a realidade, mesmo sob o mais incipiente dos disfarces. Olhou novamente para o ecrã do computador. Tentou convocar as palavras, voltar ao que era verdadeiramente uma história inventada. Era como tinha dito a Erica: A Sereia não tinha nenhuma sequela. Essa história estava terminada.

Brincara com o fogo e as chamas queimaram-lhe os pés. Agora ela estava muito perto, sabia-o. Tinha-o encontrado e a culpa era unicamente sua.

Com um suspiro, desligou o computador. Precisava de aclarar a mente. Vestiu o blusão e correu o fecho até o queixo. Depois saiu da cabana de pesca e, de mãos nos bolsos, partiu em ritmo acelerado para a Praça Ingrid Bergman. As ruas estavam apinhadas e animadas durante o verão, mas agora estavam desertas. E Christian preferia que assim fosse.

Não fazia ideia para onde ia até ter virado no molhe onde os barcos da Guarda Costeira estavam ancorados. Os pés tinham-no conduzido a Badholmen, à torre de mergulho, que se destacava contra aquele céu cinzento de inverno. O vento soprava com força. Enquanto caminhava ao longo do cais de pedra que o conduzia à pequena ilha, uma forte rajada apoderou-se do blusão, insuflando-o como a uma vela. Encontrou abrigo entre as paredes de madeira que separavam os balneários, mas assim que saiu do edifício e subiu para as rochas à frente da torre, o vento atingiu-o novamente com toda a força. Imobilizou-se, permitindo que o vento o esbofeteasse para cá e para lá enquanto inclinava a cabeça para trás para contemplar

a torre. Não era propriamente bonita, mas sem dúvida que tinha uma certa presença. Da plataforma superior podia ver-se Fjällbacka inteira e a baía que se abria para o mar. Aquela torre envelhecida tinha uma certa dignidade. Como uma velha que tivesse vivido uma vida longa, bem vivida, e que não se envergonhava de o mostrar.

Christian hesitou por um momento, antes de avançar para subir o primeiro degrau. Segurou-se ao corrimão com as mãos frias. A torre rangeu e protestou. No verão, resistia a hordas de adolescentes ávidos que corriam para cima e para baixo, mas agora o vento açoitava-a com tanta força que Christian nem sequer tinha a certeza se seria capaz de suportar o seu peso. Mas isso não importava. Tinha de ir até lá acima.

Subiu mais. Agora não havia qualquer dúvida de que a torre estava realmente a abanar ao vento. Movia-se como um pêndulo e, juntamente com a torre, o seu corpo oscilava de um lado para o outro. Mas continuou a avançar até chegar ao topo. Fechou os olhos por um momento, quando se sentou na plataforma. E depois abriu os olhos.

Ali estava ela, usando o vestido azul. Dançava no gelo, segurando a criança nos braços, sem deixar qualquer rastro na neve. Embora estivesse descalça, como naquele dia do Solstício de verão, não parecia ter frio. E a criança vestia roupas leves, calças brancas e uma pequena camisa mas, açoitada pelo vento frio, sorria como se nada pudesse afetá-la.

Christian levantou-se. As pernas tremiam-lhe. Os olhos estavam fixos nela. Queria gritar-lhe uma advertência. O gelo era fino, não devia estar ali. Não devia estar a dançar no gelo. Viu as rachas, algumas a avançar, outras a abrir-se muito. Mas ela continuava a dançar com a criança nos braços, o vestido a flutuar-lhe em torno das pernas. Riu-se e acenou, e os cabelos negros emolduraram-lhe o rosto.

A torre abanou. Mas Christian permaneceu de pé e contrariou o movimento estendendo os braços para os lados. Tentou gritar-lhe, mas apenas lhe saiu um som rouco da garganta. Depois viu-a. Uma mão branca e macia. Ergueu-se para fora da água, tentando agarrar os pés da mulher que dançava, tentando agarrar-lhe o vestido, querendo arrastá-la para as profundezas. Christian viu a Sereia. Viu-a de rosto pálido, cobiçosamente a tentar alcançar a mulher e a criança, a esticar-se para alcançar o que ele amava.

Mas a mulher não a via. Não parava de dançar, pegou na mão da criança e acenou-lhe, movendo os pés sobre o gelo, às vezes a escassos centímetros da mão branca que tentava alcançá-la.

Sentiu um clarão no cérebro. Não havia nada que pudesse fazer. Era impotente. Tapou os ouvidos com as mãos e fechou os olhos. E então veio o grito. Alto e estridente, subiu-lhe pela garganta, ricocheteando no gelo e nas rochas lá em baixo, rasgando-lhe a ferida no peito. Quando parou de gritar, afastou

cautelosamente as mãos dos ouvidos. Então abriu os olhos. A mulher e a criança tinham desaparecido. Mas agora sabia. A Sereia nunca desistiria até ter-lhe arrebatado tudo quanto possuía.

ALICE CONTINUAVA A EXIGIR TANTO... A MÃE DEDICAVA HORAS A ENSINÁ-LA, A DOBRAR SUAS ARTICULAÇÕES, A FAZER EXERCÍCIOS COM IMAGENS E MÚSICA. TINHA MOVIDO O CÉU E A TERRA ANTES DE TER FINALMENTE ACEITADO A SITUAÇÃO. ALICE NÃO ESTAVA BEM.

MAS ELE JÁ NÃO SE ENRAIVECIA TANTO. NÃO ODIAVA A IRMÃ, APESAR DE TODO O TEMPO QUE A MÃE PRECISAVA DE PASSAR COM ELA. PORQUE O OLHAR DE TRIUNFO NOS OLHOS DE ALICE TINHA DESAPARECIDO. A CRIANÇA ESTAVA CALMA E SILENCIOSA. NORMALMENTE FICAVA SENTADA SOZINHA, A BRINCAR COM QUALQUER COISA, REPETINDO O MESMO MOVIMENTO DURANTE HORAS, OLHANDO PELA JANELA OU SIMPLEMENTE PARA A PAREDE, OLHANDO PARA ALGO QUE SÓ ELA PODIA VER.

MAS ALICE CONSEGUIA APRENDER COISAS. PRIMEIRO A SENTAR-SE, DE A GATINHAR E, FINALMENTE, A ANDAR. COMO AS OUTRAS CRIANÇAS. SÓ QUE ALICE DEMOROU MAIS TEMPO.

DE VEZ EM QUANDO, O PAI OLHAVA PARA ELE POR CIMA DA CABEÇA DE ALICE. POR UM MOMENTO, APENAS UM INSTANTE, OS OLHOS DE AMBOS ENCONTRAVAM-SE E HAVIA ALGO NA EXPRESSÃO DO PAI QUE ELE NÃO CONSEGUIA DECIFRAR. MAS PERCEBIA QUE O ESTAVA A VIGIAR, A VIGIAR ALICE. QUERIA DIZER- LHE QUE NÃO ERA PRECISO. PORQUE LHE FARIA ALGUMA COISA, AGORA QUE ELA SE PORTAVA TÃO BEM?

NÃO A AMAVA. AMAVA APENAS A MÃE. MAS TOLERAVA-A. ALICE FAZIA AGORA PARTE DO SEU MUNDO, UMA PEQUENA PARTE DA SUA REALIDADE, DA MESMA FORMA QUE A TELEVISÃO COM O SEU RUÍDO, A CAMA, PARA ONDE SE ARRASTAVA À NOITE, OU O RESTOLHAR DOS JORNAIS QUE O PAI LIA. A CRIANÇA ERA APENAS MAIS UM ELEMENTO NATURAL DO DIA A DIA E TÃO INSIGNIFICANTE COMO QUALQUER OUTRO.

ALICE, POR OUTRO LADO, ADORAVA-O. ELE NÃO CONSEGUIA ENTENDER. PORQUE O TERIA ESCOLHIDO A ELE, EM VEZ DA SUA LINDA MÃE? O ROSTO DE ALICE ILUMINAVA-SE SEMPRE QUE O VIA E A CRIANÇA ESTICAVA OS BRAÇOS PARA ELE, ANSIANDO QUE LHE PEGASSE. CASO CONTRÁRIO, NÃO GOSTAVA QUE LHE TOCASSEM. MUITAS VEZES RECUAVA E AFASTAVA-SE QUANDO A MÃE SE APROXIMAVA, QUERENDO ACARICIÁ-LA E ABRAÇÁ-LA. NÃO

COMPREENDIA AQUILO. SE A MÃE LHE QUISESSE TOCAR E ACARICIÁ-LO DAQUELA FORMA, TER-SE IA ACONCHEGADO NO SEU COLO E NUNCA MAIS QUERERIA DE LÁ SAIR.

AQUELE AMOR INCONDICIONAL DE ALICE SURPREENDIA-O. CONTUDO, PELO MENOS HAVIA ALGUÉM QUE O QUERIA, O QUE LHE DAVA UMA CERTA SATISFAÇÃO. ÀS VEZES TESTAVA O AMOR DE ALICE. NAS POUCAS OCASIÕES EM QUE O PAI SE ESQUECIA DE VIGIÁ-LOS E IA AO BANHEIRO OU À COZINHA FAZER ALGUMA COISA, TESTAVA ATÉ ONDE IA O AMOR DELA. VIA ATÉ ONDE PODIA IR ANTES QUE A LUZ NOS SEUS OLHOS SE EXTINGUISSE. E ENTÃO BELISCAVA-A OU PUXAVA-LHE O CABELO. UMA VEZ DESCALÇOU-LHE CAUTELOSAMENTE UM SAPATO E ARRANHOU-LHE A SOLA DO PÉ COM UM CANIVETE QUE TINHA ENCONTRADO E QUE TINHA SEMPRE NO BOLSO.

NÃO GOSTAVA REALMENTE DE FERI-LA, MAS SABIA COMO O AMOR PODIA SER SUPERFICIAL E COMO FACILMENTE PODIA SE ESFUMAR. PARA SUA GRANDE SURPRESA, ALICE NUNCA CHORAVA, NEM SEQUER LHE DAVA UM OLHAR REPROVADOR. AGUENTAVA PURA E SIMPLEMENTE TUDO O QUE ELE FAZIA. EM SILÊNCIO, COM OS OLHOS BRILHANTES A FITÁ-LO.

E NUNCA NINGUÉM REPAROU NAS PEQUENAS MARCAS PRETAS E AZULADAS OU NOS PEQUENOS CORTES NO CORPO DE ALICE. ESTAVA SEMPRE CHEIA DE MANCHAS ROXAS, DE ARRANHÕES E CORTES, CAÍA CONSTANTEMENTE E SE CHOCAVA CONTRA TUDO. ERA COMO SE SUA PERCEPÇÃO A LEVASSE A SE MOVER COM ALGUNS SEGUNDOS DE ATRASO E, MUITAS VEZES, SÓ REAGIA QUANDO JÁ TINHA BATIDO EM ALGUMA COISA. MESMO ASSIM, NUNCA CHORAVA.

NÃO HAVIA SINAIS EXTERIORES. ATÉ ELE TINHA DE ADMITIR QUE ALICE PARECIA UM ANJO. SE A MÃE A LEVAVA PARA PASSEAR NO CARRINHO — E JÁ ERA GRANDE DEMAIS PARA ANDAR NELE, EMBORA CONTINUASSEM A PERMITIR QUE O FIZESSE, PORQUE DEMORAVA MUITO PARA IR A QUALQUER LUGAR COM SEUS PRÓPRIOS PÉS —, OS ESTRANHOS SEMPRE COMENTAVAM.

— QUE CRIANÇA TÃO LINDA! — CHILREAVAM. INCLINANDO-SE SOBRE ELA, OLHAVAM PARA ALICE COM OLHOS FAMINTOS, COMO SE QUISESSEM INALAR TODA A SUA DOÇURA. E COSTUMAVAM OLHAR DE RELANCE PARA A MÃE, REPARANDO NO ORGULHO QUE IRRADIAVA AO ASSENTIR.

MAS TUDO DESMORONAVA NUM INSTANTE. ALICE ESTICAVA-SE PARA OS ADMIRADORES COM BABA ESCORRENDO DA BOCA. ENTÃO,

AS PESSOAS DAVAM ABRUPTAMENTE UM PASSO ATRÁS, PRIMEIRO COM EXPRESSÕES CHOCADAS E DE OLHANDO COM COMPAIXÃO PARA A MÃE, CUJA EXPRESSÃO ORGULHOSA TINHA DESAPARECIDO.

NUNCA OLHAVAM PARA ELE. ERA APENAS ALGUÉM QUE CAMINHAVA ATRÁS DA MÃE E DE ALICE, QUANDO LHE ERA PERMITIDO ACOMPANHÁ-LAS. UMA MASSA DISFORME DE GORDURA À QUAL NINGUÉM PRESTAVA ATENÇÃO. MAS NÃO SE IMPORTAVA. ERA COMO SE A RAIVA QUE LHE TINHA ARDIDO DENTRO DO PEITO TIVESSE MORRIDO NO MOMENTO EM QUE A ÁGUA COBRIRA O ROSTO DE ALICE. NUNCA MAIS SENTIU O CHEIRO NAS SUAS NARINAS. AQUELE CHEIRO ADOCICADO TINHA DESAPARECIDO, COMO SE NUNCA TIVESSE EXISTIDO. TAMBÉM ISSO A ÁGUA TINHA LAVADO. EMBORA A MEMÓRIA AINDA ESTIVESSE PRESENTE. NÃO COMO UMA RECORDAÇÃO DE ALGUMA COISA REAL, MAIS COMO UMA SENSAÇÃO DE ALGO DESLOCADO. AGORA ERA OUTRA PESSOA. ALGUÉM QUE SABIA QUE A MÃE JÁ NÃO O AMAVA.



COMEÇARAM MUITO CEDO. Patrik recusara-se a acatar os protestos sobre a realização da reunião às sete da manhã em ponto.

— Tenho uma imagem muito ambígua de quem está por detrás de tudo isto — disse Patrik depois de ter resumido o caso. — Parece que estamos a lidar com um indivíduo mentalmente desequilibrado, mas que é ao mesmo tempo extremamente cauteloso e bem organizado. O que é uma combinação perigosa.

— Não sabemos ao certo se quem matou Magnus também foi responsável pelo envio das cartas e pela entrada em casa de Kenneth — disse Martin.

— Não, mas também não há nada que contradiga essa teoria. Sugiro que, por enquanto, partamos do princípio de que há uma ligação — Patrik esfregou o rosto com a mão. Tinha passado a maior parte da noite a dar voltas na cama e sentia-se mais cansado do que nunca. — Vou telefonar a Pedersen no fim da reunião para saber se há uma conclusão definitiva sobre a causa da morte de Magnus.

— Provavelmente, Pedersen vai demorar mais alguns dias para concluir o relatório — disse Paula.

— Eu sei, mas não se perde nada em pressioná-lo um pouco — Patrik apontou para o quadro de cortiça na parede. — Já perdemos tempo de mais. Passaram três meses desde o desaparecimento de Magnus, mas só nos últimos dias é

que soubemos das ameaças a estas pessoas.

Todos os olhos se cravaram nas fotografias fixadas lado a lado.

— Temos quatro amigos: Magnus Kjellner, Christian Thydell, Kenneth Bengtsson e Erik Lind. Um está morto. Os outros três receberam cartas ameaçadoras de alguém que acreditamos ser uma mulher. Infelizmente não sei se Magnus recebeu cartas semelhantes. Pelo menos a mulher de Magnus, Cia, não tem conhecimento de nenhuma. Portanto, é pouco provável que alguma vez saibamos ao certo.

— Mas por que esses quatro? — perguntou Paula, observando as fotografias com os olhos semicerrados.

— Se soubéssemos isso, provavelmente sabíamos quem está por detrás de tudo — respondeu Patrik.

— Annika, descobriste alguma coisa de interesse sobre as origens dos quatro?

— Nem por isso. Pelo menos, ainda não. Quanto a Kenneth Bengtsson, não há nada de surpreendente. Há muita coisa sobre Erik Lind, mas nada que pareça relevante para nós. Sobretudo suspeitas sobre transações financeiras obscuras e coisas do gênero.

— Aposto que Erik está envolvido de alguma forma — disse Mellberg. — É um sacana escorregadio. Já ouvi muitos rumores sobre os negócios dele. E também é um mulherengo e peras. Portanto, é óbvio que temos de o investigar mais pormenorizadamente — Mellberg bateu com o dedo no nariz.

— Mas porque foi Magnus assassinado? — perguntou Patrik, recebendo um olhar irritado de Annika em resposta.

— Não descobri grande coisa sobre Christian até agora — prosseguiu calmamente a secretária. — Mas vou continuar a procurar. E é claro que vos informo se encontrar algo que possa ser útil.

— Não te esqueças de que Christian foi o primeiro a receber uma carta — Paula ainda estava a olhar para o quadro de cortiça. — As cartas começaram a chegar há um ano e meio. Além disso, ele recebeu mais cartas do que os amigos. Ao mesmo tempo, parece estranho que os outros tenham sido arrastados para esta situação se o alvo era apenas uma pessoa. Tenho a nítida sensação de que há algo a relacionar os quatro.

— Concorde — disse Patrik. — E também parece significativo ter sido Christian o primeiro a chamar a atenção da pessoa, seja ela quem for — acrescentou, limpando a testa. A sala estava quente e abafada, e Patrik tinha começado a suar. Virou-se para Annika. — Por agora, concentra-te em Christian.

— Continuo a achar que precisamos de concentrar-nos em Erik — disse Mellberg, olhando para Gösta. — Que dizes, Flygare? Nós os dois somos os mais experientes. Não achas que se deve dar atenção extra a Erik Lind?

Gösta contorceu-se na cadeira. Tinha-o feito durante toda a sua carreira como polícia, adotando a política de sempre tomar o caminho mais fácil. Mas, depois de uma breve luta interior, acabou por abanar a cabeça.

— Bem, embora compreenda os seus motivos, receio ter de concordar com Hedström quando diz que, de momento, Christian Thydell parece ser a opção mais interessante.

— Tudo bem, se querem perder mais tempo, força! — disse Mellberg, levantando-se com uma expressão magoada no rosto. — Tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar para aqui sentado a deitar pérolas a porcos — dito isto, o superintendente saiu da sala.

As «coisas mais importantes» que Mellberg aparentemente tinha para fazer envolviam sem dúvida uma longa sesta. Mas Patrik não fazia tenção de detê-lo. Quanto mais Mellberg se mantivesse afastado da investigação, melhor.

— Muito bem, então vais concentrar-te em Christian — reiterou Patrik, apontando para Annika. — Quando é que achas que vais ter alguma coisa para mim?

— Amanhã já devo ter uma imagem muito mais clara do passado dele.

— Excelente! Gostava que Martin e Gösta fossem falar com Kenneth a casa dele. Tentem descobrir mais pormenores sobre o que aconteceu ontem e sobre as cartas. Também vamos ter de falar outra vez com Erik Lind. Por mim, quando forem oito horas, vou telefonar a Pedersen — Patrik consultou o relógio. Só faltava mais meia hora. — E depois acho que eu e Paula devíamos ir até casa de Cia.

Paula concordou.

— Quando estiveres pronto avisa e vamos logo para lá.

— Ótimo. Portanto, agora todos sabem o que têm de fazer. Martin ergueu a mão.

— Diz, Martin.

— Não devíamos dar proteção policial a Christian e aos outros?

— Claro que já pensei nisso. O problema é que não temos recursos suficientes e também ainda não temos muito por onde pegar. Portanto, isso vai ter de esperar. Mais alguma coisa?

Ninguém disse nada.

— Okay, então vamos ao trabalho — Patrik limpou novamente o suor da testa. Da próxima vez, apesar do frio do inverno, tinham de abrir uma das janelas para deixar entrar um pouco de ar.

Depois de todos terem saído, Patrik permaneceu sentado à secretária durante algum tempo, a estudar o que estava afixado no quadro de cortiça. Quatro homens. Quatro amigos. Um deles morto.

Que outra ligação haveria entre eles?

Sanna sentia que andava sempre em bicos de pés em torno dele. O

casamento nunca tinha corrido bem, nem sequer ao princípio. Era preciso ter coragem para admiti-lo, mas não podia continuar a ignorar a verdade. Christian nunca a deixara entrar na sua vida.

Sempre dissera e fizera o que era esperado que dissesse e fizesse, cortejara-a e elogiara-a. Mas Sanna nunca tinha realmente acreditado nele, embora sempre se tenha recusado a admiti-lo para si mesma. Porque Christian era mais do que alguma vez se permitira sonhar. A profissão do marido poderia sugerir que era uma pessoa maçadora e miudinha, mas Christian era o completo oposto disso. Inatingível, bonito e com um olhar que parecia já ter visto tudo. E, quando a olhava com aqueles olhos, Sanna tinha feito o possível para preencher ela própria o vazio. Christian nunca a amara e Sanna percebeu que sempre o soubera. No entanto, tinha-se enganado a si mesma, vendo apenas o que queria ver e ignorando o que soava a falso.

Agora, não sabia o que fazer. Não queria perder Christian. Embora o seu amor não fosse correspondido, ainda o amava, e disse a si própria que isso seria suficiente, desde que o marido quisesse ficar com ela. Ao mesmo tempo, sentia-se vazia e fria por dentro só de pensar em viver com Christian daquela forma, sendo a única dos dois que tinha amor para dar.

Sentou-se na cama e olhou para o marido. Christian estava a dormir profundamente. Lentamente, Sanna estendeu a mão para lhe tocar no cabelo. No cabelo espesso e preto salpicado de cinzento. Uma madeixa tinha tombado sobre um olho e Sanna compô-la.

As coisas não tinham corrido bem na noite anterior, o que acontecia cada vez mais frequentemente. Sanna nunca sabia quando o marido ia explodir por causa de alguma coisa, fosse ela importante ou insignificante. A noite passada, os filhos tinham estado a fazer muito barulho. Depois, Christian não gostara do jantar que ela tinha feito, nem do tom de voz que a mulher utilizara para lhe fazer uma observação. As coisas não podiam continuar assim. Todas as dificuldades por que tinham passado juntos durante todos aqueles anos tinham-se repentinamente apoderado da sua vida e em breve não restaria nada de bom. Era como se estivessem a correr à velocidade da luz para algo desconhecido, para a escuridão, e Sanna queria gritar «chega!» e acabar com aquilo. Queria que a vida dos dois voltasse a ser como dantes.

No entanto, apesar de tudo, agora compreendia melhor. Christian tinha-lhe dado um pequeno pedaço do seu passado. E, independentemente de a história ser terrível, Sanna sentia que tinha recebido um presente com um belo embrulho. Christian tinha-lhe contado algo sobre ele, partilhara com ela uma coisa que nunca tinha partilhado com mais ninguém. E ela dava valor a isso.

Mas, na verdade, não sabia o que fazer com aquela confiança. Queria ajudá-lo, falar mais sobre o assunto e descobrir outras coisas que mais ninguém

sabia. Mas o marido não lhe deu nada. Tentara novamente no dia anterior; porém, Christian tinha-se limitado a sair de casa, batendo com a porta com tanta força que as janelas tinham abanado. Sanna não fazia ideia a que horas Christian voltara para casa. Adormecera a chorar por volta das onze da noite e, quando acordara, há alguns minutos, Christian estava a dormir ao lado dela. Eram quase sete da manhã. Se Christian ia trabalhar, tinha de levantar-se. Sanna olhou de relance para o despertador, mas o alarme não estava ativado. Deveria acordá-lo?

Hesitou, sentando-se na beira da cama. Os olhos do marido moviam-se rapidamente sob as pálpebras. Sanna teria dado qualquer coisa para saber o que Christian estava a sonhar, que imagens via. O corpo estremeceu e o rosto do marido parecia triste. Lentamente, Sanna ergueu a mão, pousando-a levemente no ombro dele. Christian ficaria zangado se chegasse atrasado ao trabalho por ela não o ter acordado. Porém, se tivesse o dia livre, ficaria irritado por não o ter deixado dormir. Sanna desejou saber como agradar a Christian, como fazê-lo feliz.

Deu um salto quando ouviu a voz de Nils vinda do quarto das crianças. O filho estava a chamá-la aos gritos, parecendo assustado. Sanna levantou-se e ficou à escuta. Por um segundo, pensou ter imaginado aquilo, que a voz de Nils era um eco dos seus próprios sonhos, em que as crianças estavam sempre a chamá-la, a precisar dela. Mas depois ouviu a voz outra vez.

— Mamãe!

Por que o filho estava tão assustado? O coração de Sanna martelou seu peito e os pés se mexeram rapidamente. Vestiu o roupão e correu para o quarto ao lado, que os filhos partilhavam. Nils estava sentado na cama. Tinha os olhos muito abertos e olhava para a entrada, fitando-a. Tinha os braços esticados para os lados, como uma pequena figura de Cristo na cruz. Sanna sentiu o choque apoderar-se dela como um soco no estômago. Viu os dedos separados do filho tremendo, o peito dele, o pijama com ursinhos que Nils adorava. Tinha-o lavado tantas vezes que começava a ficar puído nos pulsos. Viu aquela coisa vermelha. O cérebro quase não conseguia processar a cena. Então olhou para a parede oposta e um grito tomou forma dentro dela, subiu-lhe pela garganta e explodiu:

— Christian! CHRISTIAN!

Os pulmões de Kenneth ardiam. Era uma sensação estranha no meio da bruma que o envolvia. Desde a tarde anterior, quando tinha encontrado Lisbet morta na cama, que a vida parecia estar envolta em nevoeiro. A casa estava tão silenciosa quando chegara depois de ter estado no escritório a falar com a polícia. Tinham-na levado. Lisbet fora-se.

Tinha pensado ir para outro lugar. De repente, entrar em casa parecera-lhe impossível. Mas para onde poderia ter ido? Não havia ninguém com quem pudesse ficar. Além disso, era ali, naquela casa, que ia encontrá-la. Nas fotografias nas

paredes e nas cortinas das janelas, nos pequenos rótulos escritos pelo seu punho nas embalagens de comida que estavam no frigorífico. Na estação que ouvia quando ligava o rádio na cozinha e em todos os alimentos estranhos que enchiam a despensa: óleo de trufas, biscoitos de espelta¹⁶ e conservas estranhas. Coisas que Lisbet comprara e levava para casa com a maior das satisfações, mas que depois nunca utilizava. Kenneth fartara-se de gozar com ela por causa dos seus grandes planos culinários e das receitas ambiciosas, que davam sempre lugar a refeições muito mais simples. Desejava poder provocá-la mais uma vez.

Estugou o passo. Erik tinha-lhe dito que não tinha de ir trabalhar nesse dia, mas Kenneth precisava de rotinas. Que faria se ficasse em casa? Como era habitual, levantou-se quando o despertador tocou, saindo da cama de campanha ao lado da cama da mulher, agora vazia. Até agradeceu a dor nas costas. Doíam-lhe os mesmos músculos que lhe doíam quando Lisbet ainda estava viva. Tinha de estar no escritório daí a uma hora. Todas as manhãs demorava quarenta minutos a fazer a sua corrida habitual pelo bosque. Tinha passado o campo de futebol há poucos minutos, o que significava que fizera cerca de metade do percurso. Aumentou de novo o ritmo. Os pulmões diziam-lhe que estava a aproximar-se do limite da resistência, mas os pés continuavam a bater contra o chão. Isso era bom. A dor nos pulmões sufocava uma pequena parte da dor que sentia no coração. O suficiente para não cair no chão, enroscar-se na posição fetal e deixar-se levar pela tristeza.

Não sabia como ia viver sem ela. Era como ter de viver sem oxigênio. Igualmente impossível, igualmente sufocante. Os pés moviam-se ainda mais depressa. Minúsculos pontos de luz tremeluziam a sua frente e seu campo de visão se contraiu. Kenneth fixou os olhos num ponto distante, uma abertura nos ramos por onde o primeiro raio de luz da manhã se filtrava. Mas a luz forte das lâmpadas que iluminavam o caminho ainda dominava.

A pista estreitou-se até se converter num caminho de terra batida e o piso tornou-se cada vez mais irregular, salpicado de depressões e buracos. Também havia algum gelo, mas Kenneth estava tão familiarizado com o percurso que não se preocupava em olhar para o chão. Olhava fixamente para a luz, concentrado na alvorada que se aproximava.

A princípio, não compreendeu o que estava a acontecer. Era como se alguém tivesse construído repentinamente uma parede invisível mesmo à sua frente. Tropeçou a meio de uma passada, ficou com os pés no ar e depois caiu para a frente. Instintivamente, estendeu as mãos para amortecer a queda. Quando as palmas das mãos bateram no chão sentiu um safanão, que fez com que a dor se propagasse pelos braços e pelos ombros. Depois, sentiu outro tipo de dor. Uma sensação abrasadora e ardente que o fez arfar em busca de ar. Olhou para as mãos. As palmas estavam cobertas de vidros. Pedacos grandes e pequenos de vidro transparente que

se iam lentamente tingindo de vermelho com o sangue que lhe escorria dos cortes onde os cacos lhe tinham perfurado a pele. Kenneth imobilizou-se. Não se ouvia um único som.

Quando por fim tentou sentar-se, percebeu que os pés estavam emaranhados em alguma coisa. Olhou para as pernas. Os vidros também tinham cortado a pele das pernas, depois de terem perfurado as calças. A seguir, os seus olhos vaguearam pelo chão em volta. E foi então que viu a corda.

— Então, podes me dar uma ajudinha! — Erica estava encharcada em suor. Maja tinha lutado contra cada peça de roupa, desde as cuecas ao blusão com fecho de correr, enquanto a mãe a tentava vestir. Agora estava vermelha como um tomate e chorava enquanto Erica lhe tentava calçar as luvas.

— Está frio lá fora. Tens de usar luvas — disse, apesar de a persuasão verbal não estar a surtir qualquer efeito nessa manhã.

Erica também estava à beira das lágrimas. Sentia-se culpada por tantas reprimendas e por toda aquela discussão, e teria de longe preferido não ter de vestir-lhe aquela roupa e deixá-la ficar em casa em vez de a levar à creche. Assim poderiam passar o dia em casa, muito aconchegadas. Mas sabia que isso não era boa ideia. Não tinha energia para cuidar de Maja sozinha um dia inteiro; além disso, se cedesse, as coisas seriam ainda piores no dia seguinte. Se era por aquilo que Patrik passava todas as manhãs, Erica percebia porque é que andava tão desgastado.

Ergueu-se da cadeira com esforço e, sem mais discussões, pegou na filha pela mão e conduziu-a à porta. Guardou as luvas no bolso. Talvez tudo corresse melhor quando chegassem à creche; pelo menos, Erica esperava que as educadoras tivessem mais sucesso do que ela tinha tido.

A caminho do carro, Maja fincou os calcanhares no chão e recusou-se a mover-se.

— Então, Maja. Não te posso levar ao colo — Erica apertou-lhe a mão com mais firmeza, mas apenas conseguiu fazer Maja tropeçar e começar a soluçar. E agora Erica também estava a chorar. Se alguém a tivesse visto nesse momento, teriam telefonado imediatamente para a Segurança Social.

Lentamente, Erica agachou-se, tentando ignorar o incômodo causado pelos intestinos a comprimirem-se. Ajudou Maja a levantar-se e disse numa voz mais doce:

— Desculpa a mamãe ter sido tão estúpida. Queres que te dê um abraço?

Normalmente, Maja nunca recusava uma oportunidade de ser mimada, mas limitou-se a olhar para Erica e berrou ainda mais alto. Parecia a sirene de um navio.

— Pronto, minha querida — disse Erica, dando uma palmadinha no rosto de Maja. Depois de algum tempo, a criança começou a se acalmar e o choro deu lugar a fungadas. Erica fez nova tentativa.

— Não queres dar um abraço na mamãe?

Maja hesitou por um momento, mas depois deixou Erica abraçá-la. Enterrou a cabeça no colo da mãe e Erica ficou encharcada de lágrimas.

— Desculpa, não quis te fazer cair. Machucou?

— Hum, hum — fungou Maja com ar infeliz.

— Queres que sople no dodói? — perguntou Erica. Normalmente dava certo. Maja assentiu. — Onde tenho que soprar? Onde é o dodói?

Maja pensou por um momento e depois começou a apontar para cada parte do corpo que conseguia alcançar com o dedo. Erica soprou em todos os pontos indicados e depois sacudiu a neve do blusão vermelho de Maja.

— Os teus amiguinhos devem estar à tua espera na creche, não achas? — disse Erica. E então jogou o trunfo: — Aposto que o Ture está lá, ansioso por te ver.

Maja parou de fungar. Ture era o seu grande amor. Era três meses mais velho, tinha mais energia do que a maioria das crianças e uma predileção por Maja que combinava com os sentimentos que a filha nutria por ele.

Erica prendeu a respiração. Então, de repente, Maja sorriu.

— Quero ver Ture.

— Sim, isso mesmo — disse Erica. — Vamos ter com o Ture. E é melhor apressarmo-nos, senão ele ainda arranja emprego nalgum país estrangeiro ou qualquer coisa assim.

Maja lançou um olhar perplexo à mãe e Erica não conseguiu conter o riso.

— Não faças caso, a tua mãe é maluca. Vamos lá ter com o Ture.

TINHA DEZ ANOS QUANDO TUDO MUDOU. POR ESSA ÉPOCA JÁ TINHA SE ADAPTADO BEM. NÃO ERA FELIZ, NÃO COMO PENSOU QUE SERIA QUANDO VIU SUA LINDA MÃE PELA PRIMEIRA VEZ, OU COMO TINHA SIDO ANTES DE ALICE COMEÇAR A CRESCER NA BARRIGA DELA. MAS TAMBÉM NÃO ERA INFELIZ. TINHA UM LUGAR NA VIDA, PERDIA-SE A SONHAR COM LUGARES DISTANTES ATRAVÉS DO MUNDO DOS LIVROS E CONTENTAVA-SE COM ISSO. E A GORDURA QUE ACUMULARA NO CORPO PROTEGIA-O, ERA UMA ARMADURA CONTRA O QUE O CORROÍÁ POR DENTRO.

ALICE AMAVA-O TANTO QUANTO SEMPRE O AMARA. SEGUIA-O COMO UMA SOMBRA, MAS NÃO FALAVA MUITO, O QUE LHE CONVINHA NA PERFEIÇÃO. SE PRECISAVA DE ALGUMA COISA, ALI ESTAVA ALICE. SE TINHA SEDE, LEVAVA-LHE ÁGUA; SE QUERIA COMER ALGUMA COISA, ALICE ESCAPULIA-SE ATÉ À DISPENSA PARA IR BUSCAR OS BOLOS QUE A MÃE TINHA ESCONDIDO.

DE VEZ EM QUANDO, O PAI AINDA O OLHAVA DE MODO ESTRANHO, MAS JÁ NÃO O VIGIAVA. ALICE JÁ ERA UMA MENINA CRESCIDA. TINHA CINCO ANOS E APRENDERA FINALMENTE A ANDAR E A FALAR. MAS SÓ SE PARECIA COM AS OUTRAS CRIANÇAS QUANDO ESTAVA PARADA E CALADA. ASSIM, PARECIA TÃO DOCE QUE AS PESSOAS PARAVAM E OLHAVAM PARA ELA COMO QUANDO ERA PEQUENA E A LEVAVAM NO SEU CARRINHO. MAS QUANDO SE MOVIA OU DIZIA ALGUMA COISA, AS PESSOAS A OLHAVAM COM PENA E SACUDIAM A CABEÇA.

O MÉDICO TINHA DITO QUE ALICE NUNCA SERIA NORMAL. CLARO QUE NÃO O DEIXAVAM IR ÀS CONSULTAS. NUNCA O AUTORIZAVAM A IR COM ELES A LADO NENHUM, MAS NÃO TINHA ESQUECIDO DE COMO SE MOVER FURTIVAMENTE COMO UM GUERREIRO ÍNDIO. ANDAVA PELA CASA SEM FAZER BARULHO E ESTAVA SEMPRE À ESCUTA. OUVIA AS DISCUSSÕES DOS PAIS E SABIA TUDO O QUE DIZIAM DE ALICE. ERA SOBRETUDO A MÃE QUE FALAVA. ERA ELA QUE LEVAVA ALICE ÀS CONSULTAS, TENTANDO ENCONTRAR ALGUM NOVO TRATAMENTO, UM NOVO MÉTODO OU UM NOVO TIPO DE EXERCÍCIO QUE PUDESSE AJUDAR ALICE E MOVIMENTAR-SE, A FALAR E A INTERAGIR MAIS DE ACORDO COM A IDADE QUE TINHA.

NUNCA NINGUÉM FALAVA DELE. TAMBÉM O FICARA A SABER

QUANDO OS ESCUTAVA ÀS ESCONDIDAS. ERA COMO SE NÃO EXISTISSE, APENAS OCUPAVA ESPAÇO. MAS TINHA APRENDIDO A VIVER COM ISSO. DAS POUCAS VEZES EM QUE SE SENTIA MAGOADO, PENSAVA NO CHEIRO E NO QUE COMEÇAVA A PARECER-LHE CADA VEZ MAIS UM CONTO DE FADAS MALÉFICO. UMA MEMÓRIA DISTANTE. ISSO ERA O SUFICIENTE PARA LHE PERMITIR VIVER COMO UM SER INVISÍVEL PARA TODOS, EXCETO PARA ALICE, AGORA QUE A TINHA FEITO SER BEM-COMPORTADA.

UM TELEFONEMA MUDOU TUDO. A CABRA VELHA TINHA MORRIDO E A CASA DELA PERTENCIA AGORA À MÃE. A CASA EM FJÄLLBACKA. NÃO TINHAM LÁ ESTADO DESDE QUE ALICE NASCEU, DESDE AQUELE VERÃO NA CARAVANA, QUANDO ELE TINHA PERDIDO TUDO. AGORA IAM MUDAR-SE PARA LÁ. FOI A MÃE QUE TOMOU A DECISÃO. O PAI TENTOU OPOR-SE MAS, COMO SEMPRE, NINGUÉM LHE DAVA OUVIDOS.

ALICE NÃO GOSTAVA DA MUDANÇA. QUERIA QUE TUDO PERMANECESSE SEMPRE INALTERÁVEL, AS MESMAS COISAS TODOS OS DIAS, AS MESMAS ROTINAS. POR ISSO, QUANDO TODOS OS SEUS PERTENCES FORAM EMBALADOS E SE SENTARAM NO CARRO COM O PAI AO VOLANTE, ALICE VIROU-SE E PRESSIONOU O NARIZ CONTRA O VIDRO TRASEIRO, OLHANDO PARA A CASA ATÉ A PERDER DE VISTA. ENTÃO, VIROU-SE NOVAMENTE PARA A FRENTE E CHEGOU-SE A ELE, ENCOSTANDO-LHE O ROSTO AO OMBRO. POR UM MOMENTO PENSOU CONSOLÁ-LA, DANDO-LHE UMA PALMADINHA NA CABEÇA OU PEGANDO-LHE NA MÃO. MAS NÃO O FEZ.

ALICE MANTEVE-SE ENCOSTADA A ELE DURANTE TODO O CAMINHO ATÉ FJÄLLBACKA.



— ONTEM FIZESTE-ME PASSAR UMA VERGONHA — disse Erik. Estava de pé em frente ao espelho do quarto, a tentar fazer o nó da gravata.

Louise não respondeu. Virou-lhe simplesmente as costas, rolando para o seu lado da cama.

— Ouviste o que eu acabei de dizer? — Erik ergueu a voz, mas não o suficiente para que as filhas pudessem ouvi-lo dos seus quartos, do outro lado do corredor.

— Eu ouvi — disse Louise em voz baixa.

— Não voltes a fazer aquilo. Nunca mais! Uma coisa é te comportar como uma bêbada aqui em casa, durante o dia. Desde que consigas ficar de pé quando as meninas estão em casa, não dou a menor para o que fazes. Mas não te quero no escritório, porra!

Nenhuma resposta. Irritava-o que a mulher não se defendesse. Preferia as suas observações cáusticas àquele silêncio.

— Sabes uma coisa? Metes-me nojo — o nó da gravata ficou demasiado baixo e Erik praguejou quando o desfez para voltar a tentar. Lançou um olhar a Louise. Ainda estava deitada na cama de costas voltadas, mas agora Erik viu que os ombros lhe tremiam. Raios. Aquela manhã estava a ficar cada vez melhor. Desprezava as ressacas da mulher, que eram sempre acompanhadas de lágrimas e autocomiseração.

— Para com isso. Tens de recompor-te — percebeu que aquelas admoestações, que repetira vezes sem conta, estavam a dar-lhe cabo da paciência.

— Continuas a encontrar-te com Cecilia? — a voz de Louise foi abafada pela almofada. Depois virou-se de frente para ele para ouvir a sua resposta.

Erik olhou para a mulher com desagrado. Sem maquilhagem e sem o disfarce das roupas caras, tinha um aspeto medonho.

Louise repetiu a pergunta:

— Continuas a encontrar-te com ela? Continuas a fodê-la? Então ela sabia. Erik não esperava tanto da mulher.

— Não — Erik pensou na última conversa que tivera com Cecilia. Não queria falar naquilo.

— Porque não? Já te cansaste dela? — Louise tinha-se aferrado àquele assunto como um pit bull.

— Esquece isso!

Não vinha um único som dos quartos das filhas e Erik esperava que não tivessem ouvido. Apercebeu-se de que tinha gritado. Mas não queria pensar em Cecilia nem no filho que ia ser obrigado a apoiar em segredo.

— Não quero falar dela — disse Erik num tom de voz mais calmo, quando por fim conseguiu dar o nó da gravata.

Louise fitava-o, boquiaberta. Parecia uma velha. Tinha lágrimas nos cantos dos olhos. O lábio inferior tremia-lhe enquanto olhava para o marido sem dizer uma palavra.

— Agora vou para o escritório. Tira o rabo da cama e vê lá se as meninas chegam a tempo à escola. Se é que consegues tratar disso — Erik lançou-lhe um olhar frio e depois saiu do quarto. Afinal, talvez valesse a pena pagar para se livrar dela. Havia muitas mulheres que ficariam felicíssimas por aceitar o que tinha para

oferecer. Cecilia seria fácil de substituir.

— Achas que ele pode falar conosco? — perguntou Martin a Gösta. Dirigiam-se no carro- patrulha a casa de Kenneth, embora nenhum dos dois quisesse perturbá-lo logo após a morte da mulher.

— Não sei — respondeu Gösta com um tom de voz que indicava claramente que não queria falar sobre aquilo. Ambos ficaram em silêncio. Passado algum tempo, Gösta perguntou: — Então, como vão as coisas com a menina?

— Ótimas! — o rosto de Martin iluminou-se. Depois de uma longa série de relacionamentos mal sucedidos, quase tinha perdido a esperança de algum dia constituir família. Mas Pia tinha mudado tudo isso e, no outono, dera à luz uma menina. A vida de solteiro parecia agora a Martin um sonho distante e não particularmente agradável.

De novo o silêncio. Gösta tamborilou no volante, mas parou depois de Martin lhe lançar um olhar irritado. Ambos deram um salto quando o celular de Martin tocou. Quando atendeu, a sua expressão foi ficando cada vez mais sombria.

— Mudança de planos — disse o jovem agente quando terminou a chamada.

— Como assim? Que aconteceu?

— Era Patrik. Aconteceu qualquer coisa em casa de Christian Thydell. Ligou para a delegacia e não se percebia quase nada do que dizia. Mas é alguma coisa relacionada com os filhos.

— Porra! — Gösta pisou no acelerador. — Agarra-te bem — disse a Martin, acelerando ainda mais. Sentia o estômago a dar voltas. Sempre tivera dificuldade em lidar com casos que envolviam crianças. E não tinha melhorado com o passar dos anos. — Patrik não te conseguiu dizer mais nada?

— Não — respondeu Martin. — Christian estava em tal estado que Patrik não conseguiu que dissesse nada coerente. Ele e Paula também vão a caminho, mas nós vamos chegar lá primeiro. Patrik disse para não esperarmos por eles — Martin também estava pálido. Já era suficientemente mau chegarem a um local do crime estando preparados para o que iam ver, mas naquele momento não faziam a mais pequena ideia do que lhes estava reservado.

Quando chegaram à frente da casa dos Thydell não se preocuparam em estacionar o carro corretamente. Gösta travou, fazendo-o derrapar um pouco, e depois saíram. Ninguém respondeu quando tocaram à campainha, por isso abriram a porta.

— Olá! Alguém em casa?

Ouviram ruídos vindos do andar de cima, por isso subiram apressadamente as escadas.

— Olá? É a polícia! — gritaram de novo, mas continuava a não haver resposta. De uma das divisões, ouviram soluços e os gritos agudos de uma criança,

intercalados por um chapinhar.

Gösta respirou fundo e olhou para o interior da divisão. Sanna estava sentada no chão da casa de banho, chorando tanto que todo o corpo lhe tremia. Na banheira estavam os dois garotinhos. A água tinha um tom rosado e Sanna esfregava vigorosamente os pequenos corpos dos filhos.

— Que aconteceu? Estão feridos? — Gösta olhou para as crianças na banheira. Sanna virou-se, lançou-lhes um olhar apressado e depois voltou-se para os filhos.

— Eles estão feridos, Sanna? É melhor chamar uma ambulância? — Gösta aproximou-se dela, agachou-se e pôs a mão em seu ombro. Mas ela não respondeu. Não parava de esfregar, sem muito resultado. O vermelho não estava a sair. Na verdade, só parecia estar a espalhar-se.

Gösta olhou mais atentamente para os rapazes e sentiu o pulso começar a desacelerar. O vermelho não era sangue.

— Quem fez isto?

Sanna soluçou quando limpou as gotas de água cor-de-rosa que lhe tinham salpicado o rosto com as costas da mão.

— Eles... eles... — os dentes batiam-lhe e Gösta apertou-lhe o ombro para a tranquilizar. Pelo canto do olho, viu que Martin estava de pé à entrada.

— É tinta — disse a Martin. Depois olhou novamente para Sanna, que respirou fundo e fez nova tentativa de falar.

— Nils estava a chamar-me. Estava sentado na cama. Estavam... estavam assim. Alguém escreveu na parede e alguma tinta deve ter pingado para as camas deles. Pensei que era sangue.

— Mas vocês não ouviram nada durante a noite? Nem esta manhã?

— Não, nada.

— Onde é o quarto das crianças? — perguntou Gösta. Sanna apontou para o corredor.

— Vou dar uma olhada — disse Martin, virando-se para sair.

— Também vou — Gösta forçou os olhos de Sanna a encontrarem os seus antes de se levantar. — Já voltamos, está bem?

Sanna assentiu. Gösta levantou-se e saiu para o corredor. Ouviu alguém a falar alto no quarto das crianças.

— Pouse isso, Christian.

— Tenho que tirar esta coisa... — Christian parecia tão confuso como Sanna e, quando Gösta entrou no quarto, viu-o a empunhar um grande balde de água, pronto para jogar na parede.

— Primeiro precisamos dar uma olhada nisso — Martin ergueu a mão para Christian, que estava apenas de cueca. Tinha manchas de tinta vermelha no peito,

sem dúvida de quando ajudara Sanna a levar os garotos para o banheiro.

De repente, Christian fez nova tentativa jogar a água na parede, mas Martin deu um pulo para a frente e pegou o balde. Christian não ofereceu resistência. Soltou a alça e limitou-se a ficar ali, oscilando um pouco.

Com Christian sob controle, Gösta pôde se concentrar no que o escritor tentava lavar. Na parede acima das camas dos garotos, alguém tinha escrito: Não os mereces.

A tinta vermelha escorria das letras, que pareciam ter sido escritas a sangue. A mesma impressão era causada pelos salpicos nas camas das crianças. Gösta entendia agora a extensão do choque que Sanna devia ter tido quando entrou no quarto. E também compreendia a reação de Christian, que olhava inexpressivamente para as palavras na parede, apesar de murmurar para si mesmo. Gösta aproximou-se um pouco mais para ouvir o que dizia.

— Não os mereço. Não os mereço.

Gösta pegou-lhe cautelosamente pelo braço.

— Vista qualquer coisa, Christian, e depois vamos conversar — suavemente mas com firmeza, Gösta conduziu-o para fora do quarto das crianças e para a divisão ao lado que, como reparara ao passar, era o quarto de Christian e de Sanna.

Christian seguiu-o obedientemente, mas depois sentou-se simplesmente na cama, sem fazer qualquer tentativa para se vestir. Gösta olhou em redor até que encontrou um roupão pendurado num cabide atrás da porta. Entregou o roupão a Christian, que o vestiu com movimentos apáticos e lentos.

— Preciso ir ver como estão Sanna e as crianças. Depois vamos lá para baixo, conversar na cozinha.

Christian assentiu. Tinha o olhar vago e os olhos vidrados. Gösta deixou-o sentado na cama e foi à procura de Martin, que ainda estava no quarto das crianças.

— Que diabo está a acontecer aqui? — perguntou Gösta. Martin abanou a cabeça.

— Isto é doentio. Quem fez isto deve estar louco. E o que é que significa? «Não os mereces?» Merecer o quê? As crianças?

— Isso é o que temos de descobrir. Patrik e Paula devem estar a chegar a qualquer momento. Podes descer e abrir-lhes a porta? E aproveita e telefona para um médico. Não me parece que os miúdos estejam feridos, mas a família inteira teve um choque danado. Se calhar é melhor serem vistos por um médico. Vou ajudar Sanna a tirar a tinta do corpo dos miúdos. Está a esfregar com tanta força que ainda os esfolia.

— Também temos que chamar os técnicos forenses.

— Exatamente. Assim que Patrik cá chegar, pede-lhe que entre em contacto com Torbjörn o mais depressa possível, para que enviem uma equipa. E devemos

tentar não andar por aqui mais do que o estritamente necessário.

— Pelo menos conseguimos salvar a parede — disse Martin.

— Sim, foi uma sorte.

Desceram juntos as escadas e Gösta conseguiu rapidamente localizar a porta que dava para a cave. Apenas uma lâmpada nua iluminava as escadas e os agentes desceram-nas cautelosamente. Como as caves da maioria das pessoas, a que pertencia à família Thydell estava atulhada de toda a espécie de tralha: caixas de papelão, brinquedos que as crianças já não queriam, caixas com rótulos que diziam «decorações de Natal», ferramentas que não pareciam ser utilizadas com muita frequência e uma prateleira com material de pintura: latas, garrafas, escovas e trapos. Gösta alcançou uma garrafa meio cheia de diluente mas, no momento em que os dedos se fecharam em torno da garrafa, avistou algo pelo canto do olho. Havia um trapo no chão. Salpicado de tinta vermelha.

Esquadrinhou rapidamente as latas de tinta na prateleira. Nenhuma delas continha tinta vermelha. Mas Gösta tinha certeza de que o vermelho do trapo era o mesmo que tinha visto no quarto dos garotos. Quem quer que tivesse pintado aquelas palavras na parede devia ter trazido a tinta consigo e depois fora até ali limpar-se. Gösta olhou para a garrafa que tinha na mão. Merda! Podia ter impressões digitais. Mas precisava do diluente. Era preciso remover-lhes a tinta da pele para poderem sair do banho. Uma garrafa de refrigerante vazia resolveu o problema. Continuando a segurar na garrafa de diluente, verteu o conteúdo para a garrafa de plástico e, em seguida, voltou a colocá-la na prateleira. Com sorte, não tinha destruído todas as impressões digitais. E o trapo também poderia dar-lhes algo por onde pegarem.

Com a garrafa de Coca-Cola na mão, Gösta subiu as escadas. Patrik e Paula ainda não tinham chegado, mas não deviam estar longe.

Sanna continuava teimosamente a esfregar os filhos quando Gösta entrou na casa de banho. Os rapazes choravam desalmadamente. Gösta agachou-se ao lado da banheira e disse suavemente:

— Não vai conseguir tirar a tinta só com sabonete. Temos de utilizar diluente — Gösta ergueu a garrafa que tinha trazido da cave. Sanna parou o que estava a fazer e olhou para ele. Gösta pegou uma toalha de rosto ao lado da pia e derramou nela um pouco de líquido enquanto Sanna observava. O agente ergueu a toalha para mostrar e, em seguida, pegou o braço do rapaz mais velho. Naquele momento, não adiantava tentar acalmá-los. O importante era trabalhar depressa.

— Vê? A tinta sai logo — embora o menino se contorcesse como uma minhoca, Gösta conseguiu limpar boa parte da tinta. — É assim que temos que fazer.

Notou que estava falando com Sanna como se ela fosse criança, mas parecia funcionar, porque começava a parecer cada vez menos perturbada.

— Pronto. Já saiu tudo — Gösta largou a toalha e pegou o chuveirinho para retirar o diluente do corpo do garoto. A criança começou a espernear descontroladamente quando Gösta a tirou da banheira, mas Sanna reagiu rapidamente, envolvendo o filho num roupão de banho. Puxou-o para o colo e o embalou enquanto o abraçava.

— Okay, menino. Agora é tua vez.

O mais novo pareceu compreender que se deixasse o policial limpá-lo, podia sair da banheira e ir para o colo da mãe. Parou abruptamente de chorar e sentou-se perfeitamente quieto enquanto Gösta derramava mais diluente na toalha e começava a limpar a tinta. Não demorou a ficar também com uma leve tonalidade rosada na pele e pôde sentar no colo de Sanna, envolto da cabeça aos pés numa toalha de banho grande.

Do térreo, Gösta podia agora ouvir vozes e depois passos a aproximar-se. Patrik apareceu à entrada.

— Que aconteceu? — perguntou sem fôlego. — Estão todos bem? Martin disse que as crianças não pareciam estar feridas — os olhos de Patrik estavam fixos na banheira cheia de água avermelhada.

— Os miúdos estão bem. Apenas um pouco chocados. Tal como os pais — Gösta levantou-se e saiu para o corredor com Patrik. Resumidamente, contou ao colega o que tinha acontecido.

— Isto é uma loucura. Quem faria uma coisa destas?

— Eu e Martin dissemos a mesma coisa. Isto não é nada normal. No mínimo. Acho que Christian sabe mais do que diz — então, Gösta repetiu o que tinha ouvido Christian murmurar.

— Concordo — disse Patrik. — Também ando com essa sensação há algum tempo. Onde está ele?

— No quarto. Temos de ver se está em condições de ter uma conversa conosco.

— Acho que está na hora de fazermos isso.

O celular de Patrik tocou. Tirou-o do bolso e atendeu. E depois teve um sobressalto.

— O quê? Diz lá isso outra vez — Patrik olhou para Gösta com o espanto no rosto. Gösta tentou, em vão, ouvir o que o interlocutor de Patrik estava a dizer. — Muito bem. Entendido. Estamos em casa dos Thydell. Também houve aqui uma ocorrência, mas depois tratamos disso — Patrik terminou a chamada.

— Kenneth Bengtsson foi levado para o hospital de Uddevalla. Foi correr de manhã bem cedo e alguém lhe armou uma cilada. Uma corda fê-lo tropeçar e Kenneth caiu sobre um monte de vidros partidos.

— Valha-me Deus — sussurrou Gösta. E, pela segunda vez naquela manhã,

disse: — Que diabo está a acontecer aqui?

Erik olhou para o celular. Kenneth estava a caminho do hospital. Zeloso como sempre, tinha persuadido o pessoal da ambulância a telefonar para o escritório para dizer que não podia ir trabalhar.

Alguém lhe tinha preparado uma armadilha no seu circuito habitual. Erik nem sequer considerara a possibilidade de poder tratar-se de um erro, uma partida que tinha ido longe de mais. Kenneth fazia sempre o mesmo caminho todas as manhãs. Toda a gente daquela zona o sabia e qualquer outra pessoa o poderia ter descoberto. Portanto, não havia dúvida de que alguém queria fazer mal a Kenneth. O que significava que ele também estava em perigo.

Aquilo estava a ficar fora de controlo. Ao longo dos anos, Erik tinha corrido muitos riscos e pisado muitas pessoas pelo caminho. Mas nunca teria previsto algo assim, nem o terror que agora sentia.

Voltou para o computador e entrou no site do banco na Internet. Precisava de ter uma ideia das possibilidades que se lhe apresentavam. Os pensamentos giravam-lhe na mente, mas Erik tentou concentrar-se nas quantias que havia nas suas contas bancárias de forma a canalizar o medo para um plano, uma via de escape. Por um momento, permitiu-se refletir sobre quem poderia ter enviado as cartas e provavelmente assassinado Magnus. Era evidente que a pessoa em questão tinha agora deslocado a sua atenção para Kenneth. Pelo menos por enquanto. Depois, Erik pôs esses pensamentos de lado. Não teria qualquer utilidade continuar a especular. Podia ser qualquer pessoa. Agora tinha de salvar a própria pele, levantar os fundos que conseguisse e deixar o país, trocando-o por algum lugar mais quente onde ninguém pudesse tocar-lhe. E ficar por lá até que tudo aquilo tivesse passado.

Claro que teria saudades das filhas enquanto estivesse fora. Mas agora já eram mais velhas e talvez a sua ida fizesse com que Louise se recompusesse, caso passasse a ser a principal responsável pelas filhas, em vez de poder apoiar-se nele. Além disso, não as ia deixar sem nada. Faria com que tivessem dinheiro suficiente no banco com que viverem por bastante tempo. Mas Louise teria de conseguir um emprego. Far-lhe-ia bem. Afinal de contas, não podia esperar que a sustentasse o resto da vida. Tinha todo o direito de fazê-lo e o dinheiro que tinha poupado ao longo dos anos seria suficiente para criar uma nova vida para si. E para mantê-lo em segurança.

Erik tinha a situação sob controlo, tudo o que precisava de fazer era tratar de alguns assuntos práticos. Para começar, tinha de falar com Kenneth. Erik decidiu ir ao hospital na manhã seguinte e esperava que o colega estivesse a sentir-se suficientemente bem para rever alguns números. Claro que ia ser duro para Kenneth ter de deixar a empresa logo após a morte de Lisbet, e sem dúvida que haveria algumas repercussões desagradáveis. Mas Kenneth já era crescidinho e talvez Erik

lhe estivesse a fazer um favor, forçando-o a aguentar-se sozinho. Agora que pensava nisso, ia ser certamente positivo, tanto para Louise como para Kenneth, que já não estivesse disponível para apoiá-los.

Depois havia Cecilia. Mas esta já lhe dissera inequivocamente que não precisava da sua ajuda, a não ser financeiramente. E certamente que conseguiria pôr de parte uma pequena quantia para ela.

Era isso que ia fazer. Cecilia podia cuidar de si própria; todos podiam cuidar de si próprios. E as filhas iam decerto compreender. Com o tempo, acabariam por compreender.

ooo

A remoção de todos os pedaços de vidro tinha demorado muito tempo. Ainda restavam dois. Estavam tão profundamente enraizados que seria necessário um procedimento mais complexo para retirá-los. Mas todos disseram que Kenneth tinha sido extremamente sortudo. O vidro tinha falhado as artérias principais. Caso contrário, as coisas poderiam ter corrido muito mal. Fora exatamente o que o médico tão alegremente lhe dissera.

Kenneth virou a cara para a parede. Será que não percebiam que aquilo era o pior que lhe podia ter acontecido? Que teria preferido que o vidro lhe tivesse cortado uma das artérias, que tivesse extinguido a dor e lhe tivesse extirpado a angústia que sentia no coração, purgando a recordação maléfica. Porque na ambulância, enquanto ouvia as sirenas e fazia uma careta a cada solavanco, enquanto o veículo rugia a alta velocidade, Kenneth compreendeu repentinamente. E soube quem os estava a caçar. Quem os odiava a todos e o queria prejudicar tanto quanto aos outros. E quem lhe arrebatara Lisbet. A ideia de que a mulher tinha morrido com a verdade a ressoar nos ouvidos era mais do que o que podia suportar.

Olhou para os braços sobre o cobertor. Estavam cobertos de ligaduras. E as pernas também. Tinha corrido a sua última maratona. O médico disse que seria um milagre se as feridas sarassem corretamente. Mas agora isso não importava. Kenneth não tinha qualquer desejo de voltar a correr.

Mas também não tencionava fugir dela. Já levava o que lhe era mais querido. O resto não era importante. Havia uma espécie de justiça bíblica que era impossível de combater. Olho por olho, dente por dente.

Kenneth fechou os olhos e viu as imagens que banira para um canto distante da memória. Passados tantos anos, era como se aquilo nunca tivesse realmente acontecido. Só uma vez tinham as memórias ressurgido. Fora naquele dia de Solstício de verão, quando tudo quase se tinha desmoronado. Mas os muros tinham-se aguentado firmes e Kenneth suprimira uma vez mais essas imagens, armazenando-as nos recantos mais sombrios e inacessíveis do cérebro.

Agora estavam de volta. Ela trouxera-os para a luz, forçara-o a olhar para

elas. E Kenneth não suportava o que via. Acima de tudo, não suportava saber que aquela tinha sido a última coisa que Lisbet tinha ouvido. Teria mudado tudo? Teria Lisbet morrido com um buraco negro no coração, no sítio onde o seu amor tinha estado? Ter-se-ia tornado um estranho para ela nesse momento?

Abriu novamente os olhos. Fitando o teto, Kenneth sentiu as lágrimas a correr-lhe pelo rosto. Agora ela podia vir e levá-lo. Não ia fugir.

Olho por olho, dente por dente.

— SAI DAQUI, GORDO!

OS RAPAZES CHOCAVAM DELIBERADAMENTE COM ELE AO PASSAR NO CORREDOR. TENTAVA IGNORÁ-LOS, SER TÃO INVISÍVEL NA ESCOLA COMO ERA EM CASA. MAS NÃO RESULTAVA. ERA COMO SE TIVESSEM ESTADO À ESPERA DE ALGUÉM COMO ELE, ALGUÉM QUE SE DESTACAVA, UM BODE EXPIATÓRIO COM QUEM PUDESSEM IMPLICAR. ELE COMPREENDIA. DE DE PASSAR TANTAS HORAS A LER LIVROS, SABIA MAIS E COMPREENDIA MAIS DO QUE A MAIORIA DAS CRIANÇAS DA SUA IDADE. DESTACAVA-SE EM TODAS AS DISCIPLINAS E OS PROFESSORES ADORAVAM-NO. MAS DE QUE ADIANTAVA ISSO SE NÃO CONSEGUIA CHUTAR UMA BOLA, CORRER DEPRESSA OU CUSPIR PARA LONGE? AQUELAS ERAM AS HABILIDADES QUE CONTAVAM, OS TALENTOS QUE IMPORTAVAM.

CAMINHAVA LENTAMENTE PARA CASA. ESTAVA SEMPRE A OLHAR EM REDOR PARA VER SE HAVIA ALGUÉM À ESPERA PARA LHE FAZER UMA EMBOSCADA. POR SORTE, A ESCOLA FICAVA PERTO DE CASA. O PERCURSO ESTAVA CHEIO DE PERIGOS, MAS PELO MENOS ERA CURTO. APENAS PRECISAVA DE DESCER A LADEIRA DE HÅCKEBACKEN, SEGUIR PELA ESQUERDA EM DIREÇÃO AO MOLHE EM FRENTE DE BADHOLMEN E ESTAVA EM CASA. A CASA QUE TINHAM HERDADO DA BRUXA VELHA.

A MÃE AINDA A CHAMAVA ASSIM. DIZIA AQUELE NOME COM GRANDE SATISFAÇÃO SEMPRE QUE DEITAVA FORA ALGUM DOS PERTENCES DA MULHER, ATIRANDO-OS PARA DENTRO DO GRANDE CAIXOTE DO LIXO QUE TINHAM POSTO NO QUINTAL QUANDO SE TINHAM MUDADO PARA FJÄLLBACKA.

— SE A BRUXA VELHA VISSE ISTO. AQUI VÃO TODAS AS CADEIRAS FINAS DELA — DIZIA A MÃE, DESFAZENDO-SE DAS COISAS COMO SE TIVESSE ENLOUQUECIDO. — AGORA VOU DEITAR FORA AS LOIÇAS DA TUA AVÓ. ESTÁS A VER?

NUNCA SOUBERA PORQUE LHE TINHAM DADO AQUELE NOME: BRUXA VELHA. NEM PORQUE É QUE A MÃE ESTAVA TÃO ZANGADA COM ELA. UMA VEZ PERGUNTARA-O TIMIDAMENTE AO PAI, MAS ESTE APENAS RESMUNGOU ALGUMAS PALAVRAS VAGAS EM RESPOSTA.

— JÁ ESTÁS EM CASA? — A MÃE ESTAVA A PENTEAR ALICE QUANDO ELE ENTROU.

— A ESCOLA ACABOU À MESMA HORA DE SEMPRE —

RESPONDEU, IGNORANDO O SORRISO DE ALICE. — O QUE É O JANTAR?
— PARECE QUE JÁ COMESTE O SUFICIENTE PARA O RESTO DO ANO. HOJE NÃO HÁ JANTAR PARA TI.

CONSEGUES SOBREVIVER BEM COM A TUA GORDURA.

ERAM APENAS QUATRO HORAS E JÁ CONSEGUIA SENTIR A FOME QUE IA TER. MAS, QUANDO OLHOU PARA A MÃE, PERCEBEU QUE NÃO SERIA BOA IDEIA PROTESTAR.

SUBIU PARA O QUARTO, FECHOU A PORTA E DEITOU-SE NA CAMA COM UM LIVRO. CHEIO DE ESPERANÇA,

ENFIOU A MÃO DEBAIXO DO COLCHÃO. SE TIVESSE SORTE, TALVEZ LHE TIVESSE ESCAPADO ALGUMA COISA.

MAS NÃO HAVIA LÁ NADA. A MÃE ERA MUITO INTELIGENTE. ENCONTRAVA SEMPRE A COMIDA E OS DOCES, NÃO IMPORTAVA ONDE TENTASSE ESCONDÊ-LOS.

DUAS HORAS MAIS TARDE, O ESTÔMAGO RONCAVA RUIDOSAMENTE. TINHA TANTA FOME QUE ESTAVA À BEIRA DAS LÁGRIMAS. DO RÉS DO CHÃO VINHA O CHEIRO DE PÃEZINHOS ACABADOS DE FAZER. SABIA QUE A MÃE ESTAVA A FAZER ROLOS DE CANELA APENAS PARA QUE A FRAGRÂNCIA O DEIXASSE LOUCO DE FOME. INALOU O AR E ENTÃO VIROU-SE PARA O LADO E ENTERROU O ROSTO NA ALMOFADA. ÀS VEZES PENSAVA EM FUGIR. NINGUÉM SE IMPORTARIA. ALICE PODERIA SENTIR FALTA DELE, MAS ELE ESTAVA-SE NAS TINTAS. ALICE TINHA A MÃE.

A MÃE DEDICAVA-LHE TODO O TEMPO LIVRE. ENTÃO, PORQUE É QUE A CRIANÇA NÃO OLHAVA ANTES PARA A MÃE COM AQUELE OLHAR EMBEVECIDO? E PORQUE ACHARIA QUE ERA UM DADO ADQUIRIDO AQUILO QUE DARIA QUALQUER COISA PARA POSSUIR?

DEVIA TER ADORMECIDO, PORQUE FOI ACORDADO POR UM LEVE TOQUE NA PORTA. O LIVRO TINHA-LHE CAÍDO PARA A CARA E TINHA-SE BABADO DURANTE O SONO, PORQUE A ALMOFADA ESTAVA MOLHADA DE SALIVA. LIMPOU O ROSTO COM A MÃO E, ENSONADO, LEVANTOU-SE PARA ABRIR A PORTA. ALICE ESTAVA ALI. NUMA DAS MÃOS TINHA UM PÃOZINHO, QUE LHE ESTENDEU. SENTIU ÁGUA NA BOCA, MAS HESITOU. A MÃE IA FICAR FURIOSA SE DESCOBRISSE QUE ALICE TINHA IDO LÁ ACIMA ÀS ESCONDIDAS PARA LEVAR- LHE ALGO PARA COMER.

ALICE FITAVA-O COM OS OLHOS ESBUGALHADOS. QUERIA QUE ELE A VISSE, QUE A AMASSE. UMA IMAGEM PASSOU-LHE PELA MENTE. UMA IMAGEM E A SENSÇÃO DO CORPO ESCORREGADIO E MOLHADO

DE UM BEBÉ. ALICE A FITÁ-LO DENTRO DE ÁGUA. O MODO COMO SE DEBATEU E DE SE IMOBILIZOU.

PEGOU NO PÃO E FECHOU-LHE A PORTA NA CARA. MAS ISSO NÃO AJUDOU. AS IMAGENS AINDA LÁ ESTAVAM.



PATRIK TINHA ENVIADO GÖSTA E MARTIN A UDDEVALLA, para o caso de Kenneth se sentir suficientemente bem para falar com eles. A equipe de técnicos forenses de Torbjörn Ruud estava a caminho. Teriam de dividir-se a fim de inspecionar ao mesmo tempo o local onde Kenneth tinha caído e a casa de Christian e de Sanna. Gösta não tinha querido ir; queria ficar para ter uma conversa com Christian. Mas Patrik preferiu que Paula ficasse em seu lugar. Pensou que seria bom que fosse uma mulher a falar com Sanna e com as crianças. No entanto, ficou impressionado com a forma como Gösta lidou com a situação, sobretudo com a sua descoberta do trapo e da garrafa na cave. Com sorte, os objetos dar-lhes-iam as impressões digitais e o ADN do criminoso que, até o momento, tinha sido muito cuidadoso em não deixar rastro.

Patrik observou o homem sentado à sua frente à mesa da cozinha. Christian parecia desgastado e velho. Era como se tivesse envelhecido dez anos desde que a última vez que o vira. Não se preocupou em apertar o cinto do roupão como devia ser e o peito nu fazia-o parecer ainda mais vulnerável. Patrik perguntou a si próprio se, por uma questão de dignidade, deveria dizer a Christian que fechasse o roupão, mas decidiu não dizer nada. Sem dúvida que a roupa era a última coisa na mente de Christian naquele momento.

— Os rapazes acalmaram-se. A minha colega Paula vai falar com eles e com a sua mulher. Vai dizer as coisas com cuidado e dar o seu melhor para certificar-se de que não ficam ainda mais assustados ou perturbados. Está bem? — Patrik tentava captar a atenção de Christian para ver se o escritor estava a ouvi-lo. A princípio não obteve resposta e Patrik pensou repetir o que acabara de dizer. Mas, por fim, Christian assentiu.

— Entretanto, pensei que podíamos conversar um pouco — prosseguiu Patrik. — Sei que não teve muita vontade de falar connosco antes, mas desta vez não tem mesmo escolha. Alguém entrou em sua casa e foi até o quarto onde os seus filhos estavam a dormir. Os rapazes não foram maltratados fisicamente, mas deve ter sido uma experiência terrivelmente assustadora para eles. Se tiver alguma ideia de quem possa estar por detrás disto tem de dizer-me. Não percebe que tem de falar?

Mais uma longa pausa antes de Christian acabar por assentir. Aclarou a garganta como se fosse falar, mas não saíram quaisquer palavras.

— Só ontem é que descobrimos que Kenneth e Erik também receberam cartas ameaçadoras da mesma pessoa que lhas enviou a si — prosseguiu Patrik. — E, hoje de manhã, Kenneth ficou gravemente ferido quando estava a dar uma corrida. Alguém lhe armou uma cilada.

Christian olhou fugazmente para cima com ar atarantado, mas depois baixou novamente os olhos.

— Não temos nenhuma informação de que Magnus tenha recebido ameaças semelhantes, mas estamos a trabalhar a partir do pressuposto de que o autor das cartas é a mesma pessoa que esteve implicada na sua morte. E tenho a sensação de que o Christian sabe mais do que nos está a dizer. Talvez porque seja algo que não queira revelar ou que não considere importante, mas tem de deixar que sejamos nós a decidir isso. Até a mais pequena pista pode ser significativa.

Christian desenhava círculos sobre a mesa com o dedo. Então, ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Patrik. Por um momento, o escritor pareceu querer dizer-lhe algo. Mas depois fechou-se novamente em copas.

— Não faço a mais pequena ideia — disse. — Sei tanto quem anda a fazer isto quanto a polícia.

— Tem consciência de que, com esta pessoa a monte, o Christian e a sua família correm perigo?

O rosto de Christian adquirira uma calma estranha. Todos os vestígios de preocupação tinham desaparecido. Em vez disso, tinha agora uma expressão que Patrik apenas poderia descrever como determinada.

— Eu compreendo. E tenho a certeza de que a polícia vai fazer o seu melhor para descobrir quem é o culpado. Mas receio não poder ajudar-vos. É que não sei mesmo nada.

— Não acredito em si — disse Patrik sem rodeios. Christian encolheu os ombros.

— Bem, quanto a isso não posso fazer nada. Só estou a dizer-lhe como as coisas são. Não sei nada — como se tivesse repentinamente tomado consciência de que estava praticamente nu, Christian fechou o roupão e apertou o cinto.

Patrik teve vontade de abanar o homem por pura frustração. Estava convencido de que Christian escondia alguma coisa. Não sabia o que era, ou se era relevante para o caso. Mas havia definitivamente algo de que não queria falar.

— A que horas se foram deitar a noite passada? — perguntou Patrik, decidindo mudar de assunto, embora apenas momentaneamente. Não ia largar Christian tão facilmente. Vira como as crianças estavam aterrorizadas, ali sentadas na banheira. Da próxima vez podia não ser apenas tinta vermelha. Tinha de fazer

com que Christian compreendesse a gravidade da situação.

— Deitei-me tarde, já passava da uma. Não faço ideia a que horas Sanna foi para a cama.

— Esteve em casa a noite toda?

— Não, saí para dar um passeio. Sanna e eu temos tido alguns... problemas. Precisava de apanhar um pouco de ar.

— Aonde foi?

— Não tenho a certeza. A lado nenhum em particular. Deambulei por aí um pouco e depois passei pela cidade.

— Sozinho? A meio da noite?

— Não queria estar em casa. Aonde é que haveria de ir?

— Quer dizer que voltou para casa por volta da uma? E tem a certeza das horas?

— Absoluta. Olhei para o relógio na Praça Ingrid Bergman e eram 00h45. A pé demoro cerca de dez a quinze minutos a chegar a casa. Portanto, devia ser quase uma quando regressei.

— Sanna estava a dormir? Christian assentiu.

— Sim, estava a dormir. E os miúdos também. A casa estava em silêncio.

— Foi ver os seus filhos quando chegou a casa?

— Faço sempre isso. Nils tinha afastado as cobertas com os pés, como é costume, por isso cheguei- as para cima.

— E não notou nada de estranho ou fora do comum?

— Tal como grandes letras vermelhas na parede, quer você dizer? — afirmou sarcasticamente

Christian.

Patrik começava a ficar irritado.

— Vou repetir a minha pergunta: não viu nada de anormal, qualquer coisa que tenha estranhado quando chegou a casa?

— Não — respondeu Christian. — Não vi nada de estranho. Se tivesse visto, acha que tinha ido deitar-me?

— Não, provavelmente não — Patrik estava novamente a transpirar. Porque é que toda a gente tinha de ter as casas tão quentes? Aliviou o colarinho da camisa. Parecia que não tinha ar suficiente. — Trancou a porta quando chegou a casa?

Christian fez uma pausa para pensar.

— Não sei — respondeu. — Julgo que sim. Costumo trancá-la. Mas... mas não me lembro mesmo de fazê-lo — agora, todo o sarcasmo tinha-lhe desaparecido da voz. Christian estava quase a sussurrar quando disse: — Não me lembro de ter trancado a porta.

— E não ouviu nada durante a noite?

— Não, nada. Pelo menos eu não ouvi. E também não me parece que Sanna tenha ouvido. Temos ambos o sono muito pesado. Eu só acordei de manhã, quando Sanna começou a gritar. Nem sequer ouvi Nils...

Patrik decidiu tentar novamente.

— E não faz ideia porque é que alguém faria uma coisa destas? Ou porque é que alguém lhe anda a enviar cartas ameaçadoras há um ano e meio? Não tem quaisquer suspeitas?

— Por que diabo é que não está a ouvir o que eu estou a dizer?

A explosão veio do nada e Patrik deu literalmente um salto na cadeira. Christian tinha gritado tão alto que Paula perguntou do primeiro andar:

— Está tudo bem?

— Nós estamos bem! — gritou Patrik em resposta, esperando ter razão. Christian parecia à beira do colapso. Tinha o rosto vermelho e arranhava vigorosamente a palma da mão.

— Eu não sei nada — repetiu Christian como se estivesse desesperadamente a tentar não gritar. Coçava a mão com tanta força que estava a deixar marcas na pele.

Patrik esperou que Christian se acalmasse um pouco e que a cor do rosto voltasse mais ou menos ao normal. Quando parou de arranhar, Christian olhou com surpresa para as marcas na palma da mão como se não conseguisse compreender de onde tinham vindo.

— Há algum sítio onde o Christian e a sua família possam ficar até descobrirmos mais alguma coisa? — perguntou Patrik.

— Sanna e os miúdos podiam ir para casa da irmã dela, em Hamburgsund, e ficar lá durante algum tempo.

— E o Christian?

— Eu vou ficar aqui — o escritor parecia decidido.

— Isso não me parece boa ideia — retorquiu Patrik num tom igualmente firme. — Não podemos oferecer-lhe proteção policial vinte e quatro horas por dia. Preferia que ficasse noutra sítio onde estivesse mais seguro.

— Vou ficar aqui.

O tom de voz indicava que Christian estava completamente decidido.

— Tudo bem — disse relutantemente Patrik. — Mas certifique-se de que a sua família sai daqui o mais depressa possível. Vamos tentar vigiar a casa o melhor que pudermos, mas não temos recursos suficientes para...

— Não preciso de proteção policial — interrompeu Christian. — Eu fico bem. Patrik fixou os olhos nele.

— Uma pessoa gravemente perturbada anda à solta. O indivíduo já cometeu um assassinato, possivelmente dois, e parece determinado a certificar-se de que

você e Kenneth, e talvez Erik, acabem igualmente mortos. Não se trata de um jogo. O Christian parece não entender isso — Patrik falou pausadamente, enunciando claramente cada palavra para garantir que Christian captava a mensagem.

— Garanto-lhe que compreendo perfeitamente a seriedade do assunto. Mas vou ficar aqui.

— Se mudar de ideia, sabe onde encontrar-me. E, como eu disse, não acredito minimamente em si quando diz que não sabe nada sobre isto. Espero que tenha consciência do que está a pôr em risco por não se manifestar. Mais cedo ou mais tarde, vamos acabar por descobrir o que quer que seja que está a ocultar. É apenas uma questão de saber se descobrimos antes ou depois de haver mais vítimas.

— Como está Kenneth? — murmurou Christian, evitando olhar Patrik nos olhos.

— Tudo o que sei é que foi ferido. Nada mais.

— Que aconteceu?

— Alguém estendeu uma corda de um lado ao outro do caminho e espalhou uma grossa camada de vidros partidos no chão. Então, será que agora percebe porque é que estou a pedir a sua colaboração?

Christian não respondeu. Virou-se e olhou pela janela. Tinha o rosto pálido como a neve lá fora e os maxilares cerrados. Mas a voz era fria e desprovida de qualquer emoção quando repetiu, com os olhos fixos nalgum ponto distante:

— Eu não sei nada. Não... sei... nada.

— Dói? — Martin olhou para os braços enfaixados pousados no cobertor. Kenneth assentiu.

— Sente-se capaz de responder a algumas perguntas? — Gösta puxou uma cadeira e acenou a Martin para que fizesse o mesmo.

— Uma vez que já se sentaram, calculo que presumam que sim — disse Kenneth com um leve sorriso. Martin não conseguia tirar os olhos das ligaduras. Devia ter doído como o diabo, cair sobre todos aqueles vidros e depois tirá-los.

Lançou um olhar incerto a Gösta. Às vezes, sentia que nunca ia ter experiência suficiente para saber como proceder nas situações com que se deparava como polícia. Devia mergulhar de cabeça e começar a fazer perguntas? Ou devia mostrar respeito pelo colega mais velho e deixá-lo orientar a conversa? Era um número de equilíbrismo. Martin era sempre o mais jovem, sempre aquele a quem mandavam fazer isto ou aquilo. Também teria preferido ficar em casa de Christian, como Gösta tinha estado a murmurar durante todo o caminho para Uddevalla. Teria gostado de questionar Christian e a mulher, de falar com Torbjörn e com a sua equipe quando chegassem, de ter estado no meio da ação.

Estava desapontado por Patrik preferir quase sempre trabalhar com Paula, mesmo que ele próprio se tenha juntado à delegacia um par de anos antes da

chegada da colega. Claro que Paula tinha experiência de trabalho em Estocolmo, enquanto Martin tinha passado toda a sua breve carreira na polícia de Tanumshede. Mas seria isso necessariamente um aspeto negativo? Conhecia a região, estava familiarizado com todos os desordeiros residentes, sabia como as pessoas pensavam e como funcionava uma pequena cidade. Na verdade, tinha mesmo andado na escola com alguns dos piores delinquentes, ao passo que estes eram perfeitos estranhos para Paula. E, depois de os rumores sobre a vida pessoal de Paula se terem espalhado pelas redondezas como um incêndio, muitas pessoas passaram a olhar para ela com desconfiança. Martin não tinha nada contra aqueles que escolhiam viver com um companheiro do mesmo sexo, mas muitas das pessoas com quem lidavam diariamente não eram tão compreensivas. Portanto, parecia um pouco estranho que Patrik estivesse sempre a escolher Paula para trabalhar com ele. Martin apenas queria conseguir algum respeito por parte dos colegas. Desejava que deixassem de tratá-lo como um jovem metediço. Afinal, já não era assim tão novo. E agora também era pai.

— Desculpa, não ouvi — Martin estava tão imerso nos seus próprios pensamentos sombrios que não ouvira o que Gösta lhe tinha dito.

— Estava só a dizer que talvez gostasses de ser tu a começar.

Martin fitou Gösta com surpresa. Será que o colega conseguia ler mentes? Mas aproveitou a oportunidade e perguntou:

— Podia contar-nos pelas suas palavras o que aconteceu?

Kenneth esticou o braço para um copo de água que estava pousado em cima da mesa ao lado da cama antes de aperceber-se de que não conseguia utilizar as mãos.

— Espere, deixe-me ajudá-lo — Martin pegou no copo e ajudou-o a beber por uma palhinha. Depois, Kenneth recostou-se nas almofadas. Com voz serena, contou o que lhe tinha acontecido desde que apertou os atacadores das sapatilhas antes de sair de casa para a sua corrida matinal habitual.

— A que horas saiu de casa? — Martin tinha tirado um bloco de notas e uma esferográfica do blusão.

— Às seis e quarenta e cinco — respondeu Kenneth. Martin anotou a hora sem hesitar. Sentia que, se Kenneth tinha dito que eram seis e quarenta e cinco, então eram mesmo seis e quarenta e cinco. Sem dúvida.

— Vai sempre correr à mesma hora todas as manhãs? — Gösta inclinou-se para trás, de braços cruzados.

— Sim, mais coisa, menos coisa.

— E não pensou não... Quer dizer, dado que... — balbuciou Martin.

— Se não pensou não ir correr, tendo em conta que a sua mulher faleceu ontem? — interrompeu Gösta sem soar indelicado e sem transformar a pergunta

numa acusação.

Kenneth não respondeu imediatamente. Engoliu em seco e depois disse em voz baixa:

— Nunca tinha precisado tanto de dar uma corrida como esta manhã.

— Compreendo — disse Gösta. — Faz sempre o mesmo percurso?

— Sim, exceto às vezes ao fim de semana, em que aproveito para dar duas voltas. Acho que sou um bocado quadrado. Não gosto de surpresas, de aventuras nem de coisas que mudam — Kenneth ficou em silêncio. Tanto Gösta como Martin sabiam no que estava a pensar e não disseram uma única palavra.

Kenneth aclarou a garganta e virou-se para que os agentes não vissem os olhos a encherem-se de lágrimas. Aclarou novamente a garganta para conseguir falar sem vacilar.

— Como eu disse, gosto de rotinas. Faço aquele mesmo percurso há mais de dez anos.

— E suponho que há muitas pessoas que saibam disso, não é? — Martin levantou os olhos do bloco- notas depois de escrever «10 anos» e de desenhar um círculo à volta.

— Nunca houve qualquer motivo para fazer disso um segredo — um sorriso despontou de repente no rosto de Kenneth, mas desapareceu com a mesma rapidez.

— Encontrou alguém esta manhã enquanto estava a correr? — perguntou Gösta.

— Não, ninguém. Raramente encontro. Às vezes vejo alguém que saiu de casa mais cedo para passear o cão ou alguém a empurrar um carrinho de bebê. Mas isso raramente acontece. Normalmente faço todo o percurso sozinho. Como esta manhã.

— E não viu nenhum carro estacionado nalgum ponto do percurso? — Martin recebeu um relance apreciativo de Gösta quando fez esta pergunta.

Kenneth parou para pensar.

— Não, julgo que não. Não posso dizer com toda a certeza. É possível que alguém tenha lá estado e que eu não tenha visto. Mas não, tenho a certeza de que teria notado.

— Quer dizer que não havia nada fora do normal? — insistiu Gösta.

— Sim, era uma manhã como qualquer outra. Só que... — as palavras ficaram a pairar no ar e as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto.

Martin teve vergonha por achar confrangedor ver Kenneth a chorar. Não sabia o que dizer e não sabia se devia ou não fazer algo. Mas Gösta esticou-se calmamente por cima de Kenneth e pegou num lenço de papel que estava sobre a mesa. Então, limpou gentilmente as lágrimas do rosto de Kenneth. Depois voltou a esticar-se sobre o ferido e pousou o lenço na mesa.

— Já souberem alguma coisa? — sussurrou Kenneth. — De Lisbet?

— Não, ainda é muito cedo para isso. O patologista forense ainda vai demorar algum tempo a elaborar o relatório.

— Ela matou-a — o homem que estava deitado na cama estremeceu e depois pareceu murchar, ficando a olhar o vazio.

— Desculpe, que foi que acabou de dizer? — perguntou Gösta, inclinando-se para a frente. — Quem é «ela»? O Kenneth sabe quem lhe fez isto, a si e à sua mulher? — Martin viu que Gösta estava a conter a respiração. E ele também.

Algo brilhou nos olhos de Kenneth.

— Não faço a mais pequena ideia — respondeu firmemente.

— Acabou de dizer «ela» — salientou Gösta. Kenneth evitou olhar para o agente.

— A letra das cartas parece feminina. Portanto, presumo que se trate de uma mulher.

— Ah, então era só isso — disse Gösta, deixando claro a Kenneth que não acreditava nele, embora não lho quisesse dizer diretamente. — Deve haver alguma coisa que tornou os quatro num alvo. Magnus, Christian, Erik e você, Kenneth. Alguém tem contas a ajustar convosco. E todos... bem, exceto Magnus... insistem que não fazem ideia de quem anda a fazer isto, ou porquê. Mas deve haver um ódio intenso por detrás destes atos. A questão é: o que terá levado a este ódio? Custa-me a acreditar que nenhum dos três saiba nada. Devem ter pelo menos uma teoria — Gösta inclinou-se na direção de Kenneth.

— Deve ser uma pessoa mentalmente perturbada. Não me ocorre qualquer outra explicação — Kenneth virou-se novamente, comprimindo os lábios com força.

Martin trocou um olhar com Gösta. Ambos sabiam que não iam conseguir sacar mais nada a

Kenneth. Pelo menos por enquanto.

Erica fitou o celular em estado de choque. Patrik tinha ligado da delegacia a dizer que ia chegar atrasado. Resumidamente, também explicou porquê, e Erica mal conseguia acreditar no que tinha ouvido. Como era possível que alguém tivesse ido perturbar os filhos de Christian. E que também tivesse feito mal a Kenneth. Uma corda esticada de um lado ao outro do caminho — simples, mas brilhante.

O cérebro começou imediatamente a trabalhar a cem à hora. Devia haver alguma maneira de fazer com que a investigação acelerasse. Sentira a frustração no tom de voz de Patrik e compreendia o marido. As ocorrências multiplicavam-se e a polícia não estava mais perto de descobrir uma solução.

Sopesou o celular enquanto refletia. Patrik ficaria furioso se interferisse de alguma forma. Mas estava habituada a fazer pesquisas para os seus livros. Claro que escrevia sobre casos policiais que já tinham sido solucionados, mas não devia

ser muito diferente olhar mais atentamente para uma investigação em curso. E, além disso, era tão aborrecido ficar em casa a olhar para o teto. Erica estava em pulgas para fazer alguma coisa útil.

Também podia confiar no seu instinto. Ajudara-a tantas vezes no passado. Agora, estava a dizer-lhe que a chave do mistério estava com Christian. Afinal, o amigo tinha sido o primeiro a receber cartas, era muito reservado a propósito do seu passado e andava claramente nervoso. Pequenos pormenores, embora cruciais. E, depois da conversa na cabana de pesca, Erica ficara com a sensação de que Christian sabia de algo, que escondia alguma coisa.

Rapidamente, para não ter tempo de arrepender-se da decisão, Erica vestiu o seu casaco mais quente. Enquanto conduzia, ligou a Anna a perguntar-lhe se podia ir buscar Maja à creche. Estaria em casa antes do anoitecer, mas não a tempo de ir buscar a filha. Demoraria uma hora e meia de carro até Gotemburgo. Era uma viagem bastante longa apenas para satisfazer um capricho. Porém, se não descobrisse nada, podia sempre dar um salto a casa de Göran, o meio-irmão recém-descoberto.

A ideia de que ela e Anna tinham um irmão mais velho ainda era quase incompreensível. Fora perturbador descobrir que, durante a Segunda Guerra Mundial, a mãe tinha dado à luz um filho que depois foi entregue para adoção. Mas os dramáticos acontecimentos que levaram a que tudo fosse revelado no verão anterior* acabaram tendo consequência positiva e Erica e Anna tinham desenvolvido uma relação de grande proximidade com Göran. Erica sabia que era sempre bem-vinda quando aparecesse em casa de Göran e da mulher que o tinha criado, a quem o irmão chamava mãe.

Anna concordou imediatamente em ir buscar Maja, que tanto os filhos de Anna como os de Dan adoravam. Erica não tinha dúvidas de que a filha voltaria para casa cansada de tanto brincar e recheada de doces.

Depois, Erica concentrou-se na tarefa que tinha em mãos. Os livros que escrevera sobre casos reais de assassinato— que se tinham revelado um grande sucesso junto do público — tinham-lhe permitido adquirir muita experiência a investigar. Só desejava saber o número do bilhete de identidade de Christian, o que lhe teria poupado uma data de conversas. Mas teria de contentar-se com o nome. De repente lembrou-se que Sanna tinha mencionado uma vez que Christian estava a viver em Gotemburgo quando se tinham conhecido. Na biblioteca, May tinha mencionado Trollhättan, o que continuava a dar-lhe que pensar, mas decidiu que Gotemburgo era o local lógico para dar início à investigação. Era onde Christian vivia antes de ir para Fjällbacka; portanto, era por aí que ia começar. Depois, com sorte, poderia retroceder no tempo, se fosse necessário. Não tinha dúvida absolutamente nenhuma de que a verdade estava no passado de Christian.

Depois de falar com quatro pessoas, tinha finalmente algo: a morada de Christian antes de se mudar para Fjällbacka com Sanna. Erica parou num posto de abastecimento de combustível Statoil, nos arredores de Gotemburgo, e comprou um mapa da cidade. Aproveitou também para ir à casa de banho e esticar as pernas. Era terrivelmente desconfortável conduzir com dois bebês entre ela e o volante. Tinha as costas e as pernas rígidas e doridas.

Mal se tinha voltado a encaixar no banco do condutor quando o celular tocou. Equilibrando o copo de café de plástico numa mão, pegou no celular com a outra e olhou para o visor. Patrik. Era melhor deixar o gravador atender a chamada. Explicar-lhe-ia tudo mais tarde. Especialmente se voltasse para casa com algo que pudesse ajudar na investigação. Assim, poderia pelo menos evitar algumas das acusações que sentia estarem iminentes.

Depois de uma última olhadela ao mapa, Erica arrancou e voltou a entrar na autoestrada. Christian vivera na morada para onde agora se dirigia há pouco mais de sete anos. De repente começou a ter algumas dúvidas. Quais eram as probabilidades de encontrar qualquer coisa que Christian pudesse lá ter deixado? As pessoas estavam sempre a mudar-se sem deixar qualquer rastro.

Erica suspirou. Bem, agora já ali estava e Göran ia de certeza oferecer-lhe uma xícara de café antes de se fazer à estrada para regressar a casa. Por isso, a viagem não teria sido totalmente em vão.

Ouviu um bip. Patrik tinha-lhe deixado uma mensagem no celular.

— Onde é que se meteram todos? — Mellberg olhou em redor, ainda ensonado. Tinha adormecido por escassos minutos e, quando acordou, a delegacia estava deserta. Teriam ido ao café sem lhe pedir autorização?

Precipitou-se até a recepção, onde encontrou Annika.

— Que está a acontecer por aqui? Será que toda a gente pensa que já é fim de semana? Porque é que ninguém está a trabalhar? Se foram ao café vão ouvir das boas quando voltarem. O município espera que estejamos permanentemente de serviço e temos a obrigação — o superintendente começou a abanar o dedo no ar — de estar aqui quando os nossos cidadãos precisam de nós — Mellberg adorava ouvir o som da própria voz, especialmente quando adotava um tom autoritário.

Annika fitou-o, atônita. Mellberg começou a ficar nervoso. Esperava que a secretária o bombardeasse com justificações e pedidos de desculpa em nome dos colegas. Mas, de repente, uma sensação muito desagradável apoderou-se dele.

Passado um momento, Annika disse calmamente:

— Foram chamados a Fjällbacka. Aconteceram uma data de coisas enquanto estava trabalhar no seu escritório — Annika disse a palavra «trabalhar» sem um pinga de sarcasmo, mas algo lhe dizia que a secretária estava plenamente consciente de que o chefe tinha estado a fazer uma pequena siesta. Tinha de encontrar uma

saída airosa para a situação.

— Porque é que não me disseram nada?

— Patrik tentou. Esteve a bater à sua porta durante algum tempo. Mas estava trancada e o senhor não respondeu. Depois, Patrik teve de sair.

— Bem... sim, às vezes concentro-me tanto no meu trabalho que não ouço nada — disse Mellberg, praguejando para dentro. Porque é que tinha um sono tão pesado? Era uma dádiva, mas também uma maldição.

— Hum... — respondeu Annika, virando-se para o ecrã do computador.

— Então, que aconteceu? — exigiu saber Mellberg, continuando a sentir que tinha sido apanhado com a boca na botija.

Annika resumiu-lhe rapidamente o que ocorrera em casa de Christian e a Kenneth no circuito de manutenção. Mellberg escutava, de boca aberta. As coisas estavam a ficar cada vez mais estranhas.

— Não devem demorar. Pelo menos, Patrik e Paula devem estar a chegar. Depois dão-lhe mais pormenores. Martin e Gösta foram até Uddevalla falar com Kenneth, por isso devem demorar mais.

— Peça a Patrik para ir ter comigo assim que chegar — disse Mellberg. — E diga-lhe para bater à porta com mais força.

— Está bem, eu digo-lhe. E vou certificar-me de que bate mesmo com mais força. Para o caso de estar outra vez absorto no seu trabalho.

Annika olhou para o chefe com ar sério, mas Mellberg ainda não tinha conseguido livrar-se da sensação de que a secretária estava a gozar com ele.

— Não podes vir conosco? Porque tens de ficar aqui? — Sanna atirou um par de camisas para uma mala. Christian não respondeu, o que a deixou ainda mais irritada. — Responde-me! Porque tens de ficar aqui sozinho em casa? É tão disparatado, tão... — furiosa, Sanna jogou um jeans na mala, mas não acertou e caiu no chão aos pés de Christian. Sanna aproximou-se, mas em vez de pegar segurou o rosto dele entre as mãos. Tentou fazer com que o marido olhasse para ela, mas Christian se recusou. — Christian, meu querido. Não entendo. Por que não vens conosco? Não é seguro ficar aqui.

— Não há nada para entender — retorquiu Christian, afastando as mãos de Sanna. — Vou ficar aqui, é tão simples como isso. Não tenciono fugir.

— Fugir de quem? De quê? Peço a Deus que não saibas quem está a fazer estas coisas e não nos queiras dizer — as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces e Sanna ainda conseguia sentir o calor do rosto de Christian nas palmas das mãos. Nunca a deixava aproximar-se e isso magoava-a. Em situações como aquela, deveriam ser capazes de apoiar-se um ao outro. Mas Christian estava a voltar-lhe as costas, recusando-se a deixá-la fazer parte do seu mundo. A humilhação fez com que as faces de Sanna ficassem vermelhas. Desviou o olhar. E depois recomeçou a fazer

as malas.

— Quanto tempo achas que temos de ficar por lá? — perguntou Sanna, enfiando na mala um punhado de cuecas e de collants que tinha tirado da gaveta de cima.

— Como é que eu hei de saber? — Christian despira o roupão de banho, lavara a tinta vermelha do peito e vestira jean e camiseta. Sanna ainda achava que o marido era o homem mais bonito que já vira. Amava-o tanto que doía.

Fechou a gaveta e olhou para o corredor onde os filhos estavam a brincar. Estavam mais tranquilos do que era costume. Mais sérios. Nils empurrava os seus carrinhos para a frente e para trás, enquanto Melker fazia lutas com os seus bonecos articulados. Ambos brincavam sem fazer os efeitos sonoros habituais e sem brigar um com o outro, o que raramente acontecia.

— Achas que eles... — Sanna desatou a chorar e teve de recomeçar. — Achas que eles estão bem?

— Não têm um único arranhão.

— Não digo fisicamente — Sanna não conseguia compreender como Christian podia ser tão frio e estar tão calmo. Parecia tão chocado de manhã, confuso e assustado como ela. Agora, agia como se nada tivesse acontecido, ou como se tudo não passasse de uma ninharia.

Alguém tinha entrado lá em casa enquanto dormiam e tinha ido ao quarto dos filhos. E agora, se calhar, as crianças nunca iam deixar de ter medo e de se sentir inseguras, nunca mais conseguindo viver convencidas de que nada lhes poderia acontecer quando estivessem em casa, nas suas camas.

Que nada lhes aconteceria quando os pais estivessem ali, a escassos metros de distância. O sentimento de segurança dos filhos podia ter desaparecido para sempre. No entanto, o pai estava para ali sentado, tão calmo e distante como não se importasse. E, por causa disso, naquele momento em particular, Sanna odiou-o.

— As crianças esquecem-se depressa das coisas — disse Christian, olhando para baixo, para as mãos.

Sanna reparou que o marido tinha arranhões profundos na palma de uma mão e interrogou-se como os teria feito. Mas não lhe perguntou. Ao contrário do que era habitual, não fez perguntas. Seria o fim? Se Christian não conseguia deixá-la fazer parte do seu mundo nem amá-la quando havia algo horrível a ameaçá-los, talvez estivesse na altura de desistir.

Sanna continuou a fazer a mala sem se preocupar com o que atirava lá para dentro. As lágrimas faziam-na ver tudo baço, por isso ia simplesmente tirando peças de roupa dos cabides ao acaso. Por fim, a mala estava cheia e Sanna teve de sentar-se em cima dela para a conseguir fechar.

— Espera, deixa-me ajudar-te — Christian levantou-se e fez força com as

mãos sobre a mala, e Sanna correu o fecho. — Eu levo-a lá para baixo — Christian pegou na mala e levou-a para fora do quarto, passando pelos filhos.

— Porque é que temos de ir para casa da tia Agneta? Porque é que levamos tanta coisa? Vamos ficar lá muito tempo? — Melker estava tão ansioso que Christian parou a meio das escadas. Mas depois continuou sem dizer nada.

Sanna foi ter com os filhos e agachou-se ao lado deles. Tentou parecer calma quando disse:

— Vamos fingir que vamos de férias. Mas não vamos para muito longe, vamos só visitar a vossa tia e os vossos primos. Vocês costumam achar que é muito divertido. E vou fazer-vos uma sobremesa especial para o jantar desta noite. Já que estamos de férias, podem comer um docinho depois do jantar, mesmo que não seja sábado.

De início, os rapazes olharam para a mãe com alguma desconfiança, mas a promessa de guloseimas parecia ter feito magia.

— Vamos todos? — perguntou Melker. Depois o irmão repetiu, com um leve balbucio:

— Vamos todos?

Sanna respirou fundo.

— Não, só nós os três. O papai tem de cá ficar.

— É isso mesmo. O papai tem de cá ficar para lutar com as pessoas más — disse Melker.

— Que pessoas más? — perguntou Sanna, acariciando-lhe o rosto.

— As pessoas que desarrumaram o nosso quarto — Melker cruzou os braços e fez um ar zangado. — Se eles voltarem, o papai pode bater-lhes!

— O papai não vai lutar com as pessoas más porque elas não vão voltar — Sanna acariciou o cabelo de Melker, amaldiçoando Christian em silêncio. Porque é que o marido não ia com eles? Porque não dizia nada? Sanna levantou-se.

— Isto vai ser muito divertido. Uma verdadeira aventura. Vou só ajudar o papai a pôr tudo no carro e já venho buscar-vos, está bem?

— Sim — responderam os dois rapazes, embora não parecessem muito entusiasmados. Sanna sentia os olhos dos filhos cravados nas suas costas enquanto descia as escadas.

Encontrou Christian ao pé do carro, a carregar o porta-bagagens. Sanna aproximou-se dele e pegou-lhe no braço.

— Esta é a tua última oportunidade, Christian. Se souberes alguma coisa, se tiveres a mais pequena pista sobre quem nos anda a fazer isto, peço-te que me digas agora. Faz isso por nós. Se não me disseres e eu vier a descobrir que sabias alguma coisa, então acabou. Percebes? Acabou!

Christian deteve-se. A mala que segurava ficou a pairar no ar a meio

caminho do porta-bagagens. Por um momento, Sanna pensou que o marido ia mesmo dizer-lhe algo. Mas, depois, Christian afastou-lhe a mão e enfiou a mala no porta-bagagens.

— Não sei nada. Para de chatear-me!

Christian fechou o porta-bagagens com força.

Quando Patrik e Paula regressaram à delegacia, Annika travou Patrik antes que este se dirigisse ao seu gabinete.

— Mellberg acordou enquanto estavam fora. Estava um bocado chateado por não ter sido informado.

— Estive à porta do gabinete dele a bater, mas ele não abriu nem disse nada.

— Isso foi o que eu lhe disse, mas Mellberg alegou que devia estar tão concentrado no trabalho que não ouviu.

— Ah, sim, deve ser verdade — disse Patrik, sentindo-se uma vez mais completamente farto daquele chefe incompetente. Mas, para ser franco, tinha sido um alívio não ter levado Mellberg a reboque. Lançou um olhar rápido ao relógio. — Okay, vou agora mesmo informar o nosso distinto líder. Vamos encontrar-nos na cozinha para fazer o ponto da situação daqui a um quarto de hora. Informa Gösta e Martin. Já estão a caminho da delegacia.

Patrik foi direito ao gabinete de Mellberg e bateu à porta com força.

— Entre! — Mellberg parecia profundamente embrenhado a estudar uma pilha de documentos. — Soube que as coisas estão a aquecer e devo dizer que não é muito benéfico para a imagem da polícia responder a chamadas de emergência importantes sem o chefe estar presente.

Patrik abriu a boca para retorquir, mas Mellberg ergueu uma mão. Aparentemente, ainda não tinha acabado.

— Estamos a enviar um sinal errado aos cidadãos se não levarmos estas situações a sério.

— Mas...

— Não, não digas mais nada. Eu aceito as tuas desculpas. Mas não voltes a fazer isto.

Patrik sentia a pulsação a martelar-lhe os ouvidos. Grande sacana! Cerrou os punhos, mas depois abriu-os e respirou fundo. Tinha de tentar ignorar Mellberg e concentrar-se no que era importante: a investigação.

— Conta-me o que aconteceu. O que foi que descobriram? — Mellberg inclinou-se ansiosamente para a frente.

— Estava a pensar que devíamos fazer uma reunião na cozinha. Acha bem? — perguntou Patrik com os maxilares bem cerrados.

Mellberg refletiu por um momento.

— Parece-me boa ideia. Assim não temos de rever tudo duas vezes. Muito

bem, vamos começar, Hedström? Como sabes, quando se trata deste tipo de investigações, não podemos perder tempo.

Patrik voltou as costas ao chefe e saiu do gabinete. Mas de uma coisa Mellberg estava certo. Não havia tempo a perder.

**Ver Os Diários Secretos, Camilla Läckberg. (N. do T.)*

TUDO O QUE IMPORTAVA ERA SOBREVIVER. MAS ISSO EXIGIA CADA VEZ MAIS ESFORÇO A CADA ANO QUE PASSAVA. A MUDANÇA TINHA SIDO BOA PARA TODOS MENOS PARA ELE. O PAI TINHA CONSEGUIDO UM EMPREGO DE QUE GOSTAVA E A MÃE ADORAVA VIVER EM CASA DA BRUXA VELHA, REMODELANDO-A ATÉ FICAR IRRECONHECÍVEL, TINHA APAGADO TODOS OS VESTÍGIOS DA MULHER. ALICE PARECIA ESTAR A DAR-SE BEM NA ATMOSFERA CALMA E PACÍFICA DE FJÄLLBACKA, PELO MENOS DURANTE NOVE MESES DO ANO.

A MÃE ESTAVA A ENSINÁ-LA EM CASA. INICIALMENTE, O PAI OPUSERA-SE, ARGUMENTANDO QUE ALICE PRECISAVA DE SAIR E DE SE RELACIONAR COM CRIANÇAS DA SUA IDADE. PRECISAVA DE ESTAR PERTO DE OUTRAS PESSOAS. MAS A MÃE LIMITARA-SE A OLHAR PARA ELE E DISSERA COM VOZ FRIA:

— EU SOU A ÚNICA PESSOA DE QUEM ALICE PRECISA.

E A DISCUSSÃO FICOU POR ALI.

ENTRETANTO, ELE ESTAVA CONSTANTEMENTE A COMER E IA FICANDO CADA VEZ MAIS GORDO. ERA COMO SE A ÂNSIA DE COMIDA TIVESSE GANHO VIDA PRÓPRIA. ENFIAVA NA BOCA TUDO A QUE CONSEGUIA DEITAR A MÃO. MAS AQUILO JÁ NÃO CHAMAVA A ATENÇÃO DA MÃE. DE VEZ EM QUANDO LANÇAVA-LHE UM OLHAR ENOJADO, MAS NORMALMENTE IGNORAVA-O. HÁ MUITO TEMPO QUE NÃO PENSAVA NELA COMO A SUA LINDA MÃE E ANSIAVA PELO SEU AMOR. TINHA DESISTIDO, ACEITANDO O FACTO DE SER ALGUÉM QUE NINGUÉM PODERIA AMAR. NÃO MERECEIA SER AMADO.

A ÚNICA PESSOA QUE O AMAVA ERA ALICE. E A CRIANÇA ERA UMA MONSTRUOSIDADE COMO ELE. MOVIA-SE FURTIVAMENTE PELA CASA, ARRASTANDO A VOZ, E ERA INCAPAZ DE CONTROLAR ATÉ MESMO AS TAREFAS MAIS BÁSICAS. TINHA OITO ANOS E NÃO CONSEGUIA SEQUER APERTAR OS ATACADORES DOS SAPATOS. SEGUIA-O CONSTANTEMENTE COMO UMA SOMBRA. DE MANHÃ, QUANDO SAÍA PARA APANHAR O AUTOCARRO ESCOLAR, ALICE SENTAVA-SE À JANELA A OBSERVÁ-LO COM AS PALMAS DAS MÃOS PRESSIONADAS CONTRA O VIDRO E UMA EXPRESSÃO MELANCÓLICA NO ROSTO. NÃO COMPREENDIA AQUELA REACÇÃO, MAS NÃO TENTAVA IMPEDI-LA.

A ESCOLA ERA UM TORMENTO. TODAS AS MANHÃS, QUANDO

DESCIA DO AUTOCARRO, PARECIA QUE IA A CAMINHO DA PRISÃO. GOSTAVA DAS AULAS, MAS O RESTO ENCHIA-O DE TERROR. ANDAVAM SEMPRE ATRÁS DELE, A PROVOCÁ-LO E A DAR-LHE SOCOS, A VANDALIZAR-LHE O CACIFO E A GRITAR-LHE INSULTOS NO PÁTIO DA ESCOLA. NÃO ERA ESTÚPIDO, SABIA QUE ERA O BODE EXPIATÓRIO PERFEITO. AQUELE CORPO TORNAVA-O CULPADO DO PIOR DE TODOS OS PECADOS: ERA DIFERENTE. COMPREENDIA A REAÇÃO DOS COLEGAS, MAS ISSO NÃO FACILITAVA AS COISAS.

— CONSEGUES ENCONTRAR A TUA PILA QUANDO TENS DE MIJAR, OU A TUA BARRIGA NÃO DEIXA?

ERIK. DEBRUÇADO SOBRE UMA DAS MESAS DO PÁTIO DA ESCOLA, ONDE ESTAVA CERCADO POR UM GRUPO DE ACÓLITOS ANSIOSOS, COMO DE COSTUME. ERA O PIOR DE TODOS. O RAPAZ MAIS POPULAR,

BONITO E AUTOCONFIANTE. RESPONDIA AOS PROFESSORES E CONSEGUIA OS CIGARROS QUE QUERIA, FUMAVA E DISTRIBUÍA CIGARROS AOS SEUS SEGUIDORES. NÃO SABIA QUEM DETESTAVA MAIS. SE ERIK, QUE PARECIA MOVIDO POR MALDADE PURA E ESTAVA SEMPRE À PROCURA DE NOVAS FORMAS DE O MALTRATAR, OU OS IDIOTAS TROCISTAS QUE SE SENTAVAM AO LADO DELE, CHEIOS DE ADMIRAÇÃO PELO COLEGA POPULAR E APROVEITANDO-SE DA SUA GLÓRIA.

AO MESMO TEMPO, DARIA TUDO PARA SER UM DELES. PARA SER AUTORIZADO A SENTAR-SE À MESA COM ERIK, ACEITAR OS CIGARROS QUE OFERECIA E COMENTAR AS GAROTAS QUE IAM PASSADO E QUE REAGIAM COM RISINHOS DELEITADOS E FACES CORADAS.

— EI! ESTOU A FALAR CONTIGO. QUANDO TE FAÇO UMA PERGUNTA, TU RESPONDES-ME! — ERIK DESCEU DA MESA E OS OUTROS DOIS OBSERVAVAM-NO COM ENTUSIASMO. O OLHAR DE MAGNUS, CRUZOU-SE COM O SEU. ÀS VEZES, PENSAVA CAPTAR UM VISLUMBRE DE COMPAIXÃO NA EXPRESSÃO DO RAPAZ, MAS, SE ASSIM FOSSE, NÃO ERA SUFICIENTE PARA MAGNUS SE ATREVER A CAIR EM DESGRAÇA JUNTO DE ERIK. KENNETH ERA PURA E SIMPLEMENTE UM COBARDE, E EVITAVA SEMPRE OLHÁ-LO NOS OLHOS. AGORA OLHAVA PARA ERIK, COMO SE ESTIVESSE À ESPERA DE CUMPRIR ORDENS. MAS, NESSE DIA, ERIK PARECIA NÃO TER ENERGIA PARA CAUSAR PROBLEMAS, PORQUE VOLTOU A SENTAR-SE E DISSE COM UMA RISADA:

— SAI DAQUI, GORDO NOJENTO! SE TE APRESSARES, HOJE NÃO LEVAS UM ENXERTO.

SÓ QUERIA PERMANECER FIRME E MANDAR ERIK PARA O

INFERNO. COM MOVIMENTOS PRECISOS E PODEROSOS, DARIA UMA TAL SOVA A ERIK QUE TODOS AQUELES QUE O RODEAVAM IAM CONTEMPLAR A QUEDA DO SEU HERÓI. ENTÃO, COM GRANDE ESFORÇO ERIK ERGUERIA A CABEÇA DO CHÃO, COM O NARIZ A SANGRAR, E OLHARIA FINALMENTE PARA ELE COM RESPEITO. A PARTIR DESSE MOMENTO GANHARIA UM LUGAR NO GRUPO. PASSARIA A PERTENCER AO GRUPO.

EM VEZ DISSO, VOLTOU AS COSTAS E DESATOU A CORRER. TÃO DEPRESSA QUANTO PÔDE, CRUZOU O PÁTIO DA ESCOLA. O PEITO DOÍALHE E OS ROLOS DE GORDURA NO CORPO ABANAVAM PARA CIMA E PARA BAIXO. OUVIU-OS A RIR ENQUANTO SE AFASTAVA.



ERICA PASSOU PELA ROTUNDA DE KORSVÄGEN COM O CORAÇÃO APERTADO. O trânsito em Gotemburgo punha-a sempre nervosa e aquele ponto do percurso era o pior. Mas nada aconteceu e ela subiu lentamente a Eklandagatan, procurando a rua onde tinha de virar.

Rosenhillsgatan. O prédio ficava no final da rua, com vista para Korsvägen¹⁸ e Liseberg¹⁹. Verificou a morada e, em seguida, estacionou o carro à frente da entrada. Olhou para o relógio. O plano era tocar à campainha e esperar que alguém estivesse em casa. Caso contrário, tinha combinado com Göran passar umas horas a conversar com ele e a mãe antes de tentar novamente. Se tivesse de ser assim, chegaria muito tarde a Fjällbacka, pelo que fez figas para que o atual inquilino estivesse em casa. Memorizara o nome por causa dos telefonemas que fizera a caminho de Gotemburgo, e encontrou-o imediatamente junto do intercomunicador do edifício. Janos Kovács.

Carregou no botão. Nenhuma resposta. Tentou de novo e então ouviu um barulho, e uma voz com um forte sotaque perguntou:

— Quem é?

— Chamo-me Erica Falck. Gostava de fazer-lhe algumas perguntas sobre alguém que morava no seu apartamento. Christian Thydell — Erica esperou, tensa.

Aquela explicação soava algo suspeita, até mesmo aos seus próprios ouvidos, mas esperava que o homem fosse suficientemente curioso para a deixar entrar. Um zumbido na porta mostrou que estava com sorte.

O elevador parou no segundo andar e Erica saiu. Uma das três portas estava entreaberta e, olhando para ela através da abertura, estava um homem baixo e

ligeiramente obeso na casa dos sessenta. Quando viu a barriga enorme de Erica, retirou a corrente de segurança e abriu a porta.

— Entre, entre! — convidou efusivamente.

— Obrigada — disse Erica, entrando. As suas narinas captaram um aroma intenso de anos e anos de cozinhados muito condimentados e Erica sentiu o estômago a revolver-se. O cheiro não era realmente desagradável, mas a gravidez fazia com que o olfato fosse sensível a odores particularmente penetrantes.

— Tenho café. Bom e forte — o homem apontou para uma pequena cozinha do outro lado da sala. Erica seguiu-o, lançando um olhar de relance para o que parecia ser a única outra divisão do apartamento, funcionando como sala de estar e quarto.

Então era ali que Christian vivera antes de se mudar para Fjällbacka. Erica sentiu o coração a bater mais depressa, tal era a expectativa.

— Sente-se! — Janos Kovács quase a empurrou para uma cadeira de espaldar direito e depois serviu-lhe café. Com um grito triunfante, colocou uma grande bandeja de bolos à sua frente.

— Bolos de sementes de papoila. Especialidade húngara! A minha mãe manda-me sempre pacotes de bolos de sementes de papoila, porque sabe que sou louco por eles. Coma um — Janos fez sinal para que se servisse; por isso, Erica tirou um bolo do prato e deu-lhe uma dentada um pouco a medo. Um sabor novo, sem dúvida, mas agradável. De repente percebeu que não tinha comido nada desde o pequeno-almoço e o estômago roncou de gratidão enquanto Erica engolia o primeiro bocado de bolo.

— Tem de comer por dois. Coma outro, coma dois, os que quiser! — Janos Kovács empurrou o prato para mais perto dela, com os olhos a brilhar. — É um grande bebê — comentou com um sorriso, apontando para a barriga de Erica.

Erica retribuiu o sorriso. O bom humor de Janos era contagiante.

— Bem, na verdade são dois.

— Ah, gémeos! — o homem bateu palmas de alegria. — Que bênção.

— O senhor tem filhos? — perguntou Erica com a boca cheia de bolo. Janos Kovács ergueu o queixo e disse com orgulho:

— Tenho dois belos filhos. Já são crescidos. Têm ambos bons empregos. Na Volvo. E tenho cinco netos.

— E a sua mulher? — perguntou cautelosamente Erica, olhando em redor. Não parecia viver nenhuma mulher no apartamento. Kovács ainda estava a sorrir, mas não tão alegremente como antes.

— Há cerca de sete anos, chegou a casa um dia e disse: «Vou-me embora.» E foi mesmo — Janos abriu os braços. — Foi então que me mudei para aqui. Vivíamos neste prédio, num apartamento de duas assoalhadas mais abaixo — Janos

apontou para o chão. — Mas quando tive de reformar-me antecipadamente e a minha mulher me deixou não consegui continuar a morar lá. E como, na mesma altura, Christian conheceu uma rapariga e estava prestes a ir-se embora, bem, mudei-me para cá. E foi o melhor que podia ter acontecido! — exclamou, parecendo estar a ser sincero.

— Quer dizer que conhecia Christian antes de ele se mudar? — perguntou Erica, bebendo um pouco de café, que era delicioso.

— Bem, não diria que o conhecia. Mas cruzamos muitas vezes aqui no prédio. Sou muito habilidoso — disse Kovács, erguendo as mãos. — Por isso dou uma ajudinha aos vizinhos sempre que posso. E Christian nem uma lâmpada sabia mudar.

— Acredito — disse Erica, sorrindo.

— Conhece-o? Porque está a fazer-me perguntas sobre ele? Ele já se mudou daqui há muitos anos. Espero que não lhe tenha acontecido nada.

— Sou jornalista — respondeu Erica, assumindo o papel que tinha decidido adotar durante a viagem até a cidade. — Christian agora é escritor e eu estou a escrever um artigo de fundo sobre ele, por isso estou a tentar descobrir um pouco sobre o seu passado.

— Christian é escritor? Ena, muito bem! Ele andava sempre com um livro na mão. E tinha uma parede inteira do apartamento coberta de livros.

— Sabe o que ele fazia quando morava aqui? Onde trabalhava? Janos Kovács abanou a cabeça.

— Não, não sei. E nunca perguntei. É importante respeitar a privacidade de um vizinho. Não sermos demasiado intrometidos. Se alguém quer falar sobre si próprio, acaba por fazê-lo.

Parecia uma filosofia saudável e Erica desejou que mais pessoas em Fjällbacka partilhassem a atitude de Kovács.

— Christian recebia muitas visitas?

— Nunca. Na verdade, eu tinha uma certa pena dele. Estava sempre sozinho. Isso não é bom para as pessoas. Todos nós precisamos de companhia.

Quanto a isso tinha razão, pensou Erica, esperando que o próprio Janos Kovács tivesse alguém que fosse visitá-lo de vez em quando.

— Ele deixou alguma coisa aqui quando se mudou? Na cave, talvez?

— Não, o apartamento estava vazio quando me mudei para cá. Não havia nada.

Erica decidiu desistir. Janos Kovács parecia não ter mais nenhuma informação sobre a vida de Christian. Agradeceu e depois, educadamente mas com firmeza, recusou quando o húngaro lhe ofereceu um saco de bolos para levar para casa.

Estava a sair quando Kovács a deteve.

— Espere! Não sei como me pude esquecer. Talvez esteja a começar a ficar um pouco senil — Janos bateu com o dedo na testa e depois virou-se e dirigiu-se à divisão principal do apartamento. Passado um momento voltou, segurando uma coisa na mão. — Quando vir Christian, pode entregar-lhe isto? Diga-lhe que fiz como ele disse e deitei fora todo o correio que veio em nome dele. Mas estes... Bem, pensei que parecia um pouco estranho pô-los no lixo. Tendo em conta que tem chegado um ou dois todos os anos desde que ele se mudou, parece claro que alguém está realmente a tentar localizá-lo. Nunca consegui saber o novo endereço de Christian, por isso guardei-os. Então, se não se importa, entregue-os e dê-lhe os meus cumprimentos — Kovács sorriu alegremente e entregou-lhe um maço de envelopes brancos.

Erica sentiu as mãos a começarem a tremer quando os tirou da mão de Janos.



DE REPENTE, O SILÊNCIO ECOOU PELA CASA. Christian sentou-se à mesa da cozinha e apoiou a cabeça nas mãos. As têmporas latejavam-lhe e a comichão recomeçara. O corpo inteiro ardia-lhe e sentiu uma picada quando começou a esfregar os cortes na palma da mão. Fechou os olhos e inclinou-se para a frente, encostando a face ao tampo da mesa. Tentou afundar-se no silêncio e afastar a sensação de que algo estava a tentar arrastar-se para fora da sua pele.

Um vestido azul. Passou a flutuar sob as pálpebras. Desaparecia e voltava a aparecer. O bebê nos braços dela. Porque é que nunca via o rosto do bebê? Era sempre um vazio sem contornos definidos. Será que alguma vez o conseguira imaginar corretamente? Ou teria o bebê sido sempre ofuscado pelo seu enorme amor por ela? Não conseguia recordar-se. Já passara tanto tempo.

Christian começou a chorar em silêncio e as lágrimas iam formando lentamente uma pequena poça sobre a mesa. Depois vieram os soluços. Elevaram-se dentro do peito e libertaram-se até lhe sacudirem o corpo todo. Christian ergueu a cabeça. Tinha de obrigar as imagens a desaparecer, de fazê-la desaparecer. Caso contrário, ia rebentar e enlouquecer. Deixou a cabeça voltar a tombar pesadamente sobre a mesa e a face embateu contra a superfície com toda a força. Sentiu a madeira contra a pele e ergueu a cabeça uma e outra vez, batendo com ela contra o tampo duro. Comparada com a comichão e o ardor que sentia por dentro, aquela dor era quase agradável. Mas não era suficiente para o livrar das imagens. Ela continuava ali, tão nítida como antes, em tamanho natural, mesmo à sua frente.

Sorria-lhe e estendia-lhe a mão. Estava tão perto que poderia ter-lhe tocado caso se aproximasse um pouco mais.

Teria ouvido um ruído no andar de cima? Imobilizou-se abruptamente, com a cabeça a escassos centímetros da mesa, como se alguém tivesse de repente carregado no botão de pausa no filme da sua vida. Ficou à escuta sem mexer um músculo. Sim, ouvia realmente algo lá em cima. Pareciam passos abafados.

Sentou-se lentamente, o corpo completamente tenso, em alerta máximo. Depois levantou-se da cadeira e, tão silenciosamente quanto pôde, dirigiu-se às escadas. Apoiando-se ao corrimão, começou a subir, mantendo-se perto da parede, onde os degraus rangiam menos. Pelo canto do olho viu algo a flutuar, a deslizar rapidamente pelo corredor do primeiro andar. Ou estaria a imaginar coisas? Porque o ruído tinha desaparecido e a casa estava novamente em silêncio.

Um degrau rangeu sob os seus pés e Christian conteve a respiração. Se ela estivesse lá em cima, saberia que estava a aproximar-se. Estaria à sua espera? Sentiu-se invadido por uma calma estranha. A família tinha-se ido embora. Ela já não lhes podia fazer mais mal. Só ali estava ele; aquilo era entre os dois, tal como tinha sido desde o início.

Uma criança choramingou. Seria realmente uma criança? Ouviu novamente o choro, mas agora parecia mais um dos muitos ruídos que uma velha casa costumava produzir. Christian subiu lentamente mais alguns degraus na direção do primeiro andar. O corredor estava vazio. O único som que se ouvia era a sua própria respiração.

A porta do quarto dos rapazes estava aberta. Lá dentro reinava o caos. Os técnicos da polícia tinham tornado as coisas ainda piores, pois as manchas pretas do pó para impressões digitais cobriam agora todo o quarto. Christian sentou-se no meio do chão, de frente para as palavras escritas na parede. À primeira vista, a tinta ainda parecia sangue. Não os mereces.

Sabia que ela tinha razão. Não os merecia. Christian continuava a fitar as palavras, deixando a mensagem amadurecer-lhe na consciência. Tinha de resolver aquilo. Só ele podia resolver aquilo. Em silêncio, leu novamente as palavras. Ela queria-o. E Christian sabia onde ela queria que fosse. Christian ia dar-lhe o que ela queria.

— Vai ser uma reunião curta. — Patrik pegou numa toalha de papel do rolo de cozinha por cima da bancada para limpar a testa. Estava a transpirar que nem um louco. Devia estar em muito pior forma do que pensava. — A situação é a seguinte: Kenneth Bengtsson está no hospital. Daqui a pouco, Gösta e Martin vão dizer-nos o que souberam — Patrik acenou-lhes com a cabeça. — E alguém entrou em casa de Christian Thydell a noite passada. Quem quer que fosse não maltratou fisicamente ninguém, mas escreveu uma mensagem a tinta vermelha na parede do quarto das

crianças. É óbvio que toda a família está em estado de choque. Temos de assumir que estamos a lidar com uma pessoa com um parafuso a menos, o que significa que pode ser perigosa.

— Claro que eu também gostava de ter ido convosco hoje de manhã, quando foram tomar conta da ocorrência — interrompeu Mellberg, aclarando a garganta. — Infelizmente, não fui informado do que estava a acontecer.

Patrik optou por ignorá-lo e prosseguiu, voltando a olhar para Annika.

— Já descobriste mais alguma coisa sobre o passado de Christian? Annika hesitou.

— Julgo que sim, mas gostava de voltar a verificar algumas coisas.

— Está bem — disse Patrik, virando-se depois para Gösta e Martin. — O que foi que descobriram quando falaram com Kenneth? E, já agora, como é que ele está?

Martin olhou de relance para Gösta, que lhe fez sinal para começar.

— Os ferimentos não o põem em risco de vida. Mas, de acordo com os médicos, tem muita sorte em estar vivo. Os pedaços de vidro fizeram-lhe cortes profundos nos braços e nas pernas. Se algum vidro lhe tivesse perfurado uma artéria principal, Kenneth teria morrido no circuito de manutenção.

— A questão é: que pretende o autor do crime? Será que ele, ou ela, apenas quiseram ferir Kenneth? Ou foi uma tentativa de assassinato? Ninguém parecia querer responder à pergunta de Patrik, por isso, Martin prosseguiu: — Kenneth disse que toda a gente sabia que ele fazia o mesmo percurso todos os dias e exatamente à mesma hora. Como tal, podemos considerar toda a população de Fjällbacka suspeita.

— Mas não devemos supor que quem cometeu o crime é daqui. Pode tratar-se de alguém que tenha simplesmente passado por Fjällbacka — interrompeu Gösta.

— Então como é que conhecia os hábitos matinais de Kenneth? Não parece mais provável que o criminoso viva aqui? — perguntou Martin.

Patrik refletiu por um momento.

— Bem, julgo que não podemos descartar alguém que não viva aqui. Pode ter cá estado apenas o tempo suficiente para observar Kenneth por alguns dias e confirmar que era uma pessoa de hábitos — disse, acrescentando: — O que tem ele a dizer? Tem alguma ideia de quem possa ter feito aquilo?

Gösta e Martin trocaram novamente olhares, mas desta vez foi Gösta quem falou.

— Kenneth diz que não tem a mais pequena pista, mas Martin e eu temos a impressão de que está a mentir. Sabe alguma coisa mas, por algum motivo, não a revela. Empregou a palavra «ela» em relação ao autor do crime.

— A sério? — um sulco profundo apareceu entre as sobrancelhas de Patrik.

— Fiquei com a mesma sensação quando falei com Christian... que está a esconder alguma coisa. No caso de Christian, toda a família parece correr perigo. E Kenneth está convencido de que a mulher foi assassinada, apesar de ainda não termos determinado se isso é verdade ou não. Porque será que não querem colaborar connosco?

— Christian também não disse nada? — Gösta separou cuidadosamente as duas secções de uma bolacha Ballerina e lambeu o recheio. Passou a metade de baunilha a Ernst, que estava deitado aos seus pés debaixo da mesa.

— Não, não consegui sacar-lhe nada — respondeu Patrik. — Estava claramente em estado de choque. Mas continua a insistir que não sabe quem anda a fazer estas coisas, ou porquê, e até agora não há nada que o contradiga. É só um pressentimento meu, tal como o vosso em relação a Kenneth. E também insiste teimosamente em permanecer em casa. Ainda bem que mandou Sanna e as crianças para casa de Agneta, a irmã dela, em Hamburgsund. Esperemos que estejam seguros por lá.

— Os técnicos encontraram alguma coisa com interesse? Falaste-lhes do trapo, não foi? E da garrafa? — perguntou Gösta.

— Pelo menos estiveram lá bastante tempo. E sim, levaram os objetos que encontrei na cave. Torbjörn pediu-me para te dizer «bom trabalho», por sinal. Mas, como de costume, ainda vai demorar até termos resultados concretos. Tenciono telefonar outra vez a Pedersen para lhe pedir que apresse um pouco as coisas. Não consegui contactá-lo esta manhã. Espero que consigam despachar-se, para termos os relatórios das autópsias quanto antes. Tendo em conta como isto está a começar a crescer, não podemos dar-nos ao luxo de perder mais tempo.

— Diz-me se quiseses que eu telefone a Pedersen por ti. Só para dar um pouco mais de peso ao pedido — disse Mellberg.

— Obrigado, mas vou tentar fazer isto sozinho. Vai ser difícil, mas vou dar o meu melhor.

— Tudo bem. Era só para saberem que estou aqui para ajudar. Podem sempre contar comigo — concluiu Mellberg.

— Paula, o que disse a mulher de Christian? — perguntou Patrik, virando-se para a colega. Tinham feito a viagem de regresso de Fjällbacka juntos, mas Patrik não tinha tido tempo de perguntar nada sobre Sanna. O celular não parara de tocar.

— Não me parece que saiba nada — respondeu Paula. — Está muito confusa e perturbada. E assustada. Acha que Christian não sabe quem fez aquilo, mas hesitou um pouco quando o disse... o que me leva a suspeitar que não tem bem a certeza. Pode ser útil falar novamente com ela em circunstâncias mais calmas, quando o efeito do choque estiver mais esbatido. É verdade, gravei a nossa conversa, para que a possas ouvir, se quiseses. A fita está na minha secretária.

Talvez consigas apanhar alguma coisa que me tenha escapado.

— Obrigado — disse mais uma vez Patrik, mas agora estava a ser sincero. Sabia que podia sempre confiar em Paula e era ótimo tê-la na equipe de investigação.

Patrik olhou para o pequeno grupo reunido na cozinha.

— Muito bem, então estamos conversados. Annika, continua a trabalhar no material sobre o passado de Christian e já voltamos a falar contigo daqui a umas horas. Tinha pensado ir a casa de Cia com Paula, mas ainda não conseguimos, e agora parece ainda mais urgente, depois do que aconteceu esta manhã. A morte de Magnus está de alguma forma relacionada com tudo o que se passou entretanto, disso tenho a certeza.

Erica foi a uma cafetaria e pediu um café para poder sentar-se um pouco em paz e sossego enquanto lia as cartas. Não tinha quaisquer escrúpulos em abrir o correio de outra pessoa. Se Christian estivesse muito interessado em recebê-las, teria dado a Janos Kovács a nova morada ou teria pedido aos correios para as reencaminhar.

As mãos tremiam-lhe um pouco quando começou a abrir o primeiro envelope. Pusera umas luvas de pele, que tinha sempre no carro. Teve dificuldade em abrir o envelope e, quando tentou utilizar uma faca, quase entornou o copo alto de café com leite sobre as outras cartas. Afastou rapidamente o copo para uma distância segura.

Não reconheceu a letra do envelope. Não era a mesma das cartas ameaçadoras que tinha visto e pensou que mais parecia letra de homem do que de mulher. Tirou a folha de papel e desdobrou-a. Ficou surpreendida. Estava à espera de encontrar uma carta mas, em vez disso, deu por si a olhar para um desenho infantil. Estava a segurá-lo de pernas para o ar, por isso virou-o para o observar corretamente. Duas pessoas, duas figuras. Uma grande e outra pequena. A grande pegava na mão da mais pequena e ambas pareciam felizes. Havia flores em redor e o Sol brilhava no canto superior direito. Estavam sobre uma linha verde, que devia ser relva. Por cima da figura grande, alguém tinha escrito «Christian» com letra irregular. Sobre a figura mais pequena lia-se «Eu».

Erica pegou no copo de café com leite e deu um gole. Apercebeu-se de que a espuma espessa lhe tinha deixado um bigode de leite sobre o lábio, que limpou distraidamente à manga da camisola. Quem era «Eu»? Quem era a pessoa mais baixa ao lado de Christian?

Pousou o copo e estendeu a mão para os outros envelopes, que foi abrindo rapidamente. Quando acabou, tinha à sua frente uma pequena pilha de desenhos sobre a mesa. Na sua opinião, tinham sido todos feitos pela mesma pessoa. Cada desenho mostrava duas figuras: o grande «Christian» e o pequeno «Eu». De resto, o

cenário era diferente em cada desenho. Num deles, a figura maior estava no que parecia ser uma praia e a cabeça e os braços da figura mais pequena despontavam da água. Outro tinha edifícios ao fundo, incluindo uma igreja. Apenas na última foto havia mais figuras. Mas era difícil dizer exatamente quantas eram, porque havia uma misturada de braços e pernas. Aquele desenho também era mais escuro do que os outros, sem flores nem Sol. A figura maior fora banida para o canto esquerdo. Já não tinha uma boca sorridente e a figura pequena não parecia feliz. Outro canto estava coberto de riscos pretos. Erica semicerrou os olhos, tentando descobrir o que poderiam ser, mas estavam desenhados desajeitadamente e era impossível saber o que representavam.

Olhou de relance para o relógio, apercebendo-se de repente de que queria ir para casa. Havia algo no último desenho que lhe dera a volta ao estômago. Não sabia ao certo porquê, mas aquele desenho em particular tinha-a afetado profundamente.

Com esforço, Erica levantou-se. Decidiu que afinal não ia visitar Göran. Sem dúvida que o irmão ficaria decepcionado, mas teriam de encontrar-se noutra dia.

Passou todo o caminho de regresso a Fjällbacka a pensar naquilo tudo. Os desenhos continuavam a passar-lhe velozmente pela retina. A figura grande de Christian e a mais pequena, «Eu». Sabia instintivamente que aquele «Eu» era a chave de tudo. E só havia uma pessoa que poderia dizer-lhe quem era. De manhã cedo iria ter uma conversa com Christian. Desta vez, o amigo teria de responder às suas perguntas.

— Que coincidência. Ia mesmo agora ligar-lhe — a voz de Pedersen era tão seca e correta como sempre. Mas Patrik sabia que sob aquela fachada lacônica havia sentido de humor. Já ouvira Pedersen dizer uma piada ou outra, embora isso não acontecesse com muita frequência.

— A sério? Bem, estava aqui a perguntar-me se lhe poderia pedir para apressar um pouco as coisas. Precisamos de informações. Qualquer coisa que possa ajudar-nos a fazer progressos na investigação.

— Não sei se vou conseguir ajudar. Mas fiz realmente questão de acelerar as autópsias referentes ao seu caso. Terminamos o relatório sobre Magnus Kjellner ontem à noite e acabo de concluir a de Lisbet Bengtsson.

Patrik imaginou repentinamente Pedersen a falar com ele ao telefone com a bata manchada de sangue e de luvas cirúrgicas postas.

— Então, qual é o veredicto?

— Vamos começar com o óbvio: não há dúvida de que Kjellner foi assassinado. Podia ter chegado a essa conclusão apenas com um exame visual superficial, mas nunca se sabe. Ao longo dos anos encontrei uma série de casos em que o indivíduo morreu de causas perfeitamente naturais, e foi ferido após a morte.

— Mas não foi isso que aconteceu neste caso, pois não?

— Não, de forma alguma. A vítima tinha uma série de ferimentos no peito e no estômago que foram provocados por um instrumento cortante, provavelmente uma faca. Sem dúvida que foi isso que o matou. Kjellner foi atacado de frente e apresentava ferimentos clássicos de defesa nas mãos e nos antebraços.

— Consegue dizer que tipo de faca foi utilizada?

— Prefiro não especular mas, a julgar pelos ferimentos, posso dizer que só pode ter sido uma faca de lâmina lisa. E... — Pedersen fez uma pausa para dar efeito dramático. — Diria que é algum tipo de faca de peixe — afirmou com satisfação.

— Como é que consegue fazer a distinção? — perguntou Patrik. — Deve haver um milhão de modelos diferentes de facas.

— Tem razão. E não posso provar que se trata realmente de uma faca de peixe. Mas tenho a certeza de que se trata de uma faca utilizada para amanhoar peixe.

— Certo, mas como sabe isso? — Patrik estava a sentir-se impaciente e desejou que Pedersen não gostasse tanto de injetar drama nos relatórios. O patologista forense já tinha toda a sua atenção.

— Encontrei escamas de peixe — disse Pedersen.

— Ah sim? Mas como é que ainda estavam no interior do corpo depois de ter estado tanto tempo na água? — Patrik sentia a pulsação a acelerar. Queria desesperadamente ouvir alguma coisa, qualquer coisa que lhes desse uma pista para saberem que rumo tomar.

— Provavelmente, muitas desapareceram na água. Mas encontrei algumas escamas enfiadas nas feridas. Enviei-as para o laboratório para ver se é possível determinar a espécie do peixe. Espero que vos possa ser útil.

— É possível — retorquiu Patrik, embora pensasse que aquela informação não tinha qualquer importância. Afinal, tratava-se de Fjällbacka. Uma comunidade onde as escamas de peixe eram uma parte regular da vida diária.

— Mais alguma coisa de Kjellner?

— Nem por isso — Pedersen parecia um pouco desiludido por Patrik não ter ficado mais entusiasmado com o seu achado. — Kjellner foi apunhalado e, presumivelmente, teve morte imediata. Parece ter sangrado muito. O local do crime deve ter parecido um matadouro.

— O cadáver de Magnus foi atirado à água logo a seguir?

— É impossível sabermos isso — respondeu Pedersen. — A única coisa que lhe posso dizer é que esteve muito tempo na água e parece mais provável que tenha ido lá parar logo depois de ter morrido. Mas isto baseia-se mais no modo como o assassino terá reagido e não em qualquer prova científica. Por isso vai ser difícil de provar. Vou enviar-lhe o meu relatório por fax, como é costume.

— E quanto a Lisbet Bengtsson? A que conclusão chegou?

— Teve morte natural.

— Tem a certeza?

— Realizei uma autópsia muito meticulosa — Pedersen parecia ofendido.

— Está então a dizer que Lisbet não foi assassinada?

— Exatamente — respondeu Pedersen, ainda algo ofendido. — Devo até dizer que acho que foi um pequeno milagre que tenha vivido tanto tempo. O cancro tinha alastrado a todos os órgãos vitais. Lisbet Bengtsson era uma mulher muito doente. Morreu pura e simplesmente durante o sono.

— Quer dizer que Kenneth estava errado — murmurou Patrik para si mesmo.

— Como disse?

— Não é nada. Estava a pensar em voz alta. Obrigado por dar prioridade ao nosso caso. De momento, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos.

— As coisas estão assim tão ruins? — perguntou Pedersen.

— Sim, francamente ruins.

TINHAM ALGO EM COMUM, ELE E ALICE. AMBOS ADORAVAM O VERÃO. NO SEU CASO, PORQUE NÃO TINHA DE IR À ESCOLA E LIVRAVA-SE DOS SEUS CARRASCOS. PARA ALICE, PORQUE PODIA IR NADAR NO MAR. PASSAVA TODO O TEMPO QUE PODIA NA ÁGUA. NADAVA PARA A FRENTE E PARA TRÁS E FAZIA ACROBACIAS. TODOS OS CONSTRANGIMENTOS QUE O CORPO APRESENTAVA EM TERRA DESAPARECIAM IMEDIATAMENTE ASSIM QUE ENTRAVA NA ÁGUA. AÍ MOVIMENTAVA-SE LIVREMENTE E COM FACILIDADE.

A MÃE SENTAVA-SE A OBSERVÁ-LA DURANTE HORAS, INCENTIVANDO-A E BATENDO PALMAS ÀS HABILIDADES DA FILHA NA ÁGUA. DIZIA QUE ALICE ERA A SUA SEREIA.

MAS ALICE NÃO LIGAVA MUITO AO ENTUSIASMO DA MÃE. EM VEZ DISSO, OLHAVA PARA ELE E GRITAVA:

— VÊ ISTO! — DE MERGULHAVA DAS ROCHAS E, QUANDO REAPARECIA, SORRIA.

— VISTE AQUILO? VISTE O QUE EU FIZ? — PERGUNTAVA ANSIOSAMENTE, LANÇANDO-LHE AQUELE SEU OLHAR FAMINTO. MAS ELE NUNCA RESPONDIA. APENAS DESVIAVA POR UM MOMENTO O OLHAR DO LIVRO QUE ESTAVA A LER, SENTADO NUMA TOALHA QUE TINHA ESTENDIDO SOBRE AS ROCHAS. NÃO PERCEBIA O QUE A IRMÃ QUERIA DELE.

A MÃE COSTUMAVA RESPONDER POR ELE, DE DE LANÇAR UM OLHAR IRRITADO E ATÔNITO NA DIREÇÃO DA GAROTA. NÃO COMPREENDIA. ERA A ÚNICA PESSOA QUE DEDICAVA TODO O TEMPO E AMOR A ALICE.

— EU VI, MINHA QUERIDA! FOI FANTÁSTICO! — GRITAVA. MAS ERA COMO SE ALICE NÃO OUVISSE A VOZ DA MÃE. E ENTÃO, ALICE GRITAVA-LHE OUTRA VEZ:

— OLHA AGORA! VÊ O QUE EU CONSIGO FAZER! — E COMEÇAVA A NADAR CRAWL EM DIREÇÃO AO HORIZONTE. O MOVIMENTO DOS BRAÇOS ERA PERFEITAMENTE COORDENADO E RITMADO.

A MÃE LEVANTOU-SE, PREOCUPADA.

— ALICE, QUERIDA, NÃO VÁS MAIS LONGE DO QUE ISSO — ERGUEU UMA MÃO E PÔ-LA EM PALA SOBRE OS OLHOS. — ALICE ESTÁ A NADAR DEMASIADO LONGE DA PRAIA. VAI BUSCÁ-LA!

TENTOU SER COMO ALICE E FINGIU QUE NÃO TINHA OUVIDO.

LENTAMENTE, VIROU A PÁGINA, CONCENTRANDO-SE NAS PALAVRAS, NAS LETRAS PRETAS SOBRE O PAPEL BRANCO. MAS DE SENTIU UMA DOR ARDENTE NO COURO CABELUDO. A MÃE TINHA-O AGARRADO PELO CABELO E ESTAVA A PUXAR COM QUANTA FORÇA TINHA. PÔS-SE DE PÉ E A MÃE SOLTOU-O.

— VAI BUSCAR A TUA IRMÃ. MEXE ESSE RABO GORDO E FAZ COM QUE ELA NADE OUTRA VEZ ATÉ À PRAIA.

POR UM MOMENTO, LEMBROU-SE DA MÃO DELA A PEGAR NA SUA MÃO QUANDO TINHAM IDO NADAR JUNTOS — O MODO COMO O TINHA DEIXADO IR E COMO FORA ARRASTADO PARA O FUNDO. DESDE ESSE DIA QUE NÃO GOSTAVA DE NADAR. HAVIA QUALQUER COISA DE TERRÍVEL NA ÁGUA. HAVIA COISAS SOB A

SUPERFÍCIE QUE NÃO CONSEGUIA VER E EM QUE NÃO CONFIAVA.

A MÃE AGARROU-LHE O ROLO DE GORDURA EM TORNO DA CINTURA E APERTOU-O COM FORÇA.

— VAI BUSCÁ-LA. AGORA! SENÃO VOU DEIXAR-TE AQUI QUANDO VOLTAR PARA CASA — O TOM DA VOZ DELA NÃO LHE DAVA ESCOLHA. SABIA QUE A MÃE ESTAVA A FALAR A SÉRIO. SE NÃO FIZESSE O QUE ELA DIZIA, IA MESMO DEIXÁ-LO ALI, NAQUELA ILHA.

COM O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO, DIRIGIU-SE PARA A MARGEM. TEVE DE FAZER UM ESFORÇO SOBRE-HUMANO PARA SE MOVER PARA A FRENTE E DE SALTAR PARA DENTRO DE ÁGUA. NÃO SE ATREVIA A MERGULHAR DE CABEÇA, COMO ALICE, LIMITANDO-SE ANTES A SALTAR DE PÉS PARA O MAR. ENTROU-LHE ÁGUA PARA OS OLHOS E TEVE DE OS PISCAR PARA PODER VOLTAR A VER. SENTIU O PÂNICO A APODERAR-SE DELE. A RESPIRAÇÃO ERA RÁPIDA E SUPERFICIAL. SEMICERROU OS OLHOS. LÁ LONGE, MOVENDO-SE NA DIREÇÃO DO SOL, ESTAVA ALICE. COMEÇOU A NADAR DESAJEITADAMENTE ATÉ À IRMÃ. CONSEGUIA SENTIR A MÃE A OBSERVÁ-LO, DE PÉ SOBRE AS ROCHAS, COM AS MÃOS NAS ANCAS.

NÃO SABIA NADAR CRAWL. AS BRAÇADAS ERAM DESIGUAIS E INSTÁVEIS. MAS CONTINUOU A AVANÇAR, SEMPRE CONSCIENTE DAS PROFUNDEZAS POR BAIXO DELE. O SOL CEGAVA-O E TINHA DEIXADO DE VER ALICE. APENAS VIA A LUZ BRANCA, OFUSCANTE, QUE LHE TRAZIA LÁGRIMAS AOS OLHOS. DESEJAVA ARDENTEMENTE DAR A VOLTA E SAIR DALI, MAS NÃO PODIA. TINHA DE CHEGAR ATÉ ALICE E FAZÊ-LA VOLTAR PARA A MÃE. PORQUE A MÃE AMAVA-A E ELE AMAVA A MÃE. APESAR DE TUDO, AMAVA-A.

DE REPENTE SENTIU ALGO EM TORNO DO PESCOÇO. ALGO QUE

O SEGURAVA COM FORÇA E LHE PUXAVA A CABEÇA PARA DEBAIXO DE ÁGUA. NESSE MOMENTO, SENTIU O PÂNICO REDOBRAR E AGITOU OS BRAÇOS, TENTANDO ESCAPAR E VOLTAR PARA A SUPERFÍCIE. DE, A PRESSÃO NO PESCOÇO DESAPARECEU TÃO

DEPRESSA COMO TINHA COMEÇADO E ARFOU QUANDO SENTIU DE NOVO O AR A BATER-LHE NO ROSTO.

— SOU EU, IDIOTA.

ALICE AFASTAVA A ÁGUA EM VOLTA SEM QUALQUER ESFORÇO, OLHANDO PARA ELE COM AQUELES SEUS OLHOS BRILHANTES. O CABELO PRETO QUE HERDARA DA MÃE BRILHAVA AO SOL E A ÁGUA SALGADA CINTILAVA-LHE NAS PESTANAS.

VIU NOVAMENTE AQUELES OLHOS. OS OLHOS QUE O FITAVAM DEBAIXO DE ÁGUA. O CORPO FLÁCIDO E SEM VIDA, SEM SE MEXER, APENAS DESCANSANDO NO FUNDO DA BANHEIRA. ABANOU A CABEÇA, NÃO QUERIA VER AQUELAS IMAGENS.

— A MÃE QUER QUE VOLTES — DISSE SEM FÔLEGO. NÃO CONSEGUIA NADAR NO MESMO SÍTIO TÃO FACILMENTE COMO ALICE E O CORPO PESADO FOI SENDO PUXADO PARA BAIXO, COMO SE TIVESSE PESOS PRESOS AOS MEMBROS.

— ENTÃO VAIS TER DE ME REBOCAR ATÉ À PRAIA — DISSE ALICE NAQUELE MODO ESPECIAL DELA, COMO SE A LÍNGUA NÃO CONSEGUISSE ENCONTRAR O LUGAR CERTO NA BOCA QUANDO FALAVA.

— NÃO CONSIGO FAZER ISSO. ANDA, VAMOS.

ALICE RIU E ATIROU O CABELO MOLHADO PARA TRÁS.

— SÓ VOU SE ME REBOCAR.

— MAS NADAS MUITO MELHOR DO QUE EU. POR QUE EU TE REBOCARIA? — MAS SABIA QUE ESTAVA PERDENDO TEMPO. FEZ SINAL PARA QUE ELA COLOCASSE NOVAMENTE OS BRAÇOS EM TORNO DE SEU PESCOÇO. AGORA QUE SABIA QUE ERA ELA NÃO ENTROU EM PÂNICO.

COMEÇOU A NADAR. UM PROCESSO LENTO, MAS CONSEGUIU. SENTIU A FORÇA DOS BRAÇOS DE ALICE EM TORNO DO PESCOÇO. A IRMÃ NADARA TANTO DURANTE TODO O VERÃO QUE SE NOTAVAM CLARAMENTE OS MÚSCULOS DESENVOLVIDOS DOS ANTEBRAÇOS. AGARROU-SE A ELE, DEIXANDO-O REBOCÁ-LA PARA A PRAIA COMO UM BARQUINHO. ALICE REPOUSOU O ROSTO NAS SUAS COSTAS.

— EU SOU TUA SEREIA — DISSE. — NÃO SOU A SEREIA DA MAMÃE.



— REALMENTE NÃO SEI... — Cia fitava um ponto por detrás do ombro de Patrik, que notou como a mulher de Magnus tinha as pupilas dilatadas. Presumiu que lhe tinha sido dado algum sedativo que estava a contribuir para aquela expressão distraída.

— Sei que estou constantemente a fazer-lhe as mesmas perguntas. Mas precisamos de encontrar a ligação entre a morte de Magnus e o que aconteceu hoje. Agora que determinamos que Magnus foi realmente assassinado é ainda mais importante. Pode ser alguma coisa em que não tenha pensado antes, um pormenor que nos possa ajudar a avançar — disse Paula em tom suplicante.

Ludvig apareceu na cozinha e sentou-se ao lado de Cia. Devia ter estado à escuta do lado de fora da divisão.

— Queremos ajudar — disse com voz sombria. A expressão do rapaz fazia-o parecer muito mais velho do que os seus treze anos.

— Como estão Sanna e os filhos? — perguntou Cia.

— Tiveram um choque enorme, claro — respondeu Patrik.

Durante a viagem para Fjällbacka, Patrik e Paula tinham estado a ponderar se deviam ou não contar a Cia o que tinha acontecido. A mulher de Magnus não precisava de mais más notícias. Mas tinham de contar-lhe, porque Cia descobriria em breve por amigos e conhecidos. E talvez aqueles novos acontecimentos a fizessem lembrar de alguma coisa que tivesse esquecido.

— Quem faria uma coisa dessas? E aos miúdos... — disse Cia num tom ao mesmo tempo compassivo e oco. O sedativo embotava-lhe as emoções, tornando tudo menos avassalador. Menos doloroso.

— Não sabemos — disse-lhe Patrik. As palavras pareciam ecoar pela cozinha.

— E Kenneth... — Cia abanou a cabeça.

— É por isso que temos de fazer-lhe estas perguntas. Alguém escolheu Kenneth, Christian e Erik como alvo. E também Magnus, provavelmente — disse Paula.

— Mas Magnus nunca recebeu nenhuma carta como as que os outros receberam.

— Nós sabemos. Mas continuamos a achar que a morte do seu marido está relacionada com as ameaças feitas aos outros — retorquiu Paula.

— Que dizem Erik e Kenneth disso? Não sabem quem foi? E Christian?

Algun deles deve ter alguma ideia — perguntou Ludvig, pondo um braço protetor em torno dos ombros da mãe.

— Seria o mais lógico — disse Patrik. — Mas todos dizem que não fazem a mais pequena ideia.

— Então como é que eu haveria de... — a voz de Cia sumiu-se.

— Aconteceu alguma coisa estranha desde que começaram a relacionar-se uns com os outros? Alguma coisa que lhe tenha chamado a atenção? Seja o que for? — perguntou Patrik.

— Não, nunca houve nada de anormal. Já vos disse isso. — Cia respirou fundo. — Magnus, Kenneth e Erik conhecem-se desde os tempos de escola. Eram muito unidos. Nunca pensei que Magnus tivesse muito em comum com os outros, mas se calhar continuaram amigos por força do hábito. Não é fácil fazer novos amigos aqui em Fjällbacka.

— Como era a relação entre eles? — perguntou Paula, inclinando-se para a frente.

— Como assim?

— Bem, todos os relacionamentos têm uma certa dinâmica, em que cada pessoa assume um papel diferente. Como era a amizade deles antes de Christian entrar em cena?

Cia refletiu com ar sério. Depois disse:

— Erik sempre foi o líder. Era ele quem decidia. Kenneth era... o cachorrinho. Pode parecer que estou a ser mazinha, mas Kenneth obedece à mais pequena ordem de Erik e sempre o imaginei como um cachorrinho, a abanar a cauda e a implorar a atenção dele.

— Então e Magnus? — perguntou Patrik. Cia fez nova pausa antes de responder.

— Sei que Magnus pensava que às vezes Erik se comportava como um tirano e, de vez em quando, dizia-lhe que tinha ido longe de mais. Ao contrário de Kenneth, Magnus conseguia dizer o que pensava. E Erik escutava-o.

— Nunca discutiam? — prosseguiu Patrik. Estava plenamente convicto de que a resposta estava no passado daqueles quatro homens e no relacionamento entre eles. Mas parecia estar enterrada muito fundo e estava a mostrar-se bastante difícil trazer o que quer que fosse para a luz do dia. Aquilo estava a dar com ele em doido.

— Bem, acho que discutiam de vez em quando, como as pessoas fazem quando se conhecem há muito tempo. Às vezes, Erik é um pouco impetuoso, mas Magnus era sempre tão calmo... Não o vi encolerizar-se ou mesmo levantar a voz uma única vez durante todos os anos em que estivemos juntos. E Ludvig é como o pai — Cia virou-se para o filho e acariciou-lhe a face. Ludvig sorriu-lhe, mas parecia estar a pensar em alguma coisa.

— Uma vez vi o pai chatear-se com Kenneth.

— A sério? Quando? — perguntou Cia, surpreendida.

— Não te lembras do verão em que o pai comprou a câmara de vídeo e eu andava a filmar tudo e mais alguma coisa?

— Ah, pois foi. Valha-me Deus, eras uma verdadeira praga. Uma vez entraste na casa de banho e começaste a filmar Elin sentada na sanita. A tua vida esteve por um fio quando lhe fizeste essa — os olhos de Cia brilharam e um sorriso trouxe-lhe um pouco de cor às faces.

Ludvig levantou-se tão abruptamente que a cadeira quase caiu para trás.

— Tive uma ideia. Quero mostrar-vos uma coisa! — disse o rapaz, saindo da cozinha. — Vão para a sala, volto já.

Ouviram-no a correr escadas acima. Patrik e Paula levantaram-se para fazer o que Ludvig tinha pedido. Passado um momento, Cia seguiu-lhes o exemplo.

— Aqui está — Ludvig estava de volta e segurava uma pequena fita numa mão e uma câmara de vídeo na outra.

Pegou num cabo e ligou a câmara ao televisor. Patrik e Paula observaram-no em silêncio. Patrik sentiu a pulsação a começar a acelerar.

— O que vais mostrar-nos? — perguntou Cia, sentando-se no sofá.

— Já vais ver — disse Ludvig. Inseriu a fita de vídeo e carregou no botão Play. De repente, o rosto de Magnus encheu o ecrã. Ouviram Cia a suspirar e Ludvig virou-se com ar preocupado.

— Estás bem, mãe? Se quiseres podes esperar na cozinha.

— Está tudo bem — respondeu Cia, mas os seus olhos encheram-se de lágrimas quando olhou para a televisão.

Magnus fazia palhaçadas e caretas e falava com a pessoa que estava a filmar.

— Filmei toda a festa do Solstício de verão — explicou Ludvig em voz baixa e Patrik viu que os olhos do rapaz também estavam marejados de lágrimas. — Vejam, ali estão Erik e Louise — disse, apontando.

Erik entrou pela porta do pátio e acenou para Magnus. Louise e Cia abraçaram-se e Louise entregou um embrulho à anfitriã.

— Tenho de pôr para a frente. Ainda não é aqui — disse Ludvig, carregando num botão da câmara de vídeo. O filme começou a avançar mais depressa. Veio o crepúsculo e depois escureceu.

— Pensaste que nos tínhamos ido deitar — disse Ludvig à mãe. — Mas nós nos levantamos sem perceberem e escutamos escondidos. Estavam todos bêbados e só diziam bobagens, e nós achamos muita graça.

— Ludvig! — disse Cia, envergonhada.

— Mas estavam mesmo bêbados — repetiu o filho. E, a julgar por toda

aquela agitação, Ludvig tinha conseguido captar na perfeição o estado do grupo no vídeo. Vozes altas e gargalhadas ouviam-se na noite estival; pareciam estar a divertir-se à grande.

Cia tentou dizer alguma coisa, mas Ludvig levou o dedo aos lábios.

— Chiu, estamos quase no sítio certo.

Todos olharam para o ecrã sem falar. O único som que se ouvia era o barulho da festa captado no vídeo. Então, duas pessoas levantaram-se, pegaram nos seus pratos e dirigiram-se à casa.

— Onde estavam escondidos? — perguntou Patrik.

— Na casinha de brincar. Foi perfeito. Eu conseguia filmar pela janela — Ludvig levou novamente o dedo aos lábios. — Ouçam.

Duas vozes sobressaíam na gravação. Ambas pareciam perturbadas. Patrik lançou a Ludvig um olhar inquisitivo.

— O meu pai e Kenneth — explicou Ludvig sem tirar os olhos da televisão. — Tinham-se escapulido para fumar um cigarro.

— Acho que nessa altura o pai já tinha deixado de fumar — disse Cia, inclinando-se para a frente para ver melhor.

— Às vezes fumava um cigarro ou outro, em festas e coisas assim. Nunca reparaste? — Ludvig parou a gravação para não perderem nada do que se passava no ecrã por causa da conversa.

— A sério? — disse Cia com desânimo. — Não sabia disso.

— Bem, pelo menos naquela noite, ele e Kenneth foram fumar para um canto — Ludvig apontou o controlo remoto para o ecrã e a gravação recomeçou.

Duas vozes. Era muito difícil distinguir uma da outra.

— Costumas pensar naquilo? — era Magnus quem falava.

— De que estás a falar? — perguntou Kenneth, arrastando as palavras.

— Sabes bem do que estou a falar — Magnus também parecia muito bêbado.

— Não quero falar sobre isso.

— Mas alguma vez vamos ter de falar — disse Magnus. Havia um tom quase implorante, algo vulnerável na sua voz que fez com que Patrik ficasse com os pelos dos braços em pé.

— Quem diz que temos de falar disso? O que está feito, feito está.

— Mas não sei como podemos viver com isto. Por amor de Deus, temos de... — o resto da frase desapareceu num murmúrio inaudível. Então Kenneth falou de novo. Agora parecia irritado. Mas havia algo mais na sua voz. Medo.

— Controla-te, Magnus! Não adianta falar disso. Pensa em Cia e nas crianças. E em Lisbet.

— Eu sei, mas que raio hei de fazer? Às vezes não consigo deixar de pensar

naquilo e, além disso, sinto aqui um... — estava demasiado escuro para ver para onde Magnus estava a apontar.

A partir dali não se percebia mais nada da conversa. Ambos baixaram a voz, murmurando as palavras, e depois regressaram para junto dos outros. Ludvig carregou no botão de pausa e congelou a imagem das duas figuras sombrias vistas de costas.

— O teu pai chegou a ver isto? — perguntou Patrik.

— Não, eu guardei-a. Normalmente, o meu pai é que ficava com as fitas, mas eu tirei esta às escondidas e depois escondi-a no meu quarto. Tenho mais algumas no meu guarda-fatos.

— E a Cia nunca tinha visto isto? — Paula sentou-se ao lado da mãe de Ludvig, que fitava a televisão de boca aberta.

— Não — respondeu. — Não.

— Sabe do que falavam? — perguntou Paula, pondo a mão na mão de Cia.

— Eu... não — tinha os olhos fixos nas figuras escuras de Magnus e Kenneth. — Não faço a menor ideia.

Patrik acreditou. O que quer que Magnus estivesse dizendo, tinha escondido da mulher.

— Kenneth deve saber — disse Ludvig. Apertou Stop, tirou a fita e recolocou-a na caixa.

— Gostaria que me prestassem isso — disse Patrik.

Ludvig hesitou por um momento antes de pôr a fita na mão estendida de Patrik.

— Não vão destruí-la, não é?

— Prometo que não. Vais recebê-la exatamente como está.

— Vão falar disso com Kenneth? — perguntou Ludvig. Patrik assentiu.

— Sim, vamos.

— Por que Magnus nunca falou sobre isso? — Cia parecia confusa.

— Isso eu também gostaria de saber — Paula afagou novamente a mão dela.

— E vamos descobrir.

— Obrigado, Ludvig — disse Patrik, segurando a fita. — Isto pode vir a ser importante.

— De nada. Pensei nisso porque perguntou se eles tinham discutido — o rapaz corou até a raiz dos cabelos.

— Vamos? — disse Patrik a Paula, que se levantou. — Toma conta da tua mãe. Liga se precisar de alguma coisa — acrescentou em voz baixa para Ludvig, pondo o cartão de visita na mão do rapaz.

Ludvig ficou na entrada observando os policiais se afastarem de carro. Depois fechou a porta e entrou.

O tempo passava lentamente no hospital. Na televisão passava uma série norte-americana. A enfermeira tinha aparecido e perguntara a Kenneth se queria que mudasse de canal. Mas, como não respondeu, a mulher tinha-se ido embora.

A solidão era pior do que tinha imaginado. Sentia uma tristeza tão grande que a única coisa que conseguia fazer era concentrar-se na própria respiração. Kenneth sabia que ela acabaria por aparecer. Tinha esperado muito tempo e agora não havia para onde fugir. Mas não tinha medo, queria que ela aparecesse. Isso ia resgatá-lo da solidão e da tristeza que o estavam a dilacerar. Queria ir ter com Lisbet para poder explicar-lhe o que acontecera. Esperava que a mulher compreendesse que tinha sido uma pessoa diferente naquela época e que fora por causa dela que tinha mudado. Não suportava a ideia de Lisbet ter morrido com os pecados dele diante dos olhos. Isso pesava sobre ele mais do que qualquer outra coisa, fazendo com que cada respiração fosse um esforço.

Kenneth ouviu uma batida na porta e Patrik Hedström, o polícia, entrou no seu campo de visão. Atrás dele estava uma colega baixa e morena.

— Olá, Kenneth. Como se sente? — o agente tinha uma expressão séria no rosto. Foi buscar duas cadeiras e levou-as para junto da cama.

Kenneth não respondeu. Continuou a olhar para a televisão, onde se via um grupo de atores num cenário mal-amanhado. Patrik repetiu a pergunta e, por fim, Kenneth virou a cabeça para os visitantes.

— Estou melhor — que haveria de dizer? Como poderia descrever o seu verdadeiro estado? O ardor e as picadas que sentia por dentro, o coração prestes a rebentar? Qualquer resposta pareceria um lugar-comum.

— Os nossos colegas já estiveram aqui hoje. Esteve com Gösta e Martin — Kenneth viu Patrik a olhar para as ligaduras como se estivesse a tentar imaginar qual teria sido a sensação de centenas de pedaços de vidro a perfurarem-lhe a pele.

— Pois foi — disse Kenneth com indiferença. Não dissera nada antes e não ia dizer nada agora. Ia simplesmente esperar. Por ela.

— O senhor disse que não sabia quem poderá estar por detrás do que aconteceu esta manhã — Patrik olhou para ele e Kenneth olhou-o teimosamente nos olhos.

— Exatamente.

O agente aclarou a garganta.

— Achamos que não está a dizer a verdade.

O que teriam descoberto? De repente, Kenneth entrou em pânico. Não queria que soubessem, não queria que a descobrissem. Ela tinha de acabar o que tinha começado. Era a sua única salvação. Só se pagasse o preço pelo que tinha feito conseguiria explicá-lo a Lisbet.

— Não sei do que estão a falar — Kenneth desviou o olhar, mas sabia que

os dois agentes tinham visto o medo nos seus olhos. Ambos tinham reparado. Tomaram-no como um sinal de fraqueza, como uma oportunidade para chegar até ele. Estavam errados. Tinha tudo a ganhar e nada a perder se mantivesse o silêncio. Por um momento, Kenneth pensou em Erik e em Christian. Sobretudo em Christian. Tinha sido arrastado para aquilo, apesar de não ter culpa nenhuma. Ao contrário de Erik. Mas não podia preocupar-se com os outros. Só Lisbet importava.

— Estivemos a falar com Cia. Vimos um vídeo feito numa festa do Solstício de verão em casa dela

— Patrik parecia estar à espera de uma reação, mas Kenneth não fazia ideia do que o agente estava a dizer. A sua antiga vida, com festas e amigos, parecia agora muito distante.

— Magnus estava bêbado e tinha ido fumar às escondidas consigo. Parecia que queriam ter a certeza de que ninguém podia ouvi-los.

Kenneth continuava a não perceber aonde Patrik queria chegar. Tudo não passava de um borrão nebuloso. Já nada era claro e distinto.

— O filho de Magnus, Ludvig, filmou-vos aos dois sem que soubessem. Magnus estava perturbado. Queria falar consigo de uma coisa que tinha acontecido. O senhor ficou irritado com ele e disse-lhe que o que estava feito, feito estava. Também disse para pensar na família. Não se lembra de nada disto?

Ah, sim, Kenneth se lembrava. Ainda era tudo um pouco vago, mas recordava-se de como ficara quando vira o pânico nos olhos de Magnus. Nunca percebera porque é que o assunto tinha vindo à baila naquela noite em particular. Magnus estava morto por falar daquilo, para emendar a situação. E Kenneth ficara assustado. Pensara em Lisbet, no que a mulher diria, como passaria a olhar para ele. Acabara por conseguir acalmar Magnus — disso lembrava-se. Porém, a partir desse momento, ficara sempre com medo de que algo acontecesse que pusesse tudo a nu. E fora exatamente isso que tinha acontecido, embora não da forma que pensara. Porque mesmo no pior dos cenários que imaginara, Lisbet ainda estava viva para o censurar. Havia sempre uma hipótese remota de conseguir explicar. Agora era diferente e teria de ser feita justiça para que conseguisse explicar-lhe. Não podia deixar que a polícia desse cabo dessa possibilidade.

Por isso sacudiu a cabeça, fingindo que estava a tentar recordar-se.

— Não, não me lembro.

— Podemos mostrar-lhe a gravação, se isso contribuir para lhe refrescar a memória — disse Paula.

— Claro que posso vê-la. Mas não creio que fosse nada de importante, senão ter-me-ia lembrado. Provavelmente eram apenas divagações de um bêbado. De vez em quando, Magnus ficava assim, quando bebia de mais. Melodramático e sentimental. Fazia uma tempestade num copo de água.

Kenneth estava consciente de que os agentes não acreditavam nele, mas isso não importava, porque não podiam ler-lhe a mente. O segredo acabaria por ser revelado, mais cedo ou mais tarde — também o sabia. A polícia não ia desistir até descobrir tudo. Mas isso não tinha de acontecer até ela aparecer para lhe dar o que merecia.

Os agentes ficaram ali mais algum tempo, mas era fácil iludir as suas perguntas. Não ia fazer o trabalho deles, tinha de pensar em si próprio e em Lisbet. Erik e Christian teriam de safar-se sozinhos o melhor que pudessem.

Antes de sair, Patrik olhou para Kenneth com amabilidade e disse:

— Também lhe queríamos dizer que recebemos o relatório da autópsia de Lisbet. A sua mulher não foi assassinada. Teve morte natural.

Kenneth virou a cara. Sabia que estavam enganados.

Patrik estava quase dormindo durante a viagem de volta a Uddevalla. Por um momento seus olhos se fecharam mesmo e o carro guinou para a pista contrária.

— Olha o que está fazendo! — exclamou Paula, agarrando o volante para manobrar o carro de volta. Patrik teve um sobressalto e conteve a respiração.

— Diabos! Não sei o que tenho. Estou tão cansado.

Paula olhou para o colega com preocupação.

— Okay, vou te deixar em casa. E amanhã tens de ficar lá. Não estás com boa cara.

— Não posso. Tenho muito o que fazer — Patrik piscou os olhos, tentando concentrar-se na estrada.

— Muito bem, vamos fazer o seguinte — disse Paula, com firmeza. — Viras no primeiro posto que aparecer e trocamos de lugar. Eu te levo em casa e vou à delegacia buscar tudo o que precisas, e depois levo a Fjällbacka. Também vou garantir que a fita seja enviada ao laboratório. Mas tens de prometer relaxar um pouco. Tens trabalhado muito e acredito que também não deva ser fácil em casa. Sei como foi difícil para Johanna quando estava esperando Leo e tenho certeza de que tu e Erica andam sobrecarregadíssimos.

Patrik assentiu com relutância e fez o que Paula disse. Virou no posto de gasolina na saída para Hogstorp e saiu do carro. Estava exausto demais para discutir. Na verdade, era impossível tirar um dia de folga, mesmo umas duas horas, mas o corpo se recusava a colaborar. Se pudesse descansar um pouco e tivesse tempo para consultar toda a documentação talvez recuperasse alguma energia para continuar a investigação.

Inclinou a cabeça contra a janela do lado do passageiro e adormeceu antes de Paula entrar na autoestrada. Quando abriu os olhos, estavam estacionados à frente de sua casa. Ensonado, Patrik saiu do carro.

— Vá, dorme um pouco. Volto daqui a uma hora. Não tranques a porta para

eu poder deixar-te a documentação lá dentro — disse Paula.

— Está bem. Obrigado — retorquiu Patrik, sem forças para dizer mais nada. Patrik abriu a porta e entrou.

— Erica!

Nenhuma resposta. Tinha-lhe telefonado durante a tarde, mas não conseguira localizá-la. Talvez Erica tivesse ido a casa de Anna e ficado por lá. Decidiu deixar-lhe uma nota na mesa do vestíbulo para que a mulher não se assustasse quando chegasse a casa e ouvisse barulho. Entorpecido, Patrik subiu as escadas e deixou-se tombar na cama. Adormeceu assim que a cabeça bateu na almofada. Mas não era um sono profundo nem reparador.

Algo estava prestes a mudar. Louise não podia dizer que gostava da vida que tinha tido nos últimos anos, mas pelo menos era familiar. Com a frieza, a indiferença, a troca de galhardetes cáusticos e bem ensaiados.

Mas agora sentia o chão começar a tremer sob os pés. E as rachas estavam a alargar. Durante a última discussão, quando o olhara nos olhos, notara como o marido parecia decidido. O desdém de Erik não era novidade e já não a afetava muito, mas dessa vez alguma coisa tinha mudado. E isso assustou-a mais do que alguma vez imaginara ser possível. Porque Louise sempre acreditara do fundo do coração que ambos iam continuar a dançar aquela dança para sempre, cada vez com mais elegância.

Erik tinha reagido de modo estranho quando Louise mencionara Cecilia. Normalmente, o marido não se importava que ela falasse das amantes. Fingia apenas não estar a ouvi-la. Porque teria ficado tão zangado nessa manhã? Seria um sinal de que, afinal, Cecilia significava alguma coisa para ele?

Louise esvaziou o copo. Começava a ter dificuldade em ordenar as ideias. Estava tudo envolto numa nuvem agradável, naquele calor que se espalhava pelos membros. Serviu-se de mais vinho, olhando pela janela para o gelo que abraçava as ilhas, enquanto a mão, como que por vontade própria, levava o copo aos lábios.

Tinha de descobrir o que estava a acontecer. Se as rachas sob os pés eram reais ou imaginárias. Mas de uma coisa tinha a certeza. Se a dança estava prestes a terminar, isso não aconteceria com uma discreta pirueta. Planeava dançar ruidosamente, batendo os pés e abanando os braços até que restassem apenas migalhas daquele casamento. Não queria Erik, mas isso não significava que estivesse disposta a deixá-lo ir.

Maja não se tinha ido embora sem protestar quando Erica foi buscá-la a casa de Anna. Estava demasiado divertida a brincar com os primos para querer ir para casa de bom grado. Mas, depois de negociar um pouco, Erica conseguiu que a filha vestisse o blusão, calçasse as luvas e se instalasse no carro. Achava um pouco estranho não ter tido notícias de Patrik, mas também não tinha tido tempo para lhe

telefonar. Erica ainda não tinha decidido como ia explicar a expedição a Gotemburgo. Mas teria de dizer-lhe alguma coisa, porque tinha de entregar os desenhos a Patrik o mais depressa possível. Algo lhe dizia que eram importantes e que a polícia devia vê-los. Acima de tudo, tinham de falar com Christian sobre os desenhos. Tinha de admitir que estava ansiosíssima por ir lá sozinha, mas sabia que já tinha ido longe de mais ao fazer a viagem a Gotemburgo. Não podia agir novamente nas costas de Patrik.

Quando estacionou no acesso para carros à frente de casa, viu pelo retrovisor um carro-patrolha a aproximar-se. Devia ser Patrik, pensou. Mas porque não estava a conduzir o seu próprio carro? Ergueu Maja da cadeirinha enquanto lançava um olhar ao veículo que estava a estacionar nas proximidades. Ficou surpreendida ao ver Paula ao volante em vez de Patrik.

— Olá, onde está Patrik? — perguntou Erica.

— Está em casa — respondeu Paula, saindo do carro. — Estava tão cansado que eu pedi-lhe para ir para casa descansar. Sei que abusei da minha autoridade, mas Patrik não protestou — Paula riu-se, mas o riso não afugentou a preocupação estampada nos olhos.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Erica, tomada por uma súbita desconfiança. Não se recordava de Patrik alguma vez ter chegado a casa tão cedo do trabalho.

— Não, não. Só acho que ele anda a trabalhar demasiado ultimamente. Parece estar esgotado. Por isso consegui convencê-lo de que não seria bom para ninguém se não descansasse um pouco.

— E ele concordou? Assim, sem mais nem menos?

— Bem, fizemos um acordo. Concordou desde que eu voltasse à delegacia para ir buscar os materiais que quer consultar. Ia deixar tudo lá dentro, mas agora posso dá-los — disse Paula, entregando um saco de papel a Erica.

— Isso já parece mais dele — disse Erica, sentindo-se logo mais calma. Se Patrik não conseguia parar de trabalhar é porque não estava assim tão mal de saúde.

Erica agradeceu a Paula e carregou o saco até o vestíbulo. Maja correu atrás dela. Erica sorriu quando viu a nota que Patrik lhe tinha deixado em cima da mesa. Sabia que teria apanhado um susto de morte se não soubesse que ele estava em casa e de repente ouvisse alguém a movimentar-se no andar de cima.

Maja começou a chorar de frustração porque não conseguia tirar os sapatos. Erica apressou-se a calá-la.

— Pronto, minha querida. O papai está a dormir lá em cima. Não podemos acordá-lo. Maja olhou para a mãe de olhos muito abertos e pôs o dedo nos lábios.

— Chiu — disse em voz alta enquanto espreitava as escadas. Erica ajudou-a a descalçar-se e a despir o blusão. Depois correu até a sala para junto dos seus

brinquedos, que estavam espalhados por todo o chão.

Erica despiu o casaco e aliviou um pouco a camisa. Ultimamente estava sempre a transpirar. Tinha uma aversão profunda ao cheiro do suor, por isso mudava de camisa duas ou três vezes por dia. Aplicava uma quantidade tão generosa de desodorizante nas axilas que de certeza que a Nivea devia estar a ter um incremento notável nas vendas durante a sua gravidez.

Olhou de relance para o andar de cima e depois para o saco de papel que Paula lhe deixara. Voltou a olhar para o primeiro andar e novamente para o saco. Estava a travar uma batalha interior, embora soubesse de antemão que era uma batalha perdida. Era impossível resistir a uma tentação daquelas.

Uma hora mais tarde tinha dado uma vista de olhos a todos os documentos que estavam no saco, mas não se sentia mais esclarecida do que antes. Na verdade, as perguntas tinham-se acumulado na sua mente. Entre os documentos também encontrou notas de Patrik: Qual é a ligação entre os quatro homens? Por que é que Magnus morreu primeiro? Porque estaria perturbado na manhã em que desapareceu? Porque teria telefonado a dizer que ia chegar atrasado? Porque é que Christian começou a receber cartas muito mais cedo do que os outros? Será que Magnus nunca recebeu nenhuma carta? Se não recebeu, porquê? Havia páginas e mais páginas de perguntas e Erica ficou perturbada por não saber a resposta a uma única. E tinha as suas próprias dúvidas a acrescentar: Porque é que Christian se tinha mudado sem deixar a nova morada? Quem lhe enviara os desenhos? Quem era a figura pequena nos desenhos? E, acima de tudo, porque seria Christian tão reservado a propósito do seu passado?

Erica certificou-se de que Maja ainda estava ocupada com os seus brinquedos antes de voltar a concentrar-se no material da investigação. A única coisa que restava era uma fita sem rótulo. Levantou-se do sofá para ir buscar o seu gravador. Por sorte, a fita era compatível. Lançou um olhar nervoso ao teto antes de carregar no botão Play, baixou o volume tanto quanto era possível e encostou o gravador ao ouvido.

A gravação demorava vinte minutos e Erica ouviu-a tensamente do princípio ao fim. Não encontrou qualquer dado novo. Mas houve algo que a deixou petrificada, por isso rebobinou a fita para voltar a ouvir o trecho que lhe chamara a atenção.

Depois de terminar, retirou cuidadosamente a fita do gravador, recolocou-a na caixa e enfiou-a no saco de papel, juntamente com tudo o resto. Depois de ter passado vários anos a entrevistar pessoas para os seus livros, tinha-se tornado muito experiente a captar os pormenores e os cambiantes de uma conversa. O que tinha acabado de ouvir era importante. Tinha a certeza disso.

Teria de tratar daquilo na manhã seguinte. Ouviu Patrik a começar a mover-

se no andar de cima e, com uma rapidez inaudita naqueles últimos meses, voltou a pôr o saco no vestíbulo, regressou ao sofá e tentou fingir que estava profundamente envolvida nas brincadeiras de Maja.

A escuridão tinha caído sobre a casa. Christian não tinha ligado as luzes, parecia inútil fazê-lo. Não eram necessárias luzes no fim do caminho. Estava sentado no chão, meio despido e a fitar a parede. Tinha espalhado tinta sobre as palavras dela. Na cave, tinha encontrado um pincel e uma lata de tinta preta. Três vezes tinha passado tinta preta sobre as letras vermelhas. Três vezes tinha tentado apagar as palavras acusatórias dela. No entanto, parecia que continuava a conseguir ver as palavras tão claramente como antes.

Tinha manchas de tinta na mão e no corpo. Negras como alcatrão. Olhou para a mão direita. Estava pegajosa e ele limpou-a ao peito, mas apenas conseguiu que o negrume se espalhasse.

Ela estava à espera dele. Sempre o soubera. Apenas tinha adiado as coisas, enganando-se a si próprio e quase arrastando os filhos para a armadilha. A mensagem era clara. Não os mereces.

Viu a criança nos braços da mulher que amava. De repente desejou poder ter amado Sanna. Nunca lhe desejara mal nenhum; no entanto, traíra-a. Não com outras mulheres, como Erik fazia frequentemente, mas da pior maneira imaginável. Porque sabia que Sanna o amava e que sempre lhe dera apenas o suficiente para permitir que a mulher vivesse na esperança de que um dia a poderia amar — mesmo que isso fosse uma impossibilidade. Perdera essa capacidade. Tinha desaparecido com o vestido azul.

Com os filhos era diferente. Eram o sangue do seu sangue e a razão pela qual tinha de a deixar levá-lo. Era a única maneira de os salvar e devia tê-lo compreendido antes de as coisas terem chegado onde chegaram. Não devia ter dito a si próprio que tudo não passava de um pesadelo e que estava seguro. Que eles estavam seguros.

Tinha sido um erro regressar, tentar novamente. Mas voltar ali e estar tão perto fora uma tentação irresistível. Nem ele próprio compreendia, mas sentira uma ânsia enorme de fazê-lo assim que surgira a possibilidade. E pensou que poderia ter uma segunda oportunidade. Uma segunda oportunidade de ter uma família, desde que não criasse laços muito fortes e escolhesse uma mulher que significasse muito pouco para ele. Mas estava errado.

As palavras na parede falavam verdade. Amava os filhos, mas não os merecia. Também não merecera a outra criança, nem a mulher cujos lábios sabiam a morangos. E eles tinham pagado o preço. Desta vez, Christian ia certificar-se de que seria ele o único a pagar.

Levantou-se lentamente e olhou em torno do quarto. Havia um urso de

peluche meio esfarrapado a um canto. Tinha sido oferecido a Nils quando o rapaz nasceu e fora tão adorado que tinha perdido quase todo o pelo. Os bonecos de Melker estavam cuidadosamente alinhados numa caixa. Estimava— os tanto que o seu punho aparecia imediatamente se o irmão mais novo lhes tocasse. Christian sentiu— se vacilar quando as dúvidas começaram a surgir e percebeu que precisava de sair. Tinha de ir ter com ela antes de perder a coragem.

Foi até o quarto vestir qualquer coisa. Tanto fazia, a roupa já não era importante. Depois desceu as escadas, tirou o blusão do cabide e lançou um último olhar à casa. Estava escura e silenciosa. Não se preocupou em fechar a porta quando saiu.

Durante a curta caminhada, manteve os olhos fixos no chão, não queria olhar para ninguém, não queria falar com ninguém. Tinha de concentrar-se no que estava prestes a fazer e na pessoa com quem estava prestes a encontrar-se. Começou novamente a sentir comichão nas palmas das mãos, mas dessa vez não lhe custou ignorar a sensação. Parecia que o cérebro tinha cortado todas as comunicações com o corpo, que era agora supérfluo. A única coisa importante era o que lhe ia na cabeça, as imagens e as memórias. Já não vivia no presente. Via apenas o que já tinha acontecido, como um filme que passava devagar enquanto a neve rangia sob os seus pés.

O vento começara a soprar com mais força quando atravessou o cais na direção de Badholmen. Sabia que estava frio, porque o corpo tremia, mas não o sentia. O local estava deserto. Escuro e silencioso, sem ninguém à vista. Mas Christian podia sentir a sua presença, como sempre sentira. Era ali que expiaria a sua culpa. Era o único sítio possível. Do cimo da torre de mergulho tinha-a visto na água, vira-a estender-lhe as mãos. Agora ia ter com ela.

Quando passou os edifícios de madeira que delimitavam a zona balnear, o filme dentro da sua cabeça começou a acelerar. Sentiu o acesso de imagens como uma faca a retalhar-lhe as entranhas — tão nítida e penetrante era a dor. Obrigou-se a ignorá-la, a olhar para a frente.

Pôs um pé no primeiro degrau da torre e a madeira cedeu sob o sapato. Respirava com mais facilidade, não podia voltar atrás. Olhou para cima enquanto subia. A neve tornava os passos escorregadios e Christian agarrou-se ao corrimão quando fixou o olhar no topo, que surgiu contra o negro do céu. Sem estrelas. Não merecia estrelas. A meio da subida soube que ela estava atrás dele.

Não se virou para olhar para trás, mas ouviu os passos dela a seguir os seus. O mesmo ritmo, a mesma cadência implacável. Ela tinha chegado.

Quando alcançou a plataforma no topo, enfiou a mão no bolso e tirou a corda que tinha trazido de casa. A corda que suportaria o peso e expiaria a culpa. Ela esperava na escada enquanto Christian preparava tudo. Enquanto dava o nó na corda

e a prendia ao corrimão. Por um momento sentiu-se inseguro. A torre era frágil e velha e parecia terrivelmente desgastada pelo tempo. E se não aguentasse? Mas a presença dela tranquilizou-o. Não permitiria que falhasse. Não depois de ter esperado tanto tempo, depois de ter alimentado aquele ódio durante tantos anos.

Quando terminou, pôs-se de costas para a escada e olhou fixamente para a silhueta de Fjällbacka, para lá do mar. Só se virou quando a sentiu mesmo por detrás dele.

Não havia alegria nos olhos dela. Só a constatação de que, finalmente, depois de tudo o que acontecera, Christian estava preparado para expiar o seu crime. Era tão bela como se recordava. Tinha o cabelo molhado e Christian ficou surpreso por não estar congelado por causa do frio. Mas nada nela era como seria de esperar. Nada numa sereia poderia ser como era de esperar.

A última coisa que viu antes de dar um passo em frente, na direção do mar, foi um vestido azul a flutuar na brisa estival.

— Como te sentes? — perguntou Erica quando Patrik desceu as escadas com o cabelo desganhado por ter estado a dormir.

— Só estou um bocado cansado — disse Patrik, mas o rosto estava pálido.

— De certeza? Não estás com boa cara.

— Muito obrigado. Paula disse a mesma coisa. Gostava que as meninas parassem de dizer-me que estou com péssimo aspeto. Começa a ser um bocado deprimente — Patrik sorriu, mas ainda não parecia estar completamente acordado. Agachou-se para pegar em Maja, que tinha aparecido a correr na sua direção. — Olá, minha querida. Tu achas que o papai está com boa cara, não é? O papai não é o tipo mais bonito do mundo? — fez cócegas na barriga da filha, fazendo-a dar risadinhas.

— Hum, hum — disse Maja, assentindo com ar vivo.

— Graças a Deus. Finalmente alguém com bom gosto — Patrik virou-se para Erica e beijou-a na boca. Maja agarrou-lhe a cara e apertou os lábios, assinalando que também queria um beijo.

— Senta-te com ela no sofá enquanto eu faço um chá e sanduíches — disse Erica, dirigindo-se à cozinha. — É verdade, Paula veio cá deixar-te umas coisas — disse em voz alta, tentando soar o mais natural possível. — Estão num saco à entrada.

— Obrigado! — disse Patrik em resposta. Erica ouviu-o a levantar-se e a entrar na cozinha.

— Tens de trabalhar esta noite? — perguntou Erica, olhando para o marido de soslaio enquanto deitava água a ferver em duas canecas com saquinhos de chá.

— Não, acho que vou ter uma noite calma, aproveitar para passar algum tempo com a minha doce mulher e depois deitar-me cedo. Vou ficar em casa amanhã

de manhã para rever o caso em paz e sossego. Às vezes, a delegacia parece um autêntico circo.

Patrik suspirou e aproximou-se por detrás de Erica, pondo os braços em torno da mulher.

— Já nem sequer consigo abraçar-te completamente — murmurou, enterrando a cara na nuca de

Erica.

— Pois é. Sinto que estou prestes a explodir.

— Estás preocupada?

— Se dissesse que não estava a mentir

— Vamos ajudar-nos um ao outro — disse Patrik, abraçando-a com mais força.

— Eu sei. E Anna diz a mesma coisa. Acho que desta vez vai correr melhor, pois já sei o que esperar. Mas vão ser dois.

— O dobro da alegria — disse Patrik, sorrindo.

— O dobro do trabalho — disse Erica, virando-se para poder abraçá-lo de frente. O que já não se revelava tarefa fácil.

Erica fechou os olhos e encostou a face à cara de Patrik. Tinha estado a pensar qual seria o melhor momento para lhe contar sobre a viagem a Gotemburgo e decidiu que teria de fazê-lo nessa noite. Mas Patrik parecia tão cansado. E, como planeava trabalhar em casa na manhã seguinte, Erica podia esperar e contar-lhe nessa altura. Além de que assim poderia fazer o que tinha em mente depois de ter ouvido a fita. Estava decidido. Se conseguisse descobrir algo importante para a investigação, Patrik ficaria forçosamente menos aborrecido pela sua interferência.

NA VERDADE NÃO O INCOMODAVA MUITO NÃO TER NENHUM AMIGO. PORQUE TINHA OS LIVROS. PORÉM, QUANTO MAIS VELHO FICAVA, MAIS ANSIAVA POR AQUILO QUE, COMO CONSTATAVA, TODOS OS OUTROS TINHAM: PERTENCIAM A UMA COMUNIDADE, INTEGRAVAM UM GRUPO. ELE, POR OUTRO LADO, ESTAVA SEMPRE SOZINHO. A ÚNICA PESSOA QUE QUERIA ESTAR NA SUA COMPANHIA ERA ALICE.

ÀS VEZES PERSEGUIAM-NO DESDE O AUTOCARRO ESCOLAR ATÉ CASA. ERIK, KENNETH E MAGNUS. DAVAM GARGALHADAS BOÇAIS ENQUANTO CORRIAM ATRÁS DELE, MOVENDO-SE PROPOSITADAMENTE COM MAIS LENTIDÃO DO QUE CONSEGUIAM. O ÚNICO OBJETIVO ERA FAZÊ-LO CORRER.

— MEXE-TE, GORDO DE MERDA!

E ELE CORRIA, MESMO QUE SE DESPREZASSE A SI PRÓPRIO POR OBEDECER. ESTAVA SEMPRE À ESPERA DE UM MILAGRE, DE QUE UM DIA ELES PARASSEM PURA E SIMPLEMENTE COM AQUILO, DE QUE OLHASSEM PARA ELE E COMPREENDESSEM QUE ERA ALGUÉM. MAS SABIA QUE ISSO NÃO PASSAVA DE UM SONHO. NINGUÉM O VIA. E ALICE NÃO CONTAVA. ERA UMA ATRASADA MENTAL. ERA O QUE OS RAPAZES LHE CHAMAVAM, SOBRETUDO ERIK. ARRASTAVA A PALAVRA SEMPRE QUE A VIA. «OLHA A ATRRRRASADA...»

ALICE ESTAVA MUITAS VEZES À SUA ESPERA QUANDO O AUTOCARRO PARAVA. DETESTAVA QUE A IRMÃ FIZESSE ISSO. PARECIA UMA CRIANÇA PERFEITAMENTE NORMAL, NO INTERIOR DO ABRIGO DA PARAGEM DO AUTOCARRO, COM O SEU LONGO CABELO PRETO APANHADO NUM RABO-DE-CAVALO, OS SEUS ALEGRES OLHOS AZUIS A PROCURAR ANSIOSAMENTE POR ELE QUANDO OS ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE TANUMSHEDDE SAÍAM DO AUTOCARRO. ÀS VEZES SENTIA-SE REALMENTE UM POUCO ORGULHOSO QUANDO O AUTOCARRO SE DETINHA NA PARAGEM E A VIA PELA JANELA. AQUELA BELDADE DE PERNAS LONGAS E CABELO PRETO ERA SUA IRMÃ.

MAS ENTÃO CHEGAVA O MOMENTO EM QUE SAÍA DO AUTOCARRO E ALICE O VIA. A IRMÃ APROXIMAVA- SE DELE COM AQUELE ANDAR DESAJEITADO, COMO SE TIVESSE CORDAS INVISÍVEIS PRESAS AOS BRAÇOS E ÀS PERNAS QUE ALGUÉM PUXAVA ALEATORIAMENTE. DE CHAMAVA-O COM A SUA VOZ GROSSA E OS RAPAZES UIVAVAM DE TANTO RIR. «OLHA A ATRRRRASADA!»

ALICE NÃO COMPREENDIA E ISSO ERA O QUE MAIS O ENVERGONHAVA. A IRMÃ LIMITAVA-SE A SORRIR, FELIZ, E ÀS VEZES ATÉ LHES ACENAVA. ENTÃO ELE DESATAVA A CORRER. NÃO PORQUE ALGUÉM O PERSEGUISSSE, MAS PARA ESCAPAR ÀS PROVOCAÇÕES QUE ERIK BERRAVA NA SUA DIREÇÃO E QUE ECOAVAM POR TODA A CIDADE. MAS NUNCA PODERIA ESCAPAR DE ALICE, QUE PENSAVA QUE AQUILO ERA UM JOGO. ALCANÇAVA-O FACILMENTE E, ÀS VEZES, POR ENTRE GARGALHADAS, LANÇAVA-LHE OS BRAÇOS EM VOLTA DO PESCOÇO COM TANTA FORÇA QUE ELE QUASE CAÍA.

NESSES MOMENTOS ODIAVA-A TANTO COMO QUANDO ALICE CHORAVA SEM PARAR E LHE ROUBAVA A ATENÇÃO DA MÃE. SÓ QUERIA DAR-LHE UM SOCO NA CARA PARA QUE ELA PARASSE DE ENVERGONHÁ-LO. NUNCA FARIA PARTE DO GRUPO SE ALICE ESTIVESSE ALI, NO ABRIGO DA PARADA DE ÔNIBUS À ESPERA DELE, A CHAMÁ-LO E ABRAÇÁ-LO.

QUERIA DESESPERADAMENTE SER ALGUÉM. E NÃO APENAS PARA ALICE.



QUANDO ERICA ACORDOU, Patrik estava a dormir profundamente. Eram sete e meia, e Maja também continuava a dormir, embora costumasse acordar antes das sete. Erica sentia-se inquieta. Acordara várias vezes durante a noite a pensar no que tinha ouvido na fita. Estava ansiosa que chegasse a manhã para que pudesse tomar uma decisão.

Levantou-se da cama, vestiu-se e desceu até a cozinha para fazer um café. Quando a cafeína da primeira xícara começou a fazer efeito, olhou com impaciência para o relógio. Era possível que já estivessem acordados. Com crianças pequenas em casa, era até bastante provável.

Deixou um bilhete a Patrik, explicando em termos vagos que tinha ido fazer um recado. O marido ia ficar intrigado, mas ela far-lhe-ia um relatório completo quando voltasse.

Dez minutos mais tarde, entrava em Hamburgsund. Tinha telefonado para as informações para descobrir onde morava Agneta, a irmã de Sanna, e descobriu imediatamente o sítio. Era uma casa grande de tijolos de arenito. Conteve a respiração quando passou pela entrada apertada, que consistia em dois pilares de pedra posicionados muito juntos. Ia ser complicado fazer marcha-atrás, mas teria de

se preocupar com isso mais tarde.

Erica via pessoas a andar de um lado para o outro no interior da casa e ficou aliviada ao descobrir que tinha acertado. Já estavam levantados. Tocou à campainha e ouviu logo passos a descer as escadas. Uma mulher que só podia ser a irmã de Sanna abriu a porta.

— Olá! — disse Erica, apresentando-se. — Sanna já está acordada? Precisava de lhe dar uma palavrinha. — Agneta lançou-lhe um olhar interrogativo, mas não protestou.

— Claro, Sanna e os monstros já estão acordados. Entre.

Erica entrou e pendurou o casaco. Seguiu a irmã de Sanna por um lance de escadas íngremes até outro vestíbulo. Depois viraram à esquerda e entraram num grande espaço aberto, que servia de cozinha, sala de jantar e sala de estar.

Sanna e os filhos estavam a tomar o pequeno-almoço com os primos, um menino e uma menina que pareciam alguns anos mais velhos do que os dois filhos de Sanna.

— Peço desculpa por estar a interromper o vosso pequeno-almoço — disse Erica, olhando para a mulher de Christian. — Só preciso de perguntar-lhe uma coisa.

De início, Sanna não fez qualquer movimento para se levantar. Ficou para ali sentada, com a colher a meio caminho da boca e como que perdida entre os pensamentos que lhe rodopiavam na cabeça. Mas depois pousou a colher e levantou-se.

— Porque não vão lá para baixo sentar-se na varanda para poderem falar à vontade? — sugeriu

Agneta.

Erica seguiu Sanna escadas abaixo, através de mais algumas divisões e até uma varanda envidraçada que dava para o relvado e para o pequeno centro urbano de Hamburgsund.

— Está tudo bem consigo e com os seus filhos? — perguntou Erica quando se sentaram.

— Acho que sim — Sanna estava pálida e abatida, como se não andasse a dormir muito. — Os miúdos estão constantemente a perguntar pelo pai e eu não sei o que dizer-lhes. Também não sei se devia tentar levá-los a falar do que aconteceu. Estou pensando telefonar para o serviço de psiquiatria infantil ainda hoje, para pedir aconselhamento.

— Parece boa ideia — disse Erica. — Mas as crianças são resistentes. Aguentam mais do que pensamos.

— Acredito — com olhar perdido, Sanna olhou inexpressivamente o vazio. Depois virou-se para

Erica e disse: — Queria falar contigo sobre o quê?

Como muitas vezes antes, Erica não sabia bem como começar. Não tinha autoridade para estar ali, nenhum mandado para fazer quaisquer perguntas. Tudo o que tinha era a sua curiosidade. E a sua preocupação. Por um momento, ponderou o que dizer. Então, inclinou-se para baixo e extraiu os desenhos da mala.

Sven-Olov Rönn levantou-se de madrugada. Tinha imenso orgulho nisso e aproveitava todas as oportunidades para o mencionar. «Não serve para nada estar deitado na cama, a praticar para a casa de repouso» — gostava de dizer com satisfação, explicando depois que se levantava sempre às seis da manhã, no máximo. Às vezes, a nora gozava com ele por ir para a cama às nove da noite. «E isso já não é praticar para a casa de repouso?» — perguntava-lhe com um sorriso. Mas Sven-Olov preferia ignorar esses comentários. Fazia sempre bom uso das horas diurnas.

Depois de um pequeno-almoço consistente de papa de aveia, Sven-Olov sentava-se na sua poltrona preferida e lia calmamente o jornal enquanto a escuridão se dissipava lentamente do lado de fora da janela. Quando terminava, havia normalmente luz suficiente para fazer a sua inspeção matinal. Tornara-se um ritual ao longo dos anos.

Levantou-se, pegou nos binóculos pendurados num cabide e sentou-se à frente da janela. A casa de Sven-Olov ficava na encosta, em frente das cabanas de pesca, com a igreja por detrás, e tinha uma excelente vista para a embocadura do porto de Fjällbacka. Levou os binóculos aos olhos e começou a inspeção, movendo-se da esquerda para a direita. Primeiro os vizinhos. Sim, também já estavam levantados. Já não viviam ali muitas pessoas no inverno, mas tinha a sorte de um dos poucos residentes permanentes daquela zona ser seu vizinho. E, como bônus, a mulher gostava de andar pela casa de manhã apenas em roupa íntima. Devia andar na casa dos cinquenta, mas tinha um corpo que era um espanto, observou Sven-Olov enquanto movia os binóculos para continuar a inspeção.

Casas vazias. Filas e mais filas de casas vazias. Algumas estavam completamente escuras, outras tinham luzes com temporizadores; por isso, aqui e ali, via luzes acesas. Suspirou como sempre fazia. Era terrível como as coisas tinham mudado. Ainda conseguia recordar-se de quando todas as casas estavam ocupadas e fervilhavam de atividade durante o ano inteiro. Mas agora os veraneantes tinham comprado quase tudo e não se davam ao trabalho de passar mais de três meses por ano em Fjällbacka. Depois regressavam às suas cidades com um bronzeado de fazer inveja, do qual gostavam de falar em festas e jantares, em pleno outono: «Oh, sim, passamos o verão todo na nossa casa de Fjällbacka. Era uma maravilha se pudéssemos viver lá o ano inteiro. Aquela paz, aquela tranquilidade... Isso é que ia ser descansar como deve ser.» Mas é óbvio que só diziam aquilo da boca para fora. No inverno, nem um dia aguentariam, com tudo fechado e silencioso, e com o tempo demasiado frio para se estar deitado nas rochas a tostar ao sol.

Continuou a mover os binóculos, passando pela Praça Ingrid Bergman, que estava deserta. Sven- Olov tinha ouvido dizer que os responsáveis pela página de Fjällbacka na Internet tinham instalado uma câmara e que assim era possível ver o que estava a acontecer na cidade no computador. Quem perdesse tempo com isso não devia ter muito que fazer, pensou. Porque de certeza que não havia muito para ver.

Sven-Olov moveu os binóculos, fazendo-os planar sobre a Rua Södra Hamngatan, passar pela loja de ferragens Järnboden e continuar na direção do Brandparken. Por um momento, deteve os binóculos no barco da Guarda Costeira, admirando-o como sempre costumava fazer. Simplesmente magnífico. Sempre adorara barcos e o MinLouis reluzia sempre tão maravilhosamente quando estava no cais. Depois continuou, na direção de Badholmen. Vinham-lhe sempre à memória recordações da juventude quando via as construções de madeira com a cerca alta onde as pessoas mudavam de roupa. Homens de um lado, mulheres do outro. Quando era menino, ele e os amigos estavam sempre a tentar encontrar uma maneira de espreitar as senhoras, embora raramente fossem bem-sucedidos.

Agora observava as rochas e o trampolim, sempre cheio de crianças no verão. E depois apareceu a torre, muito velha e periclitante. Esperava que a consertassem, que não se limitassem a derrubá-la. De certa forma, era uma parte essencial de Fjällbacka.

Sven-Olov passou pela torre e contemplou a água, focando as lentes para ver melhor a ilha de Valon. Então teve um sobressalto e voltou um pouco atrás. Que raio?! Aproximou novamente os binóculos e semicerrou os olhos na tentativa de ver mais claramente. Se não estava enganado, havia uma coisa pendurada na torre. Algo escuro, balançando levemente ao vento. Semicerrou novamente os olhos. Talvez algumas crianças tivessem feito das suas e decidido pendurar um boneco ou outra coisa qualquer na torre. Não conseguia ver bem o que era.

A curiosidade levou a melhor. Vestiu o blusão e calçou uns sapatos, prendendo grampos de neve às solas. Depois saiu de casa. Tinha-se esquecido de espalhar areia no degrau de cima, por isso segurou-se firmemente ao corrimão para não cair e aterrar de costas no chão. Era mais fácil caminhar pela estrada e Sven-Olov dirigiu-se para Badholmen tão depressa quanto se atrevia.

Toda a cidade parecia adormecida quando cruzou a Praça Ingrid Bergman. Perguntou a si próprio se devia fazer sinal a um carro para que parasse, se visse um, mas decidiu não o fazer. Era disparatado armar uma confusão por causa de algo que se calhar não era nada de especial.

À medida que se aproximava, Sven-Olov andava cada vez mais devagar. Normalmente tentava fazer uma longa caminhada pelo menos duas vezes por semana, portanto ainda se mantinha relativamente em forma. Apesar disso respirava

com dificuldade quando chegou às construções de madeira em Badholmen.

Parou por um momento para recuperar o fôlego. Pelo menos fingiu que tinha sido esse o motivo da paragem. A verdade é que tinha um mau pressentimento desde que vira aquela silhueta escura pelos binóculos. Hesitou, mas depois respirou fundo e cruzou a entrada para a zona balnear. Ainda não conseguia olhar para a torre de mergulho. Em vez disso olhou para os sapatos, caminhando cuidadosamente sobre as pedras para não cair e depois não ser capaz de voltar a levantar-se. Mas, quando estava a escassos metros da torre, ergueu a cabeça e olhou lentamente para cima.

Patrik sentou-se bruscamente. Havia algo a zumbir. Olhou em redor e, a princípio, não percebeu onde estava nem conseguiu identificar de onde vinha o ruído. Acabou por ficar suficientemente acordado para alcançar o celular. Desligou o som, mas a função de vibração estava ligada e o telefone saltitava freneticamente sobre a mesa de cabeceira, com o ecrã a brilhar na penumbra em que o quarto estava mergulhado.

— Estou?

De repente, ficou completamente desperto e começou a vestir-se enquanto escutava e ia fazendo perguntas. Alguns minutos mais tarde estava completamente vestido e preparava-se para sair de casa quando viu a nota que Erica lhe tinha deixado. Apercebeu-se de que a mulher não estava deitada ao seu lado quando acordou. Praguejou e subiu as escadas a correr até o primeiro andar. Maja estava no quarto, mas tinha descido da cama e estava sentada no chão a brincar tranquilamente. Que raio havia de fazer? Não podia deixá-la sozinha em casa. Irritado, ligou para o celular de Erica, que tocou várias vezes até ir parar ao gravador de chamadas. Onde teria ido tão cedo?

Terminou a o telefonema e ligou para Anna e Dan. Foi Anna quem atendeu e Patrik suspirou de alívio, explicando rapidamente o seu dilema. Depois esperou impaciente no vestíbulo, mudando o peso do corpo de um pé para o outro durante os dez minutos que Anna demorou a meter-se no carro e fazer a curta viagem até sua casa.

— Não posso acreditar na quantidade de chamadas de emergência que tenho recebido de vocês os dois nestes dois dias. Ontem foi Erica que precisou de ir a Gotemburgo e agora tu, a falares como se fosses apagar um fogo — Anna riu-se quando passou por Patrik e entrou em casa.

Patrik agradeceu-lhe à pressa e depois correu para o carro. Só quando estava ao volante é que interiorizou a observação de Anna. Uma viagem a Gotemburgo? Ontem? Não percebia. Mas isso teria de esperar. Agora tinha outras coisas em que pensar.

A polícia estava em peso no local quando Patrik chegou a Badholmen. Estacionou o carro à frente do barco da Guarda Costeira e correu até a ilha. Torbjörn

Ruud e os outros técnicos já estavam a trabalhar.

— A que horas comunicaram a ocorrência? — perguntou Patrik a Gösta, que tinha ido ao seu encontro. Torbjörn e a sua equipe tinham certamente partido de Uddevalla e era estranho terem conseguido chegar mais depressa do que ele. E Gösta e Martin também, uma vez que tinham de fazer a viagem desde Tanumshede. Porque é que ninguém lhe tinha telefonado mais cedo?

— Annika tentou ligar-te várias vezes. Parece que ontem à noite também, mas tu não atendeste.

Patrik sacou o celular, preparando-se para provar a Gösta que aquilo era impossível. Mas, quando olhou para o ecrã, viu que havia seis chamadas não atendidas. Três da noite anterior e duas dessa manhã.

— Sabes porque é que Annika me ligou ontem? — perguntou Patrik, culpabilizando-se por ter desligado o som, mesmo que tivesse sido apenas por uma noite. Claro que tinha de acontecer alguma coisa quando se tinha permitido não pensar em trabalho pela primeira vez em vários anos.

— Não faço ideia. Mas esta manhã foi por causa disto — Gösta fez um gesto na direção da torre de mergulho e Patrik teve um sobressalto. Havia algo tão ancestral e dramático na visão de um homem a balançar ao vento com uma corda em volta do pescoço...

— Valha-me Deus! — disse Patrik, profundamente perturbado. Pensou em Sanna e nos filhos. E em Erica. — Quem o encontrou? — Tentou concentrar-se no seu papel profissional, perder-se no trabalho que tinha de ser feito e pôr de parte qualquer pensamento nas repercussões. Agora não podia pensar em Christian como alguém que tinha mulher e filhos, amigos e uma vida. De momento, era apenas uma vítima; aquilo era somente um mistério que tinha de ser resolvido. A única coisa em que Patrik podia permitir-se pensar era que algo tinha acontecido ali e que lhe cabia descobrir o que tinha sido e porquê.

— Aquele velhote. Sven-Olov Rönn. Mora na casa branca. — Gösta apontou para uma das casas na encosta, em frente à fila de cabanas de pesca. — Parece que tem o hábito de inspecionar a zona pelos binóculos todas as manhãs. E foi assim que viu algo pendurado na torre de mergulho. A princípio pensou que era uma brincadeira de crianças, mas depois veio até aqui e viu que era coisa séria.

— O homem está bem?

— Um pouco agitado, claro, mas parece ser dos rijos.

— Não o deixem ir-se embora enquanto eu não tiver oportunidade de falar com ele — disse Patrik. Depois dirigiu-se a Torbjörn, que estava a isolar a área em redor da torre.

— Você anda a dar-nos muito trabalho, Hedström — disse o chefe da equipe de técnicos forenses.

— Também preferíamos um pouco de paz e sossego, acredite — Patrik preparou-se para observar novamente Christian e depois olhou para cima. Os olhos do cadáver estavam abertos e a cabeça tinha pendido um pouco para a frente quando o pescoço se tinha partido. Era como se estivesse a olhar para a água.

Patrik estremeceu.

— Quanto tempo é que temos de deixá-lo ali pendurado?

— Pouco mais. Só precisamos de tirar as nossas fotos antes de o descer.

— E o transporte?

— A caminho — disse laconicamente Torbjörn. Parecia ansioso por começar a trabalhar.

— Então, força! — disse Patrik, e Torbjörn começou imediatamente a dar ordens à sua equipa. Patrik foi ter com Gösta e com o idoso, que parecia estar a congelar.

— Patrik Hedström, da polícia de Tanum — disse, estendendo a mão.

— Sven-Olov Rönn — disse o homem, apertando a mão a Patrik e pondo-se praticamente em sentido.

— Como se sente? — perguntou Patrik, estudando o rosto do homem em busca de sinais de choque. Rönn estava um pouco pálido mas, de resto, parecia bastante composto.

— Bem, isto não foi lá muito agradável — respondeu —, mas depois bebo um copito quando chegar a casa e fico bem.

— Quer falar com um médico? — perguntou Patrik, fazendo com que uma expressão de horror aparecesse imediatamente no rosto do homem à sua frente. Parecia que Sven-Olov era daquele tipo de velhotes que prefeririam amputar o próprio braço a consultar um médico.

— Não, não — disse Rönn. — Não é necessário.

— Muito bem — retorquiu Patrik. — Sei que já falou com o meu colega — e acenou com a cabeça na direção de Gösta —, mas gostava de ouvir pessoalmente como encontrou... o homem que está na torre.

— Bem, o que se passa é que eu me levanto sempre ao raiar do dia — começou a dizer Rönn. E depois contou a mesma história que Gösta tinha relatado a Patrik alguns minutos antes, acrescentando-lhe mais alguns pormenores. Depois de fazer várias perguntas, Patrik decidiu mandar o velhote para casa, para que pudesse aquecer-se.

— Então, Gösta. Que dizes de tudo isto? — perguntou depois de Rönn ter partido.

— A primeira coisa que precisamos de descobrir é se foi suicídio. Ou se foi outra vez a mesma... — Gösta não terminou a frase, mas Patrik sabia no que o colega estava a pensar.

— Encontrou algum indício de luta ou de alguma forma de resistência? — perguntou Patrik em voz alta a Torbjörn, que parou a meio da escada da torre de mergulho.

— Por enquanto ainda não. Mas estamos agora a começar — respondeu o chefe da equipe de técnicos forenses. — Primeiro vamos tirar as fotos — acrescentou Torbjörn, brandindo a grande máquina fotográfica que tinha na mão. — Depois logo vemos que mais conseguimos descobrir. Eu digo-lhe assim que puder.

— Ótimo. Obrigado — disse Patrik. Apercebeu-se de que não havia muito mais que pudesse fazer por enquanto. E havia outra tarefa que exigia a sua atenção.

Martin Molin foi juntar-se a eles, com o rosto tão pálido como sempre quando tinha de estar perto de um cadáver.

— Mellberg e Paula também estão a caminho.

— Que bom — disse Patrik sem entusiasmo. Tanto Gösta como Martin sabiam que não fora Paula quem havia motivado aquele tom de voz.

— Que queres que façamos? — perguntou Martin.

Patrik respirou fundo enquanto tentava mentalmente formular um plano. Estava tentado a delegar aquela indesejada tarefa, mas o sentido de responsabilidade levou a melhor e, depois de voltar a respirar fundo, disse:

— Martin, tu esperas aqui por Mellberg e por Paula. Não vamos contar com a ajuda de Mellberg, claro. Vai limitar-se a andar por aí a atrapalhar os técnicos forenses. Mas leva Paula e comecem a bater à porta de todas as casas perto da entrada para Badholmen. A maior parte está vazia nesta época do ano, por isso não deve demorar muito. Gösta, gostava que viesses comigo falar com Sanna.

A expressão de Gösta ensombrou-se, mas depois disse:

— Tudo bem, quando queres ir?

— Agora mesmo — respondeu Patrik. Queria resolver aquilo o mais depressa possível. Por um momento, pensou telefonar a Annika para descobrir porque tinha tentando falar com ele no dia anterior. Mas isso teria de esperar até mais tarde. Agora não tinha tempo.

Quando deixaram Badholmen, tanto Patrik como Gösta fizeram um esforço para não se virarem para olhar para a figura que ainda estava a balançar ao vento.

— Não compreendo. Quem poderia ter enviado isto a Christian? — Sanna olhava com espanto para os desenhos que estavam sobre a mesa à sua frente. Estendeu a mão para pegar num deles e Erica ficou satisfeita por ter tido a presença de espírito de colocar cada desenho num saco de plástico separado, para que pudessem ser manuseados sem destruir potenciais provas.

— Não sei. Esperava que tivesse algum tipo de explicação. Sanna abanou a cabeça.

— Não faço ideia. Onde os encontrou?

Erica contou-lhe a visita ao antigo apartamento de Christian, em Gotemburgo, e falou-lhe de Janos

Kovács, que tinha guardado as cartas todos aqueles anos.

— Porque está tão interessada na vida de Christian? — Sanna lançou-lhe um olhar inquiridor.

Por um momento, Erica ponderou como explicar os seus atos. Também tinha bastante dificuldade em perceber porque se tinha envolvido daquela maneira.

— Desde que soube das cartas ameaçadoras que tenho andado preocupada com ele. E, como tenho este feitio, nunca mais consegui esquecer o assunto. Christian não me quis dizer nada, por isso comecei a investigar um pouco por minha conta.

— Mostrou estes desenhos a Christian? — perguntou Sanna, pegando noutro desenho para o estudar mais de perto.

— Não. Quis falar consigo primeiro — Erica fez uma pausa e depois disse: — O que sabe sobre o passado de Christian? Sobre a família dele, a infância...

Sanna sorriu tristemente.

— Quase nada. Não faz ideia. Nunca conheci ninguém que tivesse tão pouca vontade de falar de si mesmo. Há tanta coisa que gostava de saber sobre os pais dele, como viviam, o que ele fazia quando era novo, como eram os seus amigos... Enfim, aquelas perguntas que as pessoas costumam fazer quando se conhecem. Mas ele nunca esteve disposto a falar sobre o seu passado. Disse-me que os pais já morreram, que não tem irmãos ou irmãs e que a sua infância tinha sido como a de todos os outros rapazes, não valia mesmo a pena falar disso — Sanna engoliu em seco.

— Realmente é estranho — disse Erica, sem conseguir evitar um toque de compaixão na voz, ao ver que Sanna lutava desesperadamente para conter as lágrimas.

— Eu amo-o. E Christian irritava-se sempre quando o chateava com este gênero de perguntas, por isso parei. Tudo o que eu queria... Tudo o que eu queria era que ele ficasse comigo — Sanna sussurrou as palavras, os olhos cravados no regaço.

Erica teve vontade de sentar-se ao lado dela e abraçá-la. Parecia subitamente tão jovem e vulnerável. Não devia ser fácil viver uma relação daquelas, sempre a sentir-se em desvantagem. Porque Erica compreendia o que Sanna estava a insinuar: amava Christian, mas o marido nunca a tinha amado.

— Não sabe então quem possa ser a figura pequena ao lado de Christian? — perguntou suavemente

Erica.

— Não faço a mais pequena ideia, mas estes desenhos devem ter sido feitos

por uma criança. Talvez Christian tenha filhos que eu desconheça — Sanna tentou rir-se, mas o riso ficou-lhe preso na garganta.

— Então, não tire conclusões precipitadas — Erica ficou subitamente preocupada por poder estar a tornar as coisas ainda piores para Sanna, que estava claramente à beira do colapso.

— Não, mas tenho de admitir que também tenho pensado muito nisto. Perguntei-lhe milhares de vezes desde que as cartas começaram a chegar e ele diz sempre que não sabe quem as enviou. Mas não sei se hei de acreditar nele — Sanna mordeu o lábio.

— Ele nunca mencionou nenhuma antiga namorada ou algo do gênero? Nunca disse nada sobre uma mulher que possa ter feito parte da vida dele? — Erica percebeu que estava a ser demasiado insistente, mas talvez Christian alguma vez tivesse dito alguma coisa, algo que podia estar enterrado no subconsciente de Sanna.

A mulher de Christian abanou a cabeça e riu-se amargamente.

— Se ele tivesse mencionado outra mulher eu ia lembrar-me, acredite. Até pensei... — Sanna deteve-se, parecendo ter-se arrependido de começar a frase.

— O que foi que pensou? — perguntou Erica, mas Sanna recuou.

— Não é nada. Disparates meus. É que sou um bocado ciumenta.

E não era de admirar, pensou Erica. Viver com um desconhecido durante tantos anos... E amar alguém sem se ser correspondido... Não era de admirar que Sanna tivesse ciúmes. Mas não disse nada. Em vez disso, optou por levar a conversa para o que tinha estado a pensar desde o dia anterior.

— Ontem falou com uma colega de Patrik, não foi? Paula Morales? Sanna assentiu.

— Foi muito simpática. E Gösta também. Ajudou-me a lavar os miúdos. Peça a Patrik para lhe agradecer por mim. Acho que ontem não me lembrei de fazer isso.

— Eu digo-lhe — afirmou Erica, fazendo uma pausa antes de prosseguir. — Acho que Paula não apanhou uma coisa na vossa conversa.

— Como é que sabe? — perguntou Sanna, surpreendida.

— Paula gravou a conversa e, ontem à noite, Patrik esteve a ouvi-la lá em casa. Não pude deixar de escutar.

— Ah, pois — disse Sanna, parecendo aceitar aquela mentira inofensiva. — Que foi que...

— Bem, você disse algo a Paula sobre Christian não ter tido uma vida fácil. E dava a impressão de que estava a pensar numa coisa concreta. — Sanna ficou petrificada. Evitou olhar Erica nos olhos e começou a repuxar a franja da toalha.

— Não sei do que está a...

— Sanna — implorou Erica. — Não é altura de guardar segredos nem de

ficar calada para proteger alguém, para proteger Christian. Toda a sua família está em perigo e outras pessoas também, mas talvez possamos impedir que alguém partilhe o terrível destino de Magnus. Não sei o que não me quer dizer nem porque o faz. Pode até nem ter nada que ver com isto e creio que é precisamente isso que está agora a pensar. Senão tenho a certeza de que o teria mencionado. Sobretudo depois do que os seus filhos passaram ontem. Mas será que pode estar completamente certa disso?

Sanna olhou pela janela, fitando um ponto longínquo para além dos edifícios, para lá do mar congelado e das ilhas. Não falou durante bastante tempo e Erica também não, deixando-a travar aquela batalha interior.

— Encontrei um vestido no sótão. Um vestido azul — confessou por fim. Depois começou a contar tudo a Erica. Como confrontara Christian, a raiva que sentira, a incerteza em que vivia. E o que o marido lhe tinha acabado por contar. Toda a terrível história.

Quando Sanna concluiu o relato parecia completamente exausta. Erica ficou imóvel, tentando digerir o que acabara de ouvir, mas era impossível. Havia coisas que o cérebro humano simplesmente não conseguia imaginar. Tudo o que podia fazer era estender a mão e pô-la sobre a de Sanna.

Pela primeira vez, Erik sentiu-se dominado pelo pânico. Christian estava morto. Balançava ao vento como uma boneca de trapos, pendurado na torre de mergulho de Badholmen.

Uma agente de Tanumshede telefonara a dar-lhe a notícia. A mulher dissera-lhe para ser cauteloso e para não hesitar em chamar a polícia. Erik agradeceu, acrescentando que não achava que isso viesse a ser necessário. Por mais voltas que desse à cabeça não conseguia imaginar quem andaria a persegui-los. Mas não tencionava ficar sentado à espera da sua vez. Agora estava determinado a assumir o comando e a mantê-lo.

Manchas de suor apareceram-lhe na camisa, provando que não estava tão calmo como tentava aparentar. Continuava com o celular na mão e marcou nervosamente o número de Kenneth. Depois de cinco toques foi parar ao gravador de chamadas. Erik atirou o aparelho para cima da mesa. Tentou forçar-se a agir de modo racional e pensar em tudo o que teria de fazer.

O telefone tocou. Deu um salto e depois olhou para o visor. Era Kenneth.

— Estou?

— Não pude atender — explicou Kenneth. — Têm de ajudar-me a pôr o auricular. Não consigo segurar no celular — disse sem qualquer vestígio de autocomiseração na voz.

Por um momento, Erik pensou que devia ter tido o cuidado de visitar Kenneth no hospital. Ou pelo menos de enviar-lhe flores. Mas, enfim, não podia

pensar em tudo e alguém tinha de estar no escritório. De certeza que Kenneth compreenderia.

— Como tens passado? — perguntou, tentando soar como se estivesse realmente interessado.

— Bem — respondeu secamente Kenneth. Conhecia-o demasiado bem e sabia perfeitamente que Erik não lhe tinha perguntado sobre a sua saúde por estar preocupado.

— Tenho uma notícia desagradável — mais valia ir direto ao assunto. Kenneth não respondeu, esperando que Erik prosseguisse. — Christian está morto — Erik aliviou o colarinho da camisa. Continuava a transpirar profusamente e sentiu que a mão que segurava no celular estava úmida. — Acabo de saber. A polícia ligou-me. Está pendurado na torre de mergulho, em Badholmen.

Continuava a não haver resposta por parte de Kenneth.

— Estou? Ouviste o que eu disse? Christian morreu. O agente com quem falei recusou-se a dar-me mais pormenores, mas até um idiota percebe que isto foi obra do mesmo maluco que fez tudo o resto.

— Sim, é ela — disse por fim Kenneth. A voz era fria e calma.

— Que queres dizer com isso? Sabes quem é? — Erik quase gritou. Kenneth sabia quem era a responsável e ainda não tinha contado a ninguém? Se nada mais acontecesse a Kenneth, ele próprio se encarregaria de o matar.

— A seguir ela vai tentar apanhar-nos.

A estranha calma na voz de Kenneth fez com que os pelos dos braços de Erik se eriçassem. Por um momento perguntou-se se Kenneth não teria sofrido uma pancada na cabeça.

— Importas-te de dizer-me o que sabes?

— Provavelmente vai deixar-te para o fim.

Erik teve de conter-se para não bater com o celular na mesa, de tão frustrado que estava.

— Quem é?

— Quer dizer que não sabes mesmo? Maltrataste e feriste tanta gente que não consegues encontrá-la no meio da multidão? Para mim foi fácil. Ela é a única pessoa que alguma vez prejudiquei. Não sei se Magnus alguma vez percebeu que ela andava atrás dele. Mas sei que sofria. Isso não é uma coisa que já te tenha acontecido, pois não, Erik? Nunca sofreste nem ficaste acordado durante a noite por causa do que fizeste — Kenneth não estava irritado nem o estava a acusar. Continuava calmo e composto.

— De que estás a falar? — rosnou Erik enquanto os pensamentos lhe corriam pelo cérebro. Uma vaga lembrança, uma imagem, um rosto. Algo começou a agitar-se. Algo que tinha sido enterrado tão profundamente que nunca deveria voltar

a ressurgir.

Agarrou no telefone com força. Seria possível que...

Kenneth calara-se e Erik não precisava de dizer em voz alta o que também já sabia. O seu próprio silêncio falava por ele. Sem se despedir, terminou a conversa com Kenneth, tentando afastar aquela recordação forçada.

Depois, abriu o e-mail e começou rapidamente a fazer o que tinha de ser feito. Era urgente.

Assim que viu o carro de Erica parado na rampa de acesso em frente à casa de Agneta, Patrik sentiu uma impressão desagradável no estômago. Erica tinha tendência para se envolver em assuntos que não lhe diziam respeito. E, embora tivesse admirado muitas vezes a mulher pela sua curiosidade e pelo modo como a empregava para obter resultados, não gostava de a ver a interferir em assuntos da polícia. Só queria proteger Erica, Maja, e os gémeos que ainda não tinham nascido de todo o mal do mundo. Mas isso era uma tarefa difícil quando se tratava da mulher. Vezes sem conta, Erica tinha aterrado no centro da ação e Patrik percebeu que, sem que soubesse, Erica também já se devia ter-se enterrado até as orelhas naquela investigação.

— Não é o carro de Erica? — perguntou laconicamente Gösta quando subiram a rampa e estacionaram ao lado do Volvo bege.

— Sim, é — respondeu Patrik. Gösta não fez mais perguntas, erguendo simplesmente uma sobrancelha.

Não precisaram de tocar à campainha. A irmã de Sanna já tinha aberto a porta da frente e estava à espera deles com um olhar preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou tensamente.

— Gostávamos de falar com Sanna — disse sem responder à pergunta. Desejou que daquela vez também estivessem acompanhados por Lena, a pastora, mas a mulher tinha saído quando lhe telefonou e Patrik não queria atrasar-se a dar a notícia a Sanna.

A expressão no rosto de Agneta era ainda mais preocupada quando se afastou para os deixar entrar.

— Sanna está na varanda — disse, apontando.

— Obrigado — disse Patrik. — Podia certificar-se de que as crianças ficam ocupadas durante algum tempo?

Agneta engoliu em seco.

— Sim, vou fazer isso.

Patrik e Gösta encaminharam-se para a varanda. Sanna e Erica ergueram os olhos quando os ouviram entrar. Erica tinha um ar culpado, mas Patrik fez-lhe um sinal a indicar que falariam mais tarde. Sentou-se ao lado de Sanna.

— Receio ter más notícias para si — disse, mantendo a voz calma. —

Christian foi encontrado morto esta manhã — Sanna arfou e os olhos encheram-se de lágrimas.

— Não sabemos muito de momento. Mas estamos a fazer tudo o que podemos para descobrir o que aconteceu — acrescentou Patrik.

— Como... — todo o corpo de Sanna começou a tremer descontroladamente. Patrik hesitou, sem saber como contar-lhe.

— Foi encontrado enforcado. Na torre, em Badholmen.

— Enforcado? — a respiração de Sanna era rápida e superficial. Patrik colocou-lhe a mão no braço, a acalmá-la.

— Por enquanto, é tudo o que sabemos.

Sanna assentiu, os olhos vidrados. Patrik virou-se para Erica e disse-lhe em voz baixa:

— Podes trocar com a irmã de Sanna? Pedir a Agneta para vir até aqui, enquanto tu tomas conta das crianças?

Erica levantou-se de repente, lançando um olhar a Sanna antes de sair da varanda. Um momento depois, ouviram-na a subir as escadas. Depois, quando se aperceberam de que alguém vinha a descer, Gösta saiu para o corredor, para falar com a irmã de Sanna. Patrik ficou grato ao colega por relatar a Agneta o que tinha acontecido num sítio onde Sanna não os pudesse ouvir, de modo a não ter de ouvir aquilo duas vezes.

Agneta entrou, sentou-se ao lado de Sanna e pôs os braços em torno dos ombros da irmã. E foi assim que as duas mulheres ficaram enquanto Patrik perguntava se gostariam que ligasse a alguém e se queriam falar com um pastor. Todas as perguntas habituais às quais se agarrou para não se ir abaixo ao pensar nas duas crianças que estavam no andar de cima e que tinham acabado de perder o pai.

Mas precisava realmente pôr-se a caminho. Tinha um trabalho a realizar, um trabalho que implicava fazer alguma coisa por aquela família. Sobretudo por eles. Era sempre a vítima e os familiares da vítima que imaginava quando estava sentado no seu gabinete na delegacia e passava horas e horas a tentar encontrar uma solução para os casos que estava a investigar — alguns mais complicados do que outros.

Sanna soluçava descontroladamente quando Patrik encontrou o olhar da irmã. Agneta acenou com a cabeça de forma quase imperceptível em resposta àquela pergunta surda e Patrik levantou-se.

— De certeza que não há ninguém a quem queiram que telefone?

— Vou telefonar aos nossos pais assim que puder — disse Agneta. Embora estivesse muito pálida, tinha um ar calmo que fez com que Patrik ficasse descansado por deixá-las.

— Ligue-nos a qualquer hora, Sanna — disse, parando à porta. — E nós... — não sabia ao certo o que ousava prometer. Porque a pior coisa que podia acontecer a

um polícia a meio de uma investigação estava prestes a acontecer-lhe. Patrik estava a perder a esperança. A esperança de algum dia conseguirem descobrir quem estava por detrás de todos aqueles acontecimentos terríveis.

— Não se esqueça dos desenhos — disse Sanna, fungando ao apontar para uns papéis que estavam em cima da mesa.

— Que desenhos?

— Os que Erica trouxe. Alguém os enviou para a antiga morada de Christian em Gotemburgo.

Patrik olhou fixamente para os desenhos e depois recolheu-os cuidadosamente. Que andara Erica a tramar? Precisava de ter uma conversa com a mulher logo que possível, aquilo exigia uma explicação adequada. Ao mesmo tempo, não podia negar que sentira uma certa expectativa ao ver os desenhos. Se acabassem por revelar-se importantes, não seria a primeira vez que Erica tropeçava numa informação crucial.

— Bem, pareces uma verdadeira baby-sitter — disse Dan quando entrou em casa de Erica e Patrik. Tinha ligado para o celular de Anna e, quando esta lhe explicou onde estava, dirigira-se a Sälvik.

— Podes crer. Realmente não sei no que Erica anda metida e também não tenho a certeza se quero saber — disse Anna, aproximando-se de Dan e virando a cara para cima, à espera de um beijo.

— Então e eles não se importam que eu entre nesta festa à pendura? — perguntou Dan. No segundo seguinte quase foi atropelado por Maja, que se lançou nos seus braços. — Olá beleza! Como está a minha menina? Ainda és a minha miúda, não és? Não conhecestes outro tipo, pois não? — disse Dan com ar sério. Maja riu-se tanto que começou a soluçar e esfregou o nariz contra o dele, o que o fez pensar que não tinha perdido o seu elevadíssimo estatuto.

— Soubeste o que aconteceu? — perguntou Anna, de repente com expressão séria.

— Não, o quê? — perguntou Dan, erguendo Maja e depois baixando-a. Como Dan era muito alto, era uma grande viagem, para grande deleite de Maja.

— Não sei onde anda Erica, mas Patrik teve de ir a Badholmen. Alguém encontrou Christian Thydell esta manhã... enforcado — Dan parou instantaneamente, deixando Maja de cabeça para baixo. A criança pensou que aquilo fazia parte da brincadeira e riu-se ainda mais alto.

— Estás a brincar comigo? — Dan pousou lentamente Maja no tapete.

— Não, mas foi tudo o que Patrik me disse antes de sair correndo. Christian morreu — Anna não conhecia muito bem Sanna Thydell; porém, de vez em quando cruzava-se com ela, o que era inevitável, uma vez que viviam pouquíssimas pessoas em Fjällbacka. Anna pensava nas duas crianças.

Dan sentou-se pesadamente à mesa da cozinha e Anna tentou afugentar as imagens que surgiam na sua mente.

— Que raio de coisa — disse Dan, olhando pela janela. — Primeiro Magnus Kjellner e agora Christian. Para não falar de Kenneth Bengtsson, que está no hospital. Patrik deve andar a trabalhar que nem um louco.

— De certeza — disse Anna, deitando um pouco de sumo no copo de Maja. — Mas vamos falar de outra coisa, está bem? — ficava sempre muito perturbada quando pensava nos problemas das outras pessoas e a gravidez tinha-a tornado cem vezes mais sensível. Não suportava saber que alguém estava a sofrer.

Dan compreendeu os sinais e puxou-a para perto dele. Fechou os olhos e pôs-lhe a mão na barriga, abrindo os dedos.

— Daqui a nada ele está aqui, meu amor.

O rosto de Anna iluminou-se. Sempre que pensava na criança era como se nada de mal lhe pudesse acontecer. Amava tanto Dan e quase explodia de alegria quando pensava como a pequena criatura dentro dela os estava a unir aos dois. Acariciou o cabelo de Dan, murmurando:

— Tens de parar de dizer «ele». Porque acho que temos uma pequena princesa aqui dentro. Acho que este bebê dá pontapés como uma bailarina — provocou-o Anna. Depois de ter tido três filhas, Dan ansiava por um rapaz. Mas Anna sabia que o companheiro ficaria muito feliz com o bebê, fosse menino ou menina. Porque era o filho deles.

Patrik deixou Gösta junto de Badholmen. Depois de pensar por um momento, decidiu ir para casa. Precisava de falar com Erica e descobrir o que ela sabia.

Assim que entrou fez uma pausa para respirar fundo. Anna ainda lá estava e Patrik não queria arrastá-la para qualquer discussão que pudesse vir a ter com Erica. Anna tinha o hábito irritante de se pôr sempre do lado da irmã e Patrik não precisava de duas pessoas a enfrentá-lo no canto oposto do ringue. Mas depois de agradecer a Anna — assim como a Dan, que tinha aparecido para ajudar como baby-sitter extra —, Patrik tentou deixar o mais claro possível que queria ficar a sós com Erica. Anna percebeu imediatamente e foi-se embora com Dan, mas só depois de conseguirem convencer Maja a deixá-lo ir.

— Presumo que hoje Maja não vai à creche — disse Erica alegremente, dando uma olhadela ao relógio.

— Porque estavas em casa de Agneta a falar com Sanna? E o que foste ontem fazer a Gotemburgo? — perguntou Patrik com voz severa.

— Eu, bem, eu... — Erica inclinou a cabeça para um lado, tentando parecer tão docemente inocente quanto possível. Ao ver que Patrik não reagia, suspirou e percebeu que mais valia confessar. Sempre tinha pensado contar tudo a Patrik, mas o marido tinha-se adiantado.

Sentaram-se à mesa da cozinha. Patrik cruzou as mãos e olhou-a diretamente nos olhos. Erica refletiu durante algum tempo, até que decidiu por onde começar.

A seguir explicou que não conseguia parar de perguntar-se porque é que Christian tinha sido sempre tão reservado sobre o seu passado. Por isso decidira ir a Gotemburgo investigar e dirigira-se à morada onde Christian vivera antes de se mudar para Fjällbacka. Falou a Patrik do simpático húngaro e das cartas que tinham chegado para Christian. E explicou que Christian nunca as tinha recebido porque não deixara qualquer morada. Erica respirou fundo e depois contou que tinha sub-repticiamente lido a documentação do caso e que não fora capaz de resistir a ouvir a fita. E que tinha ouvido algo em que ficara a matutar, sentindo que tinha de chegar ao fundo da questão. Esse fora o motivo da visita a Sanna, nessa manhã. Erica também repetiu a Patrik o que Sanna tinha dito do vestido azul e do resto, que era quase demasiado horrível para se conseguir compreender. Quando terminou estava com falta de ar e não ousava olhar para Patrik, que não movera um músculo desde que Erica começara o relatório.

Patrik manteve-se em silêncio durante bastante tempo e Erica engoliu em seco, preparada para o maior sermão da sua vida.

— Eu só quis ajudar-te — acrescentou. — Tens andado tão cansado nestes últimos dias. Patrik levantou-se.

— Falamos sobre isso mais tarde. Tenho de voltar para a delegacia. E vou levar os desenhos.

Erica ficou a olhar o vazio durante muito tempo depois de Patrik se ter ido embora. Era a primeira vez, desde que se conheciam, que saía de casa sem lhe dar um beijo.

Não era costume de Patrik não devolver as chamadas. Annika tinha-lhe telefonado várias vezes desde a noite anterior, deixando-lhe uma mensagem a dizer que precisava de falar com ele, embora não explicasse porquê. Queria dizer-lhe pessoalmente o que tinha descoberto.

Quando Patrik finalmente chegou à delegacia e Annika viu a sua expressão exausta ficou ainda mais preocupada. Paula dissera-lhe que tinha pedido a Patrik para ficar em casa e descansar um pouco. Annika não tinha comentado, mas aplaudira a decisão. Também já tinha pensado fazer exatamente o mesmo.

— Estavas à minha procura? — perguntou Patrik quando entrou no gabinete de Annika, separado da recepção por um vidro. A secretária virou-se na cadeira.

— Sim, e não tem sido fácil contactar-te — disse Annika, olhando para ele por cima dos aros dos óculos para computador. Não estava a falar em tom de censura, apenas com preocupação.

— Eu sei — disse Patrik, sentando-se na cadeira reservada às visitas que estava junto da parede. — Tenho tido muito em que pensar.

— Tens de ter mais cuidado contigo. Tenho uma amiga que bateu no fundo há alguns anos e a saúde dela ainda não está a cem por cento. Quando uma pessoa ultrapassa os limites, demora muito tempo a recuperar.

— Eu sei, eu sei — disse Patrik. — Mas as coisas não estão assim tão más. O que se passa é que tenho tido muito trabalho — acrescentou, passando a mão pelo cabelo, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos. — Então, o que querias dizer-me?

— Já acabei de investigar o passado de Christian — disse Annika, calando-se em seguida. Só agora se lembrava onde Patrik tinha estado toda a manhã. — É verdade, como é que correu? — perguntou depois em voz baixa. — Como é que Sanna reagiu?

— Como é que se reage a uma coisa destas? — disse Patrik. Acenou-lhe com a cabeça para que prosseguisse, indicando que não queria falar da notícia que tinha acabado de ser forçado a dar.

Annika aclarou a garganta.

— Ora bem, antes de mais, Christian não tem cadastro. Nunca foi acusado de nenhum crime e nunca foi suspeito de nada. Antes de chegar a Fjällbacka viveu vários anos em Gotemburgo, onde estudou na universidade. Depois fez o curso de bibliotecário no ensino à distância. A faculdade fica em Borås.

— Sim, sim — disse Patrik com alguma impaciência.

— Também nunca tinha sido casado nem tem outros filhos além dos dois do casamento com Sanna — Annika ficou em silêncio.

— Só isso? — Patrik não conseguia esconder o desapontamento.

— Não. Ainda não te contei a parte interessante. Descobri sem grande dificuldade que Christian ficou órfão quando tinha apenas três anos. Ah, e nasceu em Trollhättan, que era onde vivia quando a mãe morreu. Do pai não se sabe nada. Decidi escavar um pouco mais no passado.

A secretária pegou num papel e começou a ler. Patrik estava a escutar atentamente. Annika deu-se conta de que os pensamentos rodopiavam na mente de Patrik, que tentava relacionar os novos dados com o pouco que já sabiam.

— Quer dizer que foi o sobrenome da mãe que adotou quando fez dezoito anos — disse Patrik. — Thydell.

— Exatamente. Também descobri umas coisas dela — Annika entregou um papel a Patrik, que o leu rapidamente, ansioso por saber mais.

— Parece que estamos quase a conseguir desemaranhar alguns fios — disse Annika quando viu a reação de Patrik. Adorava desenterrar informações, vasculhar os registos públicos e pesquisar pequenos pormenores que poderiam ser mais tarde relacionados para formar uma imagem completa. Especialmente quando o seu trabalho revelava uma pista que podia fazer avançar a investigação.

— Sim, e agora sei por onde começar — disse Patrik, pondo-se de pé. — Vou começar pelo vestido azul — Annika olhou para o colega com espanto quando este deixou o seu gabinete. De que raio estaria a falar?

Cecilia não ficou surpreendida ao abrir a porta e ver quem estava do lado de fora. Na verdade, estava à espera daquilo. Fjällbacka era uma cidade pequena e os segredos nunca ficavam muito tempo por revelar.

— Entre, Louise — disse, dando um passo para o lado. Teve de resistir ao impulso de pôr a mão na barriga, que era algo que fazia frequentemente desde que a gravidez fora confirmada.

— Espero que Erik não esteja cá — disse Louise. Cecilia deu-se conta do modo como pronunciava as palavras e, por um momento, sentiu uma pontada de paixão. Agora que a aventura acabara, percebia o inferno que devia ser viver com Erik. Se estivesse no lugar de Louise, o mais provável era que também tivesse começado a beber.

— Não, Erik não está. Entre — repetiu, dirigindo-se à cozinha. Louise seguiu-a. Estava muito elegante, como sempre, com um fato caro de corte clássico e joias de ouro, embora muito discretas. Cecilia sentiu-se desleixada no seu traje casual. A primeira cliente só deveria chegar ao salão daí a uma hora, de modo que estava a permitir-se uma manhã descansada em casa. Além disso, também estava a ter enjoos matinais e não conseguia manter o ritmo habitual.

— Houve tantas mulheres na vida dele que uma pessoa acaba por cansar-se.

Cecilia virou-se e olhou para Louise com surpresa. Não fora a abertura que esperava. Estava preparada para raiva e acusações. Mas Louise parecia simplesmente triste. E, quando Cecilia se sentou à sua frente, notou algumas rachas na fachada elegante. O cabelo de Louise estava baço e o verniz das unhas quebradiço. Tinha a blusa mal abotoada e uma ponta despontava na cintura.

— Eu disse-lhe para ir para o inferno — afirmou Cecilia, percebendo como era maravilhosa a sensação de dizer aquelas palavras em voz alta.

— Porquê? — perguntou Louise com indiferença.

— Já consegui o que queria dele.

— Como assim? — Louise estava a olhar para ela com uma expressão vaga, distraída.

Cecilia sentiu repentinamente tal sensação de gratidão que teve de arfar em busca de ar. Nunca seria como Louise; era uma pessoa muito mais forte. Mas talvez Louise também tivesse sido forte, em tempos. Talvez estivesse cheia de expectativas e de vontade de fazer as coisas como devia ser. Agora, essas esperanças tinham-se esfumado. Apenas restavam os anos de mentiras e o vinho.

Por um momento, Cecilia pensou mentir a Louise, ou pelo menos esconder-lhe a verdade durante algum tempo. Em breve toda a gente saberia. Mas então

percebeu que tinha de lhe contar. Não podia mentir a alguém que tinha perdido tudo o que lhe era mais querido.

— Estou grávida. O filho é de Erik — disse. Por um momento, nenhuma das mulheres falou. Depois, Cecilia prosseguiu: — Deixei muito claro que a única coisa que quero dele é apoio financeiro. E ameacei contar tudo.

Louise respirou fundo. Depois começou a rir-se. As gargalhadas foram ficando mais altas e estridente. As lágrimas começaram a escorrer-lhe pelo rosto e Cecilia olhou para ela, fascinada. Outra reação inesperada. Louise era mesmo uma caixinha de surpresas.

— Obrigada — disse Louise depois de conseguir controlar o riso.

— Porque está a agradecer-me? — perguntou Cecilia. Sempre gostara de Louise. Só não tinha gostado o suficiente para parar de ir para a cama com o marido dela.

— Por me dar um bom chuto no cu. Era exatamente disto que eu precisava. Valha-me Deus, olhe para mim — Louise olhou de relance para a blusa mal abotoada e quase arrancou os botões na sua ânsia de os abotoar como devia ser. Os dedos tremiam-lhe.

— De nada — disse Cecilia, não podendo deixar de rir-se um pouco com a situação. — O que está a pensar fazer?

— O que você já fez. Vou dizer-lhe para ir para o inferno — explicou firmemente Louise, já sem o olhar vago de há pouco. A sensação de que ainda controlava a própria vida tinha triunfado sobre a resignação.

— Primeiro certifique-se de que tem as finanças em ordem — disse secamente Cecilia. — Tenho de admitir que durante algum tempo estive apaixonada por Erik, mas agora sei que gênero de homem é. Vai tirar-lhe tudo, se o deixar. Homens como Erik não aceitam que os abandonem.

— Não se preocupe. Vou certificar-me de que lhe saco o máximo que puder — disse Louise enquanto enfiava a blusa, agora devidamente abotoada, nas calças. — Como estou? Tenho a maquilhagem esborratada?

— Um bocado. Espere um momento que eu já corrijo isso. — Cecilia levantou-se, pôs um pedaço de rolo de cozinha sob a torneira e depois voltou a pôr-se à frente de Louise. Cuidadosamente, limpou o rímel debaixo dos olhos. Parou abruptamente quando sentiu a mão de Louise na barriga. A princípio nenhuma das mulheres falou. Então, Louise sussurrou:

— Espero que seja um rapaz. As minhas filhas sempre quiseram ter um irmão mais novo.

— Meu Deus — disse Paula. — Essa é uma das histórias mais horríveis que alguma vez ouvi.

Patrik tinha-lhe contado o que Erica descobrira através de Sanna. Paula olhou

de esguelha para o colega quando este se sentou ao seu lado no lugar passageiro. Depois de quase terem morrido na estrada, no dia anterior, não tencionava deixá-lo ir novamente ao volante até que comesse a parecer mais repousado.

— Mas que tem isso que ver com a investigação? Foi há tantos anos.

— Há trinta e sete anos, para sermos precisos. E não sei se tem alguma coisa que ver com o caso, mas tudo parece estar relacionado com Christian. Acho que a resposta tem de estar no passado dele; é aí que vamos encontrar algum tipo de ligação com os outros acontecimentos. Quer dizer, se é que existe alguma ligação — acrescentou. — Talvez fossem apenas espectadores inocentes e tenham sido atingidos por estarem perto de Christian. Mas isso é o que precisamos de descobrir, portanto, mais vale começar pelo princípio.

Paula ultrapassou um camião a alta velocidade, quase falhando a saída para Trollhättan.

— De certeza que não queres que eu conduza? — perguntou ansiosamente Patrik, agarrando a pega da porta com força.

— Agora percebes como as outras pessoas se sentem — disse Paula com uma gargalhada. Depois de ontem deixaste de ser de confiança. Já agora, descansaste alguma coisa? — Paula olhou de relance para ele enquanto acelerava numa rotunda.

— Por acaso descansei mesmo — disse Patrik. — Dormi umas horas e depois passei uma noite agradável e tranquila com Erica. Foi excelente.

— Tens de ter mais cuidado contigo.

— Foi exatamente o que Annika me disse. Têm de parar de ser tão mães-galinhas — disse Patrik. Paula desviou o olhar para o mapa que vira na Internet e depois imprimira. A seguir olhou para as placas ao longo da estrada, quase atingindo um ciclista que apareceu repentinamente pela direita.

— Deixa-me ler o mapa. Parece que afinal não é verdade isso de as meninas terem jeito para fazer várias coisas ao mesmo tempo — disse Patrik com um sorriso.

— Cuidado com o que dizes — advertiu-o Paula, embora não parecesse sentir-se insultada.

— Vira aqui! Estamos quase a chegar — disse Patrik. — Isto vai ser interessante. Parece que os documentos ainda existem e a mulher com quem falei ao telefone soube imediatamente a que caso me estava a referir. Mas, pudera, não é coisa que se esqueça facilmente.

— Ainda bem que o delegado do Ministério Público não pôs problemas, senão ia ser difícil conseguirmos acesso a esse tipo de documentos.

— Podes crer — concordou Patrik, concentrando-se no mapa.

— Ali está — disse Paula, apontando para o edifício que albergava o serviço de Segurança Social de Trollhättan.

Poucos minutos mais tarde apresentaram-se a Eva-Lena Skog, a mulher que tinha falado com Patrik ao telefone.

— Há muita gente por aqui que se lembra da história — disse-lhe a assistente social, pegando numa pasta contendo documentos amarelecidos pelo tempo que estava em cima da secretária. — Foi há muito tempo, mas uma pessoa não se esquece deste gênero de coisas — acrescentou, empurrando para trás uma madeixa de cabelo grisalho. Era o estereótipo da professora, com o cabelo comprido apanhado atrás num carrapito perfeito.

— Alguém suspeitou que a situação fosse assim tão má? — perguntou Paula.

— Sim e não. Recebemos alguns relatórios e tínhamos feito... — Eva-Lena abriu a pasta e passou o dedo pela folha de rosto. — Tínhamos feito duas visitas domiciliárias.

— E nada indicava que podia ser necessário intervir? — perguntou Patrik.

— É difícil de explicar, mas eram outros tempos — disse Eva-Lena com um suspiro. — Hoje teríamos intervindo muito mais cedo, mas naquela época... bem, sinceramente não sabíamos fazer melhor. Parece que as coisas melhoravam durante certos períodos e o mais provável é que as nossas visitas tenham coincidido com esses momentos em que ela estava melhor.

— E nenhum familiar ou amigo vos comunicou nada? — perguntou Paula. Custava-lhe a entender como é que uma coisa daquelas podia ter acontecido sem que ninguém se apercebesse.

— Não tinham mais família. E julgo que também não tinham amigos. Viviam bastante isolados, por isso é que aquilo aconteceu. Se não fosse pelo cheiro... — Eva-Lena engoliu em seco e olhou para baixo. — Fizemos grandes progressos desde então. Hoje em dia não aconteceria uma coisa dessas.

— Esperemos que não — disse Patrik.

— Pelo que entendi, precisam destas informações por causa de um assassinato — disse Skog, empurrando a pasta sobre a secretária na direção dos agentes. — Mas vão lidar com o material com cuidado, não vão? Só em circunstâncias excepcionais é que permitimos o acesso a este tipo de ficheiros.

— Vamos ser extremamente discretos. Prometo — disse Patrik. — E tenho a certeza de que estes documentos vão ajudar-nos a fazer progressos na nossa investigação.

Skog olhou para Patrik com curiosidade mal disfarçada.

— O que poderá o vosso caso ter que ver com isto? Aconteceu há tantos anos...

— Lamento, mas não posso falar disso — explicou Patrik. A verdade é que não fazia a mais pequena ideia. Mas tinham de começar por algum lado.

— MAMÃE? — SACUDIU-A NOVAMENTE, MAS A MÃE NÃO SE MOVEU. NÃO SABIA HÁ QUANTO TEMPO ESTAVA ASSIM. TINHA APENAS TRÊS ANOS E AINDA NÃO SABIA DIZER AS HORAS. MAS TINHA FICADO ESCURO DUAS VEZES. NÃO GOSTAVA DO ESCURO E A SUA MAMÃE TAMBÉM NÃO. DEIXAVAM SEMPRE O CANDEEIRO LIGADO QUANDO IAM PARA A CAMA E ELE TINHA-O LIGADO SOZINHO QUANDO COMEÇARA A FICAR DEMASIADO ESCURO PARA SE CONSEGUIR VER NO APARTAMENTO. DE ANINHARA-SE JUNTO DA MÃE. ERA ASSIM QUE COSTUMAVAM DORMIR. PRÓXIMOS UM DO OUTRO, MUITO PERTO. PRESSIONAVA O ROSTO CONTRA O CORPO MACIO DELA. A MÃE NÃO TINHA ÂNGULOS, NADA A SAIR-LHE DO CORPO NEM NADA QUE FOSSE RÍGIDO. APENAS SUAVIDADE, CALOR E SEGURANÇA.

MAS, NA NOITE ANTERIOR, A MÃE JÁ NÃO ESTAVA QUENTE. ACOTOVELARA-A E ESPETARA-A COM O DEDO, MAS ELA NÃO SE MOVEU. ENTÃO FOI BUSCAR MAIS UM COBERTOR AO ARMÁRIO, EMBORA TIVESSE MEDO DE PÔR OS PÉS NO CHÃO QUANDO ESTAVA ESCURO. TINHA MEDO DO MONSTRO QUE ESTAVA DEBAIXO DA CAMA. MAS NÃO QUERIA QUE A MÃE GELASSE. E TAMBÉM NÃO QUERIA FICAR SORVETE. TAPOU-A CUIDADOSAMENTE COM AQUELE COBERTOR ÀS RISCAS QUE TINHA UM CHEIRO TÃO ESTRANHO. MESMO ASSIM, A MÃE NÃO AQUECIA. E ELE TAMBÉM NÃO. TREMENDO, DEITOU-SE AO LADO DELA DURANTE TODA A NOITE, À ESPERA DE ACORDAR PARA QUE AQUELE SONHO ESTRANHO ACABASSE.

QUANDO COMEÇOU A CLAREAR, LEVANTOU-SE. DE TAPOU-A NOVAMENTE COM O COBERTOR, UMA VEZ QUE ESTE DESLIZARA DURANTE A NOITE. PORQUE ESTAVA A DORMIR TANTO? NÃO COSTUMAVA DORMIR ATÉ TÃO TARDE. ÀS VEZES PASSAVA O DIA INTEIRO NA CAMA, MAS ACORDAVA DE VEZ EM QUANDO. CONVERSAVA COM ELE E PEDIA-LHE PARA IR BUSCAR-LHE UM COPO DE ÁGUA OU OUTRA COISA QUALQUER. NOS DIAS EM QUE FICAVA NA CAMA, DIZIA POR VEZES COISAS ESTRANHAS. COISAS QUE O ASSUSTAVAM. ATÉ GRITAVA COM ELE DE VEZ EM QUANDO. MAS ANTES GRITAR-LHE DO QUE ESTAR ALI DEITADA NA CAMA, TÃO QUIETA E TÃO FRIA.

O ESTÔMAGO RONCAVA DE FOME. TALVEZ A MÃE PENSASSE QUE ELE ERA MUITO ESPERTO SE ACORDASSE E DESCOBRISSE QUE TINHA FEITO O PEQUENO-ALMOÇO. A IDEIA ALEGROU-O UM POUCO E DIRIGIU-

SE À COZINHA. MAS, A MEIO DO CAMINHO, PENSOU NUMA COISA E VIROU-SE. QUERIA QUE TEDDY TAMBÉM FOSSE. NÃO QUERIA ESTAR SOZINHO. ARRASTANDO O URSINHO DE PELUCHE PELO CHÃO, DIRIGIU-SE NOVAMENTE À COZINHA. SANDUÍCHES. ERA O QUE A MÃE LHE COSTUMAVA FAZER. SANDUÍCHES COM COMPOTA.

ABRIU O FRIGORÍFICO. ALI ESTAVA O FRASCO DE COMPOTA, COM TAMPA VERMELHA E MORANGOS NO RÓTULO. E ALI ESTAVA A MANTEIGA. CUIDADOSAMENTE, TIROU-OS DO FRIGORÍFICO E ERGUEU-OS ATÉ À BANCADA. DE FOI BUSCAR UMA CADEIRA E PÔ-LA À FRENTE DA BANCADA PARA PODER TREPAR PARA O ASSENTO. AQUILO COMEÇAVA A PARECER UMA AVENTURA. ALCANÇOU A CAIXA DO PÃO E TIROU DUAS FATIAS. ABRIU UMA GAVETA DA COZINHA E ENCONTROU UMA FACA DE MADEIRA PARA MANTEIGA. A MÃE NÃO O DEIXAVA UTILIZAR FACAS VERDADEIRAS. LENTAMENTE, BARROU UMA FATIA COM MANTEIGA E OUTRA COM COMPOTA. DE JUNTOU-AS. BOA! A SANDUÍCHE ESTAVA PRONTA.

DESCEU DA CADEIRA E ABRIU NOVAMENTE O FRIGORÍFICO. ENCONTROU UM RECIPIENTE DE SUMO NUMA PRATELEIRA DA PORTA. COM ESFORÇO, ERGUEU O RECIPIENTE E PÔ-LO EM CIMA DA MESA DA COZINHA. SABIA ONDE ESTAVAM OS COPOS: NO ARMÁRIO POR CIMA DA CAIXA DO PÃO. TREPOU OUTRA VEZ À CADEIRA, ABRIU O ARMÁRIO E TIROU UM COPO. NÃO QUERIA DEIXÁ-LO CAIR. A MÃE FICARIA FULA SE O QUEBRASSE.

POUSOU O COPO NA MESA, PÔS A SANDUÍCHE AO LADO DELE E EMPURROU A CADEIRA PARA O SÍTIO ONDE ESTAVA. SUBIU PARA CADEIRA E AJOELHOU-SE PARA CONSEGUIR DEITAR SUMO NO COPO. O RECIPIENTE ERA PESADO E DEBATEU-SE PARA MANTÊ-LO SOBRE O COPO. MAS ACABOU POR DEITAR TANTO SUMO NA MESA COMO NO COPO. TEVE DE INCLINAR-SE PARA SORVER O QUE TINHA ENTORNADO NO OLEADO.

A SANDUÍCHE SABIA MARAVILHOSAMENTE BEM. ERA A PRIMEIRA SANDUÍCHE QUE TINHA FEITO SOZINHO E DEVOROU-A AVIDAMENTE. ENTÃO APERCEBEU-SE DE QUE O ESTÔMAGO TINHA ESPAÇO PARA MAIS E AGORA JÁ SABIA O QUE FAZER. A MÃE IA FICAR TÃO ORGULHOSA DELE QUANDO ACORDASSE E DESCOBRISSE QUE CONSEGUIA FAZER AS SUAS PRÓPRIAS SANDUÍCHES.



— ALGUÉM VIU ALGUMA COISA? — Patrik estava a falar ao telefone com Martin. — Não? Okay, também não estava à espera que tivessem visto. Mas vão batendo às portas. Nunca se sabe.

Terminou a conversa e trincou o Big Mac. Tinham parado no McDonald's para almoçar e falar do que fazer a seguir.

— Nada? — perguntou Paula, que estava a ouvir Patrik enquanto ia comendo batatas fritas.

— Até agora nada. Vive lá pouca gente no inverno. Portanto, não é de estranhar que não tenham tido muita sorte.

— Como estão a correr as coisas em Badholmen?

— Já levaram o corpo — disse Patrik, comendo mais um bocado de hambúrguer. — O que significa que Torbjörn e a equipe devem estar a acabar. Prometeu ligar-me se descobrissem alguma coisa.

— Então, o que fazemos a seguir?

Antes do almoço tinham dado uma vista de olhos às cópias dos documentos que lhes tinham sido entregues no escritório da Segurança Social. Tudo parecia encaixar-se no que Sanna contara a Erica.

— Vamos continuar a avançar. Sabemos que Christian foi adotado por um casal de sobrenome

Lissander, pouco tempo depois. Aqui em Trollhättan.

— Será que ainda vivem cá? — interrogou-se Paula.

Patrik limpou cuidadosamente as mãos antes de folhear o ficheiro para encontrar a página pretendida. Em seguida, memorizou a morada e ligou para as informações.

— Boa tarde. Gostava de saber se Ragnar e Irène Lissander, de Trollhättan, vêm na lista. Certo, obrigado — o rosto de Patrik iluminou-se e acenou com a cabeça a Paula a assinalar que estavam com sorte. — Pode enviar-me o texto por SMS?

— Ainda vivem cá? — perguntou Paula, enfiando mais umas quantas batatas fritas na boca.

— Parece que sim. Que tal irmos até lá e falarmos um pouco com eles? — Patrik levantou-se e olhou impacientemente para Paula.

— Não devíamos telefonar-lhes primeiro?

— Não, quero ver o que acontece se aparecermos sem eles estarem à espera. Deve haver algum motivo para Christian ter adotado novamente o sobrenome da mãe biológica e nunca ter mencionado a existência deles a ninguém, nem mesmo à mulher.

— Talvez não tenha vivido muito tempo com eles.

— É possível, mas não me parece — Patrik tentou expressar porque tinha uma sensação tão forte de que aquela era uma pista que valia a pena seguir. — Porque é que Christian não mudou de sobrenome antes de ter feito dezoito anos? Porquê esperar? E porque teria recebido o nome dos pais adotivos se não tivesse vivido muito tempo com eles?

— Sim, talvez tenhas razão — afirmou Paula, embora ainda não parecesse convencida.

Mas em breve descobririam. Muito em breve seria encaixada uma das peças em falta do puzzle que era Christian Thydell. Ou melhor, Christian Lissander.

Com o celular na mão, Erica hesitava. Sim ou não? Por fim, decidiu que a notícia não tardaria a ser tornada pública e que mais valia que Gaby a soubesse da boca dela.

— Olá, sou eu, Erica.

Erica fechou os olhos enquanto Gaby a bombardeava com os cumprimentos efusivos habituais. Mas depois cortou o pio à editora a meio da torrente de palavras.

— Christian morreu, Gaby.

O telefone emudeceu. Depois, Erica ouviu Gaby a respirar fundo.

— O quê? Como? — balbuciou. — Foi a mesma pessoa que...

— Não sei — Erica fechou novamente os olhos. As palavras soaram tão terríveis e definitivas quando as disse em voz alta: — Foi encontrado enforcado esta manhã. Por enquanto, a polícia não adianta mais nada. Não sabemos se foi suicídio ou se... — Erica não conseguiu terminar a frase.

— Enforcado? — arfou Gaby. — Não é possível!

Erica não respondeu de imediato. Sabia que a notícia tinha de ser interiorizada lentamente antes de se tornar real. Tinha passado pelo mesmo quando Patrik lhe contara.

— Se souber de mais alguma coisa, digo-te — prometeu Erica. — Mas gostava que mantivesses isto longe dos média tanto tempo quanto for possível. As coisas já estão a ser muito difíceis para a família sem jornalistas à mistura.

— Claro, claro — disse Gaby, parecendo estar a ser sincera. — Mas diz-me qualquer coisa quando souberes, está bem?

— Eu digo, está descansada — garantiu Erica, desligando o telefone. Sabia que, mesmo que Gaby resistisse à tentação de telefonar aos média, não tardaria até que a morte de Christian aparecesse estampada na primeira página de todos os jornais. Tornara-se uma estrela da noite para o dia e os média rapidamente se tinham apercebido de que aquilo era material com interesse jornalístico. A morte misteriosa de Christian ia sem dúvida dominar as manchetes nos próximos dias. Pobre Sanna, pobres crianças.

Erica mal tinha conseguido olhar para os dois rapazes quando devia estar a tomar conta deles em casa de Agneta. Estavam sentados no chão, a brincar com uma grande pilha de peças Lego. Despreocupados e felizes, apenas a brigar um pouco um com o outro de vez em quando, como é próprio dos irmãos. O aterrorizador episódio da tinta vermelha do dia anterior parecia ter-lhes passado ao lado. Mas talvez estivessem apenas a interiorizar a situação. Talvez estivessem a sofrer por dentro, mesmo que, exteriormente, não se notasse. E agora o pai tinha morrido. Como é que aquilo iria afetar as vidas daquelas crianças?

Erica sentara-se no sofá sem dizer uma palavra, até que, por fim, forçara-se a olhar para eles. Com as cabeças juntas, os dois rapazes discutiam onde encaixar a sirene da ambulância de brinquedo. Eram tão parecidos com Christian e com Sanna. E agora eram a única coisa que restava dele. Além do livro, claro. A Sereia.

De repente, Erica sentiu um forte desejo de reler a história. De a ler como uma espécie de homenagem a Christian. Primeiro foi espreitar Maja, que dormia profundamente na cama. Como tinham tido uma manhã muito agitada, a filha não fora à creche. Erica acariciou-lhe ao de leve a cabeça loura deitada na almofada. Depois foi buscar o livro, instalou-se confortavelmente e abriu-o na primeira página.

Iam enterrar Magnus daí a dois dias. Daí a dois dias estaria debaixo da terra. Dentro de uma cova.

Cia não saía de casa desde que recebera a notícia de que Magnus tinha sido encontrado. Não suportava imaginar as pessoas a olharem para ela, não aguentava ver a compaixão nos seus olhos, enquanto se interrogavam sobre o que teria Magnus feito para merecer tal morte. O mais certo era toda a gente estar a especular sobre o que atraía aquela desgraça.

Sabia que as pessoas estavam a falar. Ao longo dos anos, ela própria tinha tomado parte na coscuvilhice. Não contribuíra muito, felizmente, mas tinha ouvido muita coisa sem protestar.

«Não há fumaça sem fogo.»

«Como é que eles têm dinheiro para uma viagem à Tailândia? Ele deve receber grana por fora.»

«Não ias acreditar nos decotes que ela usa agora. A quem será que quer agradar?»

Boatos isolados, retirados do contexto e depois pacientemente empilhados até formarem uma mistura de factos e ficção. Até que, por fim, aquela passava a ser a verdade.

Podia imaginar as histórias que deviam estar a circular pela cidade. Porém, desde que ficasse em casa, não importava. Mal suportava pensar no vídeo que Ludvig mostrara à polícia no dia anterior. Não mentira quando disse que não sabia nada daquilo. Ao mesmo tempo, tinha dado o que pensar. Às vezes sentia que havia

algo que Magnus não dizia. Ou teria inventado aquilo a posteriori, depois de o seu mundo ter sido virado de pernas para o ar de modo tão desconcertante? Cia pensava conseguir recordar-se de se ter interrogado sobre o que estaria por detrás da estranha melancolia que às vezes se apoderava do marido, normalmente uma pessoa tão alegre. Aquilo caía sobre ele como uma sombra, um eclipse solar. Chegara mesmo a perguntar-lhe o que se passava. Sim, agora lembrava-se. Tinha-lhe acariciado o rosto e perguntado em que estava a pensar. E, de todas as vezes, era sempre como se tivesse voltado a ligar a luz, afastando a sombra antes que pudesse vê-la melhor.

— Estou a pensar em ti, claro, meu amor — respondera Magnus, inclinándose para a frente para lhe dar um beijo.

Às vezes, Cia reparava na sombra mesmo quando não havia nenhum sinal exterior dela. E desvalorizava sempre a situação, pois ocorria muito raramente e, além disso, não tinha mais por onde pegar.

Mas, desde o dia anterior, não tinha conseguido tirá-la do pensamento. A sombra. Seria o motivo de Magnus já não estar vivo? De onde tinha vindo? Porque é que ele nunca lhe dissera nada? Cia pensava que diziam tudo um ao outro, que sabia tudo sobre ele, assim como Magnus sabia tudo sobre ela. E se estivesse enganada? E se não soubesse nada do marido?

A sombra foi crescendo na mente de Cia. Imaginou o rosto de Magnus. Não o rosto do homem alegre, caloroso e carinhoso ao lado do qual tinha tido a sorte de acordar todas as manhãs durante os últimos vinte anos. Em vez disso, viu o rosto do marido como aparecia no vídeo. Desesperado e contorcido.

Tapou a cara com as mãos e chorou. Já não tinha a certeza de nada. Era como se Magnus tivesse morrido uma segunda vez e Cia achava que não aguentaria perdê-lo outra vez.

Patrik tocou à campainha e, passado um momento, a porta abriu-se. Um velhote baixo e magro espreitou pela abertura.

— Sim?

— Chamo-me Patrik Hedström. Da polícia de Tanum. E esta é a minha colega, Paula Morales.

O homem estudou os dois rostos.

— Vieram de longe. Em que posso ajudar-vos? — perguntou despreocupadamente, embora traíndo alguma reserva na voz.

— Chama-se Ragnar Lissander?

— Sim, isso mesmo.

— Gostávamos de entrar e conversar um pouco consigo. De preferência, consigo e com a sua mulher, se ela estiver em casa — disse Patrik. Tinha falado cortesmente, mas deixara claro que não estava preparado para receber um não como resposta.

O homem pareceu hesitar por um momento. Em seguida, deu um passo para o lado e deixou-os entrar

— A minha mulher está um pouco indisposta, por isso está a descansar. Vou ver se pode descer por um momento.

— Isso era ótimo — disse Patrik, sem saber ao certo se Ragnar Lissander queria que ficassem à espera no vestíbulo enquanto ia ao andar de cima.

— Entrem e sentem-se. Venho já — disse o homem como se respondesse à pergunta silenciosa de Patrik.

Patrik e Paula olharam na direção em que Ragnar estava a apontar e depois entraram numa sala de estar que ficava à esquerda do vestíbulo. Deram uma vista de olhos enquanto ouviam o Sr. Lissander a subir as escadas.

— Não é lá muito acolhedora, não? — sussurrou Paula.

Patrik tinha de concordar. A sala parecia mais uma exposição numa loja de móveis do que uma divisão que era utilizada no dia a dia. Tudo nela brilhava e os ocupantes pareciam nutrir uma certa simpatia por objetos decorativos. O sofá era de couro castanho e tinha à frente a inevitável mesa de café de vidro. Não havia uma única impressão digital no tampo e Patrik estremeceu ao pensar como ficaria a mesa se estivesse em sua casa, com Maja a enchê-la de marcas com os seus dedos pegajosos.

O mais notável era não haver objetos pessoais na sala. Não viram quaisquer fotografias, desenhos de netos ou postais com cumprimentos de familiares ou amigos.

Patrik sentou-se cautelosamente no sofá e Paula sentou-se ao seu lado. Conseguiram ouvir vozes no andar de cima, uma discussão acalorada, embora não fossem capazes de perceber o que estava a ser dito. Passados mais alguns minutos, ouviram passos nas escadas, desta vez de duas pessoas.

Ragnar Lissander apareceu à entrada da sala. Personificava em absoluto o termo «velhinho», pensou Patrik. Cinzento, curvado e invisível. A mulher atrás dele era outra história. Não se limitou a aproximar-se deles, avançou em grandes passadas, envergando um roupão que parecia consistir numa infinidade de folhos cor de pêssego. Emitiu um suspiro profundo quando apertou a mão a Patrik.

— Espero que isto seja importante, porque vieram interromper a minha sesta. Patrik sentia-se como se tivesse aterrado num filme mudo dos anos vinte.

— Só queremos fazer-vos algumas perguntas — explicou, voltando a sentar-se.

Irène Lissander sentou-se na poltrona à frente dele. Não se dera ao trabalho de cumprimentar

Paula.

— Ora então, Ragnar diz que são de... — Irène virou-se para o marido. —

Disseste Tanum, não foi?

O homem murmurou afirmativamente, sentando-se na outra extremidade do sofá. As mãos pendiam-lhe entre os joelhos e fixou o olhar na mesa de vidro brilhante.

— Não percebo o que poderão querer-nos — disse a mulher com altivez. Patrik não pôde deixar de lançar um olhar na direção de Paula, que revirou discretamente os olhos.

— Estamos a investigar um assassinato — disse Patrik. — E descobrimos algumas informações que apontam para algo que ocorreu aqui, em Trollhättan, há trinta e sete anos.

Pelo canto do olho, Patrik viu Ragnar a sobressaltar-se.

— Os senhores acolheram um órfão nesse mesmo ano, não foi?

— Christian — disse Irêne, balançando um pé para cima e para baixo. Usava chinelos de salto alto abertos à frente. As unhas dos pés estavam primorosamente pintadas de vermelho flamejante e chocavam em absoluto com a cor do roupão.

— Exatamente. Christian Thydell, que depois recebeu o vosso sobrenome. Lissander.

— Christian voltou a mudar o sobrenome mais tarde — disse Ragnar em voz baixa, recebendo um olhar assassino da mulher. O homem calou-se e todo o corpo lhe descaiu novamente para a frente.

— Os senhores adotaram-no? — perguntou Paula.

— Não, nada disso — Irêne afastou do rosto uma madeixa do cabelo escuro, obviamente pintado. — Christian apenas vivia connosco. Foi autorizado a utilizar o nosso sobrenome por... uma questão de conveniência.

Patrik ficou estupefacto. Quantos anos passara Christian naquela casa, a ser tratado como um mero hóspede, a julgar pela frieza com que a mãe adotiva falava dele?

— Estou a ver. E quanto tempo ao certo viveu Christian em vossa casa? — Patrik deu-se conta do tom de reprovação com que fizera a pergunta, mas Irêne Lissander não pareceu reparar.

— Hum, quanto tempo foi, Ragnar? Quanto tempo estive cá o rapaz? — o marido não respondeu e Irêne virou-se novamente para Patrik. Ainda não se dignara dirigir um único olhar a Paula. Patrik teve a sensação de que as outras mulheres não existiam no mundo de Irêne.

— Deve ser fácil de calcular. O rapaz tinha cerca de três anos quando veio para nossa casa. E quantos anos tinha quando se foi embora, Ragnar? Devia ter dezoito — a mulher sorriu como que a desculpar-se. — Queria tentar a sorte noutra sítio. E, desde então, nunca mais ouvimos uma palavra dele. Não é verdade, Ragnar?

— Sim, foi isso — disse Ragnar Lissander em voz baixa. — Christian

desapareceu... pura e simplesmente...

Patrik teve pena do homenzinho. Teria sido sempre assim? Intimidado e amedrontado? Ou foram os anos que passara com Irêne que o despojaram de toda a virilidade?

— Quer dizer que não sabem para onde foi?

— Não fazemos a mais pequena ideia. Nada de nada — o pé de Irêne subia e descia novamente.

— Porque estão a fazer-nos estas perguntas? — inquiriu Ragnar. — Porque é que Christian está envolvido na investigação de um assassinato? — Patrik hesitou.

— É que, infelizmente, Christian foi encontrado morto esta manhã.

Ragnar não conseguiu ocultar o choque. Ele, pelo menos, preocupava-se com Christian, não pensava nele apenas como um hóspede.

— Como foi que morreu? — perguntou Ragnar com voz trémula.

— Foi encontrado enforcado. É tudo o que sabemos de momento.

— Christian tinha família?

— Sim, dois filhos e uma mulher chamada Sanna. Vivia em Fjällbacka, era bibliotecário. O primeiro romance dele foi publicado a semana passada. Chama-se A Sereia. E tem tido excelentes críticas.

— Então era mesmo ele — disse Ragnar. — Li sobre o livro no jornal porque o título me chamou a atenção. Mas na fotografia não parecia nada o Christian que morava connosco.

— Quem diria que isso ia ser possível? Que um rapaz daqueles ia conseguir ser alguém na vida — disse Irêne com uma expressão dura como pedra.

Patrik mordeu a língua para não replicar. Tinha de ser profissional e concentrar-se no seu objetivo. Reparou que estava novamente a transpirar e aliviou um pouco a camisa para apanhar ar.

— Christian teve um começo de vida difícil. Isso notava-se no comportamento dele?

— O rapaz era tão novo. As crianças esquecem essas coisas muito depressa — disse Irêne, enfatizando com um gesto que aquilo não tinha qualquer importância.

— Às vezes tinha pesadelos — disse Ragnar.

— Todas as crianças têm pesadelos. Não, não notamos nada. Era, isso sim, uma criança estranha. Bem, mas a viver naquele ambiente, enfim...

— Que sabem da mãe biológica?

— Uma cabra. Do mais baixo que há. E não era muito boa da cabeça — Irêne bateu com o dedo na testa e suspirou. — Continuo a não perceber o que pensava que íamos ser capazes de dizer-lhe. Por isso, se não houver mais nada, gostava de voltar lá para cima e deitar-me. Não estou a sentir-me bem.

— Só mais algumas perguntas — disse Patrik. — Há mais alguma coisa

sobre a infância de Christian que queiram mencionar? Procuramos uma pessoa, provavelmente uma mulher, que ameaçou Christian e outras pessoas.

— Bem, enquanto esteve connosco, as raparigas não andavam propriamente a formigar à volta dele — disse Irene com um ar indiferente.

— Não estou apenas a pensar em relações amorosas. Havia alguma mulher que fosse chegada a Christian?

— Não. Que mulher? Christian só nos tinha a nós.

Patrik estava prestes a terminar a conversa quando Paula interrompeu com uma pergunta:

— Só mais uma coisa. Outro homem foi encontrado morto em Fjällbacka. Magnus Kjellner, um dos amigos de Christian. E outros dois amigos dele receberam o mesmo tipo de ameaças que Christian tinha recebido. Erik Lind e Kenneth Bengtsson. Reconhecem estes nomes?

— Como eu disse, não ouvimos um pio dele desde que se foi embora — disse Irène, levantando-se abruptamente. — E agora vão desculpar-me, tenho um coração fraco e isto foi um choque tão grande que tenho mesmo de ir deitar-me — a mulher saiu da sala e ouviram-na a subir as escadas.

— Têm alguma ideia de quem possa ser? — perguntou Ragnar, dando uma olhadela à porta por onde a mulher tinha acabado de sair.

— Não, por enquanto ainda não — respondeu Patrik. — Mas acho que Christian é a figura central deste caso. E não tenciono desistir até saber como e porquê. Ainda hoje de manhã tive a triste incumbência de dar a má notícia à mulher dele.

— Compreendo — disse suavemente Ragnar. Abriu a boca de novo, como se quisesse dizer algo mais, mas depois apertou os lábios. Levantou-se e olhou para Paula e para Patrik. — Acompanho- os à porta.

Quando chegaram à entrada, Patrik teve a sensação de que não devia sair. Queria ficar e dar ao homem um valente abanão até que Ragnar dissesse o que tinha estado a ponto de dizer. Em vez disso limitou-se a entregar-lhe o cartão de visita e, depois, os dois policias saíram

PASSADO UMA SEMANA, A COMIDA ACABOU. TINHA COMIDO O PÃO TODO UNS DIAS ANTES E TEVE DE COMEÇAR A COMER CORNFLAKES DO PACOTE GRANDE. SEM LEITE. TANTO O LEITE COMO O SUMO TINHAM ACABADO, MAS HAVIA ÁGUA E TINHA EMPURRADO UMA CADEIRA ATÉ AO LAVATÓRIO PARA PODER BEBER DIRETAMENTE DA TORNEIRA.

MAS AGORA NÃO HAVIA MAIS NADA PARA COMER. NÃO É QUE DANTES HOUVESSE MUITA COISA NO FRIGORÍFICO. NA DESPENSA, ENCONTROU APENAS ENLATADOS QUE NÃO CONSEGUIA ABRIR. PENSOU EM SAIR DE CASA E IR COMPRAR COMIDA SOZINHO. SABIA ONDE A MÃE GUARDAVA O DINHEIRO, NA MALA QUE ESTAVA SEMPRE NO VESTÍBULO. MAS NÃO CONSEGUIA ABRIR A PORTA. POR MAIS QUE TENTASSE, NÃO CONSEGUIA DESTRANCÁ-LA. SE TIVESSE CONSEGUIDO, A MÃE AINDA IA FICAR MAIS ORGULHOSA DELE. PODERIA TER-LHE MOSTRADO QUE, ALÉM DE SER CAPAZ DE FAZER AS PRÓPRIAS SANDUÍCHES, TAMBÉM CONSEGUIA FAZER AS COMPRAS SOZINHO ENQUANTO ELA DORMIA.

NOS ÚLTIMOS DIAS, COMEÇARA A INTERROGAR-SE SE A MÃE NÃO ESTARIA DOENTE. MAS SABIA QUE, QUANDO UMA PESSOA ESTAVA DOENTE, TINHA FEBRE E FICAVA QUENTE. A MÃE ESTAVA MUITO FRIA. E TINHA UM CHEIRO ESTRANHO. TINHA DE TAPAR O NARIZ À NOITE, QUANDO SE ENFIAVA NA CAMA PARA DORMIR PERTO DELA. E A MÃE TAMBÉM ESTAVA PEGAJOSA. NÃO SABIA O QUE ERA AQUILO; PORÉM, SE ESTAVA PEGAJOSA, ISSO QUERIA DIZER QUE SE DEVIA TER LEVANTADO QUANDO ELE NÃO ESTAVA A VER. TALVEZ ESTIVESSE QUASE A ACORDAR. PASSAVA OS DIAS BRINCANDO SOZINHO. SENTAVA-SE NO QUARTO COM OS BRINQUEDOS ESPALHADOS À SUA VOLTA. TAMBÉM SABIA LIGAR O TELEVISOR, CARREGANDO NO BOTÃO GRANDE. ÀS VEZES PASSAVAM PROGRAMAS INFANTIS E ERA DIVERTIDO VÊ-LOS DE DE TER PASSADO O DIA TODO A BRINCAR SOZINHO.

MAS QUASE DE CERTEZA QUE A MÃE IA FICAR IRRITADA QUANDO VISSE COMO TUDO ESTAVA SUJO LÁ EM CASA. TINHA DE LIMPAR. MAS TINHA TANTA FOME. ESTAVA TÃO INCRIVELMENTE ESFOMEADO...

ÀS VEZES OLHAVA PARA O TELEFONE E CHEGARA A PEGAR NO AUSCULTADOR, OUVINDO O SINAL A DIZER «BIP, BIP, BIP». MAS A QUEM

PODERIA TELEFONAR? NÃO SABIA O NÚMERO DE NINGUÉM. E NUNCA TELEFONAVAM LÁ PARA CASA.

ALÉM DISSO, A MÃE DEVIA ESTAR QUASE A ACORDAR. IA LEVANTAR-SE, TOMAR UM BANHO E FAZER COM QUE O MAU CHEIRO DESAPARECESSE, O CHEIRO QUE O ENJOAVA. E DE IA VOLTAR A CHEIRAR COMO DANTES.

COM O ESTÔMAGO GRITANDO DE FOME, SUBIU NA CAMA E APROXIMOU-SE DELA. NÃO GOSTAVA DO CHEIRO, MAS DORMIA SEMPRE AO LADO DA MÃE. SÓ CONSEGUIA DORMIR ASSIM.

COBRIU-SE E À MÃE COM AS COBERTAS. DO LADO DE FORA DA JANELA CAÍA A NOITE.



GÖSTA LEVANTOU-SE ASSIM QUE OUVIU PATRIK E PAULA ENTRAREM. A delegacia estava mergulhada num clima opressivo. Todos se sentiam frustrados. Precisavam de alguma pista concreta para que a investigação pudesse avançar.

— Encontramo-nos na cozinha daqui a cinco minutos — disse Patrik antes de se dirigir para o seu gabinete.

Gösta foi até a cozinha e sentou-se no seu lugar preferido junto da janela. Cinco minutos mais tarde, os restantes elementos da delegacia apareceram, uns atrás dos outros. Patrik foi o último a chegar. Encostou-se à bancada e cruzou os braços.

— Como todos sabem, Christian Thydell foi encontrado morto esta manhã. Por enquanto não podemos dizer se foi assassinato ou suicídio. Vamos ter de esperar pelos resultados da autópsia. Falei com Torbjörn que, infelizmente, teve muito pouco a acrescentar. Mas, com base no exame preliminar, não parece haver qualquer sinal de luta no local.

Martin ergueu a mão.

— Então e pegadas? Alguma coisa a indicar que Christian não estava sozinho quando morreu? Se houvesse neve nos degraus talvez pudessem ser retiradas para análise.

— Falei nisso a Torbjörn — disse Patrik. — Mas seria impossível dizer quando as pegadas foram realmente feitas. Além disso, toda a neve que estava nos degraus tinha sido levada pelo vento. Mas os técnicos conseguiram extrair uma série de impressões digitais, principalmente no corrimão, e claro que vão ser cuidadosamente analisadas. O relatório vai demorar alguns dias — Patrik virou-se

para encher um copo com água da torneira e bebeu alguns goles. — A ronda pela vizinhança deu algum resultado?

— Não — disse Martin. — Batemos praticamente a todas as portas da zona baixa de Fjällbacka, mas ninguém parece ter visto nada.

— Tudo bem. Temos de fazer uma busca metódica à casa de Christian para ver se conseguimos encontrar alguma coisa que mostre que se encontrou lá com o assassino.

— Assassino? — exclamou Gösta. — Quer dizer que achas que foi assassinato e não suicídio?

— Por enquanto não sei o que hei de achar — respondeu Patrik com a voz cansada e massajando a testa. — Mas sugiro que assumamos que Christian também foi assassinado até sabermos mais — Patrik virou-se para Mellberg. — Que lhe parece, Bertil?

Era sempre aconselhável fingir que a participação do chefe era importante.

— Concordo — respondeu Mellberg.

— Também vamos ter de lutar com a imprensa. Assim que souberem o que aconteceu, o interesse dos média vai ser enorme. Recomendo que ninguém fale com nenhum jornalista; encaminhem-nos todos para mim.

— Quanto a isso tenho de discordar — disse Mellberg. — Como chefe da polícia, devo ser eu a lidar com uma tarefa tão importante como as relações com a mídia.

Patrik sopesou as alternativas. Seria um pesadelo dar a Mellberg rédea solta para falar com os jornalistas. Por outro lado, tentar convencê-lo do contrário exigiria demasiada energia.

— Okay, então o senhor encarrega-se dos contatos com os média. Mas permita-me dar-lhe um conselho: era melhor dizermos o mínimo possível, dadas as circunstâncias.

— Não te preocupes. Com a minha experiência consigo fazer deles o que quiser — disse Mellberg, inclinando-se para trás na cadeira.

— Paula e eu fomos a Trollhättan, como todos vocês provavelmente já sabem.

— Descobriram alguma coisa? — perguntou ansiosamente Annika.

— Ainda não tenho a certeza. Mas acho que estamos no caminho certo, por isso vamos continuar a escavar. — Patrik bebeu outro gole de água. Estava na altura de contar aos colegas o que tinham descoberto, o que estava a ter tanta dificuldade de digerir. — Como Annika descobriu, Christian ficou órfão muito novo. Morava sozinho com a mãe, Anita Thydell. Não há registro da identidade do pai. De acordo com informações da Segurança Social, o rapaz e a mãe viviam muito isolados e, às vezes, Anita tinha dificuldade em tomar conta de Christian por sofrer de uma doença

mental e, ao mesmo tempo, ser toxicodependente. As autoridades andavam de olho nela e no filho depois de terem recebido vários telefonemas dos vizinhos. Mas, aparentemente, as visitas domiciliárias foram feitas apenas durante os períodos em que Anita tinha a situação mais ou menos sob controlo. Pelo menos foi essa a explicação que nos foi dada por ninguém ter intervindo. Além do facto de serem «outros tempos» — acrescentou Patrik sem esconder o sarcasmo na voz. — Um dia, quando Christian tinha três anos, outro inquilino informou a Segurança Social de que vinha um mau cheiro do apartamento de Anita. As autoridades obtiveram uma chave mestra e, quando entraram, encontraram Christian sozinho com a mãe morta. Ao que parece, estava morta há cerca de uma semana e Christian tinha sobrevivido comendo tudo o que encontrou na cozinha e bebendo água da torneira. Mas parece que a comida acabou alguns dias depois, porque, quando a polícia e os paramédicos chegaram, o menino estava esfomeado e muito fraco. Encontraram-no encolhido junto do cadáver da mãe, meio inconsciente.

— Valha-me Deus! — disse Annika com os olhos marejados de lágrimas. Gösta também piscava os olhos para não chorar e o rosto de Martin estava esverdeado. Parecia estar a esforçar-se para conter as náuseas.

— Infelizmente, os problemas de Christian não acabaram aí. Foi enviado muito rapidamente para uma família de acolhimento, um casal de sobrenome Lissander. Paula e eu fomos falar com eles hoje.

— Christian não pode ter tido uma infância fácil com eles — disse Paula em voz baixa. — Para ser franca, fiquei com a impressão de que a senhora Lissander não estava nada bem.

Gösta teve um flash. Lissander. Onde é que tinha ouvido aquele nome? De algum modo, associava-o a Ernst Lundgren, o ex-colega que fora demitido da polícia. Gösta tentou lembrar-se de qual poderia ser a ligação. Pensou dizer a todos que o nome lhe soava familiar, mas decidiu esperar que a resposta lhe viesse à cabeça.

Patrik prosseguiu:

— Os Lissander afirmam que não tiveram nenhum contacto com Christian desde que ele fez dezoito anos. Ao que parece, nessa altura ele terminou o relacionamento com o casal e foi-se embora.

— Achas que estão a dizer a verdade? — perguntou Annika. Patrik olhou para Paula, que assentiu.

— Sim — respondeu. — A menos que saibam mentir muito bem.

— E não sabiam de nenhuma mulher que pudesse de algum modo guardar rancor a Christian? — perguntou Gösta.

— Disseram que não. Mas, nessa altura, não tenho a certeza se estariam a ser completamente sinceros.

— Christian teria irmãos ou irmãs?

— Não referiram nenhum, mas talvez tu possas investigar, Annika. Deve ser fácil de descobrir. Eu dou-te os nomes e os dados de que precisas. Podes começar a trabalhar nisto o mais depressa possível?

— Posso começar já a tratar disso, se quiseses — respondeu Annika. — Não deve demorar muito.

— Okay, ótimo. Há um Post-it amarelo com tudo o que precisas de saber em cima da pasta que está na minha secretária.

— Já volto — disse Annika, levantando-se.

— Que tal termos uma conversa com Kenneth? Agora que Christian está morto, talvez decida começar a falar — disse Martin.

— Boa ideia. Então, isso significa que temos duas coisas para fazer: conversar com Kenneth e realizar uma busca exaustiva à casa de Christian. Também precisamos de descobrir todos os pormenores da vida dele antes de se ter mudado para Fjällbacka. Gösta e Martin, gostava que fossem falar com Kenneth, okay? — ambos assentiram e Patrik virou-se então para Paula. — Tu e eu vamos até casa de Christian. Se encontrarmos alguma coisa com interesse chamamos a equipe de técnicos forenses.

— Parece bem — disse Paula.

— Mellberg, o senhor fica aqui na delegacia para responder às perguntas dos repórteres — prosseguiu Patrik. — E Annika vai continuar a tentar desenterrar o passado de Christian. Pelo menos agora temos alguns factos para podermos fazer o nosso trabalho.

— Mais do que pensas — disse Annika, aparecendo à porta.

— Descobriste alguma coisa? — perguntou Patrik.

— Sim, descobri — disse a secretária, lançando aos colegas um olhar animado. — Os Lissander tiveram uma filha dois anos depois de acolherem Christian. Portanto, Christian tinha uma irmã. Alice Lissander.

— Louise? — chamou Erik do vestíbulo. Será que ia ter a sorte de a mulher não estar em casa? Se assim fosse, não teria de engendrar uma desculpa para levá-la a sair de casa por algum tempo. Porque Erik tinha de fazer as malas. Sentia uma espécie de febre, era como se todo o seu corpo estivesse a gritar-lhe que saísse da cidade.

Tratara de todas as questões práticas. Tinha feito uma reserva em seu próprio nome para um avião que partia no dia seguinte. Não se dera ao trabalho de criar uma identidade falsa. Isso levaria demasiado tempo e, para ser franco, não sabia como fazê-lo. Mas não havia qualquer razão para acreditar que alguém ia tentar impedi-lo de sair do país. E, assim que chegasse ao seu destino, seria tarde de mais.

Erik hesitou por um instante à porta dos quartos das filhas, no primeiro andar. Desejou poder entrar e dar uma vista de olhos, em jeito de despedida. Mas não chegou a entrar. Era mais fácil concentrar-se apenas no que precisava de fazer.

Pôs a mala grande em cima da cama. Estava sempre guardada na cave; por isso, quando Louise percebesse que já não estava lá, já ele estaria longe. Planeava sair nessa mesma noite. O que ouvira quando falara com Kenneth tinha-o abalado profundamente e não queria ficar ali mais um minuto que fosse. Deixaria uma nota a Louise a dizer que tinha tido de fazer numa viagem de negócios urgente. Depois dirigir-se-ia ao Aeroporto Landvetter, em Gotemburgo, e passaria a noite num hotel nas proximidades. Na tarde do dia seguinte estaria sentado num avião a caminho de latitudes mais quentes.

Erik atirou peças de roupa umas atrás das outras para dentro da mala. Não podia levar muita coisa. Se a cômoda e o guarda-fatos estivessem visivelmente desfalcados quando Louise chegasse a casa, a mulher saberia o que estava a fazer. Mas levou tudo o que pôde. Mais tarde compraria roupas novas. O dinheiro não seria um problema.

Enquanto fazia a mala, estava alerta quanto à possível chegada de Louise, não querendo que a mulher o surpreendesse. Se chegasse a casa nesse momento teria de enfiar a mala debaixo da cama e fingir estar a encher o pequeno trolley que guardava no quarto. Era o que sempre levava em viagens de negócios.

Deteve-se por um instante. A recordação que ressurgira nesse momento recusava afundar-se novamente no esquecimento. Erik não podia dizer que era particularmente perturbadora. Toda a gente comete erros; errar é humano. Mas Erik estava fascinado por alguém poder ser tão obcecado. Afinal, aquilo acontecera há tanto tempo.

Depois tentou tirar aquilo da cabeça. Não adiantava pensar naquelas coisas. Depois de amanhã estaria seguro.

Os patos correram na sua direção. Agora já eram velhos amigos. Parava sempre no mesmo sítio, com um saco de pão duro na mão. Os patos reuniram-se em redor dos seus pés, ansiosos por comer o que tinha para oferecer-lhes.

Ragnar pensou na conversa com os dois polícias e em Christian. Devia ter feito mais. Devia ter sabido, mesmo naquela época. Toda a vida fora pouco mais do que um espectador, fraco e mudo, assistindo sem intervir. O espectador dela. As coisas tinham sido assim entre eles desde o início. Nenhum dos dois tinha sido capaz de quebrar o padrão que tinham criado.

Irêne estivera sempre preocupada com a sua beleza. Adorara as coisas boas da vida: festas, bebidas e homens a admirá-la. Ragnar sabia tudo sobre eles. Lá por se ter escondido por detrás da sua fraqueza não significava que não tivesse conhecimento dos casos que Irêne tinha tido com outros homens.

E aquele pobre rapaz nunca tivera a mais pequena hipótese. Christian nunca poderia estar à altura, nunca lhe poderia dar o que Irêne queria. Provavelmente, o rapaz pensara que Irêne amava Alice, mas não era verdade. Irêne era incapaz de amar alguém. Tinha apenas visto o próprio reflexo na beleza da filha. Ragnar desejou ter falado com o rapaz antes de o terem enxotado como um cão. Não tinha a certeza do que realmente acontecera nem de qual era a verdade. Não era como Irêne, que o acusara e condenara sem pestanejar.

A dúvida tinha-o corroído por dentro. E continuava a corroer. Mas, ao longo dos anos, as recordações tinham-se desvanecido. Ele e Irêne voltaram às suas vidas. Ragnar ficou em segundo plano enquanto Irêne foi continuando a acreditar que ainda era bela. Ninguém ousava dizer-lhe que a beleza se tinha ido embora, de modo que continuou convencida de que poderia voltar a ser o centro das atenções de qualquer festa. A mais bela e desejável de todas.

Mas aquilo tinha de acabar. Nesse momento, Ragnar compreendeu porque é que a polícia tinha aparecido e percebeu que tinha cometido um erro. Um erro enorme, fatídico. E agora chegara a hora de esclarecer tudo.

Ragnar tirou o cartão de visita de Patrik do bolso. Depois pegou no celular e marcou o número.

— Parece que nunca saímos desta estrada — disse Gösta, acelerando depois de terem deixado

Munkedal para trás.

— Podes crer — retorquiu Martin, lançando um olhar interrogativo ao colega, que não dissera mais nada desde que tinham saído de Tanumshede. Normalmente, Gösta não era grande falador, mas agora parecia mais taciturno do que nunca.

— Há algum problema? — perguntou Martin passado algum tempo, quando já não podia suportar a falta de alguma conversa esporádica, pelo menos.

— O quê? Não, não é nada — respondeu Gösta.

Martin não insistiu. Sabia que de nada adiantava tentar arrancar algo à força a Gösta quando o colega não queria partilhar o que tinha em mente. Falaria apenas quando achasse que estava na altura de o fazer.

— A história de Christian é diabólica. Que começo de vida tramado! — disse Martin. Estava a pensar na filha pequena e no que poderia acontecer-lhe se fosse submetida a uma experiência tão terrível. Era verdade o que toda a gente dizia dos pais; ficava-se realmente mil vezes mais sensível a tudo o que tivesse que ver com crianças que passavam por dificuldades.

— Pobre criança — disse Gösta, que de repente parecia menos distraído.

— Não achas que devíamos esperar para falar com Kenneth até descobrirmos mais sobre a irmã, Alice?

— De certeza que Annika está neste momento a passar tudo a pente fino. A

primeira coisa que precisamos de saber é onde encontrar Alice.

— Não podíamos simplesmente perguntar aos Lissander? — disse Martin.

— Como nem sequer mencionaram a sua existência quando Patrik e Paula estiveram lá, presumo que Patrik ache que há algo suspeito em tudo isto. E não faz mal nenhum sabermos o máximo possível daquela família.

Martin sabia que o colega tinha razão. Sentiu-se ridículo por ter perguntado.

— Achas que é ela que está por detrás de tudo isto?

— Não faço ideia. É muito cedo para especular.

Fizeram o resto do caminho para o hospital em silêncio. Depois de estacionarem o carro, foram direitos à enfermaria onde Kenneth estava internado.

— Cá estamos nós outra vez — disse Gösta quando entraram no quarto.

Kenneth não respondeu, limitando-se a olhar para eles como se lhe fosse indiferente quem entrava ou saía.

— Como se sente? As feridas começaram a cicatrizar? — perguntou Gösta, sentando-se na mesma cadeira em que se sentara da última vez.

— Ainda vão demorar muito a sarar — disse Kenneth, movendo os braços enfaixados. — Estão a dar-me analgésicos, por isso não tenho tido muitas dores.

— Já soube de Christian? Kenneth assentiu.

— Sim.

— Não parece estar muito perturbado com isso — disse Gösta, sem qualquer hostilidade na voz.

— Há coisas que não se conseguem ver. Gösta lançou-lhe um olhar intrigado.

— Como está Sanna? — perguntou Kenneth. E, pela primeira vez, Gösta e Martin conseguiram vislumbrar uma centelha nos seus olhos. Compaixão. Kenneth sabia qual era a sensação de perder alguém.

— Não está lá muito bem — respondeu Gösta, abanando a cabeça. — Estivemos com ela esta manhã. E os filhos também vão sofrer muito.

— Lá isso é verdade — concordou Kenneth, cujo rosto se ensombrou.

Martin começava a sentir-se supérfluo. Ainda estava de pé mas, nesse momento, puxou uma cadeira para o outro lado da cama e sentou-se à frente de Gösta. Depois olhou para o colega, que assentiu, encorajando-o a fazer as suas próprias perguntas.

— Pensamos que tudo o que tem acontecido ultimamente está relacionado com Christian, por isso temos estado a investigar o passado dele. Uma das coisas que descobrimos é que tinha um sobrenome diferente quando era jovem. Christian Lissander. Também tinha uma meia-irmã chamada Alice Lissander. Alguma vez ouviu falar dela?

Kenneth fez uma pausa antes de responder.

— Não. Esse nome não me diz nada.

Gösta fixou os olhos em Kenneth, como se quisesse entrar na cabeça dele para ver se estava ou não a dizer a verdade.

— Já lhe tinha dito isto, mas vou repetir: se souber alguma coisa e não nos disser, está a pôr não só a sua própria vida em perigo mas também a de Erik. Agora que Christian está morto, deve compreender a gravidade da situação.

— Eu não sei nada — disse calmamente Kenneth.

— Se estiver a ocultar informações vamos acabar por saber, mais cedo ou mais tarde.

— Tenho a certeza de que vão fazer um trabalho muito metódico — disse Kenneth. Parecia pequeno e frágil, ali deitado com os braços enfaixados estendidos sobre o cobertor azul do hospital.

Gösta e Martin trocaram olhares. Aperceberam-se de que não iam conseguir sacar nada a Kenneth, mas nenhum dos dois acreditava que estivesse a dizer a verdade.

Erica fechou o livro. Sentada numa poltrona, passara as últimas horas a ler, tendo apenas sido interrompida por Maja, que aparecia de vez em quando a pedir alguma coisa. Quando isso acontecia, Erica ficava grata por a filha ter a capacidade de brincar sozinha.

O romance parecera-lhe ainda melhor depois de o reler. Era realmente incrível. Não era um livro que levantasse o ânimo, longe disso. Tinha-lhe enchido o cérebro de pensamentos sombrios. Mas, de alguma forma, isso não era desagradável. Tratava de questões sobre as quais se devia refletir, questões que exigiam que o leitor tomasse uma posição e, dessa forma, descobrisse que gênero de pessoa era.

Na opinião de Erica, a história era sobre culpa, de como a culpa podia devorar uma pessoa por dentro. Pela primeira vez, Erica perguntou-se o que queria Christian transmitir com o livro, que mensagem estaria mandando com aquela história.

Pousou o livro no colo com a sensação de ter perdido algo que estava bem na frente de seus olhos. Algo que era burra ou cega demais para conseguir ver. Abriu o livro e olhou a aba da sobrecapa. Havia uma foto de Christian em preto e branco. A pose clássica do escritor, por detrás dos óculos de leitura com armação metálica. Christian fora bonito de um modo bastante reservado. Havia uma solidão evidente nos seus olhos que tornava impossível saber se alguma vez estava realmente presente. Parecia estar sempre sozinho, mesmo na companhia de outra pessoa. Como se estivesse dentro de uma bolha. Paradoxalmente, fora essa sensação de distanciamento que exercera uma atração tão forte sobre os outros. As pessoas queriam sempre ter o que não podiam possuir. E era exatamente isso que se passava com Christian.

Erica ergueu-se pesadamente da poltrona. Sentia alguns remorsos por ter

estado tão absorta no livro que quase tinha ignorado a filha. Com grande esforço, conseguiu baixar-se e sentar-se no chão ao lado de Maja, que ficou felicíssima por a mãe estar disposta a participar nas suas brincadeiras.

Mas a sereia do livro continuava a pairar-lhe na mente. A sereia queria dizer alguma coisa. Christian queria dizer alguma coisa. Erica tinha a certeza disso. Só gostava de saber o que era.

Patrik não conseguiu resistir à tentação de sacar novamente o celular do bolso para olhar para o visor.

— Para com isso! — disse Paula, dando uma gargalhada — Annika não vai ligar mais cedo por estares constantemente a olhar para o celular. Está descansado que vais ouvir quando tocar.

— Eu sei — disse Patrik com um sorriso envergonhado. — É que sinto que estamos tão perto — acrescentou, continuando a abrir gavetas e armários na cozinha da casa de Christian e de Sanna. Não tinham demorado muito a obter o mandado de busca. O problema era que Patrik não sabia o que estavam a procurar.

— Deve ser fácil descobrir onde Alice Lissander vive — consolou-o Paula. — Annika deve estar a ligar a qualquer momento para nos dar a morada.

— Sim, espero que sim — respondeu Patrik, procurando dentro da máquina de lavar loiça. Não havia nenhum sinal de Christian ter recebido visitas no dia anterior. Nem tinham encontrado indícios de arrombamento ou de que o escritor pudesse ter saído de casa contra a sua vontade. — Porque será que os Lissander não disseram nada da filha?

— Vamos descobrir, não tarda. Mas acho que é boa ideia fazermos as nossas próprias averiguações sobre a Alice antes de falarmos novamente com os pais dela.

— Concorde. Mas eles vão ter de responder a uma quantidade de perguntas.

Patrik e Paula subiram as escadas. Ali também parecia estar tudo como no dia anterior — exceto no quarto das crianças. As letras na parede, as palavras vermelhas como sangue tinham sido substituídas por uma espessa faixa de tinta preta.

Os dois agentes pararam à entrada.

— Christian deve ter feito isto ontem — disse Paula.

— Pois, e eu compreendo-o. O mais certo era ter feito a mesma coisa.

— Então, o que pensas daquilo? — perguntou Paula, dirigindo-se à porta do quarto ao lado. Pôs as mãos nas ancas enquanto observava o quarto antes de iniciar uma busca meticulosa.

— O que penso de quê? — perguntou Patrik quando se juntou à colega, dirigindo-se imediatamente ao armário e começando a abrir as portas.

— Achas que Christian foi assassinado ou suicidou-se?

— Eu sei o que disse na reunião na delegacia, mas não descarto nenhuma

hipótese. Christian era uma pessoa estranha. Das poucas vezes que conversamos fiquei com a sensação de que estavam a acontecer coisas na cabeça dele que simplesmente desafiavam a compreensão. Seja como for, ao que parece não deixou nenhum bilhete de suicídio.

— As pessoas que se suicidam nem sempre deixam bilhetes. Sabes isso tão bem como eu. — Paula abria cuidadosamente as gavetas da cômoda e ia apalpando a roupa que continham.

— Tens razão, mas se tivéssemos encontrado um bilhete, não tínhamos de estar a especular sobre o que aconteceu — Patrik endireitou-se, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego. Com o coração a martelar-lhe o peito, limpou o suor da testa.

— Não acho que haja aqui nada que nos interesse — disse Paula, fechando a última gaveta. — Vamos?

Patrik hesitou. Não queria desistir, mas Paula tinha razão.

— Vamos voltar para a delegacia e esperar que Annika descubra alguma coisa. Talvez Gösta e

Martin tenham tido mais sorte com Kenneth.

— Sim, a esperança é a última a morrer — disse Paula com ar cético.

Estavam quase a sair da casa de Christian quando o celular de Patrik tocou. Tirou-o bolso, mas ficou desapontado ao ver que não era uma chamada da delegacia. Na verdade, nem sequer reconheceu o número.

— Patrik Hedström, da polícia de Tanum — disse. Esperava que a conversa fosse breve para que a linha não estivesse ocupada se Annika tentasse ligar. De repente ficou petrificado.

— Como vai, Ragnar? — Patrik fez um gesto para Paula, que parou a meio caminho do carro.

— Ah, sim? Estou a ver. Bem, nós também descobrimos algumas coisas... Claro. Podemos falar disso quando nos encontrarmos. Podemos ir até aí agora mesmo. Vamos a sua casa? Ah, tudo bem. Nós encontramos. Certo. Até já.

Patrik terminou a chamada e olhou para Paula.

— Era Ragnar Lissander. Diz que quer nos contar uma coisa. E que também tem algo para nos mostrar.

Passou toda a viagem de regresso de Uddevalla a dar voltas à cabeça por causa daquele nome. Lissander. Porque lhe custava tanto recordar-se de onde o ouvira antes? E o ex-colega, Ernst Lundgren, também estava sempre a vir-lhe à mente. De alguma forma, o nome estava relacionado com Ernst. Quando estavam a aproximar-se da saída para Fjällbacka, Gösta tomou uma decisão repentina. Virou repentinamente o volante para a direita e saiu da autoestrada.

— Que estás a fazer? — perguntou Martin. — Pensei que íamos voltar para

a delegacia.

— Primeiro temos de fazer uma breve paragem em casa de uma pessoa.

— Em casa de uma pessoa? De quem?

— De Ernst Lundgren — Gösta meteu a terceira e virou à esquerda.

— Porque vamos a casa de Ernst?

Gösta contou a Martin aquilo em que tinha estado a penar.

— Mas não fazes ideia de onde é que ouviste o nome?

— Se soubesse, tinha-te dito — retorquiu Gösta. Suspeitava que Martin pensava que estava a ficar esquecido com a idade.

— Acalma-te — disse Martin. — Vamos a casa de Ernst e perguntamos-lhe, para ver se ele consegue despertar-te a memória. Era ótimo se pudesse dar uma contributo positivo, para variar.

— Se isso acontecer, até deitamos foguetes! — Gösta não pôde deixar de sorrir. Como os colegas, não tinha a competência e a personalidade de Ernst em grande conta. Ao mesmo tempo, não o detestava profundamente, como sabia que os outros detestavam, com a possível exceção de Mellberg. Depois de trabalhar com Ernst durante tanto tempo, Gösta habituara-se a ele. Nem podia ignorar o facto de que ao longo dos anos, tinham dado umas boas gargalhadas juntos. Por outro lado, Ernst tinha realmente tendência para dar cabo das coisas. Sobretudo da última vez que tinha feito parte da equipe de investigação, antes de ter sido demitido da polícia. Porém, desta vez talvez pudesse ajudar.

— Parece que está em casa — disse Martin quando pararam à frente da casa de Ernst.

— Pois é — disse Gösta, estacionando o carro-patrulha junto do carro de Ernst.

O ex-colega de Gösta e de Martin abriu a porta antes de terem tempo de tocar à campainha. Ernst devia tê-los visto da janela da cozinha.

— Esta agora? Não estava à espera de visitas tão importantes — disse, deixando os ex-colegas entrarem.

Martin olhou em redor. Ao contrário de Gösta, nunca tinha ido a casa de Ernst, mas não ficou muito bem impressionado. Embora não tivesse o apartamento muito arrumado quando era solteiro, nunca tinha vivido no meio de um caos semelhante ao que ali via. Havia pratos empilhados no lavatório, roupa espalhada por toda a parte e a mesa da cozinha parecia nunca ter visto um pano.

— Não tenho muita coisa a oferecer — disse Ernst. — Mas posso sempre servir-vos um copo — Ernst alcançou uma garrafa que estava na bancada.

— Tenho de dirigir — disse Gösta.

— E tu? Pareces precisar de uma bebida — disse Ernst, estendendo a garrafa para Martin, que recusou.

— OK, OK, vocês é que perdem. Que abstêmios do cacete! — Ernst serviu-se uma dose generosa de aguardente e engoliu de um trago. — Então vamos saber o motivo desta visita — Ernst sentou-se à mesa e os ex-colegas seguiram seu exemplo.

— Tenho pensado numa coisa e acho que talvez possas me ajudar — disse Gösta.

— Ah, então era isso.

— É um sobrenome. Soa familiar e, por algum motivo, estou constantemente a associá-lo a ti.

— Bem, tu e eu trabalhamos juntos muitos anos — disse Ernst, que parecia estar à beira das lágrimas. Provavelmente, aquela não era a primeira bebida do dia.

— É verdade — disse Gösta, assentindo. — E agora preciso da tua ajuda. Podes guardar segredo disso, não podes?

Ernst pensou por um momento. Depois suspirou e abanou o copo vazio.

— Está bem. Diz lá.

— Dás tua palavra de honra de que o que eu disser fica aqui? — Gösta olhou fixamente para Ernst, que assentiu com relutância.

— Certo, certo. Faz lá a pergunta.

— Estamos investigando o assassinato de Magnus Kjellner — tenho certeza de que já ouviste falar. No decurso da investigação encontramos o nome Lissander. Não sei por que soa familiar. E, por algum motivo, o nome me faz pensar em ti. Reconhece-o?

Ernst oscilou um pouco na cadeira. Não se ouvia um som na cozinha enquanto Ernst refletia e Martin e Gösta fitavam-no com expectativa.

De repente, Ernst fez um sorriso rasgado.

— Lissander. Claro que me lembro desse nome. Com os diabos!

Concordaram encontrar-se no único local que Patrik e Paula tinham certeza de conseguir descobrir em Trollhättan: o McDonald's mesmo ao lado da ponte, onde tinham almoçado há umas horas.

Ragnar Lissander estava à espera deles lá dentro. Paula sentou-se ao lado do homem enquanto Patrik foi buscar café para todos. Ragnar parecia ainda mais invisível do que tinha parecido em sua casa. Um homem pequeno e calvo de blusão bege. A mão tremia-lhe um pouco quando aceitou a xícara de café e estava a ter bastante dificuldade em olhar os agentes nos olhos.

— Queria falar conosco? — perguntou Patrik.

— Nós... Na verdade, não contamos tudo.

Patrik não disse nada. Tinha curiosidade em saber como é que o homem ia explicar não terem mencionado que tinham uma filha.

— As coisas nem sempre têm sido fáceis, sabem. Tivemos uma filha. Alice.

Christian tinha cerca de cinco anos quando ela nasceu e não foi fácil para ele. Eu devia ter... — a voz esmoreceu e Ragnar bebeu um pouco de café antes de prosseguir. — Acho que ficou marcado para toda a vida depois daquilo por que passou. Não sei o que sabem disto, mas Christian esteve sozinho em casa durante mais de uma semana com a mãe morta. Ela tinha uma doença mental e nem sempre conseguia tomar conta dele... ou dela própria. Por fim, acabou por morrer em casa e Christian não foi capaz de alertar ninguém. Pensou que a mãe estava só a dormir.

— Sim, nós sabemos disso. Falamos com a Segurança Social e tenho cópias de toda a documentação relativa ao caso — Patrik deu-se conta de como tinha soado formal ao dizer «a documentação». Mas era a única maneira de conseguir manter o distanciamento necessário daquele acontecimento terrível.

— A mãe morreu de overdose? — perguntou Paula. Ainda não tinham tido tempo para ler todos os pormenores.

— Não, ela não era toxicodependente. Claro que tinha períodos maus, quando bebia de mais e tomava medicamentos que lhe tinham sido receitados. Mas acabou por morrer por causa do coração.

— Porque é que isso aconteceu? — Patrik não estava a perceber bem.

— Não tinha cuidado com a saúde e a mistura de álcool com medicamentos não ajudou. Além disso, era tremendamente obesa. Pesava quase cento e quarenta quilos.

Algo começou a agitar-se no subconsciente de Patrik. Algo que não fazia sentido. Mas teria de pensar nisso mais tarde.

— E depois Christian foi viver convosco? — perguntou Paula.

— Sim, veio morar connosco. Foi Irêne quem decidiu que devíamos adotá-lo. Pensávamos que não íamos conseguir ter filhos.

— Mas nunca chegaram realmente a adotá-lo, pois não? — perguntou Patrik.

— Provavelmente teríamos adotado se Irêne não tivesse engravidado pouco tempo depois.

— Parece que isso é muito frequente — disse Paula.

— Também foi o que o médico nos disse. E, depois de a nossa filha ter nascido, Irêne já não parecia interessada em Christian — Ragnar Lissander olhou pela janela, segurando a xícara de café com muita força. — Talvez tivesse sido melhor para o rapaz se Irêne tivesse levado a sua avante.

— E qual era a ideia da sua mulher? — perguntou Patrik.

— Devolvê-lo. Irêne achava que já não precisávamos de ficar com ele, uma vez que tínhamos o nosso próprio filho — Ragnar lançou-lhes um sorriso envergonhado. — Sei que isto não soa bem. Por vezes, Irêne é uma pessoa difícil e às vezes tem comportamentos um pouco estranhos. Mas nem sempre é assim, claro.

Comportamentos um pouco estranhos? Patrik estava prestes a sufocar de

repulsa. Estavam a falar de uma mulher que queria devolver o filho adotivo depois de ter engravidado e ter tido um filho. E, por incrível que parecesse, o velho estava a defendê-la.

— Mas não o devolveram, pois não? — perguntou friamente Patrik.

— Não. Foi uma das poucas ocasiões em que bati o pé. De início, Irêne recusou-se a ouvir-me; porém, quando lhe disse que ia parecer mal, concordou em deixá-lo ficar. Mas acho que eu não devia tê-lo feito... — a voz de Ragnar quebrou novamente. Era evidente que lhe custava falar sobre aquilo

— Como é que Christian e Alice se davam quando eram novos? — perguntou Paula, mas Ragnar não estava a ouvi-la. Parecia estar muito longe, entregue aos seus próprios pensamentos. Então, disse baixinho:

— Devia ter tomado melhor conta dela. Pobre rapaz. Não percebia nada.

— O que é que Christian não percebia? — perguntou Patrik, inclinando-se para a frente. Ragnar teve um sobressalto e despertou das suas divagações. Depois olhou para Patrik.

— Gostavam de conhecer Alice? Acho que têm de conhecê-la, para conseguirem compreender.

— Sim, gostávamos de conhecer a sua filha — Patrik não conseguia esconder a agitação. — Quando é que podemos fazer isso? Onde está Alice?

— Podemos ir lá agora — respondeu Ragnar, pondo-se de pé.

Patrik e Paula trocaram olhares enquanto se dirigiam para o carro. Seria Alice a mulher que procuravam? Iriam finalmente pôr um ponto final naquele caso?

Estava sentada de costas para eles quando entraram. O cabelo, escuro e brilhante, chegava-lhe um pouco abaixo da cintura.

— Olá, Alice. Sou eu, o pai — a voz de Ragnar ecoou por aquele quarto muito simples. Alguém fizera uma tímida tentativa de torná-lo acolhedor, embora sem qualquer sucesso. Havia uma planta murcha no parapeito da janela e um pôster do filme *The Big Blue* na parede por cima de uma cama estreita com uma colcha muito usada. Havia também uma pequena secretária com uma cadeira à frente. Era onde Alice estava sentada. As mãos moviam-se, mas Patrik não conseguia ver o que estava a fazer. Alice não reagiu quando o pai falou com ela.

— Alice — repetiu. Desta vez, Alice virou-se lentamente.

Patrick olhou com surpresa para a mulher à sua frente. Era de uma beleza deslumbrante. Calculou rapidamente que devia ter cerca de trinta e cinco anos, mas parecia pelo menos dez anos mais nova. Não havia uma ruga no seu rosto oval. Os olhos eram enormes e muito azuis, com espessas pestanas pretas. Patrik deu por si a olhar embasbacado para Alice.

— É uma linda menina, a nossa Alice — disse Ragnar, aproximando-se dela. Pôs-lhe a mão no ombro e Alice inclinou a cabeça contra o corpo do pai. Como um

gatinho a aconchegar-se ao dono. Tinha as mãos flacidamente pousadas no colo.

— Temos visitas, Alice. Patrik e Paula — Ragnar hesitou. — São amigos de Christian.

Um brilho apareceu nos olhos de Alice quando ouviu o nome do irmão. Ragnar acariciou-lhe o cabelo.

— Agora já sabem. Agora já conhecem Alice.

— Há quanto tempo? — Patrik não conseguia parar de olhar para o rosto de Alice. A semelhança com a mãe era marcante. No entanto, havia algo muito diferente na expressão de Alice. Toda a maldade que tinha ficado gravada no rosto da mãe estava ausente daquela... criatura mágica. Patrik percebeu que era uma forma estranha de descrevê-la, mas não se lembrava de nada melhor.

— Há muito tempo. Alice não vive em casa desde o verão em que fez treze anos. Este é o quarto sítio onde vive. Não gostava muito dos outros, mas este é muito bom — Ragnar inclinou-se e beijou a filha no topo da cabeça. Não detetaram qualquer reação no rosto de Alice, mas esta chegou-se mais ao pai.

— O que é que... — Paula não sabia como formular a pergunta.

— O que é que ela tem? — disse Ragnar. — Se quer que lhe dê a minha opinião, Alice não tem nada. É perfeita. Mas sei o que quer dizer. E já lhe vou explicar.

Ragnar agachou-se à frente de Alice e falou-lhe suavemente. Ali, junto da filha, já não era invisível. Tinha uma postura mais ereta e os olhos mais vivos. Ali, Ragnar era alguém. Era o pai de Alice.

— Minha querida, hoje o papai não pode ficar muito tempo. Só queria que conhecesses os amigos de Christian.

Alice olhou para Ragnar. Depois virou-se e tirou algo da secretária. Um desenho. Ergueu-o para o pai ver.

— É para mim?

Alice abanou a cabeça e os ombros de Ragnar afundaram-se um pouco.

— É para Christian? — perguntou em voz baixa. Alice assentiu e voltou a estender-lhe o desenho.

— Vou mandar. Prometo.

A sombra de um sorriso. Então, Alice voltou-se novamente para a secretária e as mãos começaram a mover-se. Tinha começado um novo desenho. Patrik lançou um olhar ao papel na mão de Ragnar Lissander. Reconheceu o estilo do desenho.

— E manteve sempre a promessa, não foi? Enviou os desenhos da sua filha a Christian — disse

Patrik depois de terem deixado o quarto de Alice.

— Nem todos. Ela faz tantos. Mas de vez em quando mandava um, para Christian saber que Alice estava a pensar nele. Apesar de tudo.

— Como é que sabia para onde enviar os desenhos? Pelo que percebi, Christian tinha rompido todo o contacto consigo e com a sua mulher quando fez dezoito anos — disse Paula.

— Sim, e foi o que aconteceu. Mas Alice queria mesmo muito que Christian recebesse os desenhos dela, por isso tentei encontrar a morada. Acho que também estava um pouco curioso. De início procurei Christian através do nosso sobrenome, mas sem sucesso. Então tentei com o sobrenome da mãe e encontrei uma morada em Gotemburgo. Perdi-lhe o rastro durante algum tempo, porque ele mudou-se e as cartas foram-me devolvidas, mas depois voltei a encontrá-lo. Na Rua Rosenhillsgatan. Mas não sabia que se tinha mudado para Fjällbacka. Pensava que ainda estava em Gotemburgo, já que as cartas nunca foram devolvidas.

Ragnar voltou ao quarto de Alice para se despedir e depois seguiu à frente ao longo do corredor enquanto Patrik lhe falava do homem que tinha guardado as cartas dirigidas a Christian. Depois foram sentar-se numa sala grande e bem iluminada que funcionava como sala de refeições e cafetaria. Tinha um ar impessoal, com palmeiras a que claramente faltava água e atenção, tal como a planta no quarto de Alice. Não havia mais ninguém na sala.

— Alice chorava muito — disse Ragnar, passando a mão pela toalha em tom pastel. — Deviam ser cólicas. Durante a gravidez, Irène já tinha perdido o interesse por Christian. Quando Alice nasceu e se tornou tão exigente, a minha mulher deixou completamente de ter tempo para Christian, que já estava fragilizado por causa do que lhe acontecera anteriormente.

— E o senhor? — perguntou Patrik. Quando viu a expressão de Ragnar, percebeu que tinha tocado num ponto sensível.

— Eu? — A mão de Ragnar parou de mover-se sobre a mesa. — Eu fechava os olhos e recusava-me a ver. Irène é quem tem tomado as decisões importantes. E eu tenho-a deixado. Tem sido mais fácil assim.

— Christian não gostava da irmã? — perguntou Patrik.

— Costumava pôr-se ao lado do berço a olhar fixamente para Alice. Eu via a expressão sombria na cara dele, mas nunca pensei que... Só tive de sair para ir abrir a porta quando a campainha tocou — Ragnar parecia distraído e olhava para um ponto longínquo para além dos seus interlocutores. — Só me ausentei durante uns minutos.

Paula abriu a boca para fazer uma pergunta, mas decidiu não interromper. Deviam permitir que Ragnar contasse a história ao seu próprio ritmo. Era óbvio que estava a ter dificuldade em proferir aquelas palavras. Tinha o corpo completamente tenso, os ombros curvados.

— Irêne tinha subido para dormir uma sesta e, pela primeira vez, pôs-me a tomar conta de Alice. Normalmente, a minha mulher nunca deixava ninguém tratar dela. Era uma bebê muito doce, apesar de estar sempre a chorar. Era como se, de repente, Irêne tivesse uma nova boneca para brincar. Uma boneca que se recusava a partilhar com quem quer que fosse.

Outra pausa e Patrik teve de fazer grande esforço para não instar o homem a continuar a contar a sua história.

— Só me ausentei durante uns minutos... — repetiu Ragnar. Era quase como se tivesse ficado preso. Como se lhe fosse impossível expressar o resto em palavras.

— Onde estava Christian? — perguntou calmamente Patrik, querendo dar alguma ajuda ao homem.

— Na casa de banho. Com Alice. Eu estava a dar-lhe banho. Tínhamos uma daquelas engenhocas onde se senta o bebê para se poder ficar com as duas mãos livres para o lavar. Enchi a banheira e depois pus Alice no assento. E foi onde ficou.

Paula assentiu. Tinham um assento semelhante para dar banho a Leo, o filho

— Quando regressei à casa de banho... Alice estava... Não se mexia. A cabeça estava toda debaixo de água. Tinha os olhos... abertos, esbugalhados.

Ragnar oscilou um pouco na cadeira. Era óbvio que tinha de fazer um esforço para conseguir continuar, para enfrentar aquelas recordações e imagens terríveis.

— Christian estava lá, sentado, encostado à banheira e a olhar para ela — Ragnar fixou os olhos em Paula e em Patrik, como se tivesse repentinamente voltado ao presente. — Estava sentado muito quieto e sorria.

— Mas o senhor salvou-a, não foi? — Patrik sentiu os pelos dos braços a eriçarem-se.

— Sim, salvei-a. Alice começou novamente a respirar. E então vi... — Ragnar aclarou a garganta. — Vi o desapontamento nos olhos de Christian.

— Contou a Irêne o que aconteceu?

— Não, nunca... Não!

— Christian tentou afogar a irmã e o senhor não disse nada à sua mulher? — Paula olhou para

Ragnar, incrédula.

— Tive a sensação de que lhe devia algo, depois de tudo o que tinha passado. Se tivesse contado a Irêne, ela tinha-o mandado imediatamente embora. E Christian não teria sobrevivido a isso. Mais para mais, o mal já estava feito — disse Ragnar em tom suplicante. — Naquela altura, eu ignorava a gravidade das consequências. Mas, na verdade, isso não importa, porque não havia nada que eu pudesse fazer para mudar as coisas. Mandar Christian embora não teria melhorado nada.

— Portanto, fingiu que nada tinha acontecido, não foi? — perguntou Patrik. Ragnar suspirou, afundando-se ainda mais na cadeira.

— Sim, fingi que nada tinha acontecido. Mas nunca mais o deixei ficar a sós com Alice. Nunca.

— Christian tentou mais alguma coisa? — o rosto de Paula estava pálido.

— Não, julgo que não. De alguma forma, parecia satisfeito. Alice já não chorava tanto. Estava quase sempre quieta e não exigia tanta atenção.

— Quando é que o senhor e a sua mulher repararam que havia algo que não estava bem? — perguntou

Patrik.

— Foi-se tornando óbvio. Alice não aprendia as coisas ao mesmo ritmo das outras crianças. Quando finalmente consegui levar Irêne a admiti-lo e Alice foi examinada... bem, os médicos concluíram que tinha uma lesão cerebral e que o mais provável era que, intelectualmente falando, fosse uma criança para o resto da vida.

— Irêne suspeitou de alguma coisa? — perguntou Paula.

— Não. O médico até disse que, provavelmente, Alice já tinha nascido assim. Mas que aquilo só se tinha tornado perceptível depois de ter começado a crescer.

— Como é que as coisas correram quando as duas crianças foram crescendo?

— De quanto tempo dispõem? — perguntou Ragnar, sorrindo. Mas era um sorriso triste. — Irêne só se preocupava com Alice. Era a criança mais linda que alguma vez vi e não estou a dizer isto por ser minha filha. Bem, vocês viram-na.

Patrik pensou naqueles enormes olhos azuis.

— Irêne sempre adorou tudo o que era bonito. Ela própria era muito bonita quando era nova e acho que viu Alice como uma confirmação da sua própria beleza. Dedicou toda a sua atenção à nossa filha.

— Então e Christian? — perguntou Patrik.

— Christian? Era como se não existisse.

— Deve ter sido terrível para ele — disse Paula.

— Sim — disse Ragnar. — Mas ele encenou a sua própria pequena revolução. Gostava de comer e engordava muito facilmente. Provavelmente herdou essa tendência da mãe. Quando percebeu que os seus hábitos alimentares irritavam Irêne, começou a comer ainda mais e ficou ainda mais gordo só para irritá-la. E deu resultado. Os dois travavam uma batalha constante por causa da comida e, dessa vez, Christian conseguiu derrotá-la.

— Quer dizer que Christian teve sempre peso a mais quando estava a crescer? — perguntou Patrik. Tentou imaginar o Christian que conhecia, que era magro, como um rapaz roliço, mas não conseguiu.

— Christian não era apenas cheiinho, era gordo. Bastante gordo.

— Como era a relação de Alice com ele? — perguntou Paula.

Ragnar sorriu e, dessa vez, o sorriso também era evidente nos seus olhos.

— Alice amava Christian. Adorava-o. Seguia-o para toda a parte como um cachorrinho.

— E como é que ele reagia a isso? — perguntou Patrik.

Ragnar parou para pensar.

— Não me parece que isso o incomodasse. Christian não lhe ligava muito. Mas, de vez em quando, parecia um pouco surpreendido com todo aquele amor de Alice. Como se não compreendesse o motivo.

— Talvez não compreendesse mesmo — disse Paula. — E depois, o que aconteceu? Como reagiu

Alice quando Christian se mudou?

Uma cortina pareceu descer sobre o rosto de Ragnar.

— Aconteceu muita coisa ao mesmo tempo. Christian desapareceu e nós não pudemos continuar a tomar conta de Alice... pelo menos como ela precisava.

— Porque não? Porque não pôde continuar a viver em vossa casa?

— Já era quase adulta e precisava de mais apoio e assistência do que nós lhe podíamos dar.

O humor de Ragnar Lissander tinha mudado de repente, embora Patrik não percebesse porquê.

— Nunca aprendeu a falar? — interrompeu. Alice não tinha dito uma única palavra enquanto estiveram no quarto dela.

— Alice consegue falar, mas não quer — explicou Ragnar com a mesma expressão fechada no rosto.

— Há alguma razão para poder estar ressentida com Christian? Seria capaz de prejudicá-lo? Ou a qualquer outra pessoa próxima dele? — Patrik imaginou novamente a cena — a mulher de cabelo comprido e escuro, as mãos que se moviam sobre a folha branca, fazendo desenhos que podiam ter sido feitos por uma criança de cinco anos.

— Não, Alice não seria capaz de fazer mal a uma mosca — respondeu Ragnar. — Por isso é que eu quis trazer-vos aqui, para poderem conhecê-la. Nunca seria capaz de fazer mal a ninguém. E ela adora... adorava Christian.

Ragnar pegou no desenho que Alice lhe dera e pô-lo em cima da mesa, à frente deles. Um grande Sol no topo, relva verde com flores na parte inferior. Duas figuras: uma grande e uma pequena, de mãos dadas, felizes.

— Alice adorava Christian — repetiu Ragnar.

— Será que Alice ainda se lembra dele? Foi há tantos anos que se viram pela última vez — salientou Paula. Ragnar não respondeu. Limitou-se a fazer um gesto na

direção do desenho. As duas figuras. Alice e Christian.

— Se não acreditam em mim, perguntem ao pessoal daqui. Mas Alice não é a mulher que procuram. Não sei quem quereria prejudicar Christian. Ele desapareceu da nossa vida quando tinha dezoito anos. Muita coisa deve ter acontecido desde então, mas Alice adorava-o. E ainda o adora.

Patrik olhou para o velhinho. Sabia que teria de fazer como Ragnar tinha sugerido. Tinha de falar com o pessoal. No entanto, estava convencido de que o pai de Alice tinha dito a verdade. Alice não era a mulher que procuravam. Estavam de volta à estaca zero.

— Tenho uma coisa importante a comunicar-vos — Mellberg interrompeu Patrik no preciso momento em que estava prestes a apresentar a nova informação. — Vou passar a trabalhar em part-time durante algum tempo. Apercebi-me de que a minha liderança aqui na delegacia foi tão bem-sucedida que agora posso confiar-vos a todas determinadas tarefas. O meu conhecimento e experiência podem ser mais úteis noutro lado.

Todos fitaram o superintendente com surpresa.

— Está na altura de me dedicar ao recurso mais importante da nossa sociedade: a próxima geração.

Aqueles que vão conduzir-nos ao futuro — disse Mellberg, prendendo os polegares nos suspensórios.

— Será que vai trabalhar no centro de juventude? — sussurrou Martin a Gösta, que se limitou a encolher os ombros em resposta.

— Além disso, também é importante dar uma oportunidade às mulheres. Assim como às minorias étnicas — Mellberg olhou de relance para Paula. — Sei que não está a ser fácil para ti e para Johanna organizarem-se para tomar conta de Leo, embora ambas tenham direito a licença de maternidade. E o rapaz precisa de um forte modelo masculino desde o princípio. Portanto, vou trabalhar aqui meio período. Já foi aprovado pelas cúpulas. E vou passar o resto do tempo com o menino.

Mellberg olhou para os colegas, aparentemente à espera que o aplaudissem. Mas um silêncio atônito caiu sobre a sala. Paula era a mais surpreendida de todos. O que ouvira era uma novidade; porém, quanto mais pensava na ideia, mais lhe agradava. Aquilo significava que Johanna podia recomeçar a trabalhar, ao passo que ela podia intercalar o horário de trabalho com horas de licença de maternidade. E não podia negar que Mellberg tomava muito bem conta de Leo. Até agora, tinha-se revelado uma excelente baby-sitter. Enfim, excetuando o incidente com a fralda presa com fita adesiva.

Esbatida a surpresa inicial, Patrik só podia concordar com o plano. Do ponto de vista prático, isso significava que as horas de Mellberg na delegacia seriam

reduzidas para metade, pelo menos. O que talvez não fosse má ideia.

— Louvo a sua iniciativa, Mellberg. Gostava que houvesse mais pessoas a partilhar do seu ponto de vista — disse Patrik. — E agora acho que é melhor voltarmos à investigação. Hoje aconteceu muita coisa.

Patrik informou-os da segunda viagem a Trollhättan que ele e Paula tinham feito, da conversa com

Ragnar Lissander e da visita a Alice.

— Quer dizer que não têm qualquer dúvida de que Alice é inocente — perguntou Gösta.

— Tenho a certeza de que não foi ela. Falei com o pessoal e as capacidades mentais de Alice estão ao nível das de uma criança.

— Não consigo imaginar como é que Christian podia viver sabendo o que tinha feito à irmã — disse

Annika.

— E o facto de Alice o adorar não deve ter tornado as coisas mais fáceis — acrescentou Paula. — Deve ter sido um fardo muito pesado de suportar. Se é que Christian estava consciente do que tinha feito.

— Nós também temos algo a comunicar — Gösta aclarou a garganta e lançou um olhar a Martin. — Pensei ter reconhecido o sobrenome Lissander, mas não conseguia lembrar-me onde o tinha ouvido antes. E nem tinha sequer a certeza de já o ter realmente ouvido. A massa cinzenta aqui do velhote já não é o que era — disse, apontando para a cabeça.

— E? — perguntou Patrik, impaciente.

Gösta olhou novamente de relance para Martin.

— Bem, primeiro tivemos uma conversa com Kenneth Bengtsson, que insiste não saber nada. Também diz que nunca ouviu o sobrenome Lissander. Mas eu continuei a matutar porque é que o nosso ex-colega Ernst estava constantemente a vir-me à ideia sempre que pensava nesse nome. Por isso fomos a casa dele.

— Foram a casa de Ernst? — perguntou Patrik. — Mas porquê?

— Ouve o que Gösta tem para dizer — afirmou Martin, e Patrik calou-se.

— Ora bem, contei a Ernst o que andava a pensar. E ele descobriu.

— Que foi que Ernst descobriu? — Patrik inclinou-se para frente.

— Conseguiu recordar-me onde é que eu já tinha ouvido o sobrenome Lissander — disse Gösta. — É que eles viveram aqui em Fjällbacka durante uns tempos.

— Quem? — perguntou Patrik, confuso.

— O senhor e a senhora Lissander. Irène e Ragnar. Com os filhos, Christian e Alice.

— Mas isso é impossível — disse Patrik, abanando a cabeça. — Se fosse

verdade, porque é que nunca ninguém reconheceu Christian? Ernst deve estar enganado.

— Não, é verdade — disse Martin. — É evidente que Christian saiu à mãe biológica e que era terrivelmente obeso quando era novo. Se lhe tirássemos sessenta quilos e acrescentássemos vinte anos e uns óculos, seria difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa.

— Como é que tu e Ernst conheceram a família? — perguntou Patrik.

— Ernst estava apaixonado por Irêne. Ao que parece, conheceram-se numa festa e, depois disso, Ernst queria sempre passar pela casa dela quando íamos de carro. Por isso estávamos sempre a passar pela casa dos Lissander.

— Onde é que eles moravam? — perguntou Paula.

— Numa das casas perto do cais da Guarda Costeira.

— Perto de Badholmen, não é? — perguntou Patrik.

— Sim, muito perto. A casa era da mãe de Irêne. Era uma verdadeira bruxa, pelo que ouvi dizer. Durante muitos anos, ela e a filha não tiveram qualquer contato; porém, quando a velha morreu, Irêne herdou a casa e os Lissander mudaram-se de Trollhättan.

— Ernst sabe porque é que se mudaram de Fjällbacka? — perguntou Paula.

— Não, não fazia ideia. Mas, aparentemente, foi tudo muito repentino.

— Parece que Ragnar não nos disse tudo — concluiu Patrik. Estava a ficar completamente saturado daqueles segredos todos e de quem se recusava a divulgá-los. Se todos estivessem dispostos a colaborar, de certeza que teriam resolvido aquele caso há muito tempo.

— Bom trabalho — disse Patrik, acenando com a cabeça a Gösta e a Martin.

— Vou ter outra conversa com Ragnar Lissander. Deve haver alguma razão para nunca ter mencionado que já tinham morado em Fjällbacka. E Ragnar devia ter percebido que era apenas uma questão de tempo até descobrirmos.

— Mas continuamos a não saber quem é a mulher que procuramos. Parece que deve ser alguém que Christian conheceu quando vivia em Gotemburgo. Depois de ter saído de casa dos Lissander e antes de ter voltado para Fjällbacka com Sanna — Martin estava a pensar em voz alta.

— Porque será que voltou para cá? — interrompeu Annika.

— Precisamos de saber mais sobre os anos que Christian passou em Gotemburgo — disse Patrik. — Até agora, temos conhecimento de apenas três mulheres na vida de Christian: Irêne, Alice e a mãe biológica.

— Poderá ter sido Irêne? Tinha um motivo para se vingar, tendo em conta o que Christian fez a Alice — disse Martin. Patrik fez uma pausa para refletir por um momento, mas depois abanou a cabeça.

— Também tenho andado a pensar nela e não podemos descartá-la. Mas não

me parece. De acordo com Ragnar, Irêne nunca descobriu o que tinha acontecido. E, mesmo que já soubesse, porque queria atingir Magnus e os outros?

Imaginou a mulher desagradável que tinham encontrado na casa em Trollhättan. Ouviu novamente os comentários desdenhosos de Irêne sobre Christian e a mãe. E, de repente, ocorreu-lhe um pensamento. Era algo que tinha estado a pairar-lhe no subconsciente desde o segundo encontro com Ragnar. Era a única coisa que não parecia encaixar-se. Patrik pegou no celular e marcou rapidamente um número. Todos olharam para ele com surpresa, mas Patrik ergueu um dedo para assinalar que não deviam falar.

— Estou? Fala Patrik Hedström. Por acaso, era com Sanna que queria falar. Okay, compreendo. Mas será que podia ir fazer-lhe uma pergunta? É importante. Pergunte-lhe se o vestido azul que encontrou era do tamanho dela. Sim, eu sei que é uma pergunta estranha. Mas era uma grande ajuda se lhe pudesse perguntar isso. Obrigado.

Patrik esperou e, passado cerca de um minuto, a irmã de Sanna, Agneta, regressava à linha.

— A sério? Está bem. Ótimo. Muito obrigado. E dê os meus cumprimentos a Sanna — Patrik terminou a conversa com um olhar pensativo no rosto. — O vestido azul era do tamanho de Sanna.

— E então? — perguntou Martin, que parecia estar a falar por todos.

— Isso é um pouco estranho, tendo em conta que a mãe de Christian pesava cerca de cento e quarenta quilos. Então, o vestido deve ter pertencido a alguém. Christian mentira a Sanna quando lhe dissera que era da mãe.

— Poderia ter pertencido a Alice? — disse Paula.

— É possível. Mas não me parece. Deve ter havido outra mulher na vida de Christian.

Erica olhou para o relógio. Patrik devia estar a ter um dia de trabalho complicado. Não tinha notícias dele desde que saíra de casa nessa manhã, mas não queria telefonar a incomodá-lo. A morte de Christian devia ter causado o caos absoluto na delegacia. Patrik viria para casa quando pudesse.

Esperava que já não estivesse aborrecido. Nunca tinha ficado verdadeiramente zangado com ela e a última coisa que queria era desiludi-lo ou irritá-lo.

Erica passou a mão pela barriga. Parecia estar a crescer descontroladamente e, às vezes, sentia-se tão apavorada com o que estava para vir que mal podia respirar. Ao mesmo tempo, ansiava pela chegada dos gémeos. Emoções tão ambíguas: felicidade e preocupação, pânico e ansiedade. Enfim, uma completa confusão.

Anna devia estar a sentir o mesmo. Erica estava com remorsos por não andar

muito receptiva aos desenvolvimentos da gravidez da irmã. Estava demasiado envolvida na sua situação pessoal. No entanto, depois de tudo o que tinha acontecido com Lucas — o ex-marido de Anna e pai dos seus dois filhos —, muitas emoções tinham-se provavelmente agitado nela, agora que estava grávida. E agora que tinha um novo homem na sua vida. Erica estava envergonhada pela forma como tinha sido egoísta, falando apenas dos seus próprios sentimentos e preocupações. Telefonaria a Anna no dia seguinte a sugerir que se encontrassem para tomar café ou mesmo para dar um passeio. Assim teriam tempo para pôr a conversa em dia.

Maja aproximou-se e trepou-lhe para o colo. Parecia cansada, apesar de serem apenas seis da tarde. Faltavam duas horas para a filha ir dormir.

— O papai? — perguntou Maja, pressionando a cara contra a barriga de Erica.

— O papai deve estar chegando — disse Erica. — Mas nós estamos com fome, por isso acho que devemos ir fazer o jantar. O que achas, minha querida? Fazemos um jantar só para meninas?

Maja assentiu.

— Que tal *falukorv* com macarrão? Com montes de ketchup.

Maja assentiu novamente. A mãe sabia exatamente o que servir num jantar só para meninas.

— Então, como fazemos isso? — perguntou Patrik, puxando uma cadeira para se sentar ao lado de Annika.

Estava escuro como breu lá fora e todos deviam ter ido para casa há muito tempo. Mas ninguém pensava em abandonar a delegacia. Exceto Mellberg, que tinha saído porta fora cerca de um quarto de hora antes, a assobiar.

— Vamos começar com os registros públicos, embora duvide de que encontremos seja o que for. Já os consultei quando estava a investigar o passado de Christian e não acredito que me tenha escapado alguma coisa. — Annika parecia estar a desculpar-se e Patrik deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Sei que és uma perfeccionista, mas um lapso pode acontecer a qualquer um. Se consultarmos juntos os registros talvez consigamos ver alguma coisa que te tenha escapado da primeira vez. Eu acho que Christian deve ter vivido com uma mulher quando esteve em Gotemburgo — ou pelo menos teve um relacionamento com alguém. Talvez consigamos encontrar algo que nos ajude a descobrir quem possa ter sido.

— Esperemos que sim — disse Annika, virando o ecrã do computador para que Patrik também pudesse ver. — Mas, como eu disse, não há registro de casamentos anteriores.

— Então e filhos?

Annika escreveu qualquer coisa com o teclado e, em seguida, apontou para o

ecrã.

— Não, Christian apenas aparece nos registros como pai de Melker e Nils.

— Merda — disse Patrik, passando a mão pelo cabelo. — Talvez seja uma teoria estúpida. Não sei por que motivo tenho uma sensação tão forte de que deixei escapar alguma coisa. A resposta tem de estar algures nesses registros. — Patrik levantou-se e foi para o seu gabinete. Ficou lá durante bastante tempo, a olhar para a parede. O toque do celular interrompeu-lhe abruptamente as cogitações.

— Patrik Hedström — disse, dando-se conta de como soara desanimado. Mas quando o homem ao telefone se apresentou e depois explicou porque estava a ligar, Patrik endireitou-se na cadeira. Vinte minutos mais tarde, dirigiu-se apressadamente para o escritório de Annika.

— Maria Sjöström!

— Maria Sjöström?

— Christian vivia com uma mulher em Gotemburgo. Maria Sjöström.

— Como é que... — disse Annika, mas Patrik continuava sem responder à sua pergunta.

— Também há uma criança. Emil Sjöström. Ou melhor, havia uma criança.

— Como assim?

— Já morreram. Maria e Emil estão mortos. E também há uma investigação de assassinato que ainda não foi encerrada.

— Que se passa? — Martin entrou apressadamente no escritório de Annika depois de ouvir Patrik a gritar. Gösta moveu-se mais depressa do que era habitual e também apareceu à porta, entrando para se juntar à pequena multidão que se amontoava no escritório de Annika.

— Acabo de falar com um homem chamado Sture Bogh. Era detetive da polícia de Gotemburgo e agora está reformado — Patrik fez uma pausa dramática antes de prosseguir: — Leu no jornal sobre Christian e sobre as ameaças que tinha recebido, e reconheceu o nome de uma das suas investigações. Pensou que talvez tivesse informações que nos pudessem ser úteis.

Patrik contou aos colegas a conversa com o ex-detetive. Apesar de todos os anos que tinham passado, Sture Bogh nunca tinha sido capaz de esquecer aquelas mortes trágicas e fez-lhe um resumo

preciso dos factos importantes do caso.

Todos ficaram boquiabertos quando ouviram Patrik contar o que o detetive lhe tinha dito.

— Será que conseguimos obter cópias da documentação referente a essa investigação? — perguntou ansiosamente Martin.

— Agora já é um bocado tarde para isso. Acho que ia ser difícil — respondeu Patrik.

— Não custa nada tentar — retorquiu Annika. — Tenho o número da polícia de Gotemburgo mesmo aqui.

Patrik suspirou.

— A minha mulher vai pensar que fugi para o Rio com uma loura de peito grande se não for rapidamente para casa.

— Telefona primeiro a Erica e depois vamos tentar encontrar alguém em Gotemburgo.

Patrik cedeu. Nenhum dos outros parecia querer ir-se embora e ele também não — pelo menos até ter feito tudo o que podia.

— Está bem, mas vocês têm de ir tratar de outras coisas enquanto eu faço as chamadas. Não vos quero para aqui em cima de mim.

Entrou no seu gabinete, fechou a porta e começou por ligar para casa. Erica foi muito compreensiva. Já tinha jantado com Maja. De repente, Patrik sentiu um desejo tão grande de estar em casa com as suas duas meninas que quase chorou. Há muito tempo que não se sentia tão cansado. Mas respirou fundo e marcou o número que Annika lhe tinha dado.

A princípio, Patrik não percebeu que alguém tinha atendido.

— Estou? — disse uma voz na linha. Patrik deu um salto, apercebendo-se de que devia dizer alguma coisa. Apresentou-se e explicou o que precisava. Para sua surpresa, o colega de Gotemburgo foi incrivelmente simpático e prestável, oferecendo-se para tentar localizar os documentos da investigação.

Patrik desligou, fazendo figas. Depois de esperar pouco mais de um quarto de hora, o telefone tocou.

— A sério? Conseguiu? — Patrik mal podia acreditar no que ouvia quando o colega disse que tinha localizado o processo. Patrik agradeceu profusamente, pedindo-lhe para o guardar. Tomaria providências para recolher o material no dia seguinte. No pior dos casos iria ele próprio a Gotemburgo, mas talvez conseguisse que a delegacia pagasse a um serviço de entregas.

Patrik permaneceu sentado à secretária depois de desligar o telefone. Sabia que os colegas estavam nos respetivos gabinetes, à espera de saber se iam conseguir obter o processo. Mas primeiro precisava de pôr as ideias em ordem. Todos os pormenores, todas as peças do puzzle rodopiava-lhe no cérebro.

Sabia que se encaixavam, de algum modo. Era apenas uma questão de descobrir como.

Erik sentiu-se estranhamente triste quando se preparava para sair. Claro que era difícil dizer adeus às filhas. Deu-lhes um abraço, fingindo que estaria de volta dentro de poucos dias. Mas ficou surpreendido ao descobrir que também lhe custava despedir-se da casa e de Louise, que estava na sala da frente a olhar para ele com uma expressão inescrutável.

O plano original fora ir-se embora, deixando apenas uma nota. Porém, subitamente, Erik sentira necessidade de se despedir como devia ser. Para não provocar suspeitas, já tinha posto a mala grande no porta-bagagens do carro. Queria que Louise pensasse que aquela era apenas mais uma viagem de negócios e que apenas levaria uma pequena mala.

Apesar daquela dificuldade inesperada em dizer adeus, Erik sabia que não tardaria a instalar-se na sua nova vida. Tudo o que tinha de fazer era pensar naquele advogado sueco, Joachim Posener, que tinha fugido do país em 1997, suspeito de peculato. Posener tinha conseguido ficar longe da Suécia sem quaisquer problemas de consciência por abandonar o filho. Além disso, as suas próprias filhas eram quase adultas. Já não precisavam dele.

— A viagem é por causa de quê? — perguntou-lhe Louise.

Algo no tom de voz da mulher chamou a atenção de Erik. Saberla de alguma coisa? Mas rejeitou a ideia. Mesmo que suspeitasse, não havia nada que pudesse fazer.

— Vou encontrar-me com um novo fornecedor — disse, brincando com a chave do carro na mão. Agora que pensava nisso, estava a ser bastante decente. Pensava levar o carro mais pequeno e deixar o Mercedes a Louise. E o dinheiro que tinha deixado na conta bancária era suficiente para pagar as despesas da mulher e das filhas durante pelo menos um ano, incluindo a hipoteca da casa. Louise teria assim mais do que tempo para tentar resolver a sua vida.

Erik endireitou-se. Não havia realmente motivo para se sentir um sacana. Se alguém acabasse por sofrer por causa dos seus atos, o problema não era dele. Corria perigo de vida e não ia ficar para ali sentado à espera que o passado o apanhasse e ajustasse contas com ele.

— Volto depois de amanhã — disse suavemente, acenando com a cabeça a Louise. Há anos que não lhe dava um abraço ou um beijo quando partia em viagem.

— Volta quando quiseres — disse Louise com um encolher de ombros.

Uma vez mais, Erik pensou ter notado qualquer coisa estranha no comportamento da mulher, mas provavelmente era apenas a sua imaginação. E, daí a dois dias, quando Louise estivesse à espera que voltasse para casa, já estaria num lugar seguro.

— Adeus — disse Erik, virando-lhe as costas.

— Adeus — disse Louise.

Entrou no carro e, enquanto se afastava, lançou um último olhar ao retrovisor. Depois ligou o rádio e começou a cantarolar. Estava a caminho.

Olhou para Patrik com preocupação quando o marido entrou em casa. Maja estava na cama há algum tempo e Erica estava sentada no sofá com uma xícara de chá.

— Tiveste um dia difícil, não foi? — perguntou Erica com cautela, levantando-se para pôr os braços em torno dele. Patrik enterrou o rosto no pescoço da mulher e, por um momento, não se moveu.

— Preciso de um copo de vinho — disse por fim.

Patrik foi até a cozinha enquanto Erica voltava para o seu lugar no sofá. Ouviu um copo a tinir e uma rolha a ser retirada de uma garrafa. Lembrou-se de como era bom beber um copo de vinho, mas agora tinha de contentar-se com chá. Essa era uma das grandes desvantagens de se estar grávida ou a amamentar um bebê — não se poder beber um copo de vinho tinto de vez em quando. Por vezes, Erica bebia um golinho do copo de Patrik e tinha de contentar-se com isso.

— Sabe mesmo bem estar em casa — disse Patrik com um suspiro audível quando se sentou ao lado de Erica. Pôs-lhe o braço em torno dos ombros e apoiou os pés em cima da mesa de café.

— E eu estou muito feliz por te ter em casa — disse Erica, chegando-se mais a Patrik. Durante vários minutos, nenhum dos dois falou. Patrik bebeu um gole de vinho.

— Christian tem uma irmã — disse por fim.

Erica teve um sobressalto.

— Uma irmã? Nunca tinha ouvido isso. Christian dizia sempre que não tinha família.

— Mas não era verdade. Sei que provavelmente me vou arrepender de te contar isto, mas estou tão incrivelmente cansado. Tenho a cabeça cheia de tudo o que ouvi hoje e preciso mesmo de desabafar com alguém. Mas tem de ficar entre nós, está bem? — Patrik lançou-lhe um olhar severo.

— Prometo. Conta-me lá.

Patrik contou a Erica tudo o que tinha descoberto. A sala estava escura, à exceção da luz que vinha do ecrã da televisão. Erica não disse uma única palavra, limitou-se a ouvir atentamente. Embora não tenha podido deixar de estremecer quando Patrik lhe contou como Alice tinha tido a lesão cerebral. E como Christian viveu com esse segredo durante todos aqueles anos, enquanto Ragnar o protegia e vigiava ao mesmo tempo. Erica abanou a cabeça depois de Patrik acabar de contar-lhe tudo sobre Alice e a insensibilidade que Christian tinha sido forçado a suportar desde criança e até ter deixado a família Lissander.

— Pobre Christian.

— Mas a história não acaba aqui.

— Como assim? — perguntou Erica, suspirando quando um dos bebês lhe deu um pontapé. Os gémeos estavam particularmente animados nessa noite.

— Christian conheceu uma mulher quando esteve a estudar em Gotemburgo. Chamava-se Maria. Tinha um filho pequeno, quase recém-nascido, quando se

conheceram. Maria não tinha contacto com o pai da criança. Não tardaram a ir viver juntos num apartamento em Partille. O menino, Emil, tornou-se filho de Christian. Parecem ter sido os três muito felizes.

— Então, o que aconteceu a seguir? — Erica não tinha a certeza de querer realmente saber. Talvez fosse mais fácil tapar os ouvidos com as mãos e bloquear o que suspeitava ser o final terrível daquela história. Mas não pôde deixar de perguntar.

— Uma quarta-feira, em abril, Christian voltou para casa da universidade — Patrik mantinha um tom de voz cuidadosamente neutro e Erica pegou-lhe na mão. — A porta estava destrancada e Christian ficou logo preocupado. Chamou Maria e Emil mas não obteve resposta. Atravessou o apartamento à procura deles. Tudo parecia na mesma. Os blusões estavam pendurados no vestíbulo; por isso, Christian não pensou que tivessem saído. E o carrinho de Emil estava no vão da escada.

— Não sei se quero ouvir mais — sussurrou Erica, mas Patrik estava a olhar em frente e não parecia ouvi-la. — Por fim, Christian encontrou-os. Na casa de banho. Tinham-se afogado os dois.

— Valha-me Deus! — Erica tapou a boca com as mãos.

— O menino estava deitado de costas na banheira. A cabeça da mãe estava submersa, mas o resto do corpo estava fora da banheira. A autópsia encontrou hematomas deixados por dedos na parte de trás do pescoço. Alguém lhe tinha mantido a cabeça debaixo de água à força.

— Quem...

— Não sei. A polícia nunca conseguiu encontrar o assassino. Por estranho que pareça, Christian nunca foi considerado suspeito, apesar de ser a pessoa mais próxima das vítimas. Por isso é que nunca soubemos do caso quando procuramos o nome dele nos registos da polícia.

— Como é que isso é possível?

— Não tenho a certeza. Todos os que os conheciam testemunharam que eram um casal exceccionalmente feliz. A própria mãe de Maria chegou a defender Christian. Além disso, um vizinho viu uma mulher a entrar no apartamento por volta da hora a que as mortes ocorreram, de acordo com o patologista forense.

— Uma mulher? — disse Erica. — A mesma que...

— Já não sei o que pensar. Este caso está a pôr-me doido. Seja como for, tudo se encaixa... tudo o que aconteceu a Christian. Alguém o odiava tão intensamente que nem mesmo a passagem do tempo foi capaz de esbater essas emoções.

— E não sabem mesmo quem possa ser? — Erica sentia uma ideia a surgir-lhe na mente, mas não conseguia dar-lhe forma. Era uma imagem indistinta. Mas de uma coisa tinha a certeza absoluta: Patrik tinha razão. De alguma forma, todos os

acontecimentos estavam relacionados.

— Importas-te que eu vá deitar-me? — perguntou Patrik, pondo-lhe a mão no joelho.

— Não, claro que não. Vai deitar-te, meu amor — disse distraidamente Erica. — Eu fico aqui mais um bocado e depois também vou para a cama.

— Está bem — Patrik deu-lhe um beijo e, em seguida, dirigiu-se para o quarto, no andar de cima. Erica ficou onde estava, sentada no sofá na sala escura. Estava a dar o noticiário na televisão, mas ela desligou o som para poder concentrar-se nos seus próprios pensamentos. Alice. Maria e Emil. Havia algo que devia conseguir ver, algo que devia conseguir compreender. Erica desviou o olhar para o livro sobre a mesa de café. Lentamente, pegou nele e pô-lo no colo para poder olhar para a capa e para o título. A Sereia. Pensou em depressão e culpa. No que Christian quisera transmitir no seu romance. Sabia que a resposta estava lá, nas palavras e nas frases que o amigo tinha deixado para trás. E Erica ia descobrir qual era.

OS PESADELOS COMEÇARAM A ASSOMBRÁ-LO TODAS AS NOITES, COMO SE ESTIVESSEM À ESPERA DE QUE A SUA CONSCIÊNCIA DESPERTASSE. ERA REALMENTE ESTRANHO TER DEMORADO TANTO TEMPO. AFINAL, SEMPRE SOUBERA O QUE TINHA ACONTECIDO. SEMPRE RECORDARA COMO RETIRARA O ASSENTO DE BANHO DA BEBÉ E DEIXARA ALICE AFUNDAR-SE NA ÁGUA. E COMO O PEQUENO CORPO DELA TINHA DADO PONTAPÉS E ESBRACEJADO ENQUANTO TENTAVA RESPIRAR. E DE COMO TINHA FICADO TÃO IMÓVEL. TIVERA SEMPRE PRESENTES OS OLHOS DELA, AQUELES OLHOS AZUIS A OLHAREM PARA ELE, SEM NADA VEREM, DEBAIXO DE ÁGUA. SEMPRE SOUBERA, MAS NUNCA TINHA COMPREENDIDO.

FOI APENAS UMA PEQUENA COISA, UM PEQUENO PORMENOR, QUE O FEZ FINALMENTE COMPREENDER. ACONTECEU UM DIA DURANTE AQUELE ÚLTIMO VERÃO. ATÉ ENTÃO, JÁ SABIA QUE NÃO PODIA FICAR. NUNCA HOUVERA LUGAR PARA ELE, MAS APENAS TOMOU CONSCIÊNCIA DISSO GRADUALMENTE. POR FIM,

SOUBE QUE TINHA DE DEIXAR A FAMÍLIA.

AS VOZES DIZIAM-LHE A MESMA COISA. UM DIA, TAMBÉM TINHAM APARECIDO. NÃO ERAM DESAGRADÁVEIS NEM MAL-INTENCIONADAS, ERAM MAIS COMO AMIGOS E CONFIDENTES QUE LHE SUSSURRAVAM.

APENAS DUVIDAVA DA SUA DECISÃO QUANDO PENSAVA EM ALICE. MAS ESSA HESITAÇÃO NUNCA DURAVA MUITO TEMPO — PORQUE FAZIA COM QUE AS VOZES FALASSEM MAIS ALTO. ENTÃO, DECIDIU FICAR APENAS ATÉ AO FIM DO VERÃO. DE IR-SE-IA EMBORA E NUNCA MAIS OLHARIA PARA TRÁS. E DEIXARIA FICAR TUDO O QUE TIVESSE QUE VER COM A MÃE E O PAI.

NAQUELE DIA, ALICE QUERIA UM SORVETE. ALICE ESTAVA SEMPRE QUERENDO UM SORVETE E, QUANDO ESTAVA PARA ISSO, CHRISTIAN IA COM ELA AO QUIOSQUE PERTO DA PRAÇA. ALICE PEDIA SEMPRE O MESMO: UM CONE COM TRÊS BOLAS DE SORVETE DE MORANGO. ÀS VEZES, CHRISTIAN FINGIA PROPOSITADAMENTE PERCEBER MAL E PEDIA BOLAS DE SORVETE DE CHOCOLATE. ENTÃO, A IRMÃ ABANAVA VIGOROSAMENTE A CABEÇA E PUXAVA-LHE O BRAÇO, DEBATENDO-SE PARA CONSEGUIR DIZER A PALAVRA «MORANGO».

ALICE FICAVA SEMPRE NO SÉTIMO CÉU QUANDO RECEBIA A SUA

GULOSEIMA ESPECIAL. O ROSTO ILUMINAVA-SE DE PRAZER E, COM A MAIOR SATISFAÇÃO DO MUNDO, COMEÇAVA METODICAMENTE A LAMBER O SORVETE. RODAVA-O CONSTANTEMENTE PARA NÃO COMEÇAR A PINGAR. E O MESMO ACONTECEU NAQUELE DIA. RECEBEU O SEU CONE ANTES DE CHRISTIAN E, LENTAMENTE, COMEÇOU A AFASTAR-SE ENQUANTO O IRMÃO ESPERAVA PELO SEU E PAGAVA. QUANDO SE VIROU PARA IR TER COM ALICE, PAROU COM UM PÉ NO AR. ERIK, KENNETH E MAGNUS. ESTAVAM OS TRÊS ALI SENTADOS A OLHAR PARA ELE. ERIK FAZIA UM SORRISO RASGADO.

SENTIA O SORVETE A PINGAR DO CONE PARA A MÃO, MAS TINHA DE PASSAR POR ELES. TENTOU OLHAR PARA A FRENTE, PARA A ÁGUA. TENTOU IGNORAR OS OLHOS DELES E IGNORAR AS BATIDAS DO SEU CORAÇÃO, CADA VEZ MAIS DESCOMPASSADAS. AVANÇOU UM PASSO, DE OUTRO. DE REPENTE SENTIU-SE A CAIR. ERIK TINHA ESTICADO A PERNA QUANDO ELE ESTAVA A PASSAR. NO ÚLTIMO SEGUNDO, CONSEGUIU ABRIR AS MÃOS PARA APARAR A QUEDA. O PESO DO CORPO PROVOCOU-LHE UMA PONTADA NOS PULSOS. O SORVETE VOOU-LHE DA MÃO, CAINDO NA CALÇADA SUJA.

— AZAR DO CARAÇAS — DISSE ERIK.

KENNETH RIU-SE NERVOSAMENTE, MAS MAGNUS LANÇOU A ERIK UM OLHAR REPROVADOR.

— TINHAS MESMO DE FAZER AQUILO? — PERGUNTOU.

ERIK NÃO PARECIA TER OUVIDO O QUE MAGNUS TINHA DITO. OS OLHOS BRILHAVAM.

— NÃO PRECISAS DE MAIS SORVETES.

COM ESFORÇO, CHRISTIAN PÔS-SE DE PÉ. OS BRAÇOS ESTAVAM DORIDOS E TINHA PEQUENOS PEDAÇOS DE CASCALHO PRESOS ÀS PALMAS DAS MÃOS. SACUDIU-SE E MANCOU PARA LONGE, MOVENDO-SE TÃO DEPRESSA QUANTO PODIA, COM O RISO DE ERIK A RESSOAR-LHE NOS OUVIDOS.

A CURTA DISTÂNCIA, ALICE ESTAVA À ESPERA DELE. CHRISTIAN IGNOROU-A E CONTINUOU A ANDAR. PELO CANTO DO OLHO, VIU-A A TROTAR ATRÁS DELE, MAS SÓ QUANDO ESTAVAM QUASE EM CASA É QUE PAROU PARA RECUPERAR O FÔLEGO. ALICE TAMBÉM PAROU. A PRINCÍPIO LIMITOU-SE A FICAR PARA ALI, A OUVI-LO A ARFAR. EM SEGUIDA, ALICE ESTENDEU-LHE O SORVETE.

— TOMA, CHRISTIAN. FICA COM O MEU SORVETE. É DE MORANGO.

CHRISTIAN OLHOU PARA O SORVETE QUE A IRMÃ LHE ESTENDIA.

DE MORANGO, O SABOR QUE ALICE ADORAVA APAIXONADAMENTE. NAQUELE MOMENTO, CHRISTIAN PERCEBEU A EXTENSÃO DO QUE LHE TINHA FEITO. E ENTÃO AS VOZES COMEÇARAM A GRITAR, QUASE LHE REBENTANDO A CABEÇA. CAIU DE JOELHOS, COM AS MÃOS SOBRE OS OUVIDOS. TINHAM DE PARAR, TINHA DE FAZÊ-LAS PARAR. DE SENTIU OS BRAÇOS DE ALICE EM SEU REDOR E O SILÊNCIO DESCEU SOBRE ELE.



PATRIK TINHA DORMIDO COMO UMA PEDRA A NOITE TODA. No entanto, ainda não se sentia repousado.

— Querida? — Não obteve resposta. Olhou para o relógio e praguejou para si mesmo. Oito e meia da manhã. Tinha de ir-se embora, havia muito para fazer na delegacia.

— Erica? — Patrik desceu as escadas, mas não ouviu qualquer sinal da mulher ou da filha. Na cozinha, encontrou uma cafeteira com café acabado de fazer à sua espera, assim com uma nota com a letra de Erica em cima da mesa.

«Meu querido, levei Maja à creche. Estive a pensar no que me disseste ontem e há algo que tenho de verificar. Telefone-te logo que saiba mais. Será que me podias tentar descobrir duas coisas?

1. Christian tinha algum apelido para Alice?

2. De que doença mental é que a mãe dele sofria?

Abraços e beijos,

Erica.

P.S. Não fiques chateado comigo.»

Que diabos estaria ela inventando agora? Devia ter percebido que Erica não conseguiria se conter. Pegou no celular que estava em cima da mesa e ligou-lhe. Após alguns toques foi transferido para o gravador de chamadas. Tentou acalmar-se, pois percebeu que não havia mais nada que pudesse fazer de momento. Tinha de chegar à delegacia e não fazia ideia de onde Erica estava.

Além disso, as perguntas que Erica incluía na nota tinham-lhe despertado o interesse. Teria alguma teoria? Erica era inteligente — isso era inegável. E, muitas vezes, via coisas que lhe tinham escapado. Só gostava que a mulher não continuasse a investigar por conta própria, como tanto apreciava.

Bebeu uma xícara de café encostado à bancada da cozinha. Depois de um momento de hesitação, encheu uma caneca especial de viagem que Erica lhe dera no Natal. Ia precisar de um pouco de cafeína extra nesse dia.

A primeira coisa que fez ao chegar à delegacia foi dirigir-se à cozinha para tomar uma terceira xícara.

— Então, qual é o programa para hoje? — perguntou Martin, depois de quase chocarem um com o outro no corredor.

— Temos de rever todo o material sobre o assassinato de Maria, a namorada de Christian, e do filho. Vou telefonar para Gotemburgo para ver se nos mandam o processo. Provavelmente vou pedir-lhes que o enviem por estafeta, o que significa que vou ter de esconder a despesa no meio das outras, para que Mellberg não saiba. Depois precisamos de perguntar a Torbjörn se teve informação do instituto forense acerca do trapo e da lata de tinta que estavam na cave da casa de Christian. O mais certo é que o relatório ainda não esteja pronto, mas não se perde nada em pressioná-los. Podes encarregar-te disso?

— Claro, eu trato disso. Mais alguma coisa?

— Por enquanto, não — respondeu Patrik. — Tenho de confirmar uma informação com Ragnar

Lissander. Quando souber mais alguma coisa eu digo-vos.

— Está bem. Mas se precisares de mim, já sabes — disse Martin.

Patrik entrou no seu gabinete. Era estranho sentir-se tão cansado. Aquela cafeína toda não estava a fazer qualquer efeito. Patrik respirou fundo, tentando recompor-se e, em seguida, telefonou ao pai adotivo de Christian.

— Agora não posso falar — disse Ragnar, e Patrik percebeu que Irêne devia estar por perto.

— Só tenho duas perguntas — disse, dando por si a baixar a voz, mesmo que isso não fosse necessário daquele lado da linha. Pensou perguntar a Ragnar porque não tinha dito nada sobre a época em que a família vivera em Fjällbacka. Mas decidiu esperar até que pudessem falar mais abertamente. Além disso, tinha a sensação de que as perguntas que Erica queria ver respondidas eram mais importantes.

— Está bem — disse Ragnar. — Mas seja rápido.

Patrik fez-lhe as perguntas que estavam na nota de Erica e ficou surpreendido com o que soube. O que significaria tudo aquilo?

Agradeceu a Ragnar, terminou a conversa e depois voltou a telefonar a Erica. Mas foi novamente parar ao gravador de chamadas. Por isso deixou-lhe uma mensagem e, em seguida, recostou-se na cadeira. Como é que aquele novo dado se encaixava na imagem? E onde estava Erica?

— Erica! — Thorvald Hamre inclinou-se para abraçá-la. Erica, que tinha mais de um metro e setenta e engordara bastante, sentia-se uma anã ao pé dele.

— Olá, Thorvald! Obrigada por me receber tão depressa — disse, retribuindo o abraço.

— Sabe que é sempre bem-vinda — a voz de Hamre traía apenas um leve indício do idioma norueguês natal. Vivia na Suécia há cerca de trinta anos e, durante esse tempo, tornara-se um adepto mais fervoroso da equipe de futebol de Gotemburgo do que os naturais da cidade. Uma bandeira gigantesca do IFK Göteborg na parede atestava a sua lealdade.

— Como posso ajudá-la desta vez? Em que projeto emocionante está a trabalhar agora? — com os olhos a brilhar, Hamre repuxou o enorme bigode grisalho.

Tinham-se tornado amigos quando Erica estava à procura de alguém que pudesse ajudá-la com os aspetos psicológicos dos livros sobre crimes reais que escrevia. Thorvald era terapeuta e as suas consultas tinham grande procura, mas dedicava todo o tempo livre ao estudo do lado obscuro da natureza humana. Até tinha participado num curso do FBI. Erica não se atrevia a especular sobre o que poderia tê-lo levado a interessar-se por aquele tema específico. O importante é que Hamre era um excelente psiquiatra e que estava disposto a partilhar os seus conhecimentos com ela.

— Preciso de respostas a várias perguntas. Espero que consiga ajudar-me.

— Claro. Sempre às ordens.

Erica lançou-lhe um olhar de gratidão e depois perguntou a si própria como começar. Na verdade, ainda não tinha conseguido juntar todas as peças. O padrão estava sempre a alterar-se, como as cores e as formas num caleidoscópio. Porém, algures teria de haver uma estrutura e talvez Thorvald pudesse ajudá-la a descobri-la. Antes de chegar a Gotemburgo ouvira a mensagem que Patrik lhe deixara, mas optou por não lhe telefonar. De momento, não queria responder às suas perguntas. A informação que o marido tinha deixado no gravador de chamadas não a surpreendeu, apenas confirmou aquilo de que já desconfiava.

Depois de uma pausa para ordenar as ideias, Erica começou a contar a história a Thorvald. Num longo relato, sem parar, disse-lhe tudo o que sabia. Thorvald ouviu atentamente, apoiando os cotovelos na mesa e fazendo uma tenda com as pontas dos dedos. De vez em quando, Erica sentia um nó no estômago quando tomava consciência de como aquela história era horrível.

Depois de terminar, Thorvald ficou algum tempo sem dizer nada. Erica estava quase sem fôlego, como se tivesse estado a correr. Um dos bebês pontapeou-a com força no diafragma, como que a lembrá-la de que o mundo não era só desgraças e maldade.

— Qual é a sua opinião? — perguntou por fim Thorvald.

Após um momento de hesitação, Erica apresentou a sua teoria. Tinha-lhe surgido durante a noite quando estava deitada na cama a olhar para o teto enquanto Patrik dormia profundamente a seu lado. Aperfeiçoara-a durante a viagem pela E6 até Gotemburgo. E rapidamente se apercebera de que precisava de falar com

Thorvald. O psicólogo seria capaz de dizer se a teoria era tão absurda quanto parecia. Explicar-lhe-ia, talvez, que se deixara simplesmente levar pela imaginação.

Mas não foi isso que Thorvald disse. Pelo contrário. Olhou para ela e afirmou:

— É perfeitamente possível. O que está a sugerir é inteiramente plausível.

As palavras do psicólogo fizeram com que o ar se lhe escapasse dos pulmões numa mistura de alarme e de alívio. Agora, Erica tinha a certeza de que a sua teoria tinha cabimento. Mas as consequências eram quase impossíveis de compreender.

Conversaram durante quase uma hora. Erica fez perguntas a Thorvald e tentou absorver tudo o que o psicólogo lhe ia dizendo. Se ia levar aquela ideia por diante, precisava de dispor de todos os factos. Caso contrário, as coisas podiam correr terrivelmente mal, além de que ainda lhe faltavam algumas peças do puzzle. Tinha dados suficientes para formar uma imagem, mas ainda havia lacunas. Antes que pudesse apresentar a sua teoria, precisava de as preencher.

Quando voltou para o carro, encostou a testa ao volante. Sentiu o frio contra a pele. Não estava minimamente entusiasmada quanto à próxima visita nem quanto às perguntas que precisava de fazer — ou às respostas que poderia ouvir. Havia uma parte do enigma que não sabia ao certo se queria descobrir. Porém, não tinha escolha.

Rodou a chave na ignição e dirigiu-se para Uddevalla. Um olhar para o celular mostrou que tinha perdido duas chamadas de Patrik. Não havia nada a fazer; Patrik teria de esperar.

Louise telefonou para o banco quando este abriu. Erik sempre a subestimara. Tinha muito jeito para bajular as pessoas de modo a descobrir o que queria saber. Além disso, tinha todas as informações de que precisava para fazer as perguntas certas — os números das contas e o número de identificação fiscal da empresa. Também tinha uma voz tão firme e exigente que nem sequer passou pela cabeça do bancário questionar se Louise tinha o direito de obter aquela informação.

Depois de desligar o telefone, Louise permaneceu sentada à mesa da cozinha, a refletir no que tinha ouvido. Erik tinha levantado tudo. Bem, não tudo. Tivera a generosidade de deixar-lhes algum dinheiro para que conseguissem governar-se durante algum tempo. Mas tinha praticamente limpadado as contas bancárias, tanto as pessoais como as da empresa.

A raiva apoderou-se dela como uma força primitiva. Não tencionava de maneira nenhuma deixá-lo escapar impune. Era tão incrivelmente estúpido que tinha pensado que ela também era parva. Tinha reservado uma passagem de avião em seu próprio nome e não foram precisos muitos telefonemas para descobrir exatamente em que voo ia embarcar e que destino escolhera.

Louise levantou-se e tirou um copo do armário. Segurou-o sob a torneira da caixa de vinho e abriu-a, vendo o maravilhoso líquido avermelhado a jorrar. Precisava daquilo mais do que nunca. Levou o copo aos lábios, mas parou quando o cheiro do vinho lhe encheu as narinas. Aquele não era o momento adequado. Ficou surpreendida por lhe ter ocorrido aquele pensamento, porque, ao longo dos últimos anos, qualquer momento fora sempre o momento adequado para um copo de vinho. Mas não nesse dia. Precisava de estar lúcida e de ser forte. Tinha de mostrar-se firme e decidida.

Disponha de todas as informações necessárias. Podia apontar a sua varinha mágica e fazer desaparecer tudo com um «puf», como a Maga Patalógica. Louise deu uma risadinha e depois começou a dar gargalhadas. Dava gargalhadas quando pousou o copo sobre a bancada da cozinha e continuou a rir-se ao contemplar o próprio reflexo na superfície brilhante da porta do frigorífico. Tinha recuperado o controlo da sua vida. E não tardaria nada para que tudo fizesse «puf».

Estava tudo tratado. O estafeta que trazia os documentos de Gotemburgo estava a caminho da delegacia. Patrik sabia que devia estar contente, mas não conseguia sentir-se verdadeiramente satisfeito. Ainda não tinha localizado Erica e estava inquieto ao pensar na mulher a dar voltas sabe-se lá por onde no seu estado avançado de gravidez, e a envolver-se sabe-se lá em quê. Apercebeu-se de que, se havia pessoa capaz de tomar conta de si própria, essa pessoa era Erica. Era uma das muitas razões por que a amava. Mesmo assim, não conseguia deixar de sentir-se preocupado.

— Chega daqui a meia hora! — gritou Annika, que estava a monitorizar a entrega junto da empresa de entregas.

— Boa! — gritou Patrik do seu gabinete. Depois levantou-se e pegou no blusão. Murmurou algo incompreensível para Annika quando passou pela secretária a caminho da saída e, em seguida, correu através do vento cortante até a Hedemyrs. Estava chateado consigo próprio. Devia ter feito aquilo mais cedo, porém não era assim que costumava lidar com uma investigação. Para ser franco, a ideia nem sequer lhe tinha ocorrido. Não até ter ouvido o apelido que Christian tinha dado à irmã. A Sereia.

A secção de livros ficava no térreo do centro comercial e não demorou a encontrar o caminho. Os livros dos autores locais estavam bem visíveis e Patrik sorriu quando viu a grande pilha de livros de Erica ao lado de um cartaz em tamanho real com a silhueta da mulher.

— É terrível que isto tenha acabado desta maneira — disse o funcionário ao registrar o livro. Patrik limitou-se a acenar com a cabeça, já que não estava com disposição para conversar. Enfiou o livro no blusão e correu de volta para a delegacia. Annika olhou de relance para ele quando entrou, mas não disse nada.

Patrik entrou no gabinete, fechou a porta e sentou-se à secretária, tentando instalar-se o mais confortavelmente possível. Abriu o romance de Christian e começou a ler. Na verdade, havia uma data de outras coisas que tinha de fazer — tarefas práticas e trabalho policial. Mas algo lhe dizia que aquilo era importante. Então, pela primeira vez na sua carreira, Patrik Hedström sentou-se à secretária a ler um romance no horário de trabalho.

Kenneth não tinha a certeza de quando teria alta do hospital, mas isso realmente não importava. Podia ficar ali ou ir para casa. Ela iria encontrá-lo onde quer que estivesse.

Talvez fosse melhor se o encontrasse em casa, onde a presença de Lisbet ainda era palpável. E havia algumas coisas que queria resolver primeiro. Incluindo o funeral de Lisbet. A cerimônia seria apenas para a família e os amigos mais próximos. Nada de roupa preta nem música triste. E Lisbet usaria o seu lenço amarelo. Tinha sido inflexível acerca disso.

Uma batida cautelosa na porta despertou-o dos seus devaneios. Virou a cabeça. Erica Falck. Que queria, interrogou-se, embora não estivesse minimamente interessado.

— Posso entrar? — perguntou Erica. Como toda a gente, não pôde deixar de olhar para os braços enfaixados. Kenneth acenou com a mão, um gesto ambíguo que tanto podia significar «entre» como «desapareça». Nem ele próprio tinha a certeza do que tinha querido dizer.

Mas Erica entrou no quarto, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, perto da cabeça de

Kenneth. Lançou-lhe um olhar amigável.

— Sabe quem era Christian, não sabe? Quer dizer, Christian Thydell, não Christian Lissander. Kenneth ainda pensou mentir-lhe, como mentira aos polícias que tinham aparecido. Mas o tom de voz dela era diferente. E a expressão também. Ela sabia. Já tinha a resposta ou, pelo menos, parte dela.

— Sim — afirmou Kenneth. — Sei quem ele era.

— Fale-me dele — pediu Erica. E, sem saber muito bem porquê, Kenneth sentiu-se compelido a falar com ela.

— Não há muito a dizer. Toda a gente se metia com Christian na escola. E nós... éramos os piores de todos. Com Erik a liderar.

— Era bullying?

— Na altura ainda não se chamava assim. Mas fazíamos-lhe a vida num inferno sempre que podíamos.

— Porquê? — perguntou Erica e a palavra pareceu pairar no ar por um momento.

— Porquê? Quem sabe? Christian era diferente e não era daqui. Além disso

era gordo. As pessoas têm sempre de ter alguém com quem implicar, alguém para rebaixar.

— Consigo ver Erik a fazer essas coisas. Mas porquê você? E Magnus?

Erica não estava a censurá-los, mas Kenneth ficou perturbado. Tinha-se questionado tantas vezes sobre aquilo. Havia uma falha no caráter de Erik. Era difícil de identificar. Talvez fosse a incapacidade de sentir empatia. Não era uma desculpa, mas ajudava a explicar o comportamento de Erik. Kenneth e Magnus não eram assim. Mas isso faria com que fossem menos graves os seus pecados? Kenneth não sabia responder a esta pergunta.

— Éramos jovens e estúpidos — disse Kenneth, dando-se conta de como aquilo soava falso. Continuara a seguir Erik, a obedecer-lhe. Até o admirava. Era uma questão de estupidez humana comum. Medo e cobardia.

— Quer dizer que não reconheceu Christian quando ele se mudou para cá em adulto? — perguntou

Erica.

— Não, nunca. Acredite ou não, nunca fiz a ligação. Assim como nenhum dos outros. Christian era uma pessoa completamente diferente. Não era apenas o aspeto físico dele, mas... Christian não era a mesma pessoa. Mesmo agora, que sei... — Kenneth abanou a cabeça.

— E Alice? Fale-me de Alice.

Kenneth fez uma careta. Não queria fazer aquilo. Falar de Alice era o mesmo que meter a mão no fogo. Ao longo dos anos, tinha enterrado Alice tão fundo no subconsciente que era como se ela nunca tivesse existido. Mas esse tempo já passara. Teria pura e simplesmente de suportar o fogo, se necessário fosse. Porque tinha de falar sobre ela.

— Era tão linda que ficávamos sem fôlego só de olhar para ela. Mas assim que se mexia ou começava a falar, percebia-se que havia algo que não batia certo com ela. E andava sempre atrás de

Christian. Não conseguíamos bem perceber se Christian gostava daquilo ou não. Às vezes parecia irritado, mas noutras ocasiões parecia quase feliz quando a via.

— Algum dos três falava com Alice?

— Não, exceto as provocações que lhe gritávamos — Kenneth sentia-se tão envergonhado. Estava a lembrar-se de tudo tão claramente, de tudo o que tinha feito. Podia ter sido ontem, foi ontem. Não, foi há muito tempo. Começava a sentir-se confuso. As memórias que tinha suprimido estavam agora a jorrar com tal força que arrastavam tudo no seu caminho.

— Quando Alice tinha treze anos, os Lissander mudaram-se de Fjällbacka e Christian deixou a família. Alguma coisa aconteceu e eu acho que você sabe o que

foi — a voz de Erica era calma e não procurava julgá-lo. Por isso, Kenneth decidiu contar-lhe. Fosse como fosse, Erica acabaria por descobrir. Além disso, não tardaria a juntar-se a Lisbet.

— Foi em julho — disse Kenneth, fechando os olhos.

CHRISTIAN PODIA SENTIR A AGITAÇÃO A TOMAR-LHE CONTA DO CORPO. ESTAVA A FICAR CADA VEZ PIOR, TORNANDO-LHE IMPOSSÍVEL DORMIR À NOITE. E FAZIA-O VER OLHOS DEBAIXO DE ÁGUA.

TINHA DE IR-SE EMBORA — SABIA-O. SE QUISESSE ENCONTRAR UM LUGAR PARA SI MESMO, TINHA DE IR- SE EMBORA. PARA LONGE DO PAI E DA MÃE, E DE ALICE. CURIOSAMENTE, ISSO ERA O QUE DOÍA MAIS. TER DE DESPEDIR-SE DE ALICE.

— EI, TU AÍ!

CHRISTIAN VIROU-SE, SURPRESO. COMO DE COSTUME, ESTAVA A CAMINHO DE BADHOLMEN.

GOSTAVA DE SE SENTAR ALI PARA OLHAR O MAR E FJÄLLBACKA.

— AQUI!

CHRISTIAN NÃO SABIA O QUE PENSAR. PERTO DOS BALNEÁRIOS DOS HOMENS, VIU ERIK, MAGNUS E KENNETH. E ERIK O CHAMAVA. CHRISTIAN OLHOU DESCONFIADO. ABIA QUE NÃO PODIA SER COISA BOA. MAS A TENTAÇÃO ERA DEMASIADO FORTE E, COM INDIFERENÇA FINGIDA, ENFIOU AS MÃOS NOS BOLSOS E APROXIMOU-SE DOS TRÊS RAPAZES.

— QUERES UM CIGARRO? — PERGUNTOU ERIK COM UM CIGARRO NA MÃO. CHRISTIAN ABANOU A CABEÇA. AINDA ESTAVA À ESPERA QUE O MARTELO CAÍSSE, DO MOMENTO EM QUE OS TRÊS O IAM ATACAR. TUDO MENOS AQUELA... DEMONSTRAÇÃO DE BOA VONTADE.

— SENTA-TE — DISSE ERIK, DANDO UMA PALMADINHA NO CHÃO AO LADO DELE.

COMO SE FOSSE UM SONHO, CHRISTIAN SENTOU-SE. TUDO AQUILO PARECIA IRREAL. TINHA IMAGINADO AQUELA CENA TANTAS VEZES, ESPERAVA E ANSIAVA POR ELA. E, AGORA, ESTAVA REALMENTE A ACONTECER. ESTAVA ALI SENTADO, FAZIA PARTE DO GRUPO.

— O QUE FAZES ESTA NOITE? — PERGUNTOU ERIK, TROCANDO OLHARES COM KENNETH E MAGNUS.

— NADA DE ESPECIAL. POR QUÊ?

— ESTAMOS COMBINANDO FAZER UMA FESTA AQUI. UMA REUNIÃO PRIVADA, DIGAMOS — ERIK DEU UMA GARGALHADA.

— SÉRIO? — PERGUNTOU CHRISTIAN. MUDOU LIGEIRAMENTE DE POSIÇÃO PARA FICAR MAIS CONFORTÁVEL.

— QUERES VIR?

— EU? — DISSE CHRISTIAN. NÃO TINHA CERTEZA DE TER OUVIDO BEM.

— SIM, TU. MAS TODO MUNDO TEM QUE TRAZER ALGUMA COISA PARA PODER ENTRAR — DISSE ERIK, TROCANDO MAIS UMA VEZ OLHARES COM MAGNUS E KENNETH. QUER DIZER QUE HAVIA UM SENÃO, COMO PENSARA. QUE TAREFA HUMILHANTE TERIAM PLANEJADO PARA ELE?

— O QUE TENHO DE TRAZER? — PERGUNTOU, EMBORA SOUBESSE QUE NÃO DEVIA FAZÊ-LO.

OS TRÊS RAPAZES SUSSURRARAM ENTRE SI. POR FIM, ERIK OLHOU DE NOVO PARA CHRISTIAN E DISSE DESAFIADORAMENTE:

— UMA GARRAFA DE UÍSQUE.

ERA SÓ ISSO? O ALÍVIO APODEROU-SE DELE. PODERIA FACILMENTE TIRAR UMA DE CASA ÀS ESCONDIDAS.

— TUDO BEM. NÃO HÁ PROBLEMA. A QUE HORAS NOS ENCONTRAMOS AQUI?

ERIK DEU UM PAR DE TRAGADAS NO CIGARRO. PARECIA TÃO VIVIDO E SÁBIO, DE CIGARRO NA MÃO. TÃO CRESCIDO.

— TEMOS QUE TER CERTEZA DE QUE NINGUÉM NOS INCOMODA. POR ISSO PRECISA SER DE DA MEIA-NOITE. QUE TAL À MEIA-NOITE E MEIA?

CHRISTIAN DEU POR SI A ASSENTIR COM DEMASIADO ENTUSIASMO.

— TUDO BEM. À MEIA-NOITE E MEIA. ESTAREI AQUI.

— ÓTIMO — DISSE ERIK.

CHRISTIAN APRESSOU-SE A SAIR DALI. HÁ MUITO TEMPO QUE NÃO SENTIA OS PÉS TÃO LEVES. TALVEZ A SUA SORTE FOSSE FINALMENTE MUDAR E PUDESSE ENFIM PERTENCER AO GRUPO.

O RESTO DO DIA PASSOU MUITO LENTAMENTE. FINALMENTE ESTAVA NA HORA DE IR PARA A CAMA, MAS

CHRISTIAN NÃO SE ATREVIA A FECHAR OS OLHOS COM MEDO DE ADORMECER. POR ISSO FICOU PARA ALI, ACORDADO, A OLHAR FIXAMENTE PARA OS PONTEIROS DO RELÓGIO ENQUANTO ESTES SE MOVIAM LENTAMENTE EM DIREÇÃO À MEIA-NOITE. À MEIA-NOITE E UM QUARTO, LEVANTOU-SE DA CAMA E VESTIU-SE COM CUIDADO PARA NÃO FAZER BARULHO. DESLIZOU ESCADAS ABAIXO E FOI ATÉ AO ARMÁRIO DAS BEBIDAS. HAVIA VÁRIAS GARRAFAS DE UÍSQUE LÁ DENTRO. LEVOU A QUE ESTAVA QUASE CHEIA. A GARRAFA TILINTOU QUANDO A TIROU E, POR UM MOMENTO, CHRISTIAN NÃO SE MOVEU.

MAS NINGUÉM PARECIA TER OUVIDO O RUÍDO.

QUANDO CHEGOU PERTO DE BADHOLMEN, OUVIU OS OUTROS RAPAZES. PARECIA QUE JÁ ALI ESTAVAM HÁ ALGUM TEMPO, COMO SE A FESTA TIVESSE COMEÇADO SEM ELE. POR UM SEGUNDO, PENSOU DAR MEIA- VOLTA. PODIA SIMPLEMENTE REGRESSAR A CASA, ENTRAR ÀS ESCONDIDAS, VOLTAR A COLOCAR A GARRAFA NO ARMÁRIO E ENFIAR-SE NA CAMA. MAS ENTÃO OUVIU AS GARGALHADAS DE ERIK E QUIS PARTICIPAR NA GALHOFA. QUERIA SER UM DOS RAPAZES QUE TROCAVAM OLHARES COM ERIK. POR ISSO CONTINUOU A CAMINHAR, COM A GARRAFA DE UÍSQE FIRMEMENTE PRESA DEBAIXO DO BRAÇO.

— EI, OLHA QUEM CHEGOU! — DISSE ERIK, ARRASTANDO AS PALAVRAS E APONTANDO PARA CHRISTIAN.

— AQUI VEM O REI DA FESTA — ERIK DEU UMA RISADINHA E KENNETH E MAGNUS SEGUIRAM-LHE O EXEMPLO. MAGNUS PARECIA SER O MAIS BÊBADO. OSCILAVA UM POUCO E ESTAVA A TER DIFICULDADE EM FIXAR O OLHAR.

— TROUXESTE O BILHETE DE ENTRADA? — PERGUNTOU ERIK, FAZENDO SINAL PARA QUE SE APROXIMASSE.

DESCONFIADO, CHRISTIAN ENTREGOU-LHE A GARRAFA. SERÁ QUE ERA AGORA QUE O IAM HUMILHAR? IRIAM PÔ-LO DALI PARA FORA, AGORA QUE LHES TINHA TRAZIDO O QUE QUERIAM?

MAS NADA ACONTECEU. ERIK ABRIU SIMPLEMENTE A GARRAFA, BEBEU UM GRANDE GOLE DE UÍSQE E DE PASSOU-A A CHRISTIAN, QUE SE LIMITOU A FITÁ-LA. QUERIA BEBER UM POUCO, MAS NÃO SE ATREVIA. ERIK INSTOU-O A EXPERIMENTAR E CHRISTIAN PERCEBEU QUE TERIA DE FAZER O QUE ERIK DIZIA SE QUERIA FAZER PARTE DO GRUPO. SENTOU-SE COM A GARRAFA NA MÃO E DE LEVOU-A AOS LÁBIOS. QUASE SE ENGASGOU QUANDO ENGOLIU DEMAIS.

— ENTÃO, QUE TAL FOI, MEU RAPAZ? — COM UMA GARGALHADA, ERIK BATEU-LHE NAS COSTAS.

— BOM — RESPONDEU CHRISTIAN, DANDO OUTRA GOLADA.

A GARRAFA PASSOU DE MÃO EM MÃO ALGUMAS VEZES E CHRISTIAN COMEÇOU A SENTIR UM CALOR AGRADÁVEL A ESPALHAR-SE PELO CORPO. A ANSIEDADE DESAPARECEU. O UÍSQE AFASTAVA TUDO O QUE O TINHA MANTIDO ACORDADO DURANTE A NOITE NOS ÚLTIMOS TEMPOS. OS OLHOS. O CHEIRO A CARNE PODRE. CHRISTIAN DEU MAIS UMA GOLADA.

MAGNUS ESTAVA DEITADO DE COSTAS A OLHAR FIXAMENTE PARA AS ESTRELAS NO CÉU. KENNETH NÃO FALAVA MUITO. LIMITAVA-

SE A CONCORDAR COM TUDO O QUE ERIK DIZIA. MAS CHRISTIAN ESTAVA A GOSTAR DE ESTAR NA COMPANHIA DELES. AGORA ERA ALGUÉM. FAZIA PARTE DE UM GRUPO.

— CHRISTIAN? — DISSE UMA VOZ DA ENTRADA. VIROU-SE PARA OLHAR. O QUE ESTAVA ELA ALI A FAZER?

PORQUE É QUE TINHA DE APARECER E ESTRAGAR TUDO? A VELHA RAIVA DESPERTOU.

— DESAPARECE! — ROSNOU E DE VIU O ROSTO DELA A CONTORCER-SE DE DECEPÇÃO.

— CHRISTIAN? — REPETIU ALICE COM A VOZ EMBARGADA.

CHRISTIAN LEVANTOU-SE PARA A AFUGENTAR, MAS ERIK PÔS-LHE A MÃO NO BRAÇO.

— DEIXA-A FICAR — DISSE, AO QUE CHRISTIAN O OLHOU O COM SURPRESA. MAS OBEDECEU E VOLTOU A SENTAR-SE.

— VEM CÁ! — ERIK ACENOU A ALICE PARA QUE SE APROXIMASSE.

ALICE LANÇOU UM OLHAR INTERROGATIVO A CHRISTIAN, MAS O IRMÃO LIMITOU-SE A ENCOLHER OS OMBROS.

— SENTA — DISSE ERIK. — ESTAMOS FAZENDO UMA FESTA.

— FESTA — DISSE ALICE E O ROSTO ILUMINOU-SE.

— QUE SORTE TERES APARECIDO. PRECISÁVAMOS AQUI DE UMAS GAROTAS BONITAS — ERIK PÔS O BRAÇO EM TORNO DE ALICE E TOCOU-LHE NUMA MADEIRA DO SEU CABELO ESCURO. ALICE RIU-SE. GOSTAVA QUE DISSESSEM QUE ERA BONITA.

— TOMA. SE QUERES ESTAR NA NOSSA FESTA, TENS DE BEBER — ERIK TIROU A GARRAFA DAS MÃOS DE

KENNETH, QUE ESTAVA PRESTES A BEBER UM GOLE, E ENTREGOU-A A ALICE.

MAIS UMA VEZ, A GAROTA OLHOU PARA CHRISTIAN, MAS O IRMÃO NÃO QUERIA SABER O QUE ELA FAZIA OU DEIXAVA DE FAZER. SE IA CONTINUAR A SEGUI-LO, TERIA DE ENTRAR NO JOGO.

ALICE COMEÇOU A TOSSIR E ERIK ACARICIOU-LHE AS COSTAS.

— PRONTO, PRONTO, JÁ PASSOU. NÃO TE PREOCUPES, VAIS HABITUAR-TE. SÓ TENS DE TENTAR OUTRA VEZ — HESITANTE, ALICE ERGUEU A GARRAFA E DEU OUTRA GOLADA. DESSA VEZ CORREU MELHOR.

— ÓTIMO. ÉS MESMO COMO EU GOSTO. UMA GAROTA BONITA QUE SABE BEBER UÍSQUE — DISSE ERIK COM UM SORRISO QUE FEZ O ESTÔMAGO DE CHRISTIAN COMEÇAR A REVOLVER-SE. TEVE VONTADE

DE PEGAR EM ALICE PELA MÃO E LEVÁ-LA PARA CASA. MAS, ENTÃO, KENNETH SENTOU-SE AO LADO DELE,

PÔS-LHE UM BRAÇO EM TORNO DO OMBRO E MURMUROU:

— PORRA, CHRISTIAN, JÁ VISTE... CÁ ESTAMOS NÓS CONTIGO E COM A TUA IRMÃ. APOSTO QUE NUNCA PENSASTE QUE ISTO ACONTECERIA, NÃO? MAS NÓS SABÍAMOS QUE HAVIA UM TIPO PORREIRO DEBAIXO DESSA GORDURA TODA. — KENNETH APONTOU-LHE PARA A BARRIGA E CHRISTIAN NÃO SABIA SE DEVIA TOMAR AQUELE COMENTÁRIO COMO UM ELOGIO OU NÃO.

— É REALMENTE BONITA, A TUA IRMÃ — DISSE ERIK, CHEGANDO-SE AINDA MAIS A ALICE. AJUDOU-A A ERGUER NOVAMENTE A GARRAFA E FÊ-LA BEBER MAIS UM TRAGO DE UÍSQE. OS OLHOS DE ALICE BRILHAVAM E A GAROTA TINHA UM SORRISO RASGADO NO ROSTO.

DE REPENTE, CHRISTIAN SENTIU QUE TUDO COMEÇAVA A RODOPIAR. BADHOLMEN RODOPIAVA. DAVA VOLTAS E MAIS VOLTAS, COMO A TERRA. CHRISTIAN DEU UMA RISADINHA E DEITOU-SE DE COSTAS AO LADO DE MAGNUS, OLHANDO PARA AS ESTRELAS QUE PARECIAM ESTAR A GIRAR NO CÉU.

UM SOM PROCEDENTE DE ALICE FÊ-LO SENTAR-SE. ESTAVA A TER DIFICULDADE EM CONCENTRAR-SE, MAS CONSEGUIA VER ERIK E ALICE. E PENSOU QUE ERIK ESTAVA COM A MÃO DENTRO DA CAMISA DE ALICE. MAS NÃO TINHA A CERTEZA, COM TUDO A GIRAR À SUA VOLTA. DEITOU-SE NOVAMENTE.

— CHIU... — A VOZ DE ERIK E NOVAMENTE O GEMIDO DE ALICE. CHRISTIAN PÔS-SE DE LADO E APOIOU A CABEÇA NO BRAÇO ESTENDIDO. OLHOU PARA ERIK E A IRMÃ. JÁ NÃO TINHA A CAMISETA. ALICE TINHA SEIOS PEQUENOS, PERFEITOS. FOI O PRIMEIRO PENSAMENTO QUE LHE OCORREU. QUE A IRMÃ TINHA SEIOS PERFEITOS. NUNCA OS TINHA VISTO.

— NÃO TE PREOCUPES. SÓ QUERO APALPÁ-LOS UM POUCO... — ERIK AMASSOU OS SEIOS DE ALICE COM AS MÃOS, AO MESMO TEMPO QUE COMEÇAVA A RESPIRAR MAIS DEPRESSA. KENNETH OLHAVA PARA O TRONCO NU DE ALICE.

— ANDA, SENTA — DISSE ERIK, ACENANDO COM A CABEÇA A KENNETH.

CHRISTIAN VIU QUE ALICE ESTAVA COM MEDO, QUE ESTAVA A TENTAR TAPAR OS SEIOS COM OS BRAÇOS. MAS TINHA A CABEÇA TÃO PESADA QUE NÃO CONSEGUIA ERGUÊ-LA. KENNETH SENTOU-SE AO

LADO DA GAROTA. LEVANTOU A MÃO E COMEÇOU A TOCAR O SEIO ESQUERDO. A PRINCÍPIO APERTOU-O COM CUIDADO, MAS DE COM MAIS FORÇA E CHRISTIAN SENTIU UMA PROTUBERÂNCIA A CRESCER-LHE NOS BOXERS.

— SERÁ QUE O RESTO TAMBÉM É ASSIM TÃO BOM? — MURMUROU ERIK. — QUE DIZES, ALICE? A TUA RATA É TÃO BOA COMO AS TUAS MAMAS?

ALICE TINHA OS OLHOS MUITO ABERTOS E ASSUSTADOS. MAS NÃO PARECIA SABER COMO DEFENDER-SE.

SEM RESISTIR, PERMITIU QUE ERIK LHE TIRASSE AS CALCINHAS. O RAPAZ DEIXOU-A CONTINUAR COM A SAIA, MAS LEVANTOU-A PARA MOSTRAR A KENNETH.

— QUE ACHAS? DUVIDO QUE JÁ TENHA ANDADO ALGUÉM POR AQUI — ERIK AFASTOU-LHE OS JOELHOS E ALICE DEIXOU-O, ENTORPECIDA E INCAPAZ DE PROTESTAR.

— ANDA COM ISSO, PORRA. ACORDA, MAGNUS! ESTÁS PERDENDO UMAS COISAS.

MAGNUS LIMITOU-SE A RESMUNGAR. O DÉBIL RESMUNGO DE UM BÊBADO.

CHRISTIAN COMEÇOU A SENTIR UM NÓ NO ESTÔMAGO. AQUILO NÃO ESTAVA CERTO. VIA ALICE OLHANDO FIXAMENTE PARA ELE, IMPLORANDO-LHE EM SILÊNCIO QUE A AJUDASSE. MAS A EXPRESSÃO PARECIA EXATAMENTE A MESMA COM QUE OLHARA PARA ELE DEBAIXO DA ÁGUA E CHRISTIAN NÃO CONSEGUIA SE MEXER, NÃO CONSEGUIA AJUDÁ-LA. LIMITOU-SE A FICAR PARA ALI DEITADO DE LADO, A VER O MUNDO A CONTINUAR A GIRAR.

— EU VOU PRIMEIRO — DISSE ERIK SE DESABOTOANDO. — SEGURA SE ELA COMEÇAR A RESISTIR.

KENNETH ASSENTIU. TINHA O ROSTO PÁLIDO, MAS NÃO CONSEGUIA TIRAR OS OLHOS DOS SEIOS BRANCOS DE ALICE A RELUZIR AO LUAR. ERIK FORÇOU-A A DEITAR-SE DE COSTAS, OBRIGOU-A A FICAR QUIETA E A OLHAR PARA O CÉU. DE INÍCIO, CHRISTIAN SENTIU-SE ALIVIADO POR OS OLHOS DELA TEREM DESAPARECIDO. ESTAVAM A OLHAR PARA AS ESTRELAS EM VEZ DE OLHAREM PARA ELE. MAS, DE, O NÓ QUE TINHA NO ESTÔMAGO CRESCER E, COM ESFORÇO, CHRISTIAN SE SENTOU. AS VOZES GRITAVAM-LHE E SABIA QUE DEVIA FAZER ALGUMA COISA, MAS NÃO SABIA O QUÊ. ALICE NÃO DIZIA UMA PALAVRA QUE FOSSE. ESTAVA SIMPLEMENTE ALI E DEIXAVA ERIK SEPARAR-LHE AS PERNAS, DEIXAVA-O DEITAR-SE EM CIMA DELA,

PENETRÁ-LA.

CHRISTIAN COMEÇOU A SOLUÇAR. PORQUE É QUE ELA TINHA DE ESTRAGAR TUDO? DE TIRAR O QUE LHE PERTENCIA, DE SEGUI-LO PARA TODO O LADO, DE ADORÁ-LO? NUNCA LHE PEDIU QUE O ADORASSE. ODIAVA-A. E AGORA ELA ESTAVA PARA ALI DEITADA.

DE REPENTE, ERIK PAROU DE MOVER-SE E SOLTOU UM GEMIDO. SAIU DE DENTRO DELA E ABOTOOU OS CALÇÕES. ACENDEU UM CIGARRO, PONDO A MÃO EM CONCHA EM TORNO DO FÓSFORO, E DE OLHOU PARA KENNETH.

— É A TUA VEZ.

— MAS... EU? — BALBUÇIOU KENNETH.

— SIM, AGORA É A TUA VEZ — DISSE ERIK NUM TOM DE VOZ QUE EXIGIA OBEDIÊNCIA.

KENNETH HESITOU. ENTÃO, OLHOU NOVAMENTE PARA OS SEIOS DE ALICE, AQUELES SEIOS FIRMES COM MAMILOS ROSADOS QUE TINHAM FICADO DUROS COM A BRISA ESTIVAL. LENTAMENTE, COMEÇOU A DESABOTOAR O SHORT E COMEÇOU A MOVER-SE MAIS DEPRESSA ATÉ QUE PRATICAMENTE SE JOGOU EM CIMA DE ALICE E COMEÇOU A PENETRÁ-LA. NÃO DEMOROU MUITO PARA QUE TAMBÉM ELE GEMESSE, O CORPO ONDULANDO COM ESPASMOS.

— IMPRESSIONANTE! — DISSE ERIK, FUMANDO SEU CIGARRO. — AGORA É A VEZ DE MAGNUS — O LÍDER DO GRUPO APONTOU PARA MAGNUS, QUE TINHA DORMIDO. A SALIVA ESCORRIA DO CANTO DA BOCA.

— MAGNUS? NUNCA VAI PODER. ESTÁ PASSADO. — KENNETH DEU UMA GARGALHADA. JÁ NÃO ESTAVA A OLHAR PARA ALICE.

— ENTÃO VAMOS TER DE AJUDÁ-LO — DISSE ERIK, ERGUENDO MAGNUS. — VÁ, AJUDA-ME — DISSE A KENNETH, QUE SE APRESSOU A POSICIONAR-SE DO OUTRO LADO. JUNTOS, ARRASTARAM MAGNUS PARA CIMA DE ALICE E ERIK COMEÇOU A DESABOTOAR-LHE AS CALÇAS.

— PUXA-LHE AS CUECAS PARA BAIXO — ORDENOU A KENNETH, QUE FEZ O QUE LHE FOI DITO COM UMA EXPRESSÃO DE DESAGRADO.

MAGNUS NÃO ESTAVA PRONTO PARA FAZER NADA DE NADA E ERIK IRRITOU-SE. DEU ALGUNS PONTAPÉS

A MAGNUS QUE O DESPERTARAM UM POUCO.

— VAMOS PÔ-LO EM CIMA DELA. ELE TAMBÉM TEM DE FODÊ-LA.

AGORA, AS VOZES TINHAM-SE PRATICAMENTE SILENCIADO, ECOANDO-LHE NO CÉREBRO. CHRISTIAN SENTIA-SE COMO SE

ESTIVESSE A VER UM FILME. ERA COMO SE NADA DAQUILO ESTIVESSE REALMENTE A ACONTECER, COMO SE NÃO ESTIVESSE PARTICIPANDO DAQUILO. VIU COMO DEIXARAM MAGNUS CAIR EM CIMA DE ALICE, COMO O GAROTO FICOU SUFICIENTEMENTE DESPERTO PARA COMEÇAR A EMITIR SONS ANIMALESÇOS REPUGNANTES. NÃO CHEGOU A IR TÃO LONGE COMO OS OUTROS E DORMIU NO MEIO, O CORPO PESADO TOMBANDO SOBRE ALICE.

MAS ERIK ESTAVA SATISFEITO. ARRASTOU MAGNUS DE CIMA DELA, PORQUE ESTAVA OUTRA VEZ PRONTO. A VISÃO DE ALICE ALI DEITADA À SUA FRENTE, TÃO BONITA E AUSENTE, PARECIA EXCITÁ-LO. ERIK PENETROU-A CADA VEZ COM MAIS FORÇA. TINHA AGARRADO O LONGO CABELO DE ALICE, QUE ENROLARA EM TORNO DA MÃO, E PUXAVA-O COM TANTA FORÇA QUE IA ARRANCANDO GRANDES TUFOS.

ENTÃO, ALICE COMEÇOU A GRITAR. UM SOM SÚBITO E INESPERADO QUE CORTOU A NOITE. E ERIK PAROU ABRUPTAMENTE. OLHOU PARA ELA. COMEÇOU A ENTRAR EM PÂNICO. TINHA DE FAZÊ-LA PARAR DE GRITAR.

CHRISTIAN OUVIU OS GRITOS A ABRIR CAMINHO POR ENTRE O SEU SILÊNCIO. PÔS AS MÃOS NOS OUVIDOS, MAS ISSO NÃO AJUDOU. ERAM OS MESMOS GRITOS DE QUANDO ALICE AINDA ERA BEBÊ, QUANDO LHE TINHA ARREBATADO TUDO. VIU ERIK MONTADO NELA, VIU-O A LEVANTAR A MÃO E BATER NELA, TAMBÉM ELE TENTAVA FAZER COM QUE OS GRITOS PARASSEM. A CABEÇA DE ALICE BATIA NO CHÃO DE MADEIRA A CADA GOLPE, ERGUENDO-SE UM POUCO SEMPRE QUE ISSO ACONTECIA. E ENTÃO VEIO O SOM DE ALGO SE QUEBRANDO QUANDO O PUNHO DE ERIK LHE ATINGIU OS OSSOS DO ROSTO. VIU KENNETH, MUITO PÁLIDO, OLHANDO EMBASBACADO PARA ERIK. E MAGNUS, QUE TINHA DESPERTADO COM A GRITARIA. SENTOU-SE, SONADO, OLHANDO PARA ERIK, PARA ALICE E PARA AS PRÓPRIAS CALÇAS DESABOTADAS.

OS GRITOS PARARAM. TUDO FICOU COMPLETAMENTE EM SILÊNCIO. E CHRISTIAN FUGIU. LEVANTOU-SE E CORREU — PARA LONGE DE ALICE, PARA LONGE DE BADHOLMEN. CORREU PARA CASA, PASSOU PELA PORTA DA FRENTE E SUBIU CORRENDO AS ESCADAS PARA O QUARTO. DEITOU-SE E PUXOU AS COBERTAS SOBRE A CABEÇA, SOBRE AS VOZES.

LENTAMENTE, O MUNDO PAROU DE GIRAR.



— NÓS A DEIXAMOS LÁ — Kenneth não era capaz de olhar para Erica.
— Deixamos ali, pura e simplesmente.

— E depois, o que aconteceu? — perguntou Erica. Continuava a não falar em tom reprovador, o que fez com que Kenneth se sentisse ainda pior.

— Eu estava apavorado. De manhã, quando acordei, pensei que tudo aquilo não passava de um pesadelo, mas quando me apercebi de que tinha realmente acontecido, que a tínhamos mesmo... — a voz de Kenneth quebrou. — Passei o dia inteiro à espera que a polícia batesse à porta.

— Mas isso não aconteceu?

— Não. Uns dias mais tarde soubemos que os Lissander tinham se mudado.

— Então e vocês três? Falaram do que tinha acontecido?

— Não, nunca. Não é que tenhamos combinado não falar daquilo, mas nunca falamos. Até àquela festa de verão em que Magnus bebeu de mais e mencionou o assunto.

— Foi a primeira vez? — perguntou Erica, incrédula.

— Sim, foi a primeira vez. Mas eu sabia que Magnus sofria por causa daquilo. Era ele quem tinha mais problemas de consciência por causa do que tínhamos feito. Eu, de alguma forma, consegui suprimi-lo. Concentrei-me em Lisbet e na minha vida. Optei por esquecer. E Erik... bem, Erik nem sequer precisava de esquecer. Acho que aquilo não o incomodava minimamente.

— Apesar disso mantiveram a amizade estes anos todos.

— Sim e na verdade não sei porquê. Mas nós... merecíamos isto — Kenneth sacudiu os braços enfaixados. — Eu mereço ainda pior, mas Lisbet não. Ela era completamente inocente. O pior é que deve ter sabido do que aconteceu. Acho que foi a última coisa que ouviu antes de morrer. Eu não era a pessoa que ela achava que fosse. A nossa vida em comum foi uma farsa — Kenneth estava a tentar conter as lágrimas.

— O que os três fizeram foi horrível — disse Erica. — Não há outra maneira de descrever. Mas sua vida com Lisbet não foi uma farsa e eu acho que ela sabia disso. Independentemente do que lhe foi dito.

— Vou tentar explicar isso a ela — afirmou Kenneth. — Sei que o próximo sou eu. Ela também vai aparecer aqui para se vingar de mim, e então poderei explicar. Tenho que acreditar que isso é possível, senão... — Kenneth virou o rosto.

— Que quer dizer com isso? Quem é que vem se vingar?

— Alice, claro — será que Erica não tinha ouvido nada do que tinha dito? — Alice é a responsável por tudo o que tem acontecido.

De início, Erica não respondeu. Limitou-se a olhar piedosamente para Kenneth.

— Não é Alice — disse então. — Não é Alice.

Patrik fechou o livro. Não tinha compreendido tudo — era demasiado profundo para o seu gosto e, às vezes, a linguagem utilizada era um bocado complicada — mas tinha conseguido seguir o fio principal da narrativa. E percebeu que devia ter lido o livro antes, porque certas coisas estavam agora a tornar-se claras.

Lembrou-se de uma coisa. Veio-lhe à memória uma imagem fugaz do quarto de Cia e de Magnus. Era algo em que reparara mas que na altura não julgara ser importante. Na verdade, não havia motivo para aquilo lhe ter chamado a atenção; porém, não pôde deixar de censurar-se.

Teclou um número no celular.

— Olá, Ludvig. Tua mãe está em casa? — Patrik ficou em linha, ouvindo os passos de Ludvig e o leve murmúrio de vozes. Depois ouviu a voz de Cia ao telefone.

— Olá, sou eu, Patrik Hedström. Desculpe incomodá-la, mas estava a pensar numa coisa. O que fez Magnus na noite antes de desaparecer? Não, só à noite, depois de se terem ido deitar. A sério? A noite toda? Certo, obrigado.

Patrik terminou a conversa. Aquilo batia certo. Tudo se encaixava. Mas sabia que não iria longe apenas com uma teoria. Precisava de uma prova concreta. E não queria contar a ideia aos colegas enquanto não tivesse essa prova, porque de outra maneira talvez não acreditassem nele. Mas havia uma pessoa com quem podia falar, uma pessoa que deveria ser capaz de ajudar. Pegou novamente no telefone.

— Querida, sei que não atendes porque achas que estou zangado contigo ou que vou tentar convencer-te a não continuares a fazer o que estás a fazer. Mas acabei de ler A Sereia e acho que andamos a seguir a mesma pista. Preciso da tua ajuda, por isso liga-me o mais depressa que puderes. Beijos e abraços. Amo-te.

— Os documentos de Gotemburgo chegaram — disse uma voz vinda da entrada, fazendo Patrik dar um salto.

— Oh, assustei-te? — perguntou Annika. — Eu bati, mas acho que não me ouviste.

— Não, estava a pensar noutra coisa — disse Patrik, forçando-se a concentrar-se no que a secretária lhe estava a dizer.

— Acho que devias ir fazer um check-up à clínica — disse Annika. — Não estás com boa cara.

— Estou um bocado cansado — murmurou Patrik. — Mas ainda bem que já chegaram os documentos. Ótimas notícias. Tenho de dar um salto a casa, por isso levo-os comigo.

— Estão na minha secretária, na recepção — disse Annika, continuando a olhar para Patrik com ar preocupado.

Dez minutos mais tarde, Patrik saiu para o corredor com os documentos que Annika lhe dera.

— Patrik! — ouviu Gösta a chamar por detrás dele.

— Sim? — respondeu, parecendo mais irritado do que pretendia. Mas estava com pressa para ir para casa.

— Acabo de falar com a mulher de Erik Lind. Louise.

— E? — perguntou Patrik, ainda sem qualquer demonstração de entusiasmo.

— Disse que Erik está prestes a sair do país. Limpou todas as contas bancárias, tanto as pessoais como as da empresa. Fez uma reserva num voo que sai do aeroporto de Landvetter às cinco.

— A sério? — disse Patrik, subitamente interessado.

— Sim, eu verifiquei. O que queres que façamos?

— Vai chamar Martin e vão imediatamente para Gotemburgo. Vou fazer uma chamada para tomar as providências necessárias e pedir aos nossos colegas para irem ter convosco ao aeroporto.

— Vai ser um enorme prazer.

Patrik não pôde deixar de sorrir enquanto se dirigia para o carro. Gösta tinha razão. Seria um prazer deitar por terra os planos de Erik. Então, Patrik pensou no livro que acabara de ler e o sorriso desapareceu. Esperava que Erica estivesse em casa quando chegasse. Precisava da ajuda dela para pôr fim àquele caso.

Patrik tinha chegado à mesma conclusão. Erica percebeu-o assim que ouviu a mensagem no gravador de chamadas. Mas o marido não estava a par de tudo. Não tinha ouvido a história que Kenneth lhe contara.

Tinha sido forçada a fazer um desvio para Hamburgsund, para resolver uma coisa. Mas quando estava de volta à autoestrada, pisou no acelerador. Na verdade não havia nenhum motivo para se apressar, mas estava a sentir-se impaciente. Estava na hora de todos os segredos serem revelados.

Quando virou para o acesso para carros, viu o carro de Patrik estacionado à frente de casa. Tinha-lhe telefonado a dizer que estava a caminho e para perguntar se devia ir ter com ele à delegacia. Mas, por essa altura, Patrik já estava em casa, à espera dela. E à espera da sua peça do puzzle.

— Olá, meu amor — Erica foi até a cozinha e deu um beijo ao marido.

— Eu li o livro — disse Patrik. Erica assentiu.

— Devia ter percebido mais cedo. Mas eu li um manuscrito inacabado. E aos poucos... não o li todo de uma vez. Mesmo assim, ainda não sei como é que deixei escapar aquilo.

— E eu devia ter lido o livro antes — disse Patrik. — Magnus leu-o na noite

anterior ao seu desaparecimento. Que também foi provavelmente a noite antes de morrer. Christian tinha-lhe dado o manuscrito. Falei com Cia há pouco e ela disse-me que Magnus começou a lê-lo ao fim da tarde. Ficou surpreendida por o marido ter passado a noite inteira acordado para o acabar. De manhã, Cia perguntou-lhe o que tinha achado, para saber se valia a pena lê-lo. Mas Magnus disse-lhe que não queria falar sobre isso até ter conversado com Christian. O pior é que, se formos consultar as nossas notas, tenho a certeza de que vamos descobrir que Cia mencionou o facto. Nós pura e simplesmente achamos que não era importante e nunca mais voltamos a pensar nisso.

— Magnus deve ter percebido tudo depois de ter lido o manuscrito — disse calmamente Erica. — Deve ter percebido quem era Christian.

— E Christian deve ter pretendido que Magnus descobrisse. Caso contrário, nunca lhe teria dado o manuscrito.

— Mas porquê Magnus? Porque não Kenneth ou Erik?

— Acho que Christian foi atraído de volta para Fjällbacka e sentiu necessidade de reencontrar os três — disse Erica, refletindo no que o psiquiatra Thorvald lhe tinha dito. — Pode parecer estranho e, provavelmente... Christian também não conseguia explicar. Depois, acho que começou realmente a gostar de Magnus. Por tudo o que ouvi dele, Magnus parece ter sido boa pessoa. Além disso, foi o único que participou contra a vontade.

— Como sabes? — perguntou Patrik com um sobressalto. — No romance, Christian apenas diz que estiveram envolvidos três rapazes, mas não dá muitos detalhes.

— Tive uma conversa com Kenneth — explicou calmamente Erica. — Contou tudo o que aconteceu naquela noite — depois, Erica contou a história de Kenneth e o rosto de Patrik foi ficando cada vez mais pálido.

— Diabos! E conseguiram escapar impunes. Por que será que os Lissander nunca denunciaram o estupro? Por que se limitaram a ir embora de Fjällbacka e a internar Alice?

— Não sei. Mas tenho certeza de que os pais adotivos de Christian podem responder a essas perguntas.

— Portanto, Erik, Kenneth e Magnus estupraram Alice enquanto Christian assistia. Por que não tentou impedi-los? Por que não a ajudou? Foi por isso que recebeu as cartas ameaçadoras, mesmo que não tendo participado do crime? — Algumas cores voltaram ao rosto de Patrik, que respirou fundo antes de prosseguir: — Alice é a única pessoa que tem algum motivo para querer vingança, mas não pode ter sido ela a responsável pelo que tem acontecido. Também não sabemos quem é o culpado — Patrik empurrou uma pilha de papéis na direção de Erica. — Aqui está toda a documentação relativa à investigação do assassinato de Maria e

Emil. Foram afogados na banheira. Alguém pôs a cabeça de um menino de um ano debaixo da água até ele parar de respirar e depois fez a mesma coisa com a mãe. Um vizinho viu uma mulher com cabelo escuro comprido saindo do apartamento... é a única pista que a polícia tem. Mas, como eu disse, não pode ter sido Alice e também não parece que tenha sido Irêne, apesar de também ter motivo. Então, quem diabos era aquela mulher? — completamente frustrado, Patrik bateu com o punho na mesa.

Erica esperou que o marido se acalmasse. E depois disse baixinho:

— Acho que sei. E acho que posso provar.

Erik escovou cuidadosamente os dentes, vestiu o fato e fez meticulosamente o nó da gravata. Depois penteou-se e, como toque final, despenteou um pouco o cabelo com os dedos. Viu-se ao espelho com satisfação. Era um homem bonito e bem-sucedido que controlava a sua vida.

Pegou a mala com uma mão e no trolley com a outra. O bilhete de avião tinha-lhe sido deixado na recepção e repousava agora em segurança no bolso do casaco, juntamente com o passaporte. Deu uma última olhadela ao espelho e depois saiu do quarto do hotel. Teria tempo para beber uma cerveja no aeroporto antes de embarcar no avião. Podia ficar lá sentado em paz e sossego a observar aqueles suecos todos a andar de um lado para o outro, sabendo que em breve já não teria de lidar com eles. Nunca tinha apreciado particularmente o temperamento sueco. Estavam sempre a pensar no coletivo, sempre com aquela conversa de tudo ter de ser justo. A vida não era justa. Algumas pessoas tinham mais capacidade do que outras. E, noutro país, teria muitas oportunidades de explorar essa capacidade.

Em breve estaria a caminho. Afastou o medo que tinha dela, enterrando-o bem fundo no subconsciente. Em breve deixaria de ter importância. Ela nunca seria capaz de encontrá-lo.

— Como é que vamos entrar? — perguntou Patrik à porta da cabana de pesca. Erica não quisera dizer mais nada sobre o que sabia ou suspeitava. Apenas insistira para que fosse com ela.

— Fui a casa da irmã de Sanna buscar as chaves — disse Erica, tirando um grande chaveiro da mala. Patrik sorriu. Erica era realmente uma mulher cheia de recursos.

— Do que é que estamos à procura? — perguntou Patrik, seguindo a mulher para dentro da pequena casa.

Erica não respondeu diretamente à pergunta, mas disse:

— Não me lembro de mais nenhum sítio onde Christian pudesse estar completamente à vontade.

— Esta cabana não é de Sanna? — perguntou Patrik, piscando os olhos para se habituar à luz mortíça.

— No papel, sim. Mas era para aqui que Christian vinha sempre para estar

sozinho e escrever. Acho que considerava esta cabana o seu refúgio particular.

— E então? — perguntou Patrik, sentando-se no sofá estreito que estava encostado à parede. Estava tão cansado que mal se tinha nas pernas.

— Não sei — Erica olhou em volta, hesitante. — Pensei que...

— No que é que pensaste? — perguntou Patrik. A cabana de pesca não era grande esconderijo, independentemente do que estivessem a procurar. Resumia-se a duas divisões minúsculas e o teto era tão baixo que Patrik teve de curvar-se. Estava repleto de velhos utensílios de pesca e, mais perto da janela, havia uma mesa de abas rebatíveis muito gasta. Quem quer que se sentasse ali teria uma vista magnífica para o arquipélago de Fjällbacka. E para Badholmen.

— Espero que já não falte muito para descobrirmos — disse Patrik, enquanto olhava para a torre de mergulho, uma forma negra que se erguia contra o céu.

— Para descobrirmos o quê? — Erica deambulava pelo espaço exíguo.

— Se foi assassinato ou suicídio.

— Estás a falar de Christian? — perguntou Erica, mas não esperou pela resposta de Patrik. — Se ao menos conseguisse encontrar... caramba, pensei... então seríamos capazes de... — Erica murmurava incoerentemente e Patrik não pôde deixar de rir-se dela.

— Parece que estás mesmo confusa. Ao menos podias dizer-me o que estamos a procurar? Assim talvez eu pudesse ajudar.

— Acho que Magnus foi assassinado aqui. E esperava poder encontrar alguma coisa... — Erica examinou as paredes de madeira ásperas pintadas de azul.

— Aqui? — Patrik levantou-se e começou igualmente a estudar as paredes. Depois olhou para o chão e, passado um momento, disse: — O tapete.

— Como assim? Está perfeitamente limpo.

— Exatamente. Está demasiado limpo. Até parece novo. Olha, ajuda-me a levantá-lo — Patrik agarrou uma das extremidades do tapete pesado. Com um esforço, Erica pegou na outra extremidade.

— Oh, desculpa, querida, deve ser demasiado pesado para ti. Não podes fazer esforços — disse com preocupação quando olhou para a enorme barriga de Erica e a ouviu a arfar.

— Está tudo bem — disse. — Vamos lá fazer isto em vez de estarmos para aqui na conversa. Afastaram o tapete e olharam para as tábuas de madeira por baixo. Estavam muito limpas.

— Talvez na outra divisão? — sugeriu Erica. Porém, quando olharam lá para dentro viram um soalho igualmente limpo e sem qualquer tapete por cima.

— Será que...

— O quê? — perguntou Erica, mas Patrik não respondeu. Em vez disso, ajoelhou-se no chão e começou a examinar as fendas entre as tábuas. Passado um

momento, levantou-se.

— Tenho de trazer aqui os técnicos forenses para ver se descobrem alguma coisa. Mas acho que tens razão. Isto foi meticulosamente limpo, mas parece que escorreu sangue por entre as tábuas.

— Se isso é verdade, as tábuas também iam absorver algum sangue, não era? — perguntou Erica.

— Sim, mas isso seria difícil de ver a olho nu, se alguém tivesse limpo o chão depois — Patrik olhou para as tábuas velhas, que estavam desbotadas pelo tempo em muitos sítios.

— Quer dizer que ele morreu aqui? — Erica tinha quase a certeza de que a sua teoria estava certa mas, mesmo assim, sentiu o coração a bater mais depressa.

— Sim, acho que sim. E isto fica perto da água, para onde o cadáver podia ser atirado. Então, agora vais dizer-me o que soubeste?

— Vamos dar mais uma vista de olhos por aqui primeiro — disse Erica, ignorando o olhar de frustração no rosto de Patrik. — Vai ver lá acima — disse, apontando para o sótão por cima deles. O único acesso fazia-se por uma escada de corda.

— Estás a gozar?

— És tu ou eu — disse Erica, pondo as mãos sobre a barriga enorme.

— Okay — concordou Patrik com um suspiro. — Acho que não deve ser assim tão difícil chegar lá acima. E suponho que ainda não vais dizer-me o que estamos a procurar, pois não?

— Não tenho a certeza — disse Erica com sinceridade. — Só tenho a sensação de que...

— Uma sensação? Tenho de subir uma escada de corda por causa de uma sensação?

— Vá, sobe lá.

Patrik subiu a escada e rastejou pelo sótão.

— Vês alguma coisa? — disse Erica, esticando o pescoço.

— Claro que vejo alguma coisa. Sobretudo cobertores velhos, trapos e alguns livros de banda desenhada. Parece um esconderijo de crianças.

— Mais nada? — perguntou Erica, sentindo-se desanimada.

— Não, não me parece.

Patrik começou a descer a escada de corda, mas depois parou a meio do caminho.

— Que é aquilo?

— O quê?

— Ali — Patrik estava a apontar para uma portinhola ao lado da abertura para o sótão.

— É onde as pessoas costumam guardar a tralha nas cabanas de pesca, mas vamos ver.

— Espera, tem calma. Eu faço isso — Patrik tentava equilibrar-se na escada enquanto, com uma mão, abanava o ferrolho para o abrir. Apercebeu-se de que era possível retirar toda a portinhola, por isso pegou nela por um dos lados, arrancou-a e passou-a a Erica. Depois virou-se para olhar lá para dentro.

— Que raio? — disse Patrik, surpreso.

De repente, os ganchos que prendiam a escada ao teto cederam e Patrik estatelou-se no chão.

Louise encheu um copo de vinho com água mineral e depois ergueu-o, fazendo um brinde. Não tardaria a estar tudo acabado para Erik. O polícia com quem tinha falado compreendera logo o que estava a acontecer. E disse-lhe que ia tomar medidas imediatamente. Também lhe agradeceu por ter telefonado.

— De nada — respondera Louise. — O prazer foi todo meu.

Que será que vão fazer com ele? — pensou. A ideia não tinha ocorrido a Louise até agora. Só tinha querido detê-lo, impedi-lo de fugir como um sacana cobarde com o rabo entre as pernas. Mas o que aconteceria se Erik fosse mandado para a prisão? Será que, apesar disso, conseguiria recuperar todo o dinheiro? Começou a sentir-se ansiosa, mas depois acalmou-se. Claro que recuperaria o dinheiro. E planeava desfrutar ao máximo cada öre²². Erik estaria para lá sentado, na sua cela, plenamente consciente de que ela estava a gastar todo o dinheiro dele — e dela. E não poderia fazer nada.

De repente, Louise decidiu-se. Queria ver a cara dele. Queria ver a sua expressão quando se apercebesse de que estava tudo acabado.

— Já vi muita coisa estes anos todos, mas nada... nada como isto — disse Torbjörn. Estava de pé na escada que tinham pedido emprestada na cabana de pesca ao lado.

— Realmente, isto supera tudo — concordou Patrik, esfregando as costas, que estavam doridas depois da queda. O peito também lhe doía um pouco.

— Seja como for, não há dúvida de que é sangue. E muito — Torbjörn apontou para o chão, que agora tinha um brilho estranho. O luminol revelava todos os vestígios de sangue por mais que a superfície tivesse sido esfregada. — Recolhem algumas amostras que o laboratório deve poder comparar com o sangue da vítima.

— Ótimo. Obrigado.

— Quer dizer que estas coisas pertencem a Christian Thydell? — perguntou Torbjörn. — O homem que apareceu enforcado na torre de mergulho? — O chefe da equipe de técnicos forenses enfiou-se no pequeno espaço e Patrik subiu cautelosamente a escada para se juntar a ele.

— Parece que sim.

— Mas por que ... — começou a dizer Torbjörn, mas depois parou. O caso não era dele. A sua tarefa era obter provas periciais e, com o tempo, teria todas as respostas. O técnico forense apontou.

— É esta a carta de que estava falando?

— Sim. É a prova de que a morte de Christian foi decididamente um suicídio.

— Sem dúvida — retorquiu Torbjörn, embora ainda não conseguisse acreditar em seus olhos. Todo o espaço estava preenchido com pertences femininos. Roupas, maquiagem, joalheria, sapatos. E uma cabeleira preta comprida.

— Vamos recolher isso tudo. Vai demorar algum tempo. Torbjörn recuou cuidadosamente até alcançar a borda do cubículo, apoiou os pés e começou a descer a escada. — Já tinha visto muita coisa, mas isso... — murmurou de novo.

— Vou voltar para a delegacia. Há uma série de coisas que tenho de rever antes de poder apresentar meu relatório a todos — disse Patrik. — Ligue-me mais tarde, depois de acabar o trabalho por aqui — Patrik virou-se para Paula, que observava atentamente o trabalho dos técnicos forenses.

— Vais ficar aqui?

— Podes crer — respondeu a colega.

Patrik saiu da cabana de pesca e inspirou profundamente o ar fresco do mar. O que Erica lhe contara depois de terem descoberto o esconderijo de Christian, somado à carta que tinham encontrado, fazia com que as peças do puzzle se encaixassem uma a uma. Era incompreensível, mas Patrik sabia que era verdade. Agora compreendia tudo. E, quando Gösta e Martin regressassem de Gotemburgo, conseguiria explicar toda aquela triste história aos colegas.

— Ainda faltam quase duas horas para o avião partir. Não era preciso termos vindo tão cedo — Martin olhou para o relógio quando se aproximaram do aeroporto de Landvetter.

— Não vamos ficar para aqui sentados à espera dele — disse Gösta quando virou para o parque de estacionamento em frente ao terminal internacional. — Vamos entrar e dar uma vista de olhos. E, se o encontrarmos, engavetamos o sacana.

— Não devíamos esperar pelos reforços de Gotemburgo? — perguntou Martin. Ficava sempre ansioso quando as coisas não eram feitas conforme as regras.

— Nós os dois conseguimos dar facilmente conta desse tipo — retorquiu Gösta.

— Okay — disse Martin com muitas dúvidas.

Saíram do carro e entraram no aeroporto.

— Então, como é que vamos fazer isto? — Martin olhou em torno do terminal.

— Que tal bebermos um café? Podemos inspecionar o local ao mesmo tempo.

— Mas não era melhor darmos uma volta por aí para ver se encontramos Erik?

— Que foi que eu acabei de dizer? — perguntou Gösta. — Podemos procurá-lo ao mesmo tempo. Se nos sentarmos ali — disse, apontando para uma cafetaria que havia no meio da sala de embarque —, teremos uma vista excelente para os dois lados. Erik terá de passar por nós quando chegar.

— Sim, tens razão — cedeu Martin. Sabia que era inútil discutir se Gösta tivesse metido na cabeça que queria beber um café. Cada um pediu um café e um bolo de amêndoa. Depois sentaram-se à mesa. Gösta sorriu quando deu a primeira dentada.

— Isto é alimento para a alma.

Martin não se deu ao trabalho de salientar que um bolo de amêndoa não era grande alimento. Mas não podia negar que era delicioso. Tinha acabado de enfiar o último bocado na boca quando avistou alguém pelo canto do olho.

— Olha, não é ele?

Gösta virou-se rapidamente.

— Sim, é mesmo ele. Anda, vamos prendê-lo — Gösta levantou-se com uma rapidez inusitada e Martin apressou-se a segui-lo. Erik estava a afastar-se com passo apressado, com um trolley numa mão e uma mala grande na outra. Estava impecavelmente vestido, de fato, gravata e camisa branca.

Gösta e Martin tiveram de dar uma corridinha para o alcançarem. Como Gösta tinha sido o primeiro a levantar-se da mesa, chegou primeiro ao pé de Erik, pondo-lhe a mão no ombro.

— Erik Lind? Vamos ter de pedir-lhe para vir connosco.

Erik virou-se com um olhar de surpresa no rosto. Por um segundo, pareceu considerar a hipótese de começar a correr, mas limitou-se a sacudir a mão de Gösta.

— Deve haver algum mal-entendido. Vou partir em viagem de negócios — disse Erik. — Não sei do que se trata, mas tenho que apanhar o avião agora mesmo. Estou a caminho de uma reunião importante — gotas de suor surgiram em sua testa.

— Receio que tenha de vir conosco. Logo terá oportunidade de apresentar suas explicações — disse Gösta, conduzindo Erik para a saída. Toda a gente tinha parado para observar a cena.

— Estou dizendo que tenho que pegar um avião!

— Compreendo — disse calmamente Gösta. Depois virou-se para Martin. — Importa-se de levar a bagagem deste senhor? — Martin assentiu, mas praguejou internamente. Nunca recebia a melhor parte.

— Então era Christian? — a boca de Anna abriu-se de surpresa.

— Sim e não — disse Erica. — Falei com Thorvald sobre isso e nunca saberemos ao certo. Mas tudo indica que foi isso que aconteceu.

— Christian tinha dupla personalidade? E as duas personalidades não estavam conscientes uma da outra? — Anna parecia cética. Tinha ido imediatamente ver a irmã quando Erica telefonou depois de voltar da cabana de pesca. Patrik teve que voltar para a delegacia e Erica não queria ficar sozinha. Anna era a única pessoa em quem queria contar tudo o que tinha descoberto.

— Thorvald suspeita que Christian era esquizofrênico. E também revelava aspetos do chamado transtorno dissociativo de identidade. Foi isso que causou a divisão da personalidade. Pode ter sido resultado de um grande estresse, uma forma de lidar com a realidade. E sem dúvida que havia acontecimentos terrivelmente traumáticos em seu passado. A começar pela morte da mãe e da semana que passou sozinho com o cadáver dela. E depois do que, na minha opinião, foi pura e simplesmente abuso de menores, para não chamar comportamento psicótico, por parte de Irêne Lissander. A forma como os pais adotivos de Christian decidiram ignorá-lo depois do nascimento de Alice devia ser para ele um segundo abandono. Por isso culpou o bebê... culpou Alice.

— E tentou afogá-la? — Anna pôs uma mão protetora na barriga.

— Sim. O pai de Alice a salvou, mas a menina sofreu danos cerebrais graves pela privação de oxigênio. O Sr. Lissander decidiu proteger Christian, nunca contando a Irêne o que aconteceu. Provavelmente pensou que fazia um bem ao rapaz, mas não tenho certeza de que tenha tomado a decisão certa. Imagine crescer consciente de ter feito uma coisa daquelas. O sentimento de culpa deve ter sido horrível... À medida que ia ficando mais velho, mais consciente ficava do que tinha feito. E, provavelmente, o sentimento de culpa era ainda maior porque Alice o adorava.

— Apesar do que ele fez.

— Alice nunca soube. Ninguém sabia, exceto Ragnar Lissander e Christian.

— E depois Alice foi estuprada.

— Sim. E depois Alice foi estuprada — disse Erica, sentindo um aperto na garganta. Enumerava tudo o que acontecera na vida de Christian como se fosse um problema matemático que tinha finalmente sido resolvido. Mas, na realidade, aquilo era uma tragédia.

O telefone tocou e Erica atendeu.

— Erica Falck. Sim? Não. Não, não tenho nenhum comentário a fazer. Não volte a me ligar — disse, atirando irritadamente o telefone para o descanso.

— Quem era? — perguntou Anna.

— Um jornalista. Queriam que eu dissesse alguma coisa sobre a morte de Christian. Os abutres andam novamente a pairar. E ainda nem sabem a história toda

— Erica suspirou. — Pobre Sanna.

— Mas quando Christian ficou doente? — Anna ainda parecia confusa e Erica compreendia sua reação. Fizera toneladas de perguntas quando falara com Thorvald e o psicólogo tentara pacientemente responder a todas elas.

— A mãe era esquizofrênica e a esquizofrenia é hereditária. Muitas vezes vem à superfície na adolescência, que deve ter sido quando Christian começou a notar que algo estava errado sem compreender completamente. Uma sensação de ansiedade, sonhos, vozes, visões... há muitos sintomas diferentes. Os Lissander nunca devem ter notado, porque Christian saiu de casa no fim da adolescência. Ou melhor, foi corrido.

— Corrido?

— Sim, era o que estava escrito na carta que Christian deixou na cabana de pesca. Os Lissander presumiram, sem sequer investigar, que Christian que estuprou Alice. E ele não se defendeu. Ao que parece, sentiu-se tão culpado por não ter protegido Alice que era como se tivesse sido ele. Mas isso sou apenas eu especulando — disse Erica.

— E então o expulsaram?

— Sim, e ainda não sei dizer em que medida isso pode ter influenciado na doença. Mas Patrik vai tentar localizar registros médicos. Se Christian recebeu algum tratamento quando chegou a Gotemburgo, deve haver um registro. É apenas uma questão de encontrar.

Erica fez uma pausa. Custava-lhe tanto compreender tudo o que Christian devia ter passado. E tudo o que tinha feito.

— Patrik acha que a polícia vai reabrir a investigação dos assassinatos da mulher com quem Christian morava e do filho dela — prosseguiu Erica. — Por todos estes novos desenvolvimentos.

— A polícia acha que Christian também os matou? Mas por quê?

— É altamente provável que nunca tenhamos certeza se foi ele — afirmou Erica. — Ou por quê. Se a outra parte de sua personalidade... a Sereia, ou Alice, ou o que quiseres chamar... estivesse furiosa com a parte que representava Christian, talvez não suportasse vê-lo feliz. Pelo menos essa é a teoria de Thorvald e ele pode ter razão. Talvez a felicidade de Christian tenha desencadeado algo. Mas, como eu disse, acho que nunca vamos saber a resposta.

NA VERDADE, NÃO TINHA NADA CONTRA A CRIANÇA NEM CONTRA A MULHER. NÃO QUERIA MESMO FAZER-LHES MAL ALGUM. NO ENTANTO, NÃO PODIA PERMITIR QUE CONTINUASSEM A VIVER. ELES FAZIAM ALGO QUE NUNCA NINGUÉM TINHA FEITO. FAZIAM CHRISTIAN FELIZ.

AGORA, CHRISTIAN RIA-SE COM MUITA FREQUÊNCIA. UM RISO GENUÍNO, DESPREOCUPADO, QUE PARECIA BORBULHAR QUANDO SAÍA DE DENTRO DELE. ELA ODIAVA AQUELE RISO. JÁ NÃO CONSEGUIA RIR-SE, ESTAVA VAZIA E FRIA POR DENTRO, MORTA. CHRISTIAN TAMBÉM TINHA ESTADO MORTO; PORÉM, GRAÇAS À MULHER E À CRIANÇA, ESTAVA AGORA VIVO.

ÀS VEZES OBSERVAVA-OS EM SEGREDO. A MULHER COM A CRIANÇA NOS BRAÇOS. DANÇAVAM E CHRISTIAN SORRIA QUANDO A CRIANÇA SE RIA. ESTAVA FELIZ, MAS NÃO O MERECEIA. TINHA-LHE TIRADO TUDO, TINHA-A MERGULHADO NA ÁGUA ATÉ OS PULMÕES PARECEREM PRESTES A REBENTAR, ATÉ O CÉREBRO DEIXAR DE RECEBER OXIGÊNIO, E ERA COMO SE ESTIVESSE A APAGAR-SE LENTAMENTE ENQUANTO A ÁGUA SUBIA E LHE COBRIA COMPLETAMENTE O ROSTO.

NO ENTANTO, APESAR DE TUDO, TINHA-O ADORADO. CHRISTIAN ERA TUDO PARA ELA. NÃO SE IMPORTAVA COM OS OUTROS, NÃO SE IMPORTAVA COM O MODO COMO OLHAVAM PARA ELE. PARA ELA, CHRISTIAN ERA A PESSOA MAIS SIMPÁTICA E BELA À FACE DA TERRA. O SEU HERÓI.

MAS CHRISTIAN TRAÍRA-A. PERMITIRA-LHES TOCAR-LHE, VIOLÁ-LA E BATER-LHE ATÉ LHE PARTIREM OS OSSOS DO ROSTO. TINHA PERMITIDO QUE ELA FICASSE PARA ALI, A OLHAR PARA O CÉU ESTRELADO COM AS PERNAS ABERTAS. E DE TINHA FUGIDO.

AGORA JÁ NÃO O ADORAVA E TAMBÉM NÃO PERMITIRIA QUE MAIS NINGUÉM O AMASSE. ASSIM COMO NÃO PERMITIRIA QUE CHRISTIAN AMASSE MAIS NINGUÉM. NÃO COMO AMAVA A MULHER DO VESTIDO AZUL E A CRIANÇA, QUE NEM SEQUER ERA DELE.

CHRISTIAN NÃO ESTAVA EM CASA. COMO ERA HABITUAL, A PORTA NÃO ESTAVA TRANCADA. A MULHER ERA DESCUIDADA. CHRISTIAN ESTAVA SEMPRE A RALHAR COM ELA POR CAUSA DISSO, A DIZER-LHE QUE DEVIA TRANCAR A PORTA, QUE NUNCA SE SABIA QUEM

PODERIA TENTAR ENTRAR.

CAUTELOSAMENTE, RODOU A MAÇANETA E ABRIU A PORTA. OUVIU A MULHER A CANTAROLAR NA COZINHA. E OUVIU O SOM DE SALPICOS VINDO DO BANHEIRO. A CRIANÇA ESTAVA SENTADA NA BANHEIRA, O QUE SIGNIFICAVA QUE A MULHER ENTRARIA NO BANHEIRO A QUALQUER MOMENTO. ERA CUIDADOSA A ESSE RESPEITO. NUNCA DEIXAVA A CRIANÇA SOZINHA NA BANHEIRA POR MUITO TEMPO.

DIRIGIU-SE AO BANHEIRO. O ROSTO DO MENINO ILUMINOU-SE COMO O SOL QUANDO A VIU.

— CHIU — DISSE, ARREGALANDO OS OLHOS COMO SE FOSSE UM JOGO. A CRIANÇA RIU-SE. QUANDO OUVIU PASSOS, APROXIMOU-SE DA BANHEIRA E OLHOU PARA A CRIANÇA NUA. O MENINO NÃO TINHA CULPA, MAS FAZIA CHRISTIAN FELIZ. E ISSO ERA ALGO QUE NÃO PODIA PERMITIR.

PEGOU A CRIANÇA PELOS BRAÇOS E ERGUEU-A UM POUCO PARA CONSEGUIR DEITÁ-LA DE COSTAS NA BANHEIRA. O MENINO AINDA ESTAVA RINDO FELIZ E SEGURO, CONVENCIDO DE QUE NADA DE MAL PODERIA ACONTECER NO MUNDO. QUANDO A ÁGUA SE FECHOU SOBRE O SEU ROSTO, A CRIANÇA PAROU DE RIR-SE E COMEÇOU A ESPERNEAR E A ABANAR OS BRAÇOS. MAS NÃO FOI DIFÍCIL MANTÊ-LA DEBAIXO DE ÁGUA. PÔS-LHE SIMPLEMENTE UMA MÃO SOBRE O PEITO E APERTOU LEVEMENTE. A CRIANÇA DEBATEU-SE CADA VEZ MAIS DESESPERADAMENTE, MAS DE OS MOVIMENTOS COMEÇARAM A PERDER O ÍMPETO, ATÉ QUE FICOU IMÓVEL.

NESSE MOMENTO OUVIU OS PASSOS DA MULHER. OLHOU PARA A CRIANÇA. PARECIA TÃO CALMA E TRANQUILA, ALI DEITADA. LEVANTOU-SE E ENCOSTOU-SE NA PAREDE, À DIREITA DA PORTA ABERTA. A MULHER ENTROU NO BANHEIRO. QUANDO VIU A CRIANÇA, PAROU ABRUPTAMENTE. DE GRITOU E PRECIPITOU-SE PARA A FRENTE.

FOI QUASE TÃO FÁCIL COMO TINHA SIDO COM A CRIANÇA. AVANÇOU SILENCIOSAMENTE E AGARROU O PESCOÇO DA MULHER, QUE ESTAVA INCLINADA SOBRE A BORDA DA BANHEIRA. SERVIU-SE DO PRÓPRIO PESO PARA MANTER A CABEÇA DA MULHER DEBAIXO DE ÁGUA. DEMOROU MENOS TEMPO DO QUE ESPERARA.

NÃO OLHOU PARA TRÁS QUANDO SAIU. UMA SENSAÇÃO DE SATISFAÇÃO ESPALHOU-SE POR SEU CORPO.

CHRISTIAN NÃO VOLTARIA A SER FELIZ.



PATRIK ESTAVA OLHANDO OS DESENHOS. E, de repente, compreendeu. A figura grande e a pequena — Christian e Alice. E, num dos desenhos, as figuras negras eram muito mais escuras do que nos demais.

Christian tinha arcado com as culpas. Patrik tinha acabado de falar com Ragnar, que confirmara isso mesmo. Quando Alice chegou a casa naquela noite, ele e a mulher presumiram que fora Christian que a tinha violado. Foram acordados por um grito e, quando se levantaram da cama para descobrir o que estava a acontecer, encontraram Alice deitada no chão do vestíbulo. Tinha apenas a saia vestida e o rosto estava ensanguentado e inchado. Quando correram para ela, Alice sussurrou uma única palavra:

— Christian.

Irêne subiu as escadas, precipitou-se para o quarto de Christian e empurrou-o para fora da cama com um safanão. Sentiu o cheiro a álcool e tirou imediatamente as suas próprias conclusões. Ragnar pensou o mesmo, embora tenha ficado com algumas dúvidas. Talvez tenha sido por isso que continuou a enviar os desenhos de Alice a Christian. Porque nunca teve a certeza absoluta do que realmente acontecera.

Gösta e Martin tinham conseguido prender Erik antes de ter embarcado no avião. Patrik tinha acabado de ser informado de que os colegas já tinham saído de Landvetter. Sempre era alguma coisa. Mais tarde teriam de ver o que era possível fazer em termos legais, uma vez que tinham passado tantos anos após a ocorrência. Pelo menos, Kenneth não ia continuar calado. Erica estava convencida disso. E, se nada mais pudesse ser feito, Erik tinha muito que explicar no que dizia respeito ao dinheiro que desviara. Provavelmente ia acabar atrás das grades, pelo menos durante algum tempo. Mas, tendo em conta tudo o que fizera, aquilo sabia a pouco.

— Os jornalistas já começaram a telefonar! — Mellberg entrou precipitadamente no gabinete de

Patrik, radiante como o Sol. — Vamos andar numa roda-viva. Excelente publicidade para a delegacia.

— Pois, suponho que sim — retorquiu Patrik, continuando a olhar para os desenhos.

— Fizemos um trabalho magnífico, Hedström! Tenho de admiti-lo. Demoramos um bocado a começar, mas depois entramos no ritmo; fizemos uma investigação policial à antiga e tudo correu sobre rodas.

— É verdade — disse Patrik. Nem sequer tinha energia para se sentir

incomodado com Mellberg. Massajou o peito. Ainda lhe doía. Devia ter batido com mais força do que pensava quando caiu da escada.

— Se calhar é melhor voltar para o meu gabinete — disse Mellberg. — Um jornalista do Aftonbladet acaba de telefonar e é apenas uma questão de tempo até ligar alguém do Expressen.

— Hum — disse Patrik, continuando a massajar o peito. Caramba, aquilo doía. Talvez a dor aliviasse se se mexesse um pouco. Levantou-se e foi até a cozinha. Era sempre a mesma coisa; sempre que queria tomar uma xícara de café, a cafeteira estava vazia.

Paula entrou.

— Acabou-se. Nem sei o que dizer. Estou sem palavras. Nunca teria suspeitado de uma coisa destas.

— Pois, acredito — disse Patrik. Apercebeu-se do tom pouco simpático com que falara, mas estava muito cansado. Não tinha vontade de falar do caso, não queria pensar em Alice nem em Christian, nem no menino que se manteve de vigília ao cadáver da mãe, que ia apodrecendo com o calor do verão.

Mantendo os olhos fixos na máquina de café, deitou várias colheres no filtro. Quantas eram? Duas ou três? Não conseguia lembrar-se. Tentou concentrar-se, mas a colherada seguinte não acertou no recipiente. Enfiou a colher no pacote de café moído para tirar mais um pouco, mas uma dor aguda no peito fê-lo arfar.

— Patrik? Que se passa, Patrik? — ouviu a voz de Paula, mas vinha de longe, de muito longe. Patrik ignorou-a, pois queria acabar de encher o filtro, mas a mão recusava-se a obedecer. Viu um clarão de luz diante dos olhos e, de repente, a dor no peito piorou mil vezes. Conseguiu pensar que algo não estava bem, que estava prestes a acontecer alguma coisa.

Depois ficou tudo escuro.

— Christian enviou as cartas ameaçadoras a si próprio? — perguntou Anna, mudando um pouco de posição. O bebê estava a pressionar-lhe a bexiga e precisava de ir urinar, mas não queria perder nenhum pormenor daquela história.

— Sim, e também as enviou aos outros — respondeu Erica. — Não sabemos se Magnus recebeu alguma. O mais provável é que não tenha recebido.

— Por que as cartas começaram a chegar quando Christian começou a trabalhar no livro?

— Mais uma vez, apenas podemos nos apoiar em teorias. Mas, de acordo com Thorvald, pode ter sido difícil para Christian continuar a tomar a medicação para a esquizofrenia ao mesmo tempo que estava a escrever o livro. Os medicamentos podem ter efeitos secundários significativos, como fadiga e letargia, e talvez isso lhe tenha dificultado a concentração no trabalho. O meu palpite é que Christian parou de tomar os medicamentos e foi nessa altura que a doença se

intensificou, depois de ter estado controlada durante tantos anos. E, então, o transtorno dissociativo de identidade também se manifestou. O objeto principal do ódio de Christian era ele próprio e presumo que não estava a conseguir lidar com o sentimento de culpa que o martirizava cada vez mais. Por isso, dividiu-se em dois: o Christian que tentava esquecer e viver uma vida normal, e a Sereia, ou Alice, que odiava Christian e queria que ele arcasse com as culpas.

Erica continuou pacientemente a tentar explicar. Não era fácil de entender. Na verdade, era mesmo uma tarefa impossível. Thorvald tivera o cuidado de enfatizar que a doença raramente assumia uma forma tão extrema. O caso não era de forma alguma comum. Mas Christian não tinha tido uma vida normal. Teve de suportar coisas que teriam quebrado até mesmo a pessoa mais forte.

— Também foi por isso que Christian se suicidou — disse Erica. — Na carta que deixou disse que era forçado a proteger os filhos dela. E a única maneira de fazer isso era dar-lhe o que ela queria. Ele próprio.

Mas foi Christian quem pintou as palavras na parede do quarto dos filhos. Christian era a ameaça à segurança deles.

— Sim, exatamente. Quando se apercebeu de que amava os filhos, Christian chegou à conclusão de que o único modo de protegê-los era matar a pessoa que queria fazer-lhes mal. Ou seja, ele próprio.

No seu mundo, a Sereia era real, não era uma invenção da sua imaginação. A Sereia existia verdadeiramente e queria matar a sua família. Tal como tinha matado Maria e o filho dela, Emil. Por isso, Christian salvou os filhos suicidando-se.

Anna limpou uma lágrima.

— Que tragédia horrível.

— É verdade — disse Erica. — É mesmo horrível. — O celular de Erica começou a tocar estridentemente. Pegou nele, irritada. — Se for mais algum desses malditos jornalistas, vou... Estou, é Erica Falck — o rosto de Erica iluminou-se. — Olá, Annika! — depois, a expressão mudou novamente e Erica arfou. — O quê? Para onde o levaram? A sério? Para Uddevalla?

Anna olhou para Erica com preocupação. A mão da irmã mais velha começou a tremer enquanto segurava o telefone.

— O que foi? — perguntou Anna quando Erica terminou a conversa. Erica engoliu em seco. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Patrik desmaiou na delegacia — sussurrou. Pensam que pode ter tido um ataque cardíaco. Está a ser levado de ambulância para Uddevalla.

Por um momento, Anna ficou tão chocada que não conseguiu mover-se. Depois recompôs-se rapidamente, levantou-se e dirigiu-se para a porta da frente. As chaves do carro estavam na mesa do vestíbulo e Anna foi buscá-las.

— Vamos para Uddevalla. Anda. Eu levo o carro.

Erica seguiu a irmã em silêncio. Parecia que o mundo inteiro estava prestes a desmoronar-se em seu redor.



Louise acelerou tanto que os pneus fizeram voar o cascalho no acesso para carros. Tinha que correr. O avião de Erik partiria daí a duas horas e queria estar lá quando a polícia o pegasse.

Dirigia depressa. Precisava, se queria chegar ao aeroporto a tempo. Mas, quando chegou ao posto de gasolina, percebeu que tinha esquecido a carteira em casa. E não tinha gasolina suficiente para todo o caminho até Gotemburgo. Praguejou alto e fez inversão de marcha no cruzamento. Perderia algum tempo indo em casa, mas não tinha escolha.

No entanto, controlar sua própria vida era uma sensação magnífica. Era nisso que pensava quando acelerava por Fjällbacka. Sentia-se uma pessoa nova. Todo o seu corpo estava agradavelmente relaxado, a sensação de poder a deixava bonita e forte. A vida era esplêndida e, pela primeira vez em muitos anos, o mundo era dela.

Erik ficaria surpreso. Provavelmente, nunca pensou que Louise pudesse descobrir o que estava tramando e muito menos que chamasse a polícia. Louise ria enquanto o carro acelerava no alto da Rua Galärbacken.

Agora estava livre. Ia libertar-se daquela dança humilhante dos dois. Livrar-se das mentiras e dos comentários degradantes, livrar-se dele. Louise acelerou fundo. O carro voou para a frente como uma lança em direção a sua nova vida. Louise tinha a velocidade, tinha tudo. Tinha sua vida.

Só o viu quando era tarde demais. Desviou os olhos da estrada por um segundo para contemplar o mar, maravilhando-se com a beleza do gelo. Um segundo apenas, mas foi o suficiente. De repente percebeu que se tinha desviado para a pista contrária e ainda teve tempo de ver duas mulheres sentadas no carro que vinha em sua direção, duas mulheres com as bocas muito abertas, gritando.

E então ouviu o som de metal contra metal ecoando na parede de rocha macia. Depois só restou o silêncio.

FIM

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu querido Martin. Porque me amas e estás sempre a encontrar novas maneiras de demonstrar.

Como de costume, há uma pessoa que tem sido inestimável na gênese de todos os meus livros: a minha maravilhosa editora, Karin Linge Nordh. Karin é exigente e calorosa ao mesmo tempo, uma combinação deliciosa. E Karin torna sempre os meus livros melhores! Nesta edição, também contamos com a ajuda de Mathilda Lund, cuja contribuição foi incrível. Estou-te incrivelmente grata. Assim como a todos os outros na Bokförlaget Forum — sabem a quem me refiro. Fizeram um trabalho incrível! Também quero mencionar a agência de publicidade Ester, que criou anúncios fantásticos, embora bastante assustadores. Estou particularmente grata pelo envolvimento da minha editora na produção do meu curto romance *Snöstorm och mandeldoft*, cujos lucros revertem para a organização MinStoraDag.

Como sempre, Bengt Nordin foi uma pessoa muito importante para mim, a nível pessoal e profissional. Agradeço igualmente aos novos talentos da renovada Nordin Agency: Joakim, Hanserik, Sofia e Anna. Aprecio o vosso entusiasmo e o trabalho que têm feito desde que substituíram Bengt, que agora pode desfrutar da sua merecida reforma. Só tu sabes, Bengt, quanto significas para mim. A todos os níveis.

Obrigada à minha mãe por ajudar a tomar conta das crianças, entre muitas outras coisas, e a Anders Torevi, pela rapidez com que leu o manuscrito e por me ajudar com os seus conhecimentos de Fjällbacka, como sempre faz. Também gostaria de agradecer aos cidadãos de Fjällbacka por acolherem os meus livros no seu coração e por me serem tão leais, oferecendo-me o apoio mais incrível. Fazem-me sempre sentir como uma «rapariga de Fjällbacka», apesar dos muitos anos que vivi em Estocolmo.

Também quero agradecer aos agentes da delegacia de Tanumshede — não menciono nomes, mas não me esqueço de nenhum. Fazem um trabalho magnífico e têm sido incrivelmente pacientes ao permitirem-me a mim — e à equipe de televisão — assentar arraiais na vossa delegacia. Jonas Lindgren, do Instituto de Patologia Forense de Gotemburgo: obrigada por estar disponível para corrigir os meus erros nesse campo.

Também quero mencionar os meus fantásticos amigos, que me têm apoiado pacientemente apesar dos longos períodos em que não comunico muito com eles. Obrigada à minha ex-sogra, Mona, a quem subornei para continuar a fornecer-me as

melhores almôndegas do mundo e que, em troca, pode ler o manuscrito logo que está concluído. Também quero enviar um agradecimento especial ao pai dos meus filhos, Micke! Por seres sempre tão compreensivo e simpático. E ao avô paterno, Hasse Eriksson. Não sei como explicar como é importante para nós. Foi-nos tirado demasiado cedo e demasiado depressa este ano, mas o melhor avô do mundo não pode simplesmente desaparecer.

Hasse vai continuar vivo nos seus filhos e netos, e na nossa memória. E, sim, eu sei cozinhar...

O meu agradecimento a Sandra, que foi baby-sitter das crianças durante dois anos. É a melhor do mundo, bate toda a concorrência. E, às vezes, até pergunta se pode passar por aqui para brincar com as crianças, quando não precisamos dos seus serviços durante algum tempo. Sandra importa-se mesmo e por isso estou-lhe eternamente grata.

Agradeço igualmente a todos os meus fiéis leitores do blogue. E às autoras minhas amigas, sobretudo a Denise Rudberg, que está sempre disposta a ouvir e que é a pessoa mais inteligente e mais leal que conheço.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Caroline e Johan Engvall, que são sem dúvida as melhores pessoas do mundo e que me ajudaram na Tailândia quando o meu computador encravou enquanto eu estava a escrever o último capítulo de A Sereia. Gosto muito de ambos. E a Maj-Britt e Ulf — são incríveis, sempre a oferecer-me apoio quando mais preciso.

Camilla Läckberg

Copenhague, 4 de março de 2008 www.CamillaLackberg.com

c

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[Agradecimentos](#)